Comentário Bíblico Broadman



Volume 9

Lucas - João

Novo Testamento - 2

Emanuence Digital

e

Mazinho Rodrigues

Volume 9

Comentário Bíblico Broadman

Comentário Bíblico Broadman

Volume 9

Lucas — João

TRADUÇÃO DE ADIEL ALMEIDA DE OLIVEIRA e
ISRAEL BELO DE AZEVEDO

3.ª Edição

Todos os direitos reservados. Copyright © 1969 da Broadman Press. Copyright © 1983 da JUERP, para língua portuguesa, com permissão da Broadman Press.
O texto bíblico, nesta publicação, é da Versão da Imprensa Bíblica Brasileira, baseada na tradução em português de João Ferreira de Almeida, de acordo com os melhores textos em hebraico e grego.

C732c Comentário Bíblico Broadman/ Tradução de Adiel Almeida de Oliveira e Israel Belo de Azevedo. — Rio de Janeiro: JUERP, 1983-
12v.
Título original: The Broadman bible commentary.
Publicação em português dos volumes 1-2 e 8-12.
Conteúdo: v. 1. Artigos Gerais. Gênesis-Êxodo — v. 2. Levítico-Rute — v. 3. 1Samuel-Neemias — v. 4. Ester-Salmos — v. 5 Provérbios-Isaías — v. 6. Jeremias-Daniel — v. 7. Oséias-Malaquias — v. 8. Artigos Gerais. Mateus-Marcos — v. 9. Lucas-João — v. 10. Atos-Coríntios — v. 11. 2Coríntios-Filemom — v. 12. Hebreus-Apocalipse.
1. Bíblia — Comentários.

CDD — 220.7

Capa: Walter Karklis

Código para Pedidos: 216032
Junta de Educação Religiosa e Publicações da
Convenção Batista Brasileira
Rua Silva Vale, 781 Cavalcânti — CEP: 21370
Caixa Postal 320 — CEP: 20001
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

3.000/1991

Impresso em gráficas próprias.

COMENTÁRIO BÍBLICO BROADMAN
Volume 9

Junta Editorial

EDITOR GERAL

Clifton J. Allen, Ex-Secretário Editorial da Junta de Escolas Dominicais da Convenção Batista do Sul, Nashville, Tennessee, Estados Unidos.

Editores Consultores do Velho Testamento

John I. Durham, Professor Associado de Interpretação do Velho Testamento e Administrador Adjunto do Presidente do Seminário Batista do Sudoeste, Wake Forest, North Carolina, Estados Unidos.
Roy L. Honeycutt Jr., Professor de Velho Testamento e Hebraico, Seminário Batista do Centro-Oeste, Kansas City, Missouri, Estados Unidos.

Editores Consultores do Novo Testamento

J. W. MacGorman, Professor de Novo Testamento, Seminário Batista do Sudoeste, Forth Worth, Texas, Estados Unidos.
Frank Stagg, Professor de Novo Testamento da James Buchanan Harrison, Seminário Batista do Sul, Louisville, Kentucky, Estados Unidos.

CONSULTORES EDITORIAIS

Howard P. Colson, Secretário Editorial, Junta de Escolas Dominicais da Convenção Batista do Sul, Nashville, Tennessee, Estados Unidos.
William J. Fallis, Editor Chefe de Publicações Gerais da Broadman Press, Nashville, Tennessee, Estados Unidos.
Joseph F. Green, Editor de Livros de Estudo Bíblico da Broadman Press, Nashville, Tennessee, Estados Unidos.

Prefácio

O COMENTÁRIO BÍBLICO BROADMAN apresenta um estudo bíblico atualizado, dentro do contexto de uma fé robusta na autoridade, adequação e confiabilidade da Bíblia como a Palavra de Deus. Ele procura oferecer ajuda e orientação para o crente que está disposto a empreender o estudo da Bíblia como um alvo sério e compensador. Desta forma, os seus editores definiram o escopo e propósito do COMENTÁRIO, para produzir uma obra adequada às necessidades do estudo bíblico tanto de ministros como de leigos. As descobertas da erudição bíblica são apresentadas de forma que os leitores sem instrução teológica formal possam usá-las em seu estudo da Bíblia. As notas de rodapé e palavras são limitadas às informações essenciais.

Os escritores foram cuidadosamente selecionados, tomando-se em consideração sua reverente fé cristã e seu conhecimento da verdade bíblica. Tendo em mente as necessidades de leitores em geral, os escritores apresentam informações especiais acerca da linguagem e da história onde elas possam ajudar a esclarecer o significado do texto. Eles enfrentam os problemas bíblicos — não apenas quanto à linguagem, mas quanto à doutrina e à ética — porém evitam sutilezas que tenham pouco a ver com o que devemos entender e aplicar da Bíblia. Eles expressam os seus pontos de vista e convicções pessoais. Ao mesmo tempo, apresentam opiniões alternativas, quando estas são esposadas por outros sérios e bem-informados estudantes da Bíblia. Os pontos de vista apresentados, contudo, não podem ser considerados como a posição oficial do editor.

O COMENTÁRIO é resultado de muitos anos de planejamento e preparação. A Broadman Press começou em 1958 a explorar as necessidades e possibilidades deste trabalho. Naquele ano, e de novo em 1959, líderes cristãos — especialmente pastores e professores de seminários — se reuniram, para considerar se um novo comentário era necessário e que forma deveria ter. Como resultado dessas deliberações, em 1961, a junta de consultores que dirige a Editora autorizou a publicação de um comentário em vários volumes. Maiores planejamentos levaram, em 1966, à escolha de um editor geral e de uma Junta Consultiva. Esta junta de pastores, professores e líderes denominacionais reuniu-se em setembro de 1966, revendo os planos preliminares e fazendo definidas recomendações, que foram cumpridas à medida que o COMENTÁRIO se foi desenvolvendo.

No começo de 1967, quatro editores consultores foram escolhidos, dois para o Velho Testamento e dois para o Novo Testamento. Sob a direção do editor geral, esses homens trabalharam com a Broadman Press e seu pessoal, a fim de planejar o COMENTÁRIO detalhadamente. Participaram plenamente na escolha dos

escritores e na avaliação dos manuscritos. Deram generosamente do seu tempo e esforços, fazendo por merecer a mais alta estima e gratidão da parte dos funcionários da Editora que trabalharam com eles.

A escolha da Versão da Imprensa Bíblica Brasileira "de acordo com os melhores textos em hebraico e grego" como a Bíblia-texto para o COMENTÁRIO foi feita obviamente. Surgiu da consideração cuidadosa de possíveis alternativas, que foram plenamente discutidas pelos responsáveis pelo Departamento de Publicações Gerais da Junta de Educação Religiosa e Publicações. Dada a fidelidade do texto aos originais bem assim à tradução de Almeida, amplamente difundida e amada entre os evangélicos, a escolha justifica-se plenamente. Quando a clareza assim o exigiu, foram mantidas as traduções alternativas sugeridas pelos próprios autores dos comentários.

Através de todo o COMENTÁRIO, o tratamento do texto bíblico procura estabelecer uma combinação equilibrada de exegese e exposição, reconhecendo abertamente que a natureza dos vários livros e o espaço destinado a cada um deles modificará adequadamente a aplicação desta abordagem.

Os artigos gerais que aparecem no Volume 8 têm o objetivo de prover material subsidiário, para enriquecer o entendimento do leitor acerca da natureza da Bíblia. Focalizam-se nas implicações do ensino bíblico com as áreas de adoração, dever ético e missões mundiais da igreja.

O COMENTÁRIO evita padrões teológicos contemporâneos e teorias mutáveis. Preocupa-se com as profundas realidades dos atos de Deus na vida dos homens, a sua revelação em Cristo, o seu evangelho eterno e o seu propósito para a redenção do mundo. Procura relacionar a palavra de Deus na Escritura e na Palavra viva com as profundas necessidades de pessoas e da humanidade, no mundo de Deus.

Mediante fiel interpretação da mensagem de Deus nas Escrituras, portanto, o COMENTÁRIO procura refletir a inseparável relação da verdade com a vida, do significado com a experiência. O seu objetivo é respirar a atmosfera de relação com a vida. Procura expressar a relação dinâmica entre a verdade redentora e pessoas vivas. Possa ele servir como forma pela qual os filhos de Deus ouvirão com maior clareza o que Deus Pai está-lhes dizendo.

Emanuence Digital
e
Mazinho Rodrigues

Sumário

Lucas *Malcolm O. Tolbert*

Introdução 13

Comentário Sobre o Texto 31

João *William E. Hull*

Introdução 227

Comentário Sobre o Texto 249

Lucas

Lucas

MALCOLM O. TOLBERT

Introdução

I. Unidade Literária de Lucas e Atos

Lucas e Atos foram escritos pela mesma pessoa. Esta opinião é esposada tão amplamente e é tão incontrovertível, que é desnecessário defendê-la aqui. Estilo, vocabulário, motivos característicos e desenvolvimento de acordo com um plano unificador são sinais de uma autoria comum, que devem ser detectados em cada seção de ambos os livros. Juntos, eles expressam as duas fases da história redentora esboçada em Lucas 24:46,47, uma cumprida na vida de Jesus e a outra na missão da Igreja. Pelo uso de artifícios literários estabelecidos, o autor indicou que Lucas e Atos eram duas partes da mesma obra. Tais artifícios são, por exemplo, a referência ao volume anterior, feita em Atos 1:1, o endereçamento de ambos a Teófilo e as seções superpostas no fim do terceiro Evangelho e o começo de Atos.

A natureza da relação entre Lucas e Atos deve ser levada em consideração no estudo de qualquer um desses volumes. Ambos se originaram da mesma situação circunstancial e foram moldados segundo a mesma perspectiva teológica. O objetivo, ou objetivos, de cada um desses livros deve ser definido no contexto da obra toda. Os motivos característicos são comuns a ambos os volumes. O Evangelho apresenta a história do que "Jesus começou a fazer e ensinar" (At. 1:1), enquanto Atos descreve a evolução dos elementos inerentes a esse início. Assim, temas, que de outra forma poderiam parecer de menor importância ou até passar despercebidos no Evangelho, são apresentados com o seu pleno significado em Atos.

II. O Autor

Embora um cabeçalho identificando o autor provavelmente estivesse apenso ao manuscrito original, o terceiro Evangelho é anônimo, na forma em que chegou até nós. O título que lhe damos representa a tradição que unanimemente atribui ambos — tanto o Evangelho como Atos — a Lucas, médico e companheiro de Paulo. Podemos começar a documentar esta tradição de maneira definida a partir da época de Irineu (c. 180 d.C.), que diz que Lucas compôs o seu trabalho depois da morte de Paulo. O Cânon Muratoriano, representando a opinião da Igreja de Roma no fim do segundo século, também dá testemunho de que Lucas foi o autor desses livros. O prológo "antimarcionita" do Evangelho apresenta alguns detalhes interessantes adicionais a respeito de Lucas. Embora o seu valor histórico esteja sendo questionado, algumas das informações podem estar arraigadas em fatos. De acordo com este testemunho, Lucas era um sírio de Antioquia, médico profissional e companheiro de Paulo, depois de a princípio ter sido seguidor dos apóstolos. Esse prólogo também declara que ele vivera celibatário até a morte, escreveu o Evan-

gelho em Acaia e morreu com a idade de oitenta e quatro anos na Beócia.

Os únicos dados inquestionavelmente confiáveis a respeito de Lucas, são as informações encontradas no próprio Novo Testamento (Col. 4:14; Filem. 24; II Tim. 4:11). Três fatos a respeito dele emergem desse escasso material: (1) Ele era gentio. Esta conclusão está baseada em Colossenses 4:10,11, onde o nome de Lucas não é incluído entre os "homens da circuncisão" que eram companheiros de Paulo quando foi preso. (2) Ele era médico. (3) Ele era companheiro de Paulo. Estes três itens de informação devem ser corroborados pela evidência interna de Lucas-Atos, se é correta a atribuição tradicional da obra a Lucas.

1. O **autor era gentio?** As evidências existentes têm levado a grande maioria dos eruditos a crer que era. O prefácio ao Evangelho indica que ele se identifica com os literatos helênicos. O seu domínio do idioma grego o coloca, juntamente com o autor de Hebreus, na frente dos escritores do Novo Testamento, a este respeito. Com a exceção de uns poucos usos de "amém", ele evita completamente as palavras semitas. O evangelista trai os seus antecedentes não palestinos, helênicos, em muitos pontos, como, por exemplo, em 6:47 e s.; 8:16; 11:33; 12:54; 13:9). A tendência de omitir referências e conflitos, a respeito de assuntos da lei judaica, também indica um autor gentio.

Indubitavelmente, a escolha que ele faz dos materiais e o seu estilo literário são influenciados, até certo ponto, pelos antecedentes dos gentios helênicos, para quem a obra é escrita. Mas têm-se a impressão genérica de que ele está se dirigindo a pessoas cuja herança racial e cultural ele compartilha.

2. **Era médico o autor de Lucas-Atos?** Chegou um tempo quando respeitados eruditos do Novo Testamento estavam convencidos de que eles haviam estabelecido uma resposta indisputavelmente afirmativa a esta pergunta. W. K. Hobart [1] chegou à conclusão, mediante as suas investigações, que o caso da vocação médica do autor estava provado de maneira meridiana. Ele baseou as suas conclusões em estudos de paralelos entre a terminologia médica dos escritos de Lucas com os de médicos gregos, como Galeno, Hipócrates, Discórides e Areteu. Para provar esse ponto de vista, todavia, é também necessário mostrar que os médicos gregos empregavam uma terminologia completamente diferente da dos escritores não-médicos, o que Hobart deixou de levar em consideração. H. J. Cadbury [2] expôs este engano da metodologia de Hobart, quando demonstrou que as expressões médicas de Lucas também se encontravam na Septuaginta, em Josefo, Plutarco e Luciano. A verdade é que nenhum vocabulário técnico especificamente médico existia no mundo antigo, cujo uso pudesse distinguir exatamente um especialista de um leigo erudito.

Não obstante, é injusto descartar peremptoriamente o aparente interesse e o conhecimento de medicina demonstrados pelo terceiro evangelista. Na verdade, ele faz uso exato de terminologia, empregada por médicos, em inúmeras passagens (4:38; 5:18,31; 7:10; 8:44; 21:34; At. 5:5,10; 9:40). Além disso, a omissão, feita por Lucas, da referência prejudicial à profissão médica (cf. Mar. 5:26 e Luc. 8:43) pode ser um indício especialmente significativo das tendências do autor.

Em conclusão, embora as evidências internas de Lucas-Atos não provem nada definidamente, acerca da profissão do autor, inúmeras referências são adequadas à tradição de que ele era médico.

3. **Foi o autor companheiro de Paulo?** Esta é uma pergunta crucial, pergunta sobre que as opiniões eruditas divergem mais amplamente. Os que

1 **The Medical Language of St. Luke** (Dublin: Hodges, Figgis & Co, 1882).

2 **The Beginnings of Christianity**, ed. E. J. Foakes-Jackson e Kirsopp Lake (London: Macmillan, 1942), II, 349-355.

apoiam a posição tradicional chamam a atenção para a afinidade de certas características do terceiro Evangelho e importantes ênfases paulinas. Entre essas, se encontram a nota de uma salvação universal (4:27; 24:47), a ênfase na alegria (1:14; 2:10; 10:17,20; etc.), a preocupação com os pecadores (15:1 e ss.) e o uso de algumas palavras e expressões encontradas, dentre os outros livros do Novo Testamento, apenas em Paulo. [3]

Por outro lado, tem sido afirmado que o conceito que Lucas possui acerca do significado da morte de Jesus difere tão agudamente do de Paulo, a ponto de excluir a possibilidade de um relacionamento mais íntimo entre os dois. No terceiro Evangelho, a crucificação é apresentada como uma necessidade divina, um pré-requisito para a exaltação de Jesus (9:22;24:26), e não lhe é dado o significado redentor que Paulo lhe atribui. Também notamos duas omissões particularmente importantes: Marcos 10:45 não é encontrado em Lucas; nem são encontradas as palavras "que por muitos é derramado" (Mar. 14:24;Luc. 22:17 e s.). No entanto, a opinião de que Lucas-Atos foi escrito por um companheiro de Paulo não é seriamente ameaçada por argumentos baseados em evidências encontradas no Evangelho. Os maiores problemas se levantam em referência ao livro de Atos.

Uma inquirição quanto à autoria de Lucas-Atos gira em torno de duas perguntas básicas: (1) Quem escreveu as seções diárias de Atos? E, (2) será que o mesmo homem escreveu o restante de Lucas-Atos? O diário, ou as chamadas seções "nós", de Atos (16:10-17; 20:5-21:18; 27:1-28:16), são marcadas por duas características distintas: a narrativa começa abruptamente, para ser feita na primeira pessoa do plural, e é caracterizada por uma incomum precisão de detalhes. A qualidade pessoal — de primeira pessoa — da narrativa permite pouca dúvida de que essas seções estão baseadas na experiência pessoal de um companheiro de Paulo. As escassas evidências disponíveis indicam Lucas como um provável autor dessas passagens. Isto é, pode ser demonstrado que Lucas estava, provavelmente, com Paulo durante os períodos mencionados nas seções "nós", enquanto alguns dos outros companheiros de Paulo devem ser excluídos.

Além do mais, as seções "nós" são marcadas pelo estilo e vocabulário característico de outras porções de Lucas-Atos. O mesmo homem colocou toda a obra em forma final. Ora, se esse homem não foi o autor das seções registradas no estilo de um diário, estamos nos defrontando com um fenômeno incomum. Ele elaborou esse material de maneira tão cuidadosa que fê-la como sua, marcada, em cada parte, por seu estilo literário distintivo. Ao mesmo tempo, ele cometeu o mais incomum erro de revisão, deixando de mudar o pronome pessoal não apenas uma, porém várias vezes.

Da mesma forma, também não podemos resolver o problema conjecturando que "nós" é um artifício deliberado, adotado pelo autor para emprestar mais autenticidade à sua narrativa. "Nós" aparece de forma tão desprovida de arte, que dificilmente pode ser considerado como uma coisa inventada. Um pressuposto mais natural é de que o autor das seções registradas no estilo de um diário também é o autor de Lucas-Atos, que inconscientemente conservou os "nós" nos pontos em que foi participante pessoal dos acontecimentos. Nesse caso, o autor bem pode ter sido Lucas.

Adicionemos a isto o fato de que Lucas é um dos personagens menores, quase insignificante, do Novo Testamento. Ele teria passado despercebido, se não fosse mencionado pela tradição como autor de considerável porção do Novo Testamento. Uma pessoa assim dificilmente seria escolhida para desempenhar este papel,

3 Sir John Hawkins, in **Horae Synopticae** (Oxford: Clarendon, 1899), apresenta uma lista de cento e uma palavras das cartas paulinas que se encontram apenas em Lucas-Atos, em o Novo Testamento (p. 198 e s.).

se não houvesse alguma base em fatos para ligar o seu nome com Lucas e Atos.[4]

No entanto, muitos estudiosos afirmam que Lucas não poderia ter escrito Lucas-Atos, devido à ampla divergência quanto aos pontos de vista teológicos, entre Atos e as epístolas paulinas, em assuntos tão importantes como soteriologia, cristologia, escatologia e a lei. Eles também vêem, em Atos, um conceito posterior e modificado acerca da Igreja, um retrato de Paulo como subserviente à comunidade cristã judaica e a seus líderes, e uma falha em enfatizar a autoridade apóstolica de Paulo.

Mais sérias do que todas estas, contudo, são as diferenças de informações, que podem ser verificadas ao se comparar o relato feito em Atos, acerca das experiências de Paulo desde a conversão até o Concílio de Jerusalém (At. 9:1 e ss.; 15:1 e ss.), com os dados autobiográficos encontrados nas cartas, especialmente em Gálatas 1:11-2:10. Um problema especial liga-se à resolução do Concílio de Jerusalém, registrada em Atos 15: 19-21. Esta freqüentemente é considerada como inadmissível, à luz da declaração feita por Paulo em Gálatas 2:9,10.

Grande parte da crítica levantada contra a autoria de Lucas não convence, porque se baseia em pressupostos que não são necessariamente verdadeiros. Eles exigem que creiamos que Lucas era um companheiro de Paulo durante muito tempo, completamente dominado pelos pontos de vista deste, plenamente equipado para interpretar-lhe as lutas e emocionalmente envolvido na batalha contra o legalismo judaico.

Tanto quanto somos capazes de determinar, Lucas não esteve com Paulo durante as grandes crises expressas na correspondência com os gálatas e os coríntios. Provavelmente, ele nem conheceu Paulo até algum tempo depois do Concílio de Jerusalém, e, como gentio, dificilmente deve ter sentido a importância das suas decisões. Os problemas mais sérios, para a posição tradicional, ocorrem em conexão com eventos desse período, em que supomos que Lucas não estava com Paulo.

Também devemos perguntar: Que mudanças podem ter sido operadas com o passar de três décadas? O ambiente político e social diferente da igreja, as exigências contemporâneas do discipulado cristão e a dificuldade de trabalhar à distância, com acontecimentos conhecidos mediante relatórios orais, são alguns dos fatores que devem ter interferido na criação dos problemas com que os eruditos se debatem. E, sobretudo, estamos trabalhando com fragmentos de evidência que não contam toda a história.

Portanto, concluímos que a hipótese de trabalho mais satisfatória é que o autor do terceiro Evangelho foi Lucas, o médico, um dos companheiros de Paulo durante a última parte do seu ministério que nos é conhecido.

III. Fontes

Lucas não participou dos acontecimentos descritos no terceiro Evangelho (1:1-4). Devido a isto, ele dependeu de fontes, para obter as informações de que necessitou. Estas fontes podem ser divididas convenientemente em quatro categorias: (1) Marcos, (2) Q, (3) L e (4) as narrativas a respeito do nascimento e infância de João Batista e de Jesus.

1. **Marcos.** Uma conclusão amplamente aceita, dos estudos críticos do Novo Testamento, é de que Lucas teve acesso e usou extensivamente uma cópia de Marcos, substancialmente equivalente ao texto que possuímos. Aproximadamente, de trezentos a trezentos e cinqüenta versículos, do total de mil cento e dezenove versículos de Lucas, ou cerca de

4 Um ponto de vista diferente tem sido sugerido por Cadbury. Ele presume que o fato de se atribuir Lucas-Atos a Lucas, companheiro de Paulo, é uma conclusão lógica, baseada nos dados disponíveis em Atos e nas Epístolas, e que ela começou a circular no segundo século (**Op. cit.**, II, 260 e ss.; cf. **The Making of Luke-Acts**, p. 351 e ss.).

vinte e oito por-cento do Evangelho derivou dessa fonte.

Cerca de setenta por-cento da substância de Marcos aparece em Lucas, na sua maioria em grandes blocos, de acordo com a tendência, de Lucas, de usar uma fonte de cada vez. Contrastantemente, Mateus mistura passagens das suas fontes, alinhavando-as, para formar seções mais ou menos homogêneas, relacionadas com certos temas principais.

Lucas usou consideravelmente menos de Marcos do que Mateus fez uso. O fator determinante do fato de ele não ter usado todo o material pode ter sido falta de espaço. Não obstante, em cada caso precisamos perguntar: Por que esta passagem, ao invés de outra? Em inúmeros exemplos, a resposta é, aparentemente, o fato de que Lucas tinha uma passagem semelhante, à qual deu preferência. Desta forma, o relato de Marcos, da vocação dos primeiros discípulos (1:16-20), é substituído pela história encontrada em Lucas 5:1-11. A controvérsia acerca de Belzebu (Mar. 3:22-30) não é usada, porque Lucas possuía uma versão de Q (11:14-22). O mesmo acontece com a Parábola do Grão de Mostarda (Mar. 4:30 e ss.; cf. Luc. 13:18,19), cuja companheira, a Parábola da Semente (Mar. 4:26-29) também falta em Lucas. Outras passagens de Marcos, também omitidas, para as quais há paralelos, pelo menos parciais, em Lucas, são: Marc. 6:1-6 — Luc. 4:16 e ss.; Marc. 10:1-12 — Luc. 16:18; Mar. 11:12-14,20-25 — Luc. 13:6-9; Mar. 12:28-34 — Luc. 10:25-28.

O pedido dos filhos de Zebedeu (Mar. 10:35 e ss.) é omitido, porque Lucas manifesta a tendência de suprimir materiais que mostrem os discípulos sob luz desfavorável. O fato de ele não registrar a execução de João Batista (Mar. 6:17 e ss.) precisa ser considerado em conexão com o tratamento singular que Lucas dá a outras passagens acerca do Batista (cf. Conzelmann, p. 22 e ss.).

A chamada "grande omissão" (Mar. 6:45-8:26) constitui um caso especial. Várias explicações têm sido oferecidas para o fato de Lucas não ter usado nada, absolutamente, desta longa passagem. Tem sido argumentado que essa seção estava faltando na cópia que Lucas tinha de Marcos (Streeter, p. 172 e ss.), mas esta idéia não ganhou ampla aceitação. A omissão, mais provavelmente, foi deliberada, resultando de vários motivos: (1) Marcos 6:45-52 é muito semelhante à história de Lucas 8:22-25 (Mar. 4:35 e ss.); (2) Marcos 6:53-56 não é usado, provavelmente (cf. Vincent Taylor, p. 91) porque Lucas pensa em Genezaré mais como um lago do que como uma região; (3) Marcos 7:1-23 fala da hostilidade entre Jesus e os líderes judeus, acerca de pontos da lei judaica, tipo de passagens evitadas por Lucas; (4) Marcos 7:24-37 fala de uma viagem a terras gentias e, por conseguinte, não se coaduna com o princípio de Lucas, de confinar o ministério de Jesus a território judeu (Taylor, p. 91); (5) Marcos 8:1-21 pode ser considerado duplicata de Marcos 6:35 e ss. (Luc. 9:12 e ss.); (6) Marcos 8:22-26 descreve de forma tal a cura de um cego, que pode ter sido considerada como impugnando o poder de curar imediatamente e completamente.

O material proveniente de Marcos determina a estrutura básica do terceiro Evangelho. Com a exceção de quatro deslocamentos, Lucas respeita a ordem de Marcos.

Lucas segue a sua fonte com um grau notável de fidelidade, usando tanto quanto sessenta e oito por-cento das próprias palavras de Marcos, em algumas passagens. Uma grande proporção das alterações de Marcos, feitas por Lucas, tem significado teológico pequeno ou nulo. Ele efetua muitas modificações em passagens de Marcos, com o intento de melhorar a linguagem e o estilo. Todos os aramaísmos, com exceção do **amén** (seis vezes) são rejeitados; inúmeros barbarismos latinos são traduzidos em termos gregos; o presente histórico é eliminado, exceto em um exemplo; expressões mais

sofisticadas substituem grande parte do estilo repetitivo de Marcos; os particípios são substituídos pelo primeiro elemento de verbos compostos ligados por **kai** (e); partículas conectivas são acrescentadas, de acordo com o bom estilo grego; e variações são introduzidas, com o fim de tornar o texto mais claro para os leitores gentios. Por outro lado, há um paradoxo no estilo de Lucas; ele freqüentemente usa construções e expressões gramaticais que esperava-se que um escritor grego evitasse. [5]

Como foi notado acima, algumas modificações são resultado da admiração de Lucas pelos primeiros discípulos (veja, v.g., Mar. 4:13 — Luc. 8:11; Marc. 4:40 — Luc. 8:25; Mar. 9:28 e s. — Luc. 9:43; etc.). Também, a reverência de Lucas por Jesus leva-o a fazer certas alterações. Por exemplo, fortes emoções humanas não são atribuídas a Jesus (v.g., Mar. 1:41 — Luc. 5:13; Mar. 3:5 — Luc. 6:10; Mar. 6:34 — Luc. 9:11). Ele não usa Marcos 3:20,21, onde a família de Jesus diz que ele está "fora de si". Também não temos o grito de desolação (Mar. 15:34; cf. Luc. 23:46).

2. Q. Muitas passagens que em Lucas não provieram de Marcos são paralelas a partes de Mateus. Estas são derivadas de outra fonte comum à qual tem sido dada a designação de Q. Lucas deve a Q cerca de duzentos e vinte a duzentos e trinta versículos, ou cerca de vinte por-cento do material do terceiro Evangelho. Numerosas passagens de Q, em Lucas, são muito semelhantes às suas paralelas em Mateus — em alguns casos, **ipsis litteris**. E, também, há lugares em que é seguida a mesma ordem de passagens. Isto indica que Q era um documento grego escrito, do qual ambos os escritores possuíam uma cópia. Por detrás dele, situa-se um original aramaico, escrito ou oral. Q continha muito poucas parábolas e nenhuma narração de milagres, tanto quanto somos capazes de determinar. (Lucas 7:1 e ss. geralmente não é classificada como narrativa de milagre.) Há também apenas uma ou duas referências a exorcismo, nesse material. Q consistia primordialmente de palavras de Jesus, preservadas, porque eram importantes para suprir as necessidades e problemas que a comunidade cristã enfrentava. O lugar original em que a maioria dessas palavras havia sido proferida perdeu-se, e nenhuma tentativa foi feita para suprir essa lacuna. Por esta razão, o intérprete se defronta com problemas especiais, quando encontra no texto uma série de palavras de Jesus sem nenhuma conexão íntima verdadeira.

A extensão exata de Q não pode ser definida exatamente. Tanto Mateus quanto Lucas, ao que se pensa, contêm passagens de Q sem paralelos um no outro. E, também, algo de Q pode ser que não seja encontrado em nenhum dos dois Evangelhos, embora seja bem improvável que seria uma extensão significativa. A reverência pelas palavras de Jesus trabalhou contra a omissão desse tipo de material.

Embora essas generalizações sejam perigosas, podendo levar-nos a caminhos errados, geralmente se admite que Lucas tende a preservar a ordem original de Q, e reproduzir o texto em sua forma mais primitiva.

As seguintes passagens de Lucas podem ser derivadas de Q: 3:7-9,16,17; 4:1-13; 6:20-49; 7:1-10,18-34; 9:57-60; 10:2-16,21-24, e outras.

3. **Material Especial de Lucas.** A maior parte do terceiro Evangelho está baseada em fontes usadas apenas por Lucas. Cerca de quinhentos e trinta a quinhentos e oitenta versículos, representando mais de cinqüenta por-cento da sua obra total, não encontram paralelos, quer em Marcos quer em Mateus. O símbolo L geralmente é usado em relação ao material especial de Lucas, menos nos dois primeiros capítulos.

5 Veja Xavier Léon-Dufour, "The Synoptic Gospels", **Introduction to the New Testament**, ed. André Robert e André Feuillet (New York: Desclee, 1954), p. 223 e ss.

Uma vista d'olhos nas seguintes passagens, incluídas em L, indicará como a comunidade cristã seria mais pobre sem o terceiro Evangelho: 3:1,2,5,6,10-14, 23-38; 4:14-30; 5:1-11; 6:24-26; 7:11-17, 36-50; 8:1-3; 9:51-56,61,62; e outras. Quando discutimos idéias características de Lucas, aproveitamo-nos grandemente destas passagens. O interesse em coletores de impostos, samaritanos, pecadores e mulheres, bem como a preocupação que ele demonstra por assuntos como oração e saúde, encontram amplas ilustrações no material de L.

Aqui também encontram-se os mais abundantes rastos do estilo e vocabulário do editor-escritor do terceiro Evangelho. Por esta razão e devido à ausência de qualquer esquema definido de organização, podemos concluir que os materiais chegaram a Lucas pouco a pouco, em forma oral. Eles provavelmente, representam os resultados da investigação que ele fez pessoalmente (cf. 1:3). Essas passagens trazem a marca registrada de uma tradição de Jerusalém. Se pudermos presumir que Lucas, companheiro de Paulo, foi o autor do terceiro Evangelho, podemos chegar à conclusão de que ele adquiriu a maior parte desse material especial durante a sua permanência em Cesaréia, depois da prisão de Paulo. Como pessoa de inclinações literárias, pode ser que ele tivesse acumulado esse material em uma espécie de caderno pessoal, para o dia em que pudesse ser útil.

4. **Narrativas do nascimento e infância de João Batista e de Jesus.** As histórias relacionadas com o nascimento e infância de João Batista e de Jesus pertencem ao material especial de Lucas, mas a sua característica singular exige que elas sejam consideradas em categoria separada.

A linguagem em que essas narrativas foram escritas é muito semelhante à da Septuaginta (tradução grega do V.T.). Devido à facilidade com que podem ser traduzidas para o hebraico, alguns estudiosos têm advogado a tese de que essas narrativas são traduções gregas de um original hebraico. Outros, ainda, chegaram à conclusão de que elas foram colocadas em sua presente forma por Lucas, que conscientemente produziu-as no estilo da Septuaginta, a fim de enfatizar o ambiente hebraico em que se desenrolaram. Este argumento não pode ser provado pelas evidências disponíveis. O que pode ser afirmado é que a evidência indiscutível do estilo de Lucas está presente nesta seção, bem como no restante de Lucas-Atos. Em outras palavras, ele as colocou em sua forma final.

Esse material é apresentado em uma série de narrativas encadeadas, o que por si mesmo é um fenômeno inusitado nos Evangelhos. Na sua maior parte — sendo exceção significativa a história da paixão — as palavras, histórias, parábolas, etc., de que os Evangelhos foram formados, circularam, independentemente, em unidades autônomas e pequenas, que os eruditos chamam de perícopes, durante o período da transmissão oral.

As histórias acerca do nascimento e da infância de João Batista e de Jesus, contadas por Lucas, centralizam-se em Jerusalém, e, provavelmente, chegaram às suas mãos vindas da comunidade cristã de Jerusalém. Elas coincidem com as suas correspondentes em Mateus, com referência à descrição dos pais de Jesus, a afirmação do nascimento virginal e a designação de Belém como lugar da natividade e de Nazaré como lugar em que Jesus foi criado.

IV. A Composição de Lucas

Uma das questões interessantes a respeito do terceiro Evangelho relaciona-se com o procedimento usado pelo autor para colocar em ordem os materiais provindos das suas várias fontes. Os fatos principais são os seguintes:

1. Há dois capítulos introdutórios, que situam-se à parte do restante de Lucas, devido ao seu conteúdo, linguagem e

estilo. Se, por algum acidente da história, esses dois capítulos tivessem se perdido, ninguém poderia perceber que algo estava faltando no terceiro Evangelho.

2. Lucas 3:1 e ss. serve de começo bem plausível para o Evangelho, do ponto de vista literário. E, visto que os acontecimentos essenciais do Evangelho começam com o batismo de João (At. 1:21, 22), este é também um bom começo da perspectiva da compreensão da igreja primitiva acerca da história da salvação.

3. A genealogia, em Lucas 3:23-38, está em um contexto de fato incomum, se supusermos que os capítulos 1 e 2 pertencem a Lucas desde o princípio. Seria mais natural que ela estivesse ao lado do relato do nascimento de Jesus, como em Mateus.

4. Marcos é usado primordialmente em grandes blocos. Uma longa seção do segundo Evangelho não é usada absolutamente.

5. A história contada por Lucas, acerca da Última Ceia e da paixão (22:14 e ss.), mostra diferenças marcantes em relação à narrativa de Marcos, e parece depender grandemente de uma fonte diferente.

6. Lucas tem a sua própria fonte para as narrativas da ressurreição, que têm por palco Jerusalém e seus arredores. Marcos, por outro lado, leva-nos a esperar aparições pós-ressurreição na Galiléia (16:7; cf. Luc. 24:6-7), que é o que encontramos em Mateus (28:16).

Numerosos eruditos notáveis, especialmente B. H. Streeter (**The Four Gospels**) e Vincent Taylor (**Behind the Third Gospel**) chegaram à conclusão de que esses fenômenos são melhor explicados pela hipótese de que um evangelho anterior, mais resumido, está por detrás do atual Evangelho de Lucas. A essa obra eles têm dado o nome de proto-Lucas. De acordo com esta teoria, Proto-Lucas era composto dos materiais atribuídos a Q e a L. Começava com a nota histórica de 3:1 e s., seguida de um relato acerca do ministério do Batista, do batismo de Jesus, da genealogia, da tentação de Jesus e de sua rejeição em Nazaré. Terminava com a versão de Lucas acerca da paixão e ressurreição. Mais tarde, Lucas adquiriu uma cópia de Marcos, que inseriu, primeiramente em blocos, no Evangelho já escrito. A esta obra foram acrescentadas, como introdução, as narrativas do nascimento e da infância de Jesus. O Evangelho foi completado com a composição de um prefácio para servir de introdução para o todo.

Para início de qualquer discussão, ninguém ainda demonstrou satisfatoriamente que um documento composto de Q mais L pode ser considerado composição viável, que tivesse existência independente. Além disso, a estrutura do Evangelho indica que não estamos lidando com uma composição literária secundária, calcada sobre uma obra anterior. Por exemplo, as referências à cessação das tentações do Diabo, em 4:13, e à sua atividade renovada, em 22:3, têm sido mostradas como a indicar o conceito do autor a respeito do começo e do fim do ministério público de Jesus (Conzelmann, p. 16, 28 e 80). Em outras palavras, essas são referências-chave, essenciais ao plano total de Lucas-Atos, e indícios fundamentais da compreensão do autor a respeito da história da salvação. Lucas 4:13 está ligado com uma passagem de Q, enquanto 22:3 encontra-se em um contexto de Marcos.

O tema de viagem dá a Lucas ocasião para introduzir a seção de consideráveis passagens heterogêneas, provindas de Q e L (encontradas em 9:51-19:27), no arcabouço do ministério de Jesus. E é ao esboço, que Marcos faz, das atividades de Jesus, que Lucas deve a idéia desse tema (Mar. 10:1; 11:1).

O episódio de Nazaré, outra vez uma passagem-chave em Lucas-Atos, pressupõe obras miraculosas que foram feitas em Cafarnaum (4:23). É precisamente a narrativa feita por Marcos, de milagres operados em Cafarnaum (Luc. 4:31 e ss.), que ilustra esta referência. O prefá-

cio a Atos descreve o Evangelho como um relato de "tudo quanto Jesus começou a **fazer** e a ensinar". De fato, o terceiro Evangelho começa a sua apresentação das atividades de Jesus com um programa de milagres em Cafarnaum e suas circunvizinhanças (Marcos). Só depois Lucas, diferentemente de Mateus, narra o ministério didático de Jesus, em 6:12-49, uma passagem provinda de Q.

Estas considerações justificam a conclusão de que Lucas-Atos foi composto sobre um plano cuja execução reuniu os materiais recebidos das fontes de Lucas na forma de uma unidade literária, que virtualmente exclui a possibilidade de um Evangelho anterior.

V. Data e Lugar em Que Foi Escrito

Lucas deve ser colocado entre Marcos e Atos, sendo o primeiro uma fonte e o segundo um volume posterior, escrito pelo mesmo autor (At. 1:1). Isto significa que os limites externos para a datação do terceiro Evangelho são determinados datando-se Marcos e Atos.

Uma data mais antiga, anterior a 67 d.C., tem sido recomendada. Alguns comentaristas a colocariam até mesmo antes da perseguição de Nero (64 d.C.). Os argumentos usados para sustentar uma data anterior são baseados no que é considerado o fim abrupto de Atos, a falta de referências à perseguição movida por Nero, o fato de não se falar a respeito do que aconteceu com o julgamento de Paulo, e um aparente desconhecimento da destruição de Jerusalém.

Estes argumentos não são convincentes. Uma boa discussão pode ser feita para sustentar a posição de que Atos não termina abruptamente, mas que é levado a uma conclusão dramaticamente apropriada e satisfatória.[6] Da mesma forma, Lucas também não termina o tratamento do ministério de Paulo mais abruptamente do que o relato que faz sobre as atividades de Pedro, acerca de quem também somos deixados sem respostas satisfatórias às nossas interrogações. Há também bons argumentos para sustentar que certos aspectos de Lucas são inteligíveis apenas se esse livro foi escrito depois da perseguição movida por Nero e da guerra judaico-romana de 66 a 70 d.C.

Por outro lado, Lucas-Atos tem sido datado em época bem avançada do segundo século. O argumento mais notável contra uma data muito posterior a 90 d.C. todavia, é o fato de o escritor aparentemente não tomar conhecimento das epístolas paulinas, que estavam começando a circular amplamente no fim do primeiro século.

Inúmeros fatores parecem requerer uma data entre 70 e 90 d.C. Entre eles, estão os seguintes:

1. Marcos é datado, pela maioria dos eruditos, por volta da época da perseguição movida por Nero, 74 d.C., que, se verdadeiro, obsta a que Lucas seja datado em época extremamente anterior.

2. Duas passagens em Lucas podem ser explicadas melhor se o Evangelho foi escrito depois da guerra judaico-romana. A descrição do cerco de Jerusalém, em Lucas 19:43,44, apresenta um quadro exato desse acontecimento desastroso, como é relatado por contemporâneos. Pode também ser dito, por outro lado, que esperava-se que um parágrafo como esse, se fosse escrito depois da guerra, devia ter minúcias mais específicas. A passagem mais importante é Lucas 21:20, onde a referência apocalíptica à "abominação da desolação", feita por Marcos, é transformada em uma declaração sobre o cerco de Jerusalém. O comentário de Streeter a este respeito resume a situação: "Visto que, em 70 d.C., o aparecimento do anticristo não aconteceu, mas as coisas que Lucas menciona sucederam, a alteração é mais razoavelmente explicada como devida ao conheci-

6 Cf. Frank Stagg, **O Livro de Atos** (Rio de Janeiro: JUERP, 1982), p. 15 e s.

mento do autor acerca desses fatos" (p. 540).

3. Devia ter passado tempo suficiente para Lucas elaborar o tratamento da **Parousia** (veja abaixo). Esse assunto, na forma pela qual Lucas o tratou, parece requerer algum tempo depois da morte da primeira geração de testemunhas cristãs.

4. A polêmica contra os judeus torna-se mais lógica quando atribuímos Lucas-Atos a um período após o cisma entre o cristianismo e o judaísmo ter-se ampliado a tal ponto que uma divisão definitiva se estabeleceu. A guerra judaico-romana foi o ponto em que se tornou impossível um retorno nas relações judaico-cristãs, porque os judeus cristãos se recusaram a sustentar o messianismo nacionalista de seus conterrâneos.

5. A apologética política de Lucas-Atos parece originar-se de um período posterior à época quando o movimento cristão já havia experimentado a perseguição, devido à má compreensão de sua natureza e seus motivos. No entanto, ainda havia esperança de que o governo romano, corretamente informado, continuasse a ser a espécie de poder protetor que demonstrou ser, em várias ocasiões, no decorrer do livro de Atos. A perseguição movida por Nero preenche esses requisitos. Por outro lado, a perseguição movida por Domiciano provavelmente destruiu efetivamente todas as esperanças de que o governo viesse a ser o protetor do movimento cristão. Portanto, dataremos Lucas entre as perseguições nos governos de Nero e Domiciano, ou em cerca de 80-85 d.C.

O prólogo "antimarcionita" ao Evangelho de Lucas declara que ele foi escrito na Acaia, mas isso é, provavelmente, nada mais do que uma suposição. Várias sugestões têm sido feitas, em tempos mais recentes — Roma, Cesaréia e Acaia — nenhuma das quais pode ser confirmada adequadamente. É inútil e infrutífero especular a respeito do lugar em que esse livro foi composto.

VI. Objetivos

Lucas-Atos é semelhante a uma sinfonia, em que podemos detectar vários temas, que emergem repetidamente. Um desses, na verdade, pode ser o tema dominante. Desta forma, os escritores têm afirmado que esta obra precisa ser entendida, por exemplo, como polêmica política, como uma explicação da missão aos gentios, como uma defesa contra o gnosticismo ou uma solução definitiva do problema de uma **Parousia** adiada. Talvez o melhor que pode ser feito, em uma introdução ao Evangelho, é relacionar algumas das principais preocupações que aparentemente influenciaram o escritor, em sua escolha e adaptação dos materiais que constituem o terceiro Evanglho.

1. O autor queria contar uma história que apresentasse fielmente os acontecimentos sobre os quais o Evangelho estava baseado. Provavelmente, a multiplicidade de fontes, então existentes, tanto escritas como orais, eram, para ele, um desafio. O seu esforço, ao que parece, foi colocar os materiais, que havia encontrado, em seqüência lógica, encerrados no âmbito de um volume. Ele também desejava acrescentar a seqüência indispensável aos atos e palavras de Jesus. Desta forma, isto constituiria um registro completo do que havia sido "realizado" (1:1).

Pensamos que o terceiro evangelista foi um historiador, mas precisamos ter cuidado para não julgá-lo mediante o critério, ou critérios, da historiografia moderna. A sua afinidade é com escritores que existiram há dois milênios, v.g., Políbio, Tácito e Josefo, e não com autores de época mais recente. E, sobretudo, ele escreve como um cristão apaixonadamente dedicado ao seu ponto de vista, ao invés de fazê-lo como observador desapaixonado, objetivo, científico. Ele, juntamente com os outros evangelistas, escreveu "de fé em fé".

Um dos frutos da erudição moderna tem sido uma recuperação da perspectiva

adequada, a partir da qual podemos abordar os Evangelhos. Eles são documentos teológicos, e não "vidas de Jesus". Não obstante, trata-se de teologia arraigada na história, e para a qual a verdade acerca do que aconteceu é extremamente importante. Podemos crer que não era menos importante para Lucas. A suprema verdade, para ele, não era, todavia, um fenômeno objetivamente verificável. A sua convicção era de que Jesus de Nazaré era o exaltado Senhor da Igreja. Desta perspectiva, ele abordou a sua tarefa como repórter de uma cadeia de acontecimentos extremamente importante.

2. Ele estava interessado em delinear a relação entre o cristianismo e o judaísmo. A maneira pela qual ele tratou desse assunto é determinada pela brecha enorme que já separava essas duas religiões na época em que escreveu. Isto levou-o a (1) estabelecer a continuidade entre o cristianismo e a história redentora judaica, e (2) mostrar como a alienação entre os dois movimentos ocorreu.

No Evangelho, está claro que o cristianismo teve o seu início na matriz do judaísmo ortodoxo e que Jesus era o Messias das expectações judaicas. O Templo de Jerusalém é o palco do primeiro episódio do Evangelho; as pessoas nele envolvidas são descritas como judeus impecavelmente ortodoxos e piedosos. Zacarias estava executando um dos rituais mais importantes da adoração no Templo, quando lhe apareceu o mensageiro celestial.

As histórias da infância de Jesus servem para ligá-lo ao judaísmo: (1) ele foi circuncidado (2:21); (2) ele foi apresentado no Templo (2:22-24); (3) Simeão e Ana, representantes dos judeus genuinamente piedosos, reconheceram-no como o Messias esperado (2:25-38); (4) ele foi levado a Jerusalém com a idade de doze anos e, quando foram em sua busca, ao notarem sua ausência, encontraram-no conversando com os rabis no Templo (2:41-50). Nada se diz dos seus primeiros anos em Nazaré, o que pode representar uma limitação imposta a Lucas por falta de uma fonte que lhe provesse essas informações. No entanto, parece correto concluir-se que as histórias que nos foram preservadas servem integralmente ao propósito do escritor.

No corpo do Evangelho, a continuidade entre Jesus e as promessas das Escrituras é confirmada (3:4-6). Logo no começo, fica claro que o programa do seu ministério cumpre os requisitos proféticos (4:18,19). Na conclusão do Evangelho, o Senhor ressurrecto diz, aos seus discípulos, que a sua experiência devia ser entendida como cumprimento de tudo o que fora escrito a respeito dele nas Escrituras (24:44-46).

Lucas faz um esforço para estabelecer o fato de que a brecha que existia em sua época, entre o judaísmo e o cristianismo, não havia sido criada por Jesus e seus seguidores. De fato, o oposto realmente foi o caso, de acordo com o terceiro evangelista.

No terceiro Evangelho, Jesus começa o seu ministério apresentando-se aos habitantes de sua cidade natal, isto é, ao seu próprio povo, mas eles o rejeitam. Lucas é o único escritor que retrata Jesus chorando sobre Jerusalém (Luc. 19:41-44). As palavras de Jesus, nessa ocasião, são um testemunho pungente do desejo que ele tinha de ser aceito pelo seu povo. Desta forma, a atitude de Jesus, em relação à sua pátria, é colocada em contraste com a rejeição que ele experimentou.

Atos continua este mesmo tema, tornando-o muito mais explícito, pois os esforços de Paulo, para ganhar os seus concidadãos, continuam até o fim. A rejeição que ele enfrenta é semelhante à que Jesus experimentara em Nazaré.

Os judeus não entenderam as Escrituras, e, por isso, reagiram contra os eventos que as cumpriam. Por este motivo, o judaísmo da época de Lucas negou as suas origens. A comunidade cristã era o verdadeiro Israel. Em contraste ao

judaísmo contemporâneo, ela entendeu o Velho Testamento e tornou-se, de fato, o seu cumprimento. Lucas parece atribuir aos judeus primeiramente o papel de perturbadores, responsáveis pela falta de entendimento, que se estendeu a outros grupos, a respeito da fé cristã. Eles tramaram, através de suas acusações falsas e através da pressão exercida sobre Pilatos, a morte de Jesus. Essa hostilidade também foi dirigida contra os primeiros cristãos, especialmente contra o apóstolo Paulo. A maior parte de suas dificuldades com as autoridades foram causadas por acusações falsas feitas contra ele por seu próprio povo.

3. Lucas escreveu para provar que o cristianismo não era nenhuma ameaça para a autoridade política do Império. Se, na verdade, como é bem provável, Teófilo era um oficial romano que tinha um conceito distorcido a respeito do caráter político do movimento cristão (veja 1:3), entendemos o prefácio a Lucas como uma introdução à apologética política que percorre Lucas-Atos de ponta a ponta. O reconhecimento de Lucas de que a Igreja podia continuar a existir no contexto do Império fez necessário que ele, durante algum tempo, se houvesse com o problema do relacionamento entre o cristianismo e o Estado (Conzelmann, p. 138).

A natureza não-política, e até apropriada, da mensagem da Igreja é expressa, antes de tudo, nas admoestações de João Batista aos servos do Império, na pessoa de coletores de impostos e soldados (3:12-14). Em ambos os casos, não há nenhuma sugestão de que o serviço prestado ao Estado é intrinsecamente errado.

Jesus estabeleceu o seu programa messiânico em termos que são facilmente vistos como apolíticos. Através de Lucas-Atos, a realeza de Jesus é definida de forma que não constitui ameaça ao governador romano.

A história de Zaqueu, o publicano (19:1-10), também tem implicações políticas. Ao reagir favoravelmente às exigências da pessoa de Jesus, Zaqueu não repudia a sua profissão; pelo contrário, declara a intenção de usar a sua riqueza para exercer caridade e reparar a exploração do próximo que porventura tivesse cometido.

A terceira ilustração da atitude expressa em Lucas, em relação ao pagamento de impostos, é encontrada em 20:19-26, onde a questão dos tributos é levantada. O comentário editorial (20:19; cf. Mar. 12:13) mostra que a intenção dos líderes judaicos era encontrar alguma desculpa para acusar Jesus de subversão. É também demonstrado que a conspiração foi realçada (v. 26) e que Jesus, ao contrário das esperanças dos seus inimigos, sancionava o pagamento de impostos.

Estas passagens constituem o pano de fundo para a descrição que Lucas faz do julgamento de Jesus, em que o tema apologético vem à tona. Os próprios líderes judaicos montaram as acusações contra Jesus (23:2). Essas acusações são patentemente falsas, à luz de passagens como as mencionadas acima. Por três vezes Pilatos afirma a inocência de Jesus, a respeito dos crimes de que é acusado (23:4,14,22). A isto acrescenta-se também o testemunho de Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia (23:15). Finalmente, o centurião presente à crucificação, terceiro representante do governo imperial mencionado na narrativa, exclama: "Na verdade, este homem era justo!" (23:47; cf. Mar. 15:39). A responsabilidade pela morte de Jesus é colocada completamente nos ombros dos líderes judaicos e seus seguidores. Eles haviam feito as acusações, e pode-se inferir que eles supervisionaram a crucificação (23:25,26 — o sujeito de "eles" é encontrado em 22:66). A própria atitude deles em relação ao governo imperial é demonstrada pela sua insistência na libertação de Barrabás, um genuíno revoltoso (23:25; cf. Mar. 15:15).

4. Lucas escreveu a fim de apresentar uma solução para o problema que se

havia levantado: de opiniões erradas acerca da **Parousia** ou chamada segunda vinda. Isto pode ser percebido tanto pela maneira como ele edita a sua fonte de Marcos, como no material especial que introduz.

Antes de tudo, percebe-se o esforço para guardar-se contra a idéia de que a **Parousia necessariamente** devia acontecer logo. Não achamos Marcos 1:15: "O tempo está cumprido, e é chegado o reino de Deus." Pelo contrário, Lucas enfatiza a proclamação das boas-novas do reino, isto é, a natureza do reino, ao invés de sua iminência (cf. 4:17-21,43; 16:16; também o texto grego de At. 1:3). O reino de Deus é uma realidade futura, transcendente, escatológica, que é colocada além do contexto da história. Portanto, não se pode falar de sinais nem do tempo da sua vinda (17:20,21; 21:8; At. 1:6,7). A vinda do reino está separada de acontecimentos como guerras messiânicas (21:9; cf. Mar. 13:7), a perseguição dos cristãos (21:12) e a destruição de Jerusalém (21:20-24). Estes são acontecimentos da história, e não devem ser considerados como portentos do fim dos tempos.

Em Lucas 19:11-27, uma experiência dos discípulos é relatada, para dar a espécie de advertência que Lucas queria fazer aos seus contemporâneos. O erro dos discípulos fora o de esperarem uma vinda iminente do reino, que resultou de eles terem-na relacionado com a entrada de Jesus em Jerusalém. Às advertências de Marcos contra os falsos messias (Mar. 13:6), Lucas acrescenta a admoestação contra o sermos levados pelos apocalípticos, que proclamam: "O tempo é chegado!" (21:8). A pergunta dos discípulos a respeito do tempo em que o reino virá é rejeitada como inoportuna (At. 1:6,7). Eles também são repreendidos por estarem olhando para os céus (At. 1:10,11). Eles devem se desincumbir de suas tarefas cingidos da confiança de que Jesus voltará como foi levado para cima.

Hans Conzelmann elaborou detalhadamente o que ele entende como a solução de Lucas para o problema causado pelo adiamento da **Parousia** (p. 16). Ele descobre uma concepção de história da salvação que se desdobra em três partes: (1) período de Israel, (2) período do ministério de Jesus e (3) período da Igreja. Desta forma, o ministério de Jesus é removido de sua posição como evento escatológico decisivo, como prelúdio imediato do fim da história. Pelo contrário, o seu ministério se torna o ponto médio da história da salvação. A época de Jesus é separada da **Parousia** pela época da Igreja. Desta forma, Lucas deu uma solução definitiva para o problema da escatologia, não importando quão grande seja a demora até o fim. A solução de Lucas é considerada um substituto da expectativa de uma **Parousia** iminente, que havia prevalecido até então.

Não obstante, é possível exagerar a diferença entre Lucas e seus predecessores. Há uma diferença de ênfase, em vez de uma compreensão totalmente nova e diferente da história redentora. A afinidade de Lucas com os seus predecessores é demonstrada pela presença, no Evangelho, de textos como 3:9,17; 10:9, 11; 18:7 e s.; 21:32. Todos estes são também susceptíveis de uma interpretação que sustente a expectativa de uma **Parousia** iminente.

Além disso, descobrimos que Marcos também dá azo a uma missão aos gentios (13:10), embora se pensasse que, afinal de contas, ela poderia ser bastante breve. E, em Romanos 9-11, Paulo desenvolve uma teoria de história da salvação em que a missão aos gentios desempenha um papel essencial, não incompatível com a estrutura de Lucas. Paulo parecia estar mais dominado por uma percepção do fim dos tempos e por uma sensação da sua proximidade do que Lucas. Ir mais longe do que isto parece não ser garantido ou aconselhável.

Lucas teve o cuidado de se guardar contra os excessos de um exagerado apocalipticismo, mas também queria prevenir os problemas causados pelos desapontamentos e desilusões que o passar dos anos podiam causar aos cristãos, que haviam vivido na expectativa da vitoriosa vinda de seu Senhor (v.g., 12:35-40; 17:22-37; 18:1-8). A sua contribuição peculiar ao Novo Testamento tornou-se possível porque ele reconhecia o papel da Igreja na história da salvação. É possível concordar com muitos intérpretes, que este conceito é a reação correta ao ministério de Jesus. Ele é baseado na convicção de que a intenção de Jesus era criar uma comunidade que desse continuidade, na história, à obra que ele havia colocado em movimento.

VII. Temas Característicos de Lucas

Uma comparação de Lucas com os outros Evangelhos mostra que ele trata inúmeros temas de maneira especial.

1. **O Espírito Santo.** Há dezessete referências ao Espírito Santo em Lucas, e cinqüenta e sete em Atos. Em contraste, Marcos contém apenas seis, e Mateus, doze. Estas referências ocorrem com freqüência inusitada nos primeiros dois capítulos do Evangelho, primordialmente para mostrar que o dom de profecia havia sido revivificado sob a inspiração do Espírito Santo (1:41,67; 2:25-27). Este foi um sinal de que a longamente esperada era do Messias havia raiado. Jesus é mencionado como "cheio do Espírito Santo" (4:1), e pelo poder do Espírito ele faz milagres (4:14) e cura os enfermos (5:17). O Espírito Santo é o bom presente de Deus aos seus filhos (11:13). Em tempos de perseguição, os discípulos receberão a ministração do Espírito (12:12). Os discípulos não devem ficar preocupados a respeito da época da **Parousia** (At. 1:6-8), mas, pelo contrário, devem esperar "a promessa do Pai", isto é, o Espírito (24:49; At. 1:8). A igreja deve viver no poder do Espírito até a **Parousia**.

2. **Oração.** Lucas é único em relacionar a oração a inúmeros eventos essenciais do ministério de Jesus. Entre esses, estão o batismo (3:21), a vocação dos doze (6:12), a confissão (9:18) e a transfiguração (9:28 e ss.). Só ele relata que a Oração Dominical foi resposta a um pedido inspirado pela experiência de Jesus em oração (11:1). Em Lucas, Jesus faz uma oração de regozijo pelo sucesso da missão dos discípulos (10:21), intercede por Pedro (22:32) e ora na cruz (23:34,46). As parábolas do amigo importuno (11:5-8), da viúva insistente (18:1-8) e do fariseu e o publicano (18:9-14) são exemplos dos ensinos de Jesus acerca da oração.

3. **Preocupação Social.** Uma atenção especial é dada a pessoas que estavam fora do pálio da responsabilidade religiosa e social. A Parábola do Bom Samaritano é apresentada apenas por Lucas (10:25-37). Dos dez leprosos que foram curados, um samaritano é apresentado como exemplo de genuína gratidão (17:11-19).

A simpatia de Jesus pelos coletores de impostos é atestada especialmente por Lucas. Os publicanos que foram a João, pedindo o batismo (3:12,13), a Parábola do Fariseu e o Publicano (18:9-14) e Zaqueu (19:1-10) fazem parte do material especial de Lucas.

O contraste entre a atitude de Jesus e a dos líderes religiosos, em relação aos pecadores, é ilustrado pela história da mulher penitente (7:36-50), pelas parábolas do capítulo 15 e pelo encontro com Zaqueu (19:1-10). Só Lucas fala do ladrão penitente (23:39-43).

O Evangelho enfatiza que os humildes e os pobres são os recipientes do reino de Deus (1:48,51-53; 4:18). Jesus nasce em um ambiente pobre (2:7), enquanto humildes pastores são os primeiros a receber notícias do seu nascimento (2:8-14). Bênçãos são pronunciadas sobre os pobres (6:20); ais, sobre os ricos (6: 24-26).

4. **Mulheres.** Lucas dá, em seus escritos, um lugar de proeminência às mulheres. Maria e Isabel figuram proeminentemente nas narrativas do nascimento. No material especial de Lucas, encontram-se histórias como a da ressurreição do filho da viúva (7:11-17), da mulher penitente (7:36-50), da visita a Maria e Marta (10:38-42) e da cura da mulher aleijada (13:10-17). Também encontramos o interessante detalhe, informando-nos que algumas mulheres providenciavam sustento para Jesus e seus discípulos (8:1-3).

5. **Riqueza.** Uma atitude característica, em relação à riqueza, percorre todo o terceiro Evangelho. Geralmente suspeita, ela é chamada "riquezas da injustiça" (16:9), embora a posse de riquezas, por si mesma, não seja condenada. Duas das parábolas mais vívidas, a do fazendeiro insensato (12:13-21) e a do rico e Lázaro (16:19-31), indicam a insensatez de uma abordagem secular da vida. O pecado desses dois homens foi que eles usaram a sua riqueza apenas para a gratificação pessoal, ao passo que ela devia ter sido compartilhada com os que dela eram privados (3:11; 12:33). A conversão de Zaqueu é assinalada por esta atitude apropriada em relação às suas possessões (19:8).

O evangelho, da forma como é apresentado por Lucas, se relacionava com os grandes problemas sociais daquela época. Ele é colorido, em todo o seu decorrer, por uma compaixão pelos explorados e desprezados. O terceiro Evangelho nos leva a lembrar que fazemos violência à mensagem de Jesus Cristo quando a separamos de uma preocupação pelos problemas sociais do homem.

Esboço do Evangelho

Prefácio (1:1-4)

I. As Narrativas dos Nascimentos e Infâncias de João Batista e de Jesus (1:5-2:52)
   1. Os Nascimentos de João e de Jesus (1:5-2:20)
      1) A Anunciação a Zacarias (1:5-25)
      2) A Anunciação a Maria (1:26-38)
      3) A Visita de Maria a Isabel (1:39-56)
      4) O Nascimento de João (1:57-80)
      5) O Nascimento de Jesus (2:1-20)
   2. A Infância de Jesus (2:21-52)
      1) Circuncisão e Apresentação (2:21-40)
      2) O Menino Jesus no Templo 2:41-52)

II. Introdução ao Ministério de Jesus(3:-1-4:13)
   1. O Ministério de João (3:1-20)
      1) A Vocação de João (3:1-6)
      2) A Pregação de João (3:7-14)
      3) João e Aquele Que Vem (3:15-17)
      4) A Prisão de João (3:18-20)
   2. A Preparação de Jesus (3:21-4:13)
      1) O Batismo de Jesus (3:21,22)
      2) A Genealogia de Jesus (3:23-38)
      3) A Tentação de Jesus (4:1-13)

III. O Ministério na Galiléia (4:14-9:50)
   1. Ensino nas Sinagogas (4:14-30)
      1) Aceitação na Galiléia (4:14,15)
      2) Rejeição em Nazaré (4:16-30)
   2. Obras Poderosas de Jesus (4:31-5:16)
      1) O Endemoninhado (4:31-37)
      2) Curas Fora da Sinagoga (4:38-41)
      3) A Partida de Cafarnaum (4:42-44)
      4) Os Primeiros Discípulos (5:1-11)
      5) A Cura de um Leproso (5:12-16)
   3. Conflitos com os Líderes Religiolígiosos (5:17-6:11)
      1) A Cura de um Paralítico (5:17-26)
      2) Associação com os Párias (5:27-32)
      3) A Questão do Jejum (5:33-39)

4) Desatenção às Tradições Sabáticas (6:1-5)
5) O Homem com a Mão Atrofiada (6:6-11)

4. A Escolha e Instrução dos Doze (6:12-49)
1) A Nomeação dos Doze (6:12-16)
2) O Cenário do Sermão (6:17-19)
3) As Beatitudes (6:20-23)
4) Os Ais (6:24-26)
5) Amor aos Inimigos (6:27-31)
6) A Natureza do Genuíno Amor (6:32-36)
7) Advertência Contra Julgar (6: 37-38)
8) A Trave e o Argueiro (6:39-42)
9) A Manifestação do Carater (6: 43-45)
10) Confissão e Atos (6:46-49)

5. A Natureza da Missão de Jesus (7:1-50)
1) Os Poderosos Atos do Messias (7:1-17)
2) A Pergunta de João (7:18-23)
3) Avaliação de João Feita por Jesus (7:24-30)
4) As Crianças Brincando (7:31-35)
5) A Mulher Penitente (7:36-50)

6. Missão Itinerante (8:1-56)
1) Os Companheiros de Jesus (8: 1-3)
2) A Parábola do Semeador (8: 4-8)
3) Explicação da Parábola (8:9-15)
4) Segredo a Ser Revelado (8:16-18)
5) A Verdadeira Família de Jesus (8:19-21)
6) Tempestade Acalmada (8:22-25)
7) O Endemoninhado Geraseno (8:26-39)
8) Milagre Duplo (8:40-56)

7. Revelações aos Doze (9:1-50)
1) A Missão dos Doze (9:1-6)
2) A Perplexidade de Herodes (9:7-9)
3) A Alimentação de Cinco Mil (9:10-17)
4) A Grande Confissão (9:18-22)
5) O Custo do Discipulado (9:23-27)
6) A Transfiguração (9:28-36)
7) Cura de um Epiléptico (9:37-43a)
8) A Segunda Palavra Acerca da Paixão (9:43b-45)
9) Concernente à Grandeza (9:46-48)
10) Concernente aos Estranhos (9:49,50)

IV. Da Galiléia a Jerusalém: Parte Um (9:51-13:30)
1. O Começo da Viagem (9:51-62)
1) Rejeitado Pelos Samaritanos (9:51-56)
2) As Severas Exigências de Jesus (9:57-62)

2. A Missão dos Setenta (10:1-24)
1) Instruções aos Setenta (10:1-12)
2) Conseqüências da Rejeição (10: 13-16)
3) A Volta dos Setenta (10:17-20)
4) O Regozijo de Jesus (10:21-24)

3. Ensinos Acerca de Relacionamentos (10:25-42)
1) A Pergunta do Doutor da Lei (10:25-28)
2) O Bom Samaritano (10:29-37)
3) Marta e Maria (10:38-42)

4. Ensinos Acerca da Oração (11:1-13)
1) A Oração Modelo (11:1-4)
2) O Amigo Importuno (11:5-13)

5. Reações Desfavoráveis a Jesus (11: 14-54)
1) A Controvérsia Acerca de Belzebu (11:14-23)
2) O Espírito Imundo (11:24-26)
3) Resposta ao Louvor de uma Mulher (11:27,28)
4) O Sinal do Filho do Homem (11:29-32)
5) Receptividade à Luz (11:33-36)
6) Controvérsia Acerca de Lavar (11:37-41)

7) Ais Sobre os Fariseus (11:42-44)
8) Ais Sobre os Doutores da Lei (11:45-54)

6. Admoestações Quanto às Perseguições (12:1-12)
   1) Advertência Contra a Hipocrisia (12:1-3)
   2) O Cuidado de Deus no Perigo (12:4-7)
   3) Confissão de Cristo Diante dos Homens (12:8-12)
7. Ensinos Acerca da Riqueza (12:13-34)
   1) O Fazendeiro Rico (12:13-21)
   2) O Pecado da Ansiedade (12:22-31)
   3) O Tesouro Celestial (12:32-34)
8. Atitudes Apropriadas em Relação ao Futuro (12:35-13:9)
   1) A Volta Inesperada (12:35-40)
   2) O Servo Infiel (12:41-48)
   3) A Crise Provocada por Jesus (12:49-53)
   4) Cegueira Quanto aos Tempos (12:54-56)
   5) Preparação Para o Juízo (12:57-59)
   6) Necessidade de Arrependimento (13:1-5)
   7) O Perigo da Esterilidade (13:6-9)
9. A Cura de uma Mulher Encurvada (13:10-17)
10. A Natureza do Reino (13:18-30)
    1) O Grão de Mostarda e o Fermento (13:18-21)
    2) Surpresas do Reino (13:22-30)

V. Da Galiléia a Jerusalém: Parte Dois (13:31-19:27)
1. O Destino de Jesus e de Jerusalém (13:31-35)
2. Ensinamentos Durante uma Refeição (14:1-24)
   1) O Hidrópico (14:1-6)
   2) Instruções aos Convivas (14:7-11)
   3) Instruções ao Hospedeiro (14:12-14)
   4) O Grande Banquete (14:15-24)
3. Os Termos do Discipulados (14:25-35)
4. A Alegria de Deus com a Recuperação do Perdido (15:1-32)
   1) A Atitude dos Líderes (15:1,2)
   2) A Ovelha Perdida (15:3-7)
   3) A Dracma Perdida (15:8-10)
   4) O Filho Pródigo (15:11-32)
5. Mais Ensinos Acerca de Riqueza (16:1-31)
   1) O Mordomo Infiel (16:1-9)
   2) O Correto Uso da Riqueza (16:10-13)
   3) Comentários a Alguns Fariseus (16:14-18)
   4) O Rico e Lázaro (16:19-31)
6. O Caráter do Discípulo (17:1-10)
   1) A Responsabilidade Para com os Outros (17:1-4)
   2) A Necessidade de Fé (17:5,6)
   3) Serviço Incondicional (17:7-10)
7. A Cura de Dez Leprosos (17:11-19)
8. O Reino de Deus e o Filho do Homem (17:20-18-14)
   1) O Reino Está Dentro de Vós (17:20,21)
   2) Os Dias do Filho do Homem (17:22-37)
   3) A Viúva Importuna (18:1-8)
   4) O Fariseu e o Publicano (18:9-14)
9. A Entrada no Reino (18:15-30)
   1) Jesus e as Crianças (18:15-17)
   2) O Moço Rico (18:18-30)
10. A Aproximação de Jerusalém (18:31-19:27)
    1) A Terceira Palavra Acerca da Paixão (18:31-34)
    2) A Cura de um Cego (18:35-43)
    3) A Conversão de Zaqueu (19:1-10)
    4) As Dez Minas (19:11-27)

VI. O Ministério em Jerusalém (19:28-23:56)
1. Jesus Apresenta as Suas Reivindicações Messiânicas (19:28-48)
   1) A Sua Aproximação de Jerusalém (19:28-40)

2) O Lamento de Jesus Sobre Jerusalém (19:41-44)
3) A Purificação do Templo (19: 45-48)

2. Controvérsias no Templo (20:1-21:4)
1) A Questão da Autoridade (20: 1-8)
2) Os Lavradores Maus (20:9-18)
3) A Questão do Tributo (20:19-26)
4) A Questão da Ressurreição (20: 27-40)
5) A Pergunta Acerca do Messias (20:41-44)
6) A Condenação dos Escribas (20:45-47)
7) O Louvor à Viúva (21:1-4)

3. Ensinos Acerca dos Acontecimentos do Fim (21:5-38)
1) O Perigo de Ser Enganado (21: 5-9)
2) Distúrbios e Perseguições (21: 10-19)
3) A Destruição de Jerusalém (21: 20-24)
4) A Vinda do Filho do Homem (21:25-28)
5) O Sinal da Figueira (21:29-33)
6) A Necessidade de Estar Alerta (21:34-36)
7) O Ministério no Templo (21: 37,38)

4. A Preparação Para a Paixão (22: 1-53)
1) A Conspiração Para Matar Jesus (22:1-6)
2) A Última Ceia (22:7-38)
3) No Monte das Oliveiras (22: 39-46)
4) Jesus É Preso (22:47-53)

VII. A Paixão de Jesus (22:54-23:56a)
1. O Julgamento de Jesus (22:54-23: 25)
1) Pedro Nega Jesus (22:54-62)
2) Zombam de Jesus (22:63-65)
3) Jesus Diante do Sinédrio (22: 66-71)
4) Jesus Diante de Pilatos (23:1-5)
5) Jesus Diante de Herodes (23:6-12)
6) A Condenação de Jesus (23:13-25)

2. A Crucificação de Jesus (23:26-56a)
1) As Mulheres Que Choravam (23:26-31)
2) A Execução de Jesus (23:32-38)
3) O Ladrão Penitente (23:39-43)
4) A Morte de Jesus (23:44-49)
5) O Sepultamento de Jesus (23: 50-56a)

VIII. A Ressurreição de Jesus (23:56b-24:53)
1. As Mulheres Vão ao Sepulcro (23: 56b-24:11)
2. A Aparição a Dois Discípulos (24: 13-35)
1) A Conversa no Caminho de Emaús (24:13-27)
2) O Reconhecimento em Emaús (24:28-35)
3. A Aparição em Jerusalém (24:36-53)
1) A Prova da Ressurreição (24: 36-43)
2) Interpretação da Escritura (24: 44-49)
3) A Despedida Final (24:50-53)

Bibliografia Selecionada

BARRETT, C. K. **The Holy Spirit and the Gospel Tradition**. London: S.P. C.K., 1966.

CADBURY, HENRY J. **The Making of Luke-Acts**. London: S.P.C.K., 1958.

CAIRD, G.B. **The Gospel of St. Luke**. "The Pelican Gospel Commentaries", ed. D.E. NINEHAM. Baltimore: Penguin Books Inc., 1963.

CONZELMANN, HANS. **The Theology of St. Luke**. Tr. GEOFFREY BUSWELL. New York: Harper and Row, 1960.

CREED, JOHN MARTIN. **The Gospel According to St. Luke.** New York: Macmillan and Co., 1965.

ELLIS, E. EARLE. **The Gospel of Luke**. "The Century Bible". London: Thomas Nelson and Sons Ltd., 1966.

GILMOUR, S. MAcLEAN. "The Gospel According to St. Luke". **The Interpreter's Bible**, ed. GEORGE ARTHUR BUTTRICK, Vol. VIII. New York: Abingdon Press, 1951.

GRUNDMANN, WALTER. **Das Evangelium nach Lukas**. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, p. 141.

JEREMIAS, JOACHIM. **The Parables of Jesus**. Tr. S. H. Hooke. New York: Charles Scribner's Sons, 1963.

KITTEL, GERHARD. (ed.). BROMILEY, GEOFFREY W. (trans.). **Theological Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co.

LEANEY, A.R.C. **The Gospel According to St. Luke**. "Black's New Testament Commentaries", 2ª ed. London: Adam and Charles Black, 1966.

MANSON, WILLIAM. **The Gospel of Luke**. "The Moffatt New Testament Commentary" ed. JAMES MOFFATT. New York: Harper & Bros., n.d.

PLUMMER, ALFRED. **The Gospel According to St. Luke**. "The International Critical Commentary", 5ª ed. Edinburgh: T. and T. Clark, 1964.

RICHARDSON, ALAN. **The Miracle Stories of the Gospels**. London: SCM Press Ltd., 1959.

STAGG, FRANK. **New Testament Theology**. Nashville, Tenn.; Broadman Press, 1962.

STRACK, HERMANN L. e BILLERBECK, PAUL. **Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch**. Munich: C.H. Bech'sche Verlagsbuch-handlung, 1924.

STREETER, BURNETT HILLMAN. **The Four Gospels**. London: MacMillan and Co., 1956.

TAYLOR, VINCENT. **Behind the Third Gospel**. Oxford: Clarendon Press, 1926.

Comentário Sobre o Texto

O uso de um prefácio era comum entre os escritores helênicos. A sua presença, no começo do terceiro Evangelho, indica que Lucas, mais do que qualquer outro escritor do Novo Testamento, considerava que a sua obra era uma contribuição para o mundo literário mais amplo daquela época. Aparentemente, ele estava escrevendo não apenas para a Igreja, mas também com a esperança de causar um impacto em classes de não-cristãos instruídos e influentes.

O prefácio ao terceiro Evangelho consiste de uma sentença só, bem construída, composta de palavras cuidadosamente escolhidas. Segundo o julgamento comum, ele se aproxima do estilo grego clássico em maior proporção do que qualquer outra passagem do Novo Testamento. Esse prefácio é semelhante a outros, de sua espécie, quanto ao objetivo: nele há referências à obra de predecessores, à preparação do próprio autor para escrever e ao objetivo de sua obra. Lucas também segue a prática comum de colocar o nome do destinatário nesse lugar.

Prefácio (1:1-4)

1 Visto que muitos têm empreendido fazer uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, 2 segundo no-los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra, 3 também a mim, depois de haver investigado tudo cuidadosamente desde o começo, pareceu-me bem, ó excelentíssimo Teófilo, escrever-te uma narração em ordem, 4 para que conheças plenamente a verdade das coisas em que foste instruído.

O autor torna claro que não é inovador em suas tentativas de preservar a tradição cristã em forma escrita. Muitos outros o haviam precedido, dando-lhe tanto o incentivo, embora ele não o diga diretamente, como as fontes usadas, para a sua obra.

Que entre nós se realizaram expressa a convicção do escritor de que os eventos que está para narrar não foram nem vagos nem fortuitos. A frase seria melhor traduzida "que entre nós se cumpriram". Estes **fatos**, inclusive a narrativa do Evangelho e o livro de Atos, cumpriram o propósito de Deus conforme expresso no Velho Testamento, quando interpretado adequadamente (cf. 24:45-47). A história que se segue, portanto, fala do que Deus fez.

O autor não era membro da primeira comunidade de cristãos. Desta forma, ele dependeu de outros, que haviam sido **testemunhas oculares e ministros da palavra**. Ele reclama, para o conhecimento da Igreja a respeito de Jesus, o firme fundamento do testemunho apostólico. Segundo a definição de Lucas, um apóstolo, ou seja, um dos doze, era alguém que havia estado com Jesus **desde o princípio**, a saber, desde "o batismo de João até o dia em que dentre nós (Jesus) foi levado para cima" (At. 1:22). Durante aqueles primeiros formativos anos do movimento cristão, a garantia para a fidelidade dos relatórios, acerca dos acontecimentos do ministério de Jesus, eram as pessoas que podiam dizer: "Nós conhecemos os fatos, porque ouvimos o que ele disse e vimos o que ele fez." A intenção de Lucas era passar adiante essas informações, **segundo** havia sido relatado pela primeira geração de testemunhas. O terceiro Evangelho, portanto, tinha o desígnio de desempenhar a função, para as gerações posteriores, que as testemunhas oculares haviam desempenhado para a primeira geração de cristãos.

Os versículos 3 e 4 fornecem uma compreensão valiosa do conceito que Lucas tinha de sua própria obra. Qualquer conceito adequado, de inspiração do registro bíblico, precisa haver-se com isto: a declaração autobiográfica única de um escritor evangélico a respeito do seu método. Ele não é nenhum autômato, cujo único papel é transcrever uma revelação literal que recebera de alguma forma mágica, extraterrena. Ele é um erudito cristão, motivado por uma convicção acerca do significado redentor de certos acontecimentos, usando as fontes à sua disposição, e os recursos do intelecto, energia e tempo, em cuidadosa investigação e relato fiel. Devido às suas qualificações e propósitos, essa espécie de pessoa podia ser o instrumento peculiar, usado pelo Espírito Santo, para preservar a história evangélica por escrito, para as gerações subseqüentes.

Lucas se propõe a escrever **uma narração coordenada**; não obstante, o seu método é incluir outros materiais, no arcabouço básico de Marcos, com o resultado de que o esboço que ele faz, do ministério de Jesus, é realmente o esboço de Marcos. Talvez **narração coordenada (kathexés)** devia ser entendida como referência às diversas fontes que Lucas usa (veja a Introdução). Ele reunira as informações existentes, acerca do ministério de Jesus, que agora se propõe a reunir em seqüência lógica, abrangendo os limites de um volume.

O título **excelentíssimo** provavelmente distingue **Teófilo** como oficial romano de alguma importância e influência, no nível de procurador ou acima. Teófilo significa, em grego, "amigo de Deus", e possivelmente era um pseudônimo usado para ocultar a verdadeira identidade da pessoa. Devido à falta de dados concretos a respeito dele, qualquer sugestão sobre sua identidade é mera suposição.

Há duas opções, na interpretação da referência a Teófilo. A idéia tradicional e mais comum é que ele havia sido **instruído** no evangelho, por pessoas que estavam procurando ganhá-lo para o cristianismo. Deste ponto de vista, ele

era interessado ou estava a ponto de se tornar cristão.

Uma possibilidade totalmente diferente tem sido levantada por outra sugestão. De acordo com ela, Teófilo era um oficial romano que tinha uma noção distorcida a respeito do cristianismo, devido a informações errôneas, que havia recebido. [7] O seu conceito sobre o cristianismo havia-lhe sido ministrado pelos inimigos da fé, cujas noções haviam contribuído para um mal-entendido acerca do seu caráter e objetivos políticos. Isto significa que a sua noção provavelmente representava uma atitude comum, nos círculos governamentais, onde o movimento cristão havia sido considerado com vários graus de hostilidade e suspeita, desde os tempos de Nero. A esperança do autor era consertar essa situação, iniciando, desta forma, um processo que mudasse a atitude geral em relação ao cristianismo. A **verdade** pode ter um significado semelhante à frase "os verdadeiros fatos".

Seja qual for o caso, podemos presumir que Lucas pretendia que a sua obra alcançasse mais de um homem. O patrocínio de Teófilo provavelmente podia assegurar um círculo ledor mais amplo, para a obra, entre uma classe mais influente e instruída.

I. As Narrativas dos Nascimentos e Infâncias de João Batista e de Jesus (1:5-2:52)

1. Os nascimentos de João e de Jesus (1:5-2:20)

Três principais temas propiciam unidade ao material dos dois primeiros capítulos: (1) o relacionamento entre João e Jesus; (2) o íntimo relacionamento entre o judaísmo e o cristianismo, no momento quando este último começou; (3) o dom do Espírito Santo e o reavivamento da profecia como sinal de que a era messiânica estava raiando.

As evidências indicam que o movimento cristão enfrentou um desafio significativo da parte dos seguidores de João Batista, nos estágios iniciais de sua história. Parece que uma seita derivada do Batista ensinava que João era o Messias e, conseqüentemente, era superior a Jesus, a quem batizara (veja 3:21). As histórias que cercam o nascimento de Jesus, no Evangelho de Lucas, têm o objetivo de desmentir essa reivindicação. Elas são apresentadas como uma série de cinco episódios, ou quadros, ligados, de maneira bastante livre, por comentários editoriais. Os papéis distintos de Jesus e João são apresentados neles de maneira a enfatizar o significado de cada um deles, mas ao mesmo tempo reafirmar a superioridade de Jesus.

Mais importante, para alcançar o objetivo de Lucas, portanto, é a afirmação feita, nesta seção, de que Jesus é o Messias de Israel, o Rei e Libertador há muito esperado. Embora o tema do cumprimento assuma uma nuança algo diferente em Lucas, em relação a Mateus, é tão significativo quanto em Mateus. Possivelmente, ele responda às ameaças das idéias gnósticas, que queriam separar o cristianismo dos seus alicerces históricos, fundados em o Novo Testamento e no judaísmo (veja p. 21, rodapé 8).

1) A Anunciação a Zacarias (1:5-25)

5 Houve, nos dias de Herodes, rei da Judéia, um sacerdote chamado Zacarias, da turma de Abias; e sua mulher era descendente de Arão, e chamava-se Isabel. 6 Ambos eram justos diante de Deus, andando irrepreensíveis em todos os mandamentos e preceitos do Senhor. 7 Mas não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos eram avançados em idade.

8 Ora, estando ele a exercer as funções sacerdotais perante Deus, na ordem da sua turma, 9 segundo o costume do sacerdócio, coube-lhe por sorte entrar no santuário do Senhor, para oferecer o incenso; 10 e toda a multidão do povo orava da parte de fora, à hora do incenso. 11 Apareceu-lhe, então, um anjo do Senhor, em pé à direita do altar do

[7] Cf. Cadbury, **op. cit.**, II, 510.

incenso. 12 E Zacarias, vendo-o, ficou turbado e o temor o assaltou. 13 Mas o anjo lhe disse: Não temas, Zacarias; porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João;

14 e terás alegria e regozijo,
e muitos se alegrarão com o seu nascimento;
15 porque ele será grande diante do Senhor;
não beberá vinho, nem bebida forte;
e será cheio do Espírito Santo
já desde o ventre de sua mãe;
16 Converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus;
17 irá adiante dele no espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos,
a fim de preparar para o Senhor um povo apercebido.

18 Disse então Zacarias ao anjo: Como terei certeza disso? Pois eu sou velho, e minha mulher também está avançada em idade. 19 Ao que lhe respondeu o anjo: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para te falar e te dar estas boas-novas; 20 e eis que ficarás mudo, e não poderás falar até o dia em que estas coisas aconteçam; porquanto não creste nas minhas palavras, que a seu tempo hão de cumprir-se. 21 O povo estava esperando Zacarias, e se admirava da sua demora no santuário. 22 Quando saiu, porém, não lhes podia falar, e perceberam que tivera uma visão no santuário. E falava-lhes por acenos, mas permanecia mudo. 23 E, terminados os dias do seu ministério, voltou para casa.

24 Depois desses dias Isabel, sua mulher, concebeu, e por cinco meses se ocultou, dizendo: 25 Assim me fez o Senhor nos dias em que atentou para mim, a fim de acabar com o meu opróbrio diante dos homens.

Herodes, o Grande, que fora nomeado **rei da Judéia** (Palestina) pelo Senado Romano, em 40 a.C., morreu em 4. a.C. De acordo com as evidências dos registros dos Evangelhos, João e Jesus nasceram antes de sua morte (Mat. 2:1). Eram tempos difíceis e turbulentos para os judeus, a maioria dos quais se ressentia profundamente do domínio romano, que Herodes representava. De fato, muitos criam que estavam vivendo nos dias imediatamente anteriores à esperada intervenção de Deus em favor do seu povo, oprimido e afrontado.

Os sacerdotes judaicos se dividiam em vinte e quatro turmas, sendo a de Abias a oitava (I Crôn. 24:10). Nos comentários introdutórios, acerca de **Zacarias** e **Isabel**, a ênfase se exerce nas suas credenciais religiosas impecáveis. Ser sacerdote e ser casado com uma mulher de linhagem sacerdotal era uma dupla honra.

Zacarias e Isabel eram notáveis representantes da piedade ortodoxa judaica. Contudo, a despeito de sua conduta irrepreensível, Deus não havia abençoado aquele casal com filhos. E também não havia nenhuma esperança razoável de que aquela lamentável situação pudesse mudar, visto que o casal passara da idade em que podia procriar. Desta forma, o autor sublinha o caráter miraculoso dos acontecimentos que está para descrever.

De acordo com algumas estimativas, havia aproximadamente vinte mil sacerdotes na Palestina, naquela época. Cada uma das vinte e quatro turmas ministrava no Templo durante uma semana, duas vezes por ano. Visto que havia centenas de sacerdotes em uma turma, eles eram escolhidos por sorte para oficiar em certos rituais. O privilégio de queimar **incenso**, que tinha lugar todas as manhãs e todas as tardes, era concedido por sorte a um sacerdote não mais do que uma vez em toda a vida. A **multidão**, formada de israelitas do sexo masculino, estava reunida no pátio de Israel, enquanto o sacerdote, dentro do santuário propriamente dito, realizava o ritual. O **templo** era um lugar apropriado para Deus revelar a um genuíno israelita que um momento significativo havia chegado na sua vida e na história do seu povo.

As palavras hebraica e grega que são traduzidas como **anjo**, ambas significam mensageiro. Nos primeiros livros do Velho Testamento, o anjo de Yahweh é o intermediário de Deus para tratar com os homens. O anjo apresentava uma forma de pensar e de falar acerca da presença

de Deus, que pessoalmente não podia ser visto pelos homens. As referências testificam de uma fé em um Deus santo, que é exaltado acima do homem e do seu universo. Elas também expressam a convicção de que esse Deus transcendental é capaz de se comunicar com os homens e de se envolver no processo histórico. O anjo é o enviado de Deus ao homem; a sua mensagem é a mensagem de Deus.

Seja o que for que o homem moderno faça, com as referências a anjos no registro bíblico, ele precisa haver-se com as duas perguntas básicas que elas levantam: Existe um Deus que transcende o mundo do homem? É esse Deus capaz de se envolver com a vida daqueles que precisam desempenhar os seus papéis no contexto do espaço, tempo e história? A fé precisa preocupar-se, em última análise, com estes assuntos, e não com a natureza das visitações angélicas.

A que **oração** está se referindo o anjo? Pedindo um herdeiro? Ou pedindo o nascimento do Messias? Esta última hipótese seria mais inteligível, dadas as circunstâncias, mas o contexto parece requerer a primeira. **João**, nome a ser dado ao filho prometido, significa "Deus é gracioso".

O mensageiro celestial descreve o efeito do esperado ministério de João (v. 14), suas qualificações para exercê-lo (v. 15), e a natureza desse ministério (v. 16 e 17). A experiência de **alegria** será a reação natural daqueles que ficarem sabendo do poderoso ato de salvação, executado por Deus, na série de acontecimentos que começam a se manifestar com o nascimento de João, o Batista.

Conforme o padrão do mundo, os grandes homens da época eram os Césares e os Herodes. Conforme o padrão de Deus, a verdadeira grandeza pertencia a um profeta obscuro, humilde, relegado ao deserto. A marca da consagração especial de João a Deus será a sua abstinência de **vinho e bebida forte**. Este é um dos aspectos da condição de consagração do nazireu (cf. Núm. 6:1-8). O aspecto positivo da sua consagração é que ele será **cheio do Espírito Santo** desde o nascimento, o que o marca para exercer um papel profético de significado incomum. Aqui encontramos a primeira menção ao Espírito Santo em Lucas. Na literatura rabínica, o Espírito de Deus é primeiramente o Espírito de profecia, associado especialmente com a renovação esperada durante a época messiânica, quando os homens de novo ouviriam a voz de Deus diretamente.

João deve conclamar Israel ao arrependimento, para que o povo seja preparado, ou **apercebido**, para a visitação de Deus, há tanto tempo esperada. De acordo com Malaquias 4:5,6, em que esta passagem se baseia o profeta Elias apareceria antes da chegada do "grande e terrível dia do Senhor". A comunidade cristã cria que João devia ser identificado com o Elias das expectações judaicas, sendo revestido com o **espírito e poder** do profeta. Como precursor de Jesus, João havia cumprido o papel previsto em Malaquias.

Zacarias acha incrível a idéia de que ele deve ter um filho na sua idade, sendo insuficiente, a palavra sem confirmação de um mensageiro desconhecido, para vencer a sua incredulidade; então o anjo se identifica. Ele é **Gabriel**, um dos anjos da Presença, que aparece em escritos judaicos posteriores (cf. Dan. 10:13; 12:1; Enoque 9:1; 10:11). Além disso, Zacarias recebe um sinal, que ao mesmo tempo é punição pela sua dúvida: ele **não poderá falar** até que as palavras do anjo se cumpram.

Qualquer **demora no santuário** era causa de inquietação entre o povo que esperava. Havia possíveis perigos, relacionados com a execução de um ritual tão sagrado como oferecer incenso (cf. Núm. 16; Lev. 10:1,2; II Crôn. 26:16-21). Quando saiu, Zacarias não conseguiu pronunciar a costumeira bênção sobre o povo, o que foi interpretado como sinal de que ele **tivera uma visão**. O

sábado trouxe um fim aos **dias do seu ministério.**

A idéia corrente em Israel era de que uma mulher sem filhos era inferior às que tinham filhos (cf. Gên. 16:4). O estigma que Isabel havia carregado por tantos anos estava para ser removido. Dificilmente acreditaria que esse fato estivesse acontecendo, enquanto irrespondíveis evidências físicas de sua gravidez não aparecessem. Ao fim de **cinco meses** estaria claro para todos que Isabel de fato estava para tornar-se mãe.

2) A Anunciação a Maria (1:26-38)

26 Ora, no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, 27 a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. 28 E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo. 29 Ela, porém, ao ouvir estas palavras, turbou-se muito e pôs-se a pensar que saudação seria essa. 30 Disse-lhe então o anjo: Não temas, Maria; pois achaste graça diante de Deus. 31 Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus.

32 Este será grande e será chamado filho do Altíssimo;
o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai;
33 e reinará eternamente sobre a casa de Jacó,
e o seu reino não terá fim.

34 Então Maria perguntou ao anjo: Como se fará isto, uma vez que não conheço varão? 35 Respondeu-lhe o anjo:

Virá sobre ti o Espírito Santo,
e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra;
por isso o que há de nascer será chamado santo,
Filho de Deus.

36 Eis que também Isabel, tua parenta, concebeu um filho em sua velhice; é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril; 37 porque para Deus nada será impossível. 38 Disse então Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela.

Duas passagens da Escritura propiciam as evidências de que a igreja primitiva cria na concepção sobrenatural de Jesus. São Mateus 1:18-25 e Lucas 1:34-37. Alguns estudiosos acham que essa idéia estava interpolada no texto original de Lucas, e que ela representava um desenvolvimento posterior. Não há razão substancial para se rejeitar a conclusão de que a crença no nascimento virginal antecedia tanto Mateus como Lucas, e era uma convicção geral, sustentada pelos primeiros cristãos.

No entanto, não há referências ao nascimento virginal em outras passagens do Novo Testamento. Além do mais, nem em Mateus nem em Lucas ele é usado para apoiar reivindicações a respeito da pessoa de Cristo. Este conceito a respeito do nascimento de Jesus não figura proeminentemente na apologética cristã primitiva, de que Lucas-Atos é um exemplo de escol. As reivindicações a respeito de Cristo são baseadas primordialmente em sua ressurreição. Não obstante, a convicção de que o Cristo ressurrecto era também o Cristo encarnado e preexistente, reforça a teologia de todos os escritores neotestamentários.

E, então, surge a pergunta: A que propósito serve a história do nascimento virginal, contada por Mateus e Lucas? Há várias respostas possíveis. Era uma afirmação da peculiaridade de Jesus. Os seus seguidores criam que ele era Filho de Deus em sentido último, diferente de qualquer pessoa que já tivesse vivido ou que fosse aparecer. A história do nascimento virginal fazia essa peculiaridade remontar ao princípio, mostrando que Deus, e somente Deus, era responsável pelo seu nascimento.

A história também demonstrava que o Filho de Deus, na verdade, havia nascido de mãe humana, e havia entrado no mundo como verdadeiro ser humano. A ênfase na gênese divina não diminui o fato de que, desde o momento de sua concepção, Jesus se desenvolveu como qualquer outra criança, e que entrou no mundo através de processos humanos completamente normais. Desta forma, a

história do nascimento de Jesus serve para anular a influência dos mestres que ensinavam que o Cristo divino não tinha identidade verdadeira como ser humano. Que Jesus não era o Cristo era um axioma da cristologia gnóstica posterior. [8] A história do nascimento virginal proclamava, em termos ineludíveis, que o Jesus humano e o Cristo divino eram o mesmo.

A anunciação a **Maria** é paralela à anunciação a Zacarias, artifício que capacita o escritor a estabelecer a superioridade de Jesus em relação a João. Claro que não se faz nenhuma tentativa para denegrir João, mas existe a clara afirmação de que Jesus é o filho de **Davi**, isto é, o Messias. Era também essencial mostrar, como Lucas o faz nos capítulos 1 e 2, que Jesus e João não representam movimentos divergentes, opostos. A unidade entre eles é a unidade que também abrange os profetas e a Igreja, em uma corrente progressiva de ação e revelação divinas. Mas não pode haver rival para a posição central neste drama da redenção, pois esta pertence apenas a Jesus.

A anunciação a Maria é feita no sexto mês da gravidez de Isabel, por razões que se tornam claras, à medida que a história se desenrola. O instrumento da revelação divina é **Gabriel** também neste caso. A informação de que **Nazaré** é uma **cidade da Galiléia** é uma recordação de que Lucas está escrevendo para um público leitor gentio, desinformado acerca da geografia da Palestina.

Em Mateus, a história do nascimento virginal circula ao redor de José e seu problema. Na história de Lucas, Maria é o centro das atenções. A descrição de Maria pretende apresentar duas idéias: Maria ainda era **virgem**, e ela estava **desposada** com **José**. Esse tipo de desposamento era um relacionamento muito mais sério do que o noivado moderno, pois a mulher era considerada como esposa legal do homem com quem tinha o compromisso. Geralmente passava-se determinado período de tempo entre o desposamento e a celebração do casamento propriamente dito, quando o casal começaria a viver junto como marido e mulher. Esperava-se que o Messias fosse descendente de **Davi**, fato ao qual se atribui a identificação de José.

Não há base, no texto, para a idéia de que Maria era "cheia de graça" no sentido de que dessa forma ela se tornou uma fonte de graça. O particípio passado traduzido como **agraciada** declarava que Maria era objeto da graça ou imerecido favor de Deus. A maior glória a que uma jovem judia podia aspirar era o privilégio de ser a mãe do Messias. Quando o evento finalmente acontece, Deus escolhe como instrumento do seu milagre uma simples jovem galiléia. Aqui está a maravilha! Este não é nada mais do que outro exemplo dos caminhos surpreendentes de Deus, que "escolheu as coisas loucas do mundo para confundir os sábios" e "as coisas fracas do mundo para confundir as fortes" (I Cor. 1:27).

A perturbada reação de Maria, à saudação do anjo, acarreta a necessidade de uma tranqüilização adicional. Ela não deve temer nada a respeito daquela visita celestial, pois o mensageiro vem para trazer notícias alegres: Deus a havia escolhido para a honra pela qual muitas mulheres judias haviam orado. **Jesus** é a tradução grega da palavra hebraica Joshua, que significa "Yahweh é salvação". Esse nome não é definido no relato de Lucas, mas todo o Evangelho é um desdobramento do seu significado.

Nos versículos 32 e 33, o futuro Filho é descrito de tal forma que Maria saiba que ela está para dar à luz o Messias de Israel. **Filho do Altíssimo** é um título

8 O gnosticismo, movimento que constituía um desafio radical ao cristianismo, é encontrado pela primeira vez na literatura do segundo século. Já no primeiro século, todavia, idéias gnósticas começaram a se disseminar no mundo grego-romano. Um dos seus dogmas característicos era igualar a matéria com o mal, o que levava à negação da realidade da encarnação. Esta idéia também resultou no ensinamento de que o Deus que criara o mundo, o Yahweh do judaísmo, era um ser inferior, mau, que não devia ser identificado com o Deus de Cristo, que era absolutamente Espírito.

messiânico. O restante da declaração é feito de forma a afirmar que o nascimento de Jesus é o cumprimento de profecias como II Samuel 7:13-16 e Isaías 9:6,7. Em outras passagens, a perspectiva de Lucas emergirá, mas por ora o autor se contenta em deixar a história cumprir o seu objetivo. Jesus é o cumprimento das esperanças e expectativas do seu próprio povo, o Messias das profecias do Velho Testamento. No entanto, ele vai além do conceito messiânico popular, ao afirmar a sua soberania eterna.

Um velho manuscrito latino omite o verso 34. Alguns estudiosos crêem que esse versículo é uma interpolação e que a história, da forma como foi originalmente escrita, não ensinava a concepção sobrenatural de Jesus. A evidência apresentada pelos manuscritos, bem como a interpretação natural do verso 27 indicam que o texto geralmente aceito é original. A maneira pela qual Maria apresenta o seu problema mostra que ela entende que a concepção deverá acontecer antes da consumação do seu casamento.

No verso 35 está a resposta para a pergunta de Maria: **Como se fará isto** (v. 34)? Não é uma explicação, mas, antes, uma afirmação. O Filho especial de Maria viria ao mundo como resultado do poder criador do Espírito de Deus. **Espírito**, no grego, é neutro; a palavra hebraica correspondente **ruah** é geralmente feminina. Não há base, no Velho Testamento, para a idéia de que o Espírito é o princípio masculino. O verbo **vir sobre** "denota ação não-material, e, assim, de acordo com o seu freqüente uso na LXX, também **cobrirá**, que nunca é usado em relação à relação sexual" (Barrett, p. 7). O Espírito de Deus é ativo em trazer à existência uma nova criação, uma nova humanidade ou um novo Adão, segundo a terminologia paulina, em quem se corporificará o novo Israel. O que acontece, portanto, é criação, em vez de concepção, como geralmente se entende. **Filho de Deus** vai além da descrição dos versículos 32 e 33. Filho de Davi não é adequado para descrever Aquele que estava para entrar no mundo. O título **Filho de Deus** marca Jesus como diferente de todos os outros homens, pois atribui a ele um relacionamento com a divindade que nenhum outro ser humano reivindica.

A gravidez de Isabel é citada, a Maria, como sinal do poder de Deus, que nunca é frustrado pelos fatores naturais que limitam os homens. O Deus que operara um milagre na vida de Isabel podia realizar o que falara a Maria. Diferentemente de Zacarias, Maria parece não requerer qualquer sinal, mas humildemente se submete à vontade de Deus para a sua vida. Ela se considera **serva** ou, literalmente, "escrava" do Senhor.

3) A **Visita de Maria a Isabel** (1:39-56)

39 Naqueles dias levantou-se Maria, foi apressadamente à região montanhosa, a uma cidade de Judá, 40 entrou em casa de Zacarias e saudou a Isabel. 41 Ao ouvir Isabel a saudação de Maria, saltou a criancinha no seu ventre, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo, 42 e exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre! 43 E donde me provém isto, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor? 44 Pois logo que me soou aos ouvidos a voz da tua saudação, a criancinha saltou de alegria dentro de mim. 45 Bem-aventurada aquela que creu que se hão de cumprir as coisas que da parte do Senhor lhe foram ditas. 46 Disse então Maria:

47 A minha alma engrandece ao Senhor,
e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador;
48 porque atentou na condição humilde de sua serva.
Desde agora, pois, todas as gerações me chamarão bem-aventurada,
49 porque o Poderoso me fez grandes coisas;
e santo é o seu nome.
50 E a sua misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem.
51 Com o seu braço manifestou poder;
dissipou os que eram soberbos nos pensamentos de seus corações;
52 depôs dos tronos os poderosos,
e elevou os humildes.
53 Aos famintos encheu de bens,
e vazios despediu os ricos.

54 Auxiliou a Israel, seu servo,
lembrando-se de misericórdia
55 (como falou a nossos pais)
para com Abraão e sua descendência
para sempre.
56 E Maria ficou com ela cerca de três meses; e depois voltou para sua casa.

A visita de Maria a Isabel serve para unir os dois fios da história, de forma a ilustrar dramaticamente o relacionamento entre os filhos que as duas mulheres dariam à luz.

Maria reage à revelação do anjo indo apressadamente visitar Isabel, ostensivamente para confirmar o sinal que lhe havia sido dado. É impossível identificar a **cidade** mencionada como o lugar onde Isabel habitava. **Região montanhosa** é o nome da topografia de Jerusalém, dado tanto por Josefo como por Plínio. Uma viagem de Nazaré até uma cidade da Judéia, nas vizinhanças de Jerusalém, seria da distância de cerca de cento e vinte quilômetros, uma longa viagem para uma moça de então.

O objetivo da visita, isto é, a verificação pessoal da gravidez de Isabel, perde-se de vista na história. Ao som da voz de Maria, a criança ainda não nascida se move no ventre de Isabel. O verbo traduzido como **saltou** significa um movimento causado por alegria. A declaração de que Isabel ficou **cheia do Espírito Santo** focaliza-a como uma profetiza da nova era (veja, a respeito, o v. 15).

O tema da história é a superioridade do filho de Maria sobre o de Isabel. Isabel abençoa Maria porque ela seria a **mãe do Senhor** dela, isto é, a mãe do Messias. **Donde me provém isto** é tradução de uma frase semita que significa: "Como isto pode acontecer a alguém tão indigno?"

Isabel explica como chegara a reconhecer o significativo papel de Maria como mãe do Messias. Talvez o leitor deva entender que Maria tinha já concebido. Neste caso, a idéia pode ser que João **saltou de alegria** porque estava na presença de Jesus.

Há duas possibilidades de se traduzir a última cláusula do verso 45, dependendo de como se entende a conjunção grega subentendida. Ao invés da tradução que temos na versão da IBB, o "que" pode ser substituído por "porque", apresentando, assim, uma razão para o fato de Maria ser bem-aventurada. Maria representa a genuína israelita que crê nas promessas de Deus. Tal pessoa é **bem-aventurada** ou feliz, porque Deus cumpre a sua palavra.

Magnificat, a primeira palavra do cântico de Maria na Vulgata, serve como seu título. Levanta-se uma interrogação acerca da atribuição do **Magnificat** a Maria. Em alguns poucos manuscritos latinos, Isabel é a oradora, redação essa apoiada por evidências expressas por vários Pais da Igreja.

Algumas evidências internas também apoiam a atribuição a Isabel. O **Magnificat** segue o padrão do cântico de Ana, de regozijo e louvor, transcrito em I Samuel 2:1-10. A experiência de Isabel, tendo passado muito tempo sem filhos, o que terminou pela misericórdia especial de Deus, tem grande semelhança com a de Ana. Além do mais, o verso 48 se referiria mais naturalmente a Isabel. **Condição humilde** descreveria mais naturalmente a humilhação sofrida, como resultado de uma experiência frustrante, como o estigma da esterilidade de Isabel. E, também, o verso 56 seria gramaticalmente mais claro, se Isabel fosse a autora do **Magnificat**. O pronome **ela** dessa forma teria um antecedente lógico, e a repetição do nome de Maria seria menos esquisita.

Alguns intérpretes chegaram à conclusão de que o **Magnificat** se originou entre seguidores de João Batista, e por eles foi atribuído a Isabel. Não obstante, o peso esmagador da evidência textual, incluindo todos os manuscritos gregos, sustenta a atribuição do cântico a Maria. Ele é um hino de regozijo messiânico, que, no contexto de Lucas, expõe o sig-

nificado do nascimento de Jesus mais apropriadamente do que o de João.

A estrutura do **Magnificat** é composta pelo entretecimento de frases e idéias tomadas de diferentes partes do Velho Testamento. Seguindo o padrão do cântico de Ana, ele se divide em duas partes. A primeira (46b-50) é uma expressão de louvor por bênçãos pessoais. A segunda (51-55) descreve o significado desse grande ato de Deus para Israel. O intérprete comete um erro, se entender esta e outras referências a Maria em Lucas 1 e 2 em sentido exageradamente pessoal. Maria, em sua humilhação, representa um povo humilde e oprimido. É a nação judaica que, na pessoa de Maria, dá à luz Jesus. O que Deus fez por ela, fez por Israel.

Alma e **espírito** são termos paralelos, pelos quais o pronome "eu" pode ser substituído. Alma (**psuche**) corresponde ao hebraico **nephesh**, e descreve o homem como um ser animado. O conceito popular de alma como uma espécie de espírito desencarnado é totalmente inadequado para se entender o uso bíblico desse termo (cf. Stagg, p. 28-32). **Engrandece** significa louvar a Deus, declarando a sua grandeza. A demonstração do poder de Deus em favor de sua **serva** é uma manifestação do seu caráter como **Salvador** ou Libertador.

Os intérpretes têm, freqüentemente, indicado que não há nada especificamente cristão no **Magnificat** propriamente dito. Só com referência ao contexto pode-se entender que o hino de louvor de Maria ao poder e misericórdia de Deus é inspirado pelo nascimento prometido de Jesus. Este acontecimento é a evidência da fidelidade de Deus ao seu próprio caráter, no fato de derramar a sua mercê **sobre os que o temem, de geração em geração**, isto é, para sempre e sem exceção.

A certeza do profeta, de que Deus será fiel à sua palavra, é freqüentemente demonstrada em lançar no tempo passado acontecimentos que ainda estão para ser realizados no futuro. Neste espírito, este hino fala acerca do que Deus fará como se aquilo já tivesse acontecido.

Os **soberbos**, os **poderosos** e os **ricos** descrevem pessoas que usam a sua posição e poder para explorar e oprimir. Por outro lado, os humildes e os pobres são pessoas que colocaram a sua confiança somente em Deus, e esperam confiadamente nele, por sua libertação. Portanto, a terminologia usada tem nuanças religiosas e morais que modificam a descrição das classes. A vinda do Messias é considerada como um desafio de Deus para com as estruturas de poder da sociedade. Deus age para subverter o opressor e libertar o oprimido.

É claro que esta passagem se refere ao início da era messiânica, havia tanto tempo esperada. O propósito de Deus é a redenção de Israel. Ele está respondendo à opressão e abandono dos seus **servos**, em cumprimento à promessa já centenária.

Três meses adicionados aos seis do verso 36 leva a narrativa ao término do período de gestação de Isabel. Aparentemente, o leitor deve entender que Maria terminou a sua visita antes do nascimento de João, que é descrito no episódio subseqüente. O leitor moderno levanta uma pergunta a que o escritor não responde: Foi para a casa dos seus pais que Maria voltou?

4) O Nascimento de João (1:57-80)

a. Circuncisão e Nome (1:57-66)

57 Ora, completou-se para Isabel o tempo de dar à luz, e teve um filho. 58 Ouviram seus vizinhos e parentes que o Senhor lhe multiplicara a sua misericórdia, e se alegravam com ela. 59 Sucedeu, pois, no oitavo dia, que vieram circuncidar o menino; e queriam dar-lhe o nome de seu pai, Zacarias. 60 Respondeu, porém, sua mãe: De modo nenhum, mas será chamado João. 61 Ao que lhe disseram: Ninguém há na tua parentela que se chame por este nome. 62 E perguntavam por acenos ao pai como queria que se chamasse. 63 E, pedindo ele uma tabuinha, escreveu: Seu nome é João. E

todos se admiraram. 64 Imediatamente a boca se lhe abriu, e a língua se lhe soltou; e falava, louvando a Deus. 65 Então veio temor sobre todos os seus vizinhos; e em toda a região montanhosa da Judéia foram divulgadas todas estas coisas. 66 E todos os que delas souberam as guardavam no coração, dizendo: Que virá a ser, então, este menino? Pois a mão do Senhor estava com ele.

O nascimento de um filho a uma mulher estéril era considerado sinal distintivo de misericórdia divina. Especialmente isto se referia a Isabel, cuja avançada idade faria a procriação impossível, se não fosse a intervenção sobrenatural de Deus. A circuncisão, sinal do pacto entre Deus e o seu povo (Gên. 17:11), fazia com que o indivíduo se tornasse membro da comunidade do pacto. Tinha ela lugar **no oitavo dia**, isto é, uma semana depois do nascimento. Todas as referências pré-cristãs indicam que o nome era dado à criança por ocasião do nascimento. A evidência mais antiga, fora do Novo Testamento, para se dar nomes por ocasião da circuncisão vem do oitavo século. No entanto, é difícil crer que o autor teria afirmado que João e Jesus (2:21) receberam o seu nome durante a circuncisão, se isso fosse discordante com o costume contemporâneo reconhecido.

Dar nome a um filho era negócio sério, pois o nome representava o caráter ou personalidade essencial da pessoa que o ostentava. A sugestão para que a criança recebesse o nome do pai, Zacarias, possivelmente foi feita por parentes e amigos que se haviam reunido na ocasião. A objeção quanto à escolha de Isabel no que diz respeito ao nome da criança baseia-se no argumento de que nenhum parente se chamava João. Eles não conseguiam entender que aquela criança fora escolhida por Deus para um papel que a distinguia de todos os outros membros da família. O seu nome, portanto, não fora escolhido por homens, mas determinado por Deus (cf. Gên. 17:5; 32:28).

O castigo pela dúvida demonstrada por Zacarias foi afonia ou mudez (v. 20). Aqui ele é descrito como estando surdo também, visto que as pessoas precisam empregar **acenos** para se comunicarem com ele. A **tabuinha** era uma espécie de tabuleta feita de madeira e coberta com cera. Zacarias corroborou por escrito a escolha feita por Isabel a respeito do nome para o filho deles, indicando, dessa forma, a sua convicção de que João era o filho da promessa do anjo. Isso deu fim ao tempo do seu castigo, e a sua fala voltou.

Os acontecimentos incomuns que cercaram o nascimento de João e a atribuição de um nome a ele inspiraram uma atitude de **temor** ou admiração reverente, apropriada aos que reconheciam que Deus estava fazendo coisas estranhas e maravilhosas no meio deles. Ao ouvir notícias de testemunhas acerca daqueles extraordinários acontecimentos, os habitantes da região **guardavam no coração**, isto é, armazenavam-nos em sua memória, para o dia em que o mistério de tudo aquilo fosse revelado. A narrativa termina com uma nota de grande expectativa, pois o povo previa um destino extraordinário para alguém marcado por sinais tão arrebatadores do envolvimento de Deus na sua vida como sucedeu com João.

b. A **Profecia de Zacarias** (1:67-80)

67 Zacarias, seu pai, ficou cheio do Espírito Santo e profetizou, dizendo:
68 Bendito seja o Senhor Deus de Israel,
porque visitou e remiu o seu povo,
69 e para nós fez surgir uma salvação
poderosa na casa de Davi, seu servo;
70 assim como desde os tempos antigos
tem anunciado pela boca dos seus santos profetas;
71 para nos livrar dos nossos inimigos
e da mão de todos os que nos odeiam;
72 para usar de misericórdia com nossos
pais, e lembrar-se do seu santo pacto
73 e do juramento que fez a Abraão,
nosso pai,
74 de conceder-nos que, libertados da mão
de nossos inimigos, o servíssemos sem
temor,
75 em santidade e justiça perante ele,
todos os dias da nossa vida.

76 E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo;
porque irás ante a face do Senhor, a preparar os seus caminhos, para dar
77 ao seu povo conhecimento da salvação, na remissão dos seus pecados,
78 graças à entranhável misericórdia do nosso Deus, pela qual nos há de visitar a aurora lá do alto,
79 para alumiar aos que jazem nas trevas e na sombra da morte, a fim de dirigir os nossos pés no caminho da paz.
80 Ora, o menino crescia, e se robustecia em espírito; e habitava nos desertos até o dia da sua manifestação a Israel.

Zacarias é a segunda pessoa que se torna profeta nessa nova era, como resultado de ter sido cheio do **Espírito Santo** (cf. v. 41 e 42). **Benedictus**, primeira palavra da versão latina deste seu hino, é o nome pelo qual ele é conhecido. O **Benedictus** é dividido em duas partes. A primeira (v. 68-75) descreve o papel desempenhado pelo Libertador de Israel, o Messias de Deus. A segunda (v. 76-79) descreve o papel do Precursor. Em grande parte, o hino retrata a obra do Messias em termos da esperança nacionalista de libertação. Mas há algumas importantes modificações deste tema na última parte.

Duas crenças básicas determinam a abordagem, que se faz do Velho Testamento, nos primeiros escritos cristãos. A primeira era a convicção de que Deus, que se revelara em Jesus Cristo, era também o Deus do Velho Testamento, e que havia coerência entre a sua revelação em Jesus e a sua atividade na história de Israel. A segunda, que os primeiros cristãos criam que Jesus Cristo era a revelação escatológica ou última de Deus na história, e, portanto, era a chave para se interpretar o que Deus já fizera anteriormente. Sobretudo, Lucas considerava a Igreja como o verdadeiro Israel de Deus, e entendia passagens como as do **Benedictus** segundo essa perspectiva.

Nos primeiros versículos do **Benedictus**, a esperança messiânica é expressa nos termos nacionalistas mais extremados, baseados em várias fontes veterotestamentárias. Deus é intimamente identificado com Israel, que, por seu turno, é chamado de **seu povo**. A redenção esperada pelos judeus desde 63 a.C. era primordialmente a libertação do poderio de Roma. A expressão **salvação poderosa**, no original, é "chifre de salvação", pois chifre era, em termos pictóricos, símbolo de força, por ser a arma de vários animais. O povo judaico esperava que o seu poderoso libertador restaurasse a dinastia davídica. Um judeu desconhecido, dessa época, expressou as aspirações de muitos dos seus compatriotas, quando orou: "Senhor, olha para eles, e levanta-lhes o seu rei, o filho de Davi, no tempo que tens visto, ó Deus, que ele reinará sobre o teu servo Israel" (Salmos de Salomão XVII. 23). Jesus reinterpretou esta esperança, e redirecionou-a para alvos espirituais e universais.

Os atos do Messias, de acordo com as palavras da promessa de Deus, aos **profetas** (v. 70), cumpriram o pacto feito com **Abraão** (cf. Gên. 22:16-18). Libertação é produzir uma condição de liberdade religiosa em que o povo de Deus será capaz de expressar a sua vida religiosa **sem temor** de hostilidade e perseguição (v. 74 e 75).

Profeta do Altíssimo deve ser contrastado com **Filho do Altíssimo** (v. 32). Desta forma, o papel de João Batista é delineado como sendo o de mostrar o significado maior de Jesus. Aqui, como no verso 17, João é identificado com Elias, identificação que Lucas evita no corpo do seu Evangelho. Nesse ponto, o **Benedictus** avança para um novo nível, quando a salvação é mencionada em termos mais espirituais e universais.

João deve dar **conhecimento da salvação**. Este conhecimento não é a **gnose** ou sabedoria esotérica exaltada no pensamento gnóstico. Pelo contrário, é aquele conhecimento que se origina de uma experiência, a saber, a **remissão dos... pecados**.

Aurora... do alto é difícil de se traduzir. Há possibilidades de que ela seja igualada à palavra hebraica traduzida como "ramo", visto que é usada para traduzir o título messiânico na LXX. Neste caso, significa "Messias de Deus". De acordo com alguns manuscritos, o verbo **visitar** deve ser colocado no passado. No entanto, o texto é, provavelmente, correto, visto que toda essa frase, começando com o verso 76, é colocada no futuro.

A nota universal, tão proeminente no corpo principal do Evangelho, aflora à superfície pela primeira vez nesta conjuntura. Lucas identifica **os que jazem nas trevas** com os gentios. O Messias deve guiar o seu povo **no caminho da paz**, e não em uma guerra de libertação nacional.

Os desertos são geralmente identificados com o deserto da Judéia, a oeste do Mar Morto. Há uma grande possibilidade de que João, de quem tanto a mocidade como o ministério são localizados **nos desertos**, tivesse mantido alguma espécie de ligação com a seita de Qumran. Essa é a região em que esse grupo ascético judeu havia restabelecido a sua comunidade, depois da morte de Herodes, o Grande. Mas a proximidade geográfica não é o único indício de um relacionamento entre João e Qumran. O seu ascetismo, sua escatologia, sua divergência do judaísmo ortodoxo e a prática do batismo podem também consistir em elos com essa seita. [9] Por outro lado, João é bem diferente, pelo fato de não ter procurado formar uma comunidade isolada e monástica. Da mesma forma, ele não simpatizava com a ênfase em ritualismo religioso, especialmente na forma de abluções purificadoras, tão importantes para a comunidade do Mar Morto.

Manifestação pode ser entendida como o início do ofício divinamente ordenado de João. Ela enfatiza o ponto de vista, esposado por todos os escritores dos Evangelhos, de que a fase crucial da história de redenção começa com a história de João Batista. A íntima relação entre 1:80 e 3:2 é um ponto a favor da unidade original do Evangelho de Lucas, da maneira como hoje ele se nos apresenta.

5) O Nascimento de Jesus (2:1-20)

O objetivo da referência que Lucas faz a um censo é mostrar por que Maria e José precisaram estar em Belém quando Jesus nasceu. Várias interrogações, algumas de natureza relativamente sem importância, têm sido feitas a respeito da exatidão histórica da narrativa. Qualquer acontecimento relacionado com o nascimento de Jesus deve ser datado como sendo pouco antes da morte de Herodes, o Grande, que ocorreu em 4 a.C. Os governadores ou, mais propriamente, legados da Síria, no período crucial de que falamos, eram **Sentius Saturninus** 9-6 a.C. e **Quintilius Varus**, 6-4 a.C. É fato bem conhecido, portanto, que **Quirino** não se encaixa na sucessão de legados no tempo devido.

Além disso, Josefo silencia a respeito de um recenseamento durante o reinado de Herodes, o Grande. Ele fala de um realizado por Quirino, em 6 d.C. Esse recenseamento, ordenado com o objetivo de compor relações de impostos, foi, para os judeus, uma expressão enfurecedora de sua subjugação a Roma. Ele atiçou um profundo ressentimento, que explodiu na revolta abortada, liderada por um certo Judas da Galiléia.

Muitos estudiosos crêem que este é o acontecimento descrito por Lucas. Eles afirmam que ele cometeu o erro de fazer o censo remontar a vários anos antes, e usou-o erroneamente, para responsabilizá-lo pelas circunstâncias do nascimento de Jesus.

A defesa mais enérgica da exatidão histórica do relato feito por Lucas foi feita muitos anos atrás, por Sir William

9 Cf. Charles Scobie, **John The Baptist** (London: SCM, 1964), p. 37-40, 46, 58, 59, 102 e ss.

Ramsay. [10] Ela é fundamentada na possibilidade de que Quirino estava na Síria, encarregado de missões militares contra rebeldes, durante pelo menos parte do governo de **Saturninus**. Ramsay sugere que Quirino e **Saturninus** desempenhavam papéis administrativos duplos, na Síria, ao tempo do recenseamento, o primeiro quanto a assuntos militares, e o segundo, quanto a assuntos internos. O termo **governador** é susceptível à uma ampla interpretação, e bem pode aplicar-se a uma posição de autoridade militar. Ramsay conclui que o censo de Herodes foi "tribal e hebraico, e não antinacional" e que "ele estava completamente desligado de qualquer esquema de taxação romano" (p. 108). Por que ele suscitou pequena reação popular, passou despercebido a Josefo. De acordo com esta reconstituição da situação, o nascimento de Jesus teria ocorrido, aproximadamente, em 8 a.C.

a. **Nascido em Belém** (2:1-7)

1 Naqueles dias saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo fosse recenseado. 2 Este primeiro recenseamento foi feito quando Quirino era governador da Síria. 3 E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. 4 Subiu também José, da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, porque era da casa e família de Davi, 5 a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. 6 Enquanto estavam ali, chegou o tempo em que ela havia de dar à luz, 7 e teve à seu filho primogênito; envolveu-o em faixas e o deitou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.

Jesus nasceu durante o reinado de **César Augusto**, grande gênio administrativo, que governou o Império Romano de 27 a.C. a 14 d.C. Não há notícias, a não ser neste Evangelho, que liguem Augusto com um recenseamento do Império, mas um argumento baseado no silêncio não é conclusivo. Algumas pessoas também têm dito que Herodes, como soberano semi-independente, dificilmente teria permitido uma intromissão dessas nos negócios internos do seu reino. Mais uma vez deve ser dito que, na ausência de evidências, o intérprete não pode afirmar dogmaticamente o que Herodes teria ou não feito. **Todo o mundo** é uma hipérbole, referindo-se ao Império Romano. Mas um recenseamento simultâneo, em todo o império, parece estar excluído, segundo as notícias históricas existentes, que mostram que recenseamentos de diferentes regiões eram realizados em épocas diferentes. **Todo o mundo** pode ser uma tradução errada de uma expressão aramaica, que significava "todo o povo", isto é, todo o povo judeu (Manson, p. 16).

Devido a recenseamentos, como o que começou no Egito em 20 d.C., que eram usados para computar relações de impostos, requeria-se que os habitantes se registrassem onde viviam e possuíam propriedades. Como tem sido sugerido, a exigência de que os judeus voltassem ao seu lar ancestral, como é especificado no relato feito por Lucas, podia ter o desígnio de juntar uma complacência menos melindrosa com uma medida desagradável, dando-lhe forma nacionalista. [11] José, descendente de Davi, dirigiu-se à **cidade de Davi** (cf. I Sam. 17:12). De acordo com Miquéias 5:2, Belém era a cidade de que viria aquele que estava destinado a "reinar em Israel".

Sua esposa tem sido traduzido como "sua prometida", versão apoiada pelas melhores testemunhas do texto. Alguns poucos manuscritos citam "sua esposa", que é preferível, por motivos óbvios. A tendência que culminou na doutrina da virgindade perpétua explicaria por que um escriba teria mudado **esposa**, colocando "prometida".

Lucas, bem como os outros evangelistas afirmam que Maria foi mãe de vários filhos, de quem Jesus era o **primogênito** ou mais velho (cf. Luc. 8:20). Nenhum

10 **Was Christ Born in Bethlehem?** (New York: Putnam, 1898).

11 Cf. Ramsay, **ibid.**, p. 107

argumento verdadeiro pode ser apresentado contra o claro sentido do texto nessas passagens. Se Lucas tivesse desejado dizer que Jesus era filho único, ele teria usado uma palavra mais apropriada: **monogenēs**.

As humildes circunstâncias do nascimento de Jesus são pintadas nesta história. A palavra traduzida como **estalagem** na verdade significa quarto. Como um grande afluxo de hóspedes tivesse ocupado todos os lugares do quarto em que os viajantes dormiam, os pais de Jesus precisaram procurar alojamento no estábulo, ou talvez até em um redil aberto. O primeiro berço a receber o seu filho foi uma **manjedoura**, literalmente, um cocho. Desta forma começou a sua vida, esse "Homem para os outros". E o fez apropriadamente, pois não existem barreiras em um estábulo. Categorias superficiais, de raça e classe, bem como noções escrupulosas a respeito de germes e sujeira não têm importância aqui. Todos os pobres, insignificantes e esquecidos do mundo podem se reunir ao redor da manjedoura, e podem ousar crer que o Menino que ali estava deitado realmente pertencia a eles.

b. **Anunciado a Pastores** (2:8-14)

8 Ora, havia naquela mesma região pastores que estavam no campo, e guardavam, durante as vigílias da noite, o seu rebanho. 9 E um anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória do Senhor os cercou de resplendor; pelo que se encheram de grande temor. 10 O anjo, porém, lhes disse: Não temais, porquanto vos trago novas de grande alegria, que o será para todo o povo; 11 É que vos nasceu hoje, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. 12 E isto vos será por sinal: Achareis um menino envolto em faixas, e deitado em uma manjedoura. 13 Então, de repente, apareceu junto ao anjo grande multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo:

14 Glória a Deus nas maiores alturas,
e paz na terra entre os homens de boa vontade.

A verdade de que o evangelho se destinava aos desprezados e economicamente oprimidos é levada a efeito pela história dos **pastores**. Os simples pastores de ovelhas pertenciam ao "povo da terra", aquela multidão de homens comuns que eram considerados como estranhos ao pálio da respeitabilidade religiosa. A sua ocupação e forma de vida faziam com que fosse impossível que eles satisfizessem os requisitos dos rituais religiosos de pureza cerimonial. Visto que os pastores estavam apascentando os seus rebanhos **durante as vigílias da noite**, a cena não poderia ser possível no inverno. A tradição que coloca o nascimento de Jesus em 25 de dezembro é relativamente moderna, atestada apenas depois do quarto século, e não é digna de confiança. [12] Os pastores estavam **no campo** de março até novembro.

Só no primeiro capítulo do Evangelho, Lucas menciona os mensageiros celestiais que aparecem em sua narrativa. Em outros lugares, ele segue o costume judaico anterior, de designar cada um como **um anjo do Senhor**. A reação à **glória do Senhor** ou ao fulgor da presença de Deus, talvez devendo ser entendida como uma nuvem luminosa, foi grande **temor**.

As primeiras palavras do visitante celestial trazem confiança; ele é arauto de **novas de grande alegria**. **Alegria**, tema que se repete constantemente em Lucas, é a reação adequada ao ato salvador de Deus. O **povo (laos)** é o povo de Deus. Por ocasião do nascimento de Jesus, ele era Israel, e mais tarde se tornou a Igreja, de acordo com a opinião de Lucas, a respeito da história redentora.

As boas-novas são o nascimento de um **Salvador**, título incomum para Jesus, nos Evangelhos. No mundo antigo, um salvador era primordialmente um libertador de doenças, de perigo ou das limitações humanas, no mundo. Governantes, tanto gregos como romanos, eram chamados

12 Veja o ensaio de Oscar Cullmann: "The Origin of Christmas", em **The Early Church**, ed, A. J. B. Higgins (ed. resumida; London: SCM, 1966), p. 21 e ss., para encontrar uma discussão dessa tradição "cristã".

de salvadores. Esse título era freqüentemente dado a deuses gregos, especialmente às divindades das religiões de mistério. Na LXX, Deus é chamado de Salvador (v. g. Sal. 24:5; assim também em Luc. 1:47). Proclamar Jesus como Salvador, no ambiente helenista da missão aos gentios, era afirmar que ele era o Libertador universal, pelo qual o povo ansiava, que podia fazer por eles o que nem governantes nem os seus deuses haviam podido realizar. Só ele podia realmente libertar o homem de sua escravidão ao mal, destino, morte e corrupção.

Cristo, o Senhor, é tradução de uma expressão difícil, que consiste da justaposição de dois nomes no caso nominativo, sem um artigo interveniente; literalmente: "Cristo Senhor". Muitas conjecturas, acerca do significado desta expressão, têm sido feitas. Algumas pessoas crêem que a primeira palavra deve ser entendida como adjetiva e traduzida "Senhor ungido". Outras a traduzem "Cristo e Senhor", levando a expressão a significar que o Messias é Yahweh. A explicação mais provável é que aconteceu uma corruptela do original aramaico, que devia ser traduzido como "O Cristo do Senhor", conforme em Lucas 2:26. **Senhor** representa a tradução da Septuaginta, do nome divino de Yahweh, e devia ser entendido aqui desta forma, embora em o Novo Testamento esse título seja freqüentemente dado a Jesus. O Salvador que nasceu, portanto, é o Messias que Deus prometera a Israel. Quando os pastores encontraram, na cidade de Davi, o bebê recém-nascido, **deitado em uma manjedoura**, souberam que haviam descoberto a criança da qual o anjo falara.

O coro celestial é composto dos servos celestiais de Deus descritos em Daniel 7:10. O seu hino se inicia com uma atribuição de louvor ao Deus transcendental, que levara a efeito esse maravilhoso evento. A segunda parte descreve o resultado do ato redentor de Deus: **paz na terra**. A tradução alternativa "paz boa vontade entre os homens", não tem a devida sustentação textual. A paz que o recém-nascido Messias estava para trazer pertence aos **homens de boa vontade**, referindo-se àqueles que Deus agradou-se em escolher para si como seus (cf. Luc. 3:22). A paz que Jesus trouxe foi reconciliação entre Deus e o homem, e a reconciliação corolária entre o homem e o seu próximo. Esta paz é possível aos indivíduos "de boa vontade", mesmo em meio a caos, tensões e ódios da sociedade humana. Não depende de circunstâncias exteriores, mas de uma reação pessoal à iniciativa da graça divina.

c. A Visita dos Pastores (2:15-20)

15 E logo que os anjos se retiraram deles para o céu diziam os pastores uns aos outros: Vamos já até Belém, e vejamos isso que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer. 16 Foram, pois, a toda a pressa, e acharam Maria e José, e o menino deitado na manjedoura; 17 e, vendo-o, divulgaram a palavra que acerca do menino lhes fora dita; 18 e todos os que a ouviram se admiravam do que os pastores lhes diziam. 19 Maria, porém, guardava todas estas coisas, meditando-as em seu coração. 20 E voltaram os pastores, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes fora dito.

Seguindo as instruções que lhes haviam sido dadas, os pastores acharam a criança que os anjos haviam descrito. Logo em seguida, divulgaram, aos pais, tudo o que o anjo lhes havia dito acerca do menino. De acordo com o verso 18, outras pessoas também estavam presentes, e ouviram os pastores contarem a sua experiência incomum.

A descrição da reação de Maria à revelação dos pastores dá a entender que Lucas pensava nela como fonte original das informações em que o seu relato se baseou (cf. também 2:51). Naquela hora, Maria conseguiu apenas **meditar... em seu coração**, isto é, ponderar acerca do possível significado dos sinais incomuns que cercavam o nascimento do seu filho. Ela e os outros vieram a entender o mis-

tério do papel de Jesus, no propósito redentor de Deus, somente à luz dos desenvolvimentos posteriores, especialmente a sua morte e ressurreição.

2. A Infância de Jesus (2:21-52)

1) Circuncisão e Apresentação (2:21-40)

a. O Nome de Jesus (2:21)

21 Quando se completaram os oito dias para ser circuncidado o menino, foi-lhe dado o nome de Jesus, que pelo anjo lhe fora posto antes de ser concebido.

Como no caso de João, Jesus foi circuncidado e recebeu um nome no mesmo dia (veja 1:59). A nota acerca da circuncisão mostra que Jesus era uma criança genuína da comunidade do pacto. Mas a atribuição do nome divinamente dado é o acontecimento central aqui. As circunstâncias que cercaram o ato de se dar um nome a Jesus dão testemunho de que a criança tinha um destino divinamente pré-ordenado.

b. O Testemunho de Simeão a Respeito de Jesus (2:22-32)

22 Terminados os dias da purificação, segundo a lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém, para apresentá-lo ao Senhor 23 (conforme está escrito na lei do Senhor: Todo primogênito será consagrado ao Senhor), 24 e para oferecerem um sacrifício segundo o disposto na lei do Senhor: um par de rolas, ou dois pombinhos. 25 Ora, havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão; e este homem, justo e temente a Deus, esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele. 26 E lhe fora revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria antes de ver o Cristo do Senhor 27 Assim, pelo Espírito foi ao templo; e quando os pais trouxeram o menino Jesus, para fazerem por ele segundo o costume da lei, 28 Simeão o tomou em seus braços, e louvou a Deus, e disse:

29 Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo,
segundo a tua palavra;
30 pois os meus olhos já viram a tua salvação,
31 a qual tu preparaste ante a face de todos os povos;
32 luz para revelação aos gentios,
e glória do teu povo Israel.

De acordo com Levítico 12, o ritual da **purificação** tinha lugar trinta e três dias depois da circuncisão da criança, e acarretava o sacrifício de um cordeiro de um ano como oferta queimada, e uma pomba ou uma rola como oferta pelo pecado. Aos pobres que não tinham condições de oferecer um cordeiro, permitia-se oferecer outra pomba ou rola como oferta queimada. Neste caso, o sacrifício de **um par de rolas ou dois pombinhos** coloca a família de Jesus entre os pobres.

A referência à "purificação deles" é feita em algumas traduções, e é obscura, visto que, de acordo com a lei, só a mãe era considerada impura. Há pequena evidência, em manuscritos, para a redação "purificação dela", que seria uma forma correta de entender o ritual. A redação da maioria dos manuscritos, citando a "purificação deles", pode indicar uma relutância, que se desenvolvera bem cedo, em relação a Maria como pecadora e necessitada de purificação.

Para as exigências referentes à redenção do primogênito, veja Êxodo 13:2, 12-16. De acordo com Números 18:16 o preço da redenção do rebento macho era cinco moedas. O cumprimento da exigência devia ter lugar quando a criança tinha um mês de idade. Nessa ocasião, os pais de Jesus **levaram-no a Jerusalém**, ao Templo, coisa que não era necessária, mas apropriada. O relato aparentemente funde os rituais de purificação e de redenção do primogênito.

Simeão, como Zacarias e Isabel representava os mais elevados atributos da fé e moralidade judaicas. A sua devoção era expressa no cuidado com que ele cumpria os deveres religiosos prescritos. Além do mais, ele fazia parte de um grupo de pessoas zelosas (cf. v. 38), que estavam esperando **a consolação de Israel**. Esta frase era usada, pelos rabis, para designar o cumprimento da esperança messiânica (cf. Is. 40:1). Visto que **o Espírito Santo estava sobre ele**, Simeão possuía a energia profética essencial para discernir os propósitos de Deus que se

estavam desabrochando. O cumprimento da promessa que lhe fora feita teve lugar no Templo, onde ele entrou **pelo Espírito**, o que significa que estava em um estado de êxtase profético.

O breve cântico de Simeão é chamado o **Nunc Dimittis**, as primeiras duas palavras da tradução latina. O orador declara que agora ele estava preparado para morrer, visto que a promessa de Deus, feita a ele, se cumprira. Ele podia partir **em paz**, sem pesar nem sentimento de frustração. Ele foi uma das pessoas afortunadas que chegou ao fim do caminho com a convicção de que a vida não poderia ter sido mais compensadora e significativa. Simeão dá a si mesmo o nome de **servo** de Deus, literalmente escravo de Deus. Ele parece representar, em Lucas, o ideal para Israel, o povo servo. Em sua fidelidade aos ensinamentos do judaísmo, e ao reconhecer que Jesus era o cumprimento da esperança profética, Simeão assume a atitude conveniente a Israel, nessa crucial conjuntura da história da salvação. De fato, em sua dedicação ao melhor no passado, e em sua abertura para as surpresas do futuro de Deus, ele bem podia servir como modelo para o servo de Deus em qualquer geração.

Em Jesus, Simeão viu a consecução da enunciação profética de Isaías 52:10. Aqui o tema universal emerge distintamente, em uma passagem entremeada de textos de Isaías. Alguns paralelos, em Isaías (cf. 42:6; 49:6), mostram como o conceito do Servo Sofredor, ali encontrado, é importante para Lucas entender Jesus.

Todos os povos pode ser usado para referir-se apenas a Israel, mas neste caso abrange toda a humanidade. A salvação de Deus é definida como **luz** para os gentios e **glória** para os judeus. É a luz que dissipará as trevas em que os gentios estavam habitando. É a glória de Israel, pelo fato de ser a culminação da obra redentora de Deus através de sua nação serva. Dois proeminentes temas de Lucas são apresentados no verso 32: (1) o alcance universal da salvação de Deus, e (2) o cumprimento da religião de Israel em Jesus.

c. A **Predição de Simeão a Maria** (2:33-35)

33 Enquanto isso, seu pai e sua mãe se admiravam das coisas que dele se diziam.
34 E Simeão os abençoou, e disse a Maria, mãe do menino:
Eis que este é posto para queda e para levantamento de muitos em Israel,
e para ser alvo de contradição;
35 sim, e uma espada traspassará a tua própria alma, para que se manifestem os pensamentos de muitos corações.

A despeito da inclusão da história a respeito da concepção de Jesus, Lucas fala muito naturalmente de José como **pai** de Jesus (veja também 2:41,48). A surpresa dos pais é causada pela descrição feita por Simeão acerca do significado da criança. Aqui, como em 2:18,19 e 2:50,51, enfatiza-se o ponto de que Maria e José, na verdade, não entenderam todo o significado do que estava acontecendo.

Notando a surpresa dos pais, Simeão se dirige à mãe pela primeira vez. A vinda de Jesus introduzira uma crise, que dividiria a nação. A sua presença constitui uma exigência de decisão da parte do seu povo. Aqueles que o rejeitarem cairão, enquanto aqueles que o aceitarem serão levantados. Isto está de acordo com o tema da degradação dos orgulhosos e exaltação dos humildes, que é proeminente em Lucas. Alguns intérpretes acham que a "pedra de tropeço" (8:14) e "pedra preciosa de esquina" (28:16) de Isaías são a chave para a figura usada aqui. (Veja Caird, p. 64, para outra explicação plausível.)

Em sua própria pessoa, Jesus constitui o **sinal** de Deus para a nação, a evidência ineludível e irrefutável do raiar do governo de Deus. Todavia, este sinal não é moldado para enquadrar-se com as exigências do homem, e, conseqüentemente, é inaceitável para muitos.

A mãe participará, em certa medida, do sofrimento do Filho, pois a crueldade a ele dirigida será como uma **espada** que **traspassará a sua alma**. A reação para com Jesus será um desvendamento do que o homem é por dentro: "os pensamentos secretos de muitos serão expostos" (NEB). Portanto, já nesta seção, focaliza-se a atenção na natureza pessoal da crise que Jesus provocará. Não são as distinções superficiais de raça ou classe que farão a diferença, mas a qualidade da reação da pessoa para com o chamado de Deus em Jesus, para uma decisão pessoal.

d. **O Testemunho de Ana Acerca de Jesus** (2:36-38)

36 Havia também uma profetisa, Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Era já avançada em idade, tendo vivido com o marido sete anos, desde a sua virgindade; 37 e era viúva, de quase oitenta e quatro anos. Não se afastava do templo, servindo a Deus noite e dia em jejuns e orações. 38 Chegando ela na mesma hora, deu graças a Deus, e falou a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém.

O estilo literário de Lucas é grandemente influenciado por sua predileção por pares, demonstrada aqui na maneira como ele equilibra o episódio acerca de Simeão, o profeta, com outro, acerca de **Ana**, a profetisa. A descrição da idosa **viúva** é marcada por um número incomum de detalhes preciosos. A passagem não fala de ela ser revestida do Espírito, mas a chama de **profetisa**, o que é o mesmo.

A preocupação mais importante parece ser enfatizar a extraordinária devoção de Ana desde que enviuvara. Na sua freqüência ao **Templo**, nos **jejuns** e **orações**, ela ia muito além do que até o mais devoto dos seus contemporâneos. Ela acrescentou o seu testemunho ao de Simeão, dizendo, aos **que esperavam a redenção de Jerusalém**, que Jesus era o cumprimento de sua esperança. **Redenção de Jerusalém** é sinônimo de **consolação de Israel** (veja 2:25). A crença de que a capital judaica seria libertada dos seus invasores estava incluída na esperança messiânica (v.g. Is. 52:1 e ss.).

e. **A Volta a Nazaré** (2:39,40)

39 Assim que cumpriram tudo segundo a lei do Senhor, voltaram à Galiléia, para sua cidade de Nazaré. 40 E o menino ia crescendo e fortalecendo-se, ficando cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele.

Visto que a viagem a Jerusalém é descrita como uma volta à Galiléia, entendemos que Nazaré era o endereço residencial da família, naquele período de tempo. Mas, da narrativa feita por Mateus, o leitor pode ter a idéia de que Maria e José residiram em Belém até a fuga para o Egito. Depois da volta do Egito, foram para Nazaré, e não para a Judéia, porque tinham medo de Arquelau (Mat. 2:22 e s.). É meridianamente claro que tanto Mateus como Lucas escreveram independentemente, e que os seus relatos a respeito da infância de Jesus se originaram em fontes diferentes. Os materiais são demasiadamente limitados, para permitir uma explicação definitiva do relacionamento entre as duas narrativas.

Quando as pessoas possuíam capacidade incomum, encontravam o sucesso e boa sorte, escapavam do perigo, etc., dizia-se que eram objetos da **graça de Deus**. Nesta passagem, esta frase afirma que, mesmo nesse período inicial de desenvolvimento, o menino demonstrava que estava revestido com dons incomuns.

f. **O Menino Jesus no Templo** (2:41-52)

41 Ora, seus pais iam todos os anos a Jerusalém, à festa da páscoa. 42 Quando Jesus completou doze anos, subiram eles segundo o costume da festa; 43 e, terminados aqueles dias, ao regressarem, ficou o menino Jesus em Jerusalém sem o saberem seus pais; 44 julgando, porém, que estivesse entre os companheiros de viagem, andaram caminho de um dia, e o procuravam entre os parentes e conhecidos; 45 e, não o achando, voltaram a Jerusalém, em busca dele. 46 E aconteceu que, passados três dias, o acharam no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interro-

gando-os. 47 E todos os que o ouviam se admiravam da sua inteligência e das suas respostas. 48 Quando o viram, ficaram maravilhados, e disse-lhe sua mãe: Filho, por que procedeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu ansiosos te procurávamos. 49 Respondeu-lhes ele: Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar na casa de meu Pai? 50 Eles, porém, não entenderam as palavras que lhes dissera. 51 Então, descendo com eles, foi para Nazaré, e era-lhes sujeito. E sua mãe guardava todas estas coisas em seu coração.

52 E crescia Jesus em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens.

A Lei mandava que todos os judeus do sexo masculino fossem a Jerusalém, para participar das festas da Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos (cf. Êx. 23:14-17; 34:23; Deut. 16:16). Para os muitos judeus que viveram, depois do Exílio, em regiões distantes de Jerusalém, o cumprimento desse requisito se tornara impossível. Os residentes na Palestina faziam um esforço para estar em Jerusalém pelo menos uma vez por ano, em uma das festas. José estava seguindo o costume usual, a saber, agindo **segundo o costume**, bem como segundo a Lei (v. 42), em sua visita anual a Jerusalém, para a observância da Páscoa. Embora as mulheres não fossem por requerimento da Lei, muitas delas, como Maria, acompanhavam os membros masculinos de suas famílias, nessas peregrinações.

Na puberdade, os meninos judeus se tornavam filhos da Lei, e membros responsáveis da comunidade do pacto, obrigados a cumprir os requisitos da Lei. Conseqüentemente, na idade de doze anos, Jesus juntou-se aos seus pais, em sua peregrinação anual.

De acordo com a Lei, a Festa dos Pães Asmos, que se seguia imediatamente à celebração da Páscoa, devia ser observada durante sete dias (Êx. 23:15). No entanto, muitos peregrinos partiam de Jerusalém depois dos dois dias requeridos para a sua participação no ritual da Páscoa. Em uma caravana, composta de **parentes** e **conhecidos** da mesma cidade ou região, era muito fácil acontecer a ausência despercebida de um garoto de doze anos, até chegar a hora de acampar, durante a noite.

Relatos legendários posteriores tendem a fazer do menino Jesus um garoto maravilha. Desta forma, no Evangelho de Tomé, ele silencia os mestres e se torna seu instrutor. Este não é o caso, no relato feito por Lucas, em que Jesus é retratado como aprendiz, **ouvindo-os, e interrogando-os**, e, por sua vez — quase com certeza — respondendo a perguntas a ele dirigidas. O seu interesse incomum em assuntos religiosos e a sua inteligência são descritos na história.

Qualquer pai que tenha experimentado a angústia de procurar uma criança perdida pode avaliar o significado da repreensão queixosa dirigida por Maria ao seu filho. Ela, naturalmente, achava que havia sido tratada com pouco caso.

Por outro lado, a resposta de Jesus mostra a sua completa surpresa pelo fato de Maria e José não estarem sabendo o seu paradeiro. "Só então", escreve Leaney, "torna-se claro para ele que eles não percebiam as suas intuições pessoais e privadas, de que até então ele presumira inconscientemente que eles compartilhassem" (p. 103).

A expressão traduzida como **casa de meu Pai** também pode ser traduzida como "engajado nos negócios de meu Pai" (veja, v.g., a tradução antiga da IBB). A tradução feita na versão atual da IBB é, provavelmente, mais correta. O sentido da declaração de Jesus é de que Maria e José deviam saber que ele seria encontrado no Templo, e, portanto, não precisavam procurá-lo.

A descrição que Jesus faz do Templo como a casa do seu Pai, afirma o seu relacionamento com o Deus de Israel, acima e contra o ensinamento gnóstico, que negava a identificação do Deus de Jesus com o Yahweh do Velho Testamento (veja nota de rodapé de nº 5).

O versículo 49 também levanta a interrogação enigmática acerca da consciên-

cia que Jesus tinha de sua identidade e missão, visto que ela implica em laço peculiar entre ele e Deus, seu Pai. Qualquer esforço para compreender Jesus que leve a sério a encarnação precisa começar com o reconhecimento de que ele, como qualquer outro ser humano, tinha que aprender a andar, falar, alimentar-se, etc. Levanta-se a questão: Em que estágio de sua vida Jesus começou a ter a convicção acerca do seu papel decisivo na história da salvação, e como essa convicção se desenvolveu? Nenhuma resposta dogmática pode ser dada a essas perguntas. Porém a história acerca de Jesus no Templo indica que, nessa tenra idade, Jesus já estava avançando para uma percepção do caráter singular de sua relação com Deus.

O leitor é levado a entender que, naquela ocasião, a experiência no Templo não alterou a condição de Jesus no lar. Logo que voltou a Nazaré, ele continuou a levar a vida normal e que se espera de uma criança, sendo **obediente** a José e Maria. Esta é a última referência a José em Lucas, dando azo à conjectura de que ele faleceu antes do começo do ministério público de Jesus.

Os episódios da infância de Jesus, relatados em Lucas, afirmam, todos, a observância extrita de costumes religiosos no ambiente e na forma pela qual ele foi treinado. Cinco vezes encontramos a declaração de que um ato é realizado "conforme a lei" (v.g., 2:22,39). O palco da maior parte do material é o Templo de Jerusalém. Por outro lado, os primeiros anos em Nazaré são cobertos por sumários editoriais (v. 40 e 52), que não contêm episódios específicos.

O versículo 52 é um eco de I Samuel 2:26. Ele enfatiza o desenvolvimento de Jesus, igual em crescimento físico, percepção moral e traços de caráter. **Graça** é tradução da palavra **charis**, do grego. Graça pode descrever as qualidades que tornam uma pessoa atraente. Pode também descrever a atitude de aprovação, respeito ou boa vontade, exercida por outras pessoas para com uma pessoa graciosa.

II. Introdução ao Ministério de Jesus (3:1-4:13)

1. O Ministério de João (3:1-20)

1) A Vocação de João (3:1-6)

1 No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, Herodes tetrarca da Galiléia, seu irmão Filipe tetrarca da região da Ituréia e de Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene, 2 sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes, veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto. 3 E ele percorreu toda a circunvizinhança do Jordão, pregando o batismo de arrependimento para remissão de pecados, 4 como está escrito no livro das palavras do profeta Isaías:

Voz do que clama no deserto:
Preparai o caminho do Senhor;
endireitai as suas veredas.
5 Todo vale se encherá,
e se abaixará todo monte e outeiro;
o que é tortuoso se endireitará,
e os caminhos escabrosos se aplanarão;
6 e toda a carne verá a salvação de Deus.

Quando Augusto César morreu, em 14 d.C., **Tibério** sucedeu-o como governante do Império Romano. Conseqüentemente, um evento datado do **décimo quinto ano** do seu reinado pode ter ocorrido em 28 ou 29 d.C. Depois da morte de Herodes, o Grande, a Palestina foi dividida entre três dos seus filhos. Filipe (4a.C.-34 d.C.), principal beneficiário do testamento de Herodes, recebeu Batanéia, **Ituréia, Traconites** e alguns territórios adjacentes. **Herodes** Antipas (4 a.C.-39 d.C.) foi feito **tetrarca da Galiléia** e Peréia. Arquelau (4 a.C.-6 d.C.), principal beneficiário do testamento de Herodes, foi nomeado etnarca, e foram-lhe dados a Judéia e a Iduméia. Quando provou-se que ele era incapaz de administrar a sua região, foi deposto. A Judéia tornou-se província imperial, dirigida por um **governador**. Só mais tarde essa espécie de oficial foi chamado procurador, de forma que a aplicação desse título a Pilatos, feita por Tácito, prova-

velmente é um anacronismo. **Pôncio Pilatos** (26-36 d.C.), o quinto desses governadores, exerceu o seu mandato durante o ministério de Jesus. Além do Novo Testamento, não há outros dados claros acerca do **Lisânias**, mencionado aqui.

Tendo colocado o começo do ministério de João no seu contexto político, Lucas o relaciona com a situação religiosa corrente. Tecnicamente, **Anás** não era sumo sacerdote, tendo sido deposto em 15 d.C. Supunha-se que os sumos sacerdotes devessem exercer o seu mandato a vida toda, mas, sob o domínio tanto de sírios como de romanos, eles tinham mandato incerto e freqüentemente breve (cf. Josefo, **Antig.** 20, 10). **Caifás**, genro de Anás, ocupou esse cargo durante a vida pública de Jesus. Pode ser presumido que Anás exercia um poder e influência que advinham do fato de ele ter sido sumo sacerdote.

A semelhança entre Lucas 3:1 e s. e a descrição feita por Tucídides, do começo da Guerra do Peloponeso (II.2), tem sido freqüentemente notada. Mas os paralelos do Velho Testamento, especialmente o relato da vocação de Jeremias (1:1-3), oferecem uma associação mais notável ainda. O ambiente histórico elaborado, ligado ao solene refrão: **veio a palavra de Deus a João**, identifica João com os grandes profetas do passado. Lucas dá notícias de que o silêncio dos séculos havia sido quebrado. Mais uma vez há um profeta, em Israel, que desafia o povo com a mensagem de Deus.

O **deserto** não é identificado, mas a sua localização exata não é importante. O que é importante são as idéias religiosas e associação histórica, evocados pela menção do deserto. Ali Deus se havia manifestado como o salvador do seu povo; e, no deserto, assim criam muitas pessoas, o drama final e decisivo da redenção teria início. Desta forma, o deserto era um palco apropriado para a vocação de João. A descrição da roupa e dieta de João é omitida (cf. Mat. 3:4; Mar. 1:6). Seria isto devido a uma relutância em identificá-lo com Elias (Conzelmann, p. 22 e ss.)?

João é retratado como pregador peripatético, que andava pela **circunvizinhança do Jordão**. Não existe resposta conclusiva para a pergunta acerca da origem do batismo de João. A sua prática podia estar ligada ao batismo de prosélitos (convertidos) ao judaísmo, com a significativa diferença de que ele chamava **judeus** para se submeterem ao seu batismo. Devido à impossibilidade de estabelecer definidamente uma data tão posterior para o batismo de prosélitos, não se pode ser dogmático a respeito desta posição. Têm sido feitas também tentativas para identificar o rito de João com o ritual sacramental mandeano, mas os argumentos se apoiam em bases históricas extremamente precárias. Os esforços para relacioná-lo com o batismo requerido para admissão na comunidade de Qumran são baseados em evidências mais plausíveis, mas longe de serem conclusivas. [13]

Que o batismo de João era novo e diferente é estabelecido pelo fato de que ele era conhecido como "o batizador" (Mar. 1:4). Esse apelido não se teria apegado a ele se a sua prática tivesse coincidido com a de outros, amplamente conhecida e usada. O seu batismo provavelmente era um ato de significado profético, através do qual ele reuniu uma comunidade, um remanescente tirado de Israel, desta forma esforçando-se para "preparar para o Senhor um povo apercebido" (1:17; cf. Barrett, p. 32 e s.). Ele é precursor do batismo "no Espírito Santo e em fogo", a ser administrado por Aquele que havia de vir (v. 16, mais adiante). Ele pode ter sido considerado como cumprimento de passagens como Isaías 1:16 e Jeremias 4:14.

A palavra grega **baptisma**, que ocorre aqui, é diferente, pois é usada apenas em relação ao batismo praticado por João e

13 Scobie, **op. cit.**, p. 102 e ss.

os primeiros cristãos. Isto separa este costume deles dos ritos batismais de outros grupos. Há poucos argumentos contra a opinião de que este batismo era uma experiência não repetível, que acarretava a imersão de todo o corpo.

O **arrependimento** qualifica o **batismo**, diferenciando-o de cerimônias de ablução ritual. O batismo de João era "de arrependimento", isto é, baseava-se ou caracterizava ou expressava uma atitude de arrependimento. A palavra grega significa literalmente "mudança de mente", mas a palavra hebraica por detrás dela é **shubh,** que significa tornar ou retornar. O arrependimento é tanto voltar as costas ao pecado como voltar-se para Deus, uma mudança fundamental e decisiva de direção na vida.

Para remissão de pecados não significa que o perdão é determinado por uma atitude ou ato humano. Nem o arrependimento nem o batismo podem roubar a Deus a sua soberana liberdade de agir como ele bem quiser. A preposição **para (eis)** tem um significado de premonição, de vistas para o futuro; descreve movimento para a frente. No contexto escatológico da pregação de João, essa frase aberta com "para" determina a esperança da pessoa que está sendo batizada e que se arrepende. Ela espera receber o perdão, em vez de condenação, por ocasião do julgamento.

A passagem de Isaías 40:3-5 (v. 4-6) originalmente era uma profecia de retorno dos exilados da Babilônia para a Palestina. O **deserto** era a terra árida que separava, os cativos, de sua terra natal — símbolo da desesperança de sua situação. Mas Deus devia guiá-los, como um Rei poderoso, por uma estrada preparada para ele, através de terreno difícil. No texto Massorético, a frase **no deserto** modifica **preparai**, como pode ser visto na tradução de Isaías 40:3, feita pela IBB, versão que estamos usando. A LXX, versão seguida por Lucas, fá-la modificar a **voz do que clama**. Desta forma, ela é aplicada de maneira apropriada a João, a **voz** profética proclamando no deserto que havia chegado a hora para a poderosa visitação há tanto esperada. Lucas estende a citação além de Marcos, para incluir Isaías 40:4,5, devido ao tema universal. A **salvação** a ser revelada não está limitada a Israel, mas é destinada a toda a raça humana. Ele também omite a citação de Malaquias 3:1, encontra em Marcos 1:2. Isto acontece, provavelmente, porque Lucas sabe que ela não provém de Isaías.

2) A **Pregação de João** (3:7-14)

7 João dizia, pois, às multidões que saíam para ser batizadas por ele: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira vindoura? 8 Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que até destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. 9 Também já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo.
10 Ao que lhe perguntavam as multidões: Que faremos, pois? 11 Respondia-lhes então: Aquele que tem duas túnicas, reparta com o que não tem nenhuma, e aquele que tem alimentos, faça o mesmo.
12 Chegaram também uns publicanos para serem batizados, e perguntaram-lhe: Mestre, que havemos nós de fazer? 13 Respondeu-lhes ele: Não cobreis além daquilo que vos foi prescrito. 14 Interrogaram-no também uns soldados: E nós, que faremos? Disse-lhes: A ninguém queirais extorquir coisa alguma; nem deis denúncia falsa; e contentai-vos com o vosso soldo.

As denúncias de João acarretam a necessidade de genuíno arrependimento antes do batismo. Em Lucas, a sua pregação é dirigida às **multidões**, ao invés de a "fariseus e saduceus", como em Mateus 3:7. **Víboras** significa cobras venenosas. O assunto é a malignidade do povo, que ele (povo) mesmo ainda não reconhecia e a ela não renunciava. A sua insinceridade e superficialismo religioso eram aparentes. Eles estavam simplesmente procurando salvar-se do holocausto iminente. É claro que João não atribuía poderes mágicos ao batismo. O rito não tem nenhum valor, se não houver uma reação sincera do indivíduo a Deus.

João requeria, de seus ouvintes, que se provassem a si mesmos, mediante uma nova qualidade de vida, expressa através de atos apropriados, que podem ser descritos como **frutos dignos de arrependimento**.

O orgulho especial dos judeus era o descenderem de **Abraão**; nisso também se baseava a sua esperança para o futuro. Moisés havia contendido com Deus, para sustar a destruição do povo, por respeito a Abraão, Isaque e Jacó (Êx. 32:13). Aquele pretexto não valia nem era suficiente na crise proclamada por João. A raça não será fator que valha no julgamento de Deus. Os ouvintes judeus não devem supor que são importantes para os propósitos de Deus, porque ele pode suscitar filhos até das pedras. Isto pode ser um jogo de palavras, visto que os dois vocábulos são muito semelhantes em hebraico.

João se considera como profeta do fim dos tempos. A crise final é iminente. A vinda de Yahweh significa tanto salvação como juízo, nos termos do Velho Testamento. Da mesma forma para João, mas ele estava dominado pela idéia de juízo. Talvez isso acontecesse devido à sua sensibilidade aos pecados do seu povo. Ele entendia que o seu ministério era um prelúdio ao julgamento — o último momento de oportunidade para arrependimento. O período restante da história é tão breve que pode ser comparado ao momento de tempo requerido para que o lenhador levante o seu **machado**, para dar o primeiro golpe no tronco da árvore. Na mensagem de João, as **árvores** representam os indivíduos, o que significa que o julgamento deve processar-se em bases pessoais. Pessoas que não se arrependem, infrutíferas, enfrentam o **fogo** consumidor da ira de Deus.

Quando o povo pede orientação, responde João com uma descrição da justiça, em termos de relacionamentos sociais concretos. Isto está em consonância com os melhores pensamentos dos profetas. Amós caracterizara os injustos como os que "pisam os necessitados e destroem os miseráveis da terra" (8:4). Segundo a mesma perspectiva, Isaías dissera que o justo reparte o seu pão com o faminto, recolhe em casa os pobres desamparados, e cobre o nu (58:7).

Túnicas eram a roupa interior, e não a veste exterior essencial, ou capa (cf. Luc. 6:29). Os viajantes freqüentemente vestiam duas túnicas, mas, na verdade, não precisavam de mais do que uma. Ao invés de ter mais do que o essencial para si, a pessoa afortunada devia **repartir** com outro ser humano que estivesse em necessidade.

De acordo com esta narrativa, João atraía as mesmas espécies de pessoas que gravitaram ao redor de Jesus. Os **publicanos** mencionados em o Novo Testamento eram, em sua maior parte, agentes coletores de baixo escalão. O pagamento de impostos, sempre desagradável, ficava ainda mais repugnante devido à exploração comumente praticada pelos coletores. O homem a quem uma região tivesse sido atribuída, mediante lances competitivos, como num leilão, podia enriquecer pedindo muito mais impostos do que seria, por sua vez, obrigado a entregar aos seus superiores. Entre os judeus, os coletores de impostos eram considerados particularmente odiosos, porque, como instrumentos de um poder estrangeiro odiado, se enriqueciam exaurindo os seus próprios conterrâneos.

A quantidade adequada de taxas a serem coletadas era determinada por lei ou costume. Os coletores de impostos foram instruídos, por João, para não cobrarem mais. Há uma implícita sanção do pagamento de impostos. Aparentemente, João repudiou os revolucionários incendiários de sua época.

O contexto dá a impressão de que os **soldados** são judeus, pois João se dirige apenas aos seus concidadãos. A sugestão de Plummer (p. 92), de que eles eram judeus recrutados para assistir os publicanos locais, é plausível. O uso enfático

do pronome pessoal é bem traduzido no texto: E **nós, que faremos?** Isto dá a entender que os soldados são identificados com os publicanos. Ê-lhes dito também para não usarem o poder de sua posição para aumentar a sua renda. Esta seção toda separa as origens do cristianismo das correntes revolucionárias, que finalmente irromperam em rebelião contra Roma, na guerra de 66-70 d.C. Ao mesmo tempo, não é certamente seguro pensar nas funções de um estado pagão como determinantes da atitude cristã quanto a questões de governo, guerra e paz, etc. A situação dos cristãos, na Roma pagã e totalitária, significava que as possibilidades deles eram muito mais limitadas e as suas responsabilidades pelo Estado muito menores do que a dos cristãos, em uma sociedade democrática ocidental.

3) João e Aquele Que Vem (3:15-17)

15 Ora, estando o povo em expectativa e arrazoando todos em seus corações a respeito de João, se porventura seria ele o Cristo, 16 respondeu João a todos, dizendo: Eu, na verdade, vos batizo em água, mas vem aquele que é mais poderoso do que eu, de quem não sou digno de desatar a correia das alparcas; ele vos batizará no Espírito Santo e em fogo. 17 A sua pá ele tem na mão para limpar bem a sua eira, e recolher o trigo ao seu celeiro; mas queimará a palha em fogo inextinguível.

A pregação do profeta do deserto ateara um fervor de expectativa messiânica e provocara especulação a respeito do papel de João, na crise que se aproximava. O texto expressa bem a atitude de incerteza, denotada pelo modo optativo do verbo: **se porventura seria ele o Cristo**. João não demonstrava as esperadas características do Messias. Ele não era descendente de Davi; também não realizava as obras poderosas esperadas do Messias. Há evidências de uma crença de que o Messias estava presente incógnito entre o povo, e não se revelava, por causa dos pecados deles. Talvez algumas pessoas pensassem que João era esse Messias oculto.

A resposta de João, à especulação do povo, é uma rejeição frontal dessa idéia. Pelo contrário, ele lhes indica alguém que **vem**. "Aquele que vem", uma forma participial do verbo usado na sua resposta, parece ter sido um título messiânico. [14] As multidões aclamaram Jesus como o Messias e se referiram a ele como Aquele Que Vem, quando ele entrou em Jerusalém (Luc. 19:38). A pergunta de João, a Jesus através dos seus discípulos, foi "Ês tu aquele que havia de vir?" (Luc. 7:19).

A negação de João, quanto ao seu messianismo, é expressa da maneira mais enfática. Ele está tão longe de ser o Messias, que não é **digno de desatar a correia das alparcas** dele. De acordo com o Talmude, um dos deveres dos escravos era tirar os sapatos de seu senhor (cf. Strack-Billerbeck, II, 1). Com efeito, João admite que não é digno nem mesmo de ser escravo do Messias.

O batismo de João era **em água**. Isto é, o seu ministério era de preparação, de chamar o povo ao arrependimento, de forma que ele se preparasse para o raiar da nova era. Em contraste, Aquele que Havia de Vir iria batizar **no Espírito Santo e em fogo**. A natureza enigmática desta expressão é indicada pela variedade de interpretações que lhe são sugeridas. Antes de tudo, o texto de alguns manuscritos e Pais da Igreja não contém a palavra "Santo". Tem sido sugerido que **Espírito Santo** é uma glosa dos cristãos primitivos que não representa o ensino de João. Porém não há razão nisto, porque João não podia ter predito o derramamento do Espírito como sinal e bênção da era messiânica, idéia que já era corrente (Ez. 36:27; Is. 44:3; Joel 2:28). E, também, o peso grandioso da evidência textual é em favor da retenção dessa expressão.

---

14 Veja Scobie, **ibid.**, p. 63 e ss., para uma discussão dessa idéia. Cf. o artigo por Johannes Schneider no **Theological Dictionary of the New Testament**, de Kittel, II, 670.

Se o intérprete permitiu que a estrutura gramatical da expressão fosse decisiva, seria forçado a chegar à conclusão de que batismo pelo **Espírito** e por **fogo** são dois aspectos da mesma experiência. Ambas as palavras parecem se referir ao mesmo grupo de pessoas. Nesse caso, entender-se-ia fogo como o processo purificador, refinador, a ser realizado pelo Espírito. Não obstante, o fogo é sempre ligado com juízo, na pregação de João, e, provavelmente, deve ser entendido como o fogo vindouro da ira de Deus, a ser derramado pelo Messias. Desta forma, João aponta para além de si mesmo, para outro, para alguém que havia de vir, que seria portador tanto da redenção quanto da ira de Deus.

No processo primitivo, de malhar grãos, estes eram separados da palha sendo lançados ao ar. O grão, mais pesado, cai ao solo, enquanto a palha, mais leve, é levada pelo vento. João declara que o juízo de Deus será como este processo de debulha, pelo fato de separar os verdadeiros israelitas daqueles que são falsos e inúteis. Depois da época da debulha, os fazendeiros se livravam da palha, destruindo-a com fogo. Mas o fogo do julgamento de Deus será **inextinguível**. Isto é, será inescapável, e, uma vez iniciado, nada pode deter o seu curso.

4) A **Prisão de João** (3:18-20)

18 Assim, pois, com muitas outras exortações ainda, anunciava o evangelho ao povo. 19 Mas o tetrarca Herodes, sendo repreendido por ele por causa de Herodias, mulher de seu irmão, e por todas as maldades que havia feito, 20 acrescentou a todas elas ainda esta, a de encerrar João no cárcere.

Lucas reconhece que o seu relatório acerca do ensino do Batista é condensado; João fez **muitas outras exortações**. Visto que a sua preocupação era o juízo vindouro e o terrível destino das pessoas que não estivessem preparadas para ele, a sua pregação dificilmente consistia em **boas-novas** para aqueles contra quem ela era dirigida. Mas as boas-novas da redenção de Deus também levam os homens a se colocarem sob o julgamento de Deus, e tornam-nos responsáveis por suas decisões.

A nota acerca do seu aprisionamento conclui o relato acerca do ministério de João. Por razões inteiramente suas, Lucas evidentemente desejava terminar o retrato que pintara de João, tanto quanto possível, antes de começar a apresentação do ministério de Jesus (cf. Conzelmann, p. 21).

Em sua denúncia da imoralidade de **Herodes** Antipas, João demonstra que merece ser contado com os seus grandes predecessores Elias e Natã. Eles também não haviam temido expor o mal que havia em altas esferas. Lucas não dá o nome do primeiro marido de **Herodias**, que era meio-irmão de Antipas. Josefo o chamou de Herodes. Marcos se refere a ele como Filipe, mas ele não era o tetrarca da Ituréia (Mar. 6:17).

A fim de casar-se com Herodias, Herodes Antipas havia-se divorciado da filha de Aretas, monarca nabateano vizinho, precipitando uma crise de proporções internacionais. Quando João reprovou o tetrarca, por suas ações, foi aprisionado. O Novo Testamento interpreta este fato como uma reação de culpa da parte de Antipas; mas ele pode também ter sido motivado politicamente, como sugere Josefo (**Antig.** 18, 5, 2). As penetrantes reprimendas do popular profeta podiam ter agravado uma situação política já sensível. Antipas não estava agindo movido por seu caráter, ao tratar João brutalmente, pois essa foi nada mais do que mais uma das **maldades** que ele fez. A derrota subseqüente de Herodes, pelo magoado Aretas, foi interpretada popularmente, como julgamento de Deus sobre ele, pela execução de João Batista.

2. A **Preparação de Jesus** (3:21-4:13)

1) **O Batismo de Jesus** (3:21,22)

21 Quando todo o povo fora batizado, tendo sido Jesus também batizado, e estan-

do ele a orar, o céu se abriu; 22 e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e ouviu-se do céu esta voz: Tu és o meu Filho amado; em ti me comprazo.

Certos problemas foram produzidos, na comunidade cristã primitiva, pelo batismo de Jesus. O fato de que ele fora batizado por João foi usado, por alguns dos seguidores de João, como evidência da superioridade do Batista. Jesus também aceitou um batismo do tipo "de arrependimento", ao qual os pecadores eram chamados. Mas, "em seu próprio ensino, não há nenhuma evidência de que ele alguma vez experimentou a alienação de Deus, que é a mais perniciosa conseqüência do pecado" (Caird, p. 76).

A narrativa do Evangelho enfrenta essas dificuldades de várias maneiras. Mateus mostra que João batizou Jesus relutantemente, e concordou apenas por insistência do candidato (3:14,15). João não menciona o batismo de Jesus. Lucas descreve o acontecimento com um particípio passivo, que remove a necessidade de se mencionar o nome de João em conexão com o batismo. O batismo de Jesus também é isolado do batismo do povo. A estranheza gramatical extrema, dos versículos 21 e 22, é contornada pela construção mais gramatical do tradutor em português. A passagem parece dizer: (1) O batismo de Jesus seguiu-se ao batismo de **todo o povo**, a saber, a multidão com quem João estava tendo um diálogo. (2) A descida do Espírito seguiu-se ao batismo de Jesus. (3) Esta experiência ocorreu enquanto Jesus estava orando.

Em todos os Evangelhos, a vinda do Espírito sobre Jesus é comparada à descida de uma pomba. Esta comparação do Espírito de Deus com uma pomba é incomum. O paralelo mais próximo parece ser o encontrado no Targum, no Cântico de Salomão 2:12, que diz que a "voz da pomba" é a "voz do Espírito Santo de Redenção". Barrett apresenta uma boa discussão do simbolismo da pomba (p. 35 e ss.). Lucas exclui a possibilidade de uma interpretação metafórica de sua descrição, mediante a frase **em forma corpórea**. Ele afirma que a descida do Espírito estava sujeita a verificação visual.

Há uma séria questão textual relacionada com o verso 22. O peso das evidências apresentadas pelos manuscritos se exerce do lado do texto adotado pelos tradutores da IBB. No entanto, em algumas testemunhas muito importantes, a mensagem celestial é uma citação de Salmos 2:7. Alguns eruditos acham que essa era a redação original, e que foi rejeitada por escribas posteriores, porque implicaria em uma cristologia adocionista. [15] Este julgamento é difícil de ser sustentado. O autor de Hebreus aplica o mesmo texto ao Cristo preexistente (1:5), mostrando que ele percebia a incongruência em tal aplicação. Pais da Igreja, como Justino, Clemente de Alexandria e Agostinho, não viam um problema teológico no uso desse texto. É provável, portanto, que a redação mais bem comprovada (a do texto) seja correta, e a variante represente uma assimilação posterior do texto veterotestamentário.

Amado pode ser um título messiânico (cf. Ef. 1:6). O pronunciamento seria, então: "Tu és o meu Filho, o Messias." A mensagem da voz celestial é muito semelhante à versão de Isaías 42:1, citada em Mateus 12:18. Esta parece identificar Jesus como o Servo Sofredor de Isaías. O batismo de Jesus e experiências associadas da descida do Espírito constituem a sua ordenação para um ministério como Servo Sofredor-Messias. De sua parte, o batismo é a sua entrega pública à vontade de Deus para a sua vida. Como tal, ele acarretava, antecipadamente, no sofrimento e sacrifícios que se seguiriam, e especificamente a sua morte.

Quando e como Jesus chegou à convicção de que devia desempenhar um papel

15 Idéia de que Jesus tornou-se o Filho de Deus por adoção na ocasião do seu batismo que, na verdade, envolve a negação de sua preexistência.

tão singular, na história da salvação, deverá continuar um mistério. O seu batismo foi, provavelmente, o clímax de um longo período de reflexão, luta interior e percepção cada vez mais profunda. De qualquer forma, o batismo é considerado como o acontecimento com que se iniciou o ministério público de Jesus.

2) A Genealogia de Jesus (3:23-38)

23 Ora, Jesus, ao começar o seu ministério, tinha cerca de trinta anos; sendo (como se cuidava) filho de José, filho de Eli; 24 Eli de Matate, Matate de Levi, Levi de Melqui, Melqui de Janai, Janai de José, 25 José de Matatias, Matatias de Amós, Amós de Naum, Naum de Esli, Esli de Nagai, 26 Nagai de Maate, Maate de Matatias, Matatias de Semei, Semei de Joseque, Joseque de Jodá, 27 Jodá de Joanã, Joanã de Resa, Resa de Zorobabel, Zorobabel de Salatiel, Salatiel de Neri, 28 Neri de Melqui, Melqui de Adi, Adi de Cosão, Cosão de Elmodã, Elmodã de Er, 29 Er de Josué, Josué de Eliézer, Eliézer de Jorim, Jorim de Matate, Matate de Levi, 30 Levi de Simeão, Simeão de Judá, Judá de José, José de Jonã, Jonã de Eliaquim, 31 Eliaquim de Meleá, Meleá de Mená, Mená de Matatá, Matatá de Natã, Natã de Davi, 32 Davi de Jessé, Jessé de Obede, Obede de Boaz, Boaz de Salá, Salá de Nasom, 33 Nasom de Aminadabe, Aminadabe de Admim, Admim de Arni, Arni de Esrom, Esrom de Farés, Farés de Judá, 34 Judá de Jacó, Jacó de Isaque, Isaque de Abraão, Abraão de Tará, Tará de Naor, 35 Naor de Seruque, Seruque de Ragaú, Ragaú de Faleque, Faleque de Eber, Eber de Salá, 36 Salá de Cainã, Cainã de Arfaxade, Arfaxade de Sem, Sem de Noé, Noé de Lameque, 37 Lameque de Matusalém, Matusalém de Enoque, Enoque de Jarede, Jarede de Maleleel, Maleleel de Cainã, 38 Cainã de Enos, Enos de Sete, Sete de Adão, e Adão de Deus.

Visto que Jesus nasceu antes da morte de Herodes, o Grande (4 a.C.), e começou o seu ministério no décimo quinto ano do reinado de Tibério (28-29 d.C.), ele devia ter trinta e dois ou, possivelmente, trinta e seis anos de idade por ocasião do seu batismo. Lucas diz que Jesus tinha **cerca de trinta anos**, o que deixa espaço para os ajustamentos requeridos pelos dados que temos.

A descrição da unção de Jesus como Messias é acompanhada pela prova convencional de que ele cumpria os requisitos para o ofício, por ser Filho de Davi. Pode ser por isso que a genealogia é colocada aqui, em vez de sê-lo com as narrativas do nascimento, onde parece que ela se encaixaria mais logicamente. Este arranjo também pode ter sido influenciado pelo fato de que as narrativas do nascimento e a genealogia vieram de fontes diferentes.

Há diversas variações entre a lista dos ancestrais de Jesus apresentados por Mateus e a por Lucas. Só Lucas trata do período entre Adão e Abraão. A partir de Abraão a Davi, há uma concordância genérica entre Mateus e Lucas. O problema de fontes não é suscitado, porque as relações do Velho Testamento tinham autoridade (I Crôn. 1 e 2). Lucas traça a descendência de **Davi** através de **Natã**, enquanto a linhagem apresentada por Mateus passa por Salomão. **Zorobabel** e **Salatiel** são os dois únicos descendentes de Davi encontrados em ambas as listas.

Têm sido feitas várias tentativas para conciliar as duas árvores genealógicas, sugerindo que Lucas traça a genealogia de Jesus através de Maria, em contraste com Mateus, que a traça através de José. Neste caso, a expressão **como se cuidava** é considerada parentética, como, na verdade, está na versão da IBB. Assim sendo, o verso 23 é interpretado como dizendo que Jesus, na verdade, era filho de Eli (neto), pai de Maria, embora se supusesse que ele fosse filho de José. Sem se considerar a improbabilidade desta exegese, ela ainda presume uma prática contrária à normal. A árvore genealógica era comumente traçada através do pai. E, sobretudo, o fato de Lucas ter aceitado a concepção sobrenatural de Jesus não o impedia de traçar a árvore genealógica de Jesus através de José, como forma válida de estabelecer uma reivindicação à ascendência davídica.

A característica significativa da genealogia de Lucas é ter-se estendido até **Adão**. Isto estabelece a conexão de Jesus com toda a humanidade. Nenhum grupo pode reclamá-lo apenas para si; ele pertence a todos. Pelo mesmo gabarito, a

sua missão não era estreita e provincial. Era universal, em sua simpatia e alcance. Sobretudo, qualquer pessoa que se identifique com este filho de Adão, ao fazê-lo, transcende o seu próprio círculo racial ou social. Ela se coloca no contexto muito mais amplo da "nova raça" do povo de Deus, juntado de todas as terras e tribos.

3) A Tentação de Jesus (4:1-13)

1 Jesus, pois, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão; e era levado pelo Espírito no deserto, 2 durante quarenta dias, sendo tentado pelo Diabo. E naqueles dias não comeu coisa alguma; e, terminados eles, teve fome. 3 Disse-lhe então o Diabo: Se tu és Filho de Deus, manda a esta pedra que se torne em pão. 4 Jesus, porém, lhe respondeu: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem. 5 Então o Diabo, levando-o a um lugar elevado, mostrou-lhe, num relance, todos os reinos do mundo. 6 E disse-lhe: Dar-te-ei toda a autoridade e glória destes reinos, porque me foi entregue, e dou a quem eu quiser; 7 se tu, pois, me adorares, será toda tua. 8 Respondeu-lhe Jesus: Está escrito:

Ao Senhor teu Deus adorarás,
e só a ele servirás.

9 Então o levou a Jerusalém e o colocou sobre o pináculo do templo e lhe disse: Se tu és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo; 10 porque está escrito:

Aos seus anjos ordenará a teu respeito, que te guardem;
11 e:
eles te susterão nas mãos,
para que nunca tropeces em alguma pedra.

12 Respondeu-lhe Jesus: Dito está: Não tentarás o Senhor teu Deus. 13 Assim, tendo o Diabo acabado toda sorte de tentação, retirou-se dele até ocasião oportuna.

A entrega pública de Jesus ao propósito divino para a sua vida, isto é, ser o Messias de Deus, é seguida por um período de solidão e reflexão, em que ele luta com os significados da sua experiência e a direção que a sua vida devia tomar. Há uma validade existencial na justaposição das duas narrativas: a do batismo e a da tentação. Num átimo de tempo, Jesus havia visto o que outros não podiam ver, havia ouvido o que outros não podiam ouvir. Agora levanta-se a interrogação: A experiência recente agüentará o teste da reflexão e da crítica? O que em determinado momento parece tão real, tão correto, tão autêntico, pode começar a parecer, em retrospecto, obscuro, irreal, insensato, visionário.

As tentações marcaram o começo do ministério de Jesus, mas também revelam a tensão em que ele se procedeu. Havia uma luta básica entre o seu cometimento e as idéias dos seus contemporâneos. As fortes pressões do seu meio ambiente tentavam forçá-lo a amoldar-se à forma messiânica criada pelas idéias populares e ambições inconfessadas. Ele lutou contra essas forças desde a experiência do deserto até a agonia do Getsêmane.

A chave para a interpretação das tentações nos é dada pelo autor de Hebreus, que diz que Jesus, "como nós, em tudo foi tentado" (4:15). As tentações são genuínas; as lutas descritas, reais. Assim sendo, o relato tem significado para os seres humanos, que se encontram assoberbados nas pressões da vida. A forma dramática em que a narrativa é feita não deve ter a possibilidade de influenciar o intérprete, a ponto de levá-lo a entender as tentações em termos míticos, totalmente desvinculados com a situação real da vida.

Lucas nos diz que Jesus **voltou do Jordão**. Mas para que lugar? A descrição dos seus movimentos dificilmente pode-se dizer que seja clara. Nos paralelos (Mar. 1:12; Mat. 4:1) Jesus vai diretamente do Jordão para o deserto. **Cheio do Espírito Santo** é uma anotação de Lucas. Pedro, Barnabé, Estêvão e Paulo também são descritos dessa forma. Eles são distinguidos dos outros, cuja possessão pelo Espírito é menos marcante, mais esporádica. Jesus foi levado **no** em vez de **pelo** Espírito: a preposição grega **en** deve exercer, aqui, a sua força locativa. Os seus dias no deserto foram passados no ambiente do Espírito. A variação de Marcos 1:12 pode refletir um esforço para evitar a sugestão de que Jesus era subordinado ao Espírito. O deserto não é determinado, mas isso não é importante. É o lugar de provação. No Velho Testa-

mento, **quarenta dias** é o período costumeiro desse tipo de experiência. Moisés (Deut. 9:9) e Elias (I Reis 19:8) jejuaram quarenta dias.

O **Diabo** (Satanás no paralelo de Marcos) é o adversário de Deus, procurando alienar o homem do seu Criador. Ele tenta a humanidade, com o objetivo de produzir a sua queda e destruição (cf. Stagg, p. 21 e ss.). O choque entre Jesus e Satanás é um choque de poderes entre dois reinos: o reino de Deus e o reino do mal.

A fome que Jesus sofre é a ocasião para a primeira tentação. A voz, por ocasião do batismo, declara que ele era Filho de Deus. Porém, não seria a sua experiência de fome e privação no mundo de Deus uma zombeteira contradição desse relacionamento? Ele necessitava de pão, mas ao seu redor havia apenas pedras. Uma genuína prova de sua identidade não seria uma exibição de controle sobre a criação, transformando uma **pedra** em pão que salvasse a sua vida? Essa é a luta que os seguidores de Jesus também experimentam. Se somos filhos de Deus, porque precisamos sofrer, enquanto outros gozam de saúde? Por que precisamos ser pobres, enquanto outros prosperam?

Mas a fé em Deus não deve depender da quantidade de pão que uma pessoa tem. Este fora o pecado de Israel (Êx. 16:2 e s), quando se defrontara com uma situação semelhante à em que Jesus se encontrava. Transformar pedras em pães não provaria a sua filiação. De fato, demonstraria exatamente o oposto. A filiação não é expressa pelo exercício de alguma espécie de poder mágico, mas pela fé calma e confiante em Deus, no meio das circunstâncias mais difíceis da vida. E, também, o amor de Deus não é provado pela quantidade de pão que uma pessoa tem (e nem pelo número de carros na garagem). Jesus se recusou a cometer o pecado que outrora Israel cometera. Ele não cessaria de depender do amoroso cuidado de Deus para suprir o de que necessitava (cf. 12:22-31). Da mesma forma, ele também não subordinaria o seu interesse primordial para com o reino de Deus, às necessidades físicas e secundárias da vida. Ele rejeitou a tentação com uma referência à lição que Deus havia ensinado a Israel no deserto (Deut. 8:3). O homem é mais do que estômago, que precisa ser cheio, e corpo, que precisa ser vestido. Ele é um filho de Deus que precisa depender sempre de sua palavra criativa e sustentadora, para preencher as mais profundas necessidades de sua existência, com a certeza de que todas as outras coisas também lhe serão providas (Mat. 6:33).

A segunda tentação ilustra uma tensão de maiores proporções na vida de Jesus. Muitas pessoas esperavam que o Messias fosse um governante mundial que iria "restaurar o reino a Israel", tarefa que muitos achavam que acarretaria um conflito militar. Embora uma pessoa não possa ver simultaneamente **todos os reinos do mundo**, não é impossível um homem visualizar-se como governante do mundo, e fazer disso a sua ambição. Esse é o prêmio que Satanás acena diante de Jesus.

A fé bíblica repousa sobre a convicção de que a **autoridade** sobre o mundo pertence, em última análise, a Deus. Deus pode dar autoridade a outro poder, ou permitir-lhe que o exerça. Desta forma, em o Novo Testamento Satanás é chamado de "príncipe deste mundo" (João 12:31) ou, ainda mais vividamente, "o deus deste século" (II Cor. 4:4). Mas isso deve ser entendido apenas em sentido limitado. Ele é o príncipe de uma era que está passando. A soberania de Deus por fim será estabelecida sobre todos os elementos recalcitrantes do universo.

Aqui Satanás diz ser capaz de transferir à vontade o domínio que está debaixo de sua soberania. A Jesus ele oferece o governo do mundo, exigindo, como preço dele, que Jesus o **adore**. Adorar o Diabo é adotar os métodos satânicos, escolher as armas de poder, violência, e destruição, para alcançar os

objetivos que se tem em vista. Talvez esta narrativa deva ser entendida como comentário acerca das ambições nacionalistas, que se alteavam tão fortemente em alguns corações judeus. Elas seriam classificadas como satânicas. Mais uma vez Jesus responde com uma citação bíblica (Deut. 6:13). Ele servirá apenas a Deus, o que significa, traduzido em estilo de vida, que trilhará o caminho de sofrimento redentor e rejeitará o caminho que parece oferecer aceitação popular — sucesso, em sentido convencional — e poderio temporal.

O cenário da terceira tentação é o **templo** em **Jerusalém**. A identificação do **pináculo** é incerta. Provavelmente, era o ponto mais alto de uma parede ou ameia, de onde era grande a distância até o solo, a cavaleiro de uma ravina (Josefo, **Antig.**, 15,11,5).

O Templo, centro da vida religiosa judaica, em que multidões de adoradores passageiras, fervorosas e patrióticas se apinhavam nos dias de festa, era o lugar ideal para uma demonstração dramática e sensacional de poder messiânico (cf. João 7:2 e ss.). Uma manobra como essa serviria para atrair o povo e iniciar a libertação de Jerusalém e o restabelecimento da dinastia davídica.

O desafio é baseado na hipótese em que se baseara a primeira tentação: **Se tu és Filho de Deus**. Ele é até justificado, com um texto de prova tirado de Salmos 91:11,12 — uma boa ilustração da fraqueza desta maneira de entender a Bíblia. Jesus rejeita a sugestão de que devia **tentar** a Deus, isto é, submetê-lo a um teste assim. Submeter-se a esse tipo de tentação, não importa quão piedosas sejam as racionalizações, resulta em um esforço em forçar Deus, colocando-o contra a parede e levando-o a agir em termos diferentes aos dele mesmo. Esse foi o pecado de que os filhos de Israel foram culpados (Êx. 17:2), e que Moisés advertiu-os a não repetir (Deut 6:16). Estas palavras de advertência constituem a resposta de Jesus à tentação. Ele não repetiria o pecado de Israel. Precisa-se deixar que Deus aja à sua própria forma e em seu próprio tempo. A única atitude apropriada a um filho de Deus é de confiante fé e espera paciente nele.

As tentações de Jesus estão em íntima relação com a prova de Israel no deserto. O simbolismo dos quarenta dias, o caráter das tentações, e especialmente as respostas de Jesus, todas tiradas de Deuteronômio, apontam para as primeiras provas de Israel. Há uma grande diferença. Enquanto os filhos de Israel haviam sucumbido sob as provas do deserto, este forte Filho de Deus emerge vitorioso sobre cada uma das tentações.

Depois de exaurir as possibilidades do momento, o Diabo se retira, **até ocasião oportuna**. Isso se refere, possivelmente, à nota de Lucas 22:2, acerca dos ataques renovados, desferidos contra Jesus, pelo Diabo. Entre esses dois incidentes, o ministério de Jesus correrá o seu curso predeterminado.

III. O Ministério na Galiléia (4:14-9:50)

1. Ensino nas Sinagogas (4:14-30)

1) Aceitação na Galiléia (4:14,15)

14 Então voltou Jesus para a Galiléia no poder do Espírito; e a sua fama correu por toda a circunvizinhança. 15 Ensinava nas sinagogas deles, e por todos era louvado.

Este comentário editorial propicia um laço de transição entre o batismo e a tentação de Jesus, e o seu subseqüente ministério na Galiléia. Mateus (4:12) e Marcos (1:14) ligam a volta de Jesus para a Galiléia e o começo do seu ministério público com a prisão de João Batista. Mas Lucas já descreveu a prisão de João. A referência ao **Espírito** estabelece um relacionamento íntimo entre os relatos precedentes do batismo e tentação e a reportagem seguinte a respeito do ministério na Galiléia. O **poder do Espírito** descera sobre Jesus por ocasião do seu batismo, capacitando-o a obter vitória

sobre Satanás, e agora será demonstrado no ministério público que se inicia. É especialmente o seu poder para expulsar demônios e para curar. Dos evangelistas, apenas Lucas associa desta forma o poder de Deus com o Espírito (1:35; cf. At. 1:8).

Bem depressa Jesus se tornou o centro de muita atenção pública, à medida que a sua fama se espalhou. Lucas, com os outros evangelistas, menciona a sinagoga como centro do ministério de ensino de Jesus, nas primeiras fases de sua ministração. A hostilidade crescente contra ele, da parte dos líderes religiosos, aparentemente forçou-o a sair das sinagogas, ou levou-o a decidir em continuar o seu ensino e outras atividades ao ar livre. A reação popular contra ele foi positiva, como é descrito no comentário **por todos era louvado**. Porém esta não é a verdadeira glória de Jesus. Ele vai se dedicar à trilha que leva à glória de Deus, o que inclui tomar atitudes que levarão o povo a não entendê-lo. O seu ministério se inicia com ele sendo glorificado pelos homens, e termina com ele sendo glorificado por Deus.

2) Rejeição em Nazaré (4:16-30)

16 Chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou na sinagoga no dia de sábado, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. 17 Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; e, abrindo-o, achou o lugar em que estava escrito:

18 O Espírito do Senhor está sobre mim,
porquanto me ungiu para anunciar boas-novas aos pobres;
enviou-me para proclamar libertação aos cativos,
e restauração da vista aos cegos,
para pôr em liberdade os oprimidos,
19 e para proclamar o ano aceitável do Senhor.

20 E, fechando o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. 21 Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta escritura aos vossos ouvidos. 22 E todos lhe davam testemunho, e se admiravam das palavras de graça que saíam da sua boca; e diziam: Este não é filho de José? 23 Disse-lhes Jesus: Sem dúvida, me direis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; tudo o que ouvimos teres feito em Cafarnaum, faze-o também aqui na tua terra. 24 E prosseguiu: Em verdade vos digo que nenhum profeta é aceito na sua terra. 25 Em verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel nos dias de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, de sorte que houve grande fome por toda a terra; 26 e a nenhuma delas foi enviado Elias, senão a uma viúva em Sarepta de Sidom. 27 Também muitos leprosos havia em Israel no tempo do profeta Eliseu, mas nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o sírio. 28 Todos os que estavam na sinagoga, ao ouvirem estas coisas, ficaram cheios de ira 29 e, levantando-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até o despenhadeiro do monte em que a sua cidade estava edificada, para dali o precipitarem. 30 Ele, porém, passando pelo meio deles, seguiu o seu caminho.

O relatório a respeito da rejeição de Jesus, em Nazaré, é transposto — de acordo com a maioria dos intérpretes — do contexto de Marcos (Mar. 6:1-6) para este lugar. Várias considerações sustentam esta conclusão: (1) Ele se encaixa muito melhor no contexto de Marcos, que dá tempo para o desenvolvimento do ministério de Jesus, e prepara o palco para a espécie de reação contra ele aqui descrita. (2) Embora ele siga Marcos cuidadosamente, nesta apresentação do ministério na Galiléia, Lucas omite o relato feito por Marcos, acerca da experiência em Nazaré, quando chega a ela. Desta forma, ele mostra que já havia usado este material. (3) A menção a milagres em Cafarnaum (4:23) seguiria mais naturalmente a descrição das atividades de Jesus nessa cidade (4:31 e ss.).

É dificilmente discutível que a transposição tenha sido deliberada. A razão para a liberdade com que Lucas maneja o material é igualmente clara. Desta forma, Lucas usa um episódio apropriado aos seus objetivos, com o qual introduz o ministério de Jesus. Da maneira como é apresentado em Lucas, o episódio de Nazaré representa muito bem o quadro que o autor está procurando pintar em toda a sua obra. De fato, ele é um microcosmo do todo, Lucas-Atos em miniatura, pode-se dizer. Em esboço, ele corresponde intimamente ao relato de

Marcos, mas as variações e elaborações acrescentam a ênfase característica de Lucas. Especialmente a dialética judaico-gentílica, da perspectiva de Lucas, descortina esta história.

Nazaré, cidade natal de Jesus, é a primeira parada no itinerário galileu de pregações, da forma como se esboça no terceiro Evangelho. Jesus oferece, em primeiro lugar, as boas-novas ao seu próprio povo, e força sobre eles a necessidade de tomar uma decisão a respeito dele. O mais que perfeito **fora criado** dá a inferência de que Jesus estivera ausente de Nazaré durante algum tempo, antes desta sua visita. Lucas enfatiza que a sua visita à **sinagoga no dia de sábado** estava em consonância com o seu **costume**. Isto nos leva a ligar Jesus com as práticas piedosas judaicas, um dos temas que verificamos nas histórias de seu nascimento e infância.

Nas reuniões na sinagoga, a primeira leitura da Escritura era feita da **Torah**, e seguia um calendário de 155 lições definidas, designadas a completar todo o Pentateuco em ciclos de três anos. Na Palestina e na Babilônia, a leitura de cada versículo do texto hebraico era seguida por uma tradução do aramaico, a língua franca do Oriente Médio. A leitura dos profetas seguia à do **Torah**. Não está claro se a escolha dessa passagem foi feita pelo chefe da sinagoga. Talvez a escolha fosse deixada por conta do leitor. Qualquer pessoa podia ser convidada a ler a lição da Escritura, que era seguida por um sermão, quando um mestre competente estava presente. Geralmente, a pessoa fazia a leitura da Escritura de pé, mas proferia o sermão sentada (veja v. 16 e 20).

A citação de Isaías é uma versão um tanto livre da Septuaginta, de porções de Isaías 61:1,2 e 58:6. A referência ao Espírito faz eco à experiência do batismo, quando Jesus fora ungido para a sua missão messiânica. A natureza do ministério de Jesus é delineada em termos da palavra profética. Há significativa diferença entre Marcos e Lucas, neste ponto. Marcos diz que Jesus proclamou a proximidade do reino e recomendou arrependimento e fé como reações aceitáveis (Mar. 1:14,15). Lucas geralmente evita o tema da iminência do reino, enfatizando, pelo contrário, que o ensino e pregação de Jesus se referiam à natureza do reino (cf. 4:43; 16:16). Jesus é o portador das **boas-novas** destinadas aos destituídos, aflitos e oprimidos. Os **pobres, cativos, cegos**, etc., descrevem a bancarrota e miséria espiritual a que respondem as boas-novas trazidas por Jesus. O evangelho é dirigido àqueles cuja única esperança é que Deus aja em seu favor, para realizar libertação e cura. As boas-novas são o descobrimento de que de fato é isto que Deus está fazendo. As palavras que descrevem o povo a quem se dirige o evangelho não devem, todavia, merecer um tratamento exclusivamente simbólico, pelo fato de Lucas mostrar que Jesus, na verdade, as identificou primariamente com as pessoas destituídas social, religiosa e economicamente, em sua época. O **ano aceitável do Senhor** é a era messiânica que começava, então, na pessoa e obra de Jesus.

O **assistente** que recebeu o rolo de Isaías, a fim de fazê-lo voltar à caixa, é o **chazan**. Ele parece ter funcionado como assistente do chefe da sinagoga, em uma função semelhante à do diácono na igreja primitiva.

A história agora assume um tom altamente dramático. Jesus **sentou-se** em uma atmosfera de um silêncio expectante, em que **os olhos de todos... estavam fitos nele**. A quietude é quebrada pela solene cadência de uma sensacional revelação: **Hoje se cumpriu esta escritura aos vossos ouvidos**. Ele, a Pessoa a quem o Espírito havia ungido para ser o servo de Yahweh preconizado por Isaías, havia lido, diante daquela congregação, a passagem que determinava o seu programa. Eles haviam sido introduzidos à era messiânica, visto que estavam na presença do Messias de Deus. O tempo de expecta-

tiva havia terminado: havia chegado o tempo da decisão. A confrontação deles com Jesus era o momento crucial, quando Deus pronunciava o "agora" decisivo do cumprimento profético.

A reação inicial foi favorável. A congregação achou as suas palavras **de graça**, isto é, agradáveis e atraentes. Mas, na verdade, não entendeu quem era Jesus. Para eles, ele era o **filho de José**, conclusão que se situa a distância infinita do entendimento genuíno de que ele é o Filho de Deus, conforme retratado por Lucas.

Direis (v. 23) é considerado por alguns intérpretes como futuro profético, descrevendo a reação que os feitos de Jesus, em Cafarnaum, quando relatados, ocasionarão em sua própria cidade (cf. Conzelmann, p. 34). O provérbio que se segue era comum no mundo antigo. Não se aplica nitidamente a esta situação, visto que se requer que Jesus realize milagres diante dos seus compatriotas, curando outras pessoas além de si mesmo. Não obstante, o sentido geral é claro. Da mesma forma como um médico é desafiado a provar a sua capacidade, exercendo as artes de sua cura em suas próprias enfermidades, Jesus é desafiado a fazer, em benefício do seu próprio povo, o que fizera em uma cidade vizinha. As suas reivindicações serão sustentadas por sinais. A natureza descomprometida daquela atitude é enfatizada pela palavra **sem dúvida**, que é uma forte afirmativa. É a história das tentações ilustrada pelos acontecimentos do ministério de Jesus: "Se você diz ser o Messias, precisa realizar as obras que se espera do Messias, aqui diante de nós."

A atitude da congregação é uma ilustração do axioma de que **nenhum profeta é aceito na sua terra**. Em Lucas, a rejeição de Jesus faz parte da constante rejeição dos profetas, da parte do seu próprio povo (At. 7:52). Jesus usa duas ilustrações do Velho Testamento para justificar a sua recusa para aceder às exigências do seu povo, que pedia um sinal. Tanto **Elias** como **Eliseu** haviam realizado obras poderosas em favor de estrangeiros, que não haviam feito para os seus próprios conterrâneos. Vários pontos, que são importantes para o desenvolvimento de Lucas-Atos, emergem aqui: a hostilidade à mensagem do Velho Testamento, por parte do próprio povo que o reclamava como herança sua; a referência a gentios, que estabelece os alicerces para a disseminação do evangelho além da raça judaica; a ira assassina da assembléia, quando se dá a entender que os desprezados gentios recebem os benefícios que lhes são negados.

O **despenhadeiro** tem sido identificado divergentemente. O lugar tradicional é um precipício de duzentos e cinqüenta a mil metros de altura, a sudeste de Nazaré, a qual está construída na encosta de uma colina. É certo que o leitor deve entender que o escape de Jesus da tentativa de homicídio, levada a efeito contra ele, foi realizada por meios sobrenaturais. Há uma relação entre este incidente e a terceira tentação. O leitor percebe que Jesus, na verdade, possuía os poderes que se recusara a usar sob a espécie errada de pressão. Outra conexão pode estar na mente do autor, quando ele pensa na história futura a ser relatada no livro de Atos. Ali, ele contará como o evangelho sobreviveu triunfantemente a atos semelhantes, de hostilidade e rejeição, da parte dos judeus.

2. Obras Poderosas de Jesus (4:31-5:16)

1) O Endemoninhado (4:31-37)

31 Então desceu a Cafarnaum, cidade da Galiléia, e os ensinava no sábado. 32 E maravilhavam-se da sua doutrina, porque a sua palavra era com autoridade. 33 Havia na sinagoga um homem que tinha o espírito de um demônio imundo; e gritou em alta voz: 34 Ah! que temos nós contigo, Jesus, nazareno? vieste destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus. 35 Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai dele. E o demônio, tendo-o lançado por terra no meio do povo, saiu dele sem lhe fazer mal algum. 36 E veio espanto sobre todos, e falavam entre si, perguntando uns aos outros: Que

palavra é esta, pois com autoridade e poder ordena aos espíritos imundos, e eles saem? 37 E se divulgava a sua fama por todos os lugares da circunvizinhança.

Lucas agora começa a seguir Marcos, e o faz até 6:19, exceto a interrupção ocasionada pela inserção de 5:1-11. **Cafarnaum**, importante cidade a noroeste do Mar da Galiléia, foi o centro do ministério galileu de Jesus. Os seus feitos e a recepção que lhe foi feita ali contrastaram marcadamente a sua experiência em Nazaré. O visitante do Tell Hum, local da antiga cidade de Cafarnaum, encontrará as ruínas escavadas de uma sinagoga que data do terceiro século. Ela pode estar localizada no mesmo local da sinagoga em que Jesus ensinou.

O aspecto mais significativo de sua obra foi a **autoridade** de sua palavra. A autoridade, em última análise, pertence a Deus. É o ilimitado e incontestável direito e poder de agir que lhe pertence como Criador e Governador do universo. Ele é exercido unicamente por Jesus, por causa de sua relação com Deus, como Filho. Portanto, é a sua liberdade e capacidade de agir como Filho de Deus. O instrumento de sua autoridade é a sua palavra, que é a palavra de Deus, criativa e vivificadora. Marcos, na passagem paralela, nota, como comentário, que Jesus não ensinava como os escribas (1:22). Em outras palavras, ele não documentava os seus ensinamentos com opiniões dos sábios judeus do passado. Este comentário é omitido por Lucas, para quem a autoridade das palavras de Jesus é demonstrada em primeiro lugar pelo seu poder sobre as doenças e os demônios (v. 36). Os atos de exorcismo e cura, por Jesus, são diretos, realizados tão-somente pelo poder de sua palavra. Assim sendo, palavras e atos são praticamente sinônimos; a palavra de Jesus são seus atos.

O homem que é beneficiário da primeira demonstração (em Lucas) do poder de Jesus, é mencionado como portador de um **espírito de um demônio imundo**. Esta expressão é incomum. Em outras partes do Novo Testamento, encontramos "espírito", "espírito imundo", "espírito maligno" ou "demônio", e umas poucas expressões como "espírito mudo". Os demônios, no pensamento judaico e cristão, são maus ou imundos por definição, e o uso de adjetivos tão descritivos é, portanto, redundante. Talvez a expressão de Lucas seja uma acomodação do mundo das idéias helênicas do seu público ledor, em que os demônios podiam ser bons ou maus.

Os antigos explicavam o comportamento errático e aberrativo, causado por distúrbios emocionais, em termos de possessão demoníaca. As pessoas possuídas de demônios, pensavam os judeus, eram habitação de um poder alheio a elas e hostil a Deus. Os demônios estavam a serviço do "príncipe deste mundo". Desta forma, o que o homem falava não é considerado como dele próprio, mas como procedente do poder que havia tomado o controle de sua personalidade. O demônio possuía poderes sobrenaturais, que o capacitaram a saber quem era Jesus. A designação **Jesus, nazareno**, é colocada em contraposição a **o Santo de Deus**. A primeira era o que os homens pensavam que ele fosse, enquanto a última descreve o seu verdadeiro caráter. **Santo** significa, basicamente, pessoa consagrada a Deus. O demônio reconhece que Jesus e os demônios não têm nada em comum; representam duas forças antitéticas, opostas. O único destino que o demônio pode prever, em situação como esta, é que ele seja expulso de sua habitação, que escolhera, e enviado para o mundo inferior, ao qual pertence (veja 8:31).

Jesus repreendeu o demônio, ordenando-lhe silêncio; ele não aceitava o testemunho que provinha de fontes como aquela. Por ordem de Jesus, o demônio saiu do homem, sendo o momento da saída marcado por uma forte convulsão. A admiração dos circunstantes originou-se da autoridade com que Jesus exor-

cizou o demônio, e não pelo exorcismo propriamente dito. Afinal de contas, exorcismo era comum no mundo antigo. O demônio foi exorcizado por uma única palavra de ordem, uma demonstração memorável da autoridade da palavra de Jesus.

Este milagre, da maneira como nos é apresentado no material sinóptico, é testemunho do fato de que em Jesus o reino de Deus estava chegando ao homem. O reinado de Satanás estava sendo desafiado de forma a mostrar claramente os seus limites, e a profetizar a sua destruição iminente. O leitor moderno dificilmente pode apreciar a tremenda mensagem, contida em histórias como esta, para o povo que ouvia o evangelho pela primeira vez. Para eles, o próprio ar era povoado de demônios e maus espíritos, que eram fonte de toda sorte de aflições. A mensagem cristã convidava os homens a confiarem em Deus, cuja soberania se estendia sobre todos os poderes do mal, no universo, e que, portanto, podia garantir a liberdade e o futuro deles (cf. Rom. 8:38,39). O penhor da promessa do evangelho era propiciado pelos feitos de Jesus, que libertava criaturas infelizes das forças demoníacas que as escravizavam.

2) Curas Fora da Sinagoga (4:38-41)

38 Ora, levantando-se Jesus, saiu da sinagoga e entrou em casa de Simão; e, estando a sogra de Simão enferma, com muita febre, rogaram-lhe por ela. 39 E ele, inclinando-se para ela, repreendeu a febre, e esta a deixou. Imeditamente ela se levantou e os servia.

40 Ao pôr-do-sol, todos os que tinham enfermos de várias doenças lhos traziam; e ele punha as mãos sobre cada um deles e os curava. 41 Também de muitos saíam demônios, gritando e dizendo: Tu és o Filho de Deus. Ele, porém, os repreendia, e não os deixava falar; pois sabiam que ele era o Cristo.

Nesta passagem, Lucas menciona **Simão** pela primeira vez, mas omite os nomes dos outros discípulos, dados em Marcos 1:29. Marcos fala da vocação dos discípulos antes de começar a narrar o ministério em Cafarnaum (1:16,17). Visto que Lucas não usou esse material, em deferência à narrativa apresentada em 5:1-11, ele deixa de mencionar os discípulos, nesta conjuntura.

Ficamos sabendo agora que Cafarnaum é a cidade natal de Simão Pedro. A cura de sua **sogra** é a segunda ilustração específica da autoridade da palavra de Jesus. Em nenhum dos casos Jesus, na verdade, procura oportunidades para exibir o seu poder, mas age em reação aos desafios que se lhe apresentam. Em outras palavras, ele não é um milagreiro ambulante ou vendedor de sensações. Neste caso, algumas pessoas rogaram a Jesus que interviesse em favor da pessoa doente. Embora a doença dessa mulher não se igualasse a uma possessão demoníaca, é um exemplo de como os seres humanos são indefesos, ao ser vitimados pelos poderes deste "presente século mau" (veja Stagg, p. 22 e 23). Conseqüentemente, a abordagem de Jesus é a mesma que a do caso precedente, de possessão maligna: ele **repreendeu a febre** (cf. 4:35). A validade e perfeição da cura é provada no fato de a mulher ter sido capaz de cumprir logo a seguir os seus deveres de dona-de-casa.

Não é correto entender-se o milagre como história maravilhosa, que prove por si mesma a divindade de Jesus (Richardson, p. 20 e ss.). O povo cria na possibilidade de curas milagrosas, e por isso a capacidade para curar por si mesmo que Jesus tinha não o distinguia de outras pessoas de sua época. Este incidente deve ser entendido como um sinal. O que era novo e diferente era a autoridade com que Jesus se defrontou com a enfermidade, isto é, o poder imediato de sua palavra. Desta forma, ele demonstrou ser o Messias de Deus, portador das boas-novas do reino, para os oprimidos, liberando-os das forças que os oprimiam. Jesus representava o desafio da nova era para a velha era de trevas, pecado e doença. Mais uma vez, na cura da sogra

de Simão, ele demonstrou decisivamente que a era da salvação havia raiado.

Visto que o dia judaico abrangia pôr-do-sol a pôr-do-sol, o ocaso marcava o fim do sábado (v. 31). Liberado das proibições contra o trabalho, os habitantes da cidade podiam trazer-lhe os seus **enfermos**. O poder de Jesus sobre demônios e doenças agora era demonstrado em escala muito maior.

A imposição de **mãos** pode estar relacionada com a descida do Espírito, ou pode significar que o poder para curar fluía de Jesus para a pessoa enferma. Já tem sido demonstrado, contudo, que Jesus pode curar apenas por sua palavra. Os demônios reconhecem Aquele cujo poder é superior ao deles, mas são impedidos de revelar que ele é o **Cristo**. Isto acontece porque ele não quer o testemunho que vem de fonte assim? Ou, é porque ele está relutando em aceitar o título de Cristo (Messias), devido às suas conotações nacionalistas?

3) A Partida de Cafarnaum (4:42-44)

42 Ao romper do dia saiu, e foi a um lugar deserto; e as multidões procuravam-no e, vindo a ele, queriam detê-lo, para que não se ausentasse delas. 43 Ele, porém, lhes disse: É necessário que também às outras cidades eu anuncie o evangelho do reino de Deus; porque para isso é que fui enviado. 44 E pregava nas sinagogas da Judéia.

Jesus não deve ser possuído por qualquer grupo individualmente; da mesma forma, o evangelho não pode ser cercado pelos desejos e planos humanos. A sua vida está debaixo do imperativo da vontade divina, que se coloca contra a vontade humana, expressa pelos habitantes de Cafarnaum. Este sentido de imperativo divino é expresso, em primeiro lugar, pelo verbo **ser** (**must**, em inglês e **é necessário**, na versão da IBB), e, em segundo lugar, pelo verbo **fui enviado**. Estes verbos expressam a idéia de que Jesus está sob a obrigação de cumprir uma missão para a qual Deus o enviou. Pela primeira vez Lucas se refere ao **reino de Deus**, tema central do ministério de Jesus (veja 4:18,19). O imperativo divino, sob o qual Jesus vivia, abrange a pregação do evangelho em todo o território judaico. Subseqüentemente, a igreja receberia a mesma obrigação de ir além daqueles limites, "até os confins da terra" (At. 1:8). Pelo menos esta é a maneira de compreender a história da salvação que Lucas dá a entender. Alguns manuscritos grafam Galiléia, em vez de **Judéia**. Mas Judéia é preferível, tanto com base na evidência dos manuscritos, como nos fundamentos intrínsecos. É a versão mais difícil, e, portanto, a preferível. Lucas quer dizer que o ministério de Jesus cobriu todo o território judaico, que incluía a Judéia tanto quanto a Galiléia (Conzelmann, p. 40 e s.).

4) Os Primeiros Discípulos (5:1-11)

1 Certa vez, quando a multidão apertava Jesus, para ouvir a palavra de Deus, ele estava junto ao lago de Genezaré; 2 e viu dois barcos junto à praia do lago; mas os pescadores haviam descido deles, e estavam lavando as redes. 3 Entrando ele num dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra; e, sentando-se, ensinava, do barco, as multidões. 4 Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo e lançai as vossas redes para a pesca. 5 Ao que disse Simão: Mestre, trabalhamos a noite toda, e nada apanhamos; mas, sobre tua palavra, lançarei as redes. 6 Feito isto, apanharam uma grande quantidade de peixes, de modo que as redes se rompiam. 7 Acenaram então aos companheiros que estavam no outro barco, para virem ajudá-los. Eles, pois, vieram, e encheram ambos os barcos, de maneira tal que quase iam a pique. 8 Vendo isso Simão Pedro, prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Retira-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador. 9 Pois, à vista da pesca que haviam feito, o espanto se apoderara dele e de todos os que com ele estavam, 10 bem como de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram sócios de Simão. Disse Jesus a Simão: Não temas; de agora em diante serás pescador de homens. 11 E, levando eles os barcos para a terra, deixaram tudo e o seguiram.

Podemos presumir que havia já certa familiaridade entre Jesus e os discípulos, que antecedia a vocação para o discipu-

lado. Mas as perícopes isoladas, acerca dos contatos iniciais de Jesus com os discípulos, não fornecem informações suficientes, com que possamos reconstruir o relacionamento pregresso deles. Lucas fez passar despercebida a história narrada por Marcos, acerca da vocação dos primeiros discípulos (Mar. 1:16-20), preferindo a narrativa colocada aqui. O papel especialmente significativo, desempenhado por Pedro, em Lucas-Atos, é prefigurado pela sua proeminência neste relato, em que os outros discípulos são mencionados apenas incidentalmente. A vocação de Pedro está em conexão com um milagre, que deve ser entendido como um sinal. A vocação de Jesus é a exigência do reino de Deus, cujo poder fora demonstrado no milagre precedente.

A cena é o **lago de Genezaré**, designação algumas vezes usada neste período, em lugar de Mar da Galiléia, que é mais freqüentemente encontrada. Os versículos 1 a 3 mostram como aconteceu Jesus e Simão se encontrarem juntos no barco e, desta forma, prepararem o palco para o ponto alto da narrativa. Mais uma vez, a autoridade e poder da palavra de Jesus são sublinhados. A reação requerida, de um discípulo, a essa autoridade é incondicional obediência. Desta forma, diante da **palavra** falada por Jesus, Simão lança as redes, a despeito da aparente futilidade de tentar apanhar peixes depois de uma longa noite de esforços infrutíferos. O poder da palavra de Jesus é ilustrado pelo imediato e espantoso sucesso do empreendimento dos pescadores.

A demonstração sobrenatural do poder miraculoso de Jesus produziu em Simão Pedro uma sensação de medo e indignidade. Mais tarde, a falha de Pedro, na hora crucial da prisão e crucificação de Jesus, ficou indelevelmente gravada na memória da comunidade de crentes primitivos. Aqui a sua confissão pessoal de pecado é registrada para que todos vejam que, desde o começo de sua associação com Jesus, Pedro reconhecia que era **homem pecador**.

A posição de Simão, na comunidade apostólica, demonstra estar firmada não em suas qualificações, mas na autoridade das ordens de Jesus ao discipulado. A palavra de Jesus, para ele, é tanto segurança como chamado. O discípulo, cônscio de sua fraqueza, exige uma palavra de certeza, antes de receber a vocação. Ele não é capaz de se desincumbir da responsabilidade de **pescar homens**, da mesma forma como não fora capaz de pescar peixes na noite anterior. Mas a obra do reino de Deus não depende da capacidade das pessoas chamadas para serem os instrumentos do seu poder. A sua eficiência é garantida pelo poder soberano de quem os chama para o serviço. Quando eles agem em resposta à palavra de Jesus, obtêm sucesso, mesmo quando os esforços parecem baldados.

Os primeiros discípulos eram pescadores, mas isto não significa que eram imprudentes. Eram homens de negócios, que haviam feito considerável investimento em barcos, equipamentos e implementos de pesca. Somos informados que eles **deixaram tudo**, para seguir a Jesus. Aquele que é chamado precisa estar disposto a negar as exigências dos seus velhos compromissos, a fim de viver debaixo das exigências finais da sua nova dedicação a Jesus.

5) A Cura de um Leproso (5:12-16)

12 Estando ele numa das cidades, apareceu um homem cheio de lepra que, vendo a Jesus, prostrou-se com o rosto em terra, e suplicou-lhe: Senhor, se quiseres, bem podes tornar-me limpo. 13 Jesus, pois, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero; sê limpo. No mesmo instante desapareceu dele a lepra. 14 Ordenou-lhe, então, que a ninguém contasse isto. Mas vai, disse ele, mostra-te ao sacerdote e faze a oferta pela tua purificação, conforme Moisés determinou, para lhes servir de testemunho. 15 A sua fama, porém, se divulgava cada vez mais, e grandes multidões se ajuntavam para ouvi-lo e serem curadas das suas enfermidades. 16 Mas ele se retirava para os desertos, e ali orava.

Lucas agora retorna para a sua fonte anterior, Marcos, que ele segue até 6:19. A cura de leprosos tinha significado messiânico especial (cf. Mat. 11:5; Luc. 7:22), pois os judeus esperavam a extirpação dessa enfermidade como uma bênção da era messiânica (Strack-Billerbeck, I, 593 e ss.).

Como um pária social, o leproso era excluído de qualquer contato com todos, menos dos outros infelizes, que estavam na mesma situação que ele (Lev. 13:45-46). Mas Jesus ousou tocar até nesse leproso! Ele se recusava a viver uma existência saudável, por detrás de muros que conservassem a doença, a sujeira e a miséria humana à distância confortável e segura.

Ao invés de fazer uma proclamação pública de sua cura, esse homem devia seguir as exigências da lei mosaica referentes às pessoas curadas de lepra (Lev. 13 e 14). Jesus diz que isto deve servir de **testemunho** ao povo. As seguintes alternativas são as possíveis interpretações desta difícil frase: (1) Jesus estava interessado na completa reabilitação daquele homem, o que acarretava a sua reintegração na sociedade. Isto seria possível apenas se ele cumprisse os requisitos legais e fosse declarado curado pelas autoridades competentes. (2) Jesus desejava demonstrar que não era iconoclasta, dado à destruição da Lei. Suas instruções são prova do respeito que ele tinha por ela. (3) A tradução que usamos dá a entender que a cura desse homem devia ser uma prova, para o povo, do poder messiânico de Jesus. O veredicto do sacerdote provaria que a cura era completa e válida. Esta última sugestão provavelmente é a melhor.

O incidente, publicado a despeito da admoestação de Jesus, aumentou a sua considerável popularidade. Ele acabou sendo tão solicitado, que achou necessário afastar-se para alguma região mais solitária, em que pudesse meditar. Encontramos, aqui, uma das sete referências que Lucas faz às orações de Jesus, sem paralelos nos outros Evangelhos.

3. Conflitos com os Líderes Religiosos (5:17-6:11)

1) A Cura de um Paralítico (5:17-26)

17 Um dia, quando ele estava ensinando, achavam-se ali sentados fariseus e doutores da lei, que tinham vindo de todas as aldeias da Galiléia e da Judéia, e de Jerusalém; e o poder do Senhor estava com ele, para curar. 18 E eis que uns homens, trazendo num leito um paralítico, procuravam introduzi-lo e pô-lo diante dele. 19 Mas, não achando por onde o pudessem introduzir, por causa da multidão, subiram ao eirado e, por entre as telhas, o baixaram com o leito, para o meio de todos, diante de Jesus. 20 E, vendo-lhes a fé, disse ele: Homem, são-te perdoados os teus pecados. 21 Então os escribas e os fariseus começaram a arrazoar, dizendo: Quem é este que profere blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão só Deus? 22 Jesus, porém, percebendo os seus pensamentos, respondeu, e disse-lhes: Por que arrazoais em vossos corações? 23 Qual é mais fácil? dizer: São-te perdoados os teus pecados; ou dizer: Levanta-te e anda? 24 Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados (disse ao paralítico), a ti de digo: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. 25 Imediatamente se levantou diante deles, tomou o leito em que estivera deitado e foi para sua casa, glorificando a Deus. 26 E, tomados de pasmo, todos glorificavam a Deus; e diziam, cheios de temor: Hoje vimos coisas extraordinárias.

A introdução incomum, desta história, nos prepara para prever que ela será diferente do relato anterior, de milagres de Jesus. Um augusto corpo de líderes religiosos, **de todas as aldeias da Galiléia e da Judéia, e de Jerusalém**, havia-se reunido (cf. Mar. 2:2). Os **fariseus**, ou "separatistas", constituíam um dos partidos judaicos mais influentes da época neotestamentária. Embora a derivação e origem desse nome não sejam claras, essa designação, possivelmente, descrevia os membros da seita, quanto aos seus esforços de evitar contaminação provinda de coisas e pessoas impuras. Além das Escrituras Hebraicas, consistindo do **Torah**, os Profetas, e os Escritos, os

fariseus também aceitavam a tradição oral, que eram comentários interpretativos e legais das Escrituras, como tendo autoridade. **Doutores da lei** é um termo característico de Lucas, para designar os escribas. Eles eram os peritos na Lei, que se dedicavam à sua interpretação e aplicação.

O **poder do Senhor** é um toque dado por Lucas. O Senhor (**kurios**) é usado freqüentemente nas obras de Lucas para se referir a Jesus. Aqui presume-se que ele seja equivalente à tradução de Yahweh, na Septuaginta. Leaney comenta que essa ambigüidade pode ser deliberada (p. 124).

As curas realizadas por Jesus são iniciadas de diferentes maneiras. Aqui Jesus age em reação à fé dos homens que haviam ido até tamanhos sacrifícios, para colocar o paralítico diante dele. Desta forma, é-nos demonstrado que a fé da comunidade também tem um papel importante a desempenhar no afã de propiciar saúde aos aflitos. **Entre as telhas** indica que o quadro mental de Lucas é uma casa romana, com telhado de telhas, em vez do de terra pisada, comum na Palestina, e pressuposto em Marcos 2:4.

Até este ponto, as curas realizadas por Jesus haviam ido de encontro às doenças físicas. O poder do mal, expresso em possessão de demônios, lepra e outras aflições, que prendiam o homem em suas garras, havia sido desafiado e derrotado. Mas existe uma enfermidade mais profunda, cujos sintomas nem sempre são tão visíveis, e que também demanda cura. Nenhum homem é perfeito, enquanto for presa de culpa, com sua seqüela de temores, ansiedade e perturbações emocionais.

Os rabis também ensinavam a necessidade fundamental de perdão na cura completa. Conseqüentemente, não era o fato de Jesus ter tratado da necessidade de perdão que causou o problema. Foi a sua maneira de abordá-lo — a maneira direta e confiante pela qual ele assumiu autoridade sobre os pecados. Na teologia rabínica, o homem podia ser um instrumento de cura, mas só Deus podia perdoar pecados. Da mesma forma, não há nenhuma base, nos escritos judaicos, para a idéia de que o Messias daria o perdão de pecados por ter autoridade para tal (Strack-Billerbeck, I, 495). Aos olhos dos líderes religiosos, Jesus havia ultrapassado os limites entre humanidade e divindade; e, pela primeira vez, em Lucas, começaram a expressar hostilidade contra ele.

Blasfêmias — a palavra carregada de emoções, com capacidade para suscitar hostilidade, até o ponto de tornar-se fúria assassina — é mencionada. Os líderes religiosos entendiam Jesus muito bem. Ele se havia proposto a agir em seu próprio nome, tanto que a palavra que ele falara era a direta e não adulterada palavra de Deus.

Jesus aponta para a incongruência lógica da atitude dos seus críticos. Afinal de contas, ele estivera realizando os outros atos de cura da mesma maneira autoritária. Eles mesmos criam que a cura divina era precedida pelo perdão. Portanto, proferir a palavra de perdão é essencialmente nada mais do que declarar a palavra de cura. São simplesmente dois lados da mesma moeda (v. 23).

Para que saibais não é uma acomodação para com a cegueira dos críticos. Pelo contrário, Jesus vai diretamente ao encontro do desafio que eles lançam. A palavra de cura é declarada de maneira tal a ilustrar a autoridade que Jesus expressara ao perdoar os pecados do homem. A **ti te digo** enfatiza a sua autoridade clara e inequivocamente. Ele não conclama outro poder, não há invocação ao nome da divindade, não há palavras ou movimentos mágicos. É verdade que Jesus tinha estado realizando os seus outros atos de cura da mesma maneira autoritária, mas somente agora o significado daquilo se torna realmente claro. Com efeito, Jesus lança a luva para os seus inimigos. Alguém que consiga, des-

sa forma, ordenar a um paralítico que ande, pode também perdoar pecados. Ali está a evidência para que eles vejam que **o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados**. Eles se defrontam claramente com o enigma: De onde vem tal autoridade?

Filho do homem pode significar simplesmente homem. Esta é a conotação em Ezequiel, onde esse termo é empregado nas comunicações de Deus ao profeta. Pode também referir-se à gloriosa figura apocalíptica do fim dos tempos, que esperava-se que viesse, em poder, para libertar os justos e julgar os ímpios. Esta conotação remonta a Daniel 7:13, que diz: "... vinha com as nuvens do céu um como filho de homem." O conceito de uma figura gloriosa, apocalíptica, associada com o fim dos tempos, é elaborado pelo livro de Enoque.

Algumas vezes "Filho do homem" é usado em contexto em que parece significar simplesmente "eu". Na maior parte das vezes, ele tem afinidade com a figura messiânica de Daniel e Enoque. No entanto, há significativas modificações, que foram produzidas juntando-se o conceito de Filho do homem com o do Servo Sofredor de Isaías. Desta forma, encontramos o paradoxo de um Filho do homem que é rejeitado e sofre. Mas ele também é Aquele ressurrecto e exaltado, cuja Igreja confiantemente espera a sua vinda em poder e glória. Da forma como é usado em Daniel, este termo parece ser coletivo, representando "os santos do Altíssimo". Esta idéia coletiva é também importante para que se entenda o seu uso em o Novo Testamento. Algumas vezes o Filho do homem é reduzido a uma pessoa, isto é, Jesus; outras vezes, inclui o povo de Deus, e ostenta semelhanças com o conceito paulino acerca do corpo de Cristo (veja 6:22). Stagg (p. 58 e ss.) apresenta uma discussão mais ampla desse título. Em Atos 9:4, Paulo, perseguidor dos santos, é acusado de perseguir a Jesus, o que é uma ilustração da importância da idéia coletiva no pensamento de Lucas.

Esse termo é usado fora dos Evangelhos apenas em Atos 7:56 e Apocalipse 1:13; 14:14. É a preferida autodesignação de Jesus, e pode ter sido escolhida para evitar o título de Messias, por causa das indesejáveis conotações ligadas a este termo e por causa das possibilidades paradoxais mencionadas acima.

A cura do paralítico produz admiração e temor. Há um reconhecimento genérico de que o poder de Deus foi visto em operação. **Todos** provavelmente não deve ser interpretado como incluindo os críticos, porque a sua hostilidade continua a ser expressa nos episódios subseqüentes.

2) Associação com os Párias (5:27-32)

27 Depois disso saiu e, vendo um publicano chamado Levi, sentado na coletoria, disse-lhe: Segue-me. 28 Este, deixando tudo, levantou-se e o seguiu.

29 Deu-lhe então Levi um lauto banquete em sua casa; havia ali grande número de publicanos e outros que estavam com eles à mesa. 30 Murmuravam, pois, os fariseus e seus escribas, contra os discípulos, perguntando: Por que comeis e bebeis com publicanos e pecadores? 31 Respondeu-lhes Jesus: Não necessitam de médico os sãos, mas, sim, os enfermos; 32 eu não vim chamar justos, mas pecadores, ao arrependimento.

Onde Lucas contém apenas Levi, Marcos o identifica como filho de Alfeu (2:14). O paralelo em Mateus (9:9) cita Mateus, em vez de Levi. As várias referências importantes são confusas. Nem Lucas nem Marcos usam este nome na lista dos apóstolos, mas incluem o nome de Mateus (Luc. 6:15; At. 1:13; Mar. 3:18). Estas listas mencionam Tiago, filho de Alfeu, que é também uma redação alternativa, em alguns poucos manuscritos, referente a Marcos 2:14. Tradicionalmente, Mateus tem sido identificado com Levi, mas a evidência esboçada acima é dificilmente conclusiva.

Levi, provavelmente, estava ocupado em coletar os impostos lançados sobre o

comércio que se fazia ao longo da estrada de Damasco a Acre. O notável aspecto da história é que Jesus não apenas se associou com pessoas como Levi, mas também incluiu-os no seu mais íntimo grupo de seguidores.

A ordem é breve e simples: **Segue-me.** Mas ela dá a entender muita coisa. Ser seguidor de Jesus significa que a pessoa precisa estar preparada para assumir os riscos desse encargo. Também significa que não pode haver outras rivais que demandem a sua lealdade. Assim, somos informados que Levi, **deixando tudo**, "começou a seguir" (tempo imperfeito) a Jesus. Isto acarretou a desistência de uma posição lucrativa, e o envolvimento em um empreendimento novo e perigoso, para o qual não havia garantias.

Todos os Evangelhos falam do relacionamento de Jesus com os coletores de impostos e pecadores, mas Lucas dá especial proeminência a essas amizades. O fato de Jesus ter comido com eles consistia em ameaça para as convenções sociais aceitas. Ter negócios com eles era uma coisa, mas comer com eles, nas casas deles, ou convidá-los para a sua casa era bem outra. As "pessoas decentes" simplesmente não se relacionavam com tais pessoas.

Os **pecadores** eram o "povo da terra" ('am-ha-aretz'), a multidão de pessoas comuns, que não tinham o zelo, ou a oportunidade, para observar grande parte das tradições religiosas consideradas essenciais para se evitar a contaminação ritual.

As críticas contra Jesus, em Marcos (2:16), são ampliadas, incluindo os **discípulos**, em Lucas 5:30. Desta forma, o incidente se torna contemporâneo a uma época posterior. Os seguidores de Jesus, ao menosprezarem as normas aceitas e as barreiras sociais, consideravam que estavam fazendo nada mais do que seguir o exemplo do seu Senhor. E de fato estavam! O fenômeno notável é que muitos seguidores nominais, de Jesus, agora fecham a porta dos seus lares, clubes e até igrejas, para outras pessoas, devido a considerações de raça e classe.

A resposta de Jesus à crítica é calcada em ironia. Os **justos** são os que pensam que são justos. Eles se medem pelo fracasso dos outros em viver segundo a norma que eles aceitam. Desta forma, os justos exploram os pecadores. Ficam realmente alegres porque estes são pecadores, pois, de outra forma, não poderiam dizer que são justos. A situação deles permanecerá inalterada, até que reconheçam a sua própria bancarrota espiritual. E, então, eles verão que diante de Deus todas as categorias, como fariseus, publicanos e pecadores, se tornam irrelevantes. **Chamar** também significa convidar, como, por exemplo, à refeição de que Jesus participara. A ambigüidade é mais aguda no texto de Marcos, onde Jesus parece ser o hospedeiro, e onde, também, não encontramos a frase **ao arrependimento**. Apenas os **pecadores**, ou seja, aqueles que sabem que são pecadores, são convidados, porque são os únicos que atendem ao convite.

3) A Questão do Jejum (5:33-39)

33 Disseram-lhe eles: Os discípulos de João jejuam freqüentemente e fazem orações, como também os dos fariseus, mas os teus comem e bebem. 34 Respondeu-lhes Jesus: Podeis, porventura, fazer jejuar os convidados às núpcias enquanto o noivo está com eles? 35 Dias virão, porém, em que lhes será tirado o noivo; naqueles dias, sim, hão de jejuar. 36 Propôs-lhes também uma parábola: Ninguém tira um pedaço de um vestido novo para o coser em vestido velho; do contrário, não somente rasgará o novo, mas também o pedaço do novo não condirá com o velho. 37 E ninguém deita vinho novo em odres velhos; do contrário, o vinho novo romperá os odres e se derramará, e os odres se perderão; 38 mas vinho novo deve ser deitado em odres novos. 39 E ninguém, tendo bebido o velho, quer o novo; porque diz: O velho é bom.

Vários exemplos de jejum são encontrados no Velho Testamento, especialmente em épocas de tristeza, arrependimento, emergência nacional, etc. Mas somente o jejum do Dia da Expiação era

prescrito por lei. Depois da destruição de Jerusalém, quatro dias de jejum foram estabelecidos em memória daquela catástrofe (Zac. 7:3,5; 8:19). No judaísmo, o jejum chegou a ser considerado uma prática especialmente meritória e marca registrada de piedade religiosa.

Somos informados a respeito de apenas uma experiência de jejum no ministério de Jesus (Luc. 4:2). Diferentemente de experiências semelhantes no Velho Testamento (v.g., Moisés, em Êx. 34: 28), este jejum não precedeu, mas seguiu-se à recepção de uma revelação divina. O jejum aparentemente não era um costume de Jesus e seus seguidores, exceto no Dia da Expiação e possivelmente nos quatro dias mencionados acima. A rejeição desse costume concorda com o desinteresse de Jesus por outras práticas religiosas tradicionais. A sua atitude também o identifica com os profetas, que haviam reconhecido o perigo de interpretações tão superficiais de piedade (v. g., Is. 58:1 e ss.).

De acordo com a tradição de que Moisés subira o Monte Sinai na segunda-feira e voltara na quinta, os fariseus piedosos jejuavam duas vezes por semana (Luc. 18:12), como também evidentemente o faziam os discípulos de João Batista. O desinteresse de Jesus por esse costume de jejuar forneceu, aos seus críticos, outro ponto estratégico, de onde podiam atacá-lo.

Em sua resposta, Jesus tirou o jejum da categoria de ato piedoso, e o interpreta, no sentido veterotestamentário, como reação apropriada diante de tristeza ou crise. O banquete de casamento forneceu uma boa analogia, porque era uma ocasião festiva e alegre para o noivo e seus amigos. Os convidados ficavam livres da obrigação de jejuar, para que a alegria não fosse ensombrecida. A idéia é que os discípulos não estavam vivendo em tempos de tristeza, mas em uma época de alegre comunhão com Jesus. Ele convidava os homens para uma festa, e não para um jejum. Momentos de crise e tristeza iriam seguir-se, quando o jejum seria mais apropriado.

Dois lugares-comuns, porém figuras bem elucidativas, ilustram a insensatez de tentar fazer caber a nova força que Jesus colocara em movimento nas velhas formas do judaísmo. **Ninguém** faz com vestidos ou vinho o que os críticos queriam fazer com Jesus e seu evangelho. A idéia da analogia era que forçá-lo seria desejar uma harmonia que não existe, isto é, **o novo não condirá com o velho** (mas veja Mar. 2:21). O judaísmo não pode ser remendado com elementos do evangelho cristão. O **vinho novo**, que ele constitui, destruirá os velhos odres, que representam o judaísmo. Desta forma, é enfatizada a impossibilidade de conciliação entre Jesus e o judaísmo contemporâneo. De acordo com a tese de Lucas, essa impossibilidade de conciliação existia devido ao fracasso dos líderes judaicos em ver que o movimento cristão representava a corrente continuadora do genuíno judaísmo.

Não importam quais sejam os seus méritos, qualquer coisa nova será rejeitada por algumas pessoas, que preferem as formas confortáveis da coisa velha. O versículo 39 provavelmente expressa uma atitude judaica comum, encontrada pelos cristãos primitivos. As reivindicações de superioridade do judaísmo sobre o cristianismo eram baseadas na sua safra mais antiga.

4) Desatenção às Tradições Sabáticas (6:1-5)

1 E sucedeu que, num dia de sábado, passava Jesus pelas searas; e seus discípulos iam colhendo espigas e, debulhando-as com as mãos, as comiam. 2 Alguns dos fariseus, porém, perguntaram: Por que estais fazendo o que não é lícito fazer nos sábados? 3 E Jesus, respondendo-lhes, disse: Nem ao menos tendes lido o que fez Davi quando teve fome, ele e seus companheiros? 4 Como entrou na casa de Deus, tomou os pães da proposição, dos quais não era lícito comer, senão só aos sacerdotes, e deles comeu e deu também aos companheiros? 5 Também lhes disse: O Filho do homem é Senhor do sábado.

Em alguns manuscritos, **sábado** é modificado com uma palavra peculiar, que pode ser traduzida literalmente como "segundo primeiro" (ver comentários marginais ao texto grego do Novo Testamento). Isto, provavelmente, é uma glosa. Se não, podemos apenas conjecturar quanto ao seu significado. Pode distinguir este como o "segundo sábado depois do primeiro", mencionado na fonte de Marcos e usada por Lucas (4:31 e s.; veja Plummer, p. 165 e s.).

Desatenção pelas tradições sagradas do sábado deram um golpe no centro nervoso do judaísmo. A observância do sábado e a circuncisão eram as duas expressões mais vitais da relação pactual entre Israel e Yahweh. A pena cominada por não observar o sábado era exclusão da comunidade (Êx. 31:14) ou até a morte (Núm. 15:32-36); mas não há evidência de que as pessoas que violassem esse preceito fossem punidas tão severamente no judaísmo.

O Decálogo contém uma proscrição geral de trabalho no sábado (Êx. 20:8 e paralelos). A tradição oral, a "cerca" que havia sido edificada ao redor da Lei, definia este mandamento em termos precisos e minuciosos, para os judeus do primeiro século. Os discípulos eram culpados de uma múltipla violação dessas tradições. Eles haviam contrariado a proibição contra colheita, quando **iam colhendo espigas**. E, **debulhando-as com as mãos**, haviam desatendido às leis contra debulha e beneficiamento de cereais.

Jesus demonstra a incongruência da moralidade legalista dos judeus, apelando a um precedente bíblico para a ação dos discípulos (cf. I Sam. 21:1-6). **Os pães da proposição** eram os doze pães colocados sobre uma mesa, diante do Senhor, no santuário. Cada sábado, os pães velhos eram substituídos e subseqüentemente comidos pelos sacerdotes, no santuário. De acordo com a tradição, Davi havia executado o ato descrito em I Samuel 21:1-6 em um sábado. Comendo o pão normalmente reservado aos sacerdotes, Davi e seus homens subordinaram as regras religiosas à satisfação de necessidades físicas, como os discípulos também haviam feito.

Lucas omite o ditado: "O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado" (Mar. 2:27). Há um ensino rabínico semelhante: "O sábado foi entregue a ti, e não tu ao sábado" (Mekilta a Êx. 31:13). Mas, na interpretação e aplicação deste princípio, Jesus diferiu drasticamente dos rabis. Isto é expresso pela afirmação: **O Filho do homem é Senhor do sábado**. Se substituirmos Filho do homem por homem, Marcos 2:28 é um desenvolvimento lógico e significativo de 2:27. O contexto em Marcos, portanto, quase exige que demos a "Filho do homem" o significado de homem (veja Luc. 5:24). Os rabis nunca teriam ido tão longe, ao ponto de dizer que o homem é senhor do sábado.

Desta forma, a história que estamos comentando ilustra o conflito entre duas abordagens da religião diametralmente opostas. Em uma, as regras religiosas e requisitos rituais são o centro. O homem é desumanizado e despersonalizado, porque está subordinado às regras. De acordo com a abordagem de Jesus, o homem é colocado no centro. O bem-estar e as necessidades humanas têm precedência sobre qualquer regra ou cerimônia. Dizer que o homem é senhor do sábado, uma das duas mais importantes instituições religiosas do judaísmo, é subordinar todas as outras a ele. A história mostra que Jesus não era contra o sábado como tal. Ele simplesmente se opunha a uma interpretação dele que não levasse em conta o valor primordial dos seres humanos.

5) O Homem com a Mão Atrofiada (6:6-11)

6 Ainda em outro sábado entrou na sinagoga, e pôs-se a ensinar. Estava ali um homem que tinha a mão direita atrofiada. 7 E os escribas e os fariseus observavam-no,

para ver se curaria em dia de sábado, para acharem de que o acusar. 8 Mas ele, conhecendo-lhes os pensamentos, disse ao homem que tinha a mão atrofiada: Levanta-te, e fica em pé aqui no meio. E ele, levantando-se, ficou em pé. 9 Disse-lhes, então, Jesus: Eu vos pergunto: É lícito no sábado fazer bem, ou fazer mal? salvar a vida, ou tirá-la? 10 E, olhando para todos em redor, disse ao homem: Estende a tua mão. Ele assim o fez, e a mão lhe foi restabelecida. 11 Mas eles se encheram de furor; e uns com os outros conferenciavam sobre o que fariam a Jesus.

Esta narrativa contém vários toques característicos de Lucas (cf. Mar. 3:1-6). Lucas declara especificamente que fora **a mão direita** a afetada. Ele também se refere à presença de **escribas** e **fariseus** hostis no começo, e não no fim da história. Ele omite a referência a herodianos, talvez de acordo com a sua apologética política.

Os rabis ensinavam que as proibições do sábado podiam ser desatendidas, com o fim de salvar uma vida. Por exemplo, uma criança presa em um quarto trancado podia ser libertada no sábado, embora a porta precisasse ser arrombada (**Tos. Shabbat** 15:11 e s.). A cura desse aleijado, todavia, não podia ter precedência sobre a lei do sábado, porque a sua vida não estava em perigo. Possivelmente, ele iria sofrer um pouco mais, se esperasse até o pôr-do-sol, momento em que a cura poderia realizar-se legitimamente.

Mais uma vez, aqui, há uma colisão de duas abordagens divergentes da religião. O sábado era interpretado, em grande parte, em termos negativos, no judaísmo. Na verdade, havia o lado positivo, pois ele era também um dia de alegre adoração. A relação do homem com Deus era enfatizada, mas não a responsabilidade corolária para com os outros seres humanos. Jesus interpretou o sábado positivamente. A questão de primordial importância não é a negativa: O que devo me abster de fazer? Pelo contrário, é: Que bem posso fazer no sábado?

A resposta a essa pergunta é lógica. Havia um homem que precisava de cura. Fazendo esse ato bom no sábado, podia-se servir a Deus.

Lucas omite a referência à ira de Jesus para com os seus críticos (Mar. 3:5), causada por sua grosseira desatenção para com o bem-estar de um outro ser humano. Ele, pelo contrário, descreve o **furor** suscitado pelo ato de Jesus. Para os líderes religiosos, aquilo parecia ser uma afronta impertinente e arbitrária a uma das suas mais sagradas instituições. Eles agora comprendiam que Jesus representava uma séria ameaça, que precisavam anular.

4. A Escolha e Instrução dos Doze (6:12-49)

Lucas usa dois episódios de Marcos para montar o palco para o grande sermão de Jesus. A seqüência em que ele os apresenta consiste em uma transposição da ordem de Marcos. A escolha dos doze (cf. Mar. 3:13-19) é colocada antes da nota a respeito de obras poderosas realizadas em meio a uma multidão (cf. Mar. 3:7-12).

O sermão é apresentado como culminação de uma série de eventos encadeados. Jesus passou a noite **em oração** (6:12). Ao amanhecer, ele reúne os discípulos, e, dentre eles, escolhe os **doze** (6:13). Depois, desce do topo da montanha, com os doze e os outros discípulos, para um **lugar plano**, onde há uma multidão esperando (6:17). Depois de curar os doentes endemoninhados entre a multidão (6:18,19), Jesus prega o sermão, que dirige especificamente aos **discípulos** (6:20).

Em 6:20, Lucas começa a usar fontes diferentes de Marcos, e continua a fazê-lo até 8:3. Este bloco de material é freqüentemente mencionado como a "pequena interpolação".

Concorda-se geralmente que Q é a fonte tanto do "Sermão do Lugar Plano", em Lucas 6:20-49, quanto do Sermão da Montanha, em Mateus 5:1-7:27. Há muitas semelhanças entre os dois sermões. Ambos começam com uma série

de beatitudes, e ambos terminam com a parábola acerca dos dois construtores. Não há paralelos, em Mateus, da série de ais encontrados em Lucas 6:24-26. Além disso, paralelos de Lucas 6:39-45 são encontrados em outras partes de Mateus, mas não no Sermão. De outra forma, o conteúdo do sermão de Lucas é representado no Sermão da Montanha. No entanto, o sermão encontrado em Mateus é muito mais longo do que o encontrado em Lucas. Pelo menos até certo ponto, isto é devido à propensão de Mateus de agrupar materiais relacionados entre si na mesma seção. Grande parte do Sermão da Montanha aparece em outros contextos em Lucas. Uma notável exceção é a ausência, quase completa, da espécie de material encontrado em Mateus 5:17 e 6: 1 e ss.

1) A Nomeação dos Doze (6:12-16)

12 Naqueles dias retirou-se para o monte a fim de orar; e passou a noite toda em oração a Deus. 13 Depois do amanhecer, chamou seus discípulos, e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos; 14 Simão, ao qual também chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; 15 Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; 16 Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que veio a ser o traidor.

Somente Lucas nos diz que Jesus orou **a noite toda**, antes de escolher os doze. Isto acrescenta uma nota de grande solenidade a esse acontecimento importantíssimo. Os **doze** são escolhidos dentre o grupo mais numeroso de **discípulos**. O número deles, que corresponde ao número das tribos de Israel, é, indubitavelmente, significativo. O seu simbolismo indica que a comunidade criada por Jesus é nada mais do que o Israel reconstituído, e que ele é o seu Rei-Messias.

Fora de Lucas, **apóstolos** geralmente tem o sentido genérico de missionários. É usado freqüentemente por Lucas como designação do círculo mais íntimo dos companheiros de Jesus. Mateus e Marcos o usam desta forma apenas uma vez (Mat. 10:2; Mar. 6:30). Marcos diz que o objetivo de ter escolhido os doze fora que eles pudessem "estar com ele" e "serem enviados para pregar". Em outras palavras, eles eram os delegados escolhidos de Jesus, para serem enviados, portando a autoridade inerente à designação, feita por ele, de arautos de sua mensagem. Para que eles cumprissem esse papel, era necessário que passassem algum tempo com Jesus. Nos escritos de Lucas, os apóstolos eram primordialmente testemunhas que garantiam a autenticidade histórica da mensagem da Igreja.

A maior parte dos doze não é nada mais do que nomes para nós. **Simão** é mencionado em primeiro lugar, como convém à sua posição de líder e porta-voz do grupo. O epíteto dado a Simão, por Jesus, é traduzido como **Pedro**. É o equivalente ao substantivo comum "pedra". As esperanças que Jesus tinha em Simão, e as possibilidades de grandeza que o Senhor via naquele homem, ainda instável, são vistas nesse nome. Jesus via, em uma pessoa, não apenas o que ela era no momento, mas também aquilo em que ela podia se transformar, e aquilo que ele desejava para essa vida.

O último lugar é dado a **Judas**, lembrado principalmente por sua traição. O significado de **Iscariotes** é obscuro. Algumas pessoas entendem que descreve Judas como "homem de Kerioth". Oscar Cullman [16] crê que o significado é "zelote".

A lista que Lucas faz dos doze difere da de Marcos, pelo fato de identificar **André** como irmão de Simão, omitir a descrição de **Tiago** e **João**, traduzir o "cananeu" transliterado corretamente como **zelote** e apresentar **Judas, filho de Tiago**, em vez de Tadeu.

2) O Cenário do Sermão (6:17-19)

17 E Jesus, descendo com eles, parou num lugar plano, onde havia não só grande número de seus discípulos, mas também grande multidão do povo, de toda a Judéia e

16 **The State in the New Testament** (New York: Scribner's, 1956), p. 15.

Jerusalém, e do litoral de Tiro e de Sidom, que tinham vindo para ouvi-lo e serem curados das suas doenças; 18 e os que eram atormentados por espíritos imundos ficavam curados. 19 E toda a multidão procurava tocar-lhe; porque saía dele poder que curava a todos.

A escolha dos doze marca uma nova fase no ministério de Jesus. Dessa hora em diante, ele é acompanhado, em suas viagens, por esse grupo especialmente selecionado. O encontro com a **multidão** ocorre em um **lugar plano**, não numa planície, mas um lugar ainda nas montanhas, apropriado para a reunião de multidão como aquela. A nota apresentada em 7:1 indica que essa série de acontecimentos ocorreu nas vizinhanças de Cafarnaum. Três grupos de pessoas estão presentes, agora: os doze, **grande número de seus discípulos**, e **grande multidão do povo**. O tamanho da multidão é enfatizado, como também a sua natureza representativa. **Toda a Judéia** provavelmente significa a terra judaica, incluindo-se a Galiléia e a Peréia. Lucas menciona, caracteristicamente, **Jerusalém** em separado, à parte dos outros territórios judaicos (cf. 5:17; At. 1:8). O povo havia sido atraído a Jesus por duas razões: desejavam **ouvi-lo** e **serem curados**. Algumas vezes o poder de Jesus para curar é descrito quase como se fosse "um fluído físico transferível para outras pessoas, mediante o toque", como nesta passagem, em que Lucas escreve que **saía dele poder** (Barrett, p. 75).

3) As Beatitudes (6:20-23)

20 Então, levantando ele os olhos para os seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus.

21 Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos.
Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir.

22 Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, e quando vos expulsarem da sua companhia, e vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do homem. 23 Regozijai-vos nesse dia, e exultai, porque eis que é grande o vosso galardão no céu; pois assim faziam os seus, pais aos profetas.

Beatitudes são comuns na literatura antiga, tanto entre hebreus como entre gregos. No entanto, as beatitudes de Jesus são caracterizadas por incomum originalidade e força. Neste sermão, elas são todas apresentadas em forma de paradoxo. Os benditos são pobres, famintos, tristes, perseguidos. As beatitudes enfatizam as bases não materialistas e escatológicas da bem-aventurança. Essa bem-aventurança não é devida à longevidade, saúde, riqueza e benefícios afins, mas à posse do reino de Deus. A primeira beatitude declara isto, e as outras três simplesmente interpretam o que significa possuir o reino de Deus.

A construção passiva da cláusula final, que apresenta a razão para a bem-aventurança, é uma perífrase, para evitar mencionar-se o nome divino. É Deus que dá o reino, satisfaz a fome, faz rir e recompensa os perseguidos. As beatitudes são atribuídas à soberania de Deus. Isto justifica a convicção de que a natureza final das coisas constituirá uma reversão da cena humana com todas as suas iniqüidades e injustiças. Elas também são baseadas na convicção de Jesus de que, na sua palavra, o juízo e a graça de Deus se tornam imediatos e decisivos para aqueles que ouvem. As beatitudes e os ais que se seguem (v. 24-26) constituem a palavra salvadora de Deus, no primeiro caso, e no seu chamado ao arrependimento, no segundo (Walter Grundmann, p. 141). Jesus faz os homens se defrontarem com a realidade do futuro de Deus, em que está implícita a exigência de que eles façam os ajustamentos necessários com referência ao presente. Ao pronunciar as beatitudes, ele cumpre a palavra profética de Isaías 61:1. Desta forma, elas são muito mais do que palavras sábias, ensinamentos ou princípios morais. São o irromper do reino de Deus, o desafio da velha era pela palavra decisiva de Deus.

Bem-aventurados denota a felicidade ou boa sorte daqueles que recebem a salvação de Deus. Nas beatitudes, Jesus define o que é felicidade. Mas ele o faz de maneira que contradiz completamente as idéias e valores de uma sociedade materialista e sensual, que iguala felicidade com casa, carro ou conta bancária.

Em consonância com o seu programa messiânico, Jesus, em primeiro lugar, proclama "boas-novas aos pobres" (cf. 4:18). Surpreendentemente, Jesus diz que os felizes, afortunados ou benditos são os **pobres**. Pobreza é, basicamente, uma categoria social e econômica. Ensinamentos a respeito dos pobres figuram proeminentemente no Velho Testamento. Deve-se prover às suas necessidades (Lev. 19:10); Deus ouve os seus clamores (Sal. 34:6); os ricos são condenados por explorarem os pobres (Am. 5:11). A demanda de justiça social e econômica é escrita com letras garrafais na Lei e nos Profetas. Ser pobre também passou a ter uma conotação religiosa. Os "pobres piedosos" eram os que colocavam a sua fé em Deus somente, em vez de na segurança oferecida pelas possessões mundanas.

No verso 20, **vós, pobres**, descreve os discípulos. Mateus qualifica os pobres com a expressão "de espírito". Esta é uma interpretação iluminadora. A pobreza propriamente dita não é uma fonte de felicidade. Pelo contrário, pode ser debilitante, degradante e escravizadora. Porém uma mudança de valores de nível mais baixo para mais alto é libertadora e enobrecedora. Alguns discípulos haviam reconhecido a profundidade de sua pobreza (até em meio à abundância material) e haviam começado a depender apenas de Deus. Haviam trocado uma falsa segurança por uma genuína certeza, visto que o seu futuro então pertencia a Deus.

Jesus declara que tais pessoas, as que dependem inteiramente de Deus, possuem o seu **reino**. Reino significa primeiramente o governo de Deus. Não pode ser igualado com território, raça, ou cultura, visto que Deus é de fato o governante de todo o universo. O governo de Deus, portanto, não pode ser promovido pelo homem. Somente pode ser reconhecido, afirmado e proclamado. O homem que possui o reino de Deus colocou-se sob o domínio soberano de Deus, com tudo o que isto significa, no presente e no futuro. Implícita nesta confiança na soberania de Deus está a convicção de que o governo de Deus será estabelecido completamente. Isto inclui a eliminação de todo mal.

A expressão **que... tendes fome**, semelhante à palavra **pobres**, tem uma dupla conotação. A fome, por si mesma, pode ser uma experiência terrível, trágica. Enquanto estas linhas estão sendo escritas, consciências sensíveis, por toda parte, estão profundamente preocupadas com quadros terríveis de criancinhas inchadas, morrendo de inanição, em uma região sitiada da África. Não há nada de bendito ou de cristão nisso. A ênfase nessa beatitude é no tempo presente. Os benditos são descritos como os que **agora tendes fome**. Ou seja, eles não têm satisfação nas fontes oferecidas pelo mundo. Talvez também tenham fome fisicamente. Muitos cristãos primitivos sofreram privações econômicas, por causa da separação entre eles e o mundo, causada por sua dedicação a uma peregrinação, cujo alvo estava além das satisfações mesquinhas e superficiais do presente. A sua fome é a única que certamente será satisfeita, visto que só Deus pode satisfazer os anseios e necessidades da humanidade.

Paradoxalmente, os homens que se voltaram para Deus e confiantemente enfrentam o futuro que ele lhes propicia, **agora choram**. Choram por causa dos seus pecados e suas tristezas. (Eles choram também porque são sensíveis às injustiças e desacertos que observam no seu mundo. Choram por causa do racismo, da exploração dos pobres, a trágica escravidão de pessoas dominadas

por drogas e álcool, e das dores e sofrimentos dos homens. Eles **haverão de rir**, porque o direito de Deus prevalecerá. Amor, perdão, reconciliação e cura são as forças que determinarão a forma final das coisas. Deus assim o quis, e assim deverá acontecer. Esta é a espécie de convicção que sublinha as beatitudes, e torna possível a certeza profética com que elas são pronunciadas.

O tipo de perseguição descrito no verso 22 é exclusão da comunidade religiosa judaica — a sinagoga. Aqueles que são perseguidos por causa do **Filho do homem** são também declarados bem-aventurados. O Filho do homem pode ter o sentido de uma personalidade coletiva ou corporativa. Esta idéia é apresentada em Daniel, onde o Filho do homem parece representar os "santos do Altíssimo" (cf. Dan. 7:14 e 18). Desta forma, Filho do homem pode referir-se a uma pessoa, ou seja, Jesus, ou pode também incluir a comunidade que é constituída e estabelecida por ele. Sofrer **por causa do Filho do homem**, neste caso, significa sofrer como discípulo, como pessoa que é identificada com Jesus como membro do novo Israel, a Igreja. Ao invés de produzir consternação e perplexidade, a perseguição deve ser ocasião de júbilo. **Exultai** é tradução da mesma palavra que ocorre em 1:44. No meio de sofrimento, os discípulos podem experimentar o antegozo de um grande **galardão**. Essa recompensa não deve ser considerada em sentido crasso, materialista (veja 6:35). Seja o que for que os homens recebam de Deus, isso vem pela graça. Portanto, não é uma questão de acertar as contas, isto é, de pagar ao homem algo que ele ganhou. Além do mais, uma interpretação de galardão precisa estar em consonância com o caráter de Deus, e com o caráter de discípulo como discípulo. A dedicação ao discipulado é feita com base na auto-entrega e auto-esquecimento, o que exclui qualquer abordagem calculista, interesseira, do serviço a Deus. A segunda causa para alegria, na perseguição, é que desta forma o discípulo se torna parte de um grande exército de homens heróicos, os **profetas**, que experimentaram o mesmo tipo de tratamento. Mas os cristãos primitivos preferiam se identificar com o próprio Jesus, em seus sofrimentos (cf. Fil. 3:10).

4) **Os ais** (6:24-26)

24 Mas ai de vós que sois ricos! porque já recebestes a vossa consolação.
25 Ai de vós, os que agora estais fartos! porque tereis fome.
Ai de vós, os que agora rides! porque vos lamentareis e chorareis.
26 Ai de vós, quando todos os homens vos louvarem! porque assim faziam os seus pais aos falsos profetas.

Esta série de **ais**, encontrados apenas em Lucas, é uma condenação profética da perspectiva limitada de pessoas, que são controladas meramente por valores seculares. Jesus declara que os miseráveis, desafortunados, são os que são **ricos**, que **estão fartos agora**, e que **agora riem**.

A chave para a compreensão dos ais está na ênfase no tempo presente. Os ricos não são condenados porque possuem riqueza — responsabilidade tremenda, mas não pecado em si. É na sua atitude para com a riqueza que está o problema. Eles pensam que são ricos, isto é, não reconhecem a sua verdadeira pobreza e profunda necessidade. Aqueles que estão fartos agora são os que fruem a sua satisfação das coisas presentes e temporais. Não têm fome daquilo que Deus provê. Os que riem agora são as pessoas que gozam com as coisas próximas, tangíveis, temporais, efêmeras. Não se interessam nem são tocadas pela dor e pela tristeza dos outros seres humanos.

As pessoas a quem **louvam** são classificadas com os **falsos profetas**. São os sacerdotes do **status quo**, que não desafiam as injustiças e erros da sociedade em nome do Deus de justiça e misericórdia.

5) **Amor aos Inimigos** (6:27-31)

27 Mas a vós que ouvis, digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos

odeiam, 28 bendizei aos que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam. 29 Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te houver tirado a capa, não lhe negues também a túnica. 30 Dá a todo o que te pedir; e, ao que tomar o que é teu, não lho reclames. 31 Assim como quereis que os homens vos façam, do mesmo modo lhes fazei vós também.

Como devem os necessitados e perseguidos (v. 20-23) reagir para com os que os oprimem e exploram? A resposta de Jesus é: **amai a vossos inimigos**. A ordem é absoluta, sem nenhuma possibilidade de excusas ou apoio para racionalizações evasivas. Mas como é que o amor pode ser assim exigido? Indubitavelmente, não pode se interpretarmos o amor apenas como um sentimento ou como uma emoção. Somos atraídos ou repelidos por pessoas, por razões que percebemos apenas obscuramente, quando muito. Mas o amor é muito mais do que um sentimento. É uma forma de viver e se relacionar com outros seres humanos. Podemos agir de forma criativa, útil e redentora para com pessoas às quais não nos sentimos atraídas — mesmo para com aquelas que são hostis e vingativas. Esta maneira de agir está sob o controle de pessoas amadurecidas, que foram libertadas pelo evangelho; e, por conseguinte, ele pode ser exigido.

As frases que se sucedem interpretam o que Jesus quis dizer, ao dar esta ordem.. É elucidativo que a ênfase é primordialmente colocada nas ações: **fazei bem, bendizei, orai**. A ação prescrita para o discípulo é o oposto da ação hostil, executada contra ele. O discípulo de Jesus não tem o direito de replicar a injúrias com a mesma moeda. As suas armas não são as palavras duras, o porrete, o fuzil. Ele é armado apenas com amor ativo, boa vontade, amabilidade e perdão. Jesus apresenta algumas ilustrações concretas do que deseja dizer. Não há insulto mais direto ou provocante do que ser ferido na **face**. O que deve fazer o discípulo nesse caso? Deve apenas ficar ali e se submeter a essa indignidade? Não! Deve tomar a iniciativa de maneira inteiramente inesperada e incrível: deve **oferecer também a outra**. Se ele for roubado de sua **capa** (roupa exterior), precisa estar disposto a deixar o criminoso levar também a sua **túnica** (roupa interior). Estabelece-se o princípio de que a hostilidade e violência devem ser enfrentadas com boa vontade ativa, expressa em atos que estejam em exato contraste com o que se podia esperar.

O amor requer que sejamos generosos e de mãos abertas. Isto é enfatizado pela surpreendente ilustração dada no verso 30. Pode-se levantar a interrogação de se o amor algumas vezes não requer a recusa de pedidos, no interesse do bem-estar da outra pessoa. Mas isto não está em questão aqui, onde Jesus está descrevendo a generosidade ilimitada e irrestrita que deve caracterizar os seus seguidores.

De uma forma ou de outra, a Regra Áurea (v. 31) é encontrada na herança de várias culturas. Não faltava também no judaísmo, como por exemplo, em Tobias 4:15: "Acautela-te, não faças nunca a outro o que não quererias que outro te fizesse" (versão Matos Soares). Jesus o coloca em forma positiva, que está mais de acordo com os ensinamentos anteriores. Os seus discípulos não devem apenas refrear-se de fazer o mal aos outros. Devem também ministrar compreensão aos outros, a ajuda que todas as pessoas necessitam desesperadamente dos seus semelhantes.

6) A **Natureza do Genuíno Amor** (6:32-36)

32 Se amardes aos que vos amam, que mérito há nisso? Pois também os pecadores amam aos que os amam. 33 E se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que mérito há nisso? Também os pecadores fazem o mesmo. 34 E se emprestardes àqueles de quem esperais receber, que mérito há nisso? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para receberem outro tanto. 35 Amai, porém, a vossos inimigos, fazei bem e emprestai, nunca desanimando; e grande será a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até

para com os ingratos e maus. 36 Sede misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.

Mérito é tradução da palavra grega que significa graça, usada no Novo Testamento com diferenças sutis, difíceis de se expressar em traduções portuguesas. Graça é a bondade transbordante de Deus, derramada sobre pessoas não merecedoras. Mas a graça de Deus também traz à tona graça no indivíduo, de forma que a pessoa que a recebe torna-se instrumento para a expressão da mesma compaixão para com outrem. Jesus afirma que não precisamos possuir alguma graça especial ou generosidade de espírito para sermos capazes de reagir a pessoas que são amorosas e boas para conosco. Da mesma forma, não é necessário um espírito de sacrifício ou liberalidade para investir em pessoas quando temos a certeza de receber pelo menos outro tanto de volta. **Também os pecadores**, isto é, qualquer pessoa pode pagar favor com favor.

Mas amar pessoas hostis, críticas, e amá-las muito mais do que elas merecem ser amadas — isto é graça. Investir a vida e possessões em pessoas que não podem ou não querem retribuir — isto também é graça. É a expressão concreta, nas relações humanas, da presença e atividade de Deus no seu povo. Esta espécie de "amor não é motivada pela bondade ou beleza do outro. Ela procura produzir bondade e beleza nos outros." [17]

Pessoas que agem desta forma têm a certeza de que "é grande o seu galardão" (v. 23, acima). Que espécie de recompensa deseja um homem que ama as pessoas que são difíceis de amar, e que investe nelas sem esperança de recompensa? A sua retribuição é essencialmente o seu relacionamento com Deus e com o homem. Ele é um dos **filhos do Altíssimo**. Um verdadeiro filho ostenta o caráter e inculca o espírito de seu pai. Da mesma forma acontece com os verdadeiros filhos de Deus. O que os faz diferentes é que o amor de Deus, espontâneo, imerecido, transformador, flui através deles para os outros. Esta espécie de relacionamento com Deus, ao se dar aos outros, é a mais preciosa de todas as recompensas, visto que é a genuína expressão do verdadeiro objetivo da vida.

No paralelo de Mateus ao verso 36, a palavra é "perfeito", em vez de **misericordiosos**. Porém, ambas têm substancialmente o mesmo significado neste contexto. A tensão sob a qual o discípulo vive é o caráter de Deus. O caráter de Deus é descrito como misericordioso, o que significa que ele está constantemente exercendo, as suas misericórdias, isto é, concretos atos de amor, para com as pessoas que não os merecem. O discípulo deve executar as mesmas espécies de atos que Deus executa para com o mesmo tipo de pessoas. O imperativo do evangelho exige que nos tornemos, ao viver desta forma, o que Deus em graça já nos fez, isto é, **filhos**.

7) Advertência Contra Julgar (6:37,38)

37 Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai, e sereis perdoados. 38 Dai, e sereis dado; boa medida, recalcada, sacudida e trasbordando vos deitarão no regaço; porque com a mesma medida com que medis, vos medirão a vós.

Julgar significa basicamente exercer discriminação, mas aqui esta palavra está baseada no pressuposto de que a pessoa tem a capacidade de discernir, separando pessoas boas de más. **Condenar** tem a idéia um pouco além, pois significa julgar que a outra pessoa é culpada. O desejo das pessoas críticas e censuradoras é estabelecer não a inocência, mas a culpa. Elas querem descobrir o que há de pior nas pessoas. Esta atitude de autojustiça e juízo é exatamente o oposto do espírito generoso que Jesus requer. O fato é que as nossas impressões a respeito dos outros são, necessaria-

17 Stagg, Frank, **Studies in Luke's Gospel** (Nashville: Convention, 1967), p. 58.

mente, limitadas e superficiais, distorcidas por nossos preconceitos e paixões. O julgamento não pode ser justo, a não ser que leve todos os fatos em consideração. Visto que tão-somente Deus está na posse de toda a verdade, a respeito de qualquer um de nós, ele é a única pessoa capaz de ser juiz. A pessoa que julga usurpa o lugar que pertence apenas a Deus. Ela é culpada da pior espécie de idolatria, porque nega as suas próprias limitações como criatura, na sua tentativa de fazer de conta que é Deus.

Quando os homens se assentam para julgar os seus semelhantes, de fato eles estão se excluindo da categoria de pecadores, e, desta forma, se eximem da misericórdia. Quando **perdoam**, abrem a sua vida para a graça. A única maneira pela qual uma pessoa pode ser aberta para a graça de Deus é reconhecer que é pecadora. O corolário inescapável desta espécie de conhecimento próprio é a confissão de que, em seu pecado e necessidade, ela está no mesmo nível do seu irmão. Ela e seu irmão estão igualmente necessitados de perdão. Desta forma, vemos que é impossível estar aberto para Deus e fechado ao mesmo tempo para o nosso irmão. Jesus não ensina que o perdão de Deus é uma reação mecânica, subseqüente e dependente do ato humano de perdão. Pelo contrário, a capacidade de receber perdão e a capacidade de perdoar são dois lados da mesma moeda. Ambas estão alicerçadas no fato de que a graça de Deus se estende para nós e para o nosso irmão ao mesmo tempo.

Jesus nos assegura que não precisamos ter medo de **dar** amor e compreensão. Se nos lançarmos na espécie de aventura a que ele nos chama, descobriremos que os recursos que tomam o lugar do que damos nunca se esgotam. Sempre receberemos uma transbordante **medida** do amor e bondade de Deus, que repõem o nosso suprimento em medida mais do que suficiente. **Regaço** se refere à dobra da roupa que caía por cima do cinto, e que servia de bolso.

Com a mesma medida com que medis não é ameaça. Nem transforma Deus em uma espécie de guarda-livros celestial. É uma simples declaração da maneira que as coisas são.

8) **A Trave e o Argueiro** (6:39-42)

39 E propôs-lhes também uma parábola: Pode porventura um cego guiar outro cego? não cairão ambos no barranco? 40 Não é o discípulo mais do que o seu mestre; mas todo o que for bem instruído será como o seu mestre. 41 Por que vês o argueiro no olho de teu irmão, e não reparas na trave que está no teu próprio olho? 42 Ou, como podes dizer a teu irmão: Irmão, deixa-me tirar o argueiro que está no teu olho, não vendo tu mesmo a trave que está no teu? Hipócrita! tira primeiro a trave do teu olho; e então verás bem para tirar o argueiro que está no olho de teu irmão.

Os axiomas desta série não têm uma relação óbvia uns com os outros. Os dois primeiros aparecem em Mateus, em outros contextos, e, provavelmente, foram inseridos por Lucas neste sermão. Em Mateus, os "guias cegos" são os fariseus (15:14). No primeiro Evangelho, o princípio encontrado em 40a é usado para advertir, os discípulos, que não podem esperar melhor tratamento do que o seu Mestre havia recebido (Mat. 10:24a).

Quem sabe, no contexto de Lucas, esses axiomas estejam relacionados com o assunto geral de julgamento, apresentado na passagem precedente. Podem ser considerados como dirigidos especialmente aos doze, que tinham responsabilidades peculiares, como líderes e mestres da comunidade primitiva (Grundmann, p. 152). O **mestre** não é juiz dos outros. Não obstante, ele funciona como uma espécie de crítico, devido à própria natureza da causa. As pessoas que se colocam debaixo de sua influência determinarão o seu curso de ação mediante a orientação dele. Se o mestre quer ser útil aos outros, precisa conservar a sua própria vida sob constante e rigoroso exame introspectivo. O mestre que for **cego** para com os seus próprios defeitos, dificil-

mente poderá ajudar os outros a verem os seus. De fato, não se pode esperar que o **discípulo** se levante acima do nível do seu mestre. Por outro lado, o discípulo **bem instruído**, isto é, sobre quem o mestre exerceu o máximo de influência, **será como o seu mestre**. Mestres cegos produzirão discípulos cegos.

Os discípulos não devem julgar, mas não podem também ser indiferentes para com as necessidades morais dos seus irmãos. Isto é tão mau, a seu modo, como julgar os outros. Jesus ensina que somos responsáveis pelo bem-estar moral e espiritual dos outros (cf. Gál. 6:1 e ss.). O irmão sempre tem um **argueiro** no seu olho, e precisa de ajuda para tirá-lo. Qualquer pessoa que já precisou pedir a alguém para ajudá-lo a tirar uma partícula estranha do olho pode apreciar a conveniência desta figura. Porém não podemos ajudar os outros a resolver os seus problemas, se assumirmos uma posição de superioridade moral. O pecado de nosso irmão, em comparação com o nosso, precisa ser sempre considerado na proporção de um **argueiro**, isto é, de um cisco, para com uma **trave**, que é a viga que sustenta o madeiramento de uma casa. As pessoas geralmente invertem a equação, de forma que o pecado do irmão torna-se a trave, enquanto o delas mesmas é o argueiro. Isto leva a pessoa a abrir-se para a acusação de ser **hipócrita**. A palavra grega para designar um ator era hipócrita, e dela vem o significado de alguém que pretenda ser algo que não é. A pessoa que ostenta justiça própria é hipócrita, porque não percebe a sua necessidade de graça. Enquanto ela for tão insensível às suas próprias necessidades, não poderá ajudar os outros a carregar os seus fardos morais.

9) A Manifestação do Caráter (6:43-45)

43 Porque não há árvore boa que dê mau fruto, nem tampouco árvore má que dê bom fruto. 44 Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois dos espinheiros não se colhem figos, nem dos abrolhos se vindimam uvas. 45 O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem; e o homem mau, do seu mau tesouro tira o mal; pois do que há em abundância no coração, disso fala a boa.

A qualidade dos atos exteriores de um homem é determinada pela sua natureza interior. Isto é ilustrado pela analogia das duas espécies de árvores. **Má** significa tanto podre como infrutífera ou inútil, mas aqui o que é indicado é a última acepção. **Figos** e **uvas** são exemplos de bom fruto. **Espinheiros** e **abrolhos** são tipos de plantas inúteis. A árvore é geralmente julgada pelo seu produto; mas, por outro lado, a qualidade da árvore determina a qualidade do produto. Há uma espécie de relação básica entre o caráter e as obras de um homem.

Os atos que são bons e amorosos procedem de um **coração** generoso e compassivo. O coração é o centro do homem, como ser inteligente, volitivo, emocional. Se um homem não está certo no centro do seu ser, os seus atos são contaminados desde a fonte. Até as chamadas boas ações podem ser más, se realizadas com motivos errados. O hipócrita proverbial é o homem muito religioso que faz longas orações e contribui para causas dignas, mas tudo com motivos errados.

Claro que bem ou mal podem ser apenas avaliações relativas, quando aplicadas a seres humanos. O bem e o mal estão misturados no mesmo indivíduo. No entanto, atos e palavras genuinamente bons procedem de uma bondade íntima que seja genuína.

10) Confissão e Atos (6:46-49)

46 E por que me chamais: Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu vos digo? 47 Todo aquele que vem a mim, e ouve as minhas palavras, e as pratica, eu vos mostrarei a quem é semelhante: 48 É semelhante ao homem que, edificando uma casa, cavou, abriu profunda vala, e pôs os alicerces sobre a rocha; e, vindo a enchente, bateu com ímpeto a torrente naquela casa, e não a pôde abalar, porque tinha sido bem edificada. 49 Mas o que ouve e não pratica é semelhante a um homem que edificou uma casa sobre terra, sem alicerces, na qual bateu com

ímpeto a torrente, e logo caiu; e foi grande a ruína daquela casa.

Dois processos diferentes de edificação sublinham as passagens paralelas em Mateus e Lucas (cf. Mat. 7:24-27). Em Mateus, os dois homens indicam a sua sabedoria ou falta dela pela forma de escolher o tipo de solo em que edificaram a sua casa. Em Lucas, o sábio construtor dá-se ao trabalho de cavar até o leito rochoso, a fim de encontrar **alicerces** firmes para a sua casa, enquanto o outro deixa de tomar esta precaução. Em Mateus, as casas são açoitadas pelas forças de uma tempestade, isto é, vento, chuva e inundação. O homem que perdeu a sua casa cometera o erro de edificá-la em um leito de rio seco, que com a tempestade de verão se tornou uma torrente tumultuosa. Em Lucas, ambas as casas são atingidas pela rápida inundação de um rio transbordante. Esta não é uma ocorrência incomum em países áridos, em que a chuva pode de repente encher os leitos dos rios que, havia muito tempo, estavam secos, como no caso dos rios temporários da Palestina.

O problema com que a parábola lida é perene, a saber, a discrepância entre confissão e prática, da parte dos membros da comunidade cristã. Jesus ensina que protestos verbais de lealdade não são alicerce firme com que enfrentar a inundação do juízo iminente de Deus.

Senhor tinha uma variedade de significados nos tempos neotestamentários. Iam desde um título de respeito, equivalente ao "senhor" que usamos todos os dias, até a tradução de Yahweh, na LXX, que era o nome sagrado de Deus. Os governantes eram chamados senhores, bem como as divindades do mundo oriental. No Oriente, dava-se o título de senhor ao rei ou imperador deificado, e, nesse caso, o sentido era religioso. Isto produzia graves problemas para os primeiros cristãos, para quem somente podia haver um "Senhor, Jesus Cristo" (I Cor. 8:6). Esse título assumiu várias nuanças de significado, no desenvolvimento e expressão da cristologia da comunidade cristã, em contraposição ao mundo helênico. Um conceito sublinhador e unificador de todos os seus diferentes usos é a ênfase na autoridade, que é primordial, nesta passagem.

O que significa aceitar a autoridade de Jesus? Significa muito mais do que apenas usar palavras, não importa o quanto elas sejam sagradas. Os contornos de uma vida devem ser determinados pelas suas exigências. Uma pessoa testifica do senhorio de Jesus, em sua vida, ouvindo e pondo em prática as suas palavras, das quais, algumas das mais difíceis estão contidas no sermão que termina com esta advertência.

5. A Natureza da Missão de Jesus (7:1-50)

1) Os Poderosos Atos do Messias (7:1-17)

a. O Servo do Centurião (7:1-10)

1 Quando acabou de proferir todas estas palavras aos ouvidos do povo, entrou em Cafarnaum. 2 E um servo de certo centurião, de quem era muito estimado, estava doente, quase à morte. 3 O centurião, pois, ouvindo falar de Jesus, enviou-lhe uns anciãos dos judeus, a pedir-lhe que viesse curar o seu servo. 4 E, chegando eles junto de Jesus, rogavam-lhe com instância, dizendo: É digno de que lhe concedas isto; 5 porque ama à nossa nação, e ele mesmo nos edificou a sinagoga. 6 Ia pois, Jesus com eles; mas, quando já estava perto da casa, enviou o centurião uns amigos a dizer-lhe: Senhor, não te incomodes; porque não sou digno de que entres debaixo do meu telhado 7 por isso nem ainda me julguei digno de ir à tua presença; dize, porém, uma palavra, e seja o meu servo curado. 8 pois também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem; e ao meu servo: Faze isto, e ele o faz. 9 Jesus, ouvindo isso, admirou-se dele e, voltando-se para a multidão que o seguia, disse: Eu vos afirmo que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé. 10 E, voltando para casa os que haviam sido enviados, encontraram o servo com saúde.

Mateus também apresenta a história da cura do servo do centurião depois do Sermão da Montanha (8:5 e ss.), porém

separada deste pela cura de um leproso. Em Lucas, o centurião entra em contato com Jesus apenas através de intermediários, enquanto em Mateus o contato entre os dois é direto.

A cura do escravo do centurião teve grande significado como justificativa para a missão mais ampla aos gentios, que se desenvolveu logo depois do término do ministério de Jesus. O simbolismo da narrativa, freqüentemente mencionado, é visível. Jesus cura à distância, com uma palavra, da mesma forma que cura também outra gentia, a filha da mulher siro-fenícia (Mar. 7:24 e ss.). Isto retrata a situação dos gentios na posterior missão gentílica, que tiveram contato com Jesus através de sua palavra de poder, mas não através de sua presença física.

Um **centurião** era, tecnicamente, o comandante de uma "centúria", ou seja, cem soldados de infantaria de uma legião romana. O tamanho de sua tropa, no entanto, variava de acordo com o tamanho da legião. Visto que a Galiléia não estava sob o governo direto de Roma, o centurião era oficial a serviço de Herodes Antipas. Uma das principais funções das tropas estacionadas em Cafarnaum, cidade limítrofe, era propiciar apoio armado aos coletores de impostos, que cobravam os impostos aduaneiros das mercadorias que entravam e saíam da região (veja 3:12-14). Embora não seja declarado que o centurião era gentio, isto está implícito em vários pontos da história.

A gravidade da doença é exposta caracteristicamente, bem como o valor do enfermo. **Estimado** podia referir-se ao valor econômico do escravo, mas aqui indubitavelmente esta palavra descreve a grande afeição e estima que seu senhor lhe tinha. Julgando-se indigno de aproximar-se de Jesus pessoalmente, o oficial gentio do exército envia uma delegação de **anciãos** judeus. Esse título significa, provavelmente, apenas que eles eram cidadãos importantes. Há uma notável semelhança entre este centurião e o de Atos 10. O centurião de Cafarnaum provavelmente podia também ser descrito como "temente a Deus", um dentre um grande número de gentios que eram atraídos ao judaísmo pelo seu monoteísmo e elevados padrões éticos, mas que ainda não haviam dado os passos necessários para se tornarem prosélitos. A sua apreciação do judaísmo fora expressa pelo generoso gesto de custear a construção da **sinagoga** local.

A hesitação do centurião em entrar em contato direto com Jesus se originava do fato de que ele era gentio. Mas não há hesitação nenhuma da parte de Jesus em dirigir-se a ele (cf. Mat. 8:7). A viagem é interrompida pela segunda delegação, composta de **amigos**. É visível que o centurião tinha duas grandes características: humildade e fé. Embora a delegação judaica o houvesse descrito como **digno**, ele mesmo protesta que **não é digno** de falar com Jesus ou de recebê-lo em sua casa. De qualquer forma, ele estava convencido de que isto não era necessário. Jesus não precisava estar presente; ele podia curar com a sua **palavra**. Tal era a confiança que ele tinha na **autoridade** de Jesus sobre os poderes que afligem o homem. E ele sabia o que é autoridade, a partir de duas perspectivas. Os seus superiores precisavam apenas falar, e ele executava as ordens deles. Por outro lado, a sua palavra era suficiente para assegurar a obediência daqueles que estavam sob seu comando. Da mesma forma, a simples palavra de ordem de Jesus seria suficiente para obter a obediência dos poderes que lhe estão sujeitos.

Esta história é o veículo para apresentar as palavras de Jesus, no verso 9, que são o seu elemento central e mais importante. Um gentio pode ter fé — e não apenas isto: ele pode ter fé como **nem mesmo** em Israel Jesus encontrara. Só esse homem havia percebido a verdadeira natureza da autoridade de Jesus. Lucas termina a história com uma nota carac-

terística a respeito da eficiência do milagre. Ao voltar, os mensageiros encontraram o escravo **com saúde.**

b. O Filho da Viúva (7:11-17)

11 Pouco depois seguiu ele viagem para uma cidade chamada Naim; e iam com ele seus discípulos e uma grande multidão. 12 Quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam para fora um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva; e com ela ia uma grande multidão da cidade. 13 Logo que o Senhor a viu, encheu-se de compaixão por ela, e disse-lhe: Não chores. 14 Então, chegando-se, tocou no esquife, e, quando pararam os que o levavam, disse: Moço, a ti te digo; Levanta-te. 15 O que estivera morto sentou-se e começou a falar. Então Jesus o entregou à sua mãe. 16 O medo se apoderou de todos, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós; e: Deus visitou o seu povo. 17 E correu a notícia disto por toda a Judéia e por toda a região circunvizinha.

Naim, moderna aldeia de Nein, era próxima de Sunem, onde Eliseu havia ressuscitado um menino dentre os mortos (II Reis 4:21-37). Podia-se chegar ali viajando de Cafarnaum para sudoeste, cerca de nove horas a pé. Dentre os Evangelhos Sinópticos, só Lucas menciona esta cidade, pois ela pertence ao material especial de Lucas.

O povo que acompanhou Jesus é dividido em dois grupos: os **discípulos** e a **multidão**, distinção característica depois dos acontecimentos de 6:12-19. Antes de chegar aos portões da cidade de Naim, eles encontram um enterro a caminho do cemitério que ficava fora da cidade. Acompanhar um féretro ao sepultamento era considerado obra meritória entre os judeus. A sina trágica da mãe desesperada é clara para todos os que têm conhecimento dos costumes da sociedade antiga. Ela é uma **viúva** que agora perdeu o seu **filho único.** Visto que Jesus se dirige ao filho como **moço** (v. 14), podemos presumir que a mulher fora deixada ao abandono em idade relativamente jovem. Ela vivera em um mundo dos homens, em que a mulher não tinha direitos legais. O testemunho de mulheres e escravos não era aceito nos processos judiciais (Sifre Deut. sobre 19:17). Desta forma, uma mulher sem homem para representá-la, estava particularmente indefesa. Os Evangelhos testificam que Jesus tinha **compaixão** de pessoas como esta.

Jesus é chamado de **Senhor**, título especialmente significativo para o Cristo exaltado na comunidade cristã gentílica. A mais antiga confissão de fé cristã era "Jesus é Senhor". Este título é especialmente significativo em uma narrativa que descreve o poder do Senhor sobre a morte, o último inimigo.

Ele **tocou no esquife**, a despeito do fato de que contato com os mortos era evitado, porque fazia com que a pessoa se tornasse imunda (Núm. 19:11). A este sinal os que carregavam o caixão param, e Jesus ordena ao jovem que volte à vida. No contexto **levanta-te** significa levantar-se ou voltar dentre os mortos. A ordem é prefaciada pela expressão direta, autoritária, **A ti te digo** (cf. 5:24). Mediante tão somente a palavra de Jesus, o moço é trazido de volta à vida. A maneira como esse ato poderoso é completo demonstra-se pelo fato de que o rapaz **começou a falar**. E ele **o entregou a sua mãe** é idêntico à frase da Septuaginta em I Reis 17:23, evidência da íntima relação com o milagre semelhante, realizado por Elias.

Esse feito de Jesus fez os circunstantes se lembrarem dos poderosos atos realizados pelos grandes profetas Elias e Eliseu (I Reis 17:17-24; II Reis 4:21-37). **Se levantou** é o mesmo verbo que Jesus havia usado no verso 14 e possivelmente tem o mesmo significado (cf. 9:19). Talvez eles pensassem que Deus havia levantado Elias, ou Eliseu, dentre os mortos. A crença de que um **grande profeta** se havia levantado indica a convicção de que a era messiânica estava às portas. O verbo "visitar" é usado para falar da intervenção de Deus na história do seu povo, mediante atos de juízo e salvação. Aqui ele é usado, como também no texto grego

de 1:68,78, com referência à inauguração da era messiânica (cf. 19:44). O relato se encerra com uma nota a respeito da disseminação abundante do relato acerca do milagre operado por Jesus, preparando o palco para o episódio seguinte.

2) A **Pergunta de João** (7:18-23)

18 Ora, os discípulos de João anunciaram-lhe todas estas coisas. 19 E João, chamando a dois deles, enviou-os ao Senhor para perguntar-lhe: És tu aquele que havia de vir, ou havemos de esperar outro? 20 Quando aqueles homens chegaram junto dele, disseram: João, o Batista, enviou-nos a perguntar-te: És tu aquele que havia de vir, ou havemos de esperar outro? 21 Naquela mesma hora, curou a muitos de doenças, de moléstias e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos. 22 Então lhes respondeu: Ide, e contai a João o que tendes visto e ouvido: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho. 23 E bem-aventurado aquele que não se escandalizar de mim.

Todas estas coisas são o rumor que circulava acerca das obras poderosas de Jesus, incluindo-se a cura do escravo do centurião e a ressurreição do filho da viúva. Tendo já mencionado que João estava na prisão, Lucas não repete esse detalhe aqui (cf. Mat. 11:2). De Josefo, aprendemos que ele havia sido encarcerado por Herodes em Maqueros, fortaleza que ficava a leste do Mar Morto.

João envia **dois discípulos** para transmitir a sua pergunta a Jesus, número mínimo de testemunhas necessárias para estabelecer um fato em processo judicial. Eles deviam levar de volta relatos de fatos de que fossem testemunhas oculares, em contraposição às notícias de segunda mão que João havia recebido.

Lucas não dá a entender necessariamente que a pergunta de João fora motivada por falta de fé. No entanto, o episódio todo focaliza a tensão entre o que João esperava e o curso atual do ministério de Jesus. João havia proclamado que o Messias iniciaria o juízo escatológico. Ele iria cortar as árvores infrutíferas (3:9) e destruir a palha inútil (3:17), mas nenhuma dessas duas coisas acontecera. Herodes ainda estava governando, ao passo que o profeta estava na prisão.

Aquele que havia de vir é tradução de um particípio: "o vindouro". Esse era, provavelmente, um título messiânico (veja 3:16). Ele pode ter afinidades com o conceito de um Filho do homem glorioso que devia vir sobre as nuvens (Dan. 7:13).

A resposta de Jesus, à interrogação, é dada na forma de atos que representam o cumprimento do seu programa messiânico. Ele pede aos dois homens simplesmente para relatarem o que **tinham visto**, do que João podia tirar as suas próprias conclusões. A lista de milagres feitos por Jesus começa com a outorga de vista aos **cegos** e termina com a pregação do **evangelho** aos **pobres**. Esses dois foram mencionados no programa esboçado em 4:18, 19. Os outros não são mencionados naquela passagem, mas testificam todos a respeito da chegada da soberania de Deus.

Escandalizar-se significa tropeçar ou cair sobre algo. Daí se origina o uso, freqüentemente encontrado em o Novo Testamento, de fazer tropeçar moralmente ou fazer cair em pecado. Os homens que eram dominados por noções preconcebidas do que o Messias devia fazer achavam ofensivas as palavras e atos de Jesus. Em grande parte, ele foi rejeitado porque era uma surpresa. Ele não se enquadrava no molde que os homens haviam preparado para ele, que incluía em grande parte, os seus desejos de vingança e glória. Eles queriam um Messias que destruísse os inimigos deles e acabasse com a sua humilhação nacional. Eles sustentavam as suas expectativas com as Escrituras. Mas até com as Escrituras o homem não pode predizer a vontade de Deus; se assim fosse, com a Escritura o homem se tornaria Deus. Esta é uma perene idolatria, que continua a reaparecer em círculos piedosos. A pessoa **bem-aventurada** é a que é sen-

sível ao que Deus está fazendo, e que é capaz de reagir sem as desvantagens de noções preconcebidas. Desta forma, Moffatt traduz esta frase: "E bendito é aquele que não é repelido por nada em mim" (v. 23).

3) Avaliação de João Feita por Jesus (7:24-30)

24 E, tendo-se retirado os mensageiros de João, Jesus começou a dizer às multidões a respeito de João: Que saístes a ver no deserto? um caniço agitado pelo vento? 25 Mas que saístes a ver? um homem trajado de vestes luxuosas? Eis que aqueles que trajam roupas preciosas, e vivem em delícias, estão nos paços reais. 26 Mas que saístes a ver? um profeta? Sim, vos digo, e muito mais do que profeta. 27 Este é aquele de quem está escrito:

Eis aí envio ante a tua face o meu mensageiro,
que há de preparar adiante de ti o teu caminho.

28 Pois eu vos digo que, entre os nascidos de mulher, não há nenhum maior do que João; mas aquele que é o menor no reino de Deus é maior do que ele. 29 E todo o povo que o ouviu, e até os publicanos, reconheceram a justiça de Deus, recebendo o batismo de João. 30 Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus quanto a si mesmos, não sendo batizados por ele.

Qual foi a avaliação que Jesus fez de João? Essa pergunta é respondida agora. Acontecimentos recentes podiam ter afetado a atitude popular com relação a João. As multidões são notoriamente inconstantes. Possivelmente, o povo havia começado a descartar-se, em suas mentes, do homem irremissivelmente confinado na prisão da fortaleza de Herodes. Afinal de contas, o destino que lhe coubera parecia contradizer a mensagem que ele pregara.

Nem **caniço** nem homens vestidos de **vestes luxuosas** seriam encontrados nas regiões semi-áridas do **deserto**. Os caniços eram plantas aquáticas, que serviam de símbolo de fraqueza (I Reis 14:15; Ez. 29:6), como se dá a entender pela expressão **agitado pelo vento**. Os filhos mimados da riqueza devem ser encontrados nos centros do poder, riqueza e alegria, que, nos tempos primitivos, eram os **paços reais**. Em contraste, o deserto é o ambiente característico do profeta, que fugia da influência debilitante e enervante dos círculos de prazer da sociedade daquela época, e que não estava interessado em refeições suntuosas e roupas lindissimas. Ir ao deserto esperando encontrar um homem fraco, vacilante, teria sido tão insensato quanto ir lá procurando caniços ou sicofantas da corte. O povo havia ido aos domínios de um profeta, procurando um homem que se enquadrasse neles. E essa era a qualidade de homem que havia encontrado.

Porém Jesus vai mais além: João era **mais do que profeta**. Ele era o arauto do Messias, o cumprimento de Malaquias 3:1. João se situa na fronteira entre dois períodos e, por conseguinte, desempenha um papel exclusivo na história da salvação. Jesus afirma que jamais viveu ser humano maior do que João. E, no entanto, paradoxalmente, **o menor no reino de Deus é maior do que ele**. A questão não é, de forma alguma, de valor pessoal inerente. Jesus já decidira isso. Pelo contrário, é a da importância relativa das duas épocas. João pertencia ao período dos profetas, fase essencial, mas preparatória da redenção. Mas ela não deve ser comparada com o tempo da salvação, inaugurado por Jesus, do qual o menor dos discípulos participa.

Os versículos 29 e 30 podem ser colocados entre parênteses, de forma a indicar que representam um comentário editorial, e não palavras de Jesus. Plummer (p. 205 e ss.) assume o ponto de vista oposto, dizendo que eles fazem parte das palavras de Jesus.

Na mensagem de Jesus, Israel se defrontara com a demanda de arrependimento, feita por Deus, à qual tinha havido duas reações contrastantes. Mediante a submissão ao batismo, que era sinal de arrependimento, o **povo** (cf. 3:21) e os **publicanos** (cf. 3:12) haviam **reconhecido a justiça de Deus**. Haviam reconhecido que Deus era justo, em seu

juízo contra os seus pecados, e em suas reivindicações sobre as suas vidas. Os líderes religiosos, **fariseus** e **doutores da lei**, haviam-se recusado a arrepender-se. Em sua insistência obstinada, a respeito de sua própria justiça, eles haviam-se recusado a reconhecer as reivindicações justas de Deus. O reconhecimento de pecado é uma confissão da justiça de Deus. Por outro lado, a cegueira ao seu próprio pecado é rejeição da justiça de Deus.

Desta forma, nos defrontamos com uma situação paradoxal: os "experts" em religião foram exatamente as pessoas que se colocaram sob o juízo de Deus. **Doutores da lei (nomikoi)** é palavra usada freqüentemente em Lucas, mas raramente em outras partes do Novo Testamento. É sinônimo de escribas, os mestres da lei judaica.

4) As Crianças Brincando (7:31-35)

31 A que, pois, compararei os homens desta geração, e a que são semelhantes? 32 São semelhantes aos meninos que, sentados nas praças, gritam uns para os outros:
Tocamo-vos flauta, e não dançastes;
cantamos lamentações, e não chorastes.
33 Porquanto veio João, o Batista, não comendo pão nem bebendo vinho, e dizeis: Tem demônio; 34 veio o Filho do homem, comendo e bebendo, e dizeis: Eis aí um comilão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores. 35 Mas a sabedoria é justificada por todos os seus filhos.

Os homens desta geração eram especificamente os que haviam rejeitado João e Jesus. São comparados com crianças entediadas e caprichosas, que sempre querem resolver o tipo de brincadeira e que ficam muito irritadas se os seus companheiros de folguedos não se alinham com as suas sugestões. **Tocamo-vos flauta**, na verdade, se refere ao toque de uma espécie de clarinete usado em casamentos, banquetes e funerais. Visto que os meninos são conclamados para dançar, o brinquedo devia ser "casamento". Quando a brincadeira muda para "funeral", a reação é a mesma. Os companheiros de lazer não se aproveitam da deixa apresentada pelo cântico fúnebre, e não fazem papel de carpideiras.

O povo agira da mesma forma arbitrária e peremptória em relação a João e Jesus. João era um asceta, um homem estranho, que não comia o que os outros comiam. Ele havia-se isolado dos centros da sociedade, e havia-se sustentado com uma dieta típica do deserto. Não havia alegria ou leveza a respeito daquele profeta de julgamento. O povo queria que João fosse sociável e prazenteiro, isto é, que brincasse de "casamento", mas ele não quis fazer parte de seu brinquedo. **Tem demônio** é expressão idiomática, que significava: "é louco", maneira antiga de colocar de lado uma pessoa que não se ajustasse ao molde comum.

Jesus, por outro lado, passava a maior parte do seu tempo nas cidades, em contato com o povo. Era conviva de casamentos, banquetes e outras atividades sociais. Esta passagem dá a entender que ele tinha gosto pela vida, e gostava de estar em boa companhia. Ora, aqueles que não haviam ficado satisfeitos com João queriam agora mudar a brincadeira para "funeral", e ficavam tristes porque Jesus não queria cooperar. Proferiam críticas exageradas contra ele; **comilão e bebedor de vinho**, e zombavam de sua amizade com nada menos do que uma multidão de **publicanos e pecadores**.

O significado do verso 35 é problemático. Mateus (11:19) grafa "obras", em vez de **filhos. Sabedoria** é a sabedoria de Deus, e é uma perífrase do nome de Deus. Tanto João como Jesus haviam sido enviados por Deus. Será que "filhos" se referia a eles, ou ao povo que havia reagido favoravelmente ao seu ministério? Talvez a segunda hipótese seja a válida. Só as pessoas que eram receptivas à atividade reveladora e redentora de Deus podiam apreciar a conveniência, tanto de João quanto de Jesus, aos propósitos daquele mesmo Deus. O fato de elas aceitarem a mensagem de Deus, pregada por esses dois homens, era uma

justificação para a sua ação através deles.

5) A **Mulher Penitente** (7:36-50)

36 Um dos fariseus convidou-o para comer com ele; e, entrando em casa do fariseu, reclinou-se à mesa. 37 E eis que uma mulher pecadora, que havia na cidade, quando soube que ele estava à mesa, em casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com bálsamo; 38 e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas e os enxugava com os cabelos da sua cabeça; e beijava-lhe os pés e ungia-os com o bálsamo. 39 Mas, ao ver isso, o fariseu que o convidara falava consigo, dizendo: Se este homem fosse profeta, saberia quem e de que qualidade é essa mulher que o toca, pois é uma pecadora. 40 E, respondendo Jesus, disse-lhe: Simão, tenho uma coisa a dizer-te. Respondeu ele: Dize-a, Mestre. 41 Certo credor tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários, e outro cinqüenta. 42 Não tendo eles com que pagar, perdoou a ambos. Qual deles, pois, o amará mais? 43 Respondeu Simão: Suponho que é aquele a quem mais perdoou. Replicou-lhe Jesus: Julgaste bem. 44 E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês tu esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; mas esta com suas lágrimas os regou e com seus cabelos os enxugou. 45 Não me deste ósculo; ela, porém, desde que entrei, não tem cessado de beijar-me os pés. 46 Não me ungiste a cabeça com óleo; mas esta com bálsamo ungiu-me os pés. 47 Por isso te digo: Perdoados lhes são os pecados, que são muitos; porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama. 48 E disse a ela: Perdoados são os teus pecados. 49 Mas os que estavam com ele à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este que até perdoa pecados? 50 Jesus, porém, disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz.

Jesus é apresentado no tipo de situação que servia como base para as críticas discorcidas, mencionadas no episódio precedente (v. 34). As narrativas do Evangelho deixam a impressão de que ele era um conviva procurado e bem-vindo em em ocasiões festivas. Ele também não era excluído das casas dos **fariseus**, o que indica que, pelo menos durante uma parte do seu ministério, a hostilidade farisaica contra ele não era total. Para este vislumbre da relação de Jesus com alguns dos fariseus, somos devedores a Lucas, que fala de duas outras ocasiões em que Jesus comeu com eles (11:37; 14:1). Embora ele se identificasse primordialmente com pessoas dos níveis mais baixos da sociedade, nenhuma pessoa ou lar estava fora dos limites para ele. Falando que ele **reclinou-se à mesa** deve-se ter em mente que as pessoas ficavam semideitadas ao redor da mesa, sobre almofadas, enquanto comiam.

Em tais ocasiões, a hospitalidade do Oriente Médio requeria que ninguém fosse barrado à porta. Era comum entrarem pessoas das ruas, e permanecerem por ali, observando as festividades. A mulher que entrou é chamada de **pecadora**, palavra que tem a conotação genérica de impureza ritual (veja 5:30). Não obstante, essa mulher de muitos pecados (v. 47) provavelmente era prostituta. O uso absoluto da expressão "mulher pecadora" ocorre neste sentido na literatura rabínica (Strack-Billerbeck, II, 162).

A cena que se segue é das mais pungentes e belas do Novo Testamento. Cada gesto dessa mulher, indica grande humildade e senso de indignidade na presença de uma Pessoa que é genuinamente boa. No entanto, percebemos também que tinha ela inteira confiança em que essa pessoa boa não tivesse a atitude que tinha o fariseu. Pelo fato de seus pés se terem estendido, enquanto ele se reclinava à mesa, a mulher pôde se aproximar de Jesus discretamente, para ungir os seus pés com o bálsamo que trouxera para esse fim. Antes de poder se desincumbir de sua missão, todavia, ela fica tão emocionada que chora sobre os pés de Jesus, e, não tendo outro recurso, enxuga-os com os seus cabelos. [18] Beijar

18 Esta história tem afinidades com duas outras, nos Evangelhos (Mar. 14:3 e ss.; João 12:1 e ss.). A omissão de Lucas a respeito da história que Marcos conta, em sua narrativa da paixão, deve ser devida à sua semelhança à narrativa feita aqui. Creed acha que o notável paralelo entre João 12:3 e Lucas 7:38 é explicado por estar João dependendo de Lucas (p. 110). Não obstante, toda a questão do relacionamento literário entre João e Lucas é enigmática, e para ela nenhuma solução satisfatória foi dada até agora.

os pés de uma pessoa era sinal de profundo respeito. E, indubitavelmente, de humildade da parte de quem beijava.

O fariseu se apressa a tirar certas conclusões que traem as suas pressuposições. Visto que um homem bom como Jesus certamente não iria permitir que uma mulher daquele tipo o tocasse, ele não devia estar sabendo que espécie de pessoa era ela. Conseqüentemente, ele não podia ser um **profeta**, pois um homem com os dons de um profeta discerniria o caráter dela.

Jesus demonstrou que possuía dons proféticos, discernindo os próprios pensamentos indignos do fariseu. Agora ficamos sabendo que o nome do hospedeiro era Simão (cf. Mar. 14:3). A Parábola do Credor Incompassivo serve para ilustrar, simultaneamente, a relação do homem para com Deus e para com outros homens (cf. Mat. 18:23 e ss.). Diante de Deus, ele é um devedor desesperado. Que diferença faz se a dívida é de **quinhentos denários** ou **cinqüenta**, se a pessoa não pode pagar? Com relação aos outros, o homem é um co-devedor, cujas pretensões de superioridade moral e religiosa são completamente irrelevantes. Quinhentos denários representam os pecados da mulher; cinqüenta, os pecados de Simão. Mas este é o quadro visto do lado do homem, e não de Deus. Todos estão desesperadamente endividados, mas alguns se enganam, tentando crer que o seu pecado não é tão grande, em comparação com o dos outros. Essa parábola também ensina que Deus não é como os homens, exigindo asperamente o contrapeso de cada um em relação aos pecados cometidos. Ele perdoa livremente os pecados dos homens.

Esta parábola é a base para uma comparação humilhante entre o homem justo e a prostituta. Em Lucas, as pessoas que se orgulham de sua piedade e que não têm senso das suas necessidades pessoais são colocadas frente a frente com as pessoas que desprezam, a fim de dramatizar o perigo do orgulho moral (cf. 18:10 e ss.; 21:1 e ss.). A atitude de Simão para com Jesus é verificada quando ele deixa de lhe oferecer as comodidades sociais aceitas na época: água para lavar a poeira dos seus pés, o beijo de saudação, e o óleo para ungir a cabeça, como gesto de honra.

Jesus se volta para a mulher, trazendo-a, com este gesto, para o círculo. **Vês tu esta mulher?** Não! Simão não a tinha visto! Ele a havia classificado e desprezado, como alguém que estivesse em posição muito baixa para ser notada. Ele a havia despersonalizado, pensando nela como sendo apenas igual a todas as outras mulheres de sua laia. Mas em todos os aspectos demonstra-se que essa mulher é superior a Simão. Ela tem uma capacidade muito maior de amor e gratidão, baseados, como Jesus ensina, na sua capacidade para receber.

Desde que entrei dá a entender que a mulher havia seguido Jesus quando entrara na casa. À luz do diálogo seguinte, é provável que o fato de ela ter sido perdoada por Jesus precedesse a cena descrita aqui. O seu ato, assim, fora uma expressão de gratidão pela aceitação e amor que ela já havia encontrado.

Os versículos 47 e 48 parecem estar em pendência com a parábola dos versículos 41 e 42. Na parábola, amor é a reação ao perdão, enquanto a interpretação natural dos versículos 47 e 48 é de que o perdão é uma reação ao amor. A dificuldade é removida se traduzirmos: "O grande amor que ela demonstrou prova que os seus muitos pecados foram perdoados" (v. 47a, The English Version). Esta tradução coloca a primeira parte do versículo em harmonia com o versículo 47b (omitida por D) e a narrativa precedente. A declaração pública de Jesus, de que **perdoados** são **os pecados** dessa mulher, provoca uma reação hostil (veja 5:20 e ss.).

A **fé** da mulher era a sua crença de que a palavra de perdão pronunciada por Jesus era nada menos do que a palavra de Deus. Na verdade, a fé não salva uma

pessoa, pois o homem é salvo apenas pela graça de Deus. Mas a fé é a receptividade essencial para a atividade redentora de Deus. A mulher é declarada como possuidora da **paz** messiânica, uma palavra que é praticamente equivalente à salvação. Agora não existe tensão entre ela, a pecadora, e Deus. Por que ela sabe que é aceita e perdoada por Deus, pode perdoar a si mesma e levantar a cabeça diante dos outros. O milagre de Jesus tê-la aceito é claramente visto. Sob a influência dessa aceitação divina, as prostitutas descobrem o seu valor pessoal, como filhas do Deus vivo.

6. Missão Itinerante (8:1-56)

1) Os Companheiros de Jesus (8:1-3)

1 Logo depois disso, andava Jesus de cidade em cidade, e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus; e iam com ele os doze, 2 bem como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios, 3 Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Susana, e muitas outras que os serviam com os seus bens.

Logo depois marca a transição para outra fase das atividades de Jesus, para as quais o evangelista agora providencia uma introdução. Jesus está agora em constante movimento, dedicando-se a um ministério itinerante de pregação, que exige rápidas visitas a inúmeras **cidades** e **aldeias**. Ele passa por esses centros populacionais, parando apenas o suficiente para proclamar a sua mensagem. O conteúdo da pregação é **o evangelho do reino de Deus** (veja 4:43).

Lucas enfatiza o significado de reino como sendo de boas-novas para o povo que está vivendo entre a época de Jesus e a **Parousia**, ainda sujeito às pressões hostis das potestades desta era.

Jesus é acompanhado por dois grupos de testemunhas, os **doze** e **algumas mulheres**. O nome de três das mulheres é mencionado. Em Marcos também encontramos o nome de três mulheres que acompanhavam Jesus, inclusive Maria Madalena. As mesmas mulheres, duas das quais são mencionadas no paralelo de Lucas (24:10), são testemunhas da ressurreição (Mar. 16:1). A nota em Lucas 8:2 estabelece o fato de que as mulheres que foram as primeiras testemunhas da ressurreição também haviam estado com Jesus durante o seu ministério na Galiléia. Isto pode ser de valor em qualquer polêmica antignóstica, visto que as testemunhas são capazes de identificar o crucificado e ressuscitado como o Jesus de Nazaré (veja adiante sobre 23:49,55; 24:10).

Na vida das três mulheres, as boas-novas do reino haviam-se tornado realidade. O poder do governo de Deus operando através de Jesus, as havia libertado da escravidão dos **espíritos malignos** e **enfermidades**. **Maria Madalena** é identificada pela tradição como a pecadora apresentada na casa de Simão (Luc. 7:36 e ss.). Essa conjectura é mera suposição, não tendo apoio no texto. **Sete demônios** não se refere a imoralidade grosseira, como prostituição, mas ao estado mental e emocional desintegrado do qual Jesus havia libertado Maria. **Cuza**, como **procurador de Herodes**, ocupava uma posição de confiança e responsabilidade na administração de Herodes Antipas.

Marcos diz que as mulheres "ministravam" a Jesus (15:41). Lucas acrescenta **com os seus bens**. Elas cuidavam das modestas necessidades financeiras de Jesus, durante o seu ministério itinerante.

Depois desta introdução, Lucas volta à fonte de Marcos, para obter o material encontrado em 8:4-9:50. Algumas passagens dessa fonte são omitidas, de maneira especial a chamada "grande omissão" (Mar. 6:45-8:26), depois de 9:17 (acerca do que, veja a Introdução).

2) A Parábola do Semeador (8:4-8)

4 Ora, ajuntando-se uma grande multidão, e vindo ter com ele gente de todas as

cidades, disse Jesus por parábola: 5 Saiu o semeador a semear a sua semente. E quando semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho; e foi pisada, e as aves do céu a comeram. 6 E outra caiu sobre pedra; e, nascida, secou-se porque não havia umidade. 7 E outra caiu no meio dos espinhos; e crescendo com ela os espinhos, sufocaram-na. 8 Mas outra caiu em boá terra; e, nascida, produziu fruto, cem por um. Dizendo ele estas coisas, clamava: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

Marcos coloca esta parábola em uma sessão de ensinamentos realizada à margem do lago (4:1). Tendo já apresentado um palco semelhante para a atividade didática de Jesus que precedera a vocação de Simão Pedro (5:1-3), Lucas não o usa aqui. Pelo contrário, liga a parábola à missão itinerante de pregação realizada por Jesus em cidades e aldeias (v. 1-3 acima). Agora, gente de todas as partes se reúne, para ouvi-lo, em uma localidade não especificada. Jesus fala, à multidão reunida, **por parábola** ("parábolas" em Mar. 4:2; Mat. 13:3). Ele se dirige ao problema surgido com as diferentes reações do povo à sua proclamação do evangelho do reino.

Tem havido quatro espécies de reações que correspondem aos tipos de solo com que o fazendeiro palestino precisava haver-se em sua luta para obter uma colheita. Desta forma, o nome "parábola do semeador" não é tão apropriado como "parábola dos solos".

A experiência do semeador era lugar-comum na vida quotidiana da Palestina. Na época do plantio, o lavrador espalhava a semente amplamente em seu campo, e, subseqüentemente, a enterrava, com o seu arado primitivo. Em conseqüência, a semente caía indiscriminadamente tanto em solo bom quanto em mau.

O **caminho** é a trilha batida, endurecida pelos pés de pessoas e animais que haviam passado pelo campo do lavrador desde a última colheita. A semente que caísse nele era particularmente vulnerável às **aves** de rapina, que são os inimigos especiais do lavrador à época da semeadura.

O "solo pedregoso" de Marcos (4:5) é preferível à **pedra**. Em alguns lugares, o solo pouco espesso cobre uma camada subjacente de pedras, que de vez em quando afloram à superfície. A falta de profundidade, para o desenvolvimento de um sistema adequado de raízes, faz com que as plantas tenras se tornem indefesas contra o sol escorchante.

O lavrador palestino tinha que lutar contra grande variedade de ervas daninhas, algumas das quais davam espinhos ou cardos. Os **espinhos**, crescendo mais depressa do que as plantinhas, roubam-lhes o espaço e os nutrientes necessários ao seu crescimento.

Parte da semente caiu em **boa terra**. É aí que os esforços do lavrador têm sucesso. Quando semeia, ele sabe que parte de sua semente será perdida, sendo comida pelas aves, e parte nunca chegará a frutificar, devido à natureza do solo ou ao crescimento de ervas perniciosas. Mas ele semeia, na confiança de que a boa terra recompensará os seus esforços.

Da mesma forma acontece com a proclamação do reino de Deus. Há boa terra; a semente semeada nela chegará a frutificar, produzindo **cem por um**. Lucas não repete os "trinta por um" e "sessenta por um" de Marcos, talvez, como sugere Leaney (p. 151), para evitar o ensinamento gnóstico de que havia gradações de conhecimento a ser atingido pelos iniciados, depois do batismo. Esta parábola expressa a confiança de Jesus no reino de Deus. Ele está certo de que "Deus deu o início, trazendo com ele uma colheita ou recompensa além de tudo o que se pode pedir ou conceber" (J. Jeremias, p. 92).

Esta fé no poder soberano de Deus é a base da alegria de Jesus em meio às frustrações do seu ministério. A incrível cegueira do povo, inclusive a dureza dos discípulos, não é o fator que determina o futuro. A despeito de começos que nada prometem, Deus garante que a

colheita excederá todas as expectativas humanas.

Para Jesus, a colheita é a jubilosa celebração da ceifa dos frutos produzidos pela sua semeadura. O elemento de juízo não falta, porém, pois ele termina com um solene chamado ao arrependimento. Os que têm **ouvidos para ouvir**, isto é, que possuem a capacidade para perceber que a pregação de Jesus os fez defrontarem-se com os requisitos de um Deus soberano a respeito de suas vidas, precisam corresponder sem delongas.

3) Explicação da Parábola (8:9-15)

9 Perguntaram-lhe então seus discípulos o que significava essa parábola. 10 Respondeu ele: A vós é dado conhecer os mistérios do reino de Deus; mas aos outros se fala por parábolas; para que vendo, não vejam, e ouvindo, não entendam. 11 É, pois, esta a parábola: A semente é a palavra de Deus. 12 Os que estão à beira do caminho são os que ouvem; mas logo vem o Diabo e tira-lhes do coração a palavra, para que não suceda que, crendo, sejam salvos. 13 Os que estão sobre a pedra são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria; mas estes não têm raiz, apenas crêem por algum tempo, mas na hora da provação se desviam. 14 A parte que caiu entre os espinhos são os que ouviram e, indo seu caminho, são sufocados pelos cuidados, riquezas e deleites desta vida e não dão fruto com perfeição. 15 Mas a que caiu em boa terra são os que, ouvindo a palavra com coração reto e bom, a retêm, e dão fruto com perseverança.

O intérprete das palavras de Jesus defronta-se com duas perguntas básicas. Primeira: O que significavam elas no contexto da vida e dos ensinos de Jesus? Segunda: O que significavam elas na vida e testemunho da igreja primitiva, que as usou e preservou? A esta segunda interrogação é que se dirige a interpretação da "parábola dos solos" ou do Semeador.

Por que o povo não entendia e nem reagia aos ensinos de Jesus, contidos em suas parábolas? A resposta é que elas são veículos de revelação para os que têm percepção — os discípulos — mas a sua verdade está oculta para os outros. A sua falta de entendimento é devida ao fato de a verdade ser deliberadamente tornada inacessível aos ouvintes? Ou, pelo contrário, não é que a cegueira espiritual das pessoas que rejeitam a mensagem de Jesus impedem-nas de ver o que está bem diante dos seus olhos? Na verdade, Deus podia ter preferido revelar-se de maneiras mais aceitáveis para o preconceito e arrogância dos seres humanos.

Mas, pelo contrário, ele preferiu apresentar uma velada revelação de sua majestade e poder, na pessoa de um galileu, cuja vida e obras eram uma ofensa para os orgulhosos e um tropeço para os que tinham justiça própria (cf. I Cor. 1: 18-25).

Marcos chama, o que está velado, de "mistério do reino de Deus" (4:11). O mistério é a manifestação do reino de Deus aos homens, na pessoa de Jesus (Bornkamm, TDNT, IV, 817 e ss.). Isto é o que o povo não conseguia compreender. O plural **mistérios** corresponde à ênfase dada por Lucas à natureza do reino. Estes mistérios incluem a relação de Jesus para com o reino, a natureza do seu programa, as exigências que o reino faz aos homens, a sua relação com o momento presente e a forma como ele virá.

A **palavra de Deus** é o poder eficiente e criativo de Deus que pode arraigar-se na vida da pessoa receptiva, e produzir os frutos do reino. O primeiro grupo de pessoas são os que rejeitam a palavra abertamente. Os seguidores de Jesus não devem, por causa disto, ficar desanimados, pois isso não significa que a **palavra** seja ineficaz. Pelo contrário, o **Diabo**, adversário de Deus, tirou-lhes **do coração a palavra**, de forma que ela não pode cumprir a sua obra eficiente.

Um segundo grupo de pessoas que cria problemas na comunidade cristã é o das que alegremente começam a palmilhar o caminho, e depois, **na hora da provação, se desviam**. Aqui a provação tem o significado de testes e tentação, o principal dos quais era sofrimento ou perseguição.

A causa do fracasso é descrita como superficialidade de dedicação, característica que é freqüentemente revelada somente quando o tempo de provações a traz à superfície.

Um terceiro grupo é o dos que se envolvem com o mundo e suas atrações, pessoas que não deixam tudo para seguir a Jesus. Lucas usa o verbo incomum **não dão fruto** (no original, "não amadurecem"), em vez de "fica infrutífera", como diz Marcos (4:19). O fruto aparece, mas não permanece até a maturidade.

O último grupo é composto dos que manifestam uma dedicação vitalícia ao evangelho. Ouvem e se apegam a ele. Conseqüentemente, em suas vidas, a palavra é capaz de chegar a frutificar. **Perseverança**, palavra tipicamente paulina, é a qualidade de firmeza e lealdade em tempos de crise, especialmente de perseguição.

4) **Segredo a Ser Revelado** (8:16-18)

16 Ninguém, pois, acende uma candeia e a cobre com algum vaso, ou a põe debaixo da cama; mas põe-na no velador, para que os que entram vejam a luz. 17 Porque não há coisa encoberta que não haja de manifestar-se, nem coisa secreta que não haja de saber-se e vir à luz. 18 Vede, pois, como ouvis; porque a qualquer que tiver lhe será dado, e a qualquer que não tiver, até o que parece ter lhe será tirado.

O significado destes três aforismas é obscuro. Podemos apenas imaginar o sentido em que Jesus os pronunciou (veja J. Jeremias, p. 96 e s., nota de rodapé. 34). Cada um deles tem duplicata em outro contexto em Lucas, bem como paralelos em outros Evangelhos Sinópticos (8:16-11:33; 8:17-12:2; 8:18-19:26). Aqui eles precisam ser entendidos em conexão com a Parábola do Semeador. Tendo recebido a revelação dos mistérios do reino de Deus, os discípulos precisam enfrentar as responsabilidades que lhes são inerentes. O símile da lâmpada ou **candeia** ensina que eles têm uma missão a cumprir. A revelação é freqüentemente mencionada como iluminação. Nem se pode pensar que o discípulo esconda a luz do evangelho que recebeu. Ele deve permitir que a luz brilhe, para que os outros (os gentios?) a possam ver para entrarem no reino. Lucas tem em mente uma casa segundo o estilo romano, em que a candeia era colocada no vestíbulo, para propiciar luz aos que **entram**. O quadro de Mateus 5:15 é o de uma casa palestina, de um cômodo, que é iluminada pela candeia.

Deus não tem em mente que o seu reino seja propriedade privada de um grupo esotérico (v. 17). A **coisa secreta** do reino está à disposição de todos que a quiserem receber. Ela será tornada pública da maneira mais ampla possível.

O terceiro e último aforismo apresenta uma advertência ulterior a respeito da responsabilidade de ouvir. Os que correspondem à proclamação das boas-novas terão contínuas e cada vez maiores oportunidades. Por outro lado, os que as rejeitam descobrirão que as suas oportunidades originais se escaparam de suas mãos, como é ilustrado nos versículos 19-21 (veja adiante).

5) A **Verdadeira Família de Jesus** (8: 19-21)

19 Vieram, então, ter com ele sua mãe e seus irmãos, e não podiam aproximar-se dele por causa da multidão. 20 Foi-lhe dito: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora, e querem ver-te. 21 Ele, porém, lhes respondeu: Minha mãe e meus irmãos são estes que ouvem a palavra de Deus e a observam.

Este episódio foi tirado do seu contexto em Marcos (3:31-35) e inserido, por Lucas, neste ponto. Por que ele o tirou da ordem em que estava? Conzelmann (p. 48 e ss.; veja também a p. 34 e s.) sugere que ele é colocado aqui como ilustração do verso 18. Jesus aparecera em Nazaré e fora rejeitado pelo seu próprio povo. Como resultado disso, Cafarnaum havia-se tornado o centro de suas atividades. Agora, de acordo com Conzelmann, os parentes de Jesus tinham vindo para levá-lo de volta a Nazaré. **Ver-te** é

interpretado como significando que eles queriam vê-lo realizar milagres ali (veja sobre 23:8). Mas o resultado da sua rejeição é que os parentes e conterrâneos de Jesus haviam perdido a oportunidade que fora deles. Por outro lado, os que têm atendido a Jesus têm oportunidades adicionais, que a sua presença contínua propicia.

A situação da **mãe** e **irmãos** é pintada em cores vivas. A **multidão** se coloca entre eles e Jesus. Eles precisam ficar **lá fora**, visto que não fazem parte do círculo íntimo, mais achegado de Jesus. Ele afirma que qualquer reivindicação que lhe for feita, baseada em relacionamentos familiares, não é válida. Ele se tornou o centro de uma nova comunidade de pessoas, que permanecem juntas debaixo da soberania de Deus, em um novo relacionamento que transcende todas as categorias humanas. Os seus verdadeiros parentes são os que se dedicam, com ele, ao cumprimento dos propósitos de Deus como seu Rei. Eles não apenas **ouvem**, mas também **observam** a vontade de Deus (como em 6:47).

6) **Tempestade Acalmada** (8:22-25)

22 Ora, aconteceu certo dia que entrou num barco com seus discípulos, e disse-lhes: Passemos à outra margem do lago. E partiram. 23 Enquanto navegavam, ele adormeceu; e desceu uma tempestade de vento sobre o lago; e o barco se enchia de água, de sorte que perigavam. 24 Chegando-se a ele, o despertaram, dizendo: Mestre, Mestre, estamos perecendo. E ele, levantando-se, repreendeu o vento e a fúria da água; e cessaram, e fez-se bonança. 25 Então lhes perguntou: Onde está a vossa fé? Eles, atemorizados, admiraram-se, dizendo uns aos outros: Quem, pois, é este, que até aos ventos e à água manda, e lhe obedecem?

Com apenas uma frase introdutória, breve e bem genérica, e sem transição da seção anterior, Lucas nos apresenta a primeira, de uma série de três obras poderosas realizadas por Jesus. Elas são tiradas de Marcos, onde a transição é clara. Jesus havia passado o dia ensinando perto do Mar da Galiléia, depois do que decidiu atravessar para o outro lado (Mar. 4:1,35). Lucas, consentaneamente e corretamente, chama o Mar da Galiléia de **lago**, ou seja, uma quantidade de água cercada de terra. Somos informados, em Marcos, que a travessia teve lugar ao entardecer (4:35), o que explica por que Jesus pegou no sono.

A travessia do lago é atrapalhada pelo fato de ter-se abatido sobre eles uma perigosa tormenta do tipo que pode ocorrer tão repentinamente na Galiléia. A implícita repreensão de Jesus, levada a efeito por seus discípulos, está ausente em Lucas (cf. Mar. 4:38), que constantemente omite essa espécie de material. De maneira semelhante, a dureza da pergunta de Jesus aos discípulos é atenuada no verso 25 (veja Mar. 4:40). Lucas não dá a entender que os discípulos não tinham fé; só diz que eles não estavam recorrendo a ela em momentos de crise.

Jesus **repreendeu o vento**, como já havia repreendido demônios e enfermidades (veja 4:35,39). No reino dos fenômenos naturais, as tempestades são equivalentes à possessão demoníaca e à doença nos seres humanos. São evidência de que a harmonia original da natureza se rompeu, o que é sinal de desobediência e rebeldia contra a ordem de Deus no universo (Sal. 65:7; 46:3; 89:9,10).

Fazia parte da esperança do povo judeu que a desunião do universo seria vencida pelo soberano poder de Deus, de forma que o fim será equivalente ao começo (Is. 11:6-9). Na manifestação do senhorio de Jesus sobre as forças rebeldes da natureza, encontramos mais um sinal da chegada do reino de Deus. Ele é Aquele que acalma "o ruído dos mares, o ruído das suas ondas, e o tumulto dos povos" (Sal. 65:7). Este seu ato serve como base para a certeza de que o reinado de Deus se estenderá sobre todo o universo, e trará tudo a uma harmonia final e duradoura (cf. Rom. 8:19-23).

Quem, pois, é este? Os discípulos ainda estão fazendo esta pergunta. Nas suas vidas ainda há tensão entre fé e incre-

dulidade. Esta pergunta aponta para o momento em que o próprio Jesus lhes fará esta mesma pergunta (9:18 e ss.).

7) O Endemoninhado Geraseno (8: 26-39)

26 Aportaram à terra dos gerasenos, que está defronte da Galiléia. 27 Logo que saltou em terra, saiu-lhe ao encontro um homem da cidade, possesso de demônios, que havia muito tempo não vestia roupa, nem morava em casa, mas nos sepulcros. 28 Quando ele viu a Jesus, gritou, prostrou-se diante dele, e com grande voz exclamou: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te que não me atormentes. 29 Porque Jesus ordenara ao espírito imundo que saísse do homem. Pois já havia muito tempo que se apoderara dele; e guardavam-no preso com grilhões e cadeias; mas ele, quebrando as prisões, era impelido pelo demônio para os desertos. 30 Perguntou-lhe Jesus: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião; porque tinham entrado nele muitos demônios. 31 E rogavam-lhe que não os mandasse para o abismo. 32 Ora, andava ali pastando no monte uma grande manada de porcos; rogaram-lhe, pois, que lhes permitisse entrar neles; e lho permitiu. 33 E, tendo os demônios saído do homem, entraram nos porcos; e a manada precipitou-se pelo despenhadeiro no lago, e afogou-se.

34 Quando os pastores viram o que acontecera, fugiram, e foram anunciá-lo na cidade e nos campos. 35 Saíram, pois, a ver o que tinha acontecido, e foram ter com Jesus, a cujos pés acharam sentado, vestido e em perfeito juízo, o homem de quem haviam saído os demônios; e se atemorizaram. 36 Os que tinham visto aquilo contaram-lhes como fora curado o endemoninhado. 37 Então todo o povo da região dos gerasenos rogou-lhe que se retirasse deles; porque estavam possuídos de grande medo. Pelo que ele entrou no barco, e voltou. 38 Pedia-lhe, porém, o homem de quem haviam saído os demônios que o deixasse estar com ele; mas Jesus o despediu, dizendo: 39 Volta para tua casa, e conta tudo quanto Deus te fez. E ele se retirou, publicando por toda a cidade tudo quanto Jesus lhe fizera.

Pela primeira e única vez, em Lucas, Jesus viaja além dos limites do território judaico, e coloca os pés em solo pagão. As redações alternativas, apresentadas por diferentes manuscritos, expressam a confusão existente na igreja primitiva a respeito da identificação do lugar em que Jesus desembarcou. **Gerasenos** é a versão mais amplamente atestada por Lucas e Marcos (5:1); gadarenos para Mateus (8:28). As conjecturas a respeito da localização dessa região se centralizam ao redor de três cidades: Khersa, na margem leste da Galiléia, Gadara, a doze quilômetros ao sul do lago, e Gerasa, a cerca de sessenta quilômetros dele. O lugar em que Jesus desembarcou é chamado **terra** (distrito) dos **gerasenos**. Um distrito podia estender-se por alguma distância, a partir da cidade da qual tivesse o nome. Dos lugares mencionados acima, Khersa se enquadra melhor e melhor preenche os requisitos da narrativa sinóptica.

Lucas sublinha a natureza excepcional da excursão de Jesus, com a frase **que está defronte da Galiléia** (cf. Mar. 5:1). Ele define claramente essa terra como estando fora da esfera normal das atividades de Jesus. Ao descer do barco, Jesus se encontra imediatamente com um homem endemoninhado. O plural **demônios** (cf. Mar. 5:2) indica que a sua condição é muito séria. Jesus deve ter desembarcado perto do cemitério da cidade, porque esse homem nu se abrigava nos **sepulcros**. Os sepultamentos geralmente eram feitos em cavernas naturais, ou cavadas na encosta de uma colina. Nelas, esse alienado podia encontrar proteção contra as intempéries. O seu isolamento da sociedade é explicado no verso 29b. Tão violentos eram os ataques que lhe sobrevinham, que ele não podia ser detido, mesmo quando acorrentado fortemente com **grilhões e cadeias** e sob guarda. Uma das várias conotações da palavra **desertos** era a sua associação com demônios (cf. Mat. 12:43).

Embora os homens não reconheçam Jesus, os poderes malignos o conhecem. Ele é o **Filho do Deus Altíssimo**, Aquele que reina em soberania inigualada, sobre todos os poderes do universo, tanto humanos como sobre-humanos. Os demônios vêem em Jesus um poder hostil a eles, que também lhes é superior. **Não**

me atormentes é uma súplica para que lhe fosse permitido ficar no homem, em quem havia estabelecido habitação. Este aspecto da história ensina que o mal "não pode existir por si só, mas somente na medida em que possa imiscuir-se no território do bem" (Richardson, p. 73).

Legião significa que o homem era habitado por uma hoste de demônios. Os exércitos das potestades do mal, tanto quanto as milícias de Deus, podem ser chamados de legiões (cf. Mat. 26:53). Ali, em território gentio, portanto, Jesus encontrou o maior desafio à sua autoridade sobre os demônios. Mas a força combinada dos maus espíritos que habitavam aquele homem não se equiparava ao poder de Jesus.

Os demônios rogaram para não serem enviados para o **abismo**, mundo inferior, que é a prisão de Satanás e dos demônios (cf. Apoc. 9:1,2; 17:8; 20:1,3). A referência à **manada de porcos** nos revela que aquela era uma terra de gentios. A destruição dos porcos tem levado muitas pessoas a achar que esta narrativa não é apropriada para o Evangelho. Não se enquadra no conceito que elas têm do caráter de Jesus. Porém devemos nos lembrar de que os porcos eram considerados imundos pelos judeus, casa muito mais apropriada para espíritos imundos do que seres humanos (Richardson, p. 73). E, também, a história acaba com um ardil um tanto irônico. Os demônios, que haviam rogado para que não fossem enviados para o abismo, mas que Jesus lhes permitisse entrar nos porcos, não escaparam ao seu destino. Foram levados para as profundezas pelos suínos, que mergulham no lago. No pensamento antigo, o mar era associado com o abismo.

O fato de as notícias espalhadas pelos amedrontados pastores de porcos terem atraído uma multidão da cidade e circunvizinhanças, para a cena deste episódio, significa que a **cidade** não ficava longe. Os habitantes ficaram sabendo que o seu louco notório e antigo, a quem não conseguiam submeter nem pela força física nem pelas correntes, agora estava bem capaz de se integrar na sociedade. Ele estava sentado tranqüilamente aos **pés** de **Jesus**, isto é, como discípulo e como alguém que reconhecia o seu senhorio. Uma escravidão involuntária aos demônios havia sido substituída por uma jubilosa e alegre submissão a Jesus.

A rejeição de Jesus pelos pagãos foi devida ao seu temor supersticioso pelo seu poder estranho. Devido ao conceito que eles tinham dos deuses que agiam um tanto arbitrariamente e algumas vêzes vingativamente, eles estavam com medo de maiores demonstrações do poder divino de Jesus. Eles se sentiriam muito mais seguros se Jesus ficasse ao largo de suas praias.

O novo discípulo gentio desejou voltar com Jesus para território judeu, mas o seu lugar era na região onde passara a vida. Era ali que ele podia ser mais eficiente. Seria ele um modelo para a posterior missão gentílica da igreja? Ele devia ser testemunha do que **Deus fez**. Quando Jesus age, a sua ação é equivalente aos atos do próprio Deus. Este é o significado final da encarnação. Na pessoa de Jesus, Deus agiu para libertar, curar, perdoar e ganhar o homem. A evidência de que o poder de Jesus era maior do que o poder combinado de todos aqueles demônios, cujo nome era "Legião", é simplesmente uma manifestação do reino de Deus em escala maior. Em consonância com a sua tendência de eliminar territórios extritamente gentílicos do seu relato acerca do ministério de Jesus, Lucas nunca menciona Decápolis, federação de cidades gregas primariamente transjordaniana (cf. Mar. 5:20).

8) **Milagre Duplo** (8:40-56)

40 Quando Jesus voltou, a multidão o recebeu; porque todos o estavam esperando. 41 E eis que veio um homem chamado Jairo, que era chefe da sinagoga; e, prostrando-se aos pés de Jesus, rogava-lhe que fosse a sua casa; 42 porque tinha uma filha

única, de cerca de doze anos, que estava à morte.

Enquanto, pois, ele ia, apertavam-no as multidões. 43 E certa mulher, que tinha uma hemorragia havia doze anos (e gastara com os médicos todos os seus haveres) e por ninguém pudera ser curada, 44 chegando-se por detrás, tocou-lhe a orla do manto, e imediatamente cessou a sua hemorragia. 45 Perguntou Jesus: Quem é que me tocou? Como todos negassem, disse-lhe Pedro: Mestre, as multidões te apertam e te oprimem. 46 Mas disse Jesus: Alguém me tocou; pois percebi que de mim saiu poder. 47 Então, vendo a mulher que não passara despercebida, aproximou-se tremendo e, prostrando-se diante dele, declarou-lhe perante todo o povo a causa por que lhe havia tocado, e como fora imediatamente curada. 48 Disse-lhe ele: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz.

49 Enquanto ainda falava, veio alguém da casa do chefe da sinagoga, dizendo: A tua filha já está morta; não incomodes mais o Mestre. 50 Jesus, porém, ouvindo-o, respondeu-lhe: Não temas; crê somente, e será salva. 51 Tendo chegado a casa, a ninguém deixou entrar com ele, senão a Pedro, João, Tiago e o pai e a mãe da menina. 52 E todos choravam e pranteavam; ele, porém, disse: Não choreis; ela não está morta, mas dorme. 53 E riam-se dele, sabendo que ela estava morta. 54 Então ele, tomando-lhe a mão, exclamou: Menina, levanta-te. 55 E o seu espírito voltou, e ela se levantou imediatamente; e Jesus mandou que lhe dessem de comer. 56 E seus pais ficaram maravilhados; e ele mandou-lhes que a ninguém contassem o que havia sucedido.

Em contraste com a rejeição que Jesus sofrera da parte dos gentios do outro lado do lago, aqui a **multidão**, que o esperava, o **recebeu** quando ele voltou. A referência é, provavelmente, à mesma multidão que se havia reunido para ouvi-lo antes de sua partida (8:4). Tanto Lucas como Mateus condensam grandemente a narrativa seguinte, feita por Marcos, perdendo, desta forma, uma parte de sua qualidade dramática, bem como de sua clareza.

O **chefe da sinagoga** era o seu presidente, cuja responsabilidade maior era cuidar do arranjo físico para os cultos de adoração. Além de **Jairo**, mais dois desses chefes são mencionados nominalmente em o Novo Testamento, (At. 18: 8,17), ambos também em escritos, de Lucas. A fala direta de Jairo, citada em Marcos 5:23, se torna discurso indireto em Lucas (v. 42), que também acrescenta que a menina era a sua **única** filha (cf. 7:12; 9:38).

Antes de Jesus chegar à casa de Jairo, outro milagre é realizado. Esta é a única narrativa, nos Evangelhos, em que o relato de um milagre é colocado no contexto de outro. Na enorme multidão que cercava Jesus, havia uma mulher que sofria de constante perda de sangue. Aqui notamos a omissão da declaração aparentemente depreciadora de Marcos, a respeito do tratamento que ela recebera dos médicos (cf. Mar. 5:26). Com toda a honestidade, deve ser dito que essa observação não pretendia expressar qualquer opinião desfavorável quanto à profissão médica, mas, pelo contrário, o objetivo era enfatizar a gravidade da condição da mulher e a sua incurabilidade. Lucas também enfatiza que ela **por ninguém pudera ser curada**. Portanto, aquele caso era tal que para ele não havia remédio humano.

Procurando ser tão discreta quanto possível, a mulher se aproxima de Jesus por detrás e apenas toca a orla de sua roupa. **Orla** pode ser a barra da capa, ou as borlas costuradas nos quatro cantos da roupa, como se prescrevia na Lei (Deut. 22:12). A roupa exterior era feita em forma de quadrado, e dobrada durante a noite como cobertor.

A razão para os furtivos movimentos da mulher são bem compreensíveis. Além do fato de que ela era mulher, a hemorragia de que sofria a tornava impura (Lev. 15:25 e ss.). Três tipos de impureza eram suficientemente sérias para levar à exclusão da sociedade: lepra, hemorragia corporal e contato com os mortos. Essa mulher não tinha o direito de estar onde estava, nem de fazer o que fizera. Os Evangelhos relatam que, em várias ocasiões, Jesus desprezou as

exigências da pureza cerimonial (e.v., 5:13; 7:14). O contato de Jesus com pessoas impuras não o contaminou; pelo contrário, purificou-as.

Amedrontada pelo que fizera, a pobre mulher procurou esconder-se por entre a multidão. Mas foi forçada a ir à frente, para dar um testemunho público do milagre que acontecera. Por causa da natureza da doença, só ela podia verificar o fato do milagre. Os outros podiam ficar sabendo dele apenas através do testemunho dela. Por que foi ela obrigada a contar a sua história, quando tantas vezes, no Evangelho, Jesus exigiu segredo? Talvez fosse porque ela não poderia receber a completa libertação, que Jesus queria dar-lhe, enquanto não ouvisse as tranqüilizadoras palavras dele (v. 48). Esta história pode ter sido usada na igreja primitiva para encorajar os tímidos e temerosos a dar o seu testemunho publicamente.

Alan Richardson (p. 63) nos acautela com respeito a confundir estes milagres com a chamada cura pela fé. Ele diz, corretamente, que a fé é usada aqui no sentido de "um relacionamento salvador, pessoal, de fé em Cristo". Além do mais, não há sugestão, nos Evangelhos, "de que Jesus não poderia ter operado um milagre se a crença em que uma cura seria efetuada não se manifestasse". A fé ilumina o significado do milagre, em vez de ser a sua causa efetiva.

As palavras de Jesus à mulher são idênticas, no grego, às faladas em 7:50. As diferentes traduções em português são devidas ao contexto. Mas a validade das redações diferentes é questionável. Condenada ao ostracismo, em relação à sociedade, devido às regras de sua religião, essa mulher, também considerada pecadora, tinha um profundo sentimento de culpa que toldava o seu relacionamento com Deus. Mas Jesus então disse a ela a palavra de salvação e paz.

As observações de Jesus à mulher são interrompidas pela chegada de um mensageiro da casa de Jairo, com um recado de que não era mais necessária a presença do **Mestre**, porque a criança havia falecido. Cria-se que o poder de curar era uma autenticação divina para o ministério de um rabi (cf. João 3:2). O pedido de Jairo precisava estar baseado em nada mais do que a crença de que Jesus era um grande mestre, com poder para curar. Mas a ressurreição dos mortos era outro assunto, bem diferente. A sua compreensão limitada acerca de quem realmente era Jesus, é demonstrada pelo fato de que eles estavam convencidos de que ele não podia defrontar-se com a morte. Só os maiores profetas de Israel haviam possuído esse poder.

Em meio à crise, a reação de Jesus foi de calma confiança. A morte, o último inimigo, não está isenta do domínio de Deus, que ele representa. A fé, portanto, é a chave para se defrontar com uma crise como aquela. **Crer** significa, mais uma vez, uma confiança pessoal em Jesus, que inclui a certeza de que ele obterá vitória sobre a morte.

A cena de lamentações é típica. Contra ela se colocam as palavras de Jesus. A morte não precisa causar tão grande consternação; seja qual for o poder que ela tenha, é apenas temporário. **Ela... dorme** apresenta o ponto de vista cristão a respeito da morte, porque indica a confiança em um despertar. Essa palavra foi recebida com zombaria: **riam-se dele.**

A narrativa de Marcos é mais clara neste ponto. Nela somos informados que Jesus colocou todas as outras pessoas para fora, e entrou no quarto acompanhado apenas pelo pai e pela mãe da criança (Mar. 5:40). E, também, Lucas omite caracteristicamente a frase em aramaico (Mar. 5:41). A ordem é para **levantar-se**, isto é, dentre os mortos. A explicação feita por Lucas a respeito do fenômeno é que **o seu espírito voltou.** O fato da ressurreição deve ser confirmado, dando-se à menina algo para comer (cf. 24:41-43).

7. Revelações aos Doze (9:1-50)

1) A Missão dos Doze (9:1-6)

1 Reunindo os doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e para curarem doenças; 2 e enviou-os a pregar o reino de Deus e a fazer curas, 3 dizendo-lhes: Nada leveis para o caminho, nem bordão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; nem tenhais duas túnicas. 4 Em qualquer casa em que entrardes, nela ficai, e dali partireis. 5 Mas, onde quer que não vos receberem, saindo daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles. 6 Saindo, pois, os discípulos percorreram as aldeias, anunciando o evangelho e fazendo curas por toda parte.

Os **doze** se empenham em uma missão que é uma extensão da obra do próprio Jesus. Como vimos na história da pesca maravilhosa (5:1-11), eles não possuíam nenhum poder, por herança, para tal empreendimento. Conseqüentemente, Jesus lhes dá **poder** para curar e **autoridade** sobre os espíritos malignos.

Desta forma armados, os discípulos são **enviados**. Eles são apóstolos ou "enviados", cuja função corresponde ao papel do **shalicha** hebraico. Este era um termo legal, que designava uma pessoa a quem se delegava poderes para realizar uma tarefa específica, e que exercia autoridade em nome do que lhe enviara, ao desincumbir-se de suas responsabilidades. Uma fonte rabínica diz: "O enviado por um homem é como o próprio homem" (**Ber.** 5,5). Os doze deviam enfrentar o povo com a proclamação do **reino de Deus**, confirmado por uma demonstração do seu poder efetivo, atuante, em milagres de cura e exorcismo.

O tom da narrativa indica que esta é uma missão urgente, a ser realizada com toda a pressa possível. Não se deve fazer nenhum preparativo para a jornada. Jesus instrui os seus apóstolos para **nada levar**, nem mesmo as coisas essenciais para a existência (veja Marcos 6:8, onde um bordão é permitido). **Bordão, alforje, pão** e **dinheiro** seriam os equipamentos básicos que um viajante normalmente levaria em viagem como a que eles iam empreender (veja 3:11, para **duas túnicas**).

Para a hospedagem, os discípulos deviam depender da hospitalidade das pessoas que recebessem a proclamação que iam fazer. Este era o padrão da missão dos primitivos cristãos, em que missionários e mestres itinerantes dependiam da hospitalidade local, para a sua subsistência. A brevidade do tempo a ser gasto em cada cidade e a urgência de sua missão, ali, tornavam necessário que os discípulos permanecessem na **casa** que os havia recebido.

Além disso, nenhum tempo devia ser desperdiçado com pessoas que os rejeitassem e à sua mensagem. A sua proclamação do reino, em palavras e em obras, demandava uma decisão. A decisão esperada era arrependimento (At. 2:37,38), mas, da mesma forma, rejeição também é uma decisão. Tendo dado a uma cidade rebelde a sua oportunidade, os discípulos deviam ir avante, sacudindo o **pó** daquele lugar dos seus **pés**. Era costume dos judeus, que eram sensíveis a esses assuntos, sacudirem o pó contaminador de terras pagãs dos seus pés, antes de entrar na Palestina. Um gesto semelhante, executado pelos discípulos, era equivalente a dizer que uma comunidade judaica rebelde era comparável a território pagão.

2) A Perplexidade de Herodes (9:7-9)

7 Ora, o tetrarca Herodes soube de tudo o que se passava, e ficou muito perplexo, porque diziam uns: João ressuscitou dos mortos; 8 outros: Elias apareceu; e outros: Um dos antigos profetas se levantou. 9 Herodes, porém, disse: A João eu mandei degolar; quem é, pois, este a respeito de quem ouço tais coisas? E procurava vê-lo.

O comentário à reação de Herodes Antipas, às notícias que circulavam a respeito de Jesus, constitui um interlúdio entre a partida dos doze e a sua volta. A narrativa de Lucas é adaptação da passagem de Marcos, que é muito mais longa (Mar. 6:14-29). A lista de diferen-

tes opiniões, que deram motivo à perplexidade de Herodes, prepara a cena para o episódio da confissão (veja, adiante, os v. 18-22). Em geral, essas opiniões parecem ligar Jesus com a era messiânica, mas apenas como seu arauto ou como sinal do seu início, ao invés de ser a sua figura central, o Messias. A primeira informação dada ao leitor, a respeito do destino infeliz de João, aparece quando ele fica sabendo da conjectura popular de que **João ressuscitou dos mortos**. O tetrarca não crê nas especulações a respeito de João (mas veja Mar. 6:16). A **João eu mandei degolar** é um sumário e substituto para a narrativa mais minuciosa de Marcos a respeito da execução de João.

Quem é, pois, este? Aqui está a pergunta central com que os Evangelhos lidam. É um tema unificador, nesta parte do terceiro Evangelho. Lucas está dizendo, aos seus leitores, quem é Jesus, sabendo do fato de que a convicção de sua própria fé é nada mais do que uma das alternativas entre as quais os homens podem escolher. O problema de Herodes era o problema de toda a nação judaica, confrontada como estava pelo perturbador enigma da pessoa de Jesus. Como se deve interpretar essas notícias de atos milagrosos? Mas Herodes não se contenta em **ouvir**; ele quer **ver** Jesus, isto é, vê-lo realizar a espécie de milagres acerca dos quais o povo estava falando. Mais tarde, Herodes e Jesus se defrontam face a face, mas o desejo do monarca não é satisfeito (cf. 23:8). Na verdade, mesmo aqueles que viram Jesus realizar milagres não o viram no sentido de perceber quem realmente ele era ou é. Isto é claro diante das opiniões que tinham acerca de Jesus, as quais eram todas errôneas.

3) A Alimentação de Cinco Mil (9:10-17)

10 Quando os apóstolos voltaram, contaram-lhe tudo o que haviam feito. E ele, levando-os consigo, retirou-se à parte para uma cidade chamada Betsaida. 11 Mas as multidões, percebendo isto, seguiram-no; e ele as recebeu, e falava-lhes do reino de Deus, e saravа os que necessitavam de cura. 12 Ora, quando o dia começava a declinar, aproximando-se os doze, disseram-lhe: Despede a multidão, para que, indo às aldeias e aos sítios em redor, se hospedem, e achem o que comer; porque aqui estamos em lugar deserto. 13 Mas ele lhes disse: Dai-lhes vós de comer. Responderam eles: Não temos senão cinco pães e dois peixes; salvo se nós formos comprar comida para todo este povo. 14 Pois eram cerca de cinco mil homens. Então disse a seus discípulos. Fazei-os reclinar-se em grupos de cerca de cinqüenta cada um. 15 Assim o fizeram, mandando que todos se reclinassem. 16 E, tomando Jesus os cinco pães e os dois peixes, e olhando para o céu, os abençoou e partiu, e os entregava aos seus discípulos para os porém diante da multidão. 17 Todos, pois, comeram e se fartaram; e foram levantados, do que lhes sobejou, doze cestos de pedaços.

Considerando o relato de Mateus, concluiríamos que o fato de Jesus ter-se retirado com os discípulos, da Galiléia, seria devido à hostilidade de Herodes Antipas (14:13). Lucas dá a entender o que Marcos declara explicitamente (6:31): que Jesus desejava escapar às pressões da multidão, por algum tempo. Em Lucas, a retirada é para **Betsaida**, enquanto, em Marcos 6:45, Jesus sai de Betsaida depois de alimentar a multidão. As referências geográficas freqüentemente revelam mais acerca da perspectiva teológica de Lucas do que a respeito da localização dos acontecimentos. Conzelmann tem uma interpretação teológica radical a respeito das referências geográficas de Lucas. As suas sugestões, úteis algumas vezes, vão além dos limites fornecidos pelos dados (p. 18 e ss.). A organização dos Evangelhos é determinada por fatores estranhos à reconstituição cronológica e geográfica do curso do ministério de Jesus. Uma característica específica de Lucas é a tendência, verificada aqui, de colocar acontecimentos em cidades ou perto delas.

Embora o desejo de Jesus de estar a sós com os discípulos tenha sido frustrado pela chegada das **multidões**, Lucas diz que ele as **recebeu**. As atividades de Jesus

durante o dia são descritas à maneira usual de Lucas. Ele as ensinou a respeito do reino de Deus e curou os enfermos. Os comentários dos **doze**, na conclusão do dia, nos informam que eles não estavam na cidade, mas em um **lugar deserto**. Em Lucas, a necessidade de **hospedagem**, bem como de comida é reconhecida pelos discípulos (cf. Mar. 6:36).

A alimentação das cinco mil pessoas é o único milagre encontrado em todos os quatro Evangelhos (Mat. 14:13-21; Mar. 6:32-44; João 6:1-14), o que indica a sua importância na vida da igreja primitiva. **Pães** e **peixes** são símbolos da Eucaristia, encontrados nas paredes das catacumbas cristãs em Roma. O uso desses símbolos mostra que os primitivos cristãos interpretavam este milagre como protótipo da Ceia do Senhor. A semelhança entre as ações de Jesus antes da distribuição do pão à multidão e as que praticou durante a Última Ceia (Mar. 14:22; Mat. 26:26) também tornam clara a íntima identificação entre os dois episódios.

Em Lucas, este milagre parece constituir um elo especial entre a interrogação de Herodes e a confissão dos discípulos. Através da distribuição do pão, Jesus revela quem ele é, em consonância com o tema de que se revela aos discípulos "no partir do pão" (24:35). Ao alimentar o povo no deserto, Jesus mostra que ele é o novo Moisés, o Profeta que Deus havia prometido suscitar entre o povo (Deut. 18:15). A abundância da era messiânica, prevista pela expectativa popular, se havia tornado realidade. Todo o povo comeu até ficar **satisfeito**, e ainda havia mais. **Doze cestos**, um para cada apóstolo, foram cheios, na conclusão da refeição. Embora compartilhassem com a multidão, os **doze** ainda ficaram com muito mais do que os cinco pães e dois peixes, com que haviam começado. Além do mais, o milagre tem um significado escatológico, pois aponta para o banquete messiânico celestial, que Jesus compartilhará com os seus seguidores.

É importante notar-se que não encontramos, nesta narrativa, a conclusão típica. Não há referência à admiração e louvor, como reações a esse ato maravilhoso. Da mesma forma, não há nenhuma indicação de que outras pessoas, além dos doze, tivessem conhecimento do que realmente havia acontecido. A maravilha do ato de Jesus é subordinada ao seu significado como veículo da revelação de quem ele era.

4) A **Grande Confissão** (9:18-22)

18 Enquanto ele estava orando à parte achavam-se com ele somente seus discípulos; e perguntou-lhes; Quem dizem as multidões que eu sou? 19 Responderam eles: Uns dizem: João, o Batista; outros: Elias; e ainda outros, que um dos antigos profetas se levantou. 20 Então lhes perguntou: Mas vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo Pedro, disse: O Cristo de Deus. 21 Jesus, porém, advertindo-os, mandou que não contassem isso a ninguém; 22 e disse-lhes: É necessário que o Filho do homem padeça muitas coisas, que seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e escribas, que seja morto, e que ao terceiro dia ressuscite.

A omissão de longa seção de Marcos (6:45-8:26) tem a conseqüência de levar a confissão dos discípulos a uma íntima relação com as notícias a respeito de Herodes e o milagre da multiplicação. Quer fortuitamente quer de propósito, a questão da identidade de Jesus se torna o tema dominante de uma grande parte de Lucas, que alcança o seu clímax na confissão dos discípulos.

Lucas omite a referência a Cesaréia de Filipe (Mar. 8:27), possivelmente porque a cidade ficava nos domínios de Filipe, fora do que podia ser propriamente chamado de território judaico. Só ele apresenta a cena com a informação de que Jesus **estava orando**. Além de enfatizar a importância do episódio subseqüente, isto nos leva a saber que Jesus e os discípulos não estão mais com a multidão.

A confissão é um divisor de águas, no Evangelho de Marcos, uma linha divisória distinta entre duas fases do ministério de Jesus. Depois da confissão, a narra-

tiva de Marcos passa rápida e diretamente à paixão. A diferença, em Lucas, é devida, em grande parte, à inserção de um bloco de material diferente (Luc. 9:51-18:14) no arcabouço de Marcos.

Jesus primeiro interroga os discípulos a respeito das opiniões do **povo**. Isto não é uma pergunta simplesmente introdutória, incidental. A fé não é vivida em um vácuo, mas no mundo em que os homens esposam pontos de vista opostos e conflitantes. Conseqüentemente, uma fé criada em estufa nunca pode ser madura. A convicção manifesta pelos crentes é apenas uma das opções que estão abertas para os homens, e eles precisam sempre entender isto. A resposta dada pelos discípulos a esta primeira pergunta corresponde às indagações especulativas de Herodes Antipas (veja v. 9).

Vem a hora, porém, quando a pessoa precisa parar de falar acerca das opiniões dos outros, e deve assumir a responsabilidade de tomar uma decisão pessoal. Os discípulos haviam ido além do povo, em sua percepção a respeito da identidade de Jesus. Reconhecem nele a figura central da era messiânica. Como portavoz dos doze, a confissão de Pedro expressa a convicção do grupo de que Jesus é o Messias de Yahweh, ou o **Cristo de Deus** (veja 2:11,26). Esta é a primeira vez, desde os capítulos introdutórios do terceiro Evangelho, em que alguém, além dos demônios, reconheceu — pelo menos declarou — quem é Jesus.

A confissão é seguida por uma ordem de segredo. No contexto do terceiro Evangelho, há pelo menos duas maneiras de entender essa ordem. Primeiro, Jesus tinha constantemente se recusado a fazer qualquer afirmação direta do seu messianismo. Os seus atos e palavras continham os indícios de sua identidade. É da responsabilidade do povo que testifica essas coisas, reagir com base no que vê e ouve (cf. 7:22,23).

Segundo, embora Jesus aparentemente aceite a atribuição do título de Messias, sabe muito bem que este tem algumas conotações inaceitáveis. Ele é o Messias, mas não do tipo que o povo espera, nem mesmo do tipo que os discípulos têm em mente. Assim sendo, a confissão dos discípulos é seguida pela interpretação de Jesus do seu próprio destino. Em vez de Messias, ele usa a sua favorita autodesignação de **Filho do homem** (veja 5:24), que também contém conotações de poder e glória, mas com associações apocalípticas, e não nacionalistas. O poder e a glória que pertencem ao Filho do homem não devem ser alcançados através de auto-afirmação. De fato, a verdade é exatamente o contrário; é através da sujeição à humilhação e sofrimento que a glória deve ser alcançada.

Jesus diz que isso é necessário. O verbo impessoal **dei** (precisa) significa a necessidade de propósito e controle divinos. O caminho do sofrimento não é opcional. Já foi traçado por Deus. Qualquer outro caminho, por exemplo, o caminho do movimento messiânico nacionalista, seria satânico (veja 4:5-8). A cruz se opõe e julga a filosofia de poder que o mundo advoga. A repreeensão feita por Pedro, que ilustra a incapacidade dos discípulos de aceitar a idéia de um Messias sofredor, e a áspera resposta de Jesus são omitidas (cf. Mar. 8:32,33).

5) O Custo do Discipulado (9:23-27)

23 Em seguida dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e siga-me. 24 Pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor de mim, esse a salvará. 25 Pois, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder-se, ou prejudicar-se a si mesmo? 26 Porque, quem se envergonhar de mim e das minhas palavras, dele se envergonhará o Filho do homem, quando vier na sua glória, e na do Pai e dos santos anjos. 27 Mas em verdade vos digo: Alguns há, dos que estão aqui, que de modo nenhum provarão a morte até que vejam o reino de Deus.

Discípulo é a pessoa que segue Jesus. A palavra **mathētēs** (discípulo) significa aprendiz ou aluno, que é a definição apropriada para o discípulo de um rabi

ou de um filósofo peripatético grego. Mas ela infelizmente fica aquém da descrição de um discípulo de Jesus Cristo. Visto que Jesus está destinado a sofrer rejeição e morte, a pessoa que, na verdade, o segue inevitavelmente participará dessa experiência. Os discípulos de Jesus tiveram que defrontar-se, finalmente, com um teste simples, absoluto: Você quer morrer com Jesus? Eles haviam sido chamados para dar a vida pela fé que a última palavra não seria pronunciada pelo Sinédrio, por Pôncio Pilatos, e nem pelos soldados, que, de maneira muito casual, estavam atravessando as mãos de mais um condenado com aqueles cravos. Os discípulos haviam sido chamados para crer, como Jesus o fizera, que, além das realidades cruéis e duras, desta era, situava-se a realidade maior e final do reino de Deus. O Novo Testamento nos diz que eles fracassaram no primeiro teste, mas passaram nos subseqüentes.

Afirmar lealdade a Cristo requer que a pessoa **negue-se** a si mesma. O discípulo deve desistir de todas as reivindicações à sua própria existência, renunciando às suas ambições pessoais de proeminência e poder. Em vez de tentar planejar o seu próprio futuro, o discípulo é chamado para seguir a Jesus com total abandono, crendo que Deus garantirá o seu futuro.

Tomar a sua **cruz** era o cúmulo da humilhação, a ignomínia a que se forçava os criminosos condenados, que eram obrigados a carregar o instrumento de sua própria execução. Mas, para o cristão, é uma opção jubilosa e voluntária. À frase **tome a sua cruz**, Lucas acrescenta **cada dia** (cf. Mar. 8:34). Isto tira a cruz do passado, e fá-la parte da existência contemporânea. Ela não é apenas o instrumento sobre o qual Cristo morreu, mas também um modo de vida — o oferecimento diário do seu **eu** à vontade de Deus.

Paradoxalmente, o homem que arruma pretextos e recua, a fim de **salvar a sua vida**, na verdade a perde. Jesus ensinou que o homem é mais do que um corpo que precisa ser vestido e um estômago que precisa ser satisfeito. Ele se defronta com as possibilidades de um futuro que transcende a vida e a morte. O homem interesseiro, que segue os princípios de buscar os seus próprios interesses, com tanto êxito que **ganha o mundo inteiro**, a longo prazo, fez um mau negócio. Ele pode ganhar o mundo, isto é, alcançar o máximo possível, em sucesso material, possuindo toda a riqueza e poder. Mas não pode salvar a si mesmo do destino final de um ser humano, que é determinado tão-somente por Deus.

Envergonhar-se de Jesus significa não estar disposto a reconhecê-lo, quando debaixo de pressões sociais, econômicas ou políticas, quando, talvez, até a vida estiver em jogo. Requer-se, do discípulo, que ele afirme a sua lealdade, mesmo nas circunstâncias mais adversas. Para ele, portanto, o futuro contém ameaça tanto quanto promessa. A **glória** de que Jesus fala é a completa revelação do poder soberano de Deus na **Parousia** do **Filho do Homem**. Os **anjos** são os exércitos celestiais que servem a Deus e fazem a sua vontade.

No verso 27, Lucas omite "chegado com poder", com que Marcos conclui a palavra profética de Jesus (Mar. 9:1). É claro que essa declaração foi removida, para evitar qualquer associação com o fim dos tempos. **Vejam o reino** "significa que, embora o reino, na verdade, não possa ser visto, ele pode ser percebido" (Conzelmann, p. 105). Isto é verdade, porque "a vida de Jesus é uma clara manifestação da salvação no curso da história redentora" (**ibid.**).

6) A **Transfiguração** (9:28-36)

28 Cerca de oito dias depois de ter proferido essas palavras, tomou Jesus consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte para orar. 29 Enquanto ele orava, mudou-se a aparência do seu rosto, e a sua roupa tornou-se branca e resplandecente. 30 E eis que estavam falando com ele dois varões, que eram Moisés e Elias, 31 os quais aparece-

ram com glória, e falavam da sua partida, que estava para cumprir-se em Jerusalém. 32 Ora, Pedro e os que estavam com ele se haviam deixado vencer pelo sono; despertando, porém, viram a sua glória e os dois varões que estavam com ele. 33 E, quando estes se apartavam dele, disse Pedro a Jesus: Mestre, bom é estarmos nós aqui; façamos, pois, três cabanas, uma para ti, uma para Moisés, e uma para Elias, não sabendo o que dizia. 34 Enquanto ele ainda falava, veio uma nuvem, que os cobriu; e se atemorizaram ao entrarem na nuvem. 35 E da nuvem saiu uma voz, que dizia: Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi. 36 Ao soar esta voz, Jesus foi achado sozinho; e eles calaram-se, e por aqueles dias não contaram a ninguém nada do que tinham visto.

De acordo com Marcos, a transfiguração teve lugar seis dias após a confissão (9:2). Lucas faz um cálculo aproximado do tempo que se passou: **cerca de oito dias**. Em ambos os casos, o que se dá a entender é uma semana. A referência cronológica é dada para ligar a declaração a respeito da paixão e a transfiguração. O destino final de Jesus é a exaltação, mas a glória é impossível sem sofrimento e morte.

Várias características peculiares marcam a narrativa do terceiro Evangelho, isto é, a vigília de Jesus em oração, o sono dos discípulos, o assunto da conversa entre Jesus e os visitantes celestiais e a omissão do diálogo a respeito de João Batista (cf. Mar. 9:2-13; Mat. 17:1-13).

Os três escolhidos para subirem a montanha com Jesus, **Pedro**, **João** e **Tiago**, são os discípulos também presentes com ele durante a agonia do Getsêmane (Mar. 14:33 — omitido por Lucas). Aparentemente, eles constituíam uma espécie de círculo interior dentre os doze, que continuaram a exercer liderança na igreja primitiva (cf. Gál. 2:9). Embora algumas pessoas tenham achado que a transfiguração teve lugar no Monte Hermom, o **monte** não significa, necessariamente, uma montanha específica. É o lugar de oração e revelação. Como acontecera por ocasião da descida do Espírito, após o seu batismo, Jesus também estava em oração quando ocorreu a transfiguração.

Mudou-se a aparência do seu rosto é um circunlóquio para a única palavra usada por Marcos: "ele foi transfigurado (**metemorphōthē**)". O helenista Lucas devia ser sensível às associações pagãs de uma palavra usada para descrever a capacidade, dos deuses, de assumir formas diferentes à vontade. Até este ponto, a verdadeira identidade de Jesus fora velada por uma face galiléia e por roupas galiléias comuns. "Os poderosos deste século" estavam convencidos de que haviam crucificado um provinciano qualquer, e não sabiam que realmente haviam matado "o Senhor da Glória" (I Cor. 2:8).

No momento, contudo, tanto a face como as roupas tomaram uma aparência celestial. O semblante foi alterado, **mudou-se**. A sua roupa se tornou fulgurantemente branca, como o relâmpago. A linguagem é escatológica. Terminologia semelhante é usada para descrever Deus (Dan. 7:9), o Filho do Homem exaltado (Apoc. 1:13 e ss.), os santos martirizados (Apoc. 6:11; 7:14), visitantes celestiais (Luc. 24:4), etc. A verdadeira identidade de Jesus é apresentada visivelmente. Por um momento os discípulos tiveram um vislumbre do Senhor exaltado, como ele seria depois da luta que assomaria logo adiante.

Moisés e **Elias** aparecem **com glória**. Isto simplesmente significa que eles não voltaram à aparência humana, mas são vistos como seres celestiais, com semblante resplandecente e roupa alva. Visto que eles já passaram pelas lutas e sofrimento de uma vida de serviço, para a presença de Deus, estão agora na glória. Tanto Moisés como Elias, as duas grandes figuras da era da Lei e dos Profetas, estavam associados com as expectativas messiânicas. Ambos também haviam saído desta vida de maneira incomum. O assunto de sua conversação é a **partida** ou morte de Jesus, literalmente, o seu "êxodo". Isto significa que eles conver-

saram a respeito da morte de Jesus, o cumprimento da "lei de Moisés e dos profetas", como porta necessária para a entrada na glória (cf. Luc. 24:44-46). A palavra êxodo pode também associar a morte de Jesus com a libertação de Israel do cativeiro no Egito, sob a direção de Moisés. Este é o novo Êxodo, através do qual o novo Israel é libertado e trazido à luz.

Os três discípulos **se haviam deixado vencer pelo sono**, o que ressalta o detalhe de que a experiência ocorreu de noite. Para os discípulos, essa experiência foi tanto garantia como chamado. A garantia de que o caminho que Jesus trilhava conduzia à glória. O chamado, era para que eles o seguissem. Assim, um rápido vislumbre da glória, uma frágil visão de noite, é a única prova de que o ato de seguir a Jesus, ou seja, renúncia própria e morte, leva à participação na glória. Isto é o que os discípulos tinham que ponderar, para contrabalançar os "fatos sólidos" do "mundo real". E assim tem sido sempre. De um lado, está a fascinação do que os homens podem contar, sentir, possuir agora — uma conta bancária, uma casa luxuosa, aceitação social. Do outro, está a visão da noite, a visão de uma realidade vislumbrada breve e obscuramente (através de olhos sonolentos), que conclama os homens a renunciarem tudo para dedicarem suas vidas ao serviço de Deus e dos homens.

A sugestão de Pedro, a respeito de construir **três cabanas**, é uma rejeição do ensinamento de Jesus a respeito da necessidade do seu sofrimento. Ele quer aproveitar-se do momento de glória, e prolongá-lo, eliminando, assim, todas as lutas e dúvidas inerentes ao futuro para o qual Jesus os havia chamado.

A nuvem que os cobre é uma expressão da presença de Deus (cf. Êx. 13:20 e s.; 19:16 e ss.; 33:9 e ss.). É esta associação que produz medo nos discípulos (cf. especialmente Êx. 19:21 e ss). Embora a sintaxe não seja clara, presumimos que a nuvem **cobriu** as três pessoas glorificadas e que elas, e não os discípulos, **entraram na nuvem.***

A afirmação de filiação, pronunciada no começo do ministério de Jesus, é reafirmada aqui, quando se tornou claro que Jesus havia enfrentado e reconhecido a rejeição do seu povo. Ele é rejeitado pelos homens, porém não por Deus. Jesus é chamado de seu **eleito**. A variante "amado" é uma assimilação da declaração feita por ocasião do batismo (3:22). O título "eleito" afirma outra vez que Jesus é o Messias de Deus. Os seus sofrimentos não são evidência de rejeição da parte de Deus, mas, pelo contrário, prova de sua obediência a Deus. A **ele ouvi** indica o profeta semelhante a Moisés acerca do qual fora dito: "A ele ouvirás" (Deut. 18:15). As palavras de Jesus devem ter precedência sobre todas as outras, inclusive as de Moisés e de Elias. Sobretudo os ensinamentos de Jesus a respeito da natureza do seu messianismo devem ser aceitos em lugar daqueles ministrados pelos discípulos e seus contemporâneos. Lucas diz que os discípulos não contaram nada a ninguém (cf. Mar. 9:9). Eles não podiam falar da glória dele, porque não entendiam o relacionamento dela com os sofrimentos que eram profetizados. Esta compreensão aconteceria mais tarde (cf. At. 2:33).

7) A **Cura de um Epiléptico** (9:37-43a)

37 No dia seguinte, quando desceram do monte, veio-lhe ao encontro uma grande multidão. 38 E eis que um homem dentre a multidão clamou, dizendo: Mestre, peço-te que olhes para meu filho, porque é o único que tenho; 39 pois um espírito se apodera dele, fazendo-o gritar subitamente, convulsiona-o até escumar e, mesmo depois de o ter quebrantado, dificilmente o larga. 40 E roguei aos teus discípulos que o expulsassem, mas não puderam. 41 Respondeu Jesus: Ó geração incrédula e perversa! até quando estarei convosco e vos sofrerei? Traze-me cá o teu filho. 42 Ainda quando ele vinha chegando, o demônio o derribou e o

(*) Nota do tradutor: Esta é a opinião do comentarista americano; porém, a tradução da IBB deixa a entender claramente que os discípulos se atemorizaram ao entrar na nuvem.

convulsionou; mas Jesus repreendeu o espírito imundo, curou o menino e o entregou a seu pai. 43 E todos se maravilhavam da majestade de Deus.

A **multidão** espera ao pé do monte, a volta de Jesus. Da mesma forma como Moisés desceu do Sinai, para encontrar um povo sem fé (Êx. 32:15 e ss.), Jesus também, ao descer, encontra os seus discípulos desacreditados e humilhados. Esta situação não se verifica tão claramente aqui como em Marcos 9:14 e ss. Visto que Jesus estava ausente, um pai ansioso havia-se voltado para os discípulos dele. Devido ao fato de terem falhado as tentativas deles para exorcizar o demônio, o homem agora roga a Jesus que **olhe para** o seu filho. Este verbo significa ter interesse no sentido de ajudar. Lucas diz que o menino era filho **único**. A descrição da enfermidade do menino indica que ele era sujeito a ataques epilépticos.

O fracasso dos discípulos é considerado como exemplo de falta de fé e espírito rebelde de uma **geração** toda, que não consegue se apropriar das oportunidades apresentadas pela presença de Jesus. A condenação é expressa em linguagem semelhante a de Deuteronômio 32:5. Ela dá ênfase ao fato de que a oportunidade concedida pela sua presença entre os homens é limitada no tempo.

O menino é curado e **entregue a seu pai** (cf. 7:15). Esta história é condensada, devido à omissão do diálogo entre Jesus e o pai em que aparece claramente a fé incomum desse homem (Mar. 9:23, 24), e a conversa entre Jesus e os seus discípulos (Mar. 9:28,29). O poder de Jesus sobre os demônios é uma evidência da **majestade** de Deus, palavra esta que não se encontra em nenhuma outra parte dos Evangelhos.

8) A **Segunda Palavra Acerca da Paixão** (9;43b-45)

E, admirando-se todos de tudo o que Jesus fazia, disse ele a seus discípulos: 44 Ponde vós estas palavras em vossos ouvidos; pois o Filho do homem está para ser entregue nas mãos dos homens. 45 Eles, porém, não entendiam essa palavra, cujo sentido lhes era encoberto, para que não o compreendessem; e temiam interrogá-lo a esse respeito.

Visto que Lucas não indica que Jesus saiu da Galiléia (veja o itinerário de Marcos: 7:24,31; 8:10,22,27), ele omite a nota a respeito de sua volta (Mar. 9:30). A segunda palavra acerca da paixão é colocada juntamente com o milagre anterior, em que Jesus mais uma vez manifestou o seu poder como Messias de Deus. Esta dialética entre força e fraqueza faz parte integrante do retrato que o Evangelho faz de Jesus. Ele é o forte Filho de Deus; ao mesmo tempo, é o "desamparado", que é vítima do poder do mal, isto é, **entregue nas mãos dos homens**. Esta expressão significa que os homens não tinham poder sobre ele, mas que Deus lhes permitira exercê-lo.

Ponde vós estas palavras em vossos ouvidos é um apelo solene, aos discípulos, para que compreendessem o paradoxo do **Filho do homem** sofredor. A explicação de Lucas, acerca da insensibilidade dos discípulos, é que o mistério **lhes era encoberto**, uma insinuação de que esse encobrimento fazia parte do propósito divino. A conjunção **para que** pode expressar resultado tanto quanto propósito. No caso, expressa claramente propósito. A cegueira deles não era cumprimento do propósito de Deus, mas, pelo contrário, o resultado do fato de que Deus havia decidido agir de maneiras que para eles eram incompreensíveis.

Percebendo que se defrontavam com um mistério, eles **temiam** interrogá-lo mais a respeito. Estaria Lucas dando a entender que a conduta de Jesus era tão solene, quando ele falou do futuro, que eles se sentiram intimidados? De qualquer forma, essa declaração responde a uma interrogação que deve ter-se levantado nos anos posteriores: Por que os discípulos não fizeram as perguntas suscitadas pelas revelações de Jesus até que

chegassem a entender o que ele estava tentando lhes dizer?

Não devemos nos surpreender com a cegueira deles quanto ao verdadeiro significado da vida e dos ensinos de Jesus. Os discípulos de hoje em dia ainda estão, aparentemente, não dispostos a aceitar o significado do sofrimento de Jesus para eles. Conservando a cruz trancada, com segurança, no passado remoto, como doutrina, mostramos que não entendemos o que significa segui-lo. Desta forma, podemos ser religiosos e ainda continuar vivendo em esplêndido isolamento das feridas e necessidades do mundo.

9) **Concernente à Grandeza** (9:46-48)

46 E suscitou-se entre eles uma discussão sobre qual deles seria o maior. 47 Mas Jesus, percebendo o pensamento de seus corações, tomou uma criança, pô-la junto de si, 48 e disse-lhes: Qualquer que receber esta criança em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que me receber a mim, recebe aquele que me enviou; pois aquele que entre vós todos é o menor, esse é grande.

Visto que Lucas não segue Marcos, em localizar este incidente em Cafarnaum (Mar. 9:33), o efeito resultante é relacioná-lo intimamente com a palavra precedente a respeito da paixão. Desta forma, a estupidez dos discípulos é ilustrada pela informação de que eles estavam discutindo por melhores posições, em que se empenharam tão depressa depois que Jesus lhes havia falado a respeito de morrer. A base de sua rivalidade era o seu conceito errado, já anteriormente demonstrado, a respeito do reino messiânico (cf. Mat. 18:1). Porque eles ainda achavam que estavam seguindo um líder que obteria vitória sobre os inimigos de Israel e estabeleceria um reino glorioso, ambicionavam papéis preponderantes na dinastia davídica, que hipoteticamente se restabeleceria.

Se eles tivessem entendido as declarações de Jesus a respeito de seu destino, teriam percebido que ele se considerava servo, em vez de herói messiânico nacional. Desta perspectiva, ele interpreta para eles os requisitos do discipulado. Jesus usa um ato de simbolismo profético para apresentar a lição. Com uma pequena variante em relação a Marcos, Lucas torna o ato ainda mais significativo. Marcos diz que Jesus colocou a criança "no meio deles" (9:36), mas em Lucas vemos que Jesus a colocou **junto de si.**

Agora, a pergunta é: Como o discípulo deve servir a Jesus? A resposta é: Ministrando à criança que está junto dele. A criança é o símbolo dos fracos e desprotegidos membros da família humana. Não que devamos igualar as pessoas desprivilegiadas e indefesas com Deus. Mas a dedicação a Deus, em seguir a Jesus, é expressa primordialmente mediante atos de misericórdia e amor. Na Bíblia, Deus está intimamente identificado com as vítimas da injustiça e do preconceito. Jesus também se identificou com elas — de fato, tão intimamente, que pode dizer que, recebê-las, isto é, dar-lhes proteção e ajuda, é recebê-lo e é receber Deus.

A maneira "religiosa" de evitar o impacto das exigências de Jesus é estabelecer um "culto a Jesus". Podemos nos reunir em edifícios especiais (que chamamos erradamente de "igreja"), cantar hinos a respeito de Jesus, tornarmo-nos sentimentais a respeito dele, chorar, ao se falar nele, e depois nos levantarmos para andar com os olhos secos e cegos através de um mundo de miséria e necessidade, sem nos importarmos com as espécies de pessoas a que ele serviu. Quando agimos assim, a religião se torna maligna, porque propicia um escape, santificado pelo nome de Jesus, da severidade das exigências que ele faz quanto às nossa vidas (cf. Mat. 25:31 e ss.).

Em segundo lugar, a criança representa **o menor** do grupo. Condicionada, como estava, pelo ambiente de autoridade de que estava cercada, a criança não tinha ilusões quanto ao seu lugar. Seria inconcebível que ela discutisse com os discípulos a respeito de uma posição

de proeminência. A criança era maior do que os discípulos exatamente porque era isenta de pretensões. Conseqüentemente, o discípulo que desejar ser **grande**, paradoxalmente precisa desistir de todas as ambições de ser grande.

10) Concernente aos Estranhos (9:49,50)

49 Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expulsava demônios; e lho proibimos, porque não segue conosco. 50 Respondeu-lhe Jesus: Não lho proibais; porque quem não é contra vós é por vós.

Lucas apresenta uma pequena, mas significativa modificação na narrativa de Marcos, que faz com que o ponto de contenda seja vívido. Os discípulos dizem que o exorcista anônimo não estava seguindo **com** eles (cf. Mar. 9:38). Isto quer dizer que ele estava seguindo Jesus, mas não como parte do grupo deles. **Expulsando demônios** em **nome** de Jesus, ele estava exercendo as prerrogativas do discipulado sem ter o que eles consideravam credenciais válidas.

A questão da validade de formas e funções tem preocupado a comunidade cristã desde os seus primeiros dias. O número de membros de um certo grupo é a prova de sua autenticidade? Uma teoria de sucessão apostólica ou alguma variação dela é fundamento adequado para determinar a validade do ministério de um discípulo?

Jesus ensina que a prova da validade não é o cumprimento de alguns requisitos formais estabelecidos pelo grupo. A realidade do relacionamento da pessoa com Jesus é expressa na qualidade de sua vida e de seus atos, especialmente no cumprimento do papel de servo. O homem a quem os discípulos haviam repreendido estava ministrando a vidas necessitadas, em nome de Jesus. Em um versículo, omitido por Lucas, Marcos sublinha a ênfase de Jesus no papel de servo como a característica determinante do discípulo (Mar. 9:41).

O princípio de Jesus está contido nas palavras **quem não é contra vós é por vós** (cf. Fil. 1:15-18). Através dos séculos, alguns grupos cristãos têm invertido esta máxima, para dizer: "Quem não está seguindo conosco é contra nós."

IV. Da Galiléia a Jerusalém: Parte Um (9:51-13:30)

Começa agora a grande seção central (9:51-19:27), que dá, ao Evangelho de Lucas, tanto do seu caráter distintivo. A fonte de Marcos é colocada de lado, e não será usada outra vez, senão na última parte da seção (18:15 e ss.).

A seção central parece representar, em parte, a solução, apresentada por Lucas, para o problema do que fazer com a grande quantidade de material que ele havia coletado em relação à vida de Jesus. Ele foi capaz de colocar grande parte dele na "brecha" propiciada pelo relato de Marcos acerca da última viagem de Jesus a Jerusalém (cf. Mar. 10:1, 17,32). As várias referências a uma viagem dão uma espécie de unidade literária a esta parte de Lucas (9:51,57; 10:38; 13:22,33; 17:11; 18:31; 19:1,11,28). Não obstante, o conteúdo dela consiste de passagens mais ou menos heterogêneas, que não iluminam a verdadeira seqüência cronológica ou geográfica do ministério de Jesus. Em outras palavras, elas não conseguem se enquadrar em uma verdadeira viagem a Jerusalém.

Primordialmente, a viagem a Jerusalém propicia o tema teológico para a seção central. Coloca, tudo o que ocorre depois de 9:51, sob a influência da cruz. O fim agora é conhecido. Não nos é permitido esquecer que o destino de Jesus é Jerusalém. Sabemos que Jesus vai se defrontar com Israel, em sua cidade capital, com as suas reivindicações messiânicas "veladas". Também sabemos que ele será rejeitado e executado. Embora a jornada não nos ajude a traçar o itinerário de Jesus a Jerusalém, ela estabelece o destino de sua vida. Não importa onde esteja ele, em dado momento, não importa qual seja o palco original da perícope isolada que faz parte da seção, tudo leva a um clímax em Jerusalém.

Várias tentativas foram feitas para descobrir um plano subjacente, unificador, nessa seção central. Uma das sugestões mais notáveis é a de C. F. Evans, de que ela tinha o desígnio de ser um "Deuteronômio" cristão. [19] Provavelmente, contudo, diante das evidências, não temos o direito de ir além da declaração sumária de W. G. Kuemmel: "Em 9:51—19:27, o Senhor, que vai sofrer de acordo com a vontade de Deus, equipa os seus discípulos para a missão de pregar depois de sua morte." [20]

1. O Começo da Viagem (9:51-62)

1) Rejeitado Pelos Samaritanos (9:51-56)

51 Ora, quando se completavam os dias para a sua assunção, manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém. 52 Enviou, pois, mensageiros adiante de si. Indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos, para lhe prepararem pousada. 53 Mas não o receberam, porque viajava em direção a Jerusalém. 54 Vendo isto, os discípulos Tiago e João, disseram: Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir (como Elias também fez)? 55 Ele, porém, voltando-se repreendeu-os (e disse: Vós não sabeis de que espírito sois.) 56 (Pois o Filho do homem não veio para destruir as vidas dos homens, mas para salvá-las.) E foram para outra aldeia.

O versículo 51 se constitui em um ponto decisivo na apresentação do ministério de Jesus feita por Lucas. Ele introduz uma nova seção, que termina com a sua aproximação de Jerusalém. Esta passagem contém um número incomum de semitismos (cf. Plummer, p. 262 e s.), que são obscurecidos na tradução portuguesa. **Quando se completavam os dias** expressa a convicção de que tudo o que acontece está sob controle divino. **Assunção** é tradução de substantivo do texto grego que pode significar "morte", mas Lucas o usa para abranger todo o complexo da morte, ressurreição e assunção. É muito possível que Lucas esteja evocando associações com a história apócrifa da assunção de Moisés e com o relato da trasladação de Elias no Velho Testamento. [21]

Jesus aceita voluntariamente o imperativo divino sob o qual a sua vida havia sido colocada, quando **manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém**. O paradoxo da eleição divina e responsabilidade humana em nenhum outro lugar é visto mais claramente do que no ensino sobre a morte de Jesus. Os escritores do Novo Testamento estavam ansiosos para mostrar que a morte de Jesus não significava, para Deus, uma derrota. O homem não havia vencido — nem sequer por um momento. Deus estava na direção o tempo todo. Sobretudo, os cristãos primitivos estavam convencidos de que Jesus não era uma vítima indefesa, involuntária, das circunstâncias. Ele preferiu trilhar a estrada que escolhera, sabendo muito bem qual era o seu amargo destino, mas também convencido de que, ao perder a sua vida, ele a ganharia. Não obstante, isto não absolve da culpa, de forma alguma, os homens que mataram Jesus. Deus o "entregou" (At. 2:23); Jesus voluntariamente aceitou a morte; mas os homens (e não Deus) o mataram, por um ato de ilegalidade (At. 2:23; cf. Stagg, p. 128-135).

Mensageiros são enviados à frente, aparentemente para procurar acomodações para passar a noite. A hostilidade entre judeus e samaritanos era profunda e antiga. Os samaritanos faziam questão especial de manifestar má vontade para com os peregrinos que tomavam a estrada direta, através do seu território, para participarem da celebração da Páscoa em Jerusalém (Josefo, **Antig.**, 20,6,1). Porque Jesus estava a caminho de Jerusalém, os samaritanos não o receberam.

Tiago e João foram chamados de "filhos do trovão" (Mar. 3:17 — omitido

19 Veja "The Central Section of St. Luke's Gospel", em **Studies in the Gospels**, ed. D. E. Nineham (Oxford: Basil Blackwell, 1955), p. 37-53.

20 **Introduction to the New Testament**, Paul Feine e Johannes Behm; reeditado por Werner George Kuemmel, tradução de A.J. Mattill, Jr. (New York: Abingdon Press, 1966), p. 99.

21 Evans, **op. cit.**, p. 50 e ss.

por Lucas). Agora eles justificavam o seu apelido, mediante a sua atitude sanguinária para com os samaritanos. A redação opcional colocada entre parêntesis, em nossa versão, "como Elias também fez" é, provavelmente, uma interpolação, mas a sugestão feita pelos discípulos faz lembrar o episódio de II Reis 1:10. Era apenas em um incidente envolvendo estrangeiros que os discípulos queriam tomar medidas tão drásticas. Eles também achavam que Deus participava do seu desprezo pelos samaritanos, e faria chover fogo destruidor sobre eles. Eles não haviam aprendido que a sua missão não era destruir, mas transformar e curar. A sua atitude de desamor foi **repreendida** por Jesus.

Esta história foi útil na missão aos gentios, empreendida mais tarde, pois testificava contra a hostilidade de um ramo da comunidade judaica cristã. Mostra que Jesus era contra o antigo espírito de inimizade entre os dois grupos raciais. Embora o texto mais longo, entre parêntesis, dos versículos 54-56 deva ser julgado como interpolação, é uma excelente interpretação da atitude de Jesus.

2) **As Severas Exigências de Jesus** (9: 57-62)

57 Quando iam pelo caminho, disse-lhe um homem: Seguir-te-ei para onde quer que fores. 58 Respondeu-lhe Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninho; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. 59 E a outro disse: Segue-me. Ao que este respondeu: Permite-me ir primeiro sepultar meu pai. 60 Replicou-lhe Jesus: Deixa os mortos sepultar os seus próprios mortos; tu, porém, vai e anuncia o reino de Deus. 61 Disse ainda outro: Senhor, eu te seguirei; mas deixa-me primeiro despedir-me dos que estão em minha casa. 62 Jesus, porém, lhe respondeu: Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus.

A chamada para o discipulado é uma chamada para participar da dedicação e entrega de Jesus, e dos sofrimentos nelas inerentes. O destino do discípulo pode não ser diferente do destino da pessoa a quem ele segue. Agora aprendemos, de três exemplos concretos, o que Jesus requer dos que desejam segui-lo. Os dois primeiros têm paralelos em Mateus 8:19-22; o terceiro se encontra apenas em Lucas.

O primeiro discípulo em perspectiva é um voluntário, mas que não percebe as implicações de sua decisão. Talvez ele tivesse pensado que o **caminho** pelo qual Jesus viajava levasse ao sucesso e poder. Mas nós sabemos que é diferente. E como. Levava para o Getsêmane e o Gólgota. Jesus não teve uma dedicação superficial. Ele era um evangelista do reino de Deus; mas, diferentemente de tantos que disseram estar representando-o, ele não concordou com métodos evangelísticos baratos. As palavras de Jesus a esse homem seguem-se imediatamente à experiência em que negaram hospedagem a Jesus. Mas elas também prevêem um momento muito mais trágico, quando ele será rejeitado e morto (cf. João 1:10,11). Seguir Jesus significa participar do seu desabrigo no mundo, e, finalmente, de sua rejeição e morte.

O segundo homem estava disposto a seguir Jesus, mas só depois de se desincumbir duma obrigação das mais sagradas. O seu dever mais importante, como filho, era cuidar de seu pai, em sua velhice, e finalmente dar-lhe uma sepultura honrosa. Por ser uma contradição tão chocante à piedade judaica, a resposta de Jesus lança em agudo relevo as reivindicações exclusivas do reino de Deus. Há pessoas que estão **mortas**, isto é, espiritualmente mortas, por não terem respondido aos apelos de Deus, ao ponto de não poderem assumir nem as importantes responsabilidades como enterrar o pai, conforme aquele homem. A urgência da hora e a tarefa a realizar-se exigem que os poucos que se submeteram ao domínio de Deus se dediquem à proclamação do **reino**. Este encargo não pode estar em segundo lugar, em relação a nenhuma outra lealdade ou responsabilidade.

O terceiro homem achava difícil cortar os laços que o amarravam ao seu passado e à sua cultura. Faltava-lhe a decisão e dedicação com que precisava enfrentar o futuro para que Deus o chamou. A fim de arar um sulco reto, o fazendeiro precisa escolher um ponto de referência e mover-se em direção a ele. Ele precisa conservar os olhos fixos no alvo. Da mesma forma, o reino de Deus tudo absorve, tudo exige, requerendo que as pessoas que se dedicam a ele o façam sem qualificações, reservas ou pesar.

2. A **Missão dos Setenta** (10:1-24)

1) **Instruções aos Setenta** (10:1-12)

1 Depois disso designou o Senhor outros setenta, e os enviou adiante de si, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir. 2 E dizia-lhes: Na verdade, a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara. 3 Ide; eis que vos envio como cordeiros ao meio de lobos. 4 Não leveis bolsa, nem alforje, nem alparcas; e a ninguém saudeis pelo caminho. 5 Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: Paz seja com esta casa. 6 E se ali houver um filho da paz, repousará sobre ele a vossa paz; e se não, voltará para vós. 7 Ficai nessa casa, comendo e bebendo do que eles tiverem; pois digno é o trabalhador do seu salário. Não andeis de casa em casa. 8 Também, em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei do que puserem diante de vós. 9 Curai os enfermos que nela houver, e dizei-lhes: É chegado a vós o reino de Deus. 10 Mas em qualquer cidade em que entrardes, e vos não receberem, saindo pelas ruas, dizei: 11 Até o pó da vossa cidade, que se nos pegou aos pés, sacudimos contra vós. Contudo, sabei isto: que o reino de Deus é chegado. 12 Digo-vos que naquele dia haverá menos rigor para Sodoma, do que para aquela cidade.

O título de Senhor que Lucas dá a Jesus, constantemente, sublinha o papel de autoridade de Jesus em relação aos discípulos que ele envia. **Designou** é freqüentemente usado no sentido de nomeação para cargo público. Ele vem para Lucas "da esfera política, e a instituição dos setenta tem um caráter de ação pública e oficial" (Heinrich Schlier, TDNT, II, 30). O número setenta (setenta e dois?) provavelmente tem significado simbólico. Uma associação possível com o Velho Testamento é com o número de anciãos (setenta) indicados por Moisés, para ajudá-lo na administração (Núm. 11:16,24). O espírito desceu em dois outros, elevando o total para setenta e dois (Núm. 11:26). Mais provavelmente, no entanto, o número simboliza as nações gentílicas de Gênesis 10. No texto Massorético o número é setenta, enquanto na LXX é setenta e dois. Isto explica a vacilação das autoridades entre setenta e setenta e dois, no texto de Lucas 10:1. No pensamento de Lucas e seus leitores, a missão dos **setenta** provavelmente representava a missão cristã aos gentios.*

O verbo **enviou** indica que esses são os representantes de Jesus com autoridade, ou **shaliahs** (cf. 9:1). Como testemunhas do reino de Deus, eles são enviados **de dois em dois**, segundo o padrão de Deuteronômio 19:15. O testemunho de dois homens é digno de confiança. A sua tarefa é descrita como de preparação para uma missão subseqüente, a ser realizada por Jesus pessoalmente.

Em Mateus, o comentário acerca dos **trabalhadores** e da **seara** é feito em relação ao ministério itinerante do próprio Jesus (9:37,38). A seara é uma figura do reino de Deus, que está por vir, em ambos os seus aspectos: de salvação e de julgamento (3:17). O fato e a extensão da seara nunca são postos em dúvida, porque são determinados pela soberania de Deus, e não condicionados por fatores estranhos a essa soberania. Porém isso não remove a necessidade de **trabalhadores**. Eles são os arautos do reino, homens que o anunciam e conclamam os outros a uma decisão. Porém, mesmo esses são fornecidos pelo **Senhor da colheita**. Portanto, em sentido nenhum a colheita depende de esforços puramente humanos. As pessoas que se

(*) Nota do Tradutor: Na Bíblia na Linguagem de Hoje, da SBB, o número apresentado é setenta e dois.

preocupam com a natureza crítica dos tempos têm um recurso: podem rogar a Deus que mande arautos adicionais.

Os mensageiros são enviados **como cordeiros ao meio de lobos**. Da mesma forma como Jesus estava no mundo, assim também os seus discípulos devem estar — desarmados e expostos à rejeição e violência, que são as características do mundo.

Os setenta viajarão completamente desprovidos de provisões. Não devem levar **bolsa** (de dinheiro), nem **alforje** para provisões, possivelmente do tipo usado pelos mendigos, e nem mesmo **alparcas** para os pés. Não terão a segurança de possuir o suficiente nem mesmo para uma futura refeição. A urgência de sua missão é enfatizada pela ordem: **a ninguém saudeis pelo caminho**. As saudações orientais eram tão cerimoniosas e demoradas que os mensageiros não podiam condescender em gastar o tempo requerido nelas.

A saudação que devia ser usada pelos discípulos era a antiga palavra semita **shalom** ou **paz**, que era basicamente uma expressão do desejo pelo bem-estar de outrem. Mas essa saudação assume novo significado. Está se referindo à paz da era messiânica, que pode ser possuída agora pelas pessoas que desejam participar dela. Em contraste com o uso rabínico, é uma questão pessoal e individual, baseada no relacionamento da pessoa com Deus. Portanto, é sinônimo de salvação (cf. 7:50).

Um filho da paz é uma pessoa que esteja esperando a "consolação de Israel" (2:25), que se espera que receba os arautos do reino. Possivelmente, a hostilidade de um indivíduo para com os pregadores será a evidência de que não é filho da paz. Nesse caso, a paz deles voltará para eles. Da mesma forma como o pronunciamento da salvação messiânica, a paz é considerada como algo mais ou menos objetivo. A salvação messiânica pode ser rejeitada, caso em que o dom de Deus, segundo se pensa, volta para aqueles de quem saiu.

Os setenta não devem preocupar-se com a qualidade de sua hospitalidade. A sua preocupação deve ser com a sua missão. Também não devem ter um senso de culpa pelo fato de viverem da generosidade dos outros. Aqueles que levam a mensagem do reino de Deus são dignos de serem sustentados pelos que a recebem (cf. I Cor. 9:4 e ss.; Gál. 6:6). Sobretudo, eles estão livres dos fardos e restrições impostas pelas leis alimentícias dos judeus. Eles devem comer o que for posto à sua frente. Um dos maiores problemas, enfrentados pelos evangelistas judeus, na missão gentílica, relacionava-se com a comunhão à mesa. Paulo, aparentemente, resolveu-o, na forma indicada pelo texto (I Cor. 10:27), mas outros acharam difícil comer comida gentílica com os gentios (cf. Gál. 2:11 e ss.).

Nos versículos 9 e 11, encontramos a declaração incomum em Lucas: **É chegado a vós o reino de Deus**. Isto não significa que o dia final da salvação e juízo esteja próximo. Para Lucas, o reino de Deus estava presente no mundo, na pessoa de Jesus. Visto que os setenta eram os seus representantes autorizados, o fato de eles curarem os enfermos e proclamarem o reino traziam-no para perto dos habitantes das cidades que eles visitavam. O povo podia apropriar-se dos seus benefícios, e juntar-se aos que esperavam confiantemente a manifestação final do reino.

Os missionários saem com a palavra de salvação, mas o resultado de sua missão pode ser o juízo. Eles devem **sacudir** o pó, de uma cidade hostil, **contra** os seus habitantes rebeldes, dramatizando o fato de que estão sob o juízo de Deus (veja 9:5).

Naquele dia (v. 12) é o dia do juízo. **Sodoma** era o exemplo de iniqüidade em o Velho Testamento. Mas a cidade mais ímpia da antiguidade se sairia muito melhor no juízo do que a cidade que rejeitasse os enviados de Jesus.

2) **Conseqüências da Rejeição** (10:13-16)

13 Ai de ti, Corazim! ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se operaram, há muito, sentadas em cilício e cinza, elas se teriam arrependido. 14 Contudo, para Tiro e Sidom haverá menos rigor no juízo do que para vós. 15 E tu, Cafarnaum, porventura serás elevada até o céu? até o hades descerás.

16 Quem vos ouve, a mim me ouve; e quem vos rejeita, a mim me rejeita; e quem a mim me rejeita, rejeita aquele que me enviou.

Corazim, mencionada outra vez, em o Novo Testamento, apenas no paralelo apresentado por Mateus (11:21), ficava, aproximadamente, a três quilômetros ao norte de **Cafarnaum**. **Betsaida**, à curta distância a leste, ficava localizada na margem norte do Jordão, na Galiléia. Os **milagres** eram a cura dos enfermos, purificação de leprosos, exorcismo de demônios e ressurreição de mortos, mencionados no relato do ministério da Galiléia. Esses milagres não haviam feito com que o povo renunciasse à sua rebeldia e se submetesse ao domínio de Deus.

Tiro e **Sidom** eram cidades gentias, portos fenícios, considerados como centros de idolatria e perversão. Jezabel, filha do rei dos sidônios, era a fenícia responsável por grande parte da idolatria do Reino do Norte, durante o ministério de Elias. Mas essas cidades idólatras teriam sido muito mais responsivas à presença de Jesus do que os centros galileus do seu trabalho haviam sido. **Cilício**, material grosseiro, feito de cabelo de cabras ou camelos, era vestido como símbolo de grande lamentação a respeito dos pecados. Sentar-se em **cinzas** tinha o mesmo significado.

Cafarnaum havia sido a sede do ministério de Jesus na Galiléia. Mas a arrogante cidade, ostentando justiça própria, havia rejeitado a mensagem de Jesus e havia-se recusado a se humilhar, em arrependimento. As palavras com que Jesus profetiza a queda da cidade são tiradas de Isaías 14:13,15, onde elas predizem a futura humilhação do orgulhoso rei da Babilônia. **Hades** é o lugar dos mortos, ou a própria morte, e é sempre usado desta forma no Novo Testamento, com uma exceção (Luc. 16:23). Em vez da vida, Cafarnaum escolhera o caminho da morte.

O versículo 16 segue o v. 12 mais logicamente do que o v. 15, visto que ele continua o pensamento dos versículos 10-12, onde o tema é a rejeição do ministério dos discípulos. Como delegados pessoais de Jesus, os setenta representam a própria pessoa que os enviou, em pessoa, palavras e atos. **Ouvi-los** é ouvir Jesus. A pessoa que ouve a palavra de Deus, neste sentido, apropria-se dela. Freqüentemente, nas Escrituras, ouvir é praticamente sinônimo de fé (Gerhard Kittel, TDNT, I, 216 e ss.).

A rejeição dos missionários é correspondente à rejeição de Jesus, que os **enviou**. É também uma rejeição de Deus, porque Deus enviou Jesus como seu **Shaliah**, para falar e agir em nome dele.

3) A **Volta dos Setenta** (10:17-20)

17 Voltaram depois os setenta com alegria, dizendo: Senhor, em teu nome, até os demônios se nos submetem. 18 Respondeu-lhes ele: Eu via Satanás, como raio, cair do céu. 19 Eis que vos dei autoridade para pisar serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo; e nada vos fará dano algum. 20 Contudo, não vos alegreis porque se vos submetem os espíritos; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus.

Quando os setenta voltaram, estavam cheios de **alegria**, como homens livres. Eles não precisavam mais viver no constante temor do poder maligno dos demônios. Os demônios **se submetem** a eles, que são representantes do Libertador messiânico. As vitórias dos discípulos, porém, não eram triunfos pessoais, conseguidos pelo esforço próprio, pelos quais eles podiam jactar-se, como crédito próprio, pois haviam sido realizados em **nome** de Jesus. Visto que o nome está no lugar da pessoa, os demônios haviam-se submetido à autoridade de Jesus. Con-

seqüentemente, os discípulos não são independentes do seu **Senhor**, como dá a entender o uso que se faz desse título.

Em Jó, **Satanás** é retratado como estando no céu como acusador do homem (1:6; 2:1). No Apocalipse, ele é o poder maligno espiritual que desafia a autoridade de Deus no céu, que é a própria sede dessa autoridade (12:7 e ss.). O inevitável fracasso de Satanás é prefigurado na vitória dos delegados enviados por Jesus sobre os demônios, que representam o poder de Satanás no mundo. A sua **queda** será como um **raio**, o que quer dizer, a sua derrota será repentina e completamente decisiva.

Serpentes e **escorpiões** significam forças sinistras e malignas. Aqui eles são sinônimos da inimizade e do poder maligno de Satanás. Jesus declara que os discípulos estão livres do mal que Satanás poderia fazer contra eles (baseado em Sal. 91:13). Ao expulsar os demônios, estavam eles pisando serpentes e escorpiões, por meio da **autoridade** que Jesus lhes havia dado. Significa isto que o tempo do ministério de Jesus, o tempo da salvação, é um período em que os discípulos estão livres dos ataques furiosos de Satanás (Conzelmann, p. 28, 80 e ss., etc.)? Se assim é, o tempo de Jesus é como a nova era que será introduzida pela **Parousia** (cf. Apoc. 21:3,4). O tempo quando Jesus estava na terra se torna a base da confiança e esperança para a Igreja, sitiada e perseguida, enquanto espera a consumação da história. Finalmente, **nada** poderá **fazer dano algum** aos seguidores de Jesus.

Jesus acautela os setenta para não exagerarem a importância dos atos que haviam realizado. Os exorcismos haviam sido "um sinal da salvação que se aproximava, mas eram, necessariamente, de menor importância do que o fato de que os discípulos haviam sido eleitos como participantes da própria salvação" (Barrett, p. 64). O símbolo de um livro celestial é comum na literatura do judaísmo, e aparece também no Novo Testamento (Fil. 4:3; Heb. 12:23; Apoc. 3:5). Ter o nome **escrito nos céus** é ter a certeza de vida eterna na presença de Deus. Não são as vitórias dos discípulos, mas a soberania final e decisiva de Deus sobre o mal que é a base para a sua esperança e o alicerce do seu regozijo.

4) O Regozijo de Jesus (10:21-24)

21 Naquela mesma hora exultou Jesus no Espírito Santo, e disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos; sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. 22 Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai; nem quem é o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

23 E, voltando-se para os discípulos, disse-lhes em particular: Bem-aventurados os olhos que vêem o que vós vedes. 24 Pois vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que ouvis, e não o ouviram.

Exultou Jesus no Espírito Santo é uma frase característica de Lucas (cf. 2:27), que normalmente indicaria que uma pessoa está em um estado de êxtase profético. No padrão de aceitação e rejeição com que o seu trabalho era recebido, Jesus vê evidências da elaboração dos propósitos de Deus. Ele expressa gratidão a Deus porque a sua obra de redenção continua por linhas tão paradoxais. **Pai** é a afirmação, de Jesus, de sua consciência de que como Filho ele mantém um relacionamento único com Deus. Mas aquele que é Pai também é Criador e Rei, **Senhor do céu e da terra**.

Os **sábios** e **entendidos** são os escribas, os homens que são eruditos nas tradições de sua religião. Os **pequeninos** são o povo simples, sem arrogância e pretensões. As pessoas que estão procurando se tornar mestras do conhecimento de Deus são cegas para com o que Deus está fazendo entre elas. Por outro lado, as pessoas que são religiosamente iletradas, são receptivas à obra de Deus. Como pessoa, Deus se faz conhecido através da revelação. Ele só pode se revelar às pessoas que, humildemente cônscias de

sua necessidade, se voltam para ele, abertas para o seu juízo e sua graça. Para todos os outros ele permanece desconhecido.

Do teu agrado é tradução da mesma palavra encontrada em um caso diferente, em 2:14, onde ela é traduzida erradamente "de boa vontade" (deveria ser: de quem ele se agrada). Significa o prazer de Deus e refere-se especificamente à vontade de Deus, verificada na escolha daqueles que ele chamou para si. Foi do seu agrado escolher os que não são sofisticados, em vez dos **sábios**, isto é, daqueles que se consideram sábios.

Todas as coisas é indefinido como **estas coisas**. Inclui tudo o que Deus deu ao Filho, tanto no reino da sabedoria como no do poder. O conhecimento significa, primordialmente, o entendimento que se origina de um relacionamento pessoal, mais do que o domínio de dogmas teológicos ou palavras eruditas a respeito dos atributos de Deus. Só uma pessoa se situa na espécie de relacionamento com Deus que lhe dá a possibilidade de conhecê-lo: esta é o Filho. Da mesma forma, só o Pai realmente conhece quem é o Filho. A consciência de Jesus, acerca de sua identidade como Filho e Servo Sofredor-Messias, se originara da revelação de Deus a ele, e não dependia das opiniões populares a respeito dele.

A função especial do Filho é ser o revelador do Pai (João 14:9). Jesus está no mundo como ser humano, aceitando as conseqüências desse fato, que incluem falta de entendimento e percepção de quem ele é, a fim de que ele possa revelar o Pai aos homens de quem Deus se agrada.

Os **profetas e reis** de Israel pertenciam ao tempo da preparação. Os profetas haviam acendido a candeia da esperança messiânica. Os reis haviam esperado a vinda do Messias, descendente do grande rei Davi. Os discípulos têm o privilégio de ver em Jesus o cumprimento desses anseios e dessa fé.

3. Ensinos Acerca de Relacionamentos (10:25-42)

1) A Pergunta do Doutor da Lei (10: 25-28)

25 E eis que se levantou certo doutor da lei e, para o experimentar, disse: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? 26 Perguntou-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como lês tu? 27 Respondeu-lhe ele: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. 28 Tornou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isso, e viverás.

O **doutor da lei**, sinônimo apresentado por Lucas para escriba, assume o papel de quem deseja aprender, e coloca Jesus no papel de rabi, chamando-o de **Mestre**. Somos levados a perceber que ele tem segundas intenções. Ele deseja **experimentar** Jesus, para mostrar que ele é inepto e ingênuo em discussão teológica.

Em Marcos 12:29-31, é Jesus quem combina a exigência de amor a Deus (Deut. 6:4,5) com os requisitos de amor ao próximo (Lev. 19:18). Aqui ele responde à interrogação do doutor da lei com uma pergunta, que era um método rabínico comum para ensinar. Nenhuma versão de Deuteronômio 6:5 apresenta o predicado quádruplo encontrado no verso 27a. No pensamento hebreu, **coração** e **mente** são sinônimos. As duas palavras gregas provavelmente representam traduções independentes da palavra hebraica que significa coração, que foram juntadas para formar o texto que está por detrás das citações do Novo Testamento (Leaney, p. 182). O significado é que o homem deve amar a Deus com a totalidade do seu ser.

O amor pelo próximo é apresentado como dependente da atitude da pessoa para com o seu próprio eu. Sem um conceito apropriado do valor próprio, como ser humano, é impossível ter a atitude correta para com o próximo. Arrogância, desprezo pelos outros e preconceito são, basicamente, expressões

de pouca auto-estima e de insegurança interior.

Faze isto, requereu Jesus. Desta forma, a capacidade de dar a resposta correta às perguntas teológicas não garante que a pessoa **viverá**. Uma fraqueza da ortodoxia, quer judaica quer cristã, é a crença errada de que a pessoa pode satisfazer a Deus dando as respostas aceitáveis a questões que são elaboradas pelo próprio erudito. O teste decisivo é se as nossas vidas são governadas pelo amor a Deus e ao nosso próximo.

2) **O Bom Samaritano** (10:29-37)

29 Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? 30 Jesus, prosseguindo, disse: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos de salteadores, os quais o despojaram e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. 31 Casualmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. 32 De igual modo, também um levita chegou àquele lugar, viu-o, e passou de largo. 33 Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou perto dele, e, vendo-o, encheu-se de compaixão; 34 e, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele. 35 No dia seguinte, tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que gastares a mais, eu to pagarei quando voltar. 36 Qual, pois, destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? 37 Respondeu o doutor da lei: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Disse-lhe, pois, Jesus: Vai, e faze tu o mesmo.

O doutor da lei se encontrava em uma situação um tanto embaraçosa. Por que fizera ele uma pergunta para a qual sabia a resposta? Ele achava necessário **justificar-se**, levando o assunto mais adiante. O amor a Deus claramente não tem limites, porém o amor ao próximo pode ser limitado pela definição de próximo. **Quem é o meu próximo**? foi uma interrogação legítima, conforme às discussões teológicas contemporâneas.

A definição de próximo freqüentemente depende de quem a faz. O seu próximo pode ser o inimigo de outrem. Para um judeu, o próximo era outro judeu, ou um prosélito completo. Os fariseus limitavam ainda mais essa acepção, excluindo pessoas como publicanos e pecadores. Jesus respondeu à pergunta com uma parábola, que devastou esses padrões de pensamento reconhecidos como válidos.

O primeiro personagem desse drama é um **homem**. Não sabemos se ele era branco ou preto, judeu ou gentio, religioso ou não-religioso. Ele era um ser humano que, como tantos outros, tornara-se a vítima indefesa do mal.

A primeira pessoa a descer pela estrada, depois que ocorrera a tragédia, é um **sacerdote**. Porque os sacerdotes passavam por aquele caminho todas as semanas, depois do seu serviço no Templo (veja 1:23), isto não era incomum. Depois de servir a Deus durante uma semana, ele se defrontava com uma oportunidade de servir ao homem. Mas a situação era complicada para ele, porque era um religioso. Ao que ele saiba, o homem inconsciente podia estar morto. Se tocasse o corpo, para saber se estava vivo, podia contaminar-se (Lev. 21:1). E, também, não havia forma de se determinar quem era esse homem. Um homem nu, espancado, sangrando, não tem rótulos de posição social ou afiliação religiosa. Ele podia ser um publicano — ou até um samaritano! Nesse caso, ele não seria um próximo, a quem o sacerdote estivesse obrigado a ajudar, segundo a sua interpretação da Lei. A melhor coisa a fazer, nessa situação duvidosa, portanto, era passar tão longe dele quanto possível. Um **levita**, um dos ajudantes do Templo, segue o exemplo do sacerdote, sem dúvida, devido às mesmas razões.

O que Jesus fez foi apresentar uma situação concreta, em que as pessoas agem, baseadas na sua compreensão dos dois mandamentos recitados pelo doutor da lei. Os conflitos entre as regras religiosas e fossem quais fossem os instintos humanitários que eles tivessem eram

resolvidos em favor das primeiras. Essas duas pessoas agem como o próprio doutor da lei certamente teria agido.

O terceiro homem a passar por ali foi um **samaritano**. Que choque e ira o exemplo de Jesus deve ter suscitado entre os seus ouvintes! Podemos entender como eles se sentiram tão-somente se tivermos o mesmo tipo de preconceito, em relação a pessoas de outra raça, como os judeus e samaritanos tinham uns pelos outros.

O samaritano "amou" a vítima indefesa. Nessa história, verificamos que o amor não é um sentimento fraco. Também aprendemos como é que se ama "verdadeiramente" (veja o v. 28). O samaritano fez as coisas práticas, de bom senso, requeridas pelas condições daquele infeliz. Derramou **óleo** e **vinho** misturados, remédio comum nos tempos antigos, nas chagas do homem, **atou**-as, colocou o homem inconsciente sobre o seu próprio animal, e levou-o para uma **estalagem**. Ali ele fez todos os preparativos necessários para suprir as suas necessidades imediatas e futuras.

A fim de amar o seu próximo, a pessoa precisa sentir-se próxima, sensível à responsabilidade que lhe é conferida pela necessidade de qualquer outro ser humano. Quem era o próximo? O doutor da lei é forçado a responder à pergunta. Ele não consegue proferir a odiada palavra "samaritano", e, por isso, usa um circunlóquio. Mas não pode evadir-se da moral da história. Não pode haver conflito entre o amor a Deus e o amor a outro ser humano. E, então, Jesus acrescenta a repreensão, que coroa o diálogo. O exemplo dado a esse arrogante intelectual não foi o sacerdote piedoso e ortodoxo, ou o levita, mas o odiado samaritano. A tradução em português apresenta o pronome pessoal enfático do grego: **Tu**, faze da mesma forma.

3) **Marta e Maria** (10:38-42)

38 Ora, quando iam de caminho, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. 39 Tinha esta uma irmã, chamada Maria, a qual, sentando-se aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra. 40 Marta, porém, andava preocupada com muito serviço; e, aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá que minha irmã me tenha deixado a servir sozinha? Dize-lhe, pois, que me ajude. 41 Respondeu-lhe o Senhor: Marta, Marta, estás ansiosa e perturbada com muitas coisas; 42 entretanto, poucas são necessárias, ou mesmo uma só; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.

Só nesta história se faz referência a Marta e Maria, nos Evangelhos Sinópticos. O quarto Evangelho dá um papel importante a Maria, Marta e seu irmão Lázaro (11:1 e ss.; 12:1 e ss.). Lucas diz que Marta tinha uma casa em uma **aldeia**. João identifica o lugar em que eles viviam como Betânia, pequena vila cerca de dois quilômetros a leste de Jerusalém. O fato de Jesus estar em Betânia, nesta conjuntura, porém, não se enquadra no padrão requerido por uma viagem a Jerusalém, pois Jesus nem entra na Judéia antes de 18:35 e ss. (Veja comentário a Lucas 9:51 e ss.).

A cena é visualizada facilmente. Jesus é o rabi cercado pelos seus discípulos. Maria também estava ali, sentada **aos pés do Senhor**. Sentar-se aos pés de uma pessoa era a expressão idiomática equivalente a "estudar sob a direção de alguém" (cf. At. 22:3). Desta forma, Maria é retratada como aluna, por si mesmo uma inovação revolucionária, pois os rabis não ensinavam mulheres.

O senso de responsabilidade de Marta, como hospedeira, não permitiu que ela seguisse o exemplo de Maria. E, sobretudo, ela ficou irada porque achava que sua irmã estava se aproveitando dela. Apelou para Jesus, hóspede, cujas necessidades precisavam ser satisfeitas e cuja palavra seria reconhecida como ordem, pela sua irmã.

A interpretação da resposta de Jesus, à queixa de Marta, é complicada por um problema textual muito difícil. Há cinco variações, cada uma das quais tem forte apoio nas autoridades: (1) **poucas** (coi-

sas) **são necessárias, ou mesmo uma só** (IBB); (2) poucas coisas são necessárias; (3) poucas coisas são necessárias, ou apenas uma (4) D omite 42a; (5) outras testemunhas textuais ocidentais omitem tudo, menos "Marta, Marta" e "Maria" (41b e 42a). Do ponto de vista da evidência textual, geralmente se dá mais peso a (3), porque ela tem o apoio dos grandes Unciais ℵ e B. Se este é o original, a resposta de Jesus seria entendida desta forma: "poucas coisas são necessárias — na verdade, apenas uma." Isto quer dizer que, basicamente, apenas a parte espiritual escolhida por Maria é essencial. Se a redação é (2), entenderemos que a observação se refere a pratos. Marta não precisa se ocupar com a preparação de tantos pratos. Se (1) é o original, a **única coisa** se refere à escolha feita por Maria. Desta forma, este incidente seria ilustração do princípio: "O homem não vive só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor" (Deut. 8:3; cf. Luc. 4:4). Marta estava preocupada com pão para o estômago; Maria estava mais interessada em ouvir a palavra de Deus. Visto que Maria fez a escolha correta, não será privada dela.

4. Ensinos Acerca da Oração (11:1-13)

1) A Oração Modelo (11:1-4)

1 Estava Jesus em certo lugar orando e, quando acabou, disse-lhe um dos seus discípulos: Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos. 2 Ao que ele lhes disse: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; 3 dá-nos cada dia o nosso pão cotidiano; 4 e perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo aquele que nos deve; e não nos deixes entrar em tentação, (mas livra-nos do mal).

Duas das sete petições inscritas por Mateus, a terceira e a última, estão faltando na versão de Lucas, da oração modelo (cf. Mat. 6:9-13). E também as contidas em Lucas mostram algumas pequenas variações dos paralelos em Mateus.

Há, nas autoridades, muitas variantes do texto de Lucas, geralmente adotado para esta oração, mas a maior parte delas foi produzida pela tendência de assimilar a versão mais longa, a de Mateus. Uma variante importante e interessante é encontrada em algumas autoridades, que substitui a segunda petição por: "Que o teu Espírito Santo venha sobre nós e nos purifique." Em bases intrínsecas, isto é, o interesse de Lucas pelo Espírito Santo, uma boa discussão pode ser entabulada quanto à originalidade dessa versão. No entanto, o texto da oração que a versão da IBB sublinha tem o apoio dos melhores manuscritos, e é aceito pela maioria dos eruditos como o original.

A prática de oração particular por Jesus fornece a ocasião para o pedido dos discípulos. Esse pedido é explicado pela frase **como também João ensinou aos seus discípulos**. Não era incomum um discípulo pedir instruções do seu rabi quanto à oração. Esse discípulo anônimo sabia as orações públicas, que ele e seus companheiros de adoração recitavam como parte do culto na sinagoga. Mas essas orações não eram adequadas para a nova vida em que Jesus havia introduzido os seus discípulos.

Jesus levou os seus discípulos a se dirigirem a Deus como **Pai**. Esta, pelo menos em parte, é a revelação que Jesus, o Filho de Deus, apresenta a respeito de Deus. Ele o conhece como Pai, e leva outros a um relacionamento filial com ele. A idéia da paternidade de Deus é também encontrada no Velho Testamento (cf. v. g. Deut. 32:6; Sal. 89:25 e ss.; Is. 1:2; 63:16; Mal. 3:17). Mas era um prisma de menor importância, no ensino judaico a respeito de Deus. E, da mesma forma, Deus não era mencionado como Pai da maneira pessoal, íntima, que Jesus usou. Um judeu podia usar o termo litúrgico **Abbi** ("meu Pai") ou podia colocá-lo em paralelo com um título como Rei, como na sexta das "dezoito bênçãos". Ou podia dirigir-se a Deus como "Pai celes-

tial", usando uma frase qualificadora, para enfatizar a distância entre o homem e Deus. (A frase de Mateus 6:8 é uma expansão litúrgica equivalente ao uso judaico.)

O uso que Jesus fez de **Abba** (Pai) deve ter parecido chocantemente íntimo para os seus contemporâneos, porque era a palavra que as crianças usavam, ao dirigirem-se aos seus pais. O mais próximo equivalente é o termo "papai", em língua portuguesa. Toda a dependência, confiança e amor que as crianças sentem por seu pai é expresso neste termo. E ele também expressa toda a ternura, amor e cuidado com que Deus se relaciona com os seus filhos. Jesus revelou que Deus não era, antes de tudo, um majestoso Criador ou augusto Soberano, e que ele não era, de forma alguma, um tirano vingativo, diante de quem os seus filhos precisavam tremer de medo. Acima de tudo, ele é Pai.

As primeiras duas petições são paralelas, e se projetam para o fim do século, que trará a solução final dos problemas do pecado e da rebelião. Ambas são construídas na voz passiva, um estratagema gramatical, usado para evitar o uso do nome divino. Em cada caso, todavia, é Deus que deve ser o sujeito da ação. Ele santificará o seu nome; ele fará com que o seu reino venha.

Nome está no lugar da pessoa, neste caso, a pessoa de Deus. Deus já é santo, e não pode ser feito mais santo ainda. Não obstante, os homens não reverenciam e adoram a ele tanto quanto deviam. Pecam contra ele, e, ao fazê-lo, profanam o seu nome. Esta petição, por conseguinte, clama a Deus para que ele faça vir o dia quando será reconhecido, em todas as partes, como santo. Deus já é Rei, mas não é reconhecido, em todas as partes, como Senhor soberano. A oração para que o seu **reino** venha é uma oração pelo começo da era futura, quando não haverá mais incoerência e rebelião no universo.

Estas duas petições são rogativas escatológicas pela consumação da história. Mas elas também são intensamente pessoais e contemporâneas. A natureza fragmentada do universo não é nada mais do que um retrato do estado fragmentado de nossas vidas interiores, em que há muita coisa que não está debaixo do domínio de Deus. Ninguém pode orar fervorosamente para Deus ser reconhecido, em toda parte, como santo Soberano, se não anelar que Deus tenha domínio completo sobre a sua própria vida.

Está incluída, nesta oração, uma prece pelas necessidades físicas da vida. A palavra traduzida como **cada dia** é uma das mais enigmáticas do Novo Testamento. É encontrada apenas no fragmento de um papiro, fora dos comentários dos escritores cristãos a esse texto. "Para amanhã" é um significado provável, mas alguns intérpretes o rejeitam, porque acham que os ensinos de Jesus excluem a ansiedade a respeito do pão para amanhã, isto é, as necessidades do futuro. Outra possibilidade é "necessário" (Werner Foerster, TDNT, II, 590 e ss.). Neste caso, o discípulo é ensinado a depender de Deus como Israel o fez no deserto, para o sustento essencial de cada dia. Lucas usa o imperativo **dá-nos**, no presente, e a frase **cada dia**. Mateus coloca "dar" no tempo aoristo, e usa "de cada dia" (6:11). Podemos interpretar o pedido de Lucas da seguinte maneira: "Dá-nos dia a dia o pão que é necessário para esse dia." Em contraste, a maioria de nós deseja pão armazenado para os próximos dez ou vinte anos.

Embora a redação seja ligeiramente diferente, tanto Lucas como Mateus mostram que o fato de Deus nos perdoar está relacionado inseparavelmente com o fato de perdoarmos o nosso próximo. Jesus nunca permite que escapemos de nosso próximo, em nossa comunhão com Deus. Pelo contrário, ele ensina que os que se aproximam de Deus são, ao mesmo tempo, confrontados pelos seus ir-

mãos. Jesus nos desafia a basearmos as nossas reivindicações ao perdão de Deus em nossa disposição de perdoar os outros, um desafio que poucos de nós estamos dispostos a aceitar.

Tentação é o teste que pode levar uma pessoa a cair em pecado. Essa petição não é uma acusação indireta de Deus, pois ele não quer que o homem peque. Pelo contrário, ela deve ser o padrão para as humildes orações de um discípulo que reconhece a sua fraqueza. A pessoa que ora: "Não me deixes entrar em tentação", na verdade, está dizendo: "Sou fraco, e há muitas situações com que não consigo medir-me." O significado da oração é ilustrado no Getsêmane. Jesus recomendou os seus discípulos, despreparados, sem compreensão, a orarem, para que não fossem lançados em uma situação de prova para a qual não estivessem preparados (Mar. 14:38). Se eles tivessem ouvido esse conselho, os seus atos, nas horas seguintes, poderiam ter sido muito mais nobres e mais corajosos.

2) O Amigo Importuno (11:5-13)

5 Disse-lhes também: Se um de vós tiver um amigo, e se for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães, 6 pois que um amigo meu, estando em viagem, chegou à minha casa, e não tenho o que lhe oferecer; 7 e se ele, de dentro, responder: Não me incomodes; já está a porta fechada, e os meus filhos estão comigo na cama; não posso levantar-me para te atender; 8 digo-vos que, ainda que não se levante para lhos dar por ser seu amigo, todavia, por causa da sua importunação, se levantará e dará quantos pães ele precisar. 9 Pelo que eu vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á; 10 pois todo o que pede, recebe; e quem busca, acha; e ao que bate, abrir-se-lhe-á. 11 E qual é o pai dentre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente? 12 Ou, se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? 13 Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?

A Parábola do Amigo Importuno ensina a necessidade da persistência na oração. A sua estrutura indica que esta aplicação é, provavelmente, secundária (cf. J. Jeremias, p. 118). O problema não é que o homem precisa vencer a relutância de Deus em ouvir e responder às suas orações. Pelo contrário, ele localiza-se na pessoa que ora. Se Deus não responde imediatamente e nos seus termos, o indivíduo pode ser que perca a fé na existência de Deus ou no seu caráter de Pai amoroso. A persistência na oração é um ato de fé, um testemunho da nossa crença em um Deus amoroso, pessoal.

Durante certos tempos do ano, o intenso calor do Oriente Médio faz com que a pessoa viaje bem de manhã, ou bem tarde. Não era incomum uma pessoa viajar a pé e chegar ao seu destino tarde da noite. Visto que o pão era amassado diariamente, conforme à necessidade diária prevista, as famílias geralmente não deixavam sobrar nenhum pão depois da última refeição. Mas era considerado uma desgraça não receber, um viajante cansado e faminto, com uma boa refeição. Por esta razão, o homem que recebe um hóspede inesperado à meia-noite chega ao ponto de incomodar o vizinho para conseguir pão.

O humor da cena é ineludível. Todos os filhos já foram dormir. A porta já foi trancada, e o dono da casa, cansado, já se deitara também, finalmente, quando se ouve bater à porta. **Os meus filhos estão comigo na cama** não significa que estão todos dormindo na mesma cama. O sentido é: "Os meus filhos, bem como eu, estão na cama." Todos estão dormindo no único quarto da cabana de um pobre.

A crise provocada pela chegada inesperada do hóspede é tão grande, contudo, que o seu vizinho não aceita recusa. **Por causa da sua importunação** é traduzido pitorescamente por Leaney como "devido à sua descarada persistência" (p. 187).

Indubitavelmente, por fim o pobre homem tem que se levantar, destrancar a porta, despertando todos os filhos no processo, e dar, ao seu amigo, ***quantos***

pães eles precisar, e não apenas o que havia pedido, necessariamente.

Os três imperativos: **pedi, buscai, batei**, estão no tempo presente, que revela a necessidade de persistência — continue pedindo, continue buscando, continue batendo. O crente nunca deve vacilar em sua certeza de que Deus responderá à busca de seus filhos.

Isto não significa absolutamente que a oração é um exercício de mágica, pelo qual controlamos Deus. Todos os pedidos subseqüentes são governados pelas primeiras petições da oração modelo. De nossa parte, buscamos a Deus e àqueles graciosos dons que nos ajudarão a ser melhores filhos. Da parte de Deus, a resposta às nossas orações deve estar em consonância com a sua sabedoria e amor paternais.

A seção acerca da oração se encerra com um argumento que vai do menor para o maior, do pai humano para o Pai divino. Se um **filho** pede o que é nutritivo e bom, um **peixe** ou um **ovo**, o **pai** humano não vai lhe dar o que é venenoso e perigoso, uma **serpente** ou um **escorpião** (cf. Mat. 7:9,10).

Portanto, se os homens, embora sendo **maus**, procuram o melhor para os seus filhos, muito mais Deus, o único que pode ser chamado de bom (18:19), dará o que é necessário aos seus filhos. Mateus cita "boas dádivas" (7:11) onde Lucas menciona **Espírito Santo**. Dentre todas as boas dádivas que Deus pode dar aos seus filhos, o Espírito Santo é considerado, em Lucas, como a melhor de todas. Através do Espírito, o homem é capaz de viver em comunhão com Deus e de esperar alegremente a plena consumação de sua salvação (cf. Ef. 1:13,14).

5. **Reações Desfavoráveis a Jesus** (11:14-54)

1) A **Controvérsia Acerca de Belzebu** (11:14-23)

14 Estava Jesus expulsando um demônio, que era mudo; e aconteceu que, saindo o demônio, o mudo falou; e as multidões se admiraram. 15 Mas alguns deles disseram: É por Belzebu, o príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios. 16 E outros, experimentando-o, lhe pediam um sinal do céu. 17 Ele, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse-lhes: Todo reino dividido contra si mesmo será assolado, e casa sobre casa cairá. 18 Ora, pois, se Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Pois dizeis que eu expulso os demônios por Belzebu. 19 E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam os vossos filhos? Por isso eles mesmos serão os vossos juízes. 20 Mas, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus. 21 Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança estão os seus bens; 22 mas, sobrevindo outro, mais valente do que ele, e vencendo-o, tira-lhe toda a armadura, em que confiava, e reparte os seus despojos. 23 Quem não é comigo, é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha.

A cura do **mudo** é uma proclamação da presença e das demandas do reino de Deus. A apresentação das exigências de Deus, reivindicando o domínio sobre o seu universo, sempre força as pessoas a que elas são apresentadas, a necessidade de fazer alguma espécie de decisão. Não pode haver neutralidade. Quando o mudo fala, evidências iniludíveis de que ele foi liberto de sua doença, as testemunhas visuais imediatamente se dividem em três grupos. As multidões **se admiraram**, indicação de que reconheceram que Deus havia realizado um milagre diante delas. Esta reação, contudo, ainda está aquém do que é adequado, que é submissão ao domínio de Deus, tão poderosamente demonstrado.

Incapazes de negar que uma exibição sobrenatural de poder havia acontecido, algumas pessoas acusaram Jesus de estar aliado a **Belzebu, o príncipe dos demônios**. De acordo com elas, ele exercera alguma espécie de magia negra. Se homens hostis, malignos, não podem negar os atos de um homem bom, eles podem destruir a sua influência, atribuindo-a a motivos sinistros.

Outras pessoas, ainda, não acham suficientemente convincente o domínio

de Jesus sobre os demônios. Antes que eles creiam que ele é o Messias, ele precisa fazer um sinal que preencha as especificações deles. **Um sinal do céu** indica que eles desejavam algum fenômeno astral (Strack-Billerbeck, I, 727 e ss.).

Jesus discerne os pensamentos dos seus críticos, isto é, do segundo grupo, e demonstra a fraqueza de sua acusação. Primeiro, ele indica que ela é ilógica. Se de Belzebu ele recebe poder para expulsar outro espírito maligno, isto significa que as forças de Satanás estão empenhadas em uma guerra civil autodestrutiva. **Casa sobre casa cairá** indica a destruição ocasionada por conflito civil, que divide uma cidade ou nação. Esta espécie de raciocínio é absurda em face do exposto.

Segundo, Jesus mostra que o julgamento deles é arbitrário. Somente baseados em preconceitos podem eles julgar os atos de Jesus como demoníacos, enquanto, ao mesmo tempo, atribuem ao poder de Deus os atos semelhantes, realizados por pessoas do seu próprio grupo. **Vossos filhos** são os membros dos círculos rabínicos. **Eles mesmos serão os vossos juízes** significa que os atos deles fornecerão evidências que provarão como os inimigos de Jesus eram contraditórios e desonestos.

A terceira hipótese, sugerida pelo Senhor, é a correta. A expressão **o dedo de Deus** refere-se a um ato direto de Deus (Êx. 8:19;31:18; Deut. 9:10; Sal. 8:3). O paralelo mais próximo, encontrado no Velho Testamento, é o uso que se faz dela em Êxodo 8:19, onde se mostra que os atos de Deus estão além da capacidade de os magos egípcios os efetuarem também. Aqui também os servos de Satanás, os demônios, haviam sido derrotados por um poder supçrior, a saber, o poder de Deus. A autoridade de Deus, exercida sobre os demônios, demonstrara que o seu **reino** (governo) havia chegado sobre as pessoas que haviam testificado o que Jesus fizera. Ao invés de reconhecer Deus como rei, eles estavam rejeitando os sinais do seu governo.

O **valente** é Satanás. Mas **outro, mais valente do que ele**, ou seja, Jesus, atacou-o e ganhou uma vitória diante dos olhos do povo. A posse da armadura do inimigo derrotado era evidência do triunfo do vencedor. Por costume, os bens do derrotado eram confiscados pelo vitorioso, que dividia parte deles com as suas tropas. Jesus, vencedor de Satanás , divide, entre os crentes, os frutos de sua vitória — libertação do poder de Satanás e libertação do medo.

Finalmente, Jesus afirma que em relação ao Reino de Deus não pode haver "terra de ninguém" (v. 23). Neutralidade é tanto uma expressão de incredulidade como de hostilidade aberta.

2) O Espírito Imundo (11:24-26)

24 Ora, havendo o espírito imundo saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso; e, não o encontrando, diz: Voltarei para minha casa, donde saí. 25 E, chegando, acha-a varrida e adornada. 26 Então vai, e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado desse homem vem a ser pior do que o primeiro.

Embora o exorcismo seja um dos sinais mais importantes do triunfo messiânico sobre os poderes do mal, Jesus ensina que a mera expulsão de demônios não é suficiente. Depois de sair de sua vítima, o **espírito imundo**, ou demônio, anda **por lugares áridos**, outro exemplo da associação de espíritos maus com o deserto (veja 8:29). Contudo, ele não fica satisfeito sem ter uma vítima. Precisa de um corpo, através do qual possa expressar a sua natureza demoníaca (veja 8:32). A sua **casa** era o corpo do homem anteriormente possuído, que está agora limpo, mas vazio. Talvez a razão para trazer consigo **sete espíritos** é o objetivo de assumir completo controle desse homem (cf. 8:2), cujo **último estado** é agora muito **pior do que o primeiro**.

No exorcismo de demônios, o indivíduo possesso foi um recipiente passivo

dos benefícios do reino de Deus. Mas também era necessário que ele, bem como os que testemunharam o milagre de Deus, reagissem positivamente à proclamação do reino. Pela fé, eles podiam ser cheios com o poder de Deus, que os armaria contra qualquer assalto futuro, levado a efeito pelos demônios.

3) Resposta ao Louvor de uma Mulher (11:27,28)

27 Ora, enquanto ele dizia estas coisas, certa mulher, dentre a multidão, levantou a voz e lhe disse: Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos em que te amamentaste. 28 Mas ele respondeu: Antes bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus, e a observam.

Jesus é interrompido por uma mulher, que pronuncia uma bênção sobre a sua mãe. Embora Maria figure mais proeminentemente em Lucas do que em qualquer outro Evangelho, também se faz um esforço para impedir a distorção do lugar dela na história da salvação. No mundo antigo, o objetivo principal de uma mulher era ter filhos, especialmente do sexo masculino. Visto que o cumprimento de sua vida estava nos seus filhos, a mãe de um filho famoso era considerada especialmente bem-aventurada.

Talvez a conexão com as passagens anteriores deva ser encontrada no fato de que Maria, da mesma forma como o homem libertado do demônio, havia sido um instrumento para a revelação do poder de Deus no mundo. Mas não é suficiente ser receptáculo das misericórdias de Deus. A pessoa precisa também agir em reação à revelação da presença dele. A natureza essencial da reação do homem é **ouvir a palavra de Deus, e a observar**, o que constitui em paralelo para a demanda expressa em 8:19-21.

A essa altura, Maria ainda não entra na categoria dos que estavam ordenando as suas vidas de acordo com a palavra de Deus. Por esta razão, não é apropriado chamá-la de **bem-aventurada**. Jesus reserva esse termo para aqueles que se haviam colocado sob o domínio de Deus (6:20 e ss.). O próprio Lucas mostra que Maria se tornara participante da comunidade dos que criam, depois do que ela não é mais mencionada (At. 1:14).

4) O Sinal do Filho do Homem (11: 29-32)

29 Como afluíssem as multidões, começou ele a dizer: Geração perversa é esta; ela pede um sinal; e nenhum sinal se lhe dará, senão o de Jonas; 30 porquanto, assim como Jonas foi sinal para os ninivitas, também o Filho do homem o será para esta geração. 31 A rainha do sul se levantará, no juízo, contra os homens desta geração, e os condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão; e eis aqui quem é maior do que Salomão. 32 Os homens de Nínive se levantarão, no juízo, com esta geração, e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas; e eis aqui quem é maior do que Jonas.

O tema desta passagem é propiciado pelo pedido feito por algumas pessoas que haviam presenciado a cura do mudo de um **sinal** "do céu" (v. 16, acima). O pedido de um sinal é constantemente recusado por Jesus. Esse pedido é caracterizado como mau, expressão da perversidade e rebelião daquele povo **perverso**. É uma rejeição do que Deus já havia feito entre eles, bem como uma tentativa para fazer com que Deus provasse o que era, nos termos deles.

Em Mateus, o **sinal de Jonas** é o paralelo entre a experiência de Jonas no ventre do peixe e a morte de Jesus (12: 40). Em Lucas, o sinal é a conclamação de Jonas ao arrependimento, sem o suporte de milagres, ao qual o povo de Nínive correspondera. Jesus é, para a sua geração, o que Jonas fora para os ninivitas. Em pessoa, é ele o sinal que Deus lhes havia dado. Em seus atos e palavras, a conclamação para o arrependimento havia sido apresentada.

A idéia de que os gentios iriam testificar contra os israelitas, no juízo, entrava em choque violento contra as idéias contemporâneas. Jesus previa o julgamento como tempo de vindicação para os

justos, entre quem os líderes religiosos de sua época se classificavam. Eles também criam que o juízo iria ocasionar a destruição dos ímpios, que incluía a maior parte dos gentios.

A **rainha do Sul** é a rainha de Sabá, citada em I Reis 10:1-10. Josefo a identifica como a rainha do Egito e da Etiópia (**Antig.** 2,10,2; 8,6,5,6). De acordo com uma tradição nacional, a linhagem real da Abissínia descendia da união de Salomão com a Rainha de Sabá. Essas tradições carecem de fundamentos históricos adequados. Mais provavelmente, ela era de uma tribo do noroeste da Arábia.

Os **confins da terra** denotam os limites do mundo conhecido. Indo tão longe, para verificar pessoalmente os rumores que ela ouvira a respeito da grandeza de Salomão, a rainha havia demonstrado que era honesta. Em contraste, os contemporâneos de Jesus traíam a sua desonestidade inerente, ao se demonstrarem indispostos a agir baseados nas evidências que possuíam. A sua culpa era ainda maior, porque **quem é maior do que Salomão** estava no meio deles. No original, esta cláusula é neutra: algo maior, e é difícil dizer o que envolve. Talvez seja uma referência ao acontecimento total da presença de Jesus no mundo. Eles estavam cegos para uma glória e uma grandeza que excede em muito as maravilhas do reinado de Salomão.

Da mesma forma, os **homens de Nínive** servirão de testemunhas no **juízo** para provar a cegueira do povo que rejeita a Jesus. Os assírios, cuja capital era Nínive, estavam entre os povos mais rudes e bárbaros da antiguidade. O próprio fato de que eles reagiram favoravelmente à pregação de Jonas confirma a culpa dos que rejeitaram Jesus. Por outro lado, há o contraste entre Jonas como pregador da parte de Deus, aos ninivitas, e o chamado muito mais decisivo e exigente ao arrependimento apresentado por Jesus — **que é maior do que Jonas**. Se os ímpios ninivitas se haviam arrependido com a pregação de Jonas, não há esperança para os israelitas que rejeitam as reivindicações de Deus, representadas por Jesus.

5) **Receptividade à Luz** (11:33-36)

33 Ninguém, depois de acender uma candeia, a põe em lugar oculto, nem debaixo do alqueire, mas no velador, para que os que entram vejam a luz. 34 A candeia do corpo são os olhos. Quando, pois, os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; mas, quando forem maus, o teu corpo será tenebroso. 35 Vê, então, que a luz que há em ti não sejam trevas. 36 Se, pois, todo o teu corpo estiver iluminado, sem ter parte alguma em trevas, será inteiramente luminoso, como quando a candeia te ilumina com o seu resplendor.

Três aforismos disparatados e aparentemente sem conexão são ligados pela palavra-chave **candeia**. O resultado é uma passagem que apresenta grande dificuldade para o intérprete. O primeiro aforismo (v. 33) já foi usado por Lucas em outra conexão (8:16; cf. Mar. 4:21). É também usado por Mateus, em contexto diferente (5:15).

Aqui a candeia é o chamado de Deus ao arrependimento, isto é, o ministério de Jesus. Lucas tem mencionado continuamente as multidões que têm estado presentes para ver e ouvir os atos e palavras de Jesus. A sua atividade não fora privada ou esotérica. Ele não se entranhara no deserto com um pugilo de eleitos e nem se isolara do povo. Da mesma forma como uma pessoa que acende uma candeia pretende que ela seja vista, assim também Deus pretende que o povo receba a revelação dada em Jesus.

No segundo aforismo, a candeia são os **olhos**, membro através do qual a luz entra para iluminar o **corpo**. Sem dúvida, o corpo depende de **olhos bons** para receber a luz. Um olho doente ou cego impede a luz de entrar. (Veja Mateus 6:22 e s., para um uso diferente da expressão idiomática **olhos bons**, genuínos.) A analogia, neste caso, é com a faculdade de percepção espiritual. O problema com os contemporâneos de

Jesus foi que eles eram espiritualmente cegos, e, portanto, incapazes de receber a luz.

A **luz que há em ti** é, provavelmente, entendido melhor como o órgão da percepção espiritual, ou seja, o coração (Creed, p. 164). A responsabilidade pela sensibilidade à luz é colocada no indivíduo, a quem se recomenda que veja (vê), ou seja, tome cuidado para conservar a sua candeia em ordem.

Como está, o verso 36 é confuso e impossível de interpretar, devido, quem sabe, a uma "corrupção bem antiga" (Creed). C. C. Torrey [22] sugere que a declaração de Jesus, no aramaico original, devia ter sido traduzida assim: "Se, todavia, todo o seu corpo é iluminado (aceso), sem nenhuma parte escura, então tudo ao seu redor será luz, da mesma forma como a candeia ilumina você com o seu fulgor." Isto significa que o cristão, iluminado por Cristo, deve ser uma luz, brilhando em um mundo tenebroso.

6) Controvérsia Acerca de Abluções Cerimoniais (11:37-41)

37 Acabando Jesus de falar, um fariseu o convidou para almoçar com ele; e, havendo Jesus entrado, reclinou-se à mesa. 38 O fariseu admirou-se, vendo que ele não se lavara antes de almoçar. 39 Ao que o Senhor lhe disse: Ora, vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato: mas o vosso interior está cheio de rapina e maldade. 40 Loucos! quem fez o exterior, não fez também o interior? 41 Dai, porém, de esmola o que está dentro do copo e do prato, e eis que todas as coisas vos serão limpas.

A cena de um almoço, pela qual Lucas tinha predileção, propicia o palco para a denúncia que Jesus faz dos líderes religiosos judaicos. A surpresa do **fariseu** se origina da pressuposição de que Jesus vai realizar as tradicionais abluções, antes de comer. O objetivo de se lavar as mãos era remover qualquer contaminação que a pessoa poderia ter sofrido ao entrar em contato com algo ou alguém que fosse impuro. Mediante a sua muda reprovação da negligência cerimonial de Jesus, o fariseu se coloca na categoria das pessoas para quem a religião é conformidade legalista e exterior a certos requisitos tradicionais. Em contraposição a isso, coloca-se a posição representada por Jesus, de que a genuína religião é interior e espiritual, tendo a ver primariamente com a espécie de ser humano que o homem é, e como ele se relaciona com Deus e as pessoas do mundo.

As mesmas críticas dos religiosos judaicos aparecem também em Mateus 23. Mais material é encontrado na passagem mais longa de Mateus, que também é organizada de maneira bem diferente desta. Em Mateus, o alvo das denúncias de Jesus, os escribas e fariseus, são agrupados em conjunto. Lucas divide os seus seis ais em dois grupos de três: o primeiro é dirigido aos **fariseus**, e o segundo grupo, dirigido aos **doutores da lei** ou escribas.

Os **fariseus** são caracterizados como homens que se preocupam com a justiça exterior, mas negligenciam uma defrontação com a sua depravação interior. Tal conceito superficial de retidão é baseado em um conceito superficial de pecado. Quando o pecado é visto como algo "lá longe", exterior à pessoa, o problema se torna como evitar a contaminação. Isto é alcançado omitindo-se certos costumes, mediante o isolamento de certos tipos de pessoas, e pela cuidadosa observância de deveres religiosos prescritos. Mas Jesus ensinou que o pecado tem suas raízes na natureza interior de cada homem, e exige que cada pessoa admita o fato de que é pecadora. A pessoa revestida de justiça própria se engana a si mesma. A sua religião é uma forma de escapar do seu verdadeiro eu.

O significado do verso 40 não é claro. **Quem** pode referir-se a Deus, que criou o homem todo, tanto o seu **interior** como o seu **exterior**. Conseqüentemente, ele não pode satisfazer-se com uma religião que esteja interessada apenas no **exterior do**

22 **The Four Gospels: A New Translation** (London: Hodder and Stoughton, 1933), p. 309 e s.

corpo, descuidando a natureza interior, que é muito mais importante. O versículo 41 é muito difícil. Tomado como está, ele pode ser entendido como uma injunção para se oferecer o próprio eu como oferta a Deus, ou seja, o que a pessoa é interiormente. [23] Isto contrasta com a piedade legalista dos fariseus, da qual a doação de esmolas era parte importante. Wellhausen conjecturou que **dakki** (purificação), no original aramaico, foi confundida com **zakki** (dar esmolas). Uma "conjetura brilhante", de acordo com Matthew Black. [24] Esta sugestão é fortalecida pela fato de que ela propicia, à injunção, um alinhamento com o seu paralelo (Mat. 23:26). Assim, entenderíamos a declaração desta forma: se o interior está purificado, não há necessidade de se preocupar com o exterior.

7) Ais Sobre os Fariseus (11:42-44)

42 Mas ai de vós, fariseus! porque dais o dízimo da hortelã, e da arruda, e de toda hortaliça, e desprezais a justiça e o amor de Deus. Ora, estas coisas importava fazer, sem deixar aquelas. 43 Ai de vós, fariseus! porque gostais dos primeiros assentos nas sinagogas, e das saudações nas praças. 44 Ai de vós! porque sois como as sepulturas, que não aparecem, sobre as quais andam os homens sem o saberem.

Os fariseus eram extremamente escrupulosos em observar os requisitos da lei relativos a assuntos secundários. Eles davam o dízimo até das ervas usadas para tempero. Um texto (P^{45}) cita "endro", em vez de **arruda**, como também o faz Mateus 23:23. Sem dúvida, *endro* é original, porque a arruda não era sujeita ao dízimo. Mas Jesus acusa os fariseus de serem deficientes nas chamadas "coisas mais importantes da lei", no paralelo de Mateus (cf. Miq. 6:8). **Justiça** significa, primordialmente, uma preocupação pelo destino e pelo direito do oprimido. Para algumas pessoas, justiça denota quase exclusivamente a prisão e punição dos elementos criminosos. Mas não existe sociedade justa que não coloque em posição de relevo a proteção e vindicação dos seus elementos mais fracos, como as minorias raciais, as pessoas que tenham problemas físicos ou limitações culturais e as crianças. **O amor de Deus** é o amor **a** Deus, mas já vimos que este não pode ser isolado do amor ao homem.

Ao invés de amar a Deus, os fariseus são acusados de amar honra e reconhecimento. Um defeito básico da religião legalista é que ela contribui para o orgulho humano. A justiça é interpretada de tal forma que se torna atingível por esforços humanos. Aqueles que fazem os esforços são aptos para fazê-lo porque este é um meio de se conseguir proeminência e respeito social. **Os primeiros assentos nas sinagogas** eram reservados para as pessoas mais importantes da assembléia. Outro sinal de prestígio eram as **saudações nas praças**, os rapapés do público respeitoso, cujos padrões religiosos e sociais lhes eram impostos pelas pessoas que mais lucravam com isso.

Visto que tocar os mortos era ato especialmente contaminador, tomava-se também muito cuidado para evitar qualquer contato com **sepulturas**. Uma pessoa podia tornar-se impura por causa de contato com uma sepultura não identificada, e não ter conhecimento de sua contaminação. A atenção dos fariseus para o ritual exterior mascarava a sua corrupção interior. Eles eram fontes de contaminação, que contagiavam um público que não suspeitava disso. Desta forma vívida, Jesus demonstra o fracasso dos líderes religiosos em alcançar o seu alvo principal, ou seja, a pureza religiosa.

8) Ais Sobre os Doutores da Lei (11:45-54)

45 Disse-lhe, então, um dos doutores da lei: Mestre, quando dizes isto, também nos

23 Karl Heinrich Rengstorf, **Das Evangelium nach Lukas in das Neue Testament Deutsch**, ed. Gerhard Friedrich (Goettingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 1967), p. 154.

24 **An Aramaic Approach to the Gospels and Acts** (Oxford, Clarendon, 1954), p. 2.

afrontas a nós. 46 Ele, porém, respondeu: Ai de vós também, doutores da lei! porque carregais os homens com fardos difíceis de suportar, e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais nesses fardos. 47 Ai de vós! porque edificais os túmulos dos profetas, e vossos pais os mataram. 48 Assim sois testemunhas e aprovais as obras de vossos pais; porquanto eles os mataram, e vós lhes edificais os túmulos. 49 Por isso diz também a sabedoria de Deus: Profetas e apóstolos lhes mandarei; e eles matarão uns, e perseguirão outros; 50 para que a esta geração se peçam contas do sangue de todos os profetas que, desde a fundação do mundo, foi derramado; 51 desde o sangue de Abel, até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o santuário; sim, eu vos digo, a esta geração se pedirão contas. 52 Ai de vós, doutores da lei! porque tirastes a chave da ciência; vós mesmos não entrastes, e impedistes aos que entravam. 53 Ao sair ele dali, começaram os escribas e os fariseus a apertá-lo fortemente, e a interrogá-lo acerca de muitas coisas, 54 armando-lhe ciladas, a fim de o apanharem em alguma coisa que dissesse.

Doutores da lei é o sinônimo que Lucas apresenta para escribas, os peritos na interpretação da **Torah**. Eles geralmente são agrupados com os fariseus como "escribas e fariseus" ou "escribas dos fariseus". Por causa da natureza do caso, os escribas estavam associados aos fariseus e eram sustentados pelo partido deles, ao qual a maioria deles aparentemente pertencia. Esses "doutores da lei" desenvolveram as tradições pelas quais os fariseus tentavam viver.

Os fardos colocados sobre o povo eram as interpretações casuísticas, que definiam o que era legítimo e o que não era, e assim complicavam a vida diária do povo, que procurava viver através delas. Além do mais, Jesus acusou os "eruditos" de não fazerem o menor esforço, isto é, de não tocarem **nem ainda com um dos... dedos**, o fardo das observâncias legais — que se multiplicavam constantemente — para ajudar o povo. Mas eles eram muito peritos em inventar evasivas, pelas quais eles mesmos podiam escapar aos requerimentos de sua tradição, quando o interesse próprio assim o exigia.

O segundo ai pronunciado sobre os doutores da lei não é claro. Como o fato de eles edificarem **os túmulos dos profetas** os envolvia na culpa dos seus pais? No paralelo de Mateus (23:29 e ss.), se diz que eles testificavam contra si mesmos, reconhecendo a relação que tinham com os assassinos dos profetas. Talvez o significado do todo seja que eles honravam os profetas mortos, mas reagiam da mesma forma que seus pais para com os profetas vivos. Os profetas mortos não perturbam nem ameaçam; os vivos, sim. Da mesma forma, nós louvamos Jesus e os apóstolos, enquanto não reconhecemos os mensageiros que vêm em nome dele para nos desafiar a uma nova dedicação à justiça e abertura a toda a humanidade.

Diz também a sabedoria de Deus corresponde a frases rabínicas como "diz o Espírito Santo" e "a justiça divina diz" (Strack-Billerbeck, II, p. 189). É equivalente a "diz Deus". **Profetas** e **apóstolos** provavelmente também inclui as testemunhas perseguidas da igreja primitiva, por exemplo, Estêvão, cujo discurso declarou que o assassinato de Jesus estava de acordo com o tratamento dispensado aos profetas pelas gerações anteriores (At. 7:52). **Zacarias** fora o filho de Joiada, o sumo sacerdote, cujo assassinato é contado em II Crônicas 24:17-22 (mas veja Mat. 23:35). Visto que Crônicas é o último livro das Escrituras Hebraicas, no Texto Massorético, todos os mártires do Velho Testamento estão incluídos no período compreendido entre **Abel** e **Zacarias**. A perversidade e rebeldia verificadas na história judaica é considerada em seu clímax, quando se verifica o tratamento dispensado a Jesus e às primeiras testemunhas cristãs. Os cristãos primitivos entendiam que esta era a razão para a devastadora derrota dos judeus e a destruição de Jerusalém, na guerra judaico-romana de 66-70 d.C.

Da mesma forma como os "puros" fariseus são denunciados pela sua impureza, os "sábios" eruditos são denuncia-

dos por sua ignorância. As Escrituras são a **chave da ciência** (genitivo objetivo), quando corretamente interpretadas (cf. 24:45 e ss.). Ou seja, elas apontam para o que Deus está fazendo em Jesus. Mas, em vez de compreender as Escrituras, os mestres as haviam distorcido. Por suas interpretações errôneas, eles fecharam para fora do reino de Deus tanto a si mesmos quanto o povo que eles influenciavam (cf. Mat. 23:13).

Na declaração final, Lucas substitui doutores da lei pelo sinônimo **escribas**. Como resultado da denúncia deles, feita por Jesus, a hostilidade dos **escribas** e **fariseus** para com ele se torna mais intensa. Eles agora começam a pressioná-lo, para que ele faça alguma forma de declaração comprometedora, que possa ser usada para destruir a influência dele.

6. Admoestações Quanto às Perseguições (12:1-12)

1) Advertência Contra a Hipocrisia (12:1-3)

1 Ajuntando-se entretanto muitos milhares de pessoas, de sorte que se atropelavam uns aos outros, começou Jesus a dizer primeiro aos seus discípulos: Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. 2 Mas nada há encoberto, que não haja de ser descoberto; nem oculto, que não haja de ser conhecido. 3 Porquanto tudo o que em trevas dissestes, à luz será ouvido; e o que falastes ao ouvido no gabinete, dos eirados será apregoado.

Uma série de ensinos aos discípulos, ligados bem frouxamente, começa com 12:1 e vai até 13:9. Lucas nos faz voltar, das conspirações dos fariseus para as atividades de Jesus, com a frase **entretanto**. O palco dos ensinos de Jesus é característico, como também a distinção entre a **multidão** e os **discípulos**. Embora seja possível considerar o termo **primeiro** como a palavra inicial da fala de Jesus aos seus discípulos, ele mais provavelmente pertence à frase introdutória. Jesus primeiramente ensina os discípulos, e depois se dirige à multidão (começando em 11:54).

Por causa da forma pela qual ele permeia uma fornada de massa, o **fermento** é geralmente símbolo da influência corruptora do mal. Ele é identificado, aqui, como a **hipocrisia** dos **fariseus** (mas veja Mat. 16:6 e Mar. 8:15). A sua condição corrupta intrínseca é mascarada pela sua religiosidade exterior. Talvez Jesus esteja advertindo os discípulos para não serem iludidos pela aparência exterior de retidão dos fariseus. Mais provavelmente, ele os está acautelando para que eles não caiam na espécie de legalismo representado pelos líderes religiosos judaicos. Deve haver coerência entre o íntimo dos discípulos e os seus atos exteriores. A advertência de Jesus é particularmente oportuna agora, devido ao fato de que as instituições formadas pelo povo, que diz o estar seguindo, terem a tendência de assumir a natureza daqueles a quem ele desafiou. Desta forma, o "bom" cristão é definido, assim como o fariseu, como a pessoa que é fiel na execução dos seus atos religiosos, tais como ir à igreja, dar a ela sustento financeiro e se refrear de uma mancheia de atos contaminadores.

Jesus assegura, aos seus discípulos, que a máscara será rasgada e que pessoas, tanto quanto coisas, serão reveladas na forma como na verdade são. Deus não julga o homem pela sua aparência exterior, mas pelo que ele de fato é. Da mesma forma como a realidade interna do fariseu virá à luz, a mensagem dos discípulos também se tornará objeto da maior e mais ampla proclamação. Em Mateus (10:27) é a palavra falada por Jesus, aos seus discípulos, que será proclamada publicamente. A variação aqui apresentada (v. 3) é uma transição característica da época de Jesus para a geração seguinte.

A fé dos discípulos, em seus grupos pequenos, limitados, aparentemente insignificantes, será o objeto da proclamação missionária. O mesmo poder soberano, que garante que a iniqüidade oculta será trazida à luz, também garante que a verdade do evangelho será pro-

clamada, a despeito das probabilidades serem contra ela. À época em que Lucas foi escrito, o evangelho já havia sido pregado nas praças principais das grandes cidades, de Jerusalém a Roma.

2) O Cuidado de Deus no Perigo (12:4-7)

4 Digo-vos, amigos meus: Não temais os que matam o corpo, e depois disso nada mais podem fazer. 5 Mas eu vos mostrarei a quem é que deveis temer; temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, vos digo, a esse temei. 6 Não se vendem cinco passarinhos por dois asses? E nenhum deles está esquecido diante de Deus. 7 Mas até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais, pois mais valeis vós do que muitos passarinhos.

Devido à sua parte na publicação do evangelho, as testemunhas cristãs provocarão a hostilidade das autoridades, que têm o poder para decretar-lhes a morte. Mas Jesus lhes indica Aquele cuja jurisdição transcende os limites geográficos e temporais das cortes do mundo.

Esta é a única vez, no registro sinóptico, em que Jesus chama os discípulos de **amigos** (cf. João 15:14). É o relacionamento deles com Jesus que os coloca em condições precárias diante do mundo. Mas esse é também o fundamento da sua segurança para o futuro.

Jesus explica que a coisa pior que os discípulos têm a temer dos outros homens é a perda da vida. Mas Deus tem uma autoridade que se estende além da morte. O julgamento dele, portanto, pode ser muito mais sério, pois ele tem o **poder para lançar no inferno**. Geena (inferno) aparece pela primeira vez na literatura apocalíptica judaica do segundo século a.C., como lugar de castigo para os judeus apóstatas. Ao tempo de Jesus, ele é considerado, geralmente, como lugar de castigo para os ímpios. Esse nome se origina do vale de Hinom. Nesse vale, situado a sudoeste de Jerusalém, era queimado o lixo da cidade, pois esse local havia sido poluído pela adoração do fogo e sacrifícios humanos durante o reinado de Acaz (II Reis 16:3).

Se alguém deve ser temido, por causa de poder, claramente Deus deve ter precedência sobre os juízes humanos. No entanto, os discípulos não devem ser constrangidos a serem fiéis por temerem a Deus. Pelo contrário, o poder de Deus é o fundamento da confiança deles, porque é usado em favor deles. O ensinamento central de Jesus é que o grande e soberano Deus é um Pai amoroso, que cuida dos seus filhos. Os **passarinhos** são tão baratos que os homens os consideram praticamente sem valor. Não obstante, Deus se preocupa com eles. Os discípulos podem ficar certos de que um Deus que se interessa pela menor das suas criaturas não se esquecerá daqueles que são seus filhos. Deus tomará providências para que nenhum dos **cabelos** de suas cabeças seja perdido. Esta é outra maneira de se dizer que eles estão perfeitamente seguros, aos cuidados de Deus (cf. Rom. 8:38).

3) Confissão de Cristo Diante dos Homens (12:8-12)

8 E digo-vos que todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do homem o confessará diante dos anjos de Deus; 9 mas quem me negar diante dos homens, será negado diante dos anjos de Deus. 10 E a todo aquele que proferir uma palavra contra o Filho do homem, isso lhe será perdoado; mas ao que blasfemar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado. 11 Quando, pois, vos levarem às sinagogas, aos magistrados e às autoridades, não estejais solícitos de como ou do que haveis de responder, nem do que haveis de dizer. 12 Por que o Espírito Santo vos ensinará na mesma hora o que deveis dizer.

As pressões da perseguição sujeitarão os seguidores de Jesus à mais difícil forma de testes. Os discípulos devem estar cônscios das conseqüências da afirmação, ou negação, do seu relacionamento com Jesus. Se, em uma hora de crise, eles afirmarem a sua lealdade a ele, podem ficar certos de que ele será o advogado deles na hora da crise escatológica que está além desta era. Lucas está pensando, aqui, no juízo, a grande e

final audiência diante das hostes dos céus reunidas. Embora seja verdade que a linguagem usada não requeira a identificação de Jesus com o **Filho do homem**, esta foi, sem dúvida, a identificação feita pela igreja primitiva e por Lucas. (Mateus 10:32 apresenta "eu", que, como diz Creed (p. 171 e s.), pode ser original.)

Aqueles que cedem às pressões e negam a Jesus não podem esperar ter um advogado no dia do juízo. Em seus ensinamentos, Jesus constantemente bate na tecla da severidade dos requisitos do evangelho. No entanto, pelas suas ações, ele demonstra que o amor de Deus não é negado ao fraco e covarde. A igreja primitiva se lembrava bem que as pessoas que haviam negado Jesus, na hora mais negra, foram perdoadas e restauradas a lugares de confiança.

O evangelho é sempre graça, tanto quanto exigência. Sem exigências, a graça se torna barata; sem graça, as exigências levam ao desespero. Assim, aqueles, dentre nós, que o negaram devido a pressões sociais e financeiras, ou por outras razões, precisam ouvir a palavra da graça, que nos leva mais uma vez à exigência de sermos fiéis, seja qual for o custo.

O ensino acerca de blasfêmia contra o Espírito Santo é algo mais fácil de entender no contexto de Mateus (veja Mat. 12:31,32). **Uma palavra contra o Filho do homem** é uma palavra contra Jesus, presente no mundo como homem, e não como a figura apocalíptica do fim dos tempos. A hostilidade contra ele não exclui a pessoa da possibilidade de perdão. De fato, algumas das pessoas que no momento o rejeitam, inclusive da sua própria família, passarão a fazer parte da comunidade de crentes. Mesmo depois de o terem condenado injustamente, e o terem crucificado, outra oportunidade será dada à nação judaica, na missão cristã. Depois do ministério terreno de Jesus, contudo, aqueles que rejeitarem a obra do Espírito Santo, como maligna, não terão outro acesso a Deus (Grundmann, p.255).

Os discípulos não precisam se preocupar com a maneira como responderão às acusações que porventura forem feitas contra eles. **Sinagogas... magistrados... autoridades** pressupõem audiências diante de cortes e juízes judeus e pagãos. Os seguidores de Jesus podem enfrentar as ameaças do futuro, porque terão o ministério do **Espírito Santo** na hora da necessidade. Ele lhes **ensinará** como devem responder quando se defrontarem com a hostilidade e o poderio do mundo.

7. Ensinos Acerca da Riqueza (12:13-34)

1) O Fazendeiro Rico (12:13-21)

13 Disse-lhe alguém dentre a multidão: Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança. 14 Mas ele lhe respondeu: Homem, quem me constituiu a mim juiz ou repartidor entre vós? 15 E disse ao povo: Acautelai-vos e guardai-vos de toda espécie de cobiça; porque a vida do homem não consiste na abundância das coisas que possui. 16 Propôs-lhes então uma parábola, dizendo: O campo de um homem rico produzira com abundância; 17 e ele arrazoava consigo, dizendo: Que farei? Pois não tenho onde recolher os meus frutos. 18 Disse então: Farei isto: Derribarei os meus celeiros e edificarei outros maiores, e ali recolherei todos os meus cereais e os meus bens; 19 e direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe, regala-te. 20 Mas Deus lhe disse: Insensato, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? 21 Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus.

O pedido de um homem da multidão propicia a ocasião para os ensinos de Jesus a respeito da atitude apropriada em relação às possessões materiais. O **irmão** mais velho presumivelmente assumira a posse de todos os bens de seu pai, por ocasião da morte deste, e não havia dado ao seu irmão mais novo a parte que lhe cabia por lei. Esperava-se que um **mestre** ou rabi interpretasse como as provisões da lei se aplicariam àquele caso específico (cf. Núm. 27:8 e ss.; Deut. 21:17). As diferenças entre assuntos religiosos e

civis não existiam em Israel, pois tudo da vida estava sob a hegemonia da lei de Deus. Como judeu, podia-se esperar que o irmão mais velho seguisse a determinação de uma pessoa cuja autoridade como mestre ele reconhecia. No entanto, Jesus rejeitou o ofício que aquele homem procurou lançar sobre ele.

Jesus não pode entrar num litígio quanto à acumulação de riquezas, visto que ele considera a busca de bens materiais como uma prostituição dos talentos e energias do homem. **Cobiça** provavelmente ficaria melhor se traduzida "ambição". Esta história ilustra como o homem pode dar demasiado valor às possessões materiais, e não o pecado de desejar o que pertence a outrem. O conceito de Jesus é a antítese do secularismo. **As coisas que possui** não se igualam à **vida** de uma pessoa. Dizemos que sabemos isto, mas traímos os nossos valores seculares mediante expressões como: "Aquele homem vale um milhão."

A história é chamada de **parábola**. Ela é realmente uma história ilustrativa, compreendida na categoria bem genérica das **mashal** hebraicas, geralmente traduzidas como parábolas. Basicamente **mashal** denota uma comparação. No uso popular, ela chegou a designar uma ampla variedade de formas literárias, como enigma, provérbio, oráculo, alegoria, cântico sarcástico, etc. Esta aplicação geral do sinônimo hebraico influenciou o uso da palavra grega, traduzida como "parábola" em o Novo Testamento.

O personagem principal da história já é **rico**. Conseqüentemente, a colheita abundante apenas aumentou a sua riqueza e o fez defrontar-se com um dilema. Mas ele não consulta nem Deus nem o homem. A solução é procurada em uma conversa consigo mesmo, que faz ressaltar o seu grande isolamento do mundo e suas necessidades.

Que farei? Esta é a pergunta a que cada ser humano tem que responder, quando possui mais do que necessita, para sustentar a sua própria vida. Concebe-se que havia muitas coisas que o homem rico podia fazer com o dinheiro excedente. Mas a solução que ele achou foi a do egoísta empedernido. Ele encheria novos **celeiros**, em vez de estômagos famintos.

Ele fala de **meus frutos... meus celeiros... meus cereais... meus bens**. Mas agora vai um passo além, quando fala **minha alma**. Alma não é espírito encarnado. Significa vida, e descreve o homem como um ser animado. Em termos bíblicos, é criação e dádiva de Deus (Gên. 2:7). A vida pertence a Deus e está sob a sua administração. O homem é, na terra, como um mordomo, responsável diante de Deus pela vida que ele lhe deu.

O homem da parábola chega ao ponto em que fica satisfeito porque as suas possessões serão suficientes para os anos futuros. Ele chegou ao alvo para o qual estivera trabalhando. Assim, decide aposentar-se um dia — e está morto no dia seguinte. Os **muitos anos** foram exatamente o que ele não pôde propiciar. **Muitos bens** não garantem **muitos anos**; da mesma forma como menos bens não teriam significado menos anos.

Os seus vizinhos, sem dúvida, o chamaram de inteligente; Deus o chamou de **insensato**. O insensato é um homem cujas decisões a respeito do presente não levam em consideração as possibilidades do futuro. Que vida pobre, fútil, mesquinha, ele havia vivido! Havia gasto todos os seus anos amealhando bens; agora, outra pessoa, quiçá tão insensata quanto ele, ficará como herdeiro deles. Ele tivera a responsabilidade temporária de casas e terras, e deixara de portar-se à altura da situação, como ser humano. O homem rico insensato pertence a uma grande tribo. Os seus componentes andam pela face da terra, falando arrogantemente a respeito de "minha casa, minhas terras". Em mais alguns anos, outra pessoa também estará falando de "minha casa, minhas terras". A ironia da situação é que eles estarão falando da mesma propriedade.

A aplicação (v. 21) não se encontra em D e outros manuscritos conexos. Pode ser uma adição posterior a Lucas. **Rico para com Deus** é antítese do ajuntamento de tesouros para si mesmo. Como é que se faz para ser rico para com Deus? Tomando a direção oposta à do homem rico — sendo sensível às necessidades da humanidade e ministrando a elas, em nome de Deus.

2) O Pecado da Ansiedade (12:22-31)

22 E disse aos seus discípulos: Por isso vos digo: Não estejais ansiosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer, nem quanto ao corpo, pelo que haveis de vestir. 23 Pois a vida é mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestuário. 24 Considerai os corvos, que não semeiam nem ceifam; não têm despensa nem celeiro; contudo, Deus os alimenta. Quanto mais não vaieis vós do que as aves! 25 Ora, qual de vós, por mais ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado à sua estatura? 26 Portanto, se não podeis fazer nem as coisas mínimas, por que estais ansiosos pelas outras? 27 Considerai os lírios, como crescem; não trabalham, nem fiam; contudo, vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. 28 Se, pois, Deus assim veste a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé? 29 Não procureis, pois, o que haveis de comer, ou o que haveis de beber, e não andeis preocupados. 30 Porque a todas estas coisas os povos do mundo procuram; mas vosso Pai sabe que precisais delas. 31 Buscai antes o seu reino, e estas coisas vos serão acrescentadas.

A parábola do fazendeiro rico, da fonte especial de Lucas, é seguida por ensinamentos relacionados, tirados de Q, que têm paralelo em Mateus 6:25-33, como parte do Sermão da Montanha. A frase introdutória afirma que estas são instruções dadas aos discípulos.

Jesus continua a ensinar que a vida é preciosa demais para que o homem gaste as suas energias com ansiedade infrutífera, a respeito de meras necessidades físicas. Ansiedade é a preocupação corrosiva, fútil, autoderrotista, a respeito de se teremos ou não as coisas de que necessitamos fisicamente e os luxos de que não necessitamos, em um futuro que somos incapazes de garantir. Isto não significa que a pessoa não deve ser um ser humano responsável, usando as suas energias de maneira sábia e planejada, para prover às necessidades físicas de outras pessoas que dependem dele. O esforço construtivo para prover às necessidades da vida para hoje é legítimo (veja 11:3); porém a preocupação a respeito do que comeremos e vestiremos no ano que vem não ê.

Essa ansiedade revela um ponto de vista muito baixo a respeito da vida, e não um ponto de vista elevado. Quando uma pessoa entende quem é, não vai dedicar os seus melhores pensamentos e talentos aos aspectos puramente físicos da vida. A base do ensinamento de Jesus é o seu conceito a respeito da natureza do homem como (1) criado à imagem de Deus e (2) tendo um futuro que se estende além das preocupações estreitas e provincianas da existência física. **Vida** (literalmente, alma) e **corpo** existirão, em um estado ressurrecto, além da morte. Visto que este fato é mais importante do que a estreita existência entre o nascimento e a morte, o homem deve dirigir os seus pensamentos para as suas necessidades e responsabilidades mais elevadas.

Deus cuida das necessidades físicas de suas criaturas. Um exemplo são os **corvos** (Sal. 147:9), para quem Deus fez provisões. A existência física deles depende da provisão diária de Deus, porque eles não têm as acomodações que os homens têm, onde armazenar alimento para consumação futura. Visto que as pessoas valem mais do que os pássaros, elas também podem ter confiança no cuidado diário de Deus em seu favor.

A futilidade da ansiedade é vista no fato de ela não fazer nenhuma contribuição para aquilo que é a fonte de preocupação, isto é, a preservação e extensão da vida. Um **côvado** é a distância da ponta do dedo médio até o cotovelo: cerca de dezoito polegadas. A palavra

traduzida como **estatura** poderia ser vertida mais corretamente como "duração da vida". De qualquer forma, não seria **coisa mínima** (v. 26) acrescentar quarenta e quatro centímetros à altura de uma pessoa. A ansiedade não pode estender a vida nem por um momento. Pelo contrário, e ironicamente, ela encurta a vida dos que condescendem nela. As pessoas que mais se preocupam com o fato se terão ou não daqui a dez anos, o suficiente para comer e vestir, realmente são as que mais provavelmente não precisarão dessas coisas.

Os **lírios** fornecem outro exemplo do cuidado de Deus para com as coisas sujeitas à sua vontade. Com toda a sua riqueza, Salomão não podia comprar um guarda-roupas que competisse com a glória das flores de Deus. Mais uma vez o argumento é do menor para o maior. Os homens, que são considerados muito mais do que os lírios, na criação de Deus, devem ser capazes de confiar naquele que cuida prodigamente das flores, que não têm futuro além do momento presente.

Além disso, a ansiedade é pagã. **Os povos do mundo** são as nações pagãs, não judaicas. No pensamento cristão, esta expressão descreve o povo que não conhece a Deus como Jesus o revelou. Não que os pagãos fossem ateus. Eles criam nos poderes divinos. Mas os deuses deles agiam arbitrariamente e eram egoístas, não motivados pelo amor. O Deus que Jesus revelara aos seus discípulos era o **Pai** deles. A insegurança da parte dos discípulos era de fato um repúdio da crença em um Pai amoroso, que se preocupava pessoalmente com cada um de seus filhos.

Quando uma pessoa realmente crê, não apenas com o alto da cabeça, mas do âmago do seu ser, nesse Deus, ela é liberta da ansiedade a respeito do futuro. O seu futuro está seguro nas melhores mãos que existem. Ela é liberta para dirigir as suas energias em direção a alvos dignos dos homens, ao invés daqueles de um nível meramente animal. Esse alvo é descrito por Jesus como o **reino**. O interesse do homem que genuinamente crê em Deus deve ser colocar a sua vida sob o domínio de Deus. Uma vez que ele se relacionou adequadamente com Deus, todas as outras coisas também terão uma relação adequada para a sua vida. Aqui vemos o verdadeiro problema do nosso mundo. As pessoas estão morrendo de fome, embora o conhecimento técnico e os recursos materiais estejam aí, à disposição, para resolver esses problemas das necessidades físicas do homem. Mas a ambição e egoísmo dele, que expressa rebeldia contra o governo de Deus, são os elementos que impedem a sua vontade de operar neste mundo.

3) O Tesouro Celestial (12:32-34)

32 Não temas, ó pequeno rebanho! porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino. 33 Vendei o que possuís, e dai esmolas. Fazei, para vós, bolsas que não envelheçam; tesouro nos céus que jamais acabe, aonde não chega ladrão e a traça não rói. 34 Porque, onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

As pessoas que buscam o reino, e não as coisas materiais, recebem a certeza de que não precisam temer desapontamentos. Jesus é o pastor que guia o seu **pequeno rebanho** na direção certa. Os seus seguidores podem ter confiança no que ele lhes diz a respeito de seu **Pai**. Sobretudo, foi do agrado de Deus dar-lhes o **reino**. Eles são os que Deus, em seu beneplácito, escolheu para si (veja 2:14 e 10:21). A possibilidade de eles terem escolhido Deus como seu rei está baseada no fato de que ele os escolheu para seus súditos. Eles podem esperar confiantemente receber as bênçãos do governo de Deus, especialmente as alegrias que virão na consumação futura do século.

Os discípulos podem dispensar as riquezas terrenas, que são tanto desnecessárias como perigosas, porque eles possuem as riquezas celestiais. Até as bol-

sas em que os homens colocam o seu dinheiro se deterioram. Mas os discípulos podem adquirir **bolsas que não envelheçam**. Esta expressão enfatiza a segurança dos investimentos celestiais que uma pessoa faz quando vive com Deus e para ele. O **tesouro** terreno é transitório, sujeito às devastações do tempo, dos elementos e da cobiça humana (cf. Mat. 6:19,20). A vida que é eterna deve ser investida nos valores que sejam também eternos.

No pensamento bíblico, **coração** denota primariamente a mente, o propósito, a vontade. Jesus está falando do que chamamos de "mola propulsora" da vida de uma pessoa. A direção da vida, os seus propósitos, ideais e dedicações serão determinados pelo seu padrão de valores. A vida pode ser vivida em direção a Deus e aquilo que é permanente, ou em direção às coisas materiais, que têm valor limitado e duvidoso.

8. Atitudes Apropriadas em Relação ao Futuro (12:35-13:9)

1) A Volta Inesperada (12:35-40)

35 Estejam cingidos os vossos lombos e acesas as vossas candeias; 36 e sede semelhantes a homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas, para que, quando vier e bater, logo possam abrir-lhe. 37 Bem-aventurados aqueles servos, aos quais o senhor, quando vier, achar vigiando! Em verdade vos digo que se cingirá, e os fará reclinar-se à mesa e, chegando-se, os servirá. 38 Quer venha na segunda vigília, quer na terceira, bem-aventurados serão eles, se assim os achar. 39 Sabei, porém, isto: se o dono da casa soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa. 40 Estai vós também apercebidos; porque, numa hora em que não penseis, virá o Filho do homem.

Qual deve ser a atitude dos homens cujos corações estão fixados no reino, no período imediatamente anterior à hora em que ele se manifestará em plenitude? Estas passagens a respeito do futuro respondem a algumas das interrogações e problemas que se levantam a esse respeito. Os discípulos não devem se tornar indiferentes ou preguiçosos, nem devem, pela demora da vinda de seu Senhor, cair no sono. Eles devem estar preparados a qualquer hora, para a sua vinda. Os **lombos** devem estar **cingidos**, o que significa que a vestimenta oriental longa, que podia impedir movimentos rápidos, devia ser ajuntada e presa ao redor da cintura. As **candeias** devem conservar-se **acesas** continuamente, de forma a fornecer luz para a entrada do senhor. Desta forma, quando ele **bater**, os servos estarão preparados para abrir **logo**. Eles não marcam a hora para a volta de seu senhor. Isto não é atribuição deles. Significa que cada momento está prenhe de possibilidades de que ele volte. Portanto, os servos precisam estar igualmente alertas em cada momento.

O senhor está saindo de umas **bodas**, figura da alegre comunhão celestial. Por ocasião de sua chegada, haverá uma festa, figura da renovada comunhão entre Jesus e seus discípulos. Surpreendentemente, Jesus diz que o Senhor servirá os servos. Como ele era durante o seu ministério terreno, assim ele será quando voltar. Ele é o Senhor, cuja grandeza é demonstrada pelas qualidades dos seus servos. Desta forma, no reino do futuro, os mesmos valores ainda terão valor. O maior será servo de todos (Mat. 23:11). Este pensamento subverte todas as expectativas puramente materialistas e egoísticas para o futuro, e corre em direção contrária aos conceitos populares rasteiros a respeito de recompensa celestial. Uma cabana temporária aqui, em troca de uma mansão eterna, é um bom negócio, em qualquer língua. Mas por que devemos pensar que uma pessoa que sente alegria em servir agora será privada dessa alegria no futuro?

Os judeus dividiam a noite em três vigílias. Os servos que estão prontos para a chegada do seu Senhor, embora ele não chegue antes que a noite esteja quase terminada, são chamados **bem-aventurados**. A demora de sua volta não deve

servir de desculpa para dormir ou abandonar a esperança.

A segunda parábola ilustra a mesma advertência. O Filho do Homem deve vir como um "ladrão de noite" (I Tess. 5:2; II Ped. 3:10; Apoc. 3:3). O **ladrão** não adverte antecipadamente o **dono da casa** a respeito da hora em que cavará através das espessas paredes de tijolos ou adobes secos ao sol. Só permanecendo acordado através dá noite, o dono da casa poderá ter a certeza de não ser pego de surpresa. Os seguidores de Jesus devem permanecer alerta durante a noite da ausência dele, esperando a sua volta. De outra forma, não estarão preparados quando ele vier.

Jesus ensina que o futuro pertence a Deus. É esta fé que determina a atitude do crente para com o presente. O fim pode vir a qualquer momento, ocasionado pela morte ou pelo fim do século. Cada momento é o último, por assim dizer. Deste ponto de vista, o momento presente precisa ser levado a sério e vivido responsavelmente, diante de Deus de quem ele vem como uma dádiva.

2) **O Servo Infiel** (12:41-48)

41 Então Pedro perguntou: Senhor, dizes essa parábola a nós, ou também a todos? 42 Respondeu o Senhor: Qual é, pois, o mordomo fiel e prudente, que o Senhor porá sobre os seus servos, para lhes dar a tempo a ração? 43 Bem-aventurado aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar fazendo assim. 44 Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens. 45 Mas, se aquele servo disser em seu coração: O meu senhor tarda em vir; e começar a espancar os criados e as criadas, e a comer, a beber e a embriagar-se, 46 virá o senhor desse servo num dia em que não o espera, e numa hora de que não sabe, e cortá-lo-á pelo meio, e lhe dará a sua parte com os infiéis. 47 O servo que soube a vontade do seu senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites; 48 mas o que não a soube, e fez coisas que mereciam castigo, com poucos açoites será castigado. Daquele a quem muito é dado, muito se lhe requererá: e a quem muito é confiado, mais ainda se lhe pedirá.

Os versículos 42-46 têm paralelo em Mateus 24:45-51. A pergunta de Pedro (v. 41), bem como a aplicação da parábola (v. 47 e 48) se encontram apenas em Lucas, e determinam o colorido dessa passagem, que é característica de Lucas.

Pedro fala em lugar dos doze. Pergunta se os ensinos precedentes, contendo promessas de bênção, tanto quanto advertências contra a lassidão, se aplicam apenas aos doze ou também a outros seguidores. Nesta pergunta e nos ensinos que a respondem, podemos discernir a preocupação de Lucas com um problema permanente do movimento cristão. O poder tem a tendência de corromper, e especialmente em círculos religiosos, onde o seu uso pode ser santificado em nome de Deus. O problema do mau uso da liderança deve ter-se levantado bem cedo, na comunidade cristã. A interrogação de Pedro propicia a oportunidade para Jesus fazer advertências contra o abuso de liderança. No primeiro plano, elas são dirigidas aos doze, mas além deles, a outros que ocupem lugares de responsabilidade. De acordo com J. Jeremias (p. 124), as palavras de Jesus foram originalmente dirigidas aos líderes judeus, especialmente os escribas.

O que o Senhor espera do seu **mordomo** é descrito em duas palavras: que ele seja **fiel** e **prudente**. O insensato é o homem que age como se não fosse mordomo (12:20). Ele usa os bens de seu senhor como se fossem seus. O mordomo fiel e prudente usa, os bens que lhe foram confiados, de acordo com os desejos de seu senhor, isto é, para cuidar e sustentar aqueles por quem ele é responsável. E qual será a sua recompensa? Mais responsabilidade!

O mordomo pode ter outra reação. Enganado pela falsa segurança, propiciada pela demora de seu senhor em voltar, ele pode abusar da sua posição. Isto é feito, maltratando os que foram entregues aos seus cuidados, e apropriando-se dos bens de seu senhor, para

satisfazer aos seus próprios objetivos egoístas. Naquela época, o servo podia esperar a pior espécie de castigos, pelos seus atos indignos. Isto é bem exemplificado pela expressão **cortá-lo-á pelo meio**, forma terrível de execução, na antiguidade. **Infiel** se coloca em contraste com **fiel**, no verso 42. O servo que explora a sua posição não participa nem do caráter nem do destino do mordomo responsável. **Com os infiéis** é "com os hipócritas", em Mateus 24:51, o que é provavelmente original. Isto faz com que a parábola seja peculiarmente aplicável aos líderes judaicos, que haviam abusado de sua responsabilidade.

O pensamento é levado um pouco mais adiante, para indicar como é sério o cargo de líder religioso. Conhecimento maior implica em maior responsabilidade. A pessoa que conhece, mas não cumpre **a vontade do seu senhor**, é mais culpada do que a pessoa cujos erros se originam na ignorância. Em outras palavras, o líder cristão que guia o povo na direção errada é culpado de uma falta muito mais séria do que a do povo enganado que o segue. Ser mordomo sobre a casa de Deus não é honra que se deva buscar, mas uma tremenda responsabilidade da qual se deve desincumbir "com temor e tremor". **Muito** foi dado aos líderes; muito se lhes será requerido de volta.

3) A Crise Provocada por Jesus (12:49-53)

49 Vim lançar fogo à terra; e que mais quero, se já está aceso? 50 Há um batismo em que hei de ser batizado; e como me angustio até que venha a cumprir-se! 51 Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, eu vos digo, mas antes dissensão; 52 pois daqui em diante estarão cinco pessoas numa casa divididas, três contra duas, e duas contra três; 53 estarão divididos: pai contra filho, e filho contra pai; mãe contra filha, e filha contra mãe; sogra contra nora, e nora contra sogra.

As opiniões eruditas estão divididas a respeito do significado simbólico de **fogo**. Nos ensinos de João Batista, ele significa julgamento, mas este, provavelmente, não é o significado aqui. Ele pode referir-se ao processo purificador, refinador, através do qual os seus seguidores devem passar. Ou, pode referir-se às divisões que são precipitadas pela obra de Jesus. No contexto de Lucas-Atos, outra possibilidade é o envio do Espírito Santo aos discípulos no dia de Pentecostes (Grundmann, p. 270). Esta última significação parece ser indicada pelo verso 50. No momento, o fogo não pode ser lançado na terra. Jesus é impedido de fazê-lo antes do seu **batismo**, que é a sua morte (Mar. 10:38). Depois de sua morte, virá o **fogo**.

Jesus não veio para instituir o estado de **paz**, que os homens esperam em conexão com o reino messiânico (cf. Is. 11:6-9; Miq. 4:3,4). Ele veio para conclamar os homens a uma decisão. Inerente a essa missão está a possibilidade de divisões e antagonismos. A espada da proclamação de Jesus (cf. Mat. 10:34) corta por entre as mais íntimas relações humanas. Este quadro das conseqüências de sua missão é pintado em termos encontrados em Miquéias 7:6, que descreve a angústia apocalíptica que precederá o fim. Em Miquéias (e também em Mateus 10:35), os jovens se rebelam contra os seus pais. Em Lucas, o antagonismo tem as duas direções.

4) Cegueira Quanto aos Tempos (12:54-56)

54 Dizia também às multidões: Quando vedes subir uma nuvem do ocidente, logo dizeis: Lá vem chuva: e assim sucede; 55 e quando vedes soprar o vento sul, dizeis: Haverá calor; e assim sucede. 56 Hipócritas, sabeis discernir a face da terra e do céu; como não sabeis então discernir este tempo?

A presença de Jesus é o sinal dos tempos, a conclamação urgente de Deus a uma decisão. Alguns poucos responderam, mas a maior parte do povo ainda não percebeu o significado de sua presença entre eles.

Uma nuvem do ocidente, da direção do Mar Mediterrâneo, vem carregada de umidade, e traz chuva. Um **vento sul** provém do seco deserto do Neguev, e traz calor escaldante. (Veja também Mateus 16:2,3, onde a idéia é a mesma, porém o conteúdo e o contexto são diferentes.) Jesus censura as multidões porque elas percebem os sinais que denotam mudanças no tempo, mas são insensíveis aos sinais que lhes falam das mudanças que Deus operou nas épocas. Uma nova época da história da salvação começou, e elas nem perceberam. **Este tempo**, ou melhor, o tempo presente, é um novo e decisivo período no tratamento de Deus para com o homem. **Tempo (kairos)** é uma palavra que tem importantes conotações religiosas. Significa, basicamente, o importante momento decisivo, como é determinado por Deus. É um auspicioso momento de oportunidade, porque Deus chama o povo a arrepender-se. Mas é também um momento carregado de possibilidades de perigo e tragédia. O **kairos** é também um momento passageiro. Hoje Deus se comunica com eles na pessoa de Jesus; amanhã ele já se terá ido, e o **kairos** terá passado.

5) Preparação Para o Juízo (12:57-59)

57 E por que não julgais também por vós mesmos o que é justo? 58 Quando, pois, vais com o teu adversário ao magistrado, procura fazer as pazes com ele no caminho; para que não suceda que ele te arraste ao juiz, e o juiz te entregue ao meirinho, e o meirinho te lance na prisão. 59 Digo-te que não sairás dali enquanto não pagares o derradeiro lepto.

O significado da ilustração de Jesus é mais claro aqui do que no contexto de Mateus (5:25,26). É uma injunção para que os homens acertem as contas com Deus enquanto há tempo. **O que é justo** será explicado em 13:5. A única maneira pela qual os homens podem acertar as contas com Deus é através do arrependimento.

Nos tempos antigos, dívida era considerada uma felonia que era castigada com o tipo mais severo de punições. Um devedor inteligente devia fazer toda sorte de esforços para resolver o seu problema, com o homem a quem devia, antes que o caso fosse levado à corte. Possivelmente, ele acertaria as contas entrando em algum acordo quanto à forma de pagamento. Uma vez anunciado diante do **juiz**, podia ser tarde demais para procurar soluções. Se o juiz o achasse culpado de dívida, ele seria entregue ao **meirinho**, que era responsável pelo recebimento da dívida. O devedor era geralmente colocado na **prisão**, enquanto a sua família fazia os arranjos necessários para pagar o que ele devia. Em tal situação, ele não seria libertado enquanto o último centavo não fosse pago.

Os homens, que estão em vias de enfrentarem o juízo de Deus, serão sábios se fizerem a coisa aconselhável: pagar a dívida que têm para com ele. Entre os judeus, o pecado freqüentemente era mencionado como dívida (como em Mateus 6:12).

6) A Necessidade de Arrependimento (13:1-5)

1 Ora, naquele mesmo tempo estavam presentes alguns que lhe falavam dos galileus cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios deles. 2 Respondeu-lhes Jesus: Pensais vós que esses foram maiores pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? 3 Não, eu vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis. 4 Ou pensais que aqueles dezoito, sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, foram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém? 5 Não, eu vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis.

Agora Lucas passa a apropriar-se de sua fonte especial, da qual são tirados os versículos 1-17. Mas a necessidade urgente de arrependimento, tema já apresentado em 12:54-59, continua a ser enfatizada até o verso 9.

Estavam presentes é, talvez, melhor traduzido como "chegaram". Eles chegaram **naquele mesmo tempo**, ou seja, ao

Jesus exortar o povo a acertar as contas com Deus enquanto tinha oportunidade. A trágica história, contada por eles, propicia a oportunidade para Jesus corrigir conceitos populares errados a respeito das relações entre o sofrimento e pecado, e reiterar o seu urgente apelo para que Israel se arrependa.

Josefo, que apresenta narrativas detalhadas da relação de Pilatos com os judeus, não fala do morticínio dos galileus. Não obstante, o incidente é inteiramente coerente com o caráter de Pilatos. Ele finalmente foi removido do seu cargo, por causa do ataque, empreendido em 35 d.C., contra alguns incautos adoradores samaritanos no monte Geresim e a subseqüente execução de líderes samaritanos. Os galileus foram mortos, provavelmente, no Templo, enquanto estavam sacrificando animais, que pretendiam oferecer a Deus (Strack-Billerbeck, II, 192 e s.). Visto que a Galiléia era uma região propícia para os revolucionários judeus, é natural supor-se que os infelizes homens pertenciam a alguma espécie de bando rebelde.

A pergunta de Jesus (v. 2) dá a entender que os pressupostos teológicos **a priori** de seus ouvintes os levara a chegar apressadamente à conclusão de que o destino dos galileus era resultado dos pecados incomuns que haviam cometido. Mas Jesus assevera que todos os israelitas são igualmente pecadores; todos estão no mesmo nível diante de Deus. Israel, como nação, deve se **arrepender**, ou **perecer**. Se o povo continuar na mesma direção, um desastre semelhante ao dos galileus será o destino de toda a nação. Se os galileus eram revolucionários, esta pode ser uma advertência contra a atitude crescentemente militante, revolucionária, para com os romanos, que, em essência, é uma rejeição da conclamação de Jesus para que Israel se identifique com ele como o Servo Sofredor.

O próprio Jesus cita outra tragédia, talvez recente, em que alguns homens haviam perdido a vida acidentalmente. Os **dezoito** eram, provavelmente, operários empenhados na construção da **torre de Siloé**, que podia ser um posto de defesa, com o objetivo de guardar o suprimento de água de Jerusalém, no caso de cerco. Através de Josefo, ficamos sabendo como os planos de Pilatos de usar o dinheiro do Templo para construir um aqueduto em Jerusalém haviam desencadeado um protesto popular. Este foi acalmado por tropas, que usaram cacetes contra a população hostil, com quem se misturaram, vestidos de roupas civis (**Antig.**, 18,3,2; **Guerras**, 2,9,4). Se esses dezoito homens haviam sido empregados nesse projeto, a morte deles, provavelmente, fora considerada, pelos outros judeus, como um ato de retribuição divina pela sua irreverência.

Mas Jesus repudia a inferência de que esses dezoito eram piores pecadores do que os outros habitantes de Jerusalém. Da mesma forma como a torre havia caído sobre esses homens, os destroços de uma cidade destruída cairiam sobre a cabeça dos seus habitantes, se eles persistissem em sua rebelião contra Deus. Jesus ensina que as tragédias da vida não deviam ser usadas para alimentar a sensação de justiça própria das pessoas que haviam escapado a elas. Pelo contrário, elas deviam falar a todos nós acerca de nossa fragilidade como seres humanos. Essas tragédias nos dizem que somos criaturas, e não deuses, e que precisamos nos voltar para o Deus, que chama por nós até na tragédia.

7) O Perigo da Esterilidade (13:6-9)

6 E passou a narrar esta parábola: Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha; e, indo procurar fruto nela, não o achou. 7 Disse então ao viticultor: Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira, e não o acho; corta-a; para que ocupa ela ainda a terra inutilmente? 8 Respondeu-lhe ele: Senhor, deixa-a este ano ainda, até que eu cave em derredor, e lhe deite estrume; 9 e, se no futuro der fruto, bem; mas, se não, cortá-la-ás.

A **vinha** é uma antiga figura usada para representar Israel (Is. 5:1-7). O sim-

bolismo da figueira é incerto; mas, provavelmente, também representa Israel, como em Marcos 11:12 e ss. Era costume os palestinos plantarem árvores frutíferas em suas vinhas.

A **parábola** sugere interpretação alegórica. O dono da vinha é o Deus de Israel. Por **três anos**, um período de tempo indefinido, mas limitado, ele tem sido paciente com a árvore que não produziu o fruto esperado. O **viticultor** que pede mais tempo para a árvore pode ser considerado como representando Jesus, cuja intercessão ganhou outra oportunidade para Israel. Cavando ao redor da árvore, para cortar a grama e as ervas daninhas, e adubando-a, são removidas todas as razões para esterilidade, estranhas à própria árvore.

Todavia, a história é uma parábola, e não uma alegoria. Como parábola, ela tem uma moral principal: está sendo dada uma última oportunidade a Israel. Se ela não der fruto, será cortada. O **fruto** que Deus espera são os atos que expressam uma resposta genuína ao seu clamor ao arrependimento (3:8).

9. A Cura de uma Mulher Encurvada (13:10-17)

10 Jesus estava ensinando numa das sinagogas no sábado. 11 E estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade havia já dezoito anos; e andava encurvada, e não podia de modo algum endireitar-se. 12 Vendo-a Jesus, chamou-a, e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade; 13 e impôs-lhe as mãos e imediatamente ela se endireitou, e glorificava a Deus. 14 Então o chefe da sinagoga, indignado porque Jesus curara no sábado, tomando a palavra, disse à multidão: Seis dias há em que se deve trabalhar; vinde, pois, neles para serdes curados, e não no dia de sábado. 15 Respondeu-lhes, porém, o Senhor: Hipócritas, no sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi, ou jumento, para o levar a beber? 16 E não devia ser solta desta prisão, no dia de sábado, esta que é filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás tinha presa? 17 E, dizendo ele essas coisas, todos os seus adversários ficavam envergonhados; e todo o povo se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas por ele.

A notícia de que Jesus estava ensinando em **uma das sinagogas** assinala uma modificação na direção da narrativa. Só aqui nós o vemos em uma sinagoga, na última parte do seu ministério. A expressão **no sábado** prepara-nos para a cena de conflito que se segue.

Espírito de enfermidade dá a entender que a enfermidade estava relacionada com o poder de demônios. Jesus toma a iniciativa de curar a mulher, que estivera horrivelmente aleijada durante **dezoito anos**. Depois de proclamar a libertação dela (em consonância com 4:18), Jesus impôs-lhe as mãos, ao que **ela se endireitou**.

A ira do **chefe da sinagoga** (veja 8:41) foi causada porque Jesus violara as tradições do sábado. Um ato como esse ameaçava a estabilidade da estrutura religiosa de que ele fazia parte. O chefe assume o papel de doutor da Lei. A sua interpretação é um exemplo do uso errado que se fazia da liderança religiosa, que Jesus já havia condenado (11:42 e ss.).

Jesus se dirige ao chefe, mas inclui também todos os que aceitavam a interpretação dele. **Hipócritas** descreve as pessoas que dão atenção à observância de regras religiosas, mas não se dedicam à "justiça e o amor de Deus" (11:42). Eles desamarravam os animais no sábado, por causa da preocupação com o bem-estar deles mesmos; Jesus havia acabado de **soltar** uma mulher. Uma interpretação da religião que considere os animais mais importantes do que as pessoas é simplesmente errada, do ponto de vista de Jesus.

Satanás havia amarrado a mulher; Deus a havia libertado. Portanto, as enfermidades não são da vontade de Deus. Pelo contrário, o aleijão dessa mulher era uma frustração dos propósitos de Deus na criação. Jesus aceitava o fato de que o sofrimento era um ingrediente necessá-

rio para a sua própria dedicação à vontade de Deus. Mas era um sofrimento que resultava de um processo escolhido voluntariamente, o que é muito diferente do sofrimento, de vítimas indefesas, da dor e da doença.

No comentário editorial, a assembléia se mostra caracteristicamente dividida em **adversários** e **povo**. A lógica do argumento apresentado por Jesus faz emudecer os críticos. As **coisas gloriosas** que fazem com que o povo se regozije incluem os milagres e as palavras maravilhosas.

10. A Natureza do Reino (13:18-30)

1) O Grão de Mostarda e o Fermento (13:18-21)

18 Ele, pois, dizia: A que é semelhante o reino de Deus, e a que o compararei? 19 É semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e lançou na sua horta; cresceu, e fez-se árvore, e em seus ramos se aninharam as aves do céu.

20 E disse outra vez: A que compararei o reino de Deus? 21 É semelhante ao fermento que uma mulher tomou e misturou com três medidas de farinha, até ficar toda ela levedada.

Cultivada, a planta da **mostarda**, que é selvagem e anual, cresce até uma altura de dois metros e meio a três metros. A diferença entre a pequenez da semente e o possível tamanho da planta que ela produz é proverbial. Se considerados literalmente, os dados da parábola não condizem exatamente com os dados científicos. O **grão de mostarda** denotado pela palavra grega não é a "menor das sementes" (Mat. 13:32; Mar. 4:31). Este detalhe é omitido por Lucas, para quem o tamanho da planta, e não a pequenez da semente, é o ponto principal. Além do mais, parece duvidoso que os pássaros pudessem fazer os seus ninhos em **seus ramos**, visto que a planta só alcançava a maturidade depois que a época de postura das aves já tinha passado. Alguns intérpretes removem esta dificuldade, entendendo **se aninharam** como "pousaram" ou "se abrigaram".

É desnecessário ficar demasiadamente preocupado com a exatidão científica minuciosa de uma ilustração. Além disso, a referência às **aves** é, provavelmente, uma reminiscência de Daniel 4:20,21. Ali, o reino de Nabucodonozor é comparado a uma gigantesca árvore, "em cujos ramos habitavam as aves do céu". Há tanto semelhança quanto contraste, pois o **reino de Deus** tem uma grandeza e perpetuidade que não são características do reinado babilônico.

Esta parábola expressa a confiança de Jesus no triunfo do governo de Deus. Esta confiança não se baseava em estatísticas numéricas. Aqueles que haviam correspondido genuinamente à sua pregação, eram numericamente poucos; os seus oponentes eram numerosos e poderosos. Mas Jesus cria que Deus era Rei e que a sua soberania não estava sendo ameaçada pela hostilidade combinada das forças malignas de todo o universo.

Fermento era um pedaço de massa fermentada, guardada de uma mistura anterior. **Três medidas de farinha** era uma quantidade extraordinariamente grande: "trinta e seis quilos de farinha" (The English Bible). Quando assada, essa massa produziria pão para alimentar 162 pessoas (J. Jeremias, p. 90, nota-de-rodapé 4). Em outras partes das Escrituras, o fermento é símbolo do mal. Mas, devido ao fato de que uma pequena quantidade dele permeia irresistivelmente uma tão grande quantidade de massa, ele também é uma boa figura para o reino de Deus.

O fermento faz a sua obra silenteme-nte, misteriosamente. Isto pode ser considerado como adequada ilustração da maneira pela qual o reinado de Deus opera na sociedade humana. Os primeiros cristãos, incluindo-se Lucas, também poderiam ver, na parábola, uma promessa cumprida no crescimento miraculoso da Igreja no mundo. Para Jesus, todavia, o tema principal era, provavelmente, a irresistibilidade e a vitória final do reino de Deus, que nenhuma força podia impedir.

2) Surpresas do Reino (13:22-30)

22 Assim percorria Jesus as cidades e as aldeias, ensinando, e caminhando para Jerusalém. 23 E alguém lhe perguntou: Senhor, são poucos os que se salvam? Ao que ele lhes respondeu: 24 Porfiai por entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão. 25 Quando o dono da casa se tiver levantado e cerrado a porta, e vós começardes, de fora, a bater à porta, dizendo: Senhor, abre-nos; e ele vos responder: Não sei donde vós sois; 26 então começareis a dizer: Comemos e bebemos na tua presença e tu ensinaste nas nossas ruas; 27 e ele vos responderá: Não sei donde sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais a iniqüidade. 28 Ali haverá choro e ranger de dentes quando virdes Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas no reino de Deus, e vós lançados fora. 29 Muitos virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e reclinar-se-ão à mesa no reino de Deus. 30 Pois há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos.

Em uma nota editorial, somos lembrados de que Jesus está **caminhando para Jerusalém**. Talvez a interrogação, feita por **alguém**, tenha sido motivada pela previsão de que o reino messiânico seria inaugurado por ocasião da chegada de Jesus a Jerusalém. O número de pessoas a serem incluídas no reino era um assunto de aceso debate nos círculos religiosos judaicos. Seriam **salvos** todos os judeus, ou apenas uns **poucos**, como diziam certas seitas, quando a crise chegasse? Este exercício de futilidade é ainda praticado por certas pessoas que estão ansiosas para estabelecer os limites exatos que excluem os perdidos do grupo seleto dos justos. Indubitavelmente, as pessoas que se empenham nesse debate fútil estão sempre convencidamente seguras de que **elas** fazem parte dos que estão do lado de dentro. A resposta de Jesus leva o ouvinte a parar para pensar, e destrói toda a sua falsa segurança. Este é levado a se classificar juntamente com os que estão do lado de fora, e que devem estar interessados em entrar no reino.

Deus abre a **porta** entre as duas eras. Pela sua graça, é possível passar de uma para a outra. Mas a porta é **estreita**, e por ela não se entra fácil ou frivolamente. A salvação, à qual ela acena, é cara. Ninguém que faça apenas um gesto com o coração dividido em direção do reino entrará nele. **Porfiai** é uma palavra paulina (v. g.: **agonizō**: I Cor. 9:25; Col. 1:29) que descreve os esforços estrênuos exigidos de um atleta, em uma competição. É um presente do imperativo: "continuai porfiando". A porta é estreita no sentido de que por ela se entra tão-somente com a exclusão de todos os outros interesses. É a porta do arrependimento, que vocaciona o homem a renunciar toda a sua arrogância e obstinação.

Aqueles que não dão tudo agora, para entrar pela porta estreita, **procurarão entrar** por ela, isto é, depois que o tempo da oportunidade passou (Plummer, p. 346). Se é difícil entrar quando está aberta, é impossível entrar por ela quando estiver fechada. O homem que deixou a oportunidade passar **não poderá** forçar a porta fechada a se abrir.

Aquele que abre a porta também a fecha, ou **cerra**. Então, aqueles que a haviam desprezado começarão a **bater** nela. Embora outrora eles tivessem escarnecido de Jesus como filho de um carpinteiro de aldeia, então eles o chamarão de **Senhor**. Onde uma vez eles o haviam desprezado, eles estarão procurando dizer que têm algum relacionamento com ele. Eles o conheciam e haviam ouvido os seus ensinamentos. Mas as suas declarações superficiais não valerão de nada. A mera exposição dos ensinamentos de Jesus não é suficiente. Agora, aqueles que o haviam rejeitado, por causa de suas credenciais que não eram adequadas, descobrem que a situação se inverteu. Visto que eles haviam feito pouco caso da oferta de Deus, através de Jesus, para fazer deles filhos de Deus, o seu passado não os recomenda para as glórias do futuro de Deus. A ironia é que, as pessoas que passaram tanto tempo traçando as suas árvores genealógicas, que eles achavam que faziam deles membros da raça

escolhida, não terão a linhagem correta. Aqueles que deixaram de ser praticantes da palavra que Jesus havia ensinado nas suas ruas serão chamados de **os que praticais a iniqüidade.**

O povo que se orgulha tanto de ser descendente de **Abraão** será excluído dos seus pais, porque o povo de Deus não é escolhido devido à raça. Os **profetas**, a quem seus pais haviam perseguido e cujos ensinamentos eles rejeitavam, ao rejeitar Jesus, estarão lá. Mas o golpe de misericórdia será que o corpo de Israel será composto de gentios de nações desprezadas e humildes. Choro e ranger de dentes expressará o desespero e a tristeza dos que ficarão do lado de fora, olhando de longe. A sua frustração será completada pelo fato de que eles, da mesma forma como o desconhecido inquiridor do verso 23, estavam tão certos de estarem entre os eleitos.

Jesus enfatiza repetidamente que, na era vindoura, Deus mudará os valores e categorias desta era. Os justos são os pecadores; os pecadores são os justos. Os excluídos são os incluídos; e os incluídos são os excluídos. É sempre verdade que "os publicanos e as meretrizes entram no reino de Deus" antes dos "religiosos" (Mat. 21:31), não por causa do pecado deles, mas porque reconhecem que são pecadores. No evangelho de Jesus, o pecador é alcançado pela palavra da graça; aquele que se alicerça na justiça própria, pela palavra de julgamento.

V. Da Galiléla a Jerusalém: Parte Dois (13:31-19:27)

1. O Destino de Jesus e de Jerusalém (13:31-35)

31 Naquela mesma hora chegaram alguns fariseus, que lhe disseram: Sai, e retira-te daqui, porque Herodes quer matar-te. 32 Respondeu-lhes Jesus: Ide e dizei a essa raposa: Eis que vou expulsando demônios e fazendo cura, hoje e amanhã, e no terceiro dia serei consumado. 33 Importa, contudo, caminhar hoje, amanhã, e no dia seguinte; porque não convém que morra um profeta fora de Jerusalém, 34 Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que a ti são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta a sua ninhada debaixo das asas, e não o quiseste! 35 Eis aí, abandonada vos é a vossa casa. E eu vos digo que não me vereis até que venha o tempo em que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor.

Naquela mesma hora liga esta passagem à precedente. Não sabemos qual era a relação entre os **fariseus** e **Herodes**. Quer estivessem eles sendo amáveis para com Jesus quer fossem instrumentos voluntários de um governante astuto, não o podemos saber. Evidentemente, o estratagema de Herodes era fazer Jesus sair do seu reino sem suscitar a ira do povo. Algumas das mesmas razões que o haviam levado a eliminar João podiam também estar fazendo com que ele temesse a Jesus, que também se tornara figura popular.

Jesus se recusa a ser influenciado pela ameaça. **Raposa** pode simbolizar astúcia. Mais provavelmente, de acordo com o seu uso mais freqüentemente atestado, ela descreve Herodes como pessoa insignificante, inferior (Strack-Billerbeck, II, p. 200 e ss.). Embora o exato significado da resposta de Jesus esteja bastante obscuro, a idéia principal é que o seu futuro estava traçado, e que Herodes era impotente para fazer parar o curso pré-ordenado por Deus para o seu ministério. Ele completaria o que viera fazer. Primeiro, havia o tempo da proclamação, caracterizado pelos milagres de soberania messiânica. Depois viria a consumação, quando Jesus seria **consumado**. Isto se refere aos eventos apoteóticos que teriam lugar em Jerusalém. Uma das formas de resolver a falta de clareza do texto é entender **hoje** e **amanhã** como dia a dia, e o **terceiro dia**, como um dia subseqüente a este período. Black traduz assim o verso 32: "Eis que eu expulso demônios e faço curas dia a dia, mas um dia, em breve, serei aperfeiçoado." [25]

25 **Ibid.**, p. 152.

A decisão de Jesus de ir a Jerusalém é, portanto, não devida à pressão exercida por Antipas, mas à sua dedicação ao seu próprio destino. Morrer em alguma obscura aldeia da Galiléia ou da Peréia seria relativamente sem significado. A morte de um profeta em **Jerusalém** é um julgamento de toda a nação. Ali está o centro de sua adoração, o Templo. Ali se assenta o seu mais augusto e competente concílio, o Sinédrio.

O lamento sobre Jerusalém, provavelmente, deve ser entendido como a palavra de Deus pronunciada à moda dos profetas (como em Os. 11:1 e ss., por exemplo). Deus tentara conduzir Jerusalém para debaixo do seu cuidado soberano e amoroso, através da palavra dos **profetas**. Considerando-se esta apóstrofe como lamento pessoal de Jesus sobre Jerusalém, vários problemas de interpretação se levantam. **Quantas vezes** (v. 34) pressupõe atividades em Jerusalém, para as quais Lucas não dá suporte. A citação final também apresentaria dificuldades, visto que ela pode referir-se apenas a uma vinda em juízo, e não à entrada em Jerusalém (19:38).

Em vez de receber os profetas, Jerusalém os havia **matado** e **apedrejado**. As conseqüências desse padrão de rejeição, que alcançará o seu clímax na rejeição de Jesus, são o fato de Deus se afastar de entre o povo. A **casa** é o Templo, símbolo da presença de Deus. Mas ele será **abandonado**. A atividade redentora cessará, e o juízo virá. **Aquele que vem** é, provavelmente, um título para o Messias (veja 3:16). Mas a sua vinda a Jerusalém não significa a sua libertação, e, sim, a sua destruição.

2. Ensinamentos Durante uma Refeição (14:1-24)

1) O Hidrópico (14:1-6)

1 Tendo Jesus entrado, num sábado, em casa de um dos chefes dos fariseus para comer pão, eles o estavam observando. 2 Achava-se ali diante dele certo homem hidrópico. 3 E Jesus, tomando a palavra, falou aos doutores da lei e aos fariseus, e perguntou: É lícito curar no sábado, ou não? 4 Eles, porém, ficaram calados. E Jesus pegando no homem, o curou, e o despediu. 5 Então lhes perguntou: Qual de vós, se lhe cair num poço um filho, ou um boi, não o tirará logo, mesmo em dia de sábado? 6 A isto nada puderam responder.

No judaísmo, a observância do **sábado** era colorida negativamente pela abstenção de atividades classificadas como trabalho pela tradição oral. Mas positivamente era um dia de celebração. Fazer festa era uma forma apropriada para os israelitas expressarem a sua alegria por serem objetos especiais da graça de Deus, pelo fato de estarem incluídos na comunidade do pacto (**Jubileus** 2:31; 50:9 e s.). A refeição do sábado, preparada na sexta-feira, era freqüentemente compartilhada por hóspedes especialmente convidados. Portanto, os costumes da época forneceram o pano de fundo para a refeição na casa desse fariseu, que se realizou possivelmente depois da reunião na sinagoga.

O hospedeiro era um **chefe**, homem de influência, que pertencia à seita dos **fariseus**. Talvez os seus convivas fossem membros, com ele, de uma sociedade especial de fariseus. A refeição determina o esboço dos acontecimentos seguintes. Antes que ela comece, um homem é curado. Enquanto os hóspedes se reclinam à mesa, ou logo depois, Jesus dirige repreensões aos hóspedes e ao hospedeiro, cada um por sua vez. A própria participação na refeição fornece a atmosfera para a parábola final.

O homem doente não era um dos convidados. Ele, possivelmente, era uma das pessoas curiosas que haviam entrado da rua, para observar as festividades. Nessas ocasiões, a porta da casa ficava aberta para o público. **Hidrópico** é alguém que tem excesso de fluídos no corpo. A hidropsia pode ser causada por desordens nos rins ou no coração, ou alguma outra disfunção orgânica. Baseando-se em uma teologia de "causa e efeito", ela era atribuída a alguma imoralidade sexual (Strack-Billerbeck, II, p. 203).

Os convivas **o estavam observando**, para ver se Jesus iria desrespeitar as suas tradições, curando aquele homem no sábado. À pergunta acerca da legalidade de curar no sábado, a resposta foi o silêncio. Do seu ponto de vista, os fariseus não podiam dar resposta inequívoca. Algumas vezes era lícito curar; mas a vida da pessoa curada precisava estar correndo perigo. Geralmente, não era considerado lícito realizar atos como esse. Quanto a esse assunto, Jesus discordava dos seus contemporâneos. A lei do amor era o mandamento mais ponderável, e tinha precedência sobre todos os outros. Fazer o bem a outro ser humano era sempre correto. Em consonância com este princípio, ele curou o homem anônimo, que saiu da casa. Este é um dos cinco atos desse tipo realizados no sábado por Jesus e relatados por Lucas.

A cura é saudada com silenciosa condenação. Diante disso, Jesus continua falando. A lei permitia que um animal fosse resgatado de um **poço** no dia de sábado (aplicação de Deut. 22:4). O texto do verso 5 apresenta problemas de crítica. A variante "filho", em lugar de **jumento**, é bem atestada e, com base em bons princípios críticos, provavelmente é a mais antiga. Matthew Black [26] crê que a palavra aramaica genérica que significa "animal de carga" foi entendida erradamente como a palavra semelhante que significa **filho**. Seja qual for a explicação para o texto grego, Jesus, tendo Deuteronômio 22:4 em mente, deve ter-se referido a animais. Todo o desafio ao sistema contemporâneo é baseado no dever implícito, que é obviamente maior para com um homem que se encontra em circunstâncias adversas.

Não sendo capazes de refutar o argumento de Jesus, os hóspedes o saudaram com silêncio. Em nenhum momento há louvor a Deus. Em nenhum momento há alegria por uma vida recuperada. Os líderes religiosos estavam interessados em manter o "status quo". Jesus estava interessado nas pessoas. As duas abordagens invariavelmente se chocam, pois o "status quo" é sempre relativamente injusto e descaridoso.

26 **Ibid.**, p. 126.

2) Instruções aos Convivas (14:7-11)

7 Ao notar como os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes esta parábola: 8 Quando por alguém fores convidado às bodas, não te reclines no primeiro lugar; não aconteça que esteja convidado outro mais digno do que tu; 9 e, vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá o lugar a este; e então, com vergonha, tenhas de tomar o último lugar. 10 Mas, quando fores convidado, vai e reclina-te no último lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga; Amigo, sobe mais para cima. Então terás honra diante de todos os que estiverem contigo à mesa. 11 Porque todo o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado.

À primeira vista, as instruções dadas por Jesus não são nada mais do que regras de etiqueta, e assim têm sido interpretadas. Mas, como Lucas diz, as palavras de Jesus são uma **parábola**. Isto nos coloca de prontidão para o fato de que essa cena se desenrola em dois níveis diferentes. Uma refeição é também uma figura da festa escatológica no reino messiânico (cf. Is. 25:6).

Jesus nota que, entre essas pessoas religiosas, há uma luta pelos **primeiros lugares**, os mais próximos do hospedeiro. Este é um exemplo de como a religião deles falhava, no campo das relações humanas, exatamente onde devia ser mais eficiente.

Em **bodas**, o exemplo escolhido por Jesus, o protocolo social requeria que os hóspedes se sentassem de acordo com a ordem de sua importância (Plummer, p. 357). O tipo de manobras para obter boas posições, que Jesus havia observado, podia levar a embaraço em público, em ocasião tão formal como essa. Mas aquilo de que Jesus está realmente falando é da ordem de Deus para as coisas. O egoísmo e o desrespeito pelos outros desqualificam um homem para uma posição de honra no banquete celestial. Esta é simplesmente outra maneira de

dizer que os julgamentos de Deus são um golpe mortal para a arrogância do homem.

Por outro lado, a atitude de humildade é uma marca de grandeza. O homem que não procura ser preferido sobre os outros é aquele a quem Deus honra. Ele será colocado perto da cabeceira da mesa no banquete messiânico.

Isto não significa que a humildade seja uma atitude fraca, autodepreciadora. O homem humilde sabe que é filho de Deus, cujo valor é estabelecido em termos deste relacionamento. E, porque está seguro, ele está livre da necessidade de se empenhar na luta insana pelos pequenos rótulos de reconhecimento outorgados pela sociedade humana. E, também, ele não se empenha em atividades que o exaltem às expensas do seu irmão.

A aplicação é apresentada no verso 11. A voz passiva evita o uso do nome divino. Deus humilha e exalta; mas ele humilha o orgulhoso e exalta o humilde. A maneira como nos relacionamos com o nosso próximo é determinante de nossa posição diante de Deus.

3) **Instruções ao Hospedeiro** (14:12-14)

12 Disse também ao que o havia convidado: Quando deres um jantar, ou uma ceia, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem os vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tornem a convidar, e te seja isso retribuído. 13 Mas, quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos; 14 e serás bem-aventurado; porque eles não têm com que te retribuir; pois retribuído te será na ressurreição dos justos.

O hospedeiro é tão egocêntrico como os seus hóspedes. As suas relações sociais são baseadas no princípio de reciprocidade. Uma vista d'olhos pela mesa era suficiente para mostrar que ele havia preparado a sua lista de convidados com um olho em possíveis benefícios pessoais futuros. Jesus critica a estrutura egocêntrica da sociedade, da qual o círculo fechado ao redor da mesa era um microcosmo.

Jesus recomenda que aquele homem quebre o seu círculo social, e convide hóspedes de quem não pode esperar receber benefício nenhum (cf. 6:32-36). As palavras de Jesus causaram um impacto muito maior, nas sensibilidades sociais, do que provavelmente imaginamos. Os defeitos físicos tinham implicações religiosas. Os **aleijados**, os **mancos** e os **cegos** eram excluídos da participação plena da comunidade religiosa. Classificados entre os pecadores, eles não podiam manter contato íntimo com os justos, que gozavam de posições privilegiadas, em suas comunidades. Jesus recomenda, ao seu hospedeiro, que convide, para as suas atividades sociais mais íntimas, as próprias pessoas que o seu grupo teria excluído completamente.

Se Jesus estivesse falando a nós, usaria outras categorias. Mas podemos estar certos de que ele nos recomendaria igualmente que abríssemos as nossas casas e atividades sociais para as próprias pessoas contra quem temos os mais profundos preconceitos e excluiríamos da maneira mais natural.

Os que agem da maneira que Jesus aconselha podem esperar ser **retribuídos**, pois Deus os recompensará. À primeira vista, estes conceitos parecem ameaçar a pureza da ética cristã. Mas o seu pagamento é que eles serão objetos do amor de Deus, que também se estende a pessoas que não podem retribuir os seus favores. Elas não serão excluídas da festa de Deus.

Em alguns círculos teológicos judaicos, havia uma crença de que a ressurreição seria limitada aos **justos**. Contudo, seria um erro atribuir tal crença a Jesus, Lucas, ou às comunidades cristãs suas contemporâneas, baseando-nos nesta frase (veja, v.g., At. 24:15). Jesus afirma que amor altruísta e boa vontade transcendem a morte e têm significado eterno.

4) **O Grande Banquete** (14:15-24)

15 Ao ouvir isso um dos que estavam com ele à mesa, disse-lhe: Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus.

16 Jesus, porém, lhe disse: Certo homem dava uma grande ceia, e convidou a muitos. 17 E à hora da ceia mandou o seu servo dizer aos convidados: Vinde, porque tudo já está preparado. 18 Mas todos à uma começaram a escusar-se. Disse-lhe o primeiro: Comprei um campo, e preciso ir vê-lo; rogo-te que me dês por escusado. 19 Outro disse: Comprei cinco juntas de bois, e vou experimentá-los; rogo-te que me dês por escusado. 20 Ainda outro disse: Casei-me, e, portanto, não posso ir. 21 Voltou o servo e contou tudo isto a seu senhor. Então o dono da casa, indignado, disse a seu servo: Sai depressa para as ruas e becos da cidade e traze aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos. 22 Depois disse o servo: Senhor, feito está como ordenaste, e ainda há lugar. 23 Respondeu o Senhor ao servo: Sai pelos caminhos e vaiados, e obriga-os a entrar, para que a minha casa se encha. 24 Pois eu vos digo que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia.

Comer pão no reino de Deus significa estar entre as pessoas que participam das alegrias do reino messiânico. A piedosa observação foi feita por um homem que estava, certamente, convencido de que estava entre os retos que serão incluídos. A sua certeza não garantida foi desafiada pela parábola com que Jesus respondeu. Para uma história semelhante, veja Mateus 22:1-10. As diferenças são tão grandes, contudo, que esta parábola deve ter vindo da fonte especial de Lucas.

Os costumes sociais são espelhados nesta história. Em primeiro lugar, os convivas foram convidados para um banquete. Subseqüentemente, os que haviam aceitado o convite foram avisados que o banquete estava pronto. A parábola segue o esboço da história da salvação como ela é apresentada em Lucas-Atos. Os **muitos** em Israel haviam recebido um convite para o banquete messiânico, através dos mensageiros de Deus, os profetas. Mas quando foi feito o anúncio de que a hora da festa chegara, os que haviam sido convidados agiram de maneira extremamente insultante. Eles **todos** igualmente começaram a apresentar desculpas. Três exemplos representativos das desculpas são citados. Envolvimento com terras, animais e família tiveram prioridade sobre o convite do seu hospedeiro. Dessa forma, é esse envolvimento nos negócios deste século que faz com que os homens tomem as decisões erradas quando o convite de Deus é feito.

Agora torna-se claro que os que haviam recebido o primeiro convite foram os líderes religiosos, especificamente os fariseus, que se orgulhavam de ocupar o primeiro degrau da escada do judaísmo, quanto a categorias religiosas. A história dá a entender que bem poucos participantes da elite religiosa se tornaram seguidores de Jesus. O convite então é feito ao povo que está nas fraldas sociais e religiosas de Israel (veja, acima, o v. 13). Os que não podem participar plenamente da adoração em Israel são os que se apresentarão à mesa, no lugar daqueles que arrogantemente rejeitaram o convite de Deus.

Todos os lugares ainda não foram ocupados por aqueles que respondem ao convite. **Ainda há lugar:** Com este "post scriptum", a história se move além de Israel, ao colocar a missão aos gentios como participante do divino propósito. O significado é semelhante à idéia elaborada por Paulo em Romanos 11:11 e ss. A rejeição da parte de Israel significa salvação para os gentios. Os **caminhos** e os **vaiados** são as estrádas que saem da cidade, onde viajores de diversas origens podem ser encontrados. Mas não são traçados limites. Dessa variegada coleção, sairão hóspedes para encher os lugares vagos.

O verbo **obriga-os** não justifica nenhuma tentativa de coerção para forçar as pessoas, quer por força política quer por estratagemas psicológicos, a entrar no reino de Deus. O convite finalmente chega a pessoas para quem é uma ocorrência surpreendente e inesperada. O servo precisa tomar as devidas providências para fazer com que essas pessoas tenham, na verdade, a certeza de que foram convidadas, vencendo uma relutância natural para atender a convite tão inesperado.

Eu, no verso 24, é Jesus. Ele fala diretamente aos convivas ao redor da mesa. Receber um convite não garante participação no seu banquete. Este foi o pressuposto, sem garantias, do homem que fizera aquela observação piedosa (v. 15). A reação adequada precisa ser exercida no momento certo e decisivo. Jesus reivindica o banquete messiânico, ao chamá-lo de **minha ceia**. Os israelitas que não atenderem ao convite que ele está fazendo não serão incluídos.

3. Os Termos do Discipulado (14:25-35)

25 Ora, iam com ele grandes multidões; e, voltando-se, disse-lhes: 26 Se alguém vier a mim, e não aborrecer a pai e mãe, a mulher e filhos, a irmãos e irmãs, e ainda também à própria vida, não pode ser meu discípulo. 27 Quem não leva a sua cruz e não me segue, não pode ser meu discípulo. 28 Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se senta primeiro a calcular as despesas, para ver se tem com que a acabar? 29 Para não acontecer que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a zombar dele, 30 dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar. 31 Ou qual é o rei que, indo entrar em guerra contra outro rei, não se senta primeiro a consultar se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil? 32 No caso contrário, enquanto o outro ainda está longe, manda embaixadores, e pede condições de paz. 33 Assim, pois, todo aquele dentre vós que não renuncia a tudo quanto possui, não pode ser meu discípulo. 34 Bom é o sal; mas se o sal se tornar insípido, com que se há de restaurar-lhe o sabor? 35 Não presta nem para terra, nem para adubo; lançam-no fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

A atenção agora se desvia dos fariseus, a elite religiosa que não atenderá aos convites de Deus, e focaliza-se nas **multidões**. O povo que acompanha Jesus tem uma idéia decididamente errônea a respeito do seu destino. Eles não tem nem a mais leve suspeita de que algo tão medonho e terrível como uma cruz esteja no fim da trilha pela qual Jesus jornadeia. Assim, os termos do seu convite devem ser esclarecidos. Os que o aceitam precisam estar dispostos a oferecer todos os outros relacionamentos, interesses e ambições no altar de sua dedicação.

Em Mateus, as exigências de Jesus são expressas em termos um tanto mais suaves. Ali encontramos a expressão "amar mais", em vez da de Lucas, **não aborrecer** (odiar), e também "não é digno de mim", em vez da muito mais forte expressão de Lucas, **não pode ser meu discípulo** (cf. Mat. 10:37,38). As relações familiares podem competir com as reivindicações do reino em vários respeitos. Os mais íntimos membros da família podem ser hostis à dedicação de uma pessoa ao discipulado. Ou a família pode fazer requisitos que entrem em conflito com as responsabilidades do reino. Em qualquer caso de lealdades em competição, o problema só pode ser resolvido de uma forma. O discípulo é, além do mais, chamado a odiar **também à própria vida**. Ele precisa estar disposto a afirmar os interesses do reino, e não as suas próprias ambições, ao ponto de estar pronto a morrer, se as circunstâncias assim o exigirem.

Sob o domínio romano, os judeus haviam aprendido o que significava **levar a sua cruz** e morrer nela; por isso, a figura usada por Jesus não era estranha aos seus ouvintes. A cruz a ser carregada pelo cristão, no entanto, só pode ser entendida em relação à experiência de Jesus. Segui-lo acarreta entrega, sem vacilações, à vontade de Deus, para a sua vida, mesmo em face das maiores ameaças e perigos. Levar a cruz é aceitar plenamente as conseqüências do discipulado — a vergonha, a solidão e a hostilidade que os homens expressam, contra uma vida que seja canal da verdade, da justiça e do amor de Deus. Portanto, um **discípulo** não é a pessoa que decora grandes quantidades de tradições religiosas, de forma que possa dar as respostas ortodoxas a perguntas teológicas. Ele é a pessoa que segue Jesus, participando alegremente do seu sofrimento redentor.

Não desejando fazer discípulos em bases erradas, Jesus enfatizou as possibili-

dades inerentes à decisão de segui-lo. Admitimos que não há garantia de que a pessoa que considera realisticamente o custo do discipulado perseverará até o fim. No entanto, ela estará preparada para as crises, e mais provavelmente as vencerá. As decisões motivadas apenas pelas emoções têm o condão de se evaporarem quando sujeitas aos severos testes da realidade quotidiana.

As pessoas não tentam — ou pelo menos não devem tentar — empreendimentos arriscados sem fazer uma estimativa realista do que lhes será exigido para levar o projeto até o fim. Jesus ilustra este princípio com dois exemplos. O primeiro é a respeito de um homem que planeja edificar uma **torre**, talvez do tipo que as pessoas construíam em seus vinhedos. Ele primeiramente **se senta**, para **calcular as despesas**. Ele dedica tempo pensando no que gastará. Se não o fizer, pode ser que não passe dos **alicerces.**

2º O **rei** que enfrenta a possibilidade de **guerra** mede as suas forças em comparação com o desafio que precisa enfrentar. A moral dessas estórias é a abordagem, com bom senso, na avaliação dos recursos disponíveis. Se, em face das probabilidades desfavoráveis, ele chega à conclusão de que as suas tropas não conseguirão fazer frente ao inimigo, o rei **pede condições de paz**, ou "se submete" (Creed, p. 195). Naturalmente, esta figura não pode ser forçada, porque Jesus não aconselha os seus seguidores a se renderem. Mas ele adverte o povo contra o ato de segui-lo sem estar cônscio das conseqüências e sem disposição para aceitá-las.

Qual é o preço do discipulado? Nada menos do que a renúncia de tudo. Lucas dá especial ênfase à "graça dispendiosa" de Jesus, talvez como reflexo de um tempo quando os cristãos estavam ficando medrosos e outros fossem covardes, trazendo descrédito para Jesus e a Igreja.

Quando, por qualquer razão, o discípulo deixa de manifestar as características do verdadeiro discipulado, ele se torna imprestável — como o **sal** que **se tornou insípido**. Sem dúvida, o sal puro nunca pode perder o seu sabor; cloreto de sódio é sempre cloreto de sódio. Mas o sal tirado do Mar Morto era adulterado, misturado com gesso e outras substâncias. Esse sal impuro estava sujeito à perda do seu sabor salgado. Enquanto era salgado, era **bom** para os objetivos com o que o povo o usava, como condimento e preservador. Mas, quando perdia as suas características de sal, não prestava para nada, nem mesmo para fertilizar. Não podia nem ser aplicado diretamente na terra, nem depositado temporariamente no monte de esterco (veja também Mat. 5:13 e Mar. 9:50). A única coisa que se podia fazer com o sal imprestável era **lançá-lo fora.**

4. A Alegria de Deus com a Recuperação do Perdido (15:1-32)

1) A Atitude dos Líderes (15:1,2)

1 Ora, chegavam-se a ele todos os publicanos e pecadores, para o ouvir. 2 E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este recebe pecadores, e come com eles.

A inclusão das pessoas rejeitadas de Israel no reino de Deus é tornada concretamente visível quando Jesus as recebe na comunhão à mesa. O fato de ele aceitar essas pessoas não significa menos do que a extensão até eles da graça perdoadora de Deus. O fato de elas comerem com ele é a nova comunhão estabelecida entre elas sob o reinado de Deus. Na sua associação com o povo que estava além das fronteiras da respeitabilidade, Jesus estava insultando todas as convenções. Ele estava ameaçando os piedosos de tal forma, porque ele, que indubitavelmente, não era um pecador e que devia associar-se com pessoas "boas", simplesmente ignorava as fronteiras estabelecidas pelas convenções religiosas e sociais.

A alegre comunhão entre Jesus e os **publicanos e pecadores** suscitou o desagrado e a indignação dos **fariseus** e **es-**

cribas. A justificativa deles para esta atitude era de que Jesus estava se contaminando com a amizade com os transgressores da Lei.

As três parábolas que se seguem falam a respeito da atitude expressa pelos líderes religiosos. Os versículos 1 e 2 devem ser considerados como introdução a cada parábola, especialmente a última, em que os dois filhos representam dois grupos; os justos e os pecadores.

A parábola da dracma perdida e do filho perdido se encontram apenas em Lucas. Mateus tem a parábola da ovelha perdida (Mat. 18:12-14). Ali, contudo, ela é dirigida aos discípulos, e ensina uma lição diferente: a responsabilidade deles para com os "pequeninos", isto é, os membros mais fracos e mais humildes da comunidade. A parábola de Lucas vem do seu material especial, provavelmente formando um par com a parábola da dracma perdida, antes de Lucas a usar.

2) A Ovelha Perdida (15:3-7)

3 Então ele lhes propôs esta parábola: 4 Qual de vós é o homem que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto, e não vai após a perdida até que a encontre? 5 E, achando-a, põem-na sobre os ombros, cheio de júbilo; 6 e chegando a casa, reúne os amigos e vizinhos e lhes diz: Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se havia perdido. 7 Digo-vos que assim haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.

Qualquer pessoa que tenha perdido alguma coisa que lhe seja preciosa faz um esforço para recuperá-la. O fato de que ainda tem **noventa e nove** ovelhas não compensa o sentido de perda e de preocupação por parte do proprietário, quando ele descobre que uma está faltando. Até que limites vai ele para recuperar a ovelha perdida? Jesus diz que ele não pára de procurar **até que a encontre**. Todos podem sentir o súbito alívio e a alegria que substituem a preocupação quando por fim ele encontra a ovelha. Ele a lança sobre os ombros, a fim de apressar a volta para casa, levando-a. Chegando ali, ele chama os seus conhecidos para participarem de sua alegria.

A pressuposição destas parábolas é que a aceitação da comunhão com Jesus, pelo pecador, é o arrependimento, e que a aceitação do pecador, por Jesus, é o perdão. A vida de Jesus é a busca de Deus pela sua ovelha perdida. Quando uma delas é achada, há regozijo **no céu**, que é uma circunlocução do nome de Deus.

Os que se opunham a Jesus se regozijavam com a recuperação de um animal perdido, mas ficavam cheios de consternação quando se desejava recuperar um homem. Eles se demonstravam duros e ressentidos a respeito daquilo que torna Deus alegre! Jesus dá um duro golpe em seu orgulho. Eles estavam convencidos de que eram mais importantes aos olhos de Deus do que aqueles desprezados publicanos e pecadores. Mas Jesus declara que a recuperação de uma dessas pessoas perdidas propicia mais alegria a Deus do que **noventa e nove** pessoas como eles. Será **justos** uma expressão irônica, significando realmente aqueles que a si mesmos se chamam de justos? É mais apropriado para designar pessoas que viviam mediante os padrões da piedade ortodoxa judia do que para designar os que são retos diante de Deus. Jesus não tinha críticas para os elevados padrões que governavam a moralidade pessoal dos fariseus. E também não fechava os olhos para o mal que existia nas outras pessoas. Ele não tinha "predileção pela imoralidade". [27]

O problema dos fariseus não era a sua imoralidade, mas a sua atitude para com os seus semelhantes. Da mesma forma como muitas pessoas boas e religiosas, eles eram duros, julgadores e não perdoadores. O desprezo que demonstravam por pessoas que não satisfaziam os pa-

27 Cf. Guenther Bornkamm, **Jesus of Nazareth**, trad. de Irene e Fraser McLuskey e James M. Robinson para o inglês (New York: Harper, 1960). p. 79.

drões que estabeleciam era uma faceta importante da sua falta de humildade diante de Deus. Eles deixavam de reconhecer que também necessitavam da graça. E, não sendo receptores da graça, eles não tinham graça para dar.

Portanto, não é o pecado do pecador que causa regozijo, mas o seu **arrependimento**. Não é a justiça do fariseu que o exclui da grata comunhão do reino, mas a sua atitude para com os outros homens.

3) A Dracma Perdida (15:8-10)

8 Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas e perdendo uma dracma, não acende a candeia, e não varre a casa, buscando com diligência até encontrá-la? 9 E, achando-a, reúne as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque achei a dracma que eu havia perdido. 10 Assim digo-vos, há alegria na presença dos anjos de Deus por um só pecador que se arrepende.

Uma **dracma** valia apenas cerca de cinqüenta cruzeiros (valor aproximado em 1982). Algumas pessoas dificilmente sentiriam falta de uma moeda dessas, e gastariam pouco tempo procurando-a, se a perdessem. Porém duas coisas precisam ser entendidas, a fim de apreciarmos a angústia dessa mulher. **Dez dracmas** era tudo o que tinha — toda a sua riqueza. Além disso, embora uma dracma não valesse muito, segundo os padrões modernos, ela era o salário de um trabalhador durante todo um dia de árduo labor.

A persistência da mulher é enfatizada. Visto que a sua pequena cabana era mal iluminada mesmo durante o dia, foi necessário **acender a candeia**, a fim de achar a moeda. Varrendo o chão de terra batida, ela eventualmente a traria à luz. Outras pessoas foram chamadas para participarem de sua alegria. Elas sabiam o que é ser pobre — o quanto dói perder uma preciosa dracma — e que sentimento de alívio e alegria se tem ao achá-la de novo.

Aquele que se alegra diante das hostes celestiais é o próprio Deus. Se a recuperação de **um pecador** produz alegria, como não deve ser maior a exultação de Deus a respeito do grande grupo que entrou na comunhão da qual Jesus é o centro! Esta parábola, na verdade, é um convite, um convite para que os críticos líderes religiosos compartilhem de uma celebração jubilosa, celestial! Em outras palavras, é um convite para que eles também se arrependam.

4) O Filho Pródigo (15:11-32)

a. O Pai do Pródigo (15:11-24)

11 Disse-lhes mais: Certo homem tinha dois filhos. 12 O mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me toca. Repartiu-lhes, pois, os seus haveres. 13 Poucos dias depois, o filho mais moço, ajuntando tudo, partiu para um país distante, e ali desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente. 14 E, havendo ele dissipado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a passar necessidades. 15 Então foi encostar-se a um dos cidadãos daquele país, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos. 16 E desejava encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam; e ninguém lhe dava nada. 17 Caindo, porém, em si, disse: Quantos empregados de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! 18 Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; 19 já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados. 20 Levantou-se, pois, e foi para seu pai. Estando ele ainda longe, seu pai o viu, encheu-se de compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou. 21 Disse-lhe o filho: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. 22 Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lha; e ponde-lhe um anel no dedo e alparcas nos pés; 23 trazei também o bezerro cevado e matai-o; comamos e regozijemo-nos, 24 porque este meu filho estava morto, e reviveu; tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a regozijar-se.

A terceira parábola desta série representa, ainda mais vividamente do que as duas anteriores, as dinâmicas de uma situação da qual todas as três falam. O problema todo é de relacionamentos — o relacionamento de um pai para com dois filhos, dos filhos para com o pai,

e dos filhos um para com o outro. Os dois filhos representam "o pecador e o fariseu", nenhum dos quais é repudiado por um Deus cujo amor de pai é suficientemente amplo para incluir ambos e que é expressado por um interesse incessante e atencioso para com os dois. A história mostra que o amor do homem é estreito, míope, contingente, egoísta. Por outro lado, o amor de Deus é ilimitado, profundo, reconciliador, sem reservas. Cada um deles, tanto o fariseu como o pecador, pecou contra esse amor à sua própria maneira.

Os dois filhos são decisivamente diferentes; mas eles têm uma coisa em comum, que deve transcender todas as tendências divisórias. Eles têm o mesmo pai. Um dos filhos, o mais novo, é típico do adolescente rebelde, levado pelo desejo de escapar às contingências familiares, a fim de ser "homem". Precisamos reconhecer que a história flui em dois níveis. Embora um jovem deva estabelecer a sua própria identidade e independência, como adulto amadurecido e responsável, nenhuma pessoa jamais se torna tão amadurecida que possa declarar a sua independência de Deus.

O costume da época era que a propriedade fosse dividida entre os filhos depois da morte do pai, de acordo com o seu testamento. A propriedade, porém, podia ser passada para o nome dos filhos, como presente, durante a vida do pai. Depois, mais tarde, eles não poderiam reclamar mais nada das possessões da família. Geralmente, os lucros ou proventos da propriedade adquirida desta forma começavam a ir para as mãos do beneficiário só depois da morte do pai. Todavia, nesse caso, o filho adquire o direito de trocar a sua propriedade imediatamente por valores negociáveis.

A ordem para honrar os pais era entendida concretamente como responsabilidade de cuidar deles na velhice. Mas esse rapaz cortou as relações com o seu pai, e viajou para um **país distante**, isto é, para fora da Palestina, para um país gentílico. O pecado desse filho não foi ter pedido a sua parte da propriedade. Foi, isto sim, que ele se excluiu do amor do seu pai, e negou-lhe os seus direitos legítimos (Ef. 6:1). Ao fazê-lo, ele também negou a sua própria condição de filho. Esta era a condição dos pecadores, que Jesus havia chamado ao arrependimento. Eles se haviam esquecido de quem eram. Esta é uma condição de que todos os homens participam, os que, em sua paixão pelos prazeres exóticos de algum país distante ou em sua vontade própria obstinada, tomam o controle de suas vidas em suas próprias mãos.

Visto que ele não tinha mais acesso à riqueza de seu pai, o jovem estava limitado ao que possuía em mãos. Essa quantia foi rapidamente esbanjada. Alienado de seu pai, e visitado pelas conseqüências de suas próprias opções, o filho mais novo descobriu que era vítima de sua obstinação e que se enganara a si mesmo. Saíra de casa pensando que iria descobrir o significado e a plenitude da vida na companhia alegre de novos amigos. Pelo contrário, ele agora se encontrava necessitado e abandonado. Ele deixara em casa a única pessoa que realmente o amava.

Os problemas financeiros pessoais do pródigo são complicados pelas condições econômicas da região em que se encontrava assolada pela fome justamente quando ele acabava de gastar tudo o que tinha. O seu destino alcançou maré tão baixa que ele, um judeu, foi forçado a aceitar o tipo mais repugnante de emprego. A atitude dos judeus para com os porcos era governada pela lei que diz: "Da sua carne não comereis, nem tocareis nos seus cadáveres; esses vos serão imundos" (Lev. 11:8). A sua fome era tão grande que ele estava pronto a comer as vagens da alfarrobeira, que era comida apenas pelos muito pobres, ou usadas para alimentar animais domésticos.

Agora se levanta uma diferença decisiva entre esta parábola e as duas precedentes, que falavam a respeito da per-

da e recuperação de coisas e animais. O foco não está mais apenas na busca e na preocupação da pessoa que havia perdido algo. Visto que aquilo que se perdeu é uma pessoa, ela não pode ser encontrada enquanto não desejar ser encontrada. Era necessário que o filho **caísse em si** — emergisse do mundo irreal de sonho e ilusão, para o qual ele havia fugido, a fim de se ver e à sua situação sob a verdadeira luz. Agora ele compreendeu do que havia desistido quando com efeito havia renunciado à sua filiação. Até as pessoas que trabalhavam em troca de salário na casa de seu pai tinham mais do que o suficiente para comer. Ele também percebeu como fora ímpio o orgulho e quão egoísta a motivação que o haviam levado a dar as costas ao seu pai.

Assim, ele toma a decisão de voltar. Ele ainda usa o título **pai**, embora reconheça que perdera todo o direito de ser considerado **filho**. Ele retornará e confessará o seu pecado. **Contra o céu** significa contra Deus. Um pecado contra o pai era também um pecado contra Deus, pois um dos mandamentos mais sérios recomendava honrar os pais. Tendo perdido todos os direitos, ele voltaria a seu pai simplesmente como um homem faminto, pedindo trabalho. Ele preferia viver na casa de seu pai como empregado a viver em qualquer outra parte com recursos próprios. Assim, levanta-se e começa a difícil jornada de volta ao lar. O arrependimento é uma mudança de direção exatamente assim. É uma mudança de direção deixando a obstinação e o comodismo; é voltar-se para Deus em alegre submissão ao seu domínio de amor.

A espécie de recepção que um filho pródigo pode esperar, ao voltar, sempre depende da espécie de pai que ele tem. O pai da história simplesmente está esperando que o filho volte. Ele espera naquela agonia peculiar, conhecida apenas pelos pais que amam os seus filhos perdidos. É uma agonia formada de esperança e temor. Cada dia traz uma nova esperança da volta do filho; cada momento está cheio do medo terrível de que o filho possa destruir-se no país distante. O rapaz nem precisou completar a jornada até o lar. De longe **o pai o viu**. Os vizinhos devem ter visto os farrapos, a sujeira, os pés descalços. Eles o teriam classificado como apenas outro bêbado, ou vagabundo, ou "hippie", ou seja de que categoria for. Uma tendência humana comum é deixar de ver as pessoas como pessoas. Mas o pai viu que era o seu filho!

O pai não faz ao seu filho uma recepção relutante, rancorosa, reservada. Exatamente o oposto! Ele **correu** para abraçar e beijar o seu filho. Este começa o seu pequeno discurso decorado, mas o pai o interrompe. Não está interessado em discursos. Da mesma forma, nem orgulho ferido nem recriminações ressentidas fazem parte da história. Aqui temos um vislumbre do que significa, para Deus, perdoar uma pessoa. Deus pede apenas uma oportunidade para esbanjar o seu amor para com os seus filhos transviados. Tudo o que eles têm a fazer é começar a jornada de volta ao Pai, para receber o seu perdão incomensurável e sem reservas. Os farrapos devem ser jogados fora. Um vestido limpo, novo — o **melhor** — deve ser dado para o filho vestir. Ele é recebido como o pai receberia um honrado hóspede que chegasse cansado e empoeirado depois de uma longa viagem. Um **anel**, símbolo da filiação, deve ser colocado em seu dedo. Ele chega descalço como um escravo, mas essa situação deve ser mudada. **Alparcas** são pedidas para os seus pés. O **bezerro** que está sendo cevado, engordado, reservado para uma ocasião que demande uma festa, agora precisa ser morto. Uma alegre celebração deve terminar aquele dia alegre e memorável. Mediante tudo isto, concluímos que a filiação não se baseia no valor do pródigo, mas no amor do pai. Aqueles que se ressentiam da recepção que Jesus dispensava a publicanos e pe-

cadores sabiam muita coisa a respeito da depravação humana, mas nada conheciam do amor divino.

Morto é paralelo de **perdido**; e **reviveu** de **foi achado**. Alguém muito amado levantou-se do túmulo, ressuscitou dentre os mortos. Algo infinitamente precioso foi achado. É um dia de celebração, e não de cara comprida.

b. O Irmão Mais Velho (15:25-32)

25 Ora, o seu filho mais velho estava no campo; e quando voltava, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças; 26 e, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo. 27 Respondeu-lhe este: Chegou teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo. 28 Mas ele se indignou e não queria entrar. Saiu então o pai e instava com ele. 29 Ele, porém, respondeu ao pai: Eis que há tantos anos te sirvo, e nunca transgredi um mandamento teu; contudo, nunca me deste um cabrito para eu me regozijar com os meus amigos; 30 vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou os teus bens com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado. 31 Replicou-lhe o o pai: Filho, tu sempre estás comigo, e tudo o que é meu é teu; 32 era justo, porém, regozijarmo-nos e alegrarmo-nos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; tinha-se perdido, e foi achado.

O que estivera fazendo o irmão mais velho durante a ausência do pródigo? Como é revelado, ele estivera vivendo segundo as regras: cumprindo os seus deveres, conscientemente, sem alegria. Tipicamente ele estava **no campo** quando o seu irmão voltou. Ao descobrir o motivo da alegria, ele se recusa a entrar.

O pai, que havia corrido para se encontrar com o filho mais novo, agora sai para conduzir o filho mais velho à razão. Mas a inveja faz com que este seja irredutível. **Sirvo** é literalmente "tenho sido teu escravo". E também, ele não fora transgressor dos desejos de seu pai, **nunca** tendo desobedecido os **mandamentos** dele. Isto apresenta um retrato típico de piedade legalista.

Parece-lhe que a devassidão de seu irmão tivera recompensa, enquanto a sua própria fidelidade não era apreciada. Um **cabrito** tem muito menos valor do que um **bezerro**, mas o pai nunca nem mesmo lhe dera um desses animais de menor valor para uma festa. **Este teu filho** tem um tom ressentido, depreciativo. Por assim dizer, o filho mais velho culpa o pai por ter um filho daqueles, e ao mesmo tempo nega se relacionar com o seu irmão.

O pai demonstra que a própria fidelidade do filho mais velho havia excluído a necessidade de tal celebração. Nunca tendo sido perdido, o pai não podia se alegrar por tê-lo encontrado. Além disso, a relação entre pai e filho não havia mudado nem um pouco com a chegada do irmão mais novo. Ele ainda continuaria a receber tudo o que lhe estava sendo dado como filho mais velho e herdeiro. Da mesma forma como o pai exultava com o fato de ter encontrado o filho perdido, o filho mais velho devia se regozijar por ter encontrado o **irmão**, perdido. O pai não permitirá que ele negue a sua relação fraternal. Ninguém verdadeiramente pode dizer "Pai" se não estiver disposto a dizer "irmão".

A história termina com o convite para ele juntar-se à alegria da festa. Não somos informados de que o irmão mais velho aceitou. Talvez ele tenha continuado do lado de fora da casa, carrancudo e ressentido por causa da felicidade que havia dentro. Deus não rejeita nenhum dos dois tipos de filhos — nem o pecador por causa de sua indocilidade, nem o fariseu por causa de sua justiça própria. Há um lugar para ambos à mesa do banquete — se houver arrependimento.

Esta parábola é um convite para os freqüentadores de igreja críticos, cheios de justiça própria, para que se livrem do seu ressentimento e se juntem, com Jesus, em uma festa alegre com os pródigos que voltaram para o Pai. O isolamento deles, à parte do grupo, e o seu ressentimento por causa dos relacionamentos de Jesus com essa gente têm implicações que vão além do momento presente. Ao se excluírem dos seus irmãos

pródigos, eles estão também negando a sua relação com o seu Pai — que é Deus.

5. Mais Ensinos Acerca da Riqueza (16:1-31)

1) O Mordomo Infiel (16:1-9)

1 Dizia Jesus também aos seus discípulos: Havia certo homem rico, que tinha um mordomo; e este foi acusado perante ele de estar dissipando os seus bens. 2 Chamou-o, então, e lhe disse: Que é isso que ouço dizer de ti? Presta contas da tua mordomia; porque já não podes mais ser meu mordomo. 3 Disse, pois, o mordomo consigo: Que hei de fazer, já que o meu senhor me tira a mordomia? Para cavar, não tenho forças; de mendigar, tenho vergonha. 4 Agora sei o que vou fazer, para que, quando for desapossado da mordomia, me recebam em suas casas. 5 E chamando a si cada um dos devedores do seu senhor, perguntou ao primeiro: Quanto deves ao meu senhor? 6 Respondeu ele: Cem cados de azeite. Disse-lhe então: Toma a tua conta, senta-te depressa e escreve cinqüenta. 7 Perguntou depois a outro: E tu, quanto deves? Respondeu ele: Cem coros de trigo. E disse-lhe: Toma a tua conta e escreve oitenta. 8 E louvou aquele senhor ao injusto mordomo por haver procedido com sagacidade; porque os filhos deste mundo são mais sagazes para com a sua geração do que os filhos da luz. 9 Eu vos digo ainda: Granjeai amigos por meio das riquezas da injustiça; para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos.

Jesus agora volta-se para **os discípulos**, mas os fariseus, para quem as parábolas do capítulo 15 haviam sido dirigidas, ainda estão em foco, servindo como realce para alguns dos ensinamentos do capítulo 16. O tema unificador deste capítulo é a atitude correta para com a riqueza e o seu uso acertado.

O principal personagem da parábola do mordomo infiel é uma pessoa de caráter repulsivo, completamente desprovida de escrúpulos morais e inteiramente devotada ao seu próprio bem-estar. Conseqüentemente, não devemos pensar que Jesus o está considerando como pessoa que deva ser admirada e imitada, como no caso de uma história que serve de exemplo, como a parábola do bom samaritano. Pelo contrário, é uma parábola, no seu sentido mais estrito. Há uma lição que pode ser aprendida até com um velhaco como este. Portanto, a nossa tarefa é descobrir o ponto específico que Jesus queria que essa história incomum expressasse. J. Jeremias (p. 127) subentende que essa história não fora produto da imaginação criativa de Jesus, mas uma ocorrência verídica, conhecida do povo a quem ele estava falando. Se este é o caso, Jesus simplesmente escolheu um assunto corrente de conversação e usou-o para ensinar uma lição importante.

O **mordomo** ou administrador de uma casa era geralmente um escravo capaz e de confiança. Neste caso, o mordomo ou "gerente de negócios" é um homem livre. Ele tinha responsabilidades excepcionalmente grandes, que se estendiam à gerência dos negócios do seu patrão. Porque ele estava encarregado de propriedade que não lhe pertencia, a situação do mordomo era paralela a de qualquer pessoa que tenha possessões materiais. Seja o que for que possuamos, isso nos foi confiado por Deus, que criou essas coisas, e a quem precisamos dar contas pelo seu uso.

Visto que não havia algo semelhante a uma auditoria anual de livros, naquela época, o conhecimento da má administração geralmente chegava ao proprietário na forma de **acusações** de desonestidade feitas por terceiros. Parece que não havia dúvidas quanto à culpa desse homem. O proprietário a considera provada, e as ações subseqüentes do mordomo são as de um homem sem defesa diante das acusações. **Presta contas** é, provavelmente, uma ordem para que ele prestasse contas dos registros dos negócios e transações feitas, como prelúdio do término do seu trabalho.

Defrontando-se com as perspectivas negras de desemprego, o administrador incompetente prevê uma verdadeira crise, em futuro imediato. Ele não tinha condições para trabalhar, e **vergonha** de **mendigar**. Se ele não pudesse tomar al-

gumas providências que prometessem certa medida de segurança financeira, ele morreria de fome. Estando a se esgotar o tempo que lhe restava, ele decide aproveitar-se dos poderes que ainda exercia, para executar atos que colocassem os devedores de seu patrão de forma que eles lhe ficassem devendo favores. Depois, na hora que precisasse, ele poderia recorrer a eles. Pode ser que os **devedores** fossem meeiros ou colonos, cujo débito era a parte do produto da terra que eles deviam ao proprietário. Mais provavelmente, eles eram mercadores que haviam recebido mercadoria dele, quanto às quais ainda não haviam acertado as contas.

Os débitos eram grandes. Uma medida de azeite perfazia cerca de quarenta litros. O débito do primeiro homem foi reduzido, dessa forma, de, aproximadamente, dois mil litros. Um **coro** de trigo media cerca de oitenta litros, o que significa que a dívida do segundo homem foi reduzida de cerca de quatrocentos litros (ou quilogramos).

Na maneira com está, o verso 8 é estranho. A observação de que o **senhor** louvou o mordomo parece estranha, pelo menos em vista do fato de que ele acabara de ser ludibriado em considerável soma pelo trapaceiro. A segunda parte (8b) precisa ser entendida como o comentário de Jesus a respeito da única característica notável desse indivíduo. Esta conclusão está baseada, contudo, no sentido, e não na construção da sentença. Pelo contrário, a conjunção "**porque** nos prepara para ficarmos sabendo a razão para a surpreendente recomendação do mordomo desonesto, feita pelo seu ex-patrão.

Devido a essas dificuldades, alguns intérpretes tomam **senhor** como referência a Jesus. Mas a súbita mudança para a primeira pessoa, no verso 9, é argumento contra esta interpretação. Tem sido conjecturado que o verso 9 é uma interpolação, o que resolveria o problema. Não obstante, parece melhor considerar a história como ela está, a despeito das dificuldades. O proprietário pode ser aquele tipo de pessoa astuta que aprecia tanto um bom estratagema, mesmo como aquele inventado pelo seu mordomo, embora seja às suas custas.

Pelo uso do adjetivo **injusto** (desonesto), Jesus indica a sua desaprovação genérica dos baixos padrões pelos quais esse homem agira. O comentário feito em 8 b contém a lição da parábola, a única coisa que pode ser aprendida de uma pessoa que em outros respeitos é completamente repreensível. À luz dos seus valores, necessidades e possibilidades, ele agiu **com sagacidade**. O homem sagaz é aquele cujas ações hoje são baseadas nas possibilidades do futuro. Naturalmente, o conceito que esse homem fazia do futuro era muito limitado. Ele era um **filho deste mundo**, que agia mediante os conceitos distorcidos e superficiais desta era. Mas ele previu o futuro, tomando as medidas que podia para se preparar para a crise inevitável que se delineava em seu futuro.

Os filhos da luz pertencem à nova era da redenção e governo de Deus. No seu futuro há um período de crise quando, como mordomos, lhes será requerido que prestem contas de sua mordomia. Jesus os conclama a agirem tão sagazmente à luz deste conhecimento, como agiu o mordomo desonesto, dentro de sua limitada compreensão do futuro.

Riquezas da injustiça são as possessões materiais. Em si mesma a riqueza é amoral, capaz de ser usada para grande bem ou grande mal. Devido ao desejo de obter grandes lucros, um proprietário pode forçar um inquilino a criar os seus filhos em um ambiente de cortiço, que os marca para o resto da vida. Outro homem pode investir o seu dinheiro em escolas, que ajudem a libertar as mesmas crianças da ignorância. No entanto, o dinheiro é mais freqüentemente usado de maneira egoística; e é por isso que ele tem um estigma tão mau.

De acordo com a sua decisão de seguir a Jesus, o discípulo deve usar o seu dinheiro para ajudar as pessoas que o seu Senhor veio libertar. O uso do nosso dinheiro deve ser condicionado pelo fato de que sabemos que ele é limitado e temporário, em sua utilidade. O exemplo do fazendeiro rico (12:16 e ss.) mostra exatamente **quando estas vos faltarem**: é quando um homem morre. Usando o dinheiro para **fazer amigos**, damos a ele um significado perene, pois ele é ivestido em relacionamentos que transcendem a morte. Portanto, verificamos que "o dinheiro pode servir para unir as pessoas, embora normalmente ele as divida". [28] **Eles** provavelmente é um circunlóquio para o nome de Deus (Strack-Billerbeck, II, p. 221). Deus, que tem interesse especial pelos pobres, recebe o seu mordomo fiel, que tem sido um canal do amor divino para os pobres, nos **tabernáculos eternos**.

2) O Correto Uso da Riqueza (16:10-13)

10 Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito; quem é injusto no pouco, também é injusto no muito. 11 Se, pois, nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras? 12 E se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso? 13 Nenhum servo pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar a um e amar ao outro, ou há de dedicar-se a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.

Entre as duas parábolas com que se inicia e termina o capítulo 16, há uma coleção de adágios de Jesus, reunidos sob o tema do uso da riqueza (v. 10-18). Devido à circulação originalmente em forma isolada, a conexão entre esses adágios é difícil de se perceber. Especialmente, isto é verdade em relação aos versículos 16-18, onde não se pode ter certeza nenhuma quanto ao exato significado dos mesmos, no contexto de Lucas.

Antes de tudo, o caráter do mordomo de Deus é agudamente diferenciado do homem da parábola anterior. Ele precisa ser **fiel** no uso dos bens que lhe foram confiados, de acordo com a vontade de Deus, que é o proprietário deles.

Nos versículos 10-13, há um jogo de imagens entre a riqueza mundana e o tesouro celestial. O **pouco** consiste nos bens materiais pelos quais a pessoa é responsável, no uso dos quais ela precisa provar que lhe pode ser confiado **muito**, isto é, as riquezas eternas, que Deus vai lhe dar. As **riquezas injustas** são as riquezas falsas e ilusórias do mundo, em contraste com as **verdadeiras**, que Deus dá, aos servos fiéis, após esta vida. Pensa-se, desta forma, na existência terrena de um indivíduo como o campo de provas em que o seu caráter é revelado. Um teste básico é a sua atitude em relação às possessões materiais.

Mais do que isto: as coisas do mundo são mencionadas como **alheias**. Um homem pode ter uma responsabilidade temporária, transitória, por uma fração mais ou menos pequena do mundo de Deus. Mas Deus não deu o mundo ao homem para que seja sua possessão privada. Ele retém a propriedade dela. Aquilo que Deus dá ao homem depois da morte, contudo, realmente lhe pertence, visto que não haverá limitações temporais quanto ao seu uso.

O conceito de uma pessoa a respeito dos valores da vida é determinado pelo **senhor** a quem ela serve. O verbo traduzido como **servir** (v. 13) é literalmente "ser escravo". O princípio é de que nenhum homem pode ser escravizado por dois senhores simultaneamente, ou seja, ele não pode prestar a sua lealdade final a duas pessoas ao mesmo tempo. O homem não tem o privilégio de decidir se vai ser servo (palavra de Lucas; cf. Mat. 6:24). Inerente ao fato de ele ser criatura, está o de que ele não é dono completo de sua própria vida. Ele é livre apenas para decidir que o senhor receberá a sua lealdade.

A vida pode dirigir-se em uma de duas direções, mas não em ambas. Encontramos os nossos valores e alvos dentro dos

28 Stagg, **Studies in Luke's Gospel**, p. 105.

limites estreitos do nascimento e da morte, e nas coisas que são susceptíveis à visão, gosto e toque. Por outro lado, podemos dedicar-nos a alvos que transcendem as exigências do corpo e do ego. Se fizermos das coisas materiais o nosso deus, gastaremos a vida e as energias adquirindo, guardando e usando egoisticamente essas coisas. Mas, se fizermos do Criador de todas as coisas o nosso Deus, seremos libertados, para devotarnos a valores mais elevados e mais significativos.

3) Comentários a Alguns Fariseus (16:14-18)

14 Os fariseus, que eram gananciosos, ouviam todas essas coisas e zombavam dele. 15 E ele lhes disse: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações; porque o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação.

16 A lei e os profetas vigoraram até João; desde então é anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem forceja por entrar nele. 17 É, porém, mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da lei.

18 Todo aquele que repudia sua mulher e casa com outra, comete adultério; e quem casa com a que foi repudiada pelo marido, também comete adultério.

Saem os discípulos; entram os **fariseus.** Através desta seção, tanto os fariseus como os discípulos estão presentes. Em 17:1 o ensino de Jesus será mais uma vez dirigido aos discípulos.

Embora o serviço de Deus e o amor ao dinheiro sejam mutuamente exclusivos, isto não é, necessariamente, verdade quanto à religião e amor ao dinheiro. Aqueles que interpretam a religião de maneira legalista e individualista freqüentemente não vêem nenhuma contradição entre ela e a acumulação de riquezas. Muitos membros de igreja, como os fariseus, atribuem o seu sucesso ao seu caráter justo, que fez com que Deus os favorecesse de maneira especial. Eles, muitas vezes, guardam rancor contra os pobres, convencidos de que as pessoas desprivilegiadas não teriam problemas se tão-somente fossem virtuosas e trabalhadoras. Os fariseus **zombavam** da conexão que Jesus traçara entre o uso da riqueza e o serviço de Deus.

Uma forma pela qual os ricos podem mostrar que são piedosos, isto é, **se justificarem a si mesmos diante dos homens**, é mediante a realização de atos religiosos prescritos. Em Mateus 6:1 e ss., Jesus ataca a ostentação da justiça expressa em atos piedosos, como esmolas, oração e jejum. Mas Deus **conhece os vossos corações**, ou a motivação para as coisas que o povo faz. Os atos piedosos são despidos do seu significado por causa da motivação errada. Quando uma pessoa age de maneira religiosa, como indo à igreja ou dando dinheiro, para provar aos homens que é justa, escolheu um caminho que leva à derrota própria. Os homens podem exaltá-la, mas, através do mesmo padrão, ela estará descendo na escala de valores de Deus.

Guardar a Lei era o alvo máximo do farisaísmo. Mas este não é mais um alvo válido, hoje em dia. A Lei e os Profetas consistiam em uma fase da história da redenção, que terminou com João, último profeta daquela era. [29]

Agora, contudo, outro período havia começado — a época do cumprimento, para a qual apontavam a Lei e os Profetas. Agora, o **evangelho... é anunciado**; a porta do reino está aberta; exige-se uma decisão.

Todo homem forceja por entrar é uma das frases mais difíceis do Novo Testamento. O verbo traduzido como **forceja por entrar**, na voz média, geralmente significa "forçar, oprimir, constranger". No sentido passivo, significa "ser forçado", etc. Black [30] crê que a alocução aramaica original, proferida por Jesus, era "Todo homem o oprime", isto é, o reino.

29 Lucas 16:16 é um dos versículos-chave, em que Conzelmann (p. 16 e s.; cf. p. 20 e ss.) baseia o seu modo de entender o ponto de vista de Lucas, acerca da história da redenção esboçada em seu livro.

30 op. cit., p. 84.

Este verbo, provavelmente, retêm um sentido semelhante a este em Mateus 5:18, mas a estrutura da frase e o seu contexto são diferentes em Lucas. Aqui, provavelmente, deve-se-lhe dar este sentido: "Todo homem está assediando-o ansiosamente." **Todo homem** é considerado como hipérbole, referindo-se ao povo, que responde à proclamação do evangelho. Esta interpretação se encaixa bem na ênfase missionária e universalista de Lucas (Gottlob Schrenk, TDNT, I, p. 609 e ss.).

A declaração do verso 17 concorda com o dogma judaico de que a **Torah** é eterna. Mas a passagem mostra que o propósito da Lei é interpretado em um sentido completamente diferente. A Lei não é considerada a revelação final, última, de Deus. Não é questão de a Lei se tornar nula, mas do cumprimento do seu propósito. A função da Lei é levar e apontar para a pregação do evangelho. **Til** é um ornamento florístico, adicionado a uma letra (Strack-Billerbeck, I, p. 249).

Cita-se um exemplo que mostra como a época da pregação do evangelho avança além da época da Lei. De acordo com a Lei, um homem podia divorciar-se de sua esposa — "por qualquer motivo", na opinião de alguns rabis (Deut. 24:1-4). Mas a época do reino deverá ser como a época do princípio. E no princípio Deus havia criado homem e mulher, e estabelecera uma unidade entre eles, que só seria quebrada com a morte (cf. Mar. 10:2-12; também Mat. 5:31,32; 19:7-10). Jesus insiste que as exigências radicais do reino de Deus vão além das da Lei. Mas estaremos usando erradamente o seu ensinamento a respeito do ideal para o casamento, se ele se tornar o ponto de partida para o estabelecimento de uma nova casuística legalista, a ser usada como base para se distinguir entre pessoas "boas" e "más". Esta armadilha sutil do legalismo, que faz com que o cristianismo seja a própria espécie de instituição que Jesus atacou, precisa ser evitada.

No seu contexto em Lucas, esta passagem deve significar que os ensinamentos de Jesus superam as idéias farisaicas a respeito da justiça e da riqueza, baseadas em sua interpretação da Lei. O momento presente está sob a égide do reino de Deus. Os tesouros celestiais precisam ser o alvo da vida.

4) O Rico e Lázaro (16:19-31)

19 Ora, havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo, e todos os dias se regalava esplendidamente. 20 Ao seu portão fora deitado um mendigo, chamado Lázaro, todo coberto de úlceras; 21 o qual desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as úlcerás. 22 Veio a morrer o mendigo, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico, e foi sepultado. 23 No hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe a Abraão, e a Lázaro no seu seio. 24 E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e envia-me Lázaro, para que molhe na água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. 25 Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que em tua vida recebeste os teus bens, e Lázaro de igual modo os males; agora, porém, ele aqui é consolado, e tu atormentado. 26 E, além disso, entre nós e vós está posto um grande abismo, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem os de lá passar para nós. 27 Disse ele então: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, 28 porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho; a fim de que não venham eles também para este lugar de tormento. 29 Disse-lhe Abraão: Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos. 30 Respondeu ele: Não! pai Abraão; mas, se alguém dentre os mortos for ter com eles, hão de se arrepender. 31 Abraão, porém, lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos.

Esta parábola é coerente com os temas já apresentados em Lucas, e também os ilustra. Lembramo-nos, especialmente, das bem-aventuranças pronunciadas sobre os pobres, e dos ais sobre os ricos, no grande sermão (6:20 e ss.). Historietas acerca de temas similares a este — o destino do pobre justo e do rico injusto —

eram comuns, tanto no Egito como na Palestina. Uma dessas deve ter fornecido o esboço para esta parábola de Jesus. Essa história tem dois gumes. Ela não indica apenas como Deus inverte as categorias e valores da sociedade humana; também ensina que um sinal, mesmo tão sensacional como uma ressurreição, não servirá para convencer os incrédulos.

Com grande economia de palavras, Jesus pinta um quadro vivo de dois homens que representam os extremos da sociedade humana. Um deles é **rico**. Ele se veste excepcionalmente bem; suas refeições são banquetes diários. **Púrpura** era a fazenda caríssima com que se faziam as vestimentas exteriores vestidas pela realeza. Essa palavra originalmente designava o corante caríssimo que era usado na manufatura da fazenda. A roupa interior do rico era feita de **linho** custoso, cuja produção se tornara uma fina arte no Egito.

O rico é anônimo, bem como todos os outros personagens das parábolas de Jesus. A única exceção a essa regra é este pobre mendigo. Em nossa época, sem dúvida, ficaríamos sabendo o nome do rico, pois os pobres é que são membros anônimos da sociedade humana. O nome **Lázaro** significa "Deus ajuda", o que, provavelmente, é significativo. Lázaro é uma dessas pessoas que, em seu desespero, se voltam para Deus, em quem fazem descansar todas as suas esperanças, e assim aceitam sem queixas todas as desigualdades da vida. Visto que ele **fora deitado** ao **portão**, presumimos que era aleijado ou prejudicado por sua doença. Um sintoma de sua enfermidade era um corpo coberto de **úlceras**, condição não incomum a pessoas que subsistem com dieta extremamente deficiente e vivem em condições insalubres.

O pão servia de guardanapo naqueles dias. Depois de usado, era lançado para debaixo da mesa. Lázaro se colocara na entrada do palácio do rico, a fim de conseguir algum desse pão. Visto que a linguagem da parábola não dá a entender que ele fora repelido, podemos supor que se conservava vivo comendo pão rejeitado. Tão indefeso e fraco estava o pobre mendigo, que não podia afugentar os **cães** que vagueavam pelas ruas da cidade e agravavam as suas feridas, lambendo-as.

O pobre **morreu** — para surpresa de ninguém. De fato, era de se admirar que tivesse vivido tanto tempo. Uma idéia corrente, entre os judeus, era que **anjos** levavam os mortos para o seu destino eterno. **Abraão** é o primeiro participante da festa messiânica, mencionada em 13: 28. A expressão **no seu seio** significa que o lugar do mendigo era bem ao lado do pai de todo o Israel, em seu peito, no lugar de honra.

Mas o rico não havia seguido o princípio estabelecido por Jesus (12:33). Agora começamos a ver as conseqüências. **Morreu também o rico**. Aí está o choque. Não nos parece correto que o rico e poderoso sucumba às mesmas doenças que ferem o pobre. Mas a morte é a grande zombadora das nossas pretensões e arrogância, das nossas insignificantes divisões sociais, baseadas em raça e riqueza. Por fim vemos que todos, igualmente, somos feitos da mesma substância frágil. O rico teve um enterro decente e honroso, o toque final apropriado para um homem "abençoado" tão singularmente. Do nascimento até a morte, a história é a mesma. Nenhuma expressão do juízo de Deus em infortúnio ou fracasso terreno é mencionada na história.

Hades é usado aqui, apenas em o Novo Testamento, como sinônimo de Geena (cf. 12:5). É geralmente o equivalente ao hebraico **Sheol**, lugar dos mortos. Agora a situação se inverte. Lázaro estivera do lado de fora, olhando de modo comovente, enquanto o rico se banqueteava. É a vez do rico estar do lado de fora, agora, olhando.

O rico também era descendente de Abraão, relação que é reivindicada pelo rico e reconhecida por Abraão. Mas a

raça não é fator decisivo para se determinar o relacionamento de um homem com Deus. Agora chegamos à verdadeira razão para a surpreendente inversão de situações dos dois homens na eternidade. O rico recebera em vida os **seus bens**. Ele não tinha por que se queixar. Tendo feito das roupas boas e da boa comida o seu alvo, ele gozara de ambos em medida abundante. A sua vida fora um círculo fechado, em que havia dinheiro, comida, roupas, diversão, etc. Mas ele deixara Deus de lado. Não que fosse necessariamente irreligioso. Ele simplesmente se havia apropriado do que pertencia a Deus, e permitira que uma das criaturas de Deus morresse na miséria à sua porta. Todas as suas orações, jejuns, esmolas e sacrifícios no Templo não podiam mudar o fato de que ele era um ateu praticante. Por outro lado, Lázaro havia esperado ajuda de Deus, e também tivera sucesso, pois recebera o que mais queria.

Um grande abismo faz com que seja impossível que Lázaro chegue até onde está o rico. Perguntamos: Quem cavou o abismo? A resposta é clara: o rico. É o abismo que o havia separado, em sua abundância, de Lázaro, em sua miséria. A única coisa que ele não havia considerado era que Deus estava do mesmo lado do abismo que Lázaro. Ao fechar Lázaro do lado de fora de sua casa, ele fizera o mesmo com Deus.

Agora ele pensa em seus irmãos. Se Lázaro não podia atravessar o abismo que havia entre eles, talvez ele pudesse reaparecer em vida, para **lhes dar testemunho**, pois eles tinham o mesmo padrão de valores pelos quais ele havia vivido. Abraão replica que **Moisés e os profetas** falariam aos seus irmãos, se eles se dignassem a ouvi-los. **Moisés** era sinônimo, naquela época, do Pentateuco ou **Torah**. O rico também possuíra essas Escrituras, mas se queixa de que elas são insuficientes. A única coisa que impediria os seus irmãos de terem o mesmo destino que ele seria um espetáculo grande, sobrenatural — a ressurreição dos mortos. Mas Abraão afirma que as pessoas que são surdas para Moisés e os profetas dificilmente serão convencidas, mesmo por uma ressurreição. O problema não é que lhes faltem evidências; eles simplesmente ignoram as evidências que têm. Talvez esta seja uma explicação por que o Senhor ressurrecto aparece apenas a crentes. É só para eles que a sua ressurreição tem significado, pois a genuína conversão não é um produto do sensacionalismo.

6. O Caráter do Discípulo (17:1-10)

1) Responsabilidade Para com os Outros (17:1-4)

1 Disse Jesus a seus discípulos: É impossível que não venham tropeços, mas ai daquele por quem vierem! 2 Melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho e fosse lançado ao mar, do que fazer tropeçar um destes pequeninos. 3 Tende cuidado de vós mesmos; se teu irmão pecar, repreende-o; e, se ele se arrepender, perdoa-lhe. 4 Mesmo se pecar contra ti sete vezes no dia, e sete vezes vier ter contigo, dizendo: Arrependo-me; tu lhe perdoarás.

Somos alertados pelo comentário introdutório de que os ensinamentos que se seguem foram ministrados aos **discípulos**. Neste parágrafo, Jesus fala a respeito do problema de relacionamentos dentro da comunidade constituída pelos seus seguidores.

Tropeços é tradução de uma palavra grega: **skandala**, que originalmente significava a isca colocada em uma armadilha. Em o Novo Testamento, o seu significado mais comum é o engodo que leva uma pessoa a cair no pecado. A palavra dura, o ato impensado, a observação frívola, — estas facetas injuriosas das relações humanas são inevitáveis. Mas isso não diminui a seriedade do ato, nem a responsabilidade do ofensor.

Teria sido melhor que a pessoa que é culpada de ações que ferem a outrem tivesse morrido. A **pedra de moinho** é aquela para a qual a força motora era fornecida por uma mula ou um burro. A pessoa, a cujo pescoço essa pedra fosse

atada, mergulharia rapidamente no fundo do mar. **Pequeninos** provavelmente não se refere especificamente a crianças, embora elas possam ser incluídas. Os pequeninos são membros menos importantes, da comunidade, que são mais vulneráveis aos atos dos líderes. No texto grego, **um** é colocado em posição enfática. É coisa terrível ofender, mesmo que seja uma dessas pessoas que podem ser consideradas insignificantes pelos padrões sociais comuns. A divisão em versículos não é bom; o versículo 3 é a conclusão da advertência dos versículos 1 e 2.

O discípulo é responsável por comunhão em quaisquer condições, responsável para que os seus atos não a afetem, e responsável quando outra pessoa a ameaça, ofendendo-o. Não nos é permitido recuarmos para detrás de muros, para alimentar as feridas feitas pelos outros. O ensino de Jesus não nos permite dizer: "Ele é a parte culpada; portanto, é ele que deve vir a mim." Jesus diz que devemos **repreender** os nossos irmãos ofensores. Isto não significa que devemos atacá-los com acusações arrogantes e exigências de que eles nos peçam perdão. Pelo contrário, devemos procurar o irmão, expor-lhe o problema, com toda a sua seriedade, e expressar o desejo de restabelecer a comunhão. Se a atitude dele for correta, ele tomará a decisão apropriada sem coação. Este ensinamento pressupõe um desejo de comunhão também da parte dele.

Quantas vezes deve a pessoa perdoar? **Sete vezes no dia**, o que significa que não há limites para perdoar (cf. Mat. 18:21, 22). Nunca chega a hora de o seguidor de Jesus dizer: "Agora não dá mais; não vou perdoar mais." A atitude para com o irmão deve ser sempre de perdão, que procura apenas uma oportunidade para se expressar. Além disso, o perdão não julga. Leva a pessoa a aceitar o semelhante como é, sem procurar ver, em seus atos, qualquer hipocrisia ou falta de seriedade. O perdão precisa ser dado à medida que for pedido.

2) A Necessidade de Fé (17:5,6)

5 Disseram então os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé, 6 Respondeu o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te, e planta-te no mar; e ela vos obedeceria.

Os discípulos pedem **fé**, dizendo, "Dá-nos fé", ou uma fé maior, como no texto. O grego permite ambas essas traduções. Talvez o pedido feito pelos **apóstolos** deva ser entendido como uma reação aos ensinamentos que requerem tanto, que eles haviam acabado de ouvir. O relacionar-se com os outros nos termos estabelecidos por Jesus está além da capacidade humana. Um simples homem precisa de fé para se elevar acima dos padrões costumeiros de relações humanas.

A resposta de Jesus mostra que não é questão de pequena fé ou grande fé. O problema é se uma pessoa tem alguma fé. O **grão de mostarda** é proverbialmente pequeno. Conseqüentemente, a menor quantidade de fé é suficiente para capacitar a pessoa que a tem a realizar feitos extraordinários. Mateus cita as mesmas palavras em dois contextos diferentes (17:20; 21:21; cf. também Mar. 11:23). No primeiro Evangelho, a figura é o transporte de um monte, e não o desarraigamento de uma árvore. Mas a diferença das figuras usadas não é importante, visto que qualquer uma delas é completamente incrível.

Note-se que a fé é demonstrada pelo poder da palavra que indica que se crê. O homem que tem fé fala, e o poder de Deus é demonstrado. Isto concorda com a ênfase dada, pelos sinópticos, ao poder da palavra de Jesus, e, além disso, é ilustrado por declarações feitas por Paulo (Rom. 15:18,19; I Cor. 2:4; 4:20). Esta declaração não deve ser diluída, pelo fato de a espiritualizarmos. Ela significa simplesmente que a pessoa que tiver a menor quantidade de fé possível se torna instrumento do ilimitado poder de

Deus. Por outro lado, precisamos reconhecer que a fé não é uma mágica, pela qual controlamos Deus. Da mesma forma, não é sinônimo de presunção. Não podemos usá-la para colocar Deus contra a parede, e forçá-lo a produzir um "show" sensacional, que nos permita elaborar as manchetes.

3) **Serviço Incondicional** (17:7-10)

7 Qual de vós, tendo um servo a lavrar ou a apascentar gado, lhe dirá, ao voltar ele do campo: Chega-te já, e reclina-te à mesa? 8 Não lhe dirá antes: Prepara-me a ceia, e cinge-te, e serve-me, até que eu tenha comido e bebido, e depois comerás tu e beberás? Porventura agradecerá ao servo, porque este fez o que lhe foi mandado? 10 Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: Somos servos inúteis; fizemos somente o que devíamos fazer.

Visto que a posse de escravos era comum, nos tempos antigos, esta é outra das ilustrações que se aproveita da experiência humana. Esta história não pode ser usada para justificar a escravidão, da mesma forma como a Parábola do Mordomo Infiel não pode ser usada para justificar a trapaça. Não há nenhuma indicação de que algum dos discípulos fosse proprietário de terras ou senhor de escravos. Portanto, Jesus estava simplesmente dizendo: "Dadas estas circunstâncias, esta é a forma pela qual o povo normalmente age." Obviamente, nenhum homem pode fazer comércio de outros seres humanos, se levar a sério a ordem para amar o próximo como a si mesmo.

A pessoa focalizada neste exemplo tem apenas um escravo, que é a correta tradução da palavra grega **doulos** (servo). Devido a isso, o coitado deve fazer trabalho duplo, como trabalhador rural e serviçal caseiro. Só a pessoa que teve a experiência de arar o dia inteiro pode imaginar como esse escravo devia estar cansado, quando finalmente chegou o fim do dia. Mas os seus deveres de escravo não haviam terminado. Ele ainda devia preparar a refeição vespertina e servir o seu senhor à mesa, antes de poder comer e descansar. Mesmo depois de tantas horas de trabalho árduo, ele ainda não devia esperar nenhuma gratidão. Por quê? Porque fez apenas o que se esperava que ele, sendo escravo, fizesse. O senhor ordena; o escravo obedece. Esta é a forma como as coisas são.

A aplicação desta história encontra-se no versículo 10. Quando Deus ordena, o homem, como servo, como escravo, deve obedecer. Se ele fizer tudo o que lhe for ordenado, não deve esperar que isso lhe propicie qualquer distinção especial. **Servos inúteis** não indica uma depreciação do ego ou do valor do trabalho feito. Esta expressão simplesmente significa que o servo fiel de Deus não pode jactar-se de suas realizações, mas deve lembrar-se que não fez nada mais do que o seu dever isto é, o que **devia fazer.**

Precisamos lembrar que Jesus pensava a respeito de si mesmo como servo. Como servo ele viveu e morreu, não pedindo nada mais do que fazer a vontade de Deus. Paulo também referiu-se a si mesmo como escravo de Deus (por exemplo, Rom. 1:1). O que está em jogo aqui não é a atitude de Deus para conosco e nosso trabalho nem a nossa atitude para com os outros e seu trabalho. É a nossa atitude para com o que fazemos, no serviço de Deus.

Por um lado, o evangelho se refere à bondade e ao amor de Deus, derramados sobre os seus filhos. Por outro lado, ele inclui a nossa reação de obediência amorosa, como servos de Deus. Mas deve-se tomar cuidado para enfatizar que a bondade de Deus deve sempre ser recebida como graça (favor imerecido), e não como pagamento por serviços feitos. Deus nunca fica devendo ao homem. E, também, nenhum homem, baseando-se em estatísticas de horas trabalhadas ou serviços prestados, pode esperar ser tratado como filho favorito de Deus.

7. A **Cura de Dez Leprosos** (17:11-19)

11 E aconteceu que, indo ele a Jerusalém, passava pela divisa entre a Samária e a

Galiléia. 12 Ao entrar em certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos, os quais pararam de longe, 13 e levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem compaixão de nós! 14 Ele, logo que os viu, disse-lhes: Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram limpos. 15 Um deles, vendo que fora curado, voltou, glorificando a Deus em alta voz; 16 e prostrou-se com o rosto em terra, aos pés de Jesus, dando-lhe graças; e este era samaritano. 17 Perguntou, pois, Jesus: Não foram limpos os dez? E os nove, onde estão? 18 Não se achou quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro? 19 E disse-lhe: Levanta-te, e vai; a tua fé te salvou.

No esboço, feito por Plummer (p. 402), a respeito de Lucas, a terceira e última parte da seção da "viagem" começa aqui. **Entre a Samária e a Galiléia**, isto é, na fronteira entre as duas regiões, é, provavelmente, a interpretação correta da expressão preposicional. É possível verter essa expressão como "pelo meio de Samária e Galiléia". Não obstante, não há jeito de fazer esta nota se encaixar em um esquema de progresso ordenado, na viagem da Galiléia para Jerusalém, começando com 9:51 e terminando com 19:40. Depois que Jesus fora rejeitado por uma aldeia samaritana (9:52 e s.), podemos presumir que ele então tomou a rota circular através da Peréia. Em Lucas se diz, de fato, que ele entrou na Judéia, vindo dessa direção, através da cidade fronteiriça de Jericó. Porém, mesmo quando a narrativa acerca da viagem chega ao seu fim, Jesus é colocado aqui de novo, na fronteira entre Galiléia e Samária.

Conzelmann (p. 68 e ss.) cita este fato como evidência da noção errônea de Lucas a respeito da geografia da Palestina. Mas há lugares, em Lucas e Atos, especialmente no último, em que se pode perceber uma genuína familiaridade com a geografia dessa região. Talvez as incongruências do verso 11 sejam melhor explicadas pelo fato de outras considerações terem superado as estritamente geográficas. Primeiro, os leitores são lembrados, mais uma vez, que Jesus está a caminho de Jerusalém, o que é primordialmente um tema teológico, em Lucas (veja sobre 9:51). Segundo, a narrativa inserida aqui exige uma localização consentânea. Podia-se esperar que na região fronteiriça se encontrasse um bando misto de leprosos samaritanos e judeus, cujas diferenças raciais fossem ultrapassadas pelos laços da miséria comum.

De acordo com Levítico 13:46, o leproso devia ser isolado das relações sociais com todas as pessoas, menos as atacadas do mesmo mal. Visto que o bando de **dez leprosos** mantivera alguma distância de Jesus e dos que o acompanhavam, tiveram que levantar a sua voz, a fim de fazer ouvir os seus rogos. **Mestre** é tradução de uma palavra característica de Lucas, e que, em outras ocasiões, só se encontra provinda dos lábios dos discípulos. Esta, juntamente com mestre, servia de sinônimo da palavra semita "Rabi".

Jesus responde, aos dolorosos rogos daqueles homens doentes, condenados ao ostracismo, com uma ordem, e não com um ato de cura: **Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes**. Depois que fosse curado, requeria-se que o leproso se submetesse, conforme a Lei, a um exame, feito por sacerdote, que determinaria oficialmente se o homem estava curado, para poder ser reintegrado na sociedade (veja Lev. 13 e 14). Portanto, a ordem de Jesus foi uma exigência de fé. Esses doentes deviam dirigir-se aos sacerdotes, confiando que antes de chegar lá estariam curados. Todos eles obedeceram à ordem de Jesus, e todos eles foram curados.

Naqueles dias de limitados recursos médicos e pequeno conhecimento, um leproso podia esperar apenas um milagre de Deus. A sua cura era considerada como um sinal da misericórdia de Deus. Ao descobrir que estava curado, um dos dez voltou a Jesus, **glorificando a Deus em alta voz**. Ele não apenas louvou a Deus, mas também caiu aos pés de Jesus, em reverência a ele por ter sido o instrumento de sua cura. Só então ficamos

sabendo qual era a identidade racial do leproso curado. O pronome pessoal **este** (v. 16b) é enfático, o que sublinha o fato de que, dos dez, apenas aquele que voltara não era judeu: era **estrangeiro**, ou seja, **samaritano**. As perguntas que Jesus faz (v. 17 e 18) são retóricas, levantadas para fazer contrastar a ação desse samaritano agradecido com a dos judeus, que aceitaram a cura como se ela lhes fosse devida. Ele é descrito como **estrangeiro**, representando, neste Evangelho, todos os povos não-judeus. Os samaritanos figuram mais proeminentemente em Lucas do que em qualquer outro dos Evangelhos, porque, para ele, prefiguram a missão aos gentios. Este incidente é um sinal da rejeição do evangelho pelos judeus, e a sua entusiástica recepção pelos outros povos, tendências que se tornaram fatos estabelecidos por volta de 85 d.C.

Todos os leprosos criam em Deus, ou seja, na possibilidade de cura miraculosa, pois, do contrário, não teriam atendido às instruções de Jesus. Como é, então, que só ao samaritano foram dirigidas as palavras: A **tua fé te salvou**? A fé precisa constar de algo mais do que crença no poder de Deus, para operar milagres. Ela também inclui o reconhecimento de que as suas misericórdias não são merecidas, o que significa que a gratidão é um corolário essencial da fé. Nove dos leprosos haviam sido curados em vão, pelo fato de que os seus espíritos egoístas não haviam sido transformados. Só um havia reagido espontaneamente à bondade de Deus, e reconhecera a relação entre Jesus e os atos poderosos de Deus. Portanto, na verdade, só um tinha fé.

8. O Reino de Deus e o Filho do Homem (17:20-18:14)

1) O Reino Está Dentro de Vós (17:20,21)

20 Sendo Jesus interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, respondeu-lhes: O reino de Deus não vem com aparência exterior; 21 nem dirão: Ei-lo aqui! ou: Ei-lo ali! pois o reino de Deus está dentro de vós.

Embora encontremos material apocalíptico, em Mateus e Marcos, concentrado em um só capítulo (Mat. 24; Mar. 13), Lucas tem duas passagens dessas, a primeira das quais começa aqui. Esta é a primeira de quatro passagens em que a questão do tempo da **Parousia** é tratada especificamente em Lucas-Atos (também 19:11; 21:7; At. 1:6).

A relação entre Jesus e os fariseus é descortinada apenas em Lucas. Discussões a respeito de sinais que podiam identificar ou apontar para o início do reino messiânico evidentemente agitavam consideravelmente os círculos farisaicos. [31] A pergunta feita pelos fariseus era, para eles, portanto, importante. Não há sugestão de que ela tenha sido feita com outro intento que não a séria esperança de que Jesus, como mestre, fosse capaz de lançar alguma luz na discussão. Mas ele simplesmente nega a validade da pergunta, porque a resposta não é acessível a seres humanos. Jesus ensinou que o futuro pertence a Deus, e que devemos confiar que ele o conduzirá corretamente. **Com aparência exterior** é tradução de uma expressão preposicional, encontrada apenas aqui. Não há possibilidade de sermos dogmáticos a respeito do seu significado em grego, nem a respeito de qualquer expressão aramaica antecedente. No entanto, o sentido geral é claro. Não há base para os homens poderem predizer a data do início da consumação futura. Os ensinos de Jesus, a respeito do futuro, conclamam os ho-

31 Strack-Billerbeck, IV, **Zweiter Teil**, p. 977 e ss. Uma extensa digressão, sobre "sinais e cálculos preliminares acerca dos dias do Messias", dá exemplos do Talmude. Embora essa obra seja posterior ao ministério de Jesus, podemos concluir que cálculos semelhantes, com o fim de determinar o começo do reino, também foram feitos pelos círculos fariseus contemporâneos a Jesus. G. R. Beasley-Murray, em **Jesus and the Future** (p. 173 e ss.), indica que, à guisa de contraste, não há "sinal de cálculos matemáticos" em Marcos 13. O mesmo pode ser dito de outras passagens semelhantes dos Evangelhos.

mens, das loucas especulações a respeito de tempos e estações, para uma percepção da seriedade do momento presente. Cada momento é carregado com tanto potencial quanto qualquer outro momento. Nenhum momento, no futuro, pode ser mais crítico do que este em que estamos vivendo, pois qualquer coisa que aconteça no futuro pode acontecer **agora mesmo**.

Todas as interrogações a respeito da época da revelação do reino de Deus são fúteis; da mesma forma, também as especulações a respeito de lugar. As pessoas estavam perguntando como podiam reconhecer a vinda do reino, quando, na verdade, estavam cegas para a presença do reino no meio delas. Jesus chama os seus interrogadores de volta das especulações infrutíferas, acerca do futuro, para uma confrontação com o reino no presente.

O significado da preposição **entos** (**dentro de**) é ainda muito debatido. As duas possibilidades são "no meio de" ou "dentro". Podemos nos descartar da idéia de que Jesus pensa no reino como uma realidade espiritual, imanente, com possibilidades evolucionistas ilimitadas. Esta idéia está em oposição direta ao seu significado primordial, no pensamento judaico e em o Novo Testamento. O reino é o governo transcendental de Deus, que garante o estabelecimento de uma nova ordem no universo, que significa destruição para a época atual, de trevas e rebelião. Em Lucas, o reino de Deus está presente na vida e ensino de Jesus, cujas palavras e atos se tornam a base para a fé nele e uma compreensão de sua natureza. Porém, mesmo assim, ainda podemos falar do reino como estando tanto "dentro" do homem como "entre" os homens. Em Jesus, o reino de Deus estabelece as suas reivindicações sobre o coração, isto é, sobre a vontade e as lealdades do homem, e exige uma decisão. Não é, por conseguinte, uma questão do que está "lá fora", quer no tempo, quer no espaço; mas do que está "aqui dentro", em termos da reação interior às exigências do reino, aqui e agora.

Ao mesmo tempo, o Filho do homem estava "entre" o povo judeu, ao tempo em que eles o estavam procurando "lá fora". Ele era a realidade decisiva com que eles tinham que se haver. Em vez de especulações inúteis a respeito do tempo e do lugar do reino futuro, eles precisavam corresponder a esta manifestação do governo de Deus, arrependendo-se, isto é, voltando-se para Deus e fazendo dele o seu rei.

2) Os Dias do Filho do Homem (17:22-37)

22 Então disse aos discípulos: Dias virão em que desejareis ver um dos dias do Filho do homem, e não o vereis. 23 Dir-vos-ão: Ei-lo ali! ou: Ei-lo aqui! não vades, nem os sigais; 24 pois, assim como o relâmpago, fuzilando em uma extremidade do céu, ilumina até a outra extremidade, assim será também o Filho do homem no seu dia. 25 Mas primeiro é necessário que ele padeça muitas coisas, e que seja rejeitado por esta geração. 26 Como aconteceu nos dias de Noé, assim também será nos dias do Filho do homem. 27 Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e os destruiu a todos. 28 Como também da mesma forma aconteceu nos dias de Ló; comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; 29 mas no dia em que Ló saiu de Sodoma choveu do céu fogo e enxofre, e os destruiu a todos; 30 assim será no dia em que o Filho do homem se há de manifestar. 31 Naquele dia, quem estiver no eirado, tendo os seus bens em casa, não desça para tirá-los; e, da mesma sorte, o que estiver no campo, não volte para trás. 32 Lembrai-vos da mulher de Ló. 33 Qualquer que procurar preservar a sua vida, perdê-la-á, e qualquer que a perder, conservá-la-á. 34 Digo-vos: Naquela noite estarão dois numa cama; um será tomado, e o outro será deixado. 35 Duas mulheres estarão juntas moendo; uma será tomada, e a outra será deixada. 36 (Dois homens estarão no campo; um será tomado, e o outro será deixado.) 37 Perguntaram-lhe: Onde, Senhor? E respondeu-lhes: Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão também os abutres.

O problema do interregno, o período entre o ministério de Jesus e a **Parousia**, tornou-se especialmente agudo para a

comunidade cristã ao tempo em que Lucas escreveu este seu Evangelho. Dois perigos particulares precisavam ser defrontados. O primeiro era a possibilidade de desespero e falta de fé. O outro era o apelo enganoso do sensacionalismo apocalíptico. Estas são as espécies de considerações que determinaram a seleção e o uso de palavras de Jesus usadas por Lucas aqui e em outras partes do seu Evangelho. Os ensinos e advertências são dirigidos aos **discípulos**, isto é, à Igreja.

O intenso desejo de uma igreja peregrina e mártir será alcançar o destino para o qual está avançando. Como os fariseus, os discípulos também se preocupavam com o fim do século. **Os dias do Filho do homem** são considerados, por Leaney (p. 68 e ss.), como referentes às manifestações que começam com a transfiguração, em que os discípulos testemunharam a glória de Jesus como Filho do homem. Essa experiência teria propiciado inspiração e esperanças renovadas, para ajudá-los a enfrentar os problemas da vida nesta era. Esta interpretação é possível, mas dificilmente provável aqui. Pelo contrário, toda a passagem trata do problema de uma **Parousia** que não acontece quando esperada e ansiada. **Dias do Filho do homem** é sinônimo de "dias do Messias", expressão rabínica, designando a era messiânica (Strack-Billerbeck, II, p. 237). De acordo com Conzelmann, "o plural indica que o **Escathon** não é mais imaginado como um evento completo, mas como uma sucessão de acontecimentos distintos um do outro" (p. 124). O que eles ansiavam por ver era o raiar da nova era. Mas os anseios eram em vão; "não porque ela nunca virá, mas porque ela não virá nos dias em que se anseia por ela" (Plummer, p. 407).

Nesta situação, os seguidores de Jesus serão especialmente susceptíveis aos pronunciamentos autoritários dos apocalipsistas. Porém, qualquer esforço para identificar o lugar e o tempo da **Parousia** deve ser rejeitado. Essas declarações são incongruentes com o que Jesus ensinou a respeito do fim dos tempos. No começo da história da Igreja, foram criados problemas por pessoas que ensinavam que a **Parousia** já havia ocorrido (cf. II Tess. 2:2). É este tipo de declaração que a advertência de Jesus anula.

Os sinais serão totalmente desnecessários, porque quem o Filho do homem é e o que ele será está bem claro para todos. Ele será tão brilhante como um clarão de **relâmpago**, que ilumina todo o céu (como ele apareceu na transfiguração — 9:29). Note-se a pequena, mas significativa diferença da passagem paralela, em Mateus 24:27. Ali, será a **Parousia**, que será semelhante ao clarão do relâmpago; aqui, é o próprio Filho do homem.

Porém, antes de acontecer a **Parousia** do Filho do homem, ele precisava **primeiro** sofrer. Talvez esta declaração, além disso, insinue que o caminho do sofrimento também seja essencial para a Igreja, antes que ela possa experimentar a glória da nova era.

A experiência da geração de **Noé** é usada como ilustração da impossibilidade de se prever o fim dos tempos. Não houve sinais. A vida estava continuando na sua rotina diária, quando o **dilúvio** começou de repente, sem aviso prévio, e **os destruiu a todos**. Ao contrário das pregações imaginosas que se tem feito, o Velho Testamento não diz nada a respeito de advertências, nem da parte de Noé. A mesma situação prevalecia por ocasião da destruição de **Sodoma**. A vida, nessa ímpia cidade, estava continuando como de costume, até que veio **o dia em que Ló saiu de Sodoma**. Os únicos dias diferentes foram os da catástrofe.

Da mesma forma, a vida nesta era continuará inalterada até o dia da **Parousia**. O ponto de vista básico, do qual isto é declarado, é apocalíptico, mas é um apocalipticismo despido dos seus aspectos sensacionais. É apocalíptico porque expressa a opinião pessimista de que a ordem do mundo atual é essencial e irremediavelmente corrupta. Ele tam-

bém está baseado na convicção de que o reino de Deus é uma realidade transcendental, que interromperá o processo corrupto desta era. A era messiânica não é considerada uma utopia, que é o estágio final de uma evolução inevitável, em direção do bem.

As advertências do versículo 31 se enquadram melhor no seu contexto em Mateus 24:17,18 e Marcos 13:15,16, onde se referem à destruição de Jerusalém. Aqui elas se referem e dão ênfase à necessidade de se estar preparado e pronto quando **o Filho do homem se há de manifestar**. A dedicação a Deus precisa ser tão completa que ultrapasse e anule todo e qualquer desejo de apego às coisas desta era. Nesta conexão, a referência à mulher de Ló é importante (v. 32). Em vez de enfrentar resolutamente o futuro, ela olhou para trás, com saudade do passado, algo que os discípulos não podem fazer no último momento. Esta tentativa de salvar a vida (sendo a existência interpretada em termos de posses e posição nesta era) fará com que a pessoa a perca, isto é, perca o futuro que Deus preparou para o povo que está pronto para essa espécie de vida.

Quando o fim vier, cortará as mais íntimas relações da ordem atual. A vinda é retratada como algo que tem lugar próximo ao fim da última vigília (cf. 12:38), isto é, quando os covardes abandonarem toda esperança. Os homens ainda estão na cama,[32] mas as mulheres já estão nos primeiros momentos da árdua tarefa de preparar pão para o dia. **Será tomado** significa ser tomado para a salvação em Deus, provavelmente pelos seus anjos.

Os discípulos ainda estavam perguntando **onde**. A resposta é outra daquelas difíceis declarações às quais nenhuma interpretação dogmática pode ser dada. Leaney (p. 232), juntamente com outros, identifica **abutres** com as águias dos estandartes romanos, cujo emblema era uma águia. É considerado como referência à conquista de Jerusalém pelos exércitos romanos. Mas parece melhor relacionar-se, essa passagem, à **Parousia**. Os **abutres** (talvez águias) são símbolos de julgamento. Não há nenhuma resposta para a pergunta a respeito do tempo e lugar. Jesus simplesmente afirma que o juízo será inevitável e que terá lugar quando, dentro dos propósitos de Deus, o tempo chegar.

3) A Viúva Importuna (18:1-8)

1 Contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre, e nunca desfalecer, 2 dizendo: Havia, em certa cidade, um juiz que não temia a Deus, nem respeitava os homens. 3 Havia também naquela mesma cidade uma viúva que ia ter com ele, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário. 4 E por algum tempo não quis atendê-la; mas depois disse consigo: Ainda que não temo a Deus, nem respeito os homens, 5 todavia, como esta viúva me incomoda, hei de fazer-lhe justiça, para que ela não continue a vir molestar-me. 6 Prosseguiu o Senhor: Ouvi o que diz esse juiz injusto. 7 E não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que dia e noite clamam a ele, já que é longânimo para com eles? 8 Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?

Uma parábola da fonte especial de Lucas serve de conclusão para os ensinamentos anteriores, a respeito do futuro. Dirigida aos discípulos, ela se refere especificamente ao problema do ínterim. Quando os anseios e expectativas dos seguidores de Jesus, vivendo em uma era hostil e estranha, não são cumpridos pela vinda do reino, há sempre o perigo de se desesperarem. Portanto, eles precisam tomar cuidado para não **desfalecer**.

Em contraposição a este espírito de desesperança, coloca-se uma vida de contínua oração, que é um constante testemunho da fé do crente. Ao que se pressupõe, a petição central é a prece da comunidade primitiva: **maranatha** ("Vem, Senhor Jesus" I Cor. 16:22). A parábola

32 O masculino "dois" pode também referir-se a um homem e sua esposa. Também o v. 36 não aparece em alguns dos melhores manuscritos, mas está incluído entre parêntesis na versão da IBB.

de Jesus estabelece a base para essa vida de oração. Os crentes devem **orar sempre**, porque existe Um que ouve as suas preces e certamente responderá.

O uso eficiente de contrastes é característico em várias parábolas de Jesus. Aqui, mais uma vez, a figura central é um homem de caráter totalmente repreensível, exatamente o inverso do que um juiz deve ser. No Velho Testamento, a base para o desempenho consciente de responsabilidades jurídicas era o temor a Deus, isto é, o reconhecimento de que há um Juiz de instância superior, ao qual todos os juízes humanos têm que prestar contas (v.g., Êx. 23:6,7). Mas o juiz em questão não temia a Deus. E, também, não respeitava outros seres humanos, e por isso não podia ser movido por consideração para com eles. Visto que ele agia apenas por interesse próprio, as suas sentenças eram sempre determinadas pelo tamanho do suborno que as partes lhe ofereciam.

Portanto, este é o tipo de juiz perante quem o caso de uma pobre viúva devia ser julgado. Um só juiz tinha competência para decidir este tipo de causa, de disputa financeira (Strack-Billerbeck, I, p. 289). Alguém devia dinheiro à viúva, ou de alguma forma estava tentando defraudá-la. Uma viúva é usada na parábola, porque ela é o símbolo de desamparo e das pessoas indefesas (veja sobre 7:12). Ela nem tinha o dinheiro para subornar o poder para influenciar um juiz egoísta e ambicioso. O seu único recurso foi ficar importunando-o, esperando que por fim lhe fosse concedido alívio da injustiça que lhe era infligida pelo seu adversário, a parte oposta na questão. Finalmente o juiz egocêntrico agiu de acordo com o seu papel. Decidiu dar um veredicto a favor dela, isto é, **fazer-lhe justiça**, simplesmente para livrar-se dos seus incessantes rogos.

O argumento é, nesta história, do menor para o maior. Se um juiz corrupto atende as súplicas de uma pobre viúva, por quem nenhum interesse ele tem, muito mais Deus será movido pelos clamores dos seus **escolhidos**. Como Caird observa, se "eleição significa favoritismo, é porque Deus tem uma inclinação irresistível em favor das vítimas inocentes da perseguição" (p. 201). A justiça que elas estão esperando acontecerá no juízo, no fim desta era. As vítimas oprimidas, indefesas, da hostilidade e da injustiça, que colocam a sua causa nas mãos de Deus, verificarão que têm razão em ter fé.

O versículo 7b é difícil. É improvável que ele tenha o significado dado pela versão americana (RSV), que se coloca em contraposição com o contexto da parábola, e, indubitavelmente, de todo o Evangelho. Em Lucas, o ensinamento é que o tempo do fim é desconhecido; daí, o período anterior à **Parousia** pode ser mais longo do que se espera. Mas é certo que ela acontecerá. Podemos dar à frase grega a sua tradução costumeira, e colocá-la na forma de afirmação: "e ele é paciente para com eles" (J. Jeremias, p. 116). Diferentemente do juiz iníquo, Deus ouve pacientemente as petições dos seus filhos. **Depressa**, no verso 8, provavelmente deveria ser "inesperadamente". Deus será fiel, mas pode o mesmo ser dito acerca do homem? Ao tempo da **Parousia, quando vier o Filho do homem,** terão todos os homens se desesperado, de forma que nenhum mais crerá no futuro triunfo do reinado soberano de um Deus justo?

4) O Fariseu e o Publicano (18:9-14)

9 Propôs também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros: 10 Dois homens subiram ao templo para orar; um fariseu, e o outro publicano. 11 O fariseu, de pé, assim orava consigo mesmo: Ó Deus, graças te dou que não sou como os demais homens, roubadores, injustos, adúlteros, nem ainda como este publicano. 12 Jejuo duas vezes na semana, e dou o dízimo de tudo quanto ganho. 13 Mas o publicano, estando de pé de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, o peca-

dor! 14 Digo-vos que este desceu justificado, para sua casa, e não aquele; porque todo o que a si mesmo se exaltar será humilhado; mas o que a si mesmo se humilhar será exaltado.

À parábola da viúva importuna é acrescentada outra, ligada a ela pelo tema da oração. Na anterior, uma mulher figura proeminentemente; na outra, dois homens — um bom exemplo da predileção de Lucas por pares. Mudança de auditório, bem como de tema, é indicada pela declaração introdutória. Esta parábola é a primeira, em uma série de episódios em que os requisitos para se entrar no reino de Deus são delineados.

Visto que o **templo** é palco da parábola, o incidente tem lugar em Jerusalém. Dois homens, que se colocam religiosa e socialmente em ambos os extremos do judaísmo, vão **ao templo para orar**, por ocasião da oração da manhã, por volta das 9 horas, ou da tarde, por volta das 3 horas. Somos levados a ter uma opinião distorcida sobre o fariseu, que personifica justiça própria, hipocrisia e outros males. Mas se esta espécie de pessoa fosse única na história da religião, dificilmente serviria como ilustração. O fato é que os pecados e fraquezas, bem como as virtudes dos fariseus são as que as pessoas religiosas têm a tendência de possuir. Conseqüentemente, eles ilustram o perene perigo de institucionalizar a piedade, de fazer da religião um amontoado de regras e de deixar de perceber a centralidade dos relacionamentos com Deus e com o homem.

Geralmente se fazia orações em pé. O fariseu ficou **de pé... consigo mesmo**, longe da multidão, ou **orava** consigo mesmo. A última hipótese indica que a oração dele foi um monólogo, e não um diálogo com Deus. A primeira palavra pronunciada é o nome de Deus. Porém, porque uma pessoa pronuncia o nome de Deus e outras frases piedosas, não significa necessariamente que esteja falando com Deus. Ao invés de ser uma oração, o monólogo do fariseu era um exercício de autocongratulações. A moralidade concebida em termos negativos é de importância vital para o conceito legalista de retidão. O homem reto é aquele que não transgride a lei. Ele não comete os atos de que são culpadas as pessoas como os publicanos.

Depois de dizer que não era transgressor da lei, o fariseu menciona duas áreas importantes, pelas quais expressou a sua justiça, indo além das exigências da Lei. Pela Lei, os judeus eram obrigados a jejuar no Dia da Expiação apenas (cf. 5:33 e ss.). Porém os mais piedosos entre eles haviam adotado o costume de jejuar **duas vezes na semana**, considerando esse ato como de especial mérito religioso. Como é declarado em Deuteronômio 14: 22 e ss., a Lei requeria o dízimo de certos produtos agrícolas, especificamente de cereais, vinho, óleo, e dos primogênitos dos rebanhos e manadas. Mas o fariseu diz ter ido além disso. Ele dava o dízimo de **tudo** que ganhava.

Esta expressão pode ter três significados (Strack-Billerbeck, II, p. 244 e ss.). (1) O fariseu havia estendido o dízimo, até cobrir todos os produtos agrícolas, inclusive as ervas de sua horta (veja 11:42). (2) Os judeus mais piedosos também tinham o costume de dizimar todos os produtos agrícolas que compravam, com medo de que pudessem estar usando mercadorias que não haviam sido dizimadas. (3) A expressão **tudo quanto ganho** pode referir-se a todas as aquisições desse homem, quer trabalhando no campo, quer negociando, embora a lei do dízimo incluísse apenas produtos agrícolas.

O problema do legalismo é que ele define a justiça de tal forma que ela seja atingível pelo homem. Tendo alcançado os padrões pelos quais julgam estes assuntos, os homens têm a tendência de cair no pecado do orgulho moral. Este assunto é moeda que tem dois lados. Num, está o julgamento errôneo do eu; no outro, o desprezo daqueles que não satisfazem aos padrões.

Em contraste com a arrogância e autoconfiança do fariseu, vemos a humildade e angústia do **publicano**, isto é, do coletor de impostos. **Estando em pé de longe** não pode significar que ele estava em outra área do Templo, por exemplo, o Pátio dos Gentios, porque o fariseu o estava vendo. Mas ele não se achava digno de se aproximar do santuário, símbolo da presença de Deus, que ficava diante do Pátio de Israel (veja sobre 1:9,10). E, também, ele não olhava para o **céu**, isto é, para Deus, com olhos pecadores. Ele **batia no peito**, expressão pungente da agonia de sua culpa. Ele nem percebeu a presença do fariseu, pois não olhava para os pecados dos outros, mas só para os seus. Não tendo absolutamente nenhuma base para se autojustificar, ele possuía apenas uma âncora de esperança: que Deus é de fato **propício**. Não se diz que, se realmente o fariseu estivesse falando com Deus, o publicano estaria condenado. Do Deus do fariseu, uma pessoa como ele podia esperar apenas desprezo, rejeição e castigo. Por outro lado, se Deus realmente respondeu ao grito lancinante do publicano, as idéias religiosas do fariseu eram insustentáveis.

Note-se o direto e autoritário **digo-vos** (v. 14). Jesus assume a prerrogativa de falar em nome de Deus. Nele, o juízo escatológico se torna atual, contemporâneo. A voz passiva evita a menção do nome de Deus. Deus justificou o publicano. Esta declaração nos leva de volta para o verso 9. A justiça própria anula a possibilidade de receber a justiça de Deus. Dizer que o publicano foi **justificado** é dizer que ele foi perdoado, e que uma nova relação entre ele e Deus foi estabelecida.

Jesus não condena, implicitamente ou explicitamente, o bem que há no fariseu, nem concorda com o mal que há no publicano. O fariseu não é condenado por causa das suas virtudes, mas por causa dos seus pecados. Estes são diferentes dos do publicano, mas de forma alguma menos reais. Podemos presumir que o publicano havia abusado dos outros financeiramente, extorquindo deles mais do que deviam em impostos. Por causa do seu preconceito e orgulho, o fariseu abusara dos outros de maneiras que podiam ser ainda mais danosas. Como muitos bons freqüentadores de igreja, entre nós, ele não pensaria em ter lucros ilícitos, em prejuízo de outros, mas não hesitava em tratá-los com desprezo, se julgasse que a posição racial ou religiosa deles fosse inferior.

O princípio que sempre volta à baila, da reversão dos valores humanos pelo julgamento de Deus, é declarado novamente em 14b. Todos os homens são pecadores; todos necessitam de perdão. Conseqüentemente, todos estão no mesmo nível diante de Deus. As boas-novas proclamadas por Jesus são que Deus não é como o deus do fariseu; ele é como o pai do filho pródigo.

9. A Entrada no Reino (18:15-30)

1) Jesus e as Crianças (18:15-17)

15 Traziam-lhe também as crianças, para que as tocasse; mas os discípulos, vendo isso, os repreendiam. 16 Jesus, porém, chamando-as para si, disse: Deixai vir a mim as crianças, e não as impeçais, porque de tais é o reino de Deus. 17 Em verdade vos digo que, qualquer que não receber o reino de Deus como criança, de modo algum entrará nele.

Lucas agora retorna à sua fonte de Marcos, que fornece o material para o resto do capítulo (Mar. 10:13 e ss.). Ele descreve as crianças que são trazidas a Jesus como "infantes", pequena variação da palavra usada em Marcos (10:13). O sujeito de **traziam-lhe**, provavelmente os pais, que desejavam que Jesus abençoasse as crianças, encontram o seu caminho bloqueado pelos **discípulos**. Os discípulos estavam cometendo um sério erro de interpretação do seu papel. Eles se consideravam como guardiães da dignidade e do tempo de Jesus. O mestre não devia ser perturbado por pessoas pequenas, sem importância. Jesus ensi-

nara que ele era especialmente acessível a essas pessoas, e que os discípulos deviam ter especial cuidado para não ofendê-las. Evidentemente, eles não haviam ainda aprendido esta lição.

Jesus passa por cima dos discípulos, e recebe as crianças, usando-as como veículo para enfatizar um tema importante do seu ensino. O **reino de Deus** pertence às "crianças". Ou seja, ele é composto de pessoas que sabem que são filhas de Deus, que o chamam de Pai e que aceitam o estado de dependência dele em que estão.

O reino de Deus não é um prêmio a ser ganho, uma recompensa pela fidelidade a um programa moral e religioso intensivo. É um presente que deve ser recebido, um relacionamento em que se entra. Na parábola anterior, o fariseu estava fora do reino porque se havia apegado a uma ilusão de auto-suficiência e autonomia. Visto que Deus é o Pai, não precisamos fazer nada para merecer o seu amor. Tudo que temos a fazer é apenas entrar no relacionamento que o seu amor torna possível, cônscios do fato de que somos crianças e de que precisamos dele como Pai.

2) O Moço Rico (18:18-30)

18 E perguntou-lhe um dos principais: Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna? 19 Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus. 20 Sabes os mandamentos: Não adulterarás; não matarás; não furtarás; não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe. 21 Replicou o homem: Tudo isso tenho guardado desde a minha juventude. 22 Quando Jesus ouviu isso, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa; vende tudo quanto tens e reparte-o pelos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, segue-me. 23 Mas, ouvindo ele isso, encheu-se de tristeza; porque era muito rico. 24 E Jesus, vendo-o assim, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! 25 Pois é mais fácil um camelo passar pelo fundo duma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus. 26 Então os que ouviram isso disseram: Quem pode, então, ser salvo? 27 Respondeu-lhes: As coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus. 28 Disse-lhe Pedro: Eis que nós deixamos tudo, e te seguimos. 29 Respondeu-lhes Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais, ou filhos, por amor do reino de Deus, 30 que não haja de receber no presente muito mais, e no mundo vindouro a vida eterna.

Lucas descreve esse inquiridor como um dos **principais**; Marcos não o identifica (10:17). Este é o segundo homem, em Lucas, que pergunta o que deve **fazer** para **herdar** a vida eterna (veja sobre 10:25). Para o outro homem, a pergunta era um subterfúgio, mas para este é pergunta de importância pessoal vital. **Herdar a vida eterna** é sinônimo de "entrar no reino". Jesus havia acabado de responder a essa pergunta: "Você precisa recebê-lo como criança." Mas, na vida e na experiência desse homem, em particular, o que é que isso significava?

Notamos um problema fundamental logo de início. Jesus havia usado o verbo receber, enquanto o homem usa o verbo **fazer**. Ele tem a impressão errada de que pode arrancar a vida eterna de Deus por meio de um esforço pessoal.

Jesus desafia e rejeita o uso do adjetivo **bom**. (Note-se a variação em Mateus 19:16,17. Porque os cristãos primitivos consideravam Jesus inteiramente bom, tinham dificuldade em aceitar o fato de ele ter rejeitado este adjetivo.) O judaísmo farisaico havia definido claramente o que era um homem bom: ele guardava a Lei da maneira prescrita nas tradições. Portanto, era de primária importância o que ele **não** fazia (cf. 18:11). É perigoso usar a palavra **bom**. O homem assim descrito pode levar o qualificativo a sério, e se convencer de que é bom porque vive de acordo com padrões aceitos. Ou o homem que o usa pode ser levado a pensar que pode ser bom se elevar-se até o nível dos padrões prescritos, de conduta moral e religiosa. Só **Deus** é **bom**. Isto significa que não há lugar para o orgulho religioso. Não importa o quanto tente, o homem nunca pode ser bom no sentido absoluto. As-

sim, ele nunca alcança um ponto em que não necessita da graça; e também, ele nunca alcança um nível do qual possa olhar para baixo, com desprezo, para as pessoas que não são boas.

De modo característico, Jesus indica ao jovem rico os **mandamentos**. A resposta da pergunta acerca da vida eterna encontra-se nas Escrituras, que o rico aceita e está seguindo ostensivamente (cf. 10:26; 16:29,31). Notamos que Jesus não menciona os mandamentos do Decálogo que se relacionam com a relação do homem com Deus. Pelo contrário, ele começa com o sétimo mandamento, recitando uma lista (todos os cinco últimos), que o moço rico também conhece de cor. Jesus está sabendo que ele pode responder, como de fato faz: **Tudo isso tenho guardado desde a minha juventude**, a saber, desde que se tornara filho da **Torah**, com cerca de doze anos de idade (cf. Fil. 3:6).

Lucas não tem a pergunta que encontramos em Mateus 19:20: "Que me falta ainda?" Mas isso apenas torna explícito o que aqui está implícito. A pressuposição natural é que Jesus teria continuado na mesma direção, e mencionado os primeiros mandamentos, ao que o jovem rico também teria respondido da mesma forma. Pelo contrário, Jesus demonstra que ele havia perdido de vista o verdadeiro significado desses mandamentos. E o faz, apresentando-lhe uma escolha inequivocamente clara, mas imensamente difícil. Requer que ele faça apenas uma coisa, a saber: vender todas as suas propriedades, **repartir** o seu produto pelos **pobres**, e **seguir** a Jesus.

Ao invés de receber alegremente a resposta para a sua pergunta religiosa, tão candente, e que tanto o havia preocupado, esse príncipe **encheu-se de tristeza**. Pedir-lhe que desse um décimo ou até a metade seria aceitável, mas dar toda uma enorme fortuna e se tornar paupérrimo, inteiramente sem dinheiro, sem segurança financeira, era mais do que ele podia suportar.

Jesus havia colocado o dedo exatamente no problema. O homem, que se jactara de guardar os mandamentos, na realidade, era um transgressor da Lei. Era idólatra! Ele estava tentando adorar a Deus e a "mamom" ao mesmo tempo. Mas quando enfrentou o teste, tornou-se óbvio que as suas propriedades eram o seu verdadeiro deus. Jesus requereu que ele se desfizesse de suas possessões e confiasse somente em Deus, para o suprimento de necessidades futuras. Ele precisava cessar com seus esforços para amealhar tesouros na terra, e começar a ajuntar tesouros celestiais. Para um homem, a riqueza é o seu ídolo; para outro, pode ser a aceitação social, poder político ou qualquer uma de inúmeras coisas. Em cada caso, a lealdade a Deus exige que nos desfaçamos de tais deuses, não importa quão doloroso possa ser o processo.

Agora vemos o que significa receber o reino como criança. O destino da criança está nas mãos de seu pai. Se ela morre de fome ou é bem alimentada, depende de como o seu pai supre as suas necessidades, visto que ela normalmente não tem outros recursos. Da mesma forma, uma pessoa precisa confiar em Deus para todas as coisas, dependendo completamente do seu cuidado e amor.

A tendência de se confiar em "mamom" é dominante. Nenhum esforço deve ser feito para diminuir a força da analogia do verso 25. É **mais fácil** um **camelo** passar pelo **fundo** de uma **agulha** de costurar do que um **rico** entrar no **reino** — em outras palavras, é uma clara impossibilidade.

Quem pode, então ser salvo? é uma interrogação lógica, se a entrada para o reino é tão pequena. Alguém pode fazê-lo, atravessando o "fundo da agulha"? Mas as perspectivas não são tão desfavoráveis como os discípulos supunham. É **impossível** o homem poder negociar a entrada para o reino com seus próprios esforços. Mas, o que está além da capacidade do homem de conseguir, está dentro das possibilidades de Deus de dar.

Em qualquer caso, a salvação é um milagre executado pela graça de Deus, e não pelo poder do homem.

Pedro fala em nome dos discípulos, quando afirma que eles cumpriram os requisitos estabelecidos por Jesus para o jovem rico. Lucas grafa **deixamos tudo**, como Marcos (10:28). Outras versões grafam em Lucas "deixamos nossos lares". A resposta de Jesus é uma certeza renovada de que ninguém escolhe em vão o reino de Deus em preferência a outras lealdades que com ele competem. Há pequenas diferenças na lista, feita por Lucas, dessas lealdades, e a lista encontrada em Marcos 10:29. Ele apresenta **mulher**, combina "irmãos" e "irmãs" na palavra **irmãos**, "mãe" e "pai" na palavra **pais**, e omite "campos".

As recompensas da lealdade inflexível são incomensuráveis, tanto na era presente como no mundo por vir. O problema é que a maioria das pessoas prefere os valores mais tangíveis, materiais, que provêm dos tesouros e relações desta era. Depreciam os valores que se originam do serviço a Deus e dos novos relacionamentos do reino (veja a parte de Marcos 10:30, que Lucas omite).

10. A Aproximação de Jerusalém (18:31-19:27)

1) A Terceira Palavra Acerca da Paixão (18:31-34)

31 Tomando Jesus consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém e se cumprirá no Filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito; 32 pois será entregue aos gentios, e escarnecido, injuriado e cuspido; 33 e depois de o açoitarem, o matarão; e ao terceiro dia ressurgirá. 34 Mas eles não entenderam nada disso; essas palavras lhes eram obscuras, e não percebiam o que se lhes dizia.

Agora os acontecimentos fatais que estavam para ter lugar na capital judaica, aproximavam-se rapidamente. Mais uma vez os discípulos são lembrados de qual era o seu destino, e se defrontam com uma explicação do que isso significava. Eles têm a idéia de que o glorioso triunfo do Messias ocorreria em Jerusalém. Apesar de eles acharem as palavras de Jesus inadmissíveis, e por isso incompreensíveis, ele repete, na terceira palavra acerca da paixão, que Jerusalém seria lugar de rejeição e morte.

Os discípulos partilham, com outras pessoas, de uma básica falta de compreensão das Escrituras. Os profetas escreveram que o sofrimento é um prelúdio essencial para a glória, e o que eles escreveram **se cumprirá**. Nos profetas, não há nenhum relato minucioso de uma morte como a descrita nos versículos 32 e 33, nem há uma predição de que haverá uma ressurreição como a descrita no versículo 33. Portanto, como poderia ser interpretada a experiência de Jesus como cumprimento das coisas **que pelos profetas foram escritas**? A resposta é que os profetas falam de duas figuras que desempenharão um papel no drama da redenção. Uma é o Servo Sofredor de Isaías; a outra, o Filho do homem de Daniel, juntamente com o Rei-Messias dos Salmos e de outras passagens. Na experiência de Jesus, essas figuras se fundem e se tornam uma Pessoa. O Servo de Deus deve sofrer; isto se iguala à cruz. Ele deve reinar em glória; isto se iguala à ressurreição, ascensão e **Parousia**. Esta é a maneira pela qual Jesus cumpriria o que os profetas declararam a respeito do sofrimento e glória do Servo de Deus, o Filho do homem.

Os conterrâneos de Jesus desempenhariam um papel decisivo no drama que se aproximava, ao entregá-lo aos representantes gentios de Roma, especificamente Pilatos e os soldados que iriam crucificar. Os judeus conspiravam para levá-lo à morte; os gentios a executariam. Mas Deus, e não o homem, tem a última palavra: o Filho do homem ia **ressurgir**. Os discípulos não entendiam a relação entre sofrimento e glória. Isto eles compreenderiam apenas à luz dos acontecimentos que estavam imediatamente à sua frente. Então eles veriam que precisavam palmilhar a mesma estrada. Para

eles, o sofrimento também seria um prelúdio necessário para a glória (como na experiência de Estêvão, At. 7:54-8:1a).

2) Cura de um Cego (18:35-43)

35 Ora, quando ele ia chegando a Jericó, estava um cego sentado junto do caminho, mendigando. 36 Este, pois, ouvindo passar a multidão, perguntou que era aquilo. 37 Disseram-lhe que Jesus, o nazareno, ia passando. 38 Então ele se pôs a clamar, dizendo: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim! 39 E os que iam à frente repreendiam-no, para que se calasse; ele, porém, clamava ainda mais: Filho de Davi, tem compaixão de mim! 40 Parou, pois, Jesus, e mandou que lho trouxessem. Tendo ele chegado, perguntou-lhe: 41 Que queres que te faça? Respondeu ele: Senhor, que eu veja. 42 Disse-lhe Jesus: Vê; a tua fé te salvou. 43 Imediatamente recuperou a vista, e o foi seguindo, glorificando a Deus. E todo o povo, vendo isso, dava louvores a Deus.

Em Marcos, o cego é curado quando Jesus e seus companheiros estão saindo de Jericó (10:46 e ss.), enquanto, em Lucas, a cura tem lugar quando eles entram na cidade. Marcos o identifica como Bartimeu, filho de Timeu, uma tautologia que é omitida em Lucas. A entrada de uma cidade era localização favorável para que um mendigo cego fizesse o seu apelo aos viandantes que iam e vinham. O som de um grupo incomumente grande, passando pela estrada, suscitou a curiosidade do cego. Visto que Jesus (Joshua) era nome comum entre os judeus, foi necessário identificá-lo com referência à sua cidade natal, **Nazaré**.

Aparentemente, a fama de Jesus era tal que o cego imediatamente reconheceu quem era ele, e que aquele era o seu momento particular de oportunidade. **Filho de Davi** é um título messiânico que ele usou, e que, provavelmente, tinha um significado especial nessa ocasião. O cego reconheceu Jesus como o descendente de Davi que os judeus esperavam, e que devia trazer fim à humilhação nacional, libertando Jerusalém e assumindo o cetro de seu governante maior. O reconhecimento declarado pelo cego, de que Jesus era o esperado Messias, aconteceu pouco antes de sua entrada em Jerusalém. Ali Jesus se apresentaria como Messias, mas em termos que não se coadunavam com as aspirações nacionalistas de muitos dos seus contemporâneos.

Da mesma forma como o publicano no Templo, o pobre cego só conseguiu clamar por misericórdia, por **compaixão**. Ele não apresentou nenhuma reivindicação a Deus, baseado em suas próprias realizações. Seria a repreensão, infligida ao cego, uma expressão da mesma atitude demonstrada para com as crianças, pelos discípulos (18:15)? Ele também era um dos pequeninos do mundo, insignificante demais para merecer atenção durante essas horas cruciais que precediam a entrada fatal de Jesus em Jerusalém. Por outro lado, a ordem para que ele se silenciasse pode indicar que o título **Filho de Davi** tivesse perigosas conotações revolucionárias e políticas. Ele facilmente podia ser mal interpretado, naqueles dias tensos de paixões inflamadas.

Seja qual for o caso, Jesus atendeu aos clamores do pobre homem, da mesma forma como sempre dera atenção aos pequeninos. E requer que o mendigo defina exatamente os seus desejos. Em sua resposta, notamos mais uma vez o uso de **Senhor**, importante título de Jesus usado depois de sua ressurreição e tão freqüentemente encontrado em Lucas. O pedido desse homem se baseia numa fé implícita na autoridade de Jesus sobre os poderes que o tornaram cego — uma confiança que foi justificada na cura que se seguiu. A fé, de que um grão pode desarraigar árvores (17:6), o **salvou**. O verbo, ambíguo em grego, pode referir-se à cura física, tanto quanto à salvação. A fé não é o poder que cura, mas foi a receptividade que fez com que o poder de Deus fosse usado para resolver os seus problemas. Esta referência à fé desse cego, bem como ao seu subseqüente ato de discipulado (ele **foi seguindo** Jesus) indica que ele foi **salvo** de cegueira tanto física como espiritual. Tanto o cego cura-

do como o povo reconheceram a cura como um ato de **Deus**; que é, aliás, a correta interpretação de acontecimentos como este.

Este é o último dos milagres de cura realizados por Jesus, e, no material sinóptico, ele é considerado como sinal messiânico. À luz do programa messiânico, abrangido por Jesus no começo do seu ministério, ele foi um sinal especialmente adequado para acontecer perto do seu fim (cf. 4:18,19).

3) A Conversão de Zaqueu (19:1-10)

1 Tendo Jesus entrado em Jericó, ia atravessando a cidade. 2 Havia ali um homem chamado Zaqueu, o qual era chefe de publicanos, e era rico. 3 Este procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, porque era de pequena estatura. 4 E, correndo adiante, subiu a um sicômoro, a fim de vê-lo, porque havia de passar por ali. 5 Quando Jesus chegou àquele lugar, olhou para cima e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa; porque importa que eu fique hoje em tua casa. 6 Desceu, pois, a toda a pressa, e o recebeu com alegria. 7 Ao verem isso, todos murmuravam, dizendo: Entrou para ser hóspede de um homem pecador. 8 Zaqueu, porém, levantando-se, disse ao Senhor: Eis aqui, Senhor, dou aos pobres metade dos meus bens; e, se em alguma coisa tenho defraudado alguém, eu lho restituo quadruplicado. 9 Disse-lhe Jesus: Hoje veio a salvação a esta casa, porquanto também este é filho de Abraão. 10 Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.

As referências ao séquito que acompanhava Jesus no episódio anterior (18: 35-43) preparam o palco para a narrativa do encontro de Jesus com **Zaqueu**, encontrado apenas em Lucas. **Jericó** era uma cidade importante, na fronteira da Judéia, cerca de vinte e cinco quilômetros a nordeste de Jerusalém. Todo o comércio do leste passava por essa cidade; mas ela era importante também por ser centro de uma região agrícola fértil, notável especialmente pelas suas plantações de palmeiras e de bálsamo. Devido ao seu clima mais quente, os Herodes usavam Jericó como capital de inverno. Os seus numerosos projetos de construções na cidade, durante esse período, seguiam o padrão da arquitetura romana.

Zaqueu, portanto, ocupava um posto importante, que lhe devia render generosas somas. **Chefe de publicanos** era cargo a respeito do qual nada se sabe, mas podemos presumir que ele era o cabeça de um distrito, com vários subordinados, coletores que eram responsáveis perante ele. Os impostos pessoais e sobre as propriedades eram coletados diretamente pelo governo romano; mas os impostos alfandegários, sobre os bens, eram arrendados, sistema que dava campo para ilimitadas oportunidades de exploração. A despeito do fato de que o seu nome significa puro ou reto, Zaqueu, provavelmente, era culpado dos males comuns à sua profissão.

As circunstâncias que levaram ao notável encontro dele com Jesus são descritas. A **multidão** era enorme, e, sem dúvida, ficava maior à medida que outros peregrinos, que iam celebrar a Páscoa em Jerusalém, eram atraídos a ela. Zaqueu era pequeno demais para ver por sobre a multidão, que se comprimia tanto ao redor de Jesus que ele não pôde penetrar nela. Ninguém estava disposto a abrir caminho para um odiado coletor de impostos. A fim de ser capaz de ver Jesus, o baixinho corre pela avenida principal da cidade, até que passa à frente da multidão. Ele sobe em um **sicômoro**, de forma a conseguir um bom ponto de observação, pois se tivesse ficado no chão, podia ter sido empurrado para fora do caminho pela pressão da turba. O **sicômoro**, árvore que produzia um tipo de figo usado como comida pelos pobres, era fácil de nele se trepar por causa dos seus ramos grandes e baixos.

Dadas as circunstâncias, o fato de Jesus ter aceitado o desprezado Zaqueu e se ter identificado com ele constituiu em um ato ousado e público. Nenhuma outra história dá evidências mais vívidas da notável liberdade exercida por Jesus em sua associação com as pessoas. Onde

o bem-estar de um homem estivesse em jogo, ele ignorava todos os tabus e protocolos sociais. Ele não apenas reconhece e fala com Zaqueu, mas decide fazer da casa de um homem impuro o seu pouso, desta forma chocando todos os religiosos da multidão.

A reação ansiosa e alegre de Zaqueu aos acontecimentos totalmente inesperados é compreensível. Nenhum judeu que se respeitasse gostaria de ter algo a ver com ele. Ninguém o saudava ou tinha com ele a mais comesinha cortesia; quanto mais oferecer-lhe calor e amizade! E, então, ali vem aquele homem, que lhe fala sem censuras, declarando, na frente de todo o povo, que ia para a casa do publicano.

A aceitação do "proscrito" acarreta identificação com ele, ao ponto de que o que o aceita se torna alvo da hostilidade e do tratamento brutal que lhe é dispensado: **todos murmuravam**. O fato de Jesus ter aceito Zaqueu era incondicional. Ele não disse: "Se você abandonar o seu emprego e parar de fazer as coisas que fazem com que seja difícil eu me associar com você, irei à sua casa."

Sob o impacto da aceitação incondicional de sua pessoa por Jesus, uma transformação é operada na vida de Zaqueu. O sinal dessa transformação é uma mudança radical na sua atitude para com a riqueza. Ela não é mais o seu deus. A **metade** de sua fortuna seria dada aos **pobres** (cf. 12:33). O resto seria usado para corrigir os erros que ele havia cometido. Se... **tenho defraudado alguém** não dá a entender a possível inocência de Zaqueu, quanto a esses atos errados. O significado é: "Naqueles casos em que defraudei..." Quando uma pessoa, que adquiriu propriedades de outrem injustamente, tomava a iniciativa de reconhecer e confessar a fraude, era-lhe requerido que ele devolvesse a propriedade mais um quinto do seu valor, como compensação (Lev. 6:5; Núm. 5:7). Mas Zaqueu vai muito além disso, em uma decisão voluntária de dar a compensação imposta pelo roubo de uma ovelha: restituição **quadruplicada** (Êx. 22:1; II Sam. 12:6).

A resposta de Jesus é mais apropriadamente dirigida à atitude dos críticos do que à declaração de Zaqueu. O significado da entrada de Jesus em sua casa é revelado nas palavras **veio a salvação a esta casa**. Da mesma forma como os atos poderosos de Jesus eram demonstrações concretas do poder de Deus, também os seus atos de aceitação e graça eram expressões concretas da salvação de Deus. A cláusula **porquanto também este é filho de Abraão** não faz da raça a base para a salvação de Zaqueu. A explicação dessa observação é o verso 10. Embora esse publicano fosse um filho de Abraão, era um pária desprezado pelo seu próprio povo — o tipo de pessoa que Jesus viera buscar. Os **perdidos** são os coletores de impostos e prostitutas. Eram também as multidões que não satisfaziam às exigências religiosas das tradições. Esses eram excluídos do círculo interior da comunidade religiosa, objetos de zombaria e depreciação. Assim como o pastor vai buscar a ovelha perdida, Jesus também busca esses perdidos e negligenciados filhos de Abraão. É com tais pessoas que ele lança os alicerces do novo Israel.

4) As Dez Minas (19:11-27)

11 Ouvindo eles isso, prosseguiu Jesus, e contou uma parábola, visto estar ele perto de Jerusalém, e pensarem eles que o reino de Deus se havia de manifestar imediatamente. 12 Disse, pois: Certo homem nobre partiu para uma terra longínqua, a fim de tomar posse de um reino e depois voltar. 13 E, chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas, e disse-lhes: Negociai até que eu venha. 14 Mas os seus concidadãos odiavam-no, e enviaram após ele uma embaixada, dizendo: Não queremos que este homem reine sobre nós. 15 E sucedeu que, ao voltar ele, depois de ter tomado posse do reino, mandou chamar aqueles servos a quem entregara o dinheiro, a fim de saber como cada um havia negociado. 16 Apresentou-se, pois, o primeiro, e disse: Senhor, a tua mina rendeu dez minas. 17 Respondeu-lhe o senhor: Bem está, servo bom! porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás autoridade. 18 Veio o segundo, dizendo:

Senhor, a tua mina rendeu cinco minas. 19 A este também respondeu: Sê tu também sobre cinco cidades. 20 E veio outro, dizendo: Senhor, eis aqui a tua mina, que guardei num lenço; 21 pois tinha medo de ti, porque és homem severo; tomas o que não puseste, e ceifas o que não semeaste. 22 Disse-lhe o Senhor: Servo mau! pela tua boca te julgarei; sabias que eu sou homem severo, que tomo o que não pus, e ceifo o que não semeei; 23 por que, pois, não puseste o meu dinheiro no banco? então, vindo eu, o teria retirado com os juros. 24 E disse aos que estavam ali: Tirai-lhe a mina, e dai-a ao que tem as dez minas. 25 Responderam-lhe eles: Senhor, ele tem dez minas. 26 Pois eu vos digo que a todo o que tem, dar-se-lhe-á; mas ao que não tem, até aquilo que tem ser-lhe-á tirado. 27 Quanto, porém, àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui, e matai-os diante de mim.

À medida que eles se aproximavam de Jerusalém, as expectativas dos discípulos de que o reino seria manifesto depois que eles ali chegassem continuava a aumentar em intensidade. Eles previam a **Parousia**, em lugar da crucificação, indicando que ainda não haviam percebido o verdadeiro curso da história redentora. Eles tinham uma "concepção errada tanto da cristologia como da escatologia" (Conzelmann, p. 74). O pedido dos filhos de Zebedeu, omitido por Lucas, é mais uma evidência de que os discípulos associavam a sua chegada a Jerusalém com a vinda do reino (Mar. 10:35-45). No Evangelho de Lucas, o fato e o propósito desse ínterim entre o ministério de Jesus e a **Parousia** são enfatizados como uma correção das expectativas de uma **Parousia** imediata tidas pelos cristãos contemporâneos. Nesta história, três pontos a respeito desse assunto podem ser ressaltados: (1) Haverá um ínterim; (2) esse ínterim será um período de provas para os discípulos; (3) haverá uma ocasião de acerto de contas, isto é, uma Parousia.

A parábola de Lucas é semelhante à Parábola dos Talentos, contida em Mateus, à qual também é dada uma aplicação escatológica (Mat. 25:14-30). Há, contudo, muitas diferenças. A parábola de Lucas é mais complexa e desajeitada, em grande parte, porque ela reúne dois temas: a responsabilidade dos discípulos no período anterior à **Parousia**, e as temíveis conseqüências da rejeição de Jesus, levada a efeito pelos judeus. Há muito tempo os eruditos têm sugerido que, a uma parábola acerca da responsabilidade dos servos para com um senhor ausente, foi fundida uma alegoria a respeito de um rei que foi rejeitado pelos seus súditos.

Esta conjectura não é exigida, porque os dois temas da história estão intimamente relacionados. Jerusalém não era a cidade em que o reino seria inaugurado, mas o lugar em que ele seria rejeitado. Como resultado dessa rejeição, o destino de Jerusalém, seria selado. Ela seria destruída. Mas essa destruição, que seria uma conseqüência do fato de que essa cidade deixara de aceitar o seu rei, não devia ser associada com os acontecimentos do fim. Esta é uma significativa cadeia de pensamentos no terceiro Evangelho.

A Parábola das Minas provavelmente incorpora reminiscências históricas das experiências de Arquelau. Embora mencionado, no testamento de Herodes, como herdeiro da parte mais importante do seu reino e do título de rei, Arquelau sofreu a oposição de uma embaixada judia em Roma. O imperador confirmou o testamento de Herodes, mas nomeou-o tetrarca. Arquelau voltou para dominar um território rebelde, que foi capaz de governar durante apenas dez anos.

Bem pode ser, portanto, que o padrão para o **nobre** seja Arquelau, e a **terra longínqua** seja Roma. Antes de sua partida, o nobre dá uma **mina**, aproximadamente vinte a vinte e cinco dólares, a cada um dos seus **dez servos**. Eles deviam provar a sua devoção e capacidade, com o uso dessa soma (veja 16:10) na ausência do seu senhor. Porque ele viaja para um país distante, um período longo e indefinido se passa antes que ele volte.

O segundo grupo de pessoas agora entra em cena. São os seus **concidadãos**, que rejeitam o governo do nobre. Neles temos uma figura do povo judeu, que rejeita Jesus como seu Rei.

Ao voltar, o nobre primeiro tem um ajuste de contas com os seus **servos**. Somos informados de três apenas, que são representantes de todo o grupo. O primeiro teve bastante êxito, mas, na sua modesta resposta, ele não se ufana de sua capacidade ou engenhosidade. É a **mina** de seu senhor que rendeu mais **dez**. Não obstante, o louvor do nobre ao seu servo é efusivo. Porque ele foi aprovado no **mínimo**, ele agora será capaz de enfrentar uma grande responsabilidade no governo do nobre. Talvez o segundo possuísse menos talento ou fosse menos industrioso, mas ele também tivera sucesso. Ele foi capaz de apresentar **cinco** outras minas ao seu senhor. A ele também é dada uma participação proporcional nas responsabilidades do reino.

Em contraste com os servos anteriores, o terceiro teve que fazer um discurso avantajado para justificar o seu fracasso em comparar-se com as realizações dos outros. Ele pôde apenas dizer que guardou fiel e cuidadosamente o que o seu senhor lhe dera. Ele era semelhante aos legalistas, mestres que levantaram uma cerca ao redor da Lei, guardando-a cuidadosamente contra qualquer invasão. Mas eles também impediram decisivamente que os dons de Deus dessem o pretendido fruto no mundo. O problema desse homem era o conceito que ele tinha de seu senhor, a quem retrata como homem duro e injusto. Se o servo de Deus tiver conceito semelhante do seu Senhor, ele também ficará excessivamente temeroso de violar os "não faça", e não terá a liberdade de se empenhar em uma vida de serviço alegre e criativo.

O senhor indica a falta de lógica na defesa do seu servo. Se o conceito que ele tinha a respeito de seu senhor era o que ele descrevera, a inteligência devia ter ditado um outro curso de ação. O dinheiro estaria igualmente a salvo com os banqueiros, como estava em seu **lenço**. Além disso, ele teria recebido os **juros**, isto é, ceifado o que o seu proprietário não havia semeado.

Devido ao seu fracasso, esse servo é privado do pouco que lhe fora confiado. O versículo 25 pode ser considerado como uma exclamação dos que ouvem Jesus contar a história, e que protestam involuntariamente contra a severa decisão do nobre. Ou ele pode fazer parte da história — uma exclamação dos membros da corte. Há também a possibilidade de que este versículo seja uma interpolação, colocada no texto, porque ele é omitido por importantes testemunhas textuais. A decisão do senhor está de acordo com um princípio básico que pressupõe a responsabilidade de cada pessoa pelas capacidades e responsabilidades que lhe são dadas. O seu uso fiel abrirá maiores possibilidades de serviço e confiança. Mas as pessoas que não colocam os dons que têm em ação, para os usarem apropriadamente, os perdem.

Agora a parábola muda, para apresentar a decisão do nobre a respeito dos seus súditos rebeldes. O seu castigo é semelhante à terrível sorte, destinada aos rebeldes, por monarcas orientais ofendidos. Esta é uma referência alegórica à destruição de Jerusalém, que é vista como terrível conseqüência da rejeição que Israel fez o seu Rei sofrer. Um terrível morticínio de seus habitantes seguiu-se à queda da capital, diante das legiões, sem misericórdia, comandadas por Tito.

VI. O Ministério em Jerusalém (19:28-23:56)

1. Jesus Apresenta as Suas Reivindicações Messiânicas (19:28-48)

1) A Sua Aproximação de Jerusalém (19:28-40)

28 Tendo Jesus assim falado, ia caminhando adiante deles, subindo para Jerusalém. 29 Ao aproximar-se de Betfagé e de Betânia, junto do monte que se chama das

Oliveiras, enviou dois dos discípulos, 30 dizendo-lhes: Ide à aldeia que está defronte, e aí, ao entrar, achareis preso um jumentinho em que ninguém jamais montou; desprendei-o e trazei-o. 31 Se alguém vos perguntar: Por que o desprendeis? respondereis assim: O Senhor precisa dele. 32 Partiram, pois, os que tinham sido enviados, e acharam conforme lhes dissera. 33 Enquanto desprendiam o jumentinho, os seus donos lhes perguntaram: Por que desprendeis o jumentinho? 34 Responderam eles: O Senhor precisa dele. 35 Trouxeram-no, pois, a Jesus e, lançando os seus mantos sobre o jumentinho, fizeram que Jesus montasse. 36 E, enquanto ele ia passando, outros estendiam no caminho os seus mantos. 37 Quando já ia chegando à descida do Monte das Oliveiras, toda a multidão dos discípulos, regozijando-se, começou a louvar a Deus em alta voz, por todos os milagres que tinha visto, 38 dizendo: Bendito o Rei que vem em nome do Senhor; paz no céu, e glória nas alturas. 39 Nisso, disseram-lhe alguns dos fariseus dentre a multidão: Mestre, repreende os teus discípulos. 40 Ao que ele respondeu: Digo-vos que, se estes se calarem, as pedras clamarão.

Somos agora levados para uma nova fase das experiências de Jesus: os últimos dias, anteriores à sua crucificação. Para o relato que faz, dos acontecimentos que ocorreram nesses últimos dias, Lucas depende principalmente de Marcos.

Depois de se desenvencilhar das falsas esperanças levantadas pela peregrinação a Jerusalém, Jesus reinicia a sua jornada, liderando a grande multidão de seguidores em direção à cidade. Não importava a direção de onde estivesse vindo, pensava-se sempre que ele estava **subindo para Jerusalém**. Estar fora de Jerusalém era sempre estar em nível mais baixo. **Betfagé**, cuja exata localização é desconhecida, ficava, provavelmente, a leste de Betânia, aldeia que ficava cerca de dois quilômetros e meio a leste de Jerusalém. De acordo com João, Betânia era o lar de Lázaro e suas irmãs, Marta e Maria (João 11:1). Na vizinhança dessas duas aldeias, Jesus pára, até que os discípulos possam procurar o **jumentinho** em que completaria a sua viagem a Jerusalém.

A **aldeia** em que o **jumentinho** devia ser encontrado não é mencionada por nome. Só um animal que jamais houvesse sido usado como besta de carga era considerado apropriado para objetivos sagrados (Núm. 19:2; I Sam. 6:7). Um **jumentinho** sobre que ninguém jamais havia montado precisava ser usado para a apoteótica entrada do Rei de Israel na capital. Preparativos anteriores para conseguir o animal podem ter sido feitos por Jesus. Mas a passagem também pode dar a entender conhecimento sobrenatural, como de fato é indicado no verso 32. A experiência dos discípulos que procuravam o animal correspondeu exatamente ao que eles esperavam, como resultado das instruções de Jesus. A sua resposta simples, à interrogação dos donos, parece tê-los satisfeito. Só em Marcos 11:3, paralelo ao verso 31, encontramos o mesmo uso da palavra **Senhor**, encontrada tão freqüentemente em Lucas.

Da mesma forma como os ministros de Davi colocaram Salomão sobre a mula de seu pai, para a sua procissão real (I Reis 1:33), os discípulos agora colocam outro filho, um maior Filho de Davi, sobre um jumentinho, para a sua entrada real em Jerusalém. Como em outra ocasião os israelitas haviam pavimentado o caminho do recém-ungido Jeú com suas próprias capas, e o haviam aclamado rei (II Reis 9:13), também estes israelitas cobrem o caminho do seu Rei, que eles agora aclamam. Lucas omite a referência à colocação de ramos ao longo da estrada (Mar. 11:8; Mat. 21:8).

Tanto ele como Marcos omitem a citação de Zacarias 9:9 (cf. Mat. 21:5): "Dizei à filha de Sião: Eis que aí te vem o teu Rei, manso, e montado em um jumento, em um jumentinho, cria de animal de carga." Não obstante, ambos entenderam que Jesus entrou em Jerusalém de forma a cumprir esta profecia. Ao fazê-lo, Jesus apresentou as suas reivindicações a Israel: ele é o Rei-Messias de Israel. Mas ele o fez de uma forma que repudiava as ambições militaristas e nacionalistas projetadas sobre o Messias. Tanto a sua humildade como a sua missão

de paz eram simbolizadas pelo animal sobre que ele, o Ungido de Deus, cavalgava. A descrição de Lucas acerca da chegada de Jesus a Jerusalém difere da dos paralelos, porque ele prepara o palco para o lamento sobre Jerusalém, que se encontra apenas no terceiro Evangelho. Ele descreve a chegada da multidão ao topo do **Monte das Oliveiras**, de onde eles têm a primeira vista abrangente da cidade de Jerusalém. Ali a multidão irrompe em louvores a Deus. **Todos os milagres** eram aqueles atos poderosos de Jesus, que revelavam, aos que tinham percepção, o fato de que nele o poder do reino estava em ação no mundo.

Os clamores da multidão contêm uma parte de Salmos 118:26, que era cantado quando os peregrinos entravam no Templo, durante a Festa dos Tabernáculos. Ele é agora usado na procissão de coroação do **Rei** messiânico, "aquele que vem" (veja 3:16). Usando **o Rei que vem em nome do Senhor**, em vez de "o reino que vem, o reino de nosso pai Davi" (Mar. 11:10), Lucas suaviza as possíveis implicações revolucionárias da aclamação da plebe. A conclusão é semelhante ao cântico do coro angelical que anunciara o nascimento de Jesus (2:14). **Paz no céu** é a garantia do triunfo da paz no universo todo. Na obediente submissão de Jesus aos propósitos redentores de Deus está a semente do triunfo de Deus sobre as forças do mal e a desintegração do mundo. Em lugar de "hosana", Lucas registra **glória (doxa)**, palavra de louvor mais compreensível para os leitores gentios. Não há dúvida de que o povo com que Jesus entrou em Jerusalém entendeu, pelo menos em parte, o significado de sua entrada, e o considerava o Messias.

Só em Lucas encontramos a objeção expressa pelos **fariseus**. O povo aclamava Jesus como **Rei**. Os fariseus persistiram em chamá-lo de **mestre**. Um entusiasmo exagerado e politicamente volátil como esse, gerado no povo que cercava Jesus, era, do ponto de vista dos fariseus, tanto errado como perigoso. Eles consideraram que era sua responsabilidade fazê-los parar. Porém, pelo contrário, Jesus repreendeu os fariseus. Tão apropriada era a aclamação dos seus seguidores que as **pedras** fariam ouvir o mesmo coro, se não houvesse vozes humanas para fazê-lo. Ele deu a entender que Deus usaria pedras, antes de precisar recorrer aos fariseus (cf. 3:8)!

2) O Lamento de Jesus Sobre Jerusalém (19:41-44)

41 E, quando chegou perto e viu a cidade, chorou sobre ela, 42 dizendo: Ah! se tu conhecesses, ao menos neste dia, o que te poderia trazer a paz! mas agora isso está encoberto aos teus olhos. 43 Porque dias virão sobre ti em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te apertarão de todos os lados, 44 e te derribarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem; e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não conheceste o tempo da tua visitação.

Quando a multidão, que canta, chega ao cume da montanha, se depara com o primeiro vislumbre da **cidade**. O panorama da cidade faz com que Jesus se conscientize repentina e fortemente da tragédia que está para se abater sobre ela. **Chorou** é um verbo forte, usado para descrever os soluços de um coração partido, em um funeral (v.g., 7:13,32; 8:52). A atitude de Jesus para com a cidade rebelde é muito diferente da do cruel déspota para com os seus vassalos conforme retratado na parábola, no verso 27.

Jerusalém, que significa "monte de paz", estava trilhando um curso que levaria a uma inevitável confrontação com o poderio de Roma. Em vez de abraçar Jesus e a sua interpretação do reino de Deus, os judeus tentariam fazer com que os seus desejos de um reino se tornassem realidade através da força das armas. A porta da oportunidade se abriu, mas também se fechou, com características inflexivelmente definitivas. Os olhos do povo, que não viam, também não percebiam que durante um curto in-

terregno eles tinham tido em seu meio o único homem que lhes podia trazer a **paz**.

Nos versículos 43 e 44 é feita uma predição do cerco e destruição de Jerusalém. Muitos eruditos presumem que esta predição foi influenciada pelos acontecimentos, quando ocorreram, e que eles já haviam acontecido quando Lucas foi escrito. Contudo, nada há, nesta predição, que faça com que esta conclusão seja necessária. Ela não é mais específica do que predições semelhantes, feitas pelos profetas, de que os babilônios iriam destruir Jerusalém. Pelo contrário, é uma declaração genérica, baseada no conhecimento das táticas militares da época, por um lado, e um reconhecimento do grande poderio militar de Roma, por outro. A rejeição de Jesus deveu-se, em parte, a uma cega dedicação à espécie de nacionalismo messiânico que levava os judeus a um futuro choque com Roma, que ocasionaria, inevitavelmente, a destruição total de Jerusalém.

A única forma pela qual uma Jerusalém fanaticamente defendida podia ser invadida era mediante um longo cerco. A interrupção de suprimentos e o cerco por uma força superior, que podia esperar pacientemente pelo inevitável, levaria a cidade, mais cedo ou mais tarde, a render-se. **Te derribarão** também pode significar "lançar-te ao nível do solo", isto é, destruir-te. Os habitantes de Jerusalém são chamados de seus **filhos** (cf. 23:28). A sina de Jerusalém é atribuída ao fato de ela não ter conseguido ver que, em Jesus, Deus havia visitado o seu povo, e lhes havia oferecido a salvação. O seu **tempo** (**kairos**) de visitação veio e se foi, sem que eles se tivessem apercebido disso.

3) A Purificação do Templo (19:45-48)

45 Então, entrando ele no templo, começou a expulsar os que ali vendiam, 46 dizendo-lhes: Está escrito: A minha casa será casa de oração; vós, porém, a fizestes covil de salteadores.

47 E todos os dias ensinava no templo; mas os principais sacerdotes, os escribas, e os principais do povo procuravam matá-lo; 48 mas não achavam meio de o fazer; porque todo o povo ficava enlevado ao ouvi-lo.

Várias diferenças entre Marcos e Lucas aparecem neste ponto (cf. Mar. 11: 11-25). Em Lucas, a purificação do Templo se segue imediatamente ao relato da entrada triunfal. Não se faz menção ao fato de ele ter pousado em Betânia, à figueira infrutífera, nem aos ensinamentos associados. E também a purificação do Templo, narrada por Lucas em apenas vinte e cinco palavras, abrevia grandemente o relato de Marcos, feito em sessenta palavras.

Lucas não diz que Jesus entrou na cidade nessa vez (cf. Mar. 11:11,15; Mat. 21:10). Faz-se referência apenas às suas atividades no Templo. Um empreendimento comercial rendoso se havia desenvolvido ali, para suprir o que os adoradores requeriam para cumprir as suas obrigações religiosas. Animais e aves que satisfaziam os requisitos rituais eram vendidos no Pátio dos Gentios, para serem usados nos sacrifícios. Viajantes que vinham de outras terras podiam trocar o seu dinheiro estrangeiro pelo meio-shequel de que os judeus do sexo masculino precisavam para pagar o imposto do Templo (Mar. 11:15b — omitido por Lucas). Visto que havia muita procura para essas mercadorias e serviços, especialmente durante as festas, as autoridades do Templo estavam dirigindo o que devia ser uma concessão muito lucrativa. Lucas omite a cena um tanto violenta que Marcos descreve. Mas os mercadores não ficaram intimidados pela força física de apenas um homem. Pelo contrário, foram o poder da sua ira justa e o impacto do seu senhorio sobre os homens, ligados a um senso de culpa que eles tinham, que ocasionou uma interrupção, pelo menos temporária, em seu comércio. As palavras de Jesus se baseiam em uma combinação de Isaías 56:7 e Jeremias 7:11. O Templo não era mais a **casa**

de Deus; tornara-se, agora, um **covil de salteadores**, onde o povo usava a religião para exploração comercial. Todo esse episódio deve, provavelmente, ser considerado como cumprimento de Malaquias 3:1: "De repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais."

Depois de limpar o Templo, Jesus o usa para os últimos dias de ensinamentos (cf. Conzelmann, p. 75-78). Porém esta ocupação é apenas um interlúdio temporário, que não altera o fato de ele, juntamente com a cidade, estarem destinados à destruição. **Todos os dias ensinava** dá a entender um ministério mais longo, em Jerusalém, do que o tempo a ele atribuído na tradicional Semana da Paixão. Isto também é insinuado na fonte de Lucas, onde Jesus diz: "Todos os dias estava convosco no templo, a ensinar" (Mar. 14:49).

O ato drástico de Jesus, no Templo, foi uma afronta direta para a família do sumo sacerdote e para os saduceus, cuja base de poderio eram o Templo e o sinédrio. **Principais sacerdotes, escribas**, e **principais do povo** eram os vários grupos de que eram provindos os setenta membros do sinédrio. O sumo sacerdote era o presidente dessa mais alta corte judaica, que era também o corpo executivo. Agora, toda a estrutura de poder estava unida, na determinação de destruir Jesus. Os líderes estavam convencidos de que deviam apanhar a luva, que Jesus lhes havia lançado, como um desafio. Não obstante, havia um obstáculo de grandes proporções ao seu desígnio: Jesus era extremamente popular. O povo já não era mais susceptível ao conselho dos seus líderes, por causa de sua atração a Jesus. Esta brecha, entre os líderes judaicos e o povo, é um aspecto característico do Evangelho de Lucas.

2. Controvérsias no Templo (20:1-21:4)

1) A Questão da Autoridade (20:1-8)

1 Num desses dias, quando Jesus ensinava o povo no templo, e anunciava o evangelho, sobrevieram os principais sacerdotes e os escribas, com os anciãos, 2 e falaram-lhe deste modo: Dize-nos, com que autoridade fazes tu estas coisas? Ou, quem é o que te deu esta autoridade? 3 Respondeu-lhes ele: Eu também vos farei uma pergunta; dizei-me, pois: 4 O batismo de João era do céu ou dos homens? 5 Ao que eles arrazoavam entre si: Se dissermos: do céu, ele dirá: Por que não o crestes? 6 Mas, se dissermos: Dos homens, todo o povo nos apedrejará; pois está convencido de que João era profeta. 7 Responderam, pois, que não sabiam donde era. 8 Replicou-lhes Jesus: Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas.

Em Marcos a questão da autoridade de Jesus se relaciona intimamente com as medidas que ele tomara para impedir as atividades comerciais na área do Templo (Mar. 11:27-33). Pela interposição do comentário editorial do versículo 1, Lucas dá a entender que a pergunta foi provocada pelo ensino de Jesus e por suas atividades, pregando no Templo, isto é, pela maneira que ele tomara posse deste e se estava conduzindo como alguém que tivesse sanção oficial para suas atividades. Estas são descritas como **ensinava** e **anunciava o evangelho**. Esta última expressão traduz uma palavra que significa "proclamar as boas-novas". Nesta fase do seu ministério, Jesus não realiza mais obras poderosas. Ele prefere apresentar-se aos habitantes de Jerusalém de maneiras que falem do cumprimento das expectações messiânicas de Israel. Ele aproximara-se da cidade como Messias. E como Messias ele purificou o Templo e tomou posse dele. Agora, como Messias, ele ensinava, ao **povo**, o verdadeiro significado da Lei e dos profetas, e proclamava-lhe as boas-novas do reino vindouro.

Jesus é desafiado pelos que representavam a mais elevada autoridade de Israel: os membros do sinédrio, composto de **principais sacerdotes, escribas** e **anciãos**. Depois da deposição de Arquelau (6 d.C.), a Judéia passou a fazer parte de uma província imperial, governada por um governador. A essa época, o governador, que era Pôncio Pilatos, era respon-

sável primordialmente pela manutenção da ordem e coleta dos impostos. Em grande parte, os negócios internos eram deixados por conta da jurisdição do sinédrio, composto de setenta e um (setenta?) membros, inclusive o sumo sacerdote, que era o seu presidente oficial. Alguns desses membros eram líderes religiosos, ou seja, sacerdotes e escribas; outros eram importantes cidadãos judeus ou **anciãos**.

Em seu ministério didático no Templo, Jesus assumira o lugar dos rabis ordenados, sem o consentimento das autoridades do Templo ou do sinédrio. Ele foi capaz de desempenhar essas atividades temporariamente por causa do povo, que o apoiava, e não queria saber das autoridades constituídas. Desta forma, a autoridade e o papel do sinédrio, na vida judaica, foi levado a um desafio específico. Os líderes não podiam permitir que esse desafio continuasse sem resposta, e por isso levantaram-se para o ataque.

Duas perguntas foram feitas, significando: (1) "Qual é a natureza de tua autoridade?" e (2) "Quem é a sua fonte?" Estava claro que a fonte não era oficial.

Segundo o bom método rabínico, uma pergunta era freqüentemente respondida com outra pergunta. Jesus não responderia à pergunta deles num vácuo. A sua obra e ensinamentos precisavam ser colocados no contexto da história redentora recente. Qualquer discussão a respeito de sua autoridade precisava proceder de uma consideração da autoridade de **João**. O seu ministério foi relacionado com o de João, visto que ele aceitara o batismo deste, e fora beneficiário do testemunho de João. Ambos haviam proclamado o reino de Deus. A identidade da mensagem de ambos é mais clara em Marcos e Mateus do que em Lucas, onde se faz mais uma distinção entre Jesus e João (cf. Mar. 1:14; Mat. 3:1; 4:17). Uma apreciação adequada do ministério de João inclui um reconhecimento da continuidade entre ele e Jesus.

João havia aparecido, conclamando os judeus ao arrependimento e batizando-os, como preparação para a crise vindoura. A questão era: Que autoridade tinha ele para fazer tais coisas? **Do céu** significa de Deus. Conseqüentemente, os líderes judeus foram convocados para fazer um julgamento público. Será que João, que também agira sem nenhuma capacidade oficial, e sem sanção oficial, tinha uma autoridade mais alta, a saber, a de Deus? Ou teria ele agido por decisão independente, e por isso inaceitável, humana?

Agora a situação subitamente se inverte; os líderes religiosos, de quem se esperava dessem respostas com autoridade, a tais inquirições, são colocados em uma situação insustentável. Eles se agrupam, para discutir as três alternativas possíveis. Eles podiam reconhecer que a autoridade de João era divina — autoridade de profeta, e não a sansão oficial da instituição religiosa. Mas eles se haviam recusado a dar ouvidos à mensagem dele e a aceitar o seu batismo. Assim, uma pergunta iria apenas levar a outra, bastante embaraçosa: **Por que não o crestes?** Outra opção era negar a autoridade divina de João, o que com efeito eles haviam feito, recusando-se a ouvir a sua conclamação ao arrependimento. Mas isso os colocaria, em vez de Jesus, em dificuldades com o povo. Lucas declara explicitamente que eles tiveram medo de ser apedrejados (cf. Mar. 11:32). Segundo a opinião pública, João era um **profeta**, o que acarretava a crença de que ele era "enviado de Deus" (João 1:6). Os líderes escolheram a terceira opção. Não estando dispostos a enfrentar a pergunta, eles confessaram ignorância. Ao fazê-lo, eles fizeram com que se tornasse impossível qualquer discussão ulterior da pergunta que eles próprios haviam feito.

2) Os Lavradores Maus (20:9-18)

9 Começou então a dizer ao povo esta parábola: Um homem plantou uma vinha, arrendou-a a uns lavradores, e ausentou-se do país por muito tempo. 10 No tempo pró-

prio mandou um servo aos lavradores, para que lhe dessem dos frutos da vinha; mas os lavradores, espancando-o, mandaram-no embora de mãos vazias. 11 Tornou a mandar outro servo; mas eles espancaram também a este e, afrontando-o, mandaram-no embora de mãos vazias. 12 E mandou ainda um terceiro; mas feriram também a este e lançaram-no fora. 13 Disse então o senhor da vinha: Que farei? Mandarei o meu filho amado; a ele talvez respeitarão. 14 Mas quando os lavradores o viram, arrazoaram entre si, dizendo: Este é o herdeiro; matemo-lo, para que a herança seja nossa. 15 E, lançando-o fora da vinha, o mataram. Que lhes fará, pois, o senhor da vinha? 16 Virá e destruirá esses lavradores, e dará a vinha a outros. Ouvindo eles isso, disseram: Tal não aconteça! 17 Mas Jesus, olhando para eles, disse: Pois, que quer dizer isto que está escrito:

A pedra que os edificadores rejeitaram,
essa foi posta como pedra angular?

18 Todo o que cair sobre esta pedra será despedaçado; mas aquele sobre quem ela cair será reduzido a pó.

Lucas segue a ordem de Marcos, ao colocar a Parábola dos Lavradores maus depois da discussão acerca da autoridade de Jesus (Mar. 12:1-12). Existe uma relação entre esta parábola e o cântico da vinha, de Isaías 5:1-7. Desde o tempo de Isaías, a **vinha** era um símbolo de Israel. Lucas omite os detalhes, apresentados por Marcos, que descrevem a extensão do investimento inicial, do proprietário, em tempo e esforço (cf. Mar. 12:1). Parece que ele entregou a vinha a **lavradores**, ou seja, a arrendatários, como um ato de confiança, porque logo em seguida empreendeu uma viagem que o levou a afastar-se, como acrescenta Lucas, **por muito tempo**. Quando chegou o **tempo**, isto é, depois que os **frutos da vinha**, o vinho, havia sido preparado, ele enviou servos para receber a renda da vinha, que era parte de sua produção.

Esta parábola é mais uma alegoria do que as outras que já consideramos. Os profetas maltratados são representados pelos servos maltratados. Lucas menciona apenas três, enquanto Marcos (12:5) fala de outros "muitos". Em Marcos, o terceiro servo é morto, bem como os outros. Em Lucas, só o filho é sacrificado. Desta forma, a parábola, em Lucas, vai crescendo em intensidade, até chegar a um clímax. Cada servo é tratado mais vergonhosamente do que o primeiro, levando a um quarto e final episódio, a saber, o assassinato do filho. Pelo uso de um método literário, que é reminiscência da repetição, em Amós, da frase: "Por três transgressões... e por quatro" (Am. 1:3, etc.), o palco está preparado para a declaração de que a hora do julgamento chegara.

Ao contrário das expectativas do proprietário, os arrendatários não **respeitam** o seu filho. **Filho amado** pode intencionalmente estar trazendo à mente do leitor as palavras pronunciadas por ocasião do batismo de Jesus (3:22). O detalhe que coloca a morte do filho fora da vinha faz com que a história de Lucas corresponda mais intimamente à experiência de Jesus propriamente dita, do que o paralelo de Marcos. O pecado de Israel, ao rejeitar Jesus, é retratado como a renúncia à soberania de Deus sobre Israel. Os líderes religiosos, a quem Deus havia confiado o seu povo, traíram a sua mordomia e tentaram impedir Deus de entrar na sua própria vinha.

O proprietário da vinha destrói os arrendatários usurpadores, e dá o seu lugar a outros. O significado desta declaração não escapa aos ouvintes, que exclamam: **Tal não aconteça!** Este protesto, que não se encontra em Marcos, propicia uma transição da história para a citação bíblica (Sal. 118:22). Este salmo era, provavelmente, um texto de prova messiânico, freqüentemente usado pela igreja primitiva. Ao invés de continuar a citação, com a adição de Salmos 118:23, que Marcos menciona, Lucas apresenta uma declaração, que é reminiscência de Daniel 2:34,44 e Isaías 8:14. A figura agora é mudada, e pensa-se no povo de Deus como um templo, em vez de uma vinha. A pedra rejeitada é Jesus, que se tornou **pedra angular** de um novo edifício. Mas

essa pedra também é uma pedra de juízo. Ela não é susceptível de destruição pelos seus inimigos. Todos os esforços contra a pedra são **despedaçados**. E, sobretudo, ela cai como juízo sobre os que a rejeitam. O verbo traduzido como **reduzido a pó** significa primariamente peneirar, cirandar, mas as versões antigas confirmam a tradução da IBB.

3) A Questão do Tributo (20:19-26)

19 Ainda na mesma hora os escribas e os principais sacerdotes, percebendo que contra eles proferira essa parábola, procuraram deitar-lhe as mãos, mas temeram o povo. 20 E, aguardando oportunidade, mandaram espias, os quais se fingiam justos, para o apanharem em alguma palavra, e o entregarem à jurisdição e à autoridade do governador. 21 Estes, pois, o interrogaram, dizendo: Mestre, sabemos que falas e ensinas retamente, e que não consideras a aparência da pessoa, mas ensinas segundo a verdade o caminho de Deus; 22 é-nos lícito dar tributo a César, ou não? 23 Mas Jesus, percebendo a astúcia deles, disse-lhes: 24 Mostrai-me um denário. De quem é a imagem e a inscrição que ele tem? Responderam: De César. 25 Disse-lhes então: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. 26 E não puderam apanhá-lo em palavra alguma diante do povo; e, admirados da sua resposta, calaram-se.

Os representantes do judaísmo ficaram mui enfurecidos pelas implicações da parábola precedente, e só não prenderam Jesus imediatamente por medo do **povo**. O quadro desses últimos dias, da forma como é apresentado por Lucas, é muito dramático. De um lado estava Jesus, um homem solitário, que assumira o controle da instituição central da religião israelita. Do outro, os membros do sinédrio, enfurecidos, mas cautelosos. No meio estava o povo — volátil, imprevisível, mas por enquanto lançando o peso de sua proteção ao redor de Jesus.

Nessa situação, os seus inimigos se resolvem a seguir um curso que esperavam viesse fazer com que Jesus apresentasse, inadvertidamente, alguns motivos para que o acusassem de traição contra o governo romano. Ao invés de atacá-lo abertamente, eles enviaram agentes, que se plantaram no meio do auditório a fim de fazerem, a Jesus, perguntas provocantes, à guisa de sincero desejo de orientação, simulando respeito pelos seus ensinos. A introdução editorial a este episódio (v. 20) lança o alicerce para o julgamento subseqüente de Jesus, onde, em verdade, ele é acusado de hostilidade contra o imperador, acusação que, com esta narrativa, Lucas prova ser falsa (cf. 23:2). Deve-se notar que Lucas não menciona os herodianos — nem aqui, nem em nenhuma outra parte (cf. Mar. 12:13).

A lisonja dos **espias** tinha o objetivo de influenciar Jesus a fazer declarações ousadas contra o governo. **Não consideras a aparência da pessoa** significa que ele não permitia que poder ou posição o influenciassem. O **caminho de Deus** é a maneira em que uma pessoa deve viver, conforme delineado pela vontade de Deus. Eles esperavam que a sua lealdade a Deus o levasse a tomar uma posição que pudesse ser interpretada como deslealdade para com o imperador.

Tributo era o imposto pessoal e direto requerido pelo governo romano, dos cidadãos da Palestina. Era uma recordação constante e inflamadora, para eles, de sua sujeição a um poder estrangeiro. Em 6 d.C., quando foi ordenado um recenseamento para compor as listas de impostos, houve uma revolta abortada, liderada por Judas da Galiléia. A questão do tributo era, portanto, um problema melindroso para o povo.

Caracteristicamente, a história de Lucas, em comparação com a de Marcos, é um tanto abreviada, o que a torna menos dramática. Em resposta ao pedido de Jesus, alguém do auditório lhe apresentou um denário de prata, moeda com que o imposto era pago. O fato é que eles mesmos estavam carregando moedas que ostentavam a imagem de César. Até esse ponto, por conseguinte, eles estavam se submetendo ao governo de (Tibério) Cé-

sar e aceitando os seus benefícios. A prerrogativa do governante de uma região era a fundição e distribuição de moedas, que, segundo o costume antigo, eram consideradas como propriedade dele. Conseqüentemente, o povo judeu estava usando moedas que, na verdade, pertenciam ao imperador. Quando ele pedia uma delas, estava apenas requisitando o que por direito lhe pertencia. O princípio era claro: **Dai**, ou melhor, devolvei a **César** o que pertence a ele.

Mas Jesus não pára aí. O uso de moedas ou qualquer outra coisa que ostentasse imagens eram evitadas pelos judeus, como violação do segundo mandamento. O culto, ao imperador já era amplamente praticado no Oriente. Por esta razão, a imagem de César, em suas moedas, tinha uma conotação religiosa. Para algumas pessoas, representava a imagem de um deus (cf. Leaney, p. 252 e ss.). Portanto, Jesus advertiu contra prestar-se a César a adoração e o culto que pertencem somente a Deus.

Pelo fato de Jesus ter falado tão pouco acerca do Estado, esta afirmação tem sido considerada como contendo um enorme peso de idéias e interpretações. Ele certamente nunca pretendeu que a vida devesse ser dividida em duas esferas: a secular e a espiritual. Os ensinos de Jesus enfatizam que Deus é rei sobre tudo. Não há áreas autônomas, em que os homens possam escapar às suas exigências éticas e morais. César devia receber uma moeda, uma ninharia. Mas o homem precisa dar a sua vida toda a Deus. A vontade de Deus precisa ser a determinante em todas as suas decisões quanto a política, economia ou moralidade pessoal.

É patente que os espias fracassaram em seus esforços para fazer Jesus cair numa armadilha. Ele respondeu à sua pergunta sem identificar a sua missão com a dos nacionalistas radicais. Ao mesmo tempo, ele apresentou, para todos eles, a verdade básica de sua mensagem: só Deus é realmente Rei.

4) A Questão da Ressurreição (20:27-40)

27 Chegaram então alguns dos saduceus, que dizem não haver ressurreição, e perguntaram-lhe: 28 Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer alguém, tendo mulher, mas não tendo filhos, o irmão dele case com a viúva, e suscite descendência ao irmão. 29 Havia, pois, sete irmãos. O primeiro casou-se e morreu sem filhos; 30 então o segundo, e depois o terceiro, casaram com a viúva; 31 e assim todos os sete, e morreram, sem deixar filhos. 32 Depois morreu também a mulher. 33 Portanto, na ressurreição, de qual deles será ela esposa, pois os sete por esposa a tiveram?

34 Respondeu-lhes Jesus: Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento; 35 mas os que são julgados dignos de alcançar o mundo vindouro, e a ressurreição dentre os mortos, nem se casam nem se dão em casamento; 36 porque já não podem mais morrer, pois são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. 37 Mas que os mortos hão de ressurgir, o próprio Moisés o mostrou, na passagem a respeito da sarça, quando chama ao Senhor: Deus de Abraão, e Deus de Isaque, e Deus de Jacó. 38 Ora, ele não é Deus de mortos, mas de vivos; porque para ele todos vivem. 39 Responderam alguns dos escribas: Mestre, disseste bem. 40 Não ousavam, pois, perguntar-lhe mais coisa alguma.

No lado oposto do espectro, em contraposição aos nacionalistas radicais, se encontravam os saduceus. Organizados ao redor do sumo sacerdote, a sua base de poder eram o Templo e o sinédrio. Na ausência de independência nacional, o sumo sacerdote, como presidente do sinédrio, era a figura política judaica da mais elevada condição, na província imperial. Como já vimos, Roma concedeu, ao sinédrio, grande parte da responsabilidade pela administração dos negócios internos da província. Pelo fato de se beneficiarem com o **status quo**, os saduceus se opunham basicamente a qualquer mudança política. Eles também eram religiosamente conservadores. Discordavam de muitas idéias farisaicas, com a alegação de que eram inovações. Rejeitando **in totum** as tradições orais, eles aceitavam, como sua autoridade religiosa, apenas o Pentateuco, em que di-

ziam não encontrar base para crer na ressurreição.

A situação hipotética que os saduceus apresentaram a Jesus, numa tentativa de embaraçá-lo, devia ser um enredo usado comumente em suas discussões com pessoas de convicções farisaicas. O exemplo, que é propositalmente levado ao ponto do absurdo, estava baseado na prescrição do casamento de levirato, em Deuteronômio 25.5-10. Essa palavra é derivada de **levir**, que significa irmão. De acordo com a passagem de Deuteronômio, essa obrigação se aplicava a dois irmãos que vivessem juntos. Se um morresse, o outro devia coabitar com a sua viúva. O primeiro filho dessa união devia levar o nome do falecido.

Há uma significativa diferença entre Lucas e o seu paralelo em Marcos (Mar. 12:18-27). O terceiro Evangelho fala dos **que são julgados dignos de alcançar... a ressurreição dentre os mortos** (v. 35). No paralelo em Marcos encontramos "ao ressuscitarem dos mortos" (12:25). Esta diferença é freqüentemente interpretada como evidência de que a teologia de Lucas prevê uma ressurreição apenas de justos. Mas conclusões dogmáticas não podem ser baseadas em sugestões tão escassas (veja 14:14).

Jesus respondeu, à parábola dos saduceus, com uma simples afirmação. A pergunta deles não levou em consideração a diferença básica entre as duas eras. Envolvida no conceito da ressurreição, estava também a crença de que a pessoa ressuscitada era transformada. Por causa disso, as relações desta era não são decisivas para se determinar as da era vindoura. Depois da morte, os ressuscitados se tornam parte das hostes celestiais, o que é equivalente a **anjos**. Muitos vêem, nesta declaração, uma referência a Enoque 15:6, na passagem que fala de anjos decaídos. Como participantes da era vindoura, essas pessoas transformadas não são mais mortais. Conseqüentemente, provisões como o do casamento de levirato, que foram feitas para ir de encontro às circunstâncias produzidas pela morte, não se aplicam a uma situação que não será afetada pela morte. Visto que a população do céu não será dizimada pela morte, o casamento não será uma instituição pertinente.

As categorias de família e raça são abolidas, em uma existência em que todos os filhos de Deus se relacionam uns com os outros da mesma forma. A única família no mundo futuro é a família de Deus. Há só um Pai, que é **Deus**; todos os outros são **filhos. Filhos da ressurreição** é um semitismo que significa ressuscitados.

Depois de responder à pergunta deles, Jesus desafiou a rejeição da ressurreição pelos saduceus. Ele o fez não questionando o conceito de autoridade deles, mas questionando a sua interpretação do Pentateuco, que eles aceitavam como autoridade. Em Êxodo 3:6, o **Senhor** (Yahweh) se identifica como o **Deus de Abraão... Isaque e... Jacó**. Isto prova que esses homens, embora tivessem morrido, ainda estavam vivos, naquele tempo, como servos de Deus ressurrectos. De outra forma, o título que Moisés deu a Deus seria uma completa contradição. Falar de um Deus de mortos é um absurdo.

Momentaneamente, **alguns dos escribas** esqueceram a sua hostilidade contra Jesus, em sua alegria com a frustração e derrota dos seus oponentes teológicos. Eles cumprimentaram Jesus por sua sagaz defesa da ressurreição, em que ele voltara as armas dos saduceus contra eles mesmos.

Com essa defrontação, Lucas dá fim à série de tentativas, da parte dos inimigos de Jesus, para desacreditá-lo. Ao fazê-lo, ele omite o problema do maior mandamento (Mar. 12:28-34). Mas a introdução à Parábola do Bom Samaritano (10:27) tem muita semelhança com a passagem de Marcos. Isto deve ter induzido à omissão neste lugar.

5) A Pergunta Acerca do Messias (20:41-44)

41 Jesus, porém, lhes perguntou: Como dizem que o Cristo é filho de Davi? 42 Pois o próprio Davi diz, no livro dos Salmos:
Disse o Senhor ao meu Senhor:
Assenta-te à minha direita,
43 até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés. 44 Logo, Davi lhe chama Senhor; como, pois, é ele seu filho?

Tendo posto os seus inimigos em fuga, pela sagacidade de suas respostas às perguntas ardilosas que eles haviam feito, Jesus agora se torna o inquiridor. Ele desafia o conceito nacionalista messiânico, corporificado pela compreensão popular do título **filho de Davi**. O problema não era o que o povo pensava na vinda do Messias como filho de Davi. **Cristo**, "ungido", é uma transliteração da palavra grega que é tradução da hebraica Messias. A igreja primitiva, inclusive Lucas, também entendia Jesus como filho de Davi. Mas Jesus rejeitava a idéia de que o papel do Messias era restabelecer a dinastia davídica em Jerusalém e vingar o humilhado povo judeu, elevando-o a uma posição de supremacia sobre as nações gentias.

O objetivo da citação de Salmos 110:1 é que o Messias precisa ser mais do que filho de Davi e herdeiro do seu trono. A declaração **o Senhor** (Yahweh) disse ao **meu Senhor** (o Cristo) é usada para provar que Davi pensava no Messias como algo mais do que um filho. Dificilmente um homem chamaria o seu filho de **meu Senhor**. Assim sendo, o Messias não é apenas filho de Davi; ele é também Senhor de Davi.

6) A Condenação dos Escribas (20:45-47)

45 Enquanto todo o povo o ouvia, disse Jesus aos seus discípulos: 46 Guardai-vos dos escribas, que querem andar com vestes compridas, e gostam das saudações nas praças, dos primeiros assentos nas sinagogas, e dos primeiros lugares nos banquetes; 47 que devoram as casas das viúvas, fazendo, por pretexto, longas orações; estes hão de receber maior condenação.

Lucas já havia feito outra crítica, mais longa, dos líderes religiosos, derivada do seu material provindo de Q (11:37 e ss.; cf. Mat. 23:13 e ss.). Esta passagem mais curta é baseada em Marcos 12:38-40. A introdução à história, contudo, é do próprio Lucas. Nela diz que as advertências de Jesus contra os **escribas** foram dirigidas tanto ao **povo** quanto aos **discípulos**.

Desejo de reconhecimento público e ambição inescrupulosa foram os pecados de que Jesus acusou os escribas. A nota profética, tão proeminente nos ensinos de Jesus, outra vez sobe à tona aqui. A falta de interesse, de uma pessoa, pelos indefesos e necessitados é prova ineludível de que a sua religião é uma zombaria vazia. Por maior que seja a quantidade de atividade religiosa, ela não pode fazer-se agradável a Deus.

Os escribas foram acusados de devorar **as casas das viúvas**. Não somos informados como, exatamente, eles faziam isto. Talvez se aproveitassem da fé incondicional, das viúvas, em seus líderes religiosos. Plummer sugere que eles aceitavam "hospitalidade e ricos presentes de mulheres piedosas e fracas" (p. 474). Esta é uma forma muito comum de usar a religião para explorar os outros. Por outro lado, as casas podiam ser penhor por empréstimos e dívidas (Leaney, p. 256).

Como tão freqüentemente acontece, o capítulo 21 faz uma infeliz divisão de material, que devia estar junto. A condenação dos escribas é pretendida para ser vista em contraste com o louvor, que se segue, a uma viúva, como representante de suas vítimas indefesas.

7) O Louvor à Viúva (21:1-4)

1 Jesus, levantando os olhos, viu os ricos deitarem as suas ofertas no cofre; 2 viu também uma pobre viúva lançar ali dois leptos; 3 e disse: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deu mais do que todos; 4 porque todos aqueles deram daquilo que lhes sobrava; mas esta, da sua pobreza, deu tudo o que tinha para o seu sustento.

A crítica dos escribas é seguida pelo louvor ou elogio a uma viúva. Jesus **levantou os olhos**, porque estava sentado, na posição de mestre. O **cofre** ou cofres, pois eram vários cofres enfileirados, tinham uma abertura em forma de trombeta, onde as ofertas eram colocadas. Entre os **ricos** que se aproximaram dos cofres, para lançar neles as suas gordas ofertas, estava uma **pobre viúva**, que devia parecer estar deslocada em tal companhia. Ela fez uma oferta muito insignificante: **dois leptos**, duas moedas de cobre, que valiam menos de vinte cruzeiros.

Surpreendentemente, Jesus declarou que a oferta dela era de mais valor do que o total das contribuições de **todos** os outros. Eles haviam **dado daquilo que lhes sobrava**, e não estavam em piores condições do que antes, depois de terem contribuído. Em contraste, as moedinhas ofertadas pela viúva representavam toda a sua riqueza. A oferta que ela fizera era uma genuína expressão de sua fé em que Deus, na sua providência, iria suprir as suas necessidades futuras.

Os ricos não haviam demonstrado tal fé. Eles não haviam prejudicado nem um pouco a sua segurança financeira. Ao mesmo tempo, eles criam que haviam ganho o favor de Deus com uma oferta em dinheiro.

3. Ensinos Acerca dos Acontecimentos do Fim (21:5-38)

1) O Perigo de Ser Enganado (21:5-9)

5 E, falando-lhe alguns a respeito do templo, como estava ornado de formosas pedras e dádivas, disse ele: 6 Quanto a isto que vedes, dias virão em que não se deixará pedra sobre pedra, que não seja derribada. 7 Perguntaram-lhe então: Mestre, quando, pois, sucederão estas coisas? E que sinal haverá, quando elas estiverem para se cumprir? 8 Respondeu então ele: Acautelai-vos; não sejais enganados; porque virão muitos em meu nome, dizendo: Sou eu; e: O tempo é chegado; não vades após eles. 9 Quando ouvirdes de guerras e tumultos, não vos assusteis; pois é necessário que primeiro aconteçam êssas coisas; mas o fim não será logo.

Marcos atribui uma declaração direta acerca do Templo a um dos discípulos, comentando que ela foi feita enquanto Jesus saía com os discípulos desse edifício (13:1). Em Lucas, **alguns**, dentre o povo que ouvia a Jesus, chamam a atenção para a solidez e beleza do **templo**. As **dádivas** eram as "ofertas votivas" (Moffatt), que várias pessoas, inclusive o Rei Herodes e o próprio César Augusto, haviam feito ao Templo.

Herodes, o Grande, começou, o que chegou a ser uma reconstrução do segundo Templo, em 19 a.C. Este terceiro Templo, um complexo de edifícios que cobriam cerca de cinco hectares no Monte Moriá, pode ser que não estivesse completamente terminado quando irrompeu a primeira Guerra Judaico-Romana. Josefo informa-nos que o Templo foi construído de enormes blocos de mármore branco, e, à distância, parecia um pico de montanha brilhante, coberto de neve. Ele era ornamentado com ouro, pedras preciosas e tapeçarias caras.

Jesus replicou, aos comentários admirados a respeito desse Templo, com uma predição de que esse edifício imponente, que possuía um ar tão convincente de permanência, um dia seria reduzido a escombros. No ano 70 d.C. os romanos puseram fogo no Templo, e, subseqüentemente, por ordem de César, nivelaram as suas paredes, na demolição sistemática da cidade. Quando terminaram, o lugar onde a orgulhosa capital de Israel outrora estivera era uma terra desolada e desabitada (Josefo, **Guerras** 7, 1, 1-3). Da mesma forma como Jeremias havia predito a destruição do primeiro Templo, como resultado da desastrosa política externa de Judá (26:6), Jesus também previu que o Templo de Herodes iria sofrer o mesmo destino.

Marcos conta-nos que Pedro, Tiago, João e André interrogaram Jesus acerca de sua predição, "estando ele sentado no Monte das Oliveiras, defronte do templo", de onde se via plenamente essa

impressionante estrutura (13:3). No entanto, o Templo era o palco de todas as atividades didáticas de Jesus durante estes últimos dias. Ali, pessoas não identificadas lhe perguntaram quando a destruição predita ocorreria, e como eles seriam capazes de prevê-la. Elas pressupunham que um **sinal** seria dado, que levaria a ficarem alerta aqueles que o reconhecessem, preparando-se para a catástrofe iminente. Evidentemente, a destruição do Templo, segundo se presume, foi um acontecimento escatológico intimamente associado com o fim dos tempos.

Jesus, antes de tudo, deu uma palavra de advertência. Os seus ouvintes não deviam ser vítimas inocentes de falsas expectativas. Da mesma forma como o faz em Marcos, Jesus aqui emite uma palavra de acautelamento contra os embusteiros messiânicos. [33] O mais famoso pretendente judeu ao título de Messias, na história subseqüente, foi Bar Cochba, que, aclamado como tal por ninguém menos do que o Rabi Akiba, levou os judeus à sua última rebelião abortada contra Roma (132-135 d.C.). Lucas ainda cita as advertências de Jesus contra as tentativas de fixar uma data específica para o fim, coisa que não se encontra em Marcos. A natureza inesperada, repentina, da **Parousia** é um tema escatológico constante, no terceiro Evangelho.

Guerras e **tumultos** não devem ser interpretados como sinais de um **fim** iminente desta era. Os **tumultos** denotam perturbações civis do tipo que afligiram o Império Romano desde a morte de Nero até a ascensão de Vespasiano (68 d.C.). Esta palavra é encontrada em Lucas, em vez dos "rumores de guerras" de Marcos (13:7). Pela introdução das cláusulas modificadoras, **primeiro** e **logo**, no texto de Marcos, Lucas torna claro que distúrbios caóticos, amedrontadores e históricos estão separados dos acontecimentos de caráter supra-históricos, com que esta era terá fim. No conceito de escatologia, encontrado em Lucas, certos desenvolvimentos históricos precisam ter lugar antes do fim, mas nenhum deles será sinal, por si mesmo, de uma **Parousia** iminente.

2) Distúrbios e Perseguições (21:10-19)

10 Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino; 11 e haverá, em vários lugares, grandes terremotos, e pestes e fomes; haverá também coisas espantosas, e grandes sinais do céu. 12 Mas antes de todas essas coisas vos hão de prender e perseguir, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, e conduzindo-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome. 13 Isso vos acontecerá para que deis testemunho. 14 Proponde, pois, em vossos corações, não premeditar como haveis de fazer a vossa defesa; 15 porque eu vos darei boca e sabedoria, a que nenhum dos vossos adversários poderá resistir nem contradizer. 16 E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos, sereis entregues; e matarão alguns de vós; 17 e sereis odiados de todos por causa do meu nome. 18 Mas não se perderá um único cabelo da vossa cabeça. 19 Pela vossa perseverança ganhareis as vossas almas.

Conflito internacional, terremotos, fomes, pragas, e fenômenos astrais incomuns têm sido associados, em ocasiões diferentes, com o desprazer divino, catástrofe iminente e juízo. Nos círculos cristãos, freqüentemente eles têm sido considerados como indicação da volta iminente do Senhor, e do juízo final de Deus. Esta espécie de pensamento apocalíptico cristão tem raízes no apocalipse judaico. As pragas infligidas ao Egito, como prelúdio da libertação de Israel do cativeiro, são símbolo das maravilhas que pressagiarão a redenção escatológica de Israel. Mas da maneira como este escritor considera este assunto, nesta passagem de Lucas, estes fenômenos não estão associados com o fim iminente do

33 Manson (p. 231) argumenta que "as pessoas que vêm em nome de Jesus precisam ser cristãs, reivindicando a sua autoridade". Ele remove a dificuldade do caminho desta interpretação, com a sugestão de que "sou eu" significa "o Messias chegou". A advertência, neste caso, seria contra uma prematura proclamação da **Parousia**. Esta interpretação tem muito mérito.

século. A omissão da frase "isso será o princípio das dores" (Mat. 13:8b) é decisiva a este respeito.

De interesse mais imediato para o seguidor de Jesus, todavia, é a perseguição que ele precisa suportar. Em tempos de intenso sofrimento, os crentes são vítimas susceptíveis de falsas esperanças. A literatura apocalíptica é um produto de períodos de crise e desânimo, quando o povo desespera de qualquer alívio, exceto através da direta intervenção de Deus. Ela expressa a esperança de que Deus agirá para vencer os poderes malignos que oprimem o seu povo. Dois tipos de perseguição são previstos em nosso texto. Os cristãos serão levados diante das cortes da sinagoga judaica. Também serão levados a julgamento diante de **reis** e **governadores** gentios, **por causa do** seu **nome**, isto é, porque eles reconhecem publicamente a sua lealdade a Jesus. Paulo foi uma vítima de ambos os tipos de perseguição (II Cor. 11:23 e ss.).

Ao invés de associar a perseguição com uma **Parousia** iminente, os seguidores de Jesus devem entender que é hora de testificar e disseminar o evangelho. A perseguição lhes dará uma oportunidade de dar o **testemunho** de sua fé. Atos contém inúmeras ilustrações da maneira como os líderes cristãos usaram as audiências judiciais públicas como oportunidades para proclamar o evangelho.

O verbo **premeditar** (v. 14) significa preparar um discurso. Durante a experiência das perseguições, os discípulos não serão limitados apenas aos seus recursos próprios. Jesus lhes promete dar **boca**, isto é, palavras, e **sabedoria**, a saber, a sabedoria de Deus. Marcos diz que o Espírito Santo falará pelos crentes (13:11b). Não há diferença essencial no significado da declaração de Lucas. Isto é verificado, por exemplo, em Atos 4:8, em que Pedro fica "cheio do Espírito Santo" antes de começar a sua defesa.

Os seguidores de Jesus precisam estar preparados para pagar um elevado preço pela sua lealdade. Eles serão traídos pelas pessoas que lhes são mais íntimas: **pais, irmãos,** etc. Alguns sofrerão o martírio. Por volta da sétima década do primeiro século, as fileiras do movimento cristão já terão sido duramente atingidas pela perda de líderes, como Estêvão, Tiago, Pedro e Paulo. **Odiados de todos** descreve a hostilidade geral que será dirigida contra os cristãos, pela sociedade. Porque já eram vistos com profunda suspeita e antipatia, os cristãos foram os bodes expiatórios naturais sobre os quais Nero pôde descarregar a culpa pelo grande incêndio de Roma. Esforços extensivos foram feitos para, mais tarde, eliminar completamente o cristianismo do território do Império.

O contexto mostra que a declaração **não se perderá um único cabelo da vossa cabeça** não significa que os discípulos escaparão a todo dano físico (veja 12:4). É uma declaração da certeza de que eles podem confiar em Deus, que cuida deles tanto que até "os cabelos de suas cabeças estão todos contados" (12:7). Embora os homens possam tirar-lhes a vida, não podem roubar-lhes a sua segurança final. Eles **ganharão as suas vidas** — não a sua existência física, mas a vida no mundo por vir. Os cristãos podem enfrentar os perigos de uma existência precária, nesta era, porque sabem que a **perseverança**, que é firmeza no tempo da perseguição, tem a sua recompensa. Esta ênfase, na persistência, sublinha o fato de que os seguidores não podem esperar que os seus sofrimentos sejam abreviados pela **Parousia**.

3) A **Destruição de Jerusalém** (21:20-24)

20 Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação. 21 Então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes; os que estiverem dentro da cidade, saiam; e os que estiverem nos campos não entrem nela. 22 Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas. 23 Ai das que estiverem grávidas, e das que amamentarem naqueles dias! porque haverá grande angústia sobre a terra, e ira contra este povo. 24 E cairão ao fio da

espada, e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos destes se completem.

Agora é dada uma resposta à interrogação feita no verso 7. Quando os exércitos romanos cercarem Jerusalém, este é o sinal de que a sua captura e destruição estão iminentes. **Jerusalém cercada de exércitos** substitui a frase de Marcos, "a abominação da desolação estar onde não deve estar" (Mar. 13:14; cf. Dan. 9:27; 11:31; 12:11). Talvez isto aconteça devido às conotações apocalípticas deste último. A destruição de Jerusalém é apresentada de tal forma a mostrar que ela não está associada com a **Parousia**.

Sobretudo, o cristianismo é dissociado das aspirações nacionalistas do povo judeu, que o levariam a destino tão terrível. Antes de Jerusalém ser completamente cercada pelo exército sitiante, os cristãos deviam fugir da cidade. O historiador Eusébio, do quarto século, conta que os cristãos foram avisados, por um profeta, para fugirem de Jerusalém antes da queda. Seja qual for o mérito histórico desse dado, sabemos que os cristãos de Jerusalém, na verdade, se retiraram para a cidade de Pela, na Peréia, a tempo de evitar o fim que tiveram os seus concidadãos que permaneceram na cidade. O fato de não terem ajudado a sua nação, em sua resistência contra Roma, tornou definitiva a já ampla brecha entre o cristianismo e o judaísmo.

Dias de vingança define o destino de Jerusalém como juízo de Deus. Talvez a declaração seja considerada como o cumprimento de Ezequiel 9:1: "Chegai, vós, os intendentes da cidade, cada um com as suas armas destruidoras na mão" (cf. Jer. 5:29; Os. 9:7). A destruição de Jerusalém era o destino de uma nação que, apegando-se obstinadamente ao seu rebelde nacionalismo, rejeitou o Messias de Deus, porque ele não se enquadrava nas suas idéias acerca do reino de Deus.

Mulheres grávidas ou que estivessem amamentando bebês estariam correndo especial perigo, porque não seriam capazes de viajar suficientemente depressa para escapar. Lucas fala de **angústia** em lugar da palavra "tribulação" que Marcos usa, e que tem mais aguda conotação apocalíptica. **Terra** aqui se refere à Palestina, a "terra santa". **Ira contra este povo** é paralelo de **angústia sobre a terra**, repetindo a interpretação da destruição de Jerusalém como ato de juízo divino. Josefo relata que um milhão e cem mil judeus foram imolados no cerco de Jerusalém, além de noventa e sete mil, que foram levados como prisioneiros. Embora esses números possam ter sido exagerados, o tributo da rebelião foi de fato elevadíssimo.

Freqüentemente acontece que as guerras de libertação nacional e de expansão produzem resultados que são exatamente o oposto dos esperados pelos seus promotores. Ao invés de tornar-se a sede de uma nação judaica orgulhosa e independente, Jerusalém tornou-se a sede de um acampamento gentio. **Os tempos destes** (dos gentios) tem o significado de um conceito semelhante, expresso por Paulo em Romanos (veja especialmente Rom. 11:25). A rejeição, por parte dos judeus, da vontade de Deus, e a catástrofe conseqüente iniciaram um período de expansão missionária entre os gentios. O próprio Lucas estava vivendo nos **tempos dos gentios**. Dificilmente esta expressão terá o peso de elaborados esquemas apocalípticos, que interpretam a volta dos judeus a Jerusalém como cumprimento da profecia e início do fim. Isto é verdade, especialmente diante do fato de que o ensinamento em Lucas divorcia expressamente todos os desenvolvimentos históricos do fim propriamente dito, excluindo exatamente este tipo de predições. Esta declaração expressa a convicção de que a missão aos gentios faz parte do movimento redentor de Deus, que terá o seu auge antes que venha o fim.

4) A **Vinda do Filho do Homem** (21:25-28)

25 E haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e sobre a terra haverá angústia das nações em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; 26 os homens desfalecerão de terror, e pela expectação das coisas que sobrevirão ao mundo; porquanto os poderes do céu serão abalados. 27 Então verão vir o Filho do homem em uma nuvem, com poder e grande glória. 28 Ora, quando essas coisas começarem a acontecer, exultai e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção se aproxima.

Até este ponto, a direção desta passagem apocalíptica tem sido claramente indicada. A parte que se inicia aqui (v. 25-31) é muito mais difícil. Ela é geralmente interpretada em conjunto com a volta do Senhor e o fim do século. Esta é a interpretação indicada pela referência ao **mundo**, palavra que se refere a toda a terra habitada (v. 26), à vinda do **Filho do homem** (v. 27) e à proximidade do **reino** (v. 31), além das associações costumeiras da linguagem apocalíptica que aparece aqui. Leaney toma outra posição e atribui essa linguagem ao "desejo de revestir a queda de Jerusalém... de solenidade catastrófica" (p. 262). Que essa linguagem pode ser aplicada a um ato de Deus, na história e experiência da comunidade primitiva, verifica-se em Atos 2:16 e ss. Ali, as maravilhas do Pentecostes são declaradas cumprimento da passagem apocalíptica de Joel 2:28-32.

E, também, Lucas precisava presumir que as palavras de Jesus eram dirigidas aos seus ouvintes imediatos, sendo, por isso, importantes para eles. A mais simples interpretação do verso 32 (veja adiante) é considerá-lo em conexão com a primeira geração de cristãos. E, sobretudo, a outorga de **sinais** (v. 25) que indicam a aproximação da **Parousia** parece contradizer o ensino consistente em Lucas, de que a volta do Senhor será uma surpresa para o mundo, e que apanhará os cristãos desapercebidos, a não ser que eles estejam sempre alerta. Portanto, temos a opção de interpretar esta passagem em relação a acontecimentos que tenham ocorrido dentro do período de vida da primeira geração de cristãos.

Depois dos sinais descritos nos versículos 25 e 26, o **Filho do homem** virá em uma nuvem, e não "em nuvens", como em Marcos 13:26. Leaney (p. 71 e 72) interpreta esta informação como uma manifestação do Filho do homem semelhante à acontecida por ocasião da transfiguração (9:28 e ss.) e da ressurreição-ascensão (At. 1:9), as quais mencionam, ambas, uma nuvem. Além disso, ele entende **redenção** (v. 28) como referência a um "evento realizado por Deus na história" (p. 262). É inteiramente possível que a salvação dos cristãos, no desastre iminente, seja concebida como outra revelação do **poder** e **glória** do **Filho do homem**.

5) **O Sinal da Figueira** (21:29-33)

29 Propôs-lhes então uma parábola: Olhai para a figueira, e para todas as árvores; 30 quando começam a brotar, sabeis por vós mesmos, ao vê-las, que já está próximo o verão. 31 Assim também vós, quando virdes acontecerem estas coisas, sabei que o reino de Deus está próximo. 32 Em verdade vos digo que não passará esta geração até que tudo isso se cumpra. 33 Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras jamais passarão.

O fato de a **figueira** e **todas as árvores** brotarem (uma adição feita por Lucas a Marcos 13:28a) é um sinal indiscutível de que o verão está se aproximando. De maneira semelhante, as tribulações de que Jesus estava falando são indicação ineludível de que o **reino de Deus está próximo**. A questão é se isto se refere à última crise do mundo, que precede imediatamente a consumação do reino. Da outra única vez que Lucas usou a frase **o reino de Deus está próximo**, ela não tinha esta conotação (10:11). A manifestação do poder de Deus para preservar o seu povo e assegurar o progresso de sua obra redentora também pode indicar a proximidade do seu reino.

Geração pode ser a "humanidade em geral" (Conzelmann, p. 131). Ellis (p. 247) diz que é "a geração do tempo do fim" de que Jesus está falando, e que se estende da missão anterior à ressurreição até a **Parousia**. Mas é mais provável que esta palavra se refira aos que eram contemporâneos de Jesus, alguns dos quais ainda estavam vivos ao tempo do conflito com Roma. O versículo 33 é um brado solene de certeza de que nada impedirá o cumprimento do que Jesus dissera. Esta declaração reveste as palavras de Jesus com a autoridade e o caráter absoluto próprios da **Torah** (cf. 16:17).

Lucas omite Marcos 13:32, talvez para evitar uma declaração que afirma que o Filho ignora o tempo da **Parousia**. Ele também não usa Marcos 13:33-37, que é semelhante a material já incorporado à sua narrativa (12:35-40). Alguns manuscritos apresentam a perícope da mulher adúltera depois do verso 38 (veja João 7:53-8:11).

6) A Necessidade de Estar Alerta (21:34-36)

34 Olhai por vós mesmos; não aconteça que os vossos corações se carreguem de glutonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e aquele dia vos sobrevenha de improviso, como um laço. 35 Porque há de vir sobre todos os que habitam na face da terra. 36 Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que hão de acontecer, e estar em pé na presença do Filho do homem.

Estas palavras são colocadas no fim da passagem apocalíptica de Lucas, enquanto Marcos 13 termina com uma parábola. Embora diferentes em conteúdo, os dois epílogos são semelhantes, no seu tema. Há também pronunciadas características paulinas nessa passagem (cf. I Tess. 5:1-10), que contém grande número de palavras e expressões características de Lucas.

Um perigo sempre presente, para os discípulos cristãos, é que aqueles que são "filhos da ressurreição" se tornem envolvidos demais com a vida deste século. Devassidão e bebedeira amortecem os sentidos; concentração nos **cuidados da vida**, isto é, alimentação, vestuário, segurança financeira, etc., tiram a mente (**corações**) das preocupações com os interesses do reino. Para os que assim imergem nos negócios desta era, **aquele dia**, o dia do Senhor, virá **de improviso, como um laço**. Ele não será saudado alegremente, mas será um acontecimento inesperado e desagradável.

Comparada com o julgamento limitado, que sobrevirá à terra da Palestina e a Jerusalém, a **Parousia** será um período de juízo sobre **todos**, em toda a **face da terra**. Não haverá escapatória para esta crise final e universal. Os discípulos devem permanecer alertas para a **Parousia**, nesse ínterim, orando e pedindo forças para emergir vitoriosos das provas e angústias a respeito das quais Jesus falou. Se eles exercerem tal vigilância em oração, serão capazes de **estar em pé**, justificados e desembaraçados, **diante do Filho do homem**. Os fiéis seguidores de Jesus nada terão a temer na crise final, que introduzirá a nova era.

7) O Ministério no Templo (21:37,38)

37 Ora, de dia ensinava no templo, e à noite, saindo, pousava no monte chamado das Oliveiras. 38 E todo o povo ia ter com ele no templo, de manhã cedo, para o ouvir.

Com esta nota editorial, Lucas faz encerrar-se o ministério público de Jesus. O **Templo**, recém-purificado, era a cena do seu ministério didático. Cada tarde ele saía do Templo, e passava a noite no **monte chamado das Oliveiras**. De acordo com Marcos, Jesus passou a primeira noite, depois da entrada triunfal, em Betânia, que ficava pouco além do Monte das Oliveiras (11:11). Ele também é colocado em Betânia em Marcos 14:3. Lucas omite esta história da unção em Betânia, que é muito semelhante ao episódio já narrado em 7:36 e ss. Marcos 11:19 nos informa que Jesus, à noite, "saía da cidade", provavelmente referindo-se também a Betânia, visto que ele e

os discípulos passaram pela figueira seca, ao voltar (veja Mar. 11:12-14).

Cada manhã o **povo** acorria ao Templo, para ouvi-lo. Mais uma vez notamos a predileção de Lucas pela palavra **todo**. A atitude do povo é contrastada, no decorrer de Lucas, com a de seus líderes, que não atenderam à nova exposição das Escrituras, feita por Jesus.

4. A Preparação Para a Paixão (22:1-53)

1) A Conspiração Para Matar Jesus (22:1-6)

1 Aproximava-se a festa dos pães ázimos, que se chama a páscoa. 2 E os principais sacerdotes e os escribas andavam procurando um modo de o matar; pois temiam o povo. 3 Entrou então Satanás em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, que era um dos doze; 4 e foi ele tratar com os principais sacerdotes e com os capitães de como lho entregaria. 5 Eles se alegraram com isso, e convieram em lhe dar dinheiro. 6 E ele concordou, e buscava ocasião para lho entregar sem alvoroço.

Em lugar da nota específica (14:1) "dois dias antes da Páscoa", encontramos, aqui, uma observação mais indefinida. Ela aumenta a impressão geral de um ministério um tanto prolongado, em Jerusalém. Tecnicamente, a **festa dos pães ázimos** ou asmos e a **Páscoa** eram diferentes. A Páscoa designava o ritual da imolação do cordeiro pascal em 14 de Nisã, que era seguida da refeição doméstica, naquela noite, o início de 15 de Nisã (cf. Êx. 12:3 e ss.). A festa de sete dias, dos Pães Asmos, era observada de 15 a 21 de Nisã. Porém, no uso popular, já a Páscoa e os Pães Asmos eram títulos usados indiferentemente para os dois festivais, por causa de sua íntima relação em matéria de tempo. Josefo (**Antig.**, 14, 2, 1) escreve a respeito da "festa dos Pães Asmos, que chamamos de Pascha", embora, em outros lugares, ele também faça distinção entre as duas.

Os **principais sacerdotes** e os **escribas**, membros do sinédrio, haviam decidido que Jesus devia ser eliminado. O único problema deles era **como** fazê-lo, pois sentiam-se obrigados a encontrar um método que não suscitasse ira popular. De acordo com Marcos 14:2, eles primeiramente decidiram não consumar os seus planos "durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo". Porque a Páscoa era um popular festival de peregrinação, pode ser que houvesse cem mil peregrinos ou mais em Jerusalém, nessa época do ano. Com esse número de judeus na cidade, muitos deles ardentes nacionalistas, as possibilidades de uma explosão popular, com a inevitável repressão brutal e represálias dos romanos, eram muito grandes.

Aparentemente, o dilema dos líderes hostis foi resolvido com a ajuda de um membro do círculo íntimo dos discípulos de Jesus. Pela primeira vez, desde a narrativa da tentação, o adversário de Jesus, **Satanás**, é mencionado. Isto nos dá notícia de que o ministério de Jesus agora havia cumprido o seu curso (cf. 13:32). Satanás havia procurado destruir Jesus no começo, tentando perverter o seu programa. Tendo falhado nisso, ele volta a atacar, a fim de conseguir a sua morte com a ajuda de **Judas**. Lucas menciona que Judas **era um dos doze**, preparando o caminho para a narrativa do preenchimento de sua vaga (At. 1:15 e ss.). Esse lugar ficou vago agora, e não mais tarde, quando Judas cometeu suicídio.

Há duas perguntas importantes, levantadas pela traição de Judas. A primeira é: Por que fez ele isso? Dizer que **Satanás entrou** em Judas não responde à pergunta especificamente. Simplesmente significa que agora Judas estava se identificando com os poderes hostis (ou o reino) que se opõem ao reino de Deus. Tem havido muitas suposições. Talvez a melhor seja que Judas estava desiludido. Ele seguira Jesus com grandes esperanças de que participaria do glorioso reinado do Messias. Mas agora ele percebia que Jesus não tinha a intenção de dar os passos que prometessem cumprir as suas ambições.

Outra opinião é que Judas traiu Jesus a fim de forçá-lo a exercer os poderes

miraculosos que possuía, como Messias. Desta forma, o ato de traição seria considerado como uma espécie de ato de lealdade pervertido, da parte de alguém que desejava precipitar o início do reino messiânico. Talvez a conjectura menos satisfatória seja de que Judas levou a efeito esse ato apenas pelas trinta peças de prata.

A segunda pergunta é: O que foi que Judas fez? Aparentemente, ele foi capaz de dar aos inimigos de Jesus as informações e a ajuda de que eles precisavam, a fim de realizar os seus propósitos. Guiados por Judas, eles prenderam Jesus em um tempo e lugar quando ele estava isolado das multidões. [34] Assim, ele teve um encontro com os **principais sacerdotes** e **capitães**, que ficaram felizes em conseguir essa ajuda de direção totalmente inesperada. Os **capitães** comandavam a guarda do Templo, a serviço do sinédrio. Eles seriam usados para prender Jesus. Nessa conferência, eles concordaram em um plano, e, no papel de Judas nele, em troca, os sacerdotes lhe prometeram **dinheiro**, "trinta moedas de prata", de acordo com Mateus 26:15.

2) A Última Ceia (22:7-38)

a. O Local da Ceia (22:7-13)

7 Ora, chegou o dia dos pães ázimos, em que se devia imolar a páscoa; 8 e Jesus enviou a Pedro e a João, dizendo: Ide, preparai-nos a páscoa, para que a comamos. 9 Perguntaram-lhe eles: Onde queres que a preparemos? 10 Respondeu-lhes: Quando entrardes na cidade, sair-vos-á ao encontro um homem, levando um cântaro de água; segui-o, até a casa em que ele entrar. 11 E direis ao dono da casa: O Mestre manda perguntar-te: Onde está o aposento em que hei de comer a páscoa com os meus discípulos? 12 Então ele vos mostrará um grande cenáculo mobilado; aí fazei os preparativos. 13 Foram, pois, e acharam tudo como lhes dissera, e prepararam a páscoa.

Cinco passagens do Novo Testamento relatam eventos que ocorreram na noite em que Jesus foi traído (I Cor. 11:23 e ss.; Mar. 14:17 e ss.; Mat. 26:20 e ss.; Luc. 22:14 e ss.; João 13:1 e ss.). Todas concordam que Jesus participou de uma refeição com os seus discípulos naquela noite. No entanto, problemas críticos são levantados, se fizermos uma comparação desses vários relatos, especialmente das versões sinópticas e joanina. As narrativas sinópticas identificam a refeição como uma celebração da Páscoa, enquanto certas passagens em João indicam que não era. João começa a narrativa com a frase: "Antes da festa da páscoa" (13:1). Em João 18:28, lemos que os judeus "não entraram no pretório, para não se contaminarem, mas poderem comer a páscoa" (cf. também 19:31). A narrativa joanina parece colocar a morte de Jesus mais ou menos ao mesmo tempo em que o cordeiro pascoal era imolado. [35] Também tem sido sugerido que a declaração de Paulo: "Porque Cristo, nossa páscoa (ou cordeiro pascal) já foi sacrificado", está também baseada nessa coincidência (I Cor. 5:7). Precisamos acrescentar a isso o fato de que Paulo não identifica a Última Ceia com a Páscoa (I Cor. 11:23).

Joachim Jeremias [36] apresentou um argumento muito convincente, dizendo que a última refeição de Jesus com os seus discípulos, antes da crucificação, foi de fato a refeição pascal. É bem possível que Jesus e os discípulos tenham celebrado esta páscoa antes do dia estipulado pelo calendário judaico. Um ato como esse não seria sem precedentes (Ellis, p. 249 e 250). Nesse caso, tanto João como os Sinópticos estariam expressando o

34 De acordo com Albert Schweiter (**The Quest of the Historical Jesus**, Trad. para o inglês por W. Montgomery (New York: Macmillan, 1950), p. 396.), Judas traiu o "segredo messiânico", dando, assim, aos inimigos de Jesus, uma base para acusá-lo de sedição, para a qual, até que essa traição ocorreu, eles não achavam que tinham evidências suficientes.

35 Consulte a exegese das passagens pertinentes no Comentário a João, neste volume. Veja também a obra de Frank Stagg, **New Testament Theology**, p. 240-242, onde há uma sugestão que harmoniza João, com os Sinópticos. Nas p. 235-249 da mesma obra, encontra-se uma discussão mais completa da Ceia do que pode ser dada nesta obra.

36 **The Eucharistic Words of Jesus**, trad. para o inglês por Arnold Ehrhardt (Oxford: Basil Blackwell, 1955).

que realmente aconteceu. Esta é nada mais do que uma explicação possível para um problema muito complexo, para o qual nenhuma resposta totalmente satisfatória pode ser dada, com base nos dados existentes.

Os dois discípulos escolhidos por Jesus, para fazerem os preparativos para a Páscoa, não mencionados por nome em Marcos 14:13, são identificados como **Pedro** e **João**, por Lucas. Esta responsabilidade era geralmente desempenhada pelo líder do grupo de peregrinos, neste caso Jesus; mas a passagem dá a entender que a oposição contra ele fazia com que movimentos seus na cidade, abertamente, se mostrassem perigosos. A preparação para a refeição pascal incluía a compra, sacrifício e cocção de um cordeiro, e a provisão de pão asmo, ervas amargas e vinho.

Considerando-se como devia estar apinhada a cidade durante aquela época, deviam ser muito limitados os cômodos disponíveis para a celebração da Páscoa. Evidentemente, Jesus já havia arranjado um cômodo. De acordo com o costume corrente, os residentes da cidade cediam o uso de salas, mediante pedido, aos peregrinos, durante a Páscoa. Em troca, eles recebiam as peles do cordeiro sacrificado. Os dois discípulos deviam ser guiados à casa por **um homem, levando um cântaro de água**, provavelmente um sinal combinado de antemão. Visto que essa era considerada uma tarefa feminina, o homem seria facilmente identificado. A história pode dar a entender, mas não necessariamente, que as instruções de Jesus estavam baseadas em conhecimento presciente. Provavelmente, o **dono da casa** era residente de Jerusalém e se tornara discípulo; para ele, Jesus seria também o **mestre** ou rabi.

O dono da casa já havia feito os preparativos, ao ponto de haver **mobilado** a sala para a refeição, isto é, provido de almofadas ou divãs, e talvez de uma mesa baixa. A nossa concepção popular de Jesus e seus discípulos assentados ao redor de uma mesa origina-se de arte religiosa, especialmente do quadro **A Última Ceia**, de Leonardo da Vinci. Mas essa pintura é estranha aos costumes da Palestina, onde os convivas se reclinavam para comer a Páscoa.

b. O Cálice e o Pão (22:14-23)

14 E, chegada a hora, pôs-se Jesus à mesa, e com ele os apóstolos. 15 E disse-lhes: Tenho desejado ardentemente comer convosco esta páscoa antes da minha paixão; 16 pois vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus. 17 Então, havendo recebido um cálice, e tendo dado graças, disse: Tomai-o, e reparti-o entre vós; 18 porque vos digo que desde agora não mais beberei o fruto da videira, até que venha o reino de Deus. 19 E, tomando pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. 20 Semelhantemente, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo pacto em meu sangue, que é derramado por vós. 21 Mas eis que a mão do que me trai está comigo à mesa. 22 Porque, na verdade, o Filho do homem vai segundo o que está determinado; mas ai daquele homem por quem é traído! 23 Então eles começaram a perguntar entre si qual deles seria o que ia fazer isso.

A narrativa feita por Lucas, da Ceia, é mais longa do que a encontrada nos outros Evangelhos Sinópticos. De modo característico, a refeição é usada por Jesus como ocasião para instruir os presentes. Algumas palavras são encontradas em outros contextos em Mateus e Marcos, e algumas ocorrem apenas em Lucas. A extensão e natureza das diferenças entre o terceiro Evangelho e Marcos indicam que Lucas estava usando uma fonte independente, em adição à sua fonte primária. A variação mais notável é a reversão da ordem dos elementos, o que, indubitavelmente, de forma alguma modifica o significado da Ceia. Claro que as práticas litúrgicas das várias comunidades cristãs estão refletidas, até certo ponto, nas narrativas da Ceia, deixadas pelos três Evangelistas e por Paulo.

Pôs-se... à mesa seria mais exatamente traduzido como "reclinou-se à mesa".

Os doze (Mar. 14:17) são chamados, por Lucas, de **apóstolos**.

Tenho desejado ardentemente pode dar a entender que Jesus não participou pessoalmente da refeição.[37] O mesmo verbo grego é usado em 15:16 e 17:22, com o sentido de "desejo não cumprido". Até certo ponto, esta posição tem o apoio da afirmação do verso 16, que não contém a palavra **mais** no sentido de "outra vez", de acordo com as melhores evidências. Não obstante, a interpretação dada é bem duvidosa. É difícil duvidar-se que Jesus não participou de uma refeição com os seus discípulos, na noite em que foi traído.

A declaração introdutória de Jesus serve a dois propósitos: (1) Indica que esta refeição foi a única coisa que se interpôs entre ele e seu sofrimento. (2) Identifica a Última Ceia com o banquete messiânico, que Jesus compartilhará com os seus discípulos no reino vindouro. Esta nota escatológica é encontrada também nas outras narrativas (Mar. 14:25; Mat. 26:29; I Cor. 11:26). Mas aqui é-lhe dada uma ênfase mais proeminente, e ela concorda com a associação, que é característica de Lucas, de uma refeição com a comunhão no reino. A refeição é um ato de simbolismo profético que se **cumprirá no reino de Deus**.

Embora o pão preceda o cálice no esboço feito por Paulo, a respeito da ordem seguida na Ceia (I Cor. 11:23-26), em I Coríntios 10:16, o cálice é mencionado antes do pão. Isto pode indicar que a ordem não era universalmente fixada na prática das igrejas. Segundo o costume comum, cada pessoa tinha o seu próprio cálice, durante a celebração da Páscoa. Mas aqui todos os discípulos bebem do cálice de Jesus. Isto não indica apenas a unidade de sua comunhão, uns com os outros, nele, mas também lembra, aos discípulos, que eles são chamados para beber o mesmo cálice do qual ele bebeu, isto é, a participar dos seus sofrimentos (cf. Mar. 10:39, em uma passagem omitida por Lucas). Desta vez, em um paralelo à narrativa dos outros Sinópticos, outra referência se faz ao banquete messiânico, em que Jesus de novo beberá com os seus discípulos, quando **vier o reino de Deus**.

A outorga do cálice é seguida pela entrega do pão, acompanhada das palavras: **Isto é o meu corpo**. Tem havido longa e acalorada controvérsia sobre o significado do verbo é, que ironicamente não estaria presente na declaração aramaica subjacente. "Isto significa o meu corpo" seria igualmente uma tradução apropriada. Mas este argumento não resolve a questão básica a respeito de como o pão representa o corpo de Cristo. Segundo o pensamento paulino, o corpo de Cristo não é o pão, mas o povo que participa do pão (I Cor. 11:27-29). O pão não é apresentado em lugar do corpo "quebrado" ou "partido" de Cristo (João 19:36). Esta palavra não está no melhor texto de I Coríntios 11:24 e está, de fato em desarmonia com o ensino de Paulo aqui.[38] O importante aspecto desta experiência é que todos participam do mesmo pão — expressão da unidade da nova comunidade criada pela auto-entrega redentora do Filho do homem.

Neste ponto há um sério problema textual. Os versículos 19b-20 não constam no texto Ocidental. Todavia, o texto mais longo é sustentado por muitas das melhores autoridades. O argumento decisivo contra a inclusão de 19b-20 é a sua semelhança com I Coríntios 11:24,25. É difícil evitar-se a conclusão de que ele é uma interpolação dessa fonte. Se esta cláusula não é original, Lucas não tem paralelo à referência feita nos outros sinópticos, ao "meu sangue, o sangue do pacto (Mat. 26:28; Mar. 14:24). Esta expressão liga a morte de Jesus mais intimamente à experiência da Páscoa e à fuga do Egito. Aconteceu uma nova libertação da escravidão, um novo êxodo

37 Jeremias, **ibid.** p. 165.

38 Veja Stagg, **New Testament Theology**, p. 236 e ss.

ocorreu, um novo Israel nasceu e uma nova aliança foi instituída. Desta forma, para a comunidade cristã, a Ceia tomou o lugar da Páscoa judaica.

A narrativa de Marcos começa com a predição da traição, que é colocada aqui por Lucas (Mar. 14:18). A enormidade da traição é caracterizada pelo fato de que ela foi cometida por uma pessoa que participava da comunhão à mesa com Jesus, isto é, pessoa cuja mão estava com ele à mesa (v. 21). Nos círculos sociais semíticos, só um vilão trairia o seu hospedeiro desta forma. **Segundo o que está determinado** substitui a expressão de Marcos "conforme está escrito a seu respeito" (14:21), mudança característica, feita, por Lucas, para fortalecer o ensino de que a morte de Jesus era uma necessidade divina.

Embora Jesus morresse, devido à sua obediência à vontade de Deus, isto não diminuía a culpa e responsabilidade do traidor. Ele precisava arcar com as conseqüências do seu feito. Judas não é retratado como um fantoche, sem vontade própria, necessário aos propósitos de Deus. Ele não serviu aos propósitos de Deus, mas aos do inimigo de Deus. Deus não matou Jesus; os homens maus executaram este ato, porque não toleravam viver no mesmo mundo com ele. O diálogo em Marcos 14:19 é substituído pela declaração indireta de Lucas, no verso 23.

c. **Discussão Sobre Grandeza** (22:24-27)

24 Levantou-se também entre eles contenda, sobre qual deles parecia ser o maior. 25 Ao que Jesus lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que sobre eles exercem autoridade são chamados benfeitores. 26 Mas vós não sereis assim; antes o maior entre vós seja como o mais novo; e quem governa como quem serve. 27 Pois qual é maior, quem está à mesa, ou quem serve? Eu, porém, estou entre vós como quem serve.

Esta é uma passagem que só Lucas coloca aqui, mas relaciona-se, em conteúdo, com Marcos 10:42-45 (cf. Mat. 20:25-28). Também nos faz recordar os ensinamentos de Jesus no relato que João faz da Última Ceia (13:3-16).

Na sua **contenda**, os discípulos estavam seguindo os padrões do mundo pagão. Nas estruturas da sociedade gentílica, as pessoas grandes, nobres e honradas são as que possuem e exercem poder sobre os outros. **Benfeitores** era um título bastante comum, dado aos governantes gentios.

Mas os padrões normais da sociedade devem ser completamente invertidos, na comunhão dos crentes. O **maior** deve **ser como o mais novo**. A idade era um fator extremamente importante na sociedade antiga, especialmente nos relacionamentos familiares. O **mais novo** era o membro menos importante da família, aquele que precisava executar as tarefas mais servis e podia esperar a menor recompensa. **Quem governa como quem serve** é paralelo à declaração precedente. Deste ponto de vista, as maiores pessoas, na comunidade cristã, são as que, em humildade e amor, se dedicam a serviço dos outros. Ao invés de competir, para estar à frente dos outros, nós, que seguimos a Cristo, devemos competir no afã de servir aos outros. Grande parte das políticas denominacionais e eclesiásticas são, desta forma, condenadas pelo ensino de Jesus. Muitas pessoas que chegaram ao topo da escada, em sua denominação, depois de anos, procurando o reconhecimento público, podem considerar que possuem um recibo marcado por Deus: "pago" (cf. Mat. 6:2,5,16).

Na organização normal da sociedade humana, o homem que **está à** mesa é considerado superior à pessoa que lhe **serve** a comida. Porém, a vida de Jesus instituiu uma nova escala de valores, uma abordagem completamente revolucionária, quanto às relações humanas, para os seus seguidores. Pois ele esteve entre os homens como servo (como em João 13:3 e ss.). Ele veio para ser imitado em seu serviço. Ninguém verdadeiramente pode chamar-se seguidor de Je-

sus se não estiver disposto a adotar esta nova escala de valores.

Note-se que Lucas não contém nada que corresponda à citação de Marcos: "e para dar a sua vida em resgate de muitos" (10:45). Lucas enfatiza a necessidade divina, e não o significado divino da morte de Jesus.

d. A Promessa do Reino (22:28-30)

28 Mas vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas provações; 29 e assim como meu Pai me conferiu domínio, eu vo-lo confiro a vós; 30 para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos senteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel.

Pelo motivo de ter Jesus escolhido vir ao mundo **como quem serve**, ele precisou aceitar as conseqüências de sua escolha, isto é, as suas **provações**. A mesma palavra é traduzida como tentação, em 4:13. Ela pode referir-se às pressões contínuas, exercidas sobre ele, para assumir o papel messiânico elaborado pelo desejo popular, como, por exemplo, com o pedido de um sinal. Mais provavelmente, as suas provações foram a hostilidade e ameaças, que agora o assediavam. Imediatamente pensamos como Jesus foi abandonado, até pelos doze, no momento de crise, dali a apenas algumas horas. Mas o texto enxerga além desse fracasso, e vê a lealdade subseqüente desses mesmos homens, cujos sacrifícios apagam o fato de terem tropeçado tão tragicamente.

Satanás havia oferecido um reino a Jesus — um reino deste mundo (4:5-7). Naquela ocasião, Jesus repudiara os alvos presentes, tangíveis, mundanos, e reafirmara a sua lealdade a Deus. Agora ele enfrentava as conseqüências dessa escolha. Porém, no momento de indefensabilidade diante das ondas ameaçadoras do mal e da paixão humana, ele afirmou a sua convicção de que Deus é o rei do universo. Desta forma, ele, que em breve estaria dependurado em uma cruz, como vítima do ódio e injustiça dos dominadores do mundo, conversava confiantemente a respeito de um **reino** que o seu **Pai** já lhe havia **conferido**. É de se notar que mesmo ao ele ser chamado para sofrer, ainda chamou a Deus de **Pai**. Ao fazê-lo, ele deixou um exemplo para os, dentre nós, que são mais fracos, que algumas vezes se voltam para Deus só quando a vida se torna difícil. A participação na vitória de Cristo está relacionada intimamente com a participação nas suas provações (cf. Fil. 3:10,11).

O reino que Deus confere a Jesus, isto é, a sua posição de autoridade e glória, é a base para a esperança dos seus discípulos. A nossa confiança quanto ao futuro é, desta forma, ligada ineludivelmente à nossa confiança de que Jesus é de fato o Filho de Deus, cuja ressurreição representa vitória sobre as desigualdades e injustiças da vida. A crença no futuro de Jesus era, para os discípulos, crença também no futuro deles. Foi no momento em que eles perderam esta fé no futuro dele, que começaram a temer e a desesperar quanto ao futuro deles mesmos.

Jesus fez uma dúplice promessa aos doze. Eles participariam da comunhão do seu reino, isto é, iriam **comer e beber à sua mesa** no banquete messiânico. Eles iriam compartilhar da autoridade do seu governo como juizes das **doze tribos de Israel**. Provavelmente, há uma analogia entre a relação dos patriarcas para com o Israel de outrora e a dos discípulos para com o novo Israel. Os doze representavam o começo da nova comunidade; o povo da nova aliança.

e. A Predição de Que Pedro o Negaria (22:31-34)

31 Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo; 32 mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, fortalece teus irmãos. 33 Respondeu-lhe Pedro: Senhor, estou pronto a ir contigo tanto para a prisão como para a morte. 34 Tornou-lhe Jesus: Digo-te, Pedro, que não cantará hoje o galo antes que três vezes tenhas negado que me conheces.

Marcos coloca, a predição de que Pedro iria negar Jesus, depois da ceia, a caminho do Monte das Oliveiras (14:26-31). A repetição **Simão, Simão** empresta solenidade às palavras subseqüentes e expressa profunda preocupação. **Satanás** é retratado, em Jó (1:6-12; 2:1-6), como o acusador dos homens diante de Deus e também como alguém que tenta destruir a fé que eles têm em Deus, usando os meios que lhe estão disponíveis. **Satanás vos pediu**, isto é, pediu a Deus, reforça o ensinamento de que o mal não é final no universo. O poder de Satanás é limitado, tanto em relação ao tempo quanto ao seu alcance. **Cirandar** descreve o processo de provas pelo qual o genuíno é separado do falso, o bom do mau. **Vos** (v. 31) refere-se a todos os discípulos, pois a lealdade de todos eles seria testada pelos acontecimentos daquela noite.

Contra as demandas de Satanás, são colocadas as orações de Jesus pelos seus. Jesus é o seu advogado quando Satanás é o seu acusador (cf. I João 2:1). Desta declaração, não devemos admitir a idéia errada ou distorcida de um Deus neutro ou distante, influenciado por um lado pelas demandas de Satanás, e, por outro, pelas orações de Jesus. A opinião cristã a respeito de Deus é que ele estava "em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (II Cor. 5:19). Dizer que Cristo veio para os homens que são fracos e pecadores é dizer que Deus não os abandona na hora da necessidade.

Jesus havia orado por Simão (singular **ti**, no v. 32), que seria o instrumento usado para fortalecer os outros discípulos. **Fé** é a espécie de dedicação a Cristo que faz com que a pessoa o reconheça publicamente, quando for difícil fazê-lo. O fato de Simão negá-lo seria apenas um episódio temporário. Ele voltaria, isto é, renovaria a sua dedicação em seguir a Jesus. Ele seria o primeiro dos doze a se encontrar com o Senhor ressurrecto, e a entender o fato da ressurreição (cf. 24:34). E então ele seria capaz de ajudar os que estivessem sofrendo com a dúvida causada pela crucificação. O papel de Simão como líder da comunidade cristã primitiva é atestado por este texto. Mas os outros discípulos foram chamados de **irmãos**. A relação não é hierárquica, mas familiar. Todas as distinções artificiais entre clero e laicato são uma distorção de nossas relações uns com os outros. Todos nós somos filhos de Deus; todos somos irmãos uns dos outros.

A sugestão de que Pedro falharia no teste, logo a seguir, o estimulou a protestar. Ele estava disposto a ir até a **prisão** ou à **morte**. Prisão é mencionada apenas em Lucas (cf. Mar. 14:31). Atos narra como Pedro reagiu ousadamente diante de prisões e ameaças, depois da ressurreição (cf. v.g., 4:19 e s.). Mas isso aconteceu mais tarde, quando ele entendeu melhor o significado do reino. Agora ele ainda era dominado por idéias de poder e grandeza terrenos. A fim de ajudar Jesus a ganhar o seu reino messiânico, ele estava disposto a morrer. E ele estava dizendo a verdade. A história está cheia de nomes de homens que morreram, buscando o poder. Mas aqueles que se dispuseram a morrer um tipo de morte redentora são poucos.

Jesus prediz que Pedro o negaria antes do dia raiar. O cantar do galo era a terceira vigília da noite, de acordo com a contagem romana do tempo. A hora de que se está falando era cerca de 3 horas da manhã, fim da terceira vigília romana (veja também Mar. 13:35). **Hoje** é colocado em lugar de "hoje, nesta noite" (Mar. 14:30). O dia judaico começava ao pôr-do-sol.

f. **Instruções aos Discípulos** (22:35-38)

35 E perguntou-lhes: Quando vos mandei sem bolsa, alforje, ou alparcas, faltou-vos porventura alguma coisa? Eles responderam: Nada. 36 Disse-lhes, pois: Mas agora, quem tiver bolsa, tome-a, como também o alforje; e quem não tiver espada, venda o seu manto e compre-a. 37 Porquanto vos digo que importa que se cumpra em mim isto que está escrito: E com os malfeitores foi contado. Pois o que me diz respeito tem

seu cumprimento. 38 Disseram eles: Senhor, eis aqui duas espadas. Respondeu-lhes: Basta.

Esta difícil passagem encontra-se apenas em Lucas. **Bolsa** ou **alparcas** não são mencionadas no comissionamento dos doze (cf. 9:3), mas no dado aos setenta (cf. 10:4). Talvez a falta de coincidência seja devida a um cochilo de editoria, quando os materiais, provindos de várias fontes, foram colocados em sua forma final. O significado básico deste texto não é afetado. Jesus estava colocando em contraste a missão anterior com o momento de perigo e conflito em que eles agora entrariam. Anteriormente, os discípulos não haviam necessitado de suprimentos para a sua jornada; as casas se lhes abririam e o povo lhes seria hospitaleiro.

Agora a situação mudara, fato denotado pelas referências à renovada atividade de Satanás (22:3,31). Os discípulos precisavam estar preparados para enfrentar hostilidade. Eles descobririam que a mão de seus companheiros estaria contra eles. Agora, as atitudes e atos deles precisavam ser determinados pela nova atmosfera. Jesus os advertiu para levarem consigo provisões, e se armarem com uma **espada**, mesmo que para tal precisassem vender o seu **manto**.O manto era peça indispensável, de vestuário exterior, que servia tanto de capa como de cama.

Aqui encontramos um problema óbvio. Como podia Jesus, que havia coerentemente rejeitado o uso da força, agora aconselhar os seus discípulos a procurarem uma espada? É quase certo a resposta ser que as suas declarações devem ser entendidas metaforicamente. O que ele queria dizer é que os discípulos estavam diante de graves perigos, e que precisavam estar realisticamente cônscios disso.

O perigo se originava no fato de eles estarem associados a ele. Ele seria condenado à morte como proscrito, ou seja, **contado... com os malfeitores**. Embora a maneira como Jesus se compreendia a si mesmo, bem como o retrato que o Evangelho apresenta dele sejam grandemente influenciados por Isaías 53, esta citação é a única que provém diretamente desse capítulo. A seqüência normal, na execução de um líder rebelde, era que os seus seguidores fossem caçados e exterminados. Esse era o perigo, que se tornou tão real para Simão Pedro apenas algumas horas mais tarde. Podemos imaginar o que teria acontecido se Pedro tivesse reconhecido, naquela hora, o seu relacionamento com Jesus, em vez de o negar.

Os discípulos não entenderam Jesus, e dificilmente perceberam que **duas** (ou onze) **espadas** não propiciariam proteção. Que Jesus não pretendia que armas violentas fossem usadas, é demonstrado claramente nos versículos 49-51, mais adiante. **Basta** quase não faz sentido, se interpretarmos este termo com o significado de que duas espadas eram suficientes. Afinal de contas, Jesus havia acabado de aconselhar a cada um deles que arrumasse uma espada. Provavelmente, podemos entender a resposta com este significado: "Basta de falar de espadas." Jesus encerra abruptamente uma discussão, cujo verdadeiro significado os seus seguidores não haviam conseguido entender.

3) No Monte das Oliveiras (22:39-46)

39 Então saiu e, segundo o seu costume, foi para o Monte das Oliveiras; e os discípulos o seguiram. 40 Quando chegou àquele lugar, disse-lhes: Orai, para que não entreis em tentação. 41 E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos, orava, 42 dizendo: Pai, se queres afasta de mim este cálice; todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua. 43 Então lhe apareceu um anjo do céu, que o confortava. 44 E, posto em agonia, orava mais intensamente; e o seu suor tornou-se como grandes gotas de sangue, que caíam sobre o chão. 45 Depois, levantando-se da oração, veio para os seus discípulos, e achou-os dormindo de tristeza; 46 e disse-lhes: Por que estais dormindo? Levantai-vos, e orai, para que não entreis em tentação.

Deixando o cenáculo, Jesus foi, **segundo o seu costume... para o Monte das Oliveiras**. Esta frase indica que os seus movimentos não foram furtivos ou secretos (Grundmann, p. 411). Ele agora estava seguindo o seu curso normal de atividades (como em 21:37,38). Lucas omite Getsêmane (Mar. 14:32), provavelmente em consonância com o seu costume de omitir nomes semíticos, e indica apenas **o lugar**. Ele também não revela que Pedro, Tiago e João acompanharam Jesus além do lugar onde os outros discípulos pararam (Mar. 14:33). Em vez de três períodos separados de oração, seguidos, em cada caso, por um retorno ao lugar onde estavam os três discípulos, Lucas condensa o episódio em uma só vigília de oração e uma volta. A condensação de narrativas feitas por Marcos é característica tanto de Lucas como de Mateus.

Agora que os poderes malignos haviam-se preparado contra o reino de Deus, os discípulos foram conclamados para **orar**, para que **não entrassem em tentação**. Tentação aqui refere-se a hostilidade, angústia e pressões, a que bem logo os discípulos estariam sujeitos. Em Marcos, Jesus explica a base para esta pressuposição: "O espírito, na verdade, está pronto; mas a carne é fraca" (Mar. 14:38). Em outras palavras, os discípulos simplesmente não estavam preparados para a crise que estava para irromper. Na condição em que estavam, o seu único recurso era orar para que não fossem envolvidos em uma situação que os levasse a pecar.

Jesus então se afastou deles **cerca de um tiro de pedra**, ou seja, suficientemente perto para que os discípulos pudessem testemunhar a sua luta. Notamos que Jesus ainda se dirigiu a Deus como **Pai**. Mesmo agora, quando ele era forçado a andar como solitário, pela terrível estrada do sofrimento, ele afirmou o relacionamento básico dele com Deus. **Este cálice** significava o seu sofrimento e morte. É claro que Jesus não era um masoquista, que estava procurando a morte. Ele rogou a Deus para que o poupasse da prova que estava imediatamente diante dele. Embora ninguém possa sondar essa prova terrível, a agonia de Jesus no Getsêmane pode ser explicada, em parte, pelo fato de que ele enfrentou a rejeição do seu próprio povo, daqueles a quem ele havia-se dado, e a quem ele abrira a porta do reino. Sobretudo, ele estava amargurado devido às terríveis conseqüências dessa rejeição, que ele retratou tão vividamente. Todavia, nessa hora de provação, Jesus mais uma vez conquistou a vitória. Ele não seria dissuadido de sua dedicação. E, também, ele não se amedrontaria diante de suas últimas conseqüências.

Tudo o que Jesus precisava fazer, a fim de escapar da morte, era sair do Getsêmane e procurar algum refúgio seguro — era recusar-se a confrontar o seu povo com a necessidade de este fazer a sua escolha final, decisiva. Mas, se ele tivesse saído do Getsêmane, não existiriam evangelho nem Novo Testamento nem hinos cristãos nem igrejas. O Getsêmane foi o lugar onde a tendência para salvar-se a si mesmo, por parte de Jesus, entrou em direto conflito com o encargo que lhe foi dado por Deus para se doar redentoramente. Nessas situações, geralmente escolhemos nos salvar a nós mesmos. Mas ele escolheu perder-se, para salvar-nos. Portanto, a sua oração terminou como deveriam terminar todas as orações feitas por alguém que é dedicado a Deus: **não se faça a minha vontade, mas a tua.**

Os versículos 43 e 44 são omitidos de alguns manuscritos, inclusive do B (Vaticano), uma das principais autoridades textuais. A maioria dos manuscritos, inclusive alguns dos melhores, contém estes versículos. Eles também são bem atestados nos Pais da Igreja. No entanto, alguns estudiosos têm sugerido que eles são uma interpolação antignóstica. Contudo, mais provavelmente a sua omissão, em alguns manuscritos, é devida à tendência de menoscabar a luta de Jesus.

Eles nos dizem que Jesus não foi abandonado na hora da crise, mas que ele recebeu forças celestiais. Eles também descrevem a profundidade de sua **agonia**. Agonia significa ansiedade, tensão interior. Não devemos pensar nela como "medo da morte, mas como preocupação pela vitória, em face da batalha decisiva que se aproximava, da qual dependia a sorte do mundo" (E. Stauffer, TDNT, I, p. 140).

Nessa hora crucial, os discípulos não estavam orando: estavam dormindo! E apenas a um tiro de pedra da arena em que Jesus estava se empenhando em uma batalha titânica! Lucas, que sempre tende a defender os discípulos, adiciona a expressão **de tristeza** como explicação atenuante. Ele também omite Marcos 14:41,42, talvez devido à sua falta de clareza, e encerra o episódio com uma repetição da injunção do versículo 40.

4) **Jesus é Preso** (22:47-53)

47 E, estando ele ainda a falar, eis que surgiu uma multidão; e aquele que se chamava Judas, um dos doze, ia adiante dela, e chegou-se a Jesus para o beijar. 48 Jesus, porém, lhe disse: Judas, com um beijo trais o Filho do homem? 49 Quando os que estavam com ele viram o que ia suceder, disseram: Senhor, feri-los-emos a espada? 50 Então um deles feriu o servo do sumo sacerdote, e cortou-lhe a orelha direita. 51 Mas Jesus disse: Deixai-os; basta. E, tocando-lhe a orelha, o curou. 52 Então disse Jesus aos principais sacerdotes, oficiais do templo e anciãos, que tinham ido contra ele: Saístes, como a um salteador, com espadas e varapaus? 53 Todos os dias estava eu convosco no templo, e não estendestes as mãos contra mim; mas esta é a vossa hora e o poder das trevas.

A chegada da multidão interrompeu as injunções de Jesus aos seus discípulos. Ela foi dirigida por **Judas**, que, desta forma, compriu o seu pacto com os inimigos de Jesus. Mais uma vez é-nos feito recordar que ele era um dos **doze**. Só ele sabia exatamente onde Jesus estava. E, até na escuridão, iluminada insuficientemente pela tremeluzente luz das tochas, ele pôde identificar facilmente Jesus, devido à sua íntima relação com ele. A situação exigia que a prisão fosse consumada com rapidez, a fim de provocar o mínimo possível de turbulência. Marcos nos revela que o beijo era um sinal, antecipadamente combinado, de identificação (14:44). Lucas não diz isso, apresentando, pelo contrário, a observação de Jesus para Judas. **Com um beijo** vem em primeiro lugar, no texto grego — posição enfática. O ato de traição foi consumado com um gesto ostensivo de amor.

Só Lucas menciona a pergunta dos companheiros de Jesus: **Feri-los-emos a espada?** Sem esperar resposta, o ato foi consumado. Lucas, bem como João (18: 10), nos dizem que a **orelha direita** do **servo** (escravo) do sumo sacerdote foi cortada. Só Lucas nos informa que Jesus reparou o dano. **Basta** é uma palavra enigmática, susceptível de várias interpretações (cf. Plummer, p. 512). Literalmente, é "permiti-o até aqui". Com Creed, podemos interpretar: "Deixem os acontecimentos seguir o seu curso — até a minha prisão" (p. 274). É um repúdio, feito por Jesus, desse ato de violência. Seja o que for que esteja querendo dizer o verso 36, esta passagem mostra que o uso óbvio de uma espada não é o que se tem em vista.

Lucas difere dos paralelos, incluindo elementos do sinédrio, **principais sacerdotes** e **anciãos**, no contingente que veio prender Jesus. Os líderes são um constante fator nas ações levadas a efeito, desde a prisão de Jesus até a sua crucificação. Os guardas do Templo vieram armados, para prender Jesus, como se ele fosse um **salteador**. Esta palavra era usada para designar os membros dos bandos armados, quase revolucionários, que consistiam em problema contínuo para o governo romano, especialmente na Galiléia. Os inimigos de Jesus haviam vindo preparados como se fossem lidar com um revoltoso, que podia ser que fosse defendido pelos seus seguidores — uma interpretação pervertida, à luz dos ensi-

nos e da conduta pública de Jesus. Ele não era um rebelde que estava-se escondendo das autoridades.

A falta de convicção moral real, por parte dos líderes judeus, foi demonstrada por não terem conseguido prender Jesus enquanto ele aparecera diariamente no Templo. Apenas sob a capa das trevas eles haviam ousado levar os seus objetivos a efeito. **Esta é a vossa hora** indica que as forças do mal pareciam estar sendo vitoriosas por ora. As forças demoníacas estavam sendo desatadas no mundo, cuja autoridade (**poder**) vinha das **trevas**. Os inimigos de Jesus eram ferramentas desse poder tenebroso. Mas cada fato, cada acontecimento é avaliado à luz da soberania eterna e final de Deus. O **poder** (autoridade) **das trevas** era, portanto, limitado e temporário; era apenas por uma **hora**.

Lucas não fala da fuga dos discípulos (Mar. 14:50) nem do estranho episódio da fuga do jovem (Mar. 14:51,52).

VII. A Paixão de Jesus (22:54-23:56a)

1. O Julgamento de Jesus (22:54-23:25)

1) Pedro Nega Jesus (22:54-62)

54 Então, predendo-o, o levaram e o introduziram na casa do sumo sacerdote; e Pedro seguia-o de longe. 55 E, tendo eles acendido fogo no meio do pátio e havendo-se sentado à roda, sentou-se Pedro entre eles. 56 Uma criada, vendo-o sentado ao lume, fixou os olhos nele e disse: Esse também estava com ele, 57 Mas Pedro o negou, dizendo: Mulher, não o conheço. 58 Daí a pouco, outro o viu, e disse: Tu também és um deles. Mas Pedro disse: Homem, não sou. 59 E, tendo passado quase uma hora, outro afirmava, dizendo: Certamente este também estava com ele, pois é galileu. 60 Mas Pedro respondeu: Homem, não sei o que dizes. E imediatamente, estando ele ainda a falar, cantou o galo. 61 Virando-se o Senhor, olhou para Pedro; e Pedro lembrou-se da palavra do Senhor, como lhe havia dito: Hoje, antes que o galo cante, três vezes me negarás. 62 E, havendo saído, chorou amargamente.

O grande número de aspectos que diferenciam a narrativa da paixão, feita por Lucas, constitui um dos argumentos usados pelos que advogam um Proto-Lucas (veja Introdução). De acordo com esta teoria, elementos de Marcos foram interpolados em uma narrativa anterior, da paixão, já composta por Lucas. Lucas de fato faz extensivo uso de outros materiais, nesta seção, mas a estrutura básica ainda provém de Marcos.

Lucas não identifica o **sumo sacerdote** (cf. 3:2). João diz que Jesus foi primeiramente levado a Anás (18:13). Possivelmente, Anás e seu genro, Caifás, sumo sacerdote naquela época, viviam na mesma casa. De acordo com Marcos, houve uma audiência nessa noite, da qual participaram "os principais sacerdotes e todo o sinédrio" (14:55). Não há evidências, na literatura rabínica, de que uma reunião oficial, que seria muito irregular se realizada de noite, tivesse alguma vez sido convocada para **a casa do sumo sacerdote**. Talvez Marcos se estivesse referindo a um interrogatório informal. Lucas fala de apenas uma reunião do sinédrio, que ele coloca em hora posterior ao romper do dia. Freqüentemente é seu costume encaixar desta forma o material provindo de sua fonte.

O fato de Pedro ter negado Jesus segue imediatamente à nota a respeito da prisão e detenção de Jesus na casa do sumo sacerdote. Seja qual for o juízo que fizermos de Pedro, precisamos lembrar que ele pelo menos teve a temeridade de seguir a Jesus, embora furtivamente, **de longe**. A Páscoa ocorria em março-abril, época em que as noites eram ainda frias, por vezes. Por esse motivo, **eles acenderam fogo**. Não somos informados como foi que a **criada** identificou Pedro como um dos companheiros de Jesus. Apanhado, Pedro, pelo brilho que o holofote dessa acusação lançava sobre ele, a sua coragem se foi. Ele nega qualquer relacionamento com Jesus. Plummer nota: "Não foi Pilatos nem qualquer membro do sinédrio nem um contingente de sol-

dados, mas uma simples criada que amedrontou o Apóstolo autoconfiante, levando-o a negar o seu Mestre" (p. 516). Isto é realmente desagradável. Talvez a sua fraqueza possa ser melhor descrita como a de um homem desiludido, cujos sonhos caem em frangalhos diante dele. Ao invés de ser levado por Jesus a vencer, parece mais provável que ele foi vítima dos acontecimentos que, em rápida sucessão, transformaram esperança em desespero. Morrer, quando há esperança de vitória, é uma coisa; morrer por uma causa perdida, é outra, bem diferente.

Todos os Evangelhos registram uma acusação tríplice e uma negação tríplice. Há algumas variações quanto aos detalhes, particularmente quanto à identidade dos acusadores de Pedro. **Outro** (v. 58) é a mesma empregada de Marcos 14:69). **Outro** (v. 59) substitui "os que ali estavam" de Marcos 14:70. O sotaque regional de Pedro deve ter traído o fato de que ele era **galileu**. Era simplesmente natural concluir-se que um galileu fosse seguidor de Jesus. De acordo com a sua tendência, Lucas poupa o apóstolo, não dizendo que ele "**começou a praguejar e a jurar**" (**Mar. 14:71**).

Só o terceiro Evangelho registra a cena pungente que teve lugar quando o galo cantou: **Virando-se o Senhor, olhou para Pedro**. De onde? Talvez através de uma porta ou janela que dava para o pátio. O canto do galo e o olhar do Senhor fizeram Pedro reconhecer a enormidade do seu fracasso. Ele não se desculpou, como bem podia ter feito. Afinal de contas, ele não agira pior do que os outros que haviam desertado do Senhor. **E, havendo saído, chorou**. Este é o momento quando a graça pode começar a sua obra — quando o homem é despido da sua arrogância, e se coloca diante de Deus nu, mostrando a sua necessidade. O versículo 62, paralelo exato de Mateus 26:75b, é omitido, do texto, por velhos manuscritos latinos. Bem pode ser uma interpolação.

2) **Zombam de Jesus** (22:63-65)

63 Os homens que detinham Jesus zombavam dele, e feriam-no 64 E, vendando-lhe os olhos, perguntavam: Profetiza, quem foi que te bateu? 65 E, blasfemando, diziam muitas outras coisas contra ele.

Os soldados romanos zombaram de Jesus, depois de ter sido julgado diante de Pilatos, de acordo com Marcos 15:16-20. Lucas segue Marcos, nesse ponto. Diz que os captores de Jesus — talvez os guardas do Templo — zombaram dele e o açoitaram. Era evidentemente uma espécie de passatempo cruel, para matar o tempo até o dia amanhecer. O brinquedo que eles inventaram, tendo Jesus como vítima, mostra que ele ganhara a reputação, de todos conhecida, de profeta. Um profeta tem profundo discernimento das atividades e dos propósitos de Deus. De fato, ele vê o que os outros não podem ver, e ouve o que os outros não conseguem ouvir. Mas isso é totalmente diferente de clarividência ou mágica. Os seus atormentadores participavam da maneira como o povo interpretava mal a verdadeira função de um profeta. O tema principal é a profunda humilhação de Jesus, e a vergonha que ele deve ter sentido. Ele estendera aos homens a mão de amor; eles replicavam com o punho fechado de ódio e zombaria.

3) **Jesus Diante do Sinédrio** (22:66-71)

66 Logo que amanheceu, reuniu-se a assembléia dos anciãos do povo, tanto os principais sacerdotes como os escribas, e o conduziram ao sinédrio deles, onde lhe disseram: 67 Se tu és o Cristo, dize-no-lo. Replicou-lhes ele: Se eu vo-lo disser, não o crereis; 68 e se eu vos interrogar, de modo algum me respondereis. 69 Mas desde agora estará assentado o Filho do homem à mão direita do poder de Deus. 70 Ao que perguntaram todos: Logo, tu és o Filho de Deus? Respondeu-lhes: Vós dizeis que eu sou. 71 Então disseram: Por que ainda temos necessidade de testemunho? pois nós mesmos o ouvimos da sua própria boca.

Depois que o dia amanheceu, o sinédrio se reuniu, em sessão oficial. Como já notamos, Lucas encaixa a narrativa, feita

por Marcos, de duas audiências diante do sinédrio, fazendo das duas uma. Também é possível que ele esteja seguindo outra fonte, que citasse apenas uma audiência. A pergunta, feita em Marcos 14:61, aqui é dividida em duas. Primeiro, os membros do **sinédrio** perguntam a Jesus se ele é o **Cristo** (Messias). Segundo, perguntam se ele é o **Filho de Deus**.

Mediante todas as evidências, concluímos que Jesus não declarou publicamente que era o Messias, durante o seu ministério. Ele viveu e agiu de acordo com o programa retratado em Isaías 61:1,2, e compeliu as pessoas a tomarem as suas próprias decisões. Faltando-lhes o tipo de evidência direta, de que necessitavam, os interrogadores queriam que Jesus admitisse publicamente que era o Messias. Então eles poderiam interpretar essa declaração em termos políticos, acusando Jesus de ser um revolucionário. Na audiência realizada durante a noite, citada por Marcos, Jesus responde afirmativamente (14:62). Aqui se recusa a responder, dizendo que seria inútil ele tentar defender-se. Não importava o que ele dissesse, eles não creriam nele. E, igualmente, eles não responderiam se ele, em defesa própria, os questionasse. Era prática processual aceita que se permitisse ao acusado levantar questões e fazer perguntas. As autoridades textuais Ocidentais acrescentam "nem me soltareis" ao verso 68, que pode ser a redação original. O significado da resposta de Jesus é que a causa movida contra ele já fora julgada antecipadamente, de tal forma que nenhuma decisão honesta podia ser feita.

De modo característico, Lucas não menciona a vinda do Filho do homem "com as nuvens do céu" (Mar. 14:62). Os inimigos de Jesus podiam fazer o que quisessem, mas depois da morte ele se assentaria **à mão direita** de Deus. À palavra "Poder", citada por Marcos (14:62), Lucas acrescentou a expressão explanatória **de Deus**, para os leitores gentios. Visto que Deus era a fonte de todo o poder, a palavra podia ser usada no seu sentido absoluto, como um dos nomes de Deus. Estar sentado à mão **direita** de Deus é ocupar o lugar de maior honra no céu.

Filho de Deus tornou-se o título supremo, para Jesus, na Igreja. Mas a concepção que a Igreja faz de Jesus, como o Filho de Deus, tem o seu fundamento em sua própria consciência, de uma relação única com Deus, expressa, por exemplo, na maneira como ele falou de Deus como seu Pai. Para ele, isso não era um dogma abstrato, metafísico, da trindade. Era uma convicção existencial de que a sua vida pertencia unicamente a Deus. Para nós, também, os dogmas teológicos que procuram delinear o indefinível, são freqüentemente sem verdadeiro significado. A convicção de que Jesus é o Filho de Deus pode significar muita coisa que não entendemos. Mas pelo menos significa que não há nem pode haver outra revelação de Deus, na história, tão clara e tão profunda como esta. Jesus é a chave do nosso entendimento, acerca de Deus e do mundo, de nós mesmos e dos nossos semelhantes, da história e do futuro.

Vós dizeis que eu sou é difícil. Aparentemente, significa: "Vocês é que usam esta frase, e não eu." Mas também deve, certamente, querer dizer concordância, porque então os juízes disseram que Jesus se incriminou. No caso de confissão feita pelo acusado, as testemunhas eram desnecessárias. O pecado de que Jesus era culpado, aos olhos da corte, era a blasfêmia. Este é um crime, segundo a perspectiva da lei judaica, mas essa acusação não podia ser feita diante de uma corte romana.

4) **Jesus Diante de Pilatos** (23:1-5)

1 E, levantando-se toda a multidão deles, conduziram Jesus a Pilatos. 2 E começaram a acusá-lo, dizendo: Achamos este homem pervertendo a nossa nação, proibindo dar o tributo a César, e dizendo ser ele mesmo Cristo, rei. 3 Pilatos, pois, perguntou-lhe: És tu o rei dos judeus? Respondeu-lhe

Jesus: É como dizes. 4 Então disse Pilatos aos principais sacerdotes, e às multidões: Não acho culpa alguma neste homem. 5 Eles, porém, insistiam ainda mais, dizendo: Alvoroça o povo, ensinando por toda a Judéia, começando desde a Galiléia até aqui.

Como Marcos o descreve, "tiveram conselho... todo o sinédrio", depois do que Jesus foi entregue a Pilatos (15:1). Visto que o sinédrio, evidentemente, não tinha autoridade para executar a sentença capital, o fato de Jesus comparecer diante dele deve ter tido o caráter de audiência informal. Ao invés de ser o juíz de Jesus, o sinédrio fez o papel de promotor diante de Pilatos. Porque o seu propósito era assegurar a execução de Jesus, os líderes judeus precisavam preparar contra ele uma causa que alcançasse o fim desejado. Portanto, **toda a multidão**, isto é, todo o concílio ou sinédrio, o acusava de crime de traição.

Embora a diferença seja primariamente uma questão de ênfase, Lucas enfatiza a culpa dos líderes judeus na morte de Jesus mais do que qualquer outro Evangelista. Marcos diz que eles o acusaram de muitas coisas (15:3). Em Lucas, três acusações específicas e relacionadas entre si são proferidas contra Jesus, pelo sinédrio. **Pervertendo a nossa nação** significa que ele estava minando a sua lealdade a Roma. O pagamento do **tributo** era um reconhecimento de soberania. Qualquer tentativa para induzir os cidadãos a não pagá-lo era também um ato traiçoeiro. **Cristo** (Messias) foi interpretado em seu sentido político. Ele estava procurando tornar-se **rei** dos judeus. Essas três acusações são patentemente falsas à luz da apresentação que Lucas faz do ensino e dos atos de Jesus. Ele havia repudiado o nacionalismo extremo, e havia, de fato, reconhecido o direito de César de recolher tributos, e interpretara a sua missão em termos apolíticos.

O acusado é questionado por Pilatos com respeito às suas ambições políticas. Quando ele pergunta a Jesus se é o rei dos judeus, na verdade, está querendo dizer: "Você é um revolucionário, procurando estabelecer um estado judeu independente?" **É como dizes.** Ou seja: "Você está usando esta terminologia com suas implicações políticas, mas eu não."

Essa resposta deve ter sido considerada, por Pilatos, como negação da acusação, pois agora ele declara a sua convicção de que Jesus é inocente. Esta é a primeira de três declarações assim claras de Pilatos, característica de Lucas, na narrativa da Paixão. Todos os Evangelistas retratam Pilatos como uma ferramenta dos inimigos judeus de Jesus, agindo de má vontade, mas nenhum dos outros o faz tão claramente como Lucas.

O seu veredicto não é aceito pelo povo, que decidira que Jesus precisava morrer. Insiste que ele é um agitador, que ameaça a paz dos súditos judeus de Roma. **Judéia** é equivalente a Palestina. De acordo com a acusação feita, Jesus não era apenas uma pessoa insignificante, que podia ser descartada facilmente. A sua influência foi exercida desde a **Galiléia** até **Jerusalém**, isto é, desde os limites externos até o centro da Palestina.

5) Jesus Diante de Herodes (23:6-12)

6 Então Pilatos, ouvindo isso, perguntou se o homem era galileu; 7 e, quando soube que era da jurisdição de Herodes, remeteu-o a Herodes, que também naqueles dias estava em Jerusalém. 8 Ora, quando Herodes viu a Jesus, alegrou-se muito; pois de longo tempo desejava vê-lo, por ter ouvido falar a seu respeito; e esperava ver algum sinal feito por ele; 9 e fazia-lhe muitas perguntas; mas ele nada lhe respondeu. 10 Estavam ali os principais sacerdotes, e os escribas, acusando-o com grande veemência. 11 Herodes, porém, com os seus soldados, desprezou-o e, escarnecendo dele, vestiu-o com uma roupa resplandecente e tornou a enviá-lo a Pilatos. 12 Nesse mesmo dia Pilatos e Herodes tornaram-se amigos; pois antes andavam em inimizade um com o outro.

Só Lucas apresenta o episódio em que Jesus compareceu perante Herodes Antipas (cf. 3:1). A declaração, a respeito das atividades de Jesus na Galiléia, faz com que Pilatos levante a questão da jurisdição. Se ele fosse um galileu, cujas ativi-

dades constituíssem ameaça para a paz política da região, o seu caso devia ser decidido por Herodes. Possivelmente, o tetrarca da Galiléia estava em Jerusalém para a celebração da Páscoa. Os Herodes eram judeus, embora, por serem descendentes de um idumeu, cujo povo havia sido forçado a se tornar prosélito, por João Hircano, a sua linhagem não fosse a melhor. Eles eram mais helenistas do que judeus, em suas vidas e atitudes pessoais, mas não lhes era incomum comparecerem a Jerusalém, para participar de uma festa religiosa.

Esta é a segunda referência ao desejo de Herodes de ver Jesus (cf. 9:7-9). Agora se explica por que Herodes queria vê-lo: queria ver um milagre realizado por Jesus. O helenista Antipas provavelmente acariciava a idéia de que Jesus devia ser um ente divino, de determinada espécie, que pudesse provar a sua divindade com uma exibição mágica de poder. Mas os milagres não são feitos sob encomenda (cf. 4:16-30). Além do mais, Jesus não se aproveitaria desse expediente para se salvar. O seu poder era usado para ajudar a redimir os outros, e não em favor de si mesmo. As perguntas de Herodes foram recebidas por um pétreo silêncio. O silêncio de Jesus, diante dos seus acusadores, é mencionado pelos outros sinópticos, embora em contexto diferente (cf. Mar. 15:5; Mat. 27:14). Sem dúvida, isto ilustra a referência ao silêncio do Servo Sofredor em Isaías 53:7.

Contra o silêncio de Jesus e o fato de ele não se queixar, colocam-se as veementes acusações dos **principais sacerdotes** e **escribas**, membros do sinédrio. Eles também fazem parte desta nova cena, quando, provavelmente, fazem as mesmas acusações.

O desprezo de Herodes por Jesus e o pequeno crédito que deu às acusações feitas contra este, são demonstrados no tratamento que lhe dispensaram. Visto que ele chega à conclusão de que Jesus não é deus, trata-o como pessoa sem poderes especiais e como ser humano inconseqüente. Os **soldados** de Herodes (cf. 3:14) fazem de Jesus um deplorável objeto de diversão para o seu comandante. Jesus é vestido com uma **roupa resplandecente**, o manto branco da realeza, para zombarem das suas pretensões messiânicas. Depois de ter-se divertido com Jesus, Herodes o manda de volta a Pilatos. Ele chegara à conclusão de que Jesus não consistia em ameaça para o seu governo. O contato que Herodes e Pilatos entabulam, como resultado do seu envolvimento no processo movido contra Jesus, serve para destruir a hostilidade que havia entre eles, de sorte que se tornam **amigos**. Não há outra evidência que lance luz sobre este relacionamento entre Herodes e Pilatos.

6) A **Condenação de Jesus** (23:13-25)

13 Então Pilatos convocou os principais sacerdotes, as autoridades e o povo, 14 e disse-lhes: Apresentastes-me este homem como pervertedor do povo; e eis que, interrogando-o diante de vós, não achei nele nenhuma culpa, das que o acusais; 15 nem tampouco Herodes, pois no-lo tornou a enviar; e eis que não tem feito ele coisa alguma digna de morte. 16 Castigá-lo-ei, pois, e o soltarei.

17 (E era-lhe necessário soltar-lhes um pela festa.) 18 Mas todos clamaram à uma, dizendo: Fora com este, e solta-nos Barrabás! 19 Ora, Barrabás fora lançado na prisão por causa de uma sedição feita na cidade, e de um homicídio. 20 Mais uma vez, pois, falou-lhes Pilatos, querendo soltar a Jesus. 21 Eles, porém, bradavam, dizendo: Crucifica-o! crucifica-o! 22 Falou-lhes, então, pela terceira vez: Pois, que mal fez ele? Não achei nele nenhuma culpa digna de morte. Castigá-lo-ei, pois, e o soltarei. 23 Mas eles instavam com grandes brados, pedindo que fosse crucificado. E prevaleceram os seus clamores. 24 Então Pilatos resolveu atender-lhes o pedido; 25 e soltou-lhes o que fora lançado na prisão por causa de sedição e de homicídio, que era o que eles pediam; mas entregou Jesus à vontade deles.

Pilatos convoca os acusadores para a sua segunda declaração da inocência de Jesus. Os **sacerdotes**, as **autoridades** e o **povo**, representando a nação de Israel, ouvem o pronunciamento. Num estranho encaminhamento dos eventos, o juiz, o

governador romano, se torna o advogado de defesa. Na verdade, não temos evidências suficientes para sermos capazes de entender completamente a dinâmica da situação. Que impacto Jesus causou sobre Pilatos? Até que ponto foi Pilatos motivado por um senso de responsabilidade judicial? Considerando-se todas as desigualdades e a crueldade do Império Romano, o governo exercia fortes pressões sobre os seus representantes, para exercer justiça, em suas decisões. Até que ponto a antipatia que Pilatos sentia pelos judeus influenciou as suas ações? Ele certamente não é justificado pelos Evangelistas, mas colocado sob a luz mais favorável possível, em vista das circunstâncias. Sem dúvida, os Evangelistas não estavam interessados em reabilitar Pilatos. Eles eram motivados por um desejo de mostrar que Jesus não era culpado do crime pelo qual foi executado. Ele era o Messias de Deus e o Salvador da humanidade, e não um revolucionário desiludido, derrotado.

Lucas mostra que os dois homens que representam Roma como governantes das maiores regiões da Palestina chegaram à conclusão de que Jesus era inocente. De acordo com a lei judaica, o testemunho corroborador de duas testemunhas era suficiente. Pilatos entendeu que Herodes não teria mandado Jesus de volta a ele se tivesse chegado à conclusão de que era um agitador galileu (v. 15).

O mais suave, **castigá-lo-ei**, em vez de "açoitá-lo-ei", é outra indicação da tendência de Lucas em amenizar a parte que Pilatos teve no sofrimento de Jesus. O fato de que Jesus foi açoitado por ordem de Pilatos (Mar. 15:15), tratamento comum dispensado aos prisioneiros destinados à execução, é omitido em Lucas. Castigar pode significar castigo corporal, mas não necessariamente. Pode significar simplesmente advertir.

A terceira tentativa de Pilatos para libertar Jesus traz à baila um criminoso chamado **Barrabás**. Muitos manuscritos importantes omitem completamente o versículo 17. Algumas poucas testemunhas Ocidentais o colocam depois do versículo 19. É uma interpolação feita para explicar por que o povo exigia a libertação de Barrabás. Mais uma vez o fato de Pilatos defender Jesus dá de encontro com oposição ferrenha.

De acordo com Marcos 15:7, Barrabás era participante de um grupo de rebeldes que havia sido lançado na prisão. Em outras palavras, Barrabás era culpado do próprio crime de que Jesus estava sendo acusado falsamente. Ele se envolvera, talvez, como pretendente messiânico, em uma insurreição. De acordo com Lucas, isso aconteceu mesmo em Jerusalém.

O fato de eles terem escolhido Barrabás define claramente a posição dos líderes judeus. Eles, que estavam acusando Jesus de hostilidade contra Roma, eram os verdadeiros inimigos de César, pois as suas simpatias se voltavam para um homem que era culpado de uma revolta violenta. A história mostra que o julgamento de Jesus foi a mais grosseira falha da justiça. Afinal de contas, Pilatos permitiu que fosse executado um homem que não tinha ambições de governar em um reino terreno.

Os inimigos de Jesus realmente pronunciaram a sua sentença. Em oposição às tentativas de Pilatos para libertá-lo, eles gritaram para que ele fosse crucificado. Pela terceira vez Pilatos declara que Jesus era inocente. Em resposta ao clamor, pedindo a sua crucificação, o governador assevera que ele não havia cometido crime capital. Mais uma vez ele sugere a sua sentença: ia **castigar** e **soltar** Jesus. Mas a vontade dos líderes judeus era mais forte do que a vontade de Pilatos. O governador promulga uma sentença que representa os **pedidos** dos inimigos de Jesus, e não as suas próprias convicções. O oficial romano não estava sendo leal aos princípios de justiça que o seu governo requeria dele. Sobretudo, ele libertou o revoltoso, cuja libertação os líderes judeus desejavam. Mostra-se a

morte de Jesus, bem cuidadosamente, como uma rejeição do seu próprio povo, e não como a vontade dos administradores de Roma. Aqueles, e não Pilatos, devem carregar o principal peso da culpa. Ao mesmo tempo, Pilatos é definitivamente retratado como mau administrador da justiça romana.

O significado contemporâneo da cruz é um julgamento do mal de toda a humanidade. Durante séculos os homens destramente evitaram as implicações da cruz, com uma manobra simples: colocaram a culpa pelo assassinato de Jesus sobre os judeus. Essa idéia tem sido vergonhosamente cultivada: que os judeus que conspiraram para a morte de Jesus eram uma raça especial de pessoas, extraordinariamente má e perversa. Mas a verdade é que eles eram exatamente pessoas **como todas as pessoas**, inclusive a presente geração — com as mesmas ambições, as mesmas fraquezas, os mesmos problemas. Preconceito racial, religião institucionalizada, injustiça social — esses eram os males que Jesus desafiava. Quem, entre nós, ousa negar que os mesmos males estão presentes em nossa sociedade?

O próprio povo de Jesus reagiu ao seu desafio, tentanto afastar Deus do seu mundo. Ao invés de abrir-se honestamente para a palavra de Deus, eles decidiram silenciar a voz perturbadora que a proclamava. Nós também tentamos empurrar Deus para fora do seu mundo, tomá-lo para nós mesmos e usá-lo para alcançar as nossas próprias ambições. Isto é o máximo da idolatria. Neste sentido a crucificação não é apenas algo que aconteceu há muito tempo; ela tem lugar todos os dias, em nosso mundo.

2. A Crucificação de Jesus (23:26-56a)

1) As Mulheres Que Choravam (23:26-31)

26 Quando o levaram dali, tomaram um certo Simão, cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas, para que a levasse após Jesus. 27 Seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, as quais o pranteavam e lamentavam. 28 Jesus, porém, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos. 29 Porque dias hão de vir em que se dirá: Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram! 30 Então começarão a dizer aos montes. Caí sobre nós; e aos outeiros: Cobri-nos. 31 Porque, se isto se faz no lenho verde, que se fará no seco?

Com exceção do versículo 26, esta descrição da jornada de Jesus para a cruz se encontra apenas aqui, nos Evangelhos. Ela ressalta a relação entre a rejeição de Jesus, por Jerusalém, e a destruição ulterior da cidade — importante tema de Lucas.

Simão é identificado como nativo de **Cirene**. Esta cidade, capital do distrito norte-africano de Cirenaica, tinha uma considerável população judaica. Simão estava na Palestina para a celebração da festa da Páscoa, ou havia emigrado para a terra de seus pais. Marcos 15:21 o identifica como pai de Alexandre e de Rufo, que deviam ser membros conhecidos da comunidade cristã primitiva. A conjectura de que Simão subseqüentemente se tornou cristão é, portanto, lógica. A **cruz** é a viga transversal, à qual eram fixados os braços da pessoa a ser crucificada. Os criminosos condenados eram forçados a carregá-la, como parte do espetáculo público que compunha a sua execução e como advertência a outros possíveis criminosos. Por que Jesus não carregou a viga de sua própria cruz? Talvez o açoitamento ao qual fora sujeito (Mar. 15:15) tivesse sido tão severo que ele estava fisicamente incapacitado de fazê-lo. Simão parece representar, para Lucas, o ideal do discípulo que segue a Jesus, carregando a sua cruz. Nenhum discípulo estava ali para fazer o que um estranho foi compelido a fazer.

Era uma procissão funeral para Jesus, antes de sua morte. As mulheres desempenhavam um papel importante no ritual

do funeral judaico. Eram elas que cantavam as elegias ou cânticos fúnebres.[39] Algumas mulheres, na multidão **pranteavam** e **lamentavam** por Jesus. Isto significa que elas batiam no peito, pronunciavam as lamentações costumeiras e choravam (de acordo com o v. 27). Isto chegava a ser uma aclamação pública a Jesus, que ia de encontro a todo o tratamento costumeiro dispensado a um condenado.

Se elas realmente entendiam o significado do evento que suscitava as suas lamentações, estariam clamando a Deus, pedindo misericórdia para si mesmas e para seus filhos. Jesus rejeita a lamentação das mulheres por ele, fazendo uma proclamação para que lágrimas fossem derramadas sobre uma cidade condenada. Isto era, com efeito, uma conclamação profética ao arrependimento. Elas e todos os circunstantes deviam reconhecer a sua própria culpa, a sua solidariedade com a rejeição que aquela cidade dispensava a Jesus, e a inevitabilidade do juízo.

Aguardavam a Jerusalém dias de terrível sofrimento e tragédia. Naqueles dias a esterilidade seria considerada uma bênção, e a maternidade uma maldição — exatamente o oposto da atitude normal. As mulheres sem filhos ficariam contentes por não terem dado à luz e não estarem amamentando um filho, só para experimentar as torturas que cercariam a morte dessa cidade. Os habitantes em vão procurariam um lugar para se esconderem de sua sorte, pedindo, em desespero, a proteção de **montes** e **outeiros** (cf. Os. 10:8).

A partícula **se** (v. 31) deve referir-se aos senhores romanos de Jerusalém. Se esses gentios estavam crucificando uma pessoa como Jesus na primavera, quando o **lenho** era **verde**, o que não aconteceria no outono, quando ele estivesse **seco**? Primavera é a estação da semeadura; outono, época de colheita. Jerusalém estava plantando sementes agora, que produziriam uma colheita de frutos amargos. Só três cruzes rasgavam o horizonte, naquele dia fatídico. Mas somos informados que os conquistadores romanos crucificaram incontável número de judeus, depois da queda de Jerusalém.

2) A Execução de Jesus (23:32-38)

32 E levavam também com ele outros dois, que eram malfeitores, para serem mortos. 33 Quando chegaram ao lugar chamado Caveira, ali o crucificaram, a ele e também aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. 34 Jesus, porém, dizia: Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem. Então repartiram as vestes dele, deitando sortes sobre elas. 35 E o povo estava a olhar. E as próprias autoridades zombavam dele, dizendo: Aos outros salvou; salve-se a si mesmo, se é o Cristo; o escolhido de Deus. 36 Os soldados também o escarneciam, chegando-se a ele, oferecendo-lhe vinagre, 37 e dizendo: Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo. 38 Por cima dele estava esta inscrição (em letras gregas, romanas e hebraicas:) ESTE É O REI DOS JUDEUS.

Jesus é acompanhado, ao lugar de execução, por dois malfeitores, destinados à mesma sorte. Eles são chamados de salteadores, por Marcos (15:27). O lugar da crucificação é desconhecido, mas era fora da cidade (Heb. 13:12 e s.), perto de uma estrada de muito movimento. Lucas omite o nome semita Gólgota, e apresenta apenas a tradução: **Caveira**. Talvez o outeiro tivesse configurações que lembravam um crânio.

A crucificação era método para a aplicação da pena capital, emprestado, pelos romanos, dos fenícios e persas. Esta forma de execução extremamente bárbara era geralmente reservada para os não-romanos. As mãos e os pés da vítima eram pregados ou amarrados com cordas à cruz. O seu corpo era sustentado por uma cavilha, afixada à parte principal da cruz (a vertical), em que o condenado literalmente montava. Muitas vezes ele ficava dependurado ali, vivo, durante

39 Veja os artigos de Gustav Itahlin, em TDNT, III, p. 148-155 e 830-860, para a discussão dos termos gregos traduzidos como "pranteavam" e "lamentavam".

vários dias, sujeito à tortura dos elementos, insetos, o escárnio dos passantes e a dor e exaustão físicas. A morte era causada pela fome, sede, estado de choque e fadiga, pouco sangue, ou mesmo, nenhum sangue era derramado. Dizer que Jesus "derramou o seu sangue" significa que ele deu a vida. Os criminosos foram crucificados um de cada lado de Jesus.

A oração de Jesus pelos seus inimigos (v. 34) está ausente em várias autoridades excelentes, e alguns estudiosos a julgam uma inserção, feita no texto original. Grundmann (p. 432 e ss.), todavia, argumenta, persuasivamente, baseado nas evidências intrínsecas, que ela é genuína. Há, por exemplo, uma íntima relação entre as orações de Jesus e de Estêvão (At. 7:60). A pregação apostólica também declara que o povo judeu tinha outra oportunidade para se arrepender, porque a crucificação foi tramada em ignorância (At. 3:17). E, sobretudo, a oração estava de acordo com o caráter e os ensinamentos de Jesus (cf. Luc. 6:28), da maneira como são retratados nos Evangelhos. Enquanto Jesus ora, os endurecidos soldados decidem, lançando **sortes**, qual deles ficaria com as roupas dele.

O povo observa; as autoridades zombam — a distinção é um toque característico de Lucas. Uma vida redentora não era prova suficiente, para os líderes, de que Jesus era o Messias. Se ele era o Cristo, precisava prová-lo, usando o seu poder a favor de si mesmo. Eles não podiam conceber poder, ou posição, que não fosse usado em proveito próprio. E, também, não entendiam que salvar-se é incompatível com salvar os outros. Da mesma forma, não conseguiam crer que Deus permitisse que o seu **Escolhido** fosse tão humilhado. O seu Deus era uma projeção dos interesses próprios e das idéias deles mesmos. Assim, eles presumiam que ele agiria da mesma forma como eles o fariam, nas mesmas circunstâncias.

Os **soldados** que levaram a efeito a crucificação também juntaram-se à zombaria. **Vinagre** era o vinho azedo e barato bebido pelo populacho. Aqui, ele foi oferecido como escárnio a Jesus, acompanhado por um desafio zombeteiro. Os soldados romanos entendiam **Rei dos Judeus** no sentido político. Pensavam em Jesus como um pretendente frustrado e derrotado, ao governo de um hipotético reino judaico. Este era um Rei do tipo que não pode salvar-se a si mesmo!

Era costume escrever a acusação, que se fizera contra a pessoa executada, em uma placa, e afixá-la à cruz, ou dependurá-la ao redor do seu pescoço. De acordo com a acusação, Jesus foi executado como um rebelde contra Roma.

3) O Ladrão Penitente (23:39-43)

39 Então um dos malfeitores que estavam pendurados, blasfemava dele, dizendo: Não és tu o Cristo? salva-te a ti mesmo e a nós. 40 Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Nem ao menos temes a Deus, estando na mesma condenação? 41 E nós, na verdade, com justiça; porque recebemos o que os nossos feitos merecem; mas este nenhum mal fez. 42 Então disse: Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. 43 Respondeu-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.

Este é outro episódio contado apenas por Lucas. Marcos declara: "Também os que com ele foram crucificados o injuriavam" (15:32b). Lucas conta-nos que um desses homens percebeu quem era Jesus. Ele repreende o seu companheiro de crimes, dizendo que a hora da morte não é momento apropriado para um criminoso injuriar um homem inocente. Tendo sido sentenciados pela corte romana, eles logo iriam entrar no juízo de Deus, pelas portas da morte.

E então o salteador penitente se volta para Jesus com um pedido para ser lembrado quando ele vier em seu **reino**. Alguns bons manuscritos dizem "quando vieres em teu poder real". O texto seguido pela versão da IBB é apoiado por excelentes autoridades e se enquadra me-

lhor no contexto. O moribundo pede para ser lembrado por ocasião da **Parousia**, o que era uma expressão de fé em Jesus, como o Messias.

Em sua resposta, Jesus dá-lhe a certeza de que ele não precisava esperar até data futura, a fim de ser lembrado. É possível colocar a vírgula depois de **hoje**, mas a pontuação constante do texto é mais apropriada. Portanto, qualquer pessoa que se volta para Jesus, mesmo que seja no último momento, recebe o privilégio de comunhão com ele. A morte é apresentada sob nova luz, visto que ela era necessária para o cumprimento da palavra de Jesus para o moribundo. Tanto Jesus como o homem precisavam morrer, para que se encontrassem no **Paraíso**, palavra de origem persa, que significa céu. Assim, a morte não é uma derrota. Pelo contrário, é uma experiência necessária, se alguém deseja entrar na glória. A morte é interpretada como entrada na presença de Deus, tanto para Jesus como para aqueles que nele crêem.

4) A Morte de Jesus (23:44-49)

44 Era já quase a hora sexta, e houve trevas em toda a terra até a hora nona, pois
o sol se escurecera; 45 rasgou-se ao meio o
véu do santuário. 46 Jesus, clamando com
grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos en-
trego o meu espírito. E, havendo dito isso,
expirou. 47 Quando o centurião viu o que
acontecera, deu glória a Deus, dizendo: Na
verdade, este homem era justo. 48 E todas
as multidões que presenciaram este espe-
táculo, vendo o que havia acontecido, vol-
tavam batendo no peito. 49 Entretanto,
todos os conhecidos de Jesus, e as mulheres
que o haviam seguido desde a Galiléia, esta-
vam de longe, vendo estas coisas.

Marcos nos informa que Jesus foi crucificado à "hora terceira", isto é, às 9 horas da manhã. De acordo com Lucas, dois sinais significativos ocorreram, enquanto Jesus estava na cruz. O **sol se escurecera** desde o meio-dia até as 3 horas da tarde (a **hora nona**), o que enfatiza o significado cósmico da morte de Jesus. Este era um momento fugaz, em que "o poder das trevas" (22:53) parecia estar sendo vitorioso. O **véu do santuário** separava o Santo dos Santos do restante do santuário. O sumo sacerdote o ultrapassava uma vez por ano, para fazer expiação pelos pecados do povo. A ruptura do véu significou que abrira-se, através de Cristo, um acesso direto a Deus, tornando desnecessária a instituição do sacerdócio. E, também, isso pode ser considerado como augúrio do juízo de Deus sobre um Templo condenado.

A morte de Jesus foi invulgarmente rápida. Talvez isso se devesse ao efeito do açoitamento efetuado pelos soldados romanos. Alguns homens morriam sob a chibata. Lucas omite o grito de desamparo, tirado de Salmos 22:1 (cf. Mar. 15:34). A última palavra de Jesus, no terceiro Evangelho, é uma citação de Salmos 31:5. Mesmo nesta hora final, Jesus não vacila em sua confiança de que Deus é seu **Pai**. Além da dor e do desespero, além da solidão e do ódio, estava Deus, esperando para receber o seu Filho.

O centurião era o oficial que havia supervisionado a execução de Jesus. Ele acrescenta o seu veredicto ao de Pilatos e Herodes: **Na verdade, este homem era justo** (cf. Mar. 15:39). Desta forma, todos os representantes oficiais da presença de Roma na Palestina, mencionados na narrativa, estavam de acordo que um homem inocente fora executado. As **multidões** deixam a cena, **batendo no peito**, que era uma expressão de remorso. Os seguidores de Jesus galileus estavam **de longe**, e testemunhavam a crucificação e morte de Jesus. As qualificações dessas testemunhas do Ressuscitado são cuidadosamente indicadas por Lucas: elas o vêem morrer; vêem-no sendo sepultado; e descobrem o seu túmulo vazio. As **mulheres** mencionadas aqui eram as referidas em 8:2, e outra vez em 23:55 e 24:10 (veja o comentário sobre 8:2). Um tema antignóstico provavelmente está presente aqui, pois Lucas empenha-se em estabelecer solidamente a identida-

de dAquele que morreu, foi sepultado e ressuscitou.

5) O Sepultamento de Jesus (23:50-56a)

50 Então um homem chamado José, natural de Arimatéia, cidade dos judeus, membro do sinédrio, homem bom e justo, 51 o qual não tinha consentido no conselho e nos atos dos outros, e que esperava o reino de Deus, 52 chegando a Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus; 53 e, tirando-o da cruz, envolveu-o num pano de linho, e pô-lo num sepulcro escavado em rocha, onde ninguém ainda havia sido posto. 54 Era o dia da preparação, e ia começar o sábado. 55 E as mulheres que tinham vindo com ele da Galiléia, seguindo a José, viram o sepulcro, e como o corpo foi ali depositado. 56 Então voltaram e prepararam especiarias e unguentos.

Os cuidados para com o corpo de Jesus foram tomados por parte de uma fonte inesperada: de um membro do próprio **sinédrio** que havia tramado a crucificação. Geralmente, localiza-se **Arimatéia** na região montanhosa da Judéia, a noroeste de Jerusalém, mas a sua localização exata é desconhecida. A piedade de José não era parcial ou superficial. Ele era **bom** para com os seus concidadãos, e **justo** para com Deus; em outras palavras, classificando-se com Zacarias (1:6) e Simeão (2:25). Lucas explica que José não havia concordado com os outros membros do sinédrio, no planejamento e execução do seu plano de se livrarem de Jesus. Além do mais, como Simeão (2:25), ele estava esperando ansiosamente o cumprimento das palavras proféticas a respeito do **reino de Deus**. Isto pode explicar o seu interesse em Jesus, que havia proclamado a proximidade do reino.

Como homem **justo**, pode também ser que José tivesse sido motivado pelo mandamento para não se deixar o corpo de um homem executado dependurado no madeiro de um dia para outro (Deut. 21:23). Ele requisitou e recebeu permissão de Pilatos para sepultar Jesus. O corpo nu foi envolvido em um **pano de linho**, lençol com que se envolvia o corpo dos mortos. Mateus nos diz que José era rico (27:57), o que se supõe pelo fato de que ele possuía um **sepulcro escavado em rocha**. Lucas faz um comentário adicional: **onde ninguém ainda havia sido posto**. Visto que era novo, era apropriado para uso tão sagrado.

Preparação é a palavra judaica para sexta-feira. Nessa época do ano, o sábado começava, aproximadamente, às 18 horas. Todos os Evangelhos concordam que Jesus foi crucificado na sexta-feira, e que descobriu-se que o túmulo estava vazio no primeiro dia da semana. As **mulheres** verificaram Jesus ser sepultado (veja, acima, o v. 49). **Especiarias** e **ungüentos**, substâncias aromáticas usadas para ungir o corpo dos mortos, foram por elas preparadas antes do sábado, enquanto esperavam uma primeira oportunidade para uma visita ao túmulo.

VIII. A Ressurreição de Jesus (23:56b-24:53)

A narrativa da ressurreição, feita por Lucas, está dividida em três episódios, que são reunidos de forma a formar uma unidade literária conexa, excelentemente construída. Só no primeiro episódio se encontram paralelos com os outros Evangelhos, mas até esta unidade é peculiar. Em dois lugares significativos, encontramos variações da história, contada por Marcos, a respeito do sepulcro vazio: (1) em Marcos, o anjo diz, às mulheres, para contarem aos discípulos a mensagem de que Jesus os encontraria na Galiléia (Mar. 16:7; cf. Luc. 24:6,7). (2) De acordo com Marcos 16:8, as mulheres "não disseram nada a ninguém, porque temiam" (cf. Luc. 24:9). Mas o relato feito por Marcos naturalmente pressupõe que as mulheres mais tarde contaram a história, pois, se não, ela não poderia ter encontrado maneira de figurar no Evangelho.

As histórias restantes são encontradas apenas em Lucas. Elas têm como palco Jerusalém ou suas circunvizinhanças.

A forma de apresentação é determinada, em grande parte, por certos temas e conceitos de Lucas. Em Lucas, as ações na vida de Jesus se movem da Galiléia para Jerusalém. A capital judaica, desta forma, se torna o centro, do qual começa o testemunho da igreja primitiva. O fluxo da ação se faz de Jerusalém para Roma, no livro de Atos. Conseqüentemente, Lucas não relata nenhum aparecimento de Jesus na Galiléia. Se tivéssemos apenas este Evangelho, seríamos forçados a concluir que Lucas concebia que todas as experiências que registrou haviam ocorrido no domingo da ressurreição, chegando ao apogeu na ascensão. Mas, em Atos, ele fala de aparições durante um período de quarenta dias, antes da ascensão.

1. As Mulheres Vão ao Sepulcro (23:56b-24:11)

E no sábado repousaram, conforme o mandamento.

1 Mas já no primeiro dia da semana, bem de madrugada, foram elas ao sepulcro, levando as especiarias que tinham preparado. 2 E acharam a pedra revolvida do sepulcro. 3 Entrando, porém, não acharam o corpo do Senhor Jesus. 4 E, estando elas perplexas a esse respeito, eis que lhes apareceram dois varões em vestes resplandecentes: 5 e, ficando elas atemorizadas e abaixando o rosto para o chão, eles lhes disseram: Por que buscais entre os mortos aquele que vive? 6 Ele não está aqui, mas ressurgiu. Lembrai-vos de como vos falou, estando ainda na Galiléia, 7 dizendo: Importa que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e ao terceiro dia ressurja. 8 Lembraram-se, então, das suas palavras; 9 e, voltando do sepulcro, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os demais. 10 E eram Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago; também as outras que estavam com elas relataram estas coisas aos apóstolos. 11 E pareceram-lhes como um delírio as palavras das mulheres e não lhes deram crédito.

É explicado que a obediência à lei judaica a respeito do sábado impediu que as mulheres se dirigissem ao sepulcro, talvez porque ele ficasse à distância maior do que a jornada de um sábado do lugar onde estavam hospedadas.

De acordo com Lucas e Marcos, o objetivo, para as mulheres se dirigirem ao túmulo, foi embalsamar o corpo de Jesus com especiarias. Marcos diz que elas "passado o sábado... compraram aromas" (16:1). Elas foram **bem de madrugada**, logo que houve um pouco de luz que as capacitasse a ver. O primeiro dia da semana havia começado às seis horas da tarde do sábado, cerca de doze horas antes.

A pesada pedra colocada na entrada do túmulo protegia o corpo da profanação por animais; ela estava afastada da entrada, quando elas chegaram. Dentro, não havia **corpo** nenhum. Muitas autoridades fazem seguir a palavra corpo pela frase "do Senhor Jesus", título que não se encontra em outros lugares, nos Evangelhos. Esta é a primeira, de várias redações deste capítulo, omitidas pelas fontes textuais Ocidentais, a maior parte das quais se julga, geralmente, que sejam interpolações.

O fato de não terem encontrado o corpo produz perplexidade, e não fé. A narrativa da ressurreição, em Lucas, enfatiza que a tumba vazia, por si mesma, não é prova de ressurreição. A crença na ressurreição é baseada no aparecimento do Senhor ressurrecto. Mas também era importante que a igreja mostrasse que fora o próprio corpo de Jesus de Nazaré que ressuscitara, a fim de contrariar as especulações dos gnósticos.

Dois homens vestidos como mensageiros celestiais explicam o significado do sepulcro vazio. Marcos 16:5 diz "um moço". Lucas tem predileção por pares, em consonância com o tema de testemunhas, tão proeminente em seus escritos. Por ocasião da ascensão, "dois varões vestidos de branco" também aparecem de novo (At. 1:10), para definir a atitude adequada da igreja em relação à partida e à volta do seu Senhor. Leaney (p. 291 e s.) sustenta que os dois homens servem para ligar a ressurreição com a transfi-

guração. Ele os identifica com Moisés e Elias.

Os mensageiros disseram às mulheres que elas se dirigiram para o lugar errado, ao procurarem Jesus. Visto que ele estava vivo, não devia ser procurado em um sepulcro. Algumas autoridades incluem: "ele ressurgiu; não está aqui", uma interpolação clara de Marcos 16:6.

Em Marcos as mulheres recebem instruções para dizerem aos "seus discípulos e a Pedro" que Jesus os encontraria na Galiléia (16:7). Lucas, todavia, restringe a sua narrativa da ressurreição a Jerusalém. As mulheres são levadas a lembrar que Jesus havia predito a ressurreição durante o seu ministério na Galiléia (Luc. 18:32,33). Elas **lembraram-se, então, das suas palavras**, isto é, então elas interpretaram o túmulo vazio à luz da profecia de Jesus. As mulheres entenderam que o corpo não fora removido, mas que Jesus ressuscitara. Mediante a narrativa, presumimos que os discípulos haviam estado juntos durante aquele período. Voltando a eles, aos **onze** e **todos os demais**, elas divulgaram o que haviam experimentado. Mas a sua narrativa foi recebida como fantasia. Podemos ver aqui uma expressão da polêmica que havia na igreja primitiva. Os inimigos do cristianismo possivelmente caracterizaram o relato da ressurreição simplesmente como um conto emocional de mulheres emocionadas, iludidas. A narrativa revela que esta foi exatamente a reação dos primeiros discípulos. Eles não creram nas mulheres enquanto não se convenceram da ressurreição por sua experiência pessoal, deles mesmos.

Três das mulheres são mencionadas nominalmente, duas das quais haviam sido já nomeadas em 8:3. Marcos menciona Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de José, e Salomé, como testemunhas da crucificação (15: 40). Só Lucas menciona **Joana**, ao mesmo tempo que não se refere a Salomé. Estas são as testemunhas galiléias que o seguem até Jerusalém, vêem-no morrer, vêem-no ser sepultado e descobrem a sepultura vazia. O versículo 12, omitido nas autoridades Ocidentais, é, provavelmente, uma interpolação, baseada em João 20:4-6.

2. A Aparição a Dois Discípulos (24:13-35)

1) A Conversa no Caminho de Emaús (24:13-27)

13 Nesse mesmo dia, iam dois deles para uma aldeia, chamada Emaús, que distava de Jerusalém sessenta estádios; 14 e iam comentando entre si tudo aquilo que havia sucedido. 15 Enquanto assim comentavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou, e ia com eles; 16 mas os olhos deles estavam como que fechados, de sorte que não o reconheceram. 17 Então ele lhes perguntou: Que palavras são essas que, caminhando, trocais entre vós? Eles então pararam tristes. 18 E um deles, chamado Cleopas, respondeu-lhe: És tu o único peregrino em Jerusalém que não soube das coisas que nela têm sucedido nestes dias? 19 Ao que ele lhes perguntou: Quais? Disseram-lhe: As que dizem respeito a Jesus, o nazareno, que foi profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; 20 e como os principais sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram. 21 Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de remir Israel; e, além de tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram. 22 Verdade é, também, que algumas mulheres do nosso meio nos encheram de espanto; pois foram de madrugada ao sepulcro 23 e, não achando o corpo dele, voltaram, declarando que tinham tido uma visão de anjos que diziam estar ele vivo. 24 Além disso, alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro, e acharam ser assim como as mulheres haviam dito; a ele, porém, não o viram. 25 Então ele lhes disse: Ó néscios, e tardos de coração para crerdes tudo o que os profetas disseram! 26 Porventura não importava que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória? 27 E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicou-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras.

O restante da narrativa de Lucas, a respeito da ressurreição, é peculiar a Lucas. **Dois deles** fazem parte do grupo de discípulos que havia ouvido a narra-

tiva das mulheres, mas não fazem parte dos onze (v. 33, adiante). **Nesse mesmo dia** é o dia em que se descobrira que o sepulcro estava vazio. A localização de **Emaús** é incerta, mas pode ser a aldeia moderna de Kolonieh.

Quando Jesus se aproximou dos discípulos no caminho de Emaús, eles não o reconheceram. O relato de Lucas acerca da ressurreição enfatiza a continuidade entre o Jesus crucificado e o ressurrecto, mas também indica que havia uma diferença. Aqui a interpretação é de que **os olhos deles estavam como que fechados, de sorte que não o reconheceram**, ou seja, isso fazia parte do plano divino. A sua ignorância a respeito da identidade do seu companheiro propiciou uma oportunidade para que ele lhes expusesse o significado das experiências acerca das quais eles estavam falando.

Os dois ficaram admirados por necessitar o estranho perguntar acerca do assunto de sua discussão. **Ês tu o único peregrino** também pode ser traduzido como: "és tu a única pessoa de tal forma estranha em Jerusalém", etc. A sua aparente ignorância fez com que eles concluíssem que ele chegara depois que haviam acontecido esses fatos, que haviam perturbado a cidade.

A reação deles, ao pedido de informações, demonstra que eles haviam entendido **a** crucificação como a frustração das grandes esperanças que haviam sido inspiradas por Jesus. Ele era um **profeta**; a sua morte não mudou neles essa convicção. Ele demonstrara ser profeta tanto em **obras** quanto em **palavras. Diante de Deus e de todo o povo** significa aos olhos de Deus ou segundo a sua estimativa, tanto quanto conforme a opinião pública. O poder evidente de Deus, expresso na vida de Jesus, era um sinal de aprovação divina para o seu ministério. A responsabilidade pela morte desse profeta é colocada, mais uma vez, sobre os ombros dos líderes judeus.

Os discípulos haviam esperado que ele fosse o Messias. Mas eles concebiam a missão do Messias como sendo a redenção de Israel de sua sujeição a Roma. Para eles, portanto, a sua morte significou que ele não era o redentor de Israel.

Havia um outro elemento na história. O **corpo** imolado de seu líder não fora achado no **sepulcro**. As mulheres o haviam encontrado vazio, e haviam relatado um encontro com **anjos**, que afirmaram que Jesus estava vivo. **Alguns dos que estavam conosco,** a saber, dos discípulos, haviam verificado que pelo menos parte da história das mulheres era verdade: de fato o túmulo estava vazio. Mas um túmulo vazio não fora considerado como prova de que Jesus ressuscitara dentre os mortos.

Jesus acusou os dois discípulos de não terem conseguido **crer tudo o que os profetas disseram**. Por essa razão, eles tinham um conceito distorcido a respeito da vida e da missão do Messias. Duas coisas eram essenciais: (1) **que** o **Cristo padecesse** e (2) que **entrasse na sua glória**. Jesus então ensinou o que as Escrituras dizem, isto é, expôs a necessidade do sofrimento como um prelúdio para a glória. **Moisés** era uma designação contemporânea da **Torah**. Os **profetas** eram a segunda das três principais seções das Escrituras Hebraicas aceitas, como sendo de autoridade, pelos fariseus e pela maioria do povo judeu. Em cada seção das escrituras há **coisas que se acham ali, a respeito de Jesus** (cf. v. 27, o que dele se achava), à luz das quais os discípulos podiam interpretar os acontecimentos recentes.

2) O Reconhecimento em Emaús (24:28-35)

28 Quando se aproximaram da aldeia para onde iam, ele fez como quem ia para mais longe. 29 Eles, porém, o constrangeram, dizendo: Fica conosco; porque é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles. 30 Estando com eles à mesa, tomou o pão e o abençoou; e partindo-o, lho dava. 31 Abriram-se-lhes então os olhos, e o reconheceram; nisto ele desapareceu de diante deles. 32 E disseram um para o outro: Por-

ventura não se nos abrasava o coração, quando pelo caminho nos falava, e quando nos abria as Escrituras? 33 E na mesma hora levantaram-se e voltaram para Jerusalém, e encontraram reunidos os onze e os que estavam com eles, 34 os quais diziam: Realmente o Senhor ressurgiu, e apareceu a Simão. 35 Então os dois contaram o que acontecera no caminho, e como se lhes fizera conhecer no partir do pão.

O "desconhecido expositor" das Escrituras foi **constrangido** a ficar com os discípulos em Emaús, pois o dia estava quase terminado. E só quando ele estava **à mesa** com eles, e foi restaurada a velha comunhão, é que os dois homens finalmente reconheceram Jesus. Quando ele havia alimentado as multidões, revelara, aos discípulos, quem era, ao abençoar e partir o pão (9:16). Esta foi a maneira pela qual ele foi conhecido na comunhão da ressurreição. Quando os crentes se reúnem ao redor da mesa, conhecem-no como o centro de sua comunhão e a essência de seu ser. Quando o seu corpo saiu da tumba, o seu corpo, a Igreja, também recebeu vida. O testemunho desta alegre comunhão com ele e de uns com os outros é, até hoje, a maior "prova" da ressurreição. Depois de abençoar e partir o pão, Jesus desapareceu. Como resultado de sua morte e ressurreição, a comunidade cristã não depende mais da sua presença física (Leaney, p. 293).

À luz desta nova revelação, os dois discípulos se recordaram dos aspectos incomuns de sua experiência com Jesus na estrada de Emaús: os seus corações haviam-se **abrasado** dentro deles, enquanto ele lhes interpretava as **Escrituras**. Imediatamente eles voltaram a Jerusalém, para compartilhar com os outros discípulos as alegres notícias de que Jesus estava vivo. No entanto, eles descobriram que os outros também criam que Jesus ressuscitara, devido ao testemunho que Pedro lhes dera (cf. 22:32). Na lista, feita por Paulo, das aparições do Cristo ressuscitado a discípulos, ele menciona, em primeiro lugar, a aparição a Cefas (I Cor. 15:5). Em seguida, ele menciona as aparições aos doze, a "mais de quinhentos irmãos", a Tiago, a "todos os apóstolos" e depois ao próprio Paulo.

3. A Aparição em Jerusalém (24:36-53)

1) A Prova da Ressurreição (24:36-43)

36 Enquanto ainda falavam nisso, o próprio Jesus se apresentou no meio deles, e disse-lhes: Paz seja convosco. 37 Mas eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito. 38 Ele, porém, lhes disse: Por que estais perturbados? e por que surgem dúvidas em vossos corações? 39 Olhai as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede; porque um espírito não tem carne nem ossos, como percebeis que eu tenho. 40 E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés. 41 Não acreditando eles ainda, por causa da alegria, e estando admirados, perguntou-lhes Jesus: Tendes aqui alguma coisa que comer? 42 Então lhe deram um pedaço de peixe assado, 43 o qual ele tomou e comeu diante deles.

Enquanto ainda falavam nisso, coloca, a aparição de Jesus aos discípulos reunidos, na noite da primeira Páscoa. É **Jesus** que se apresenta no meio deles. O principal objetivo da passagem é enfatizar a corporalidade do corpo ressuscitado e a identidade entre o Ressuscitado e o Jesus de Nazaré. De acordo com alguns manuscritos, Jesus saudou os discípulos com a fórmula: "Paz seja convosco." Mais provavelmente, isto é uma interpolação de João 20:19b.

Os discípulos a princípio pensaram que um **espírito** lhes aparecera. Esta idéia era idêntica ao dogma gnóstico, que negava qualquer relação entre o Cristo, que é puro espírito, e a carne, que é essencialmente má. Mas isto é apresentado claramente como um erro. O verbo **pensavam ver** enfatiza que essa idéia inicial era contrária aos fatos. Este episódio participa dos temas da literatura joanina, que também repudiava o erro gnóstico. Os discípulos foram convidados a verificar e sentir e apalpar, a fim de concluir que se tratava realmente um corpo de **carne e ossos**, e não de um **espírito** (cf. I João 1:1). O versículo 40 é rejeitado por algumas traduções, por estar ausente em

algumas testemunhas Ocidentais, sendo considerado uma interpolação de João 20:20.

Mas o convite para **olhar** e **apalpar** não convenceu totalmente os discípulos de que a sua suposição inicial estava errada. **Não acreditando eles ainda, por causa da alegria** é característica do Evangelho, que mostra os apóstolos sob a luz mais favorável possível. Eles tinham dificuldade em aceitar o fato incrível, maravilhoso, da ressurreição. As dúvidas deles só se dissiparam quando Jesus comeu **um pedaço de peixe assado... diante deles.**

2) Interpretação da Escritura (24:44-49)

44 Depois lhes disse: São estas as palavras que vos falei, estando ainda convosco, que importava que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. 45 Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; 46 e disse-lhes: Assim está escrito que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressurgisse dentre os mortos; 47 e que em seu nome se pregasse o arrependimento para remissão dos pecados, a todas as nações, começando por Jerusalém. 48 Vós sois testemunhas destas coisas. 49 E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder.

Em sua última reunião com os discípulos, registrada no terceiro Evangelho, Jesus lhes apresentou a perspectiva correta para a interpretação da Escritura. Este é o único lugar em o Novo Testamento em que os **salmos** são mencionados juntamente com a **lei** e os **profetas**. Eles constituíram uma das mais abundantes fontes de textos messiânicos para a igreja primitiva. Naturalmente, nem todas as escrituras hebraicas podem ser relacionadas com o sofrimento e ressurreição de Jesus. O que Jesus ajudou os discípulos a entender foi **o que dele se achava em todas as Escrituras.**

Porém agora o tema da profecia e seu cumprimento foi levado um passo adiante. O que fora escrito a respeito de Jesus se cumprira. Ainda permanecia, contudo, uma expectativa profética que estava por se cumprir. O evangelho precisava agora ser pregado a **todas as nações.** A época da igreja também é prevista nas Escrituras (cf. Luc. 2:32; 3:6; At. 13:47, etc.). Lucas não compreende a história da salvação em termos dos três períodos (Conzelmann, p. 16), mas em termos de apenas dois períodos. O primeiro é o tempo da profecia. O segundo, o tempo do cumprimento, que tem lugar em dois estágios. Primeiro há o cumprimento da Escritura na vida de Jesus. Subseqüentemente, há o cumprimento na vida da Igreja. É claro que isto tem o efeito de separar a vida de Jesus da **Parousia.**

É digno de nota o fato de que em toda esta seção pós-ressurreição, em Lucas, não há absolutamente nenhuma palavra a respeito da vinda de Jesus. A ênfase é a sua entrada na glória, e não a sua volta esperada. No desvendamento do plano divino, a Igreja precisa desempenhar pacientemente a sua parte, e deixar o fim da história nas mãos de Deus (At. 1:7,8).

O evangelho deve ser pregado aos gentios em **seu nome**. Como apóstolos para as nações, os crentes são representantes do seu Senhor. A sua missão se processa debaixo da autoridade dele. Eles não precisam apelar para nenhuma autoridade mais alta, como justificação para o fato de estarem conclamando os homens ao arrependimento (At. 2:38). Na pregação do evangelho, eles estão agindo de acordo com a vontade dele. **Jerusalém** devia ser o ponto de partida para a missão que alcançaria todas as nações do mundo.

Aqueles que haviam acompanhado Jesus desde a Galiléia, que o haviam visto morrer, e a quem ele aparecera, tinham uma função especial na obra redentora de Deus. Eles eram as **testemunhas destas coisas**, o fundamento para a confiabilidade histórica do evangelho. Que um homem como Jesus viveu, que ele morreu, e que ele ressurgiu dentre os mortos, era fato autenticado pelo seu testemunho. Lucas declara que o fundamento do seu Evangelho é a mensagem dessas "tes-

temunhas oculares e ministros da palavra" (1:1-4).

O Senhor enviará da glória **a promessa de meu Pai**. Como é interpretado em Atos, esta promessa é a mensagem de Joel invocada por Pedro no dia de Pentecostes (At. 2:16 e ss.). O Senhor da Igreja está na glória, mas a Igreja não é deixada sem direção. O vácuo deixado pela remoção da presença física de Jesus será preenchido pelo Espírito. Os discípulos foram instruídos para não saírem de Jerusalém enquanto não fossem **revestidos de poder** do **alto**. Jerusalém, a cidade na qual a Igreja precisava começar a sua missão, era também o lugar onde ela seria equipada para tanto. Depois da experiência do Pentecostes, os crentes possuiriam recursos de forças e liderança para a sua tarefa.

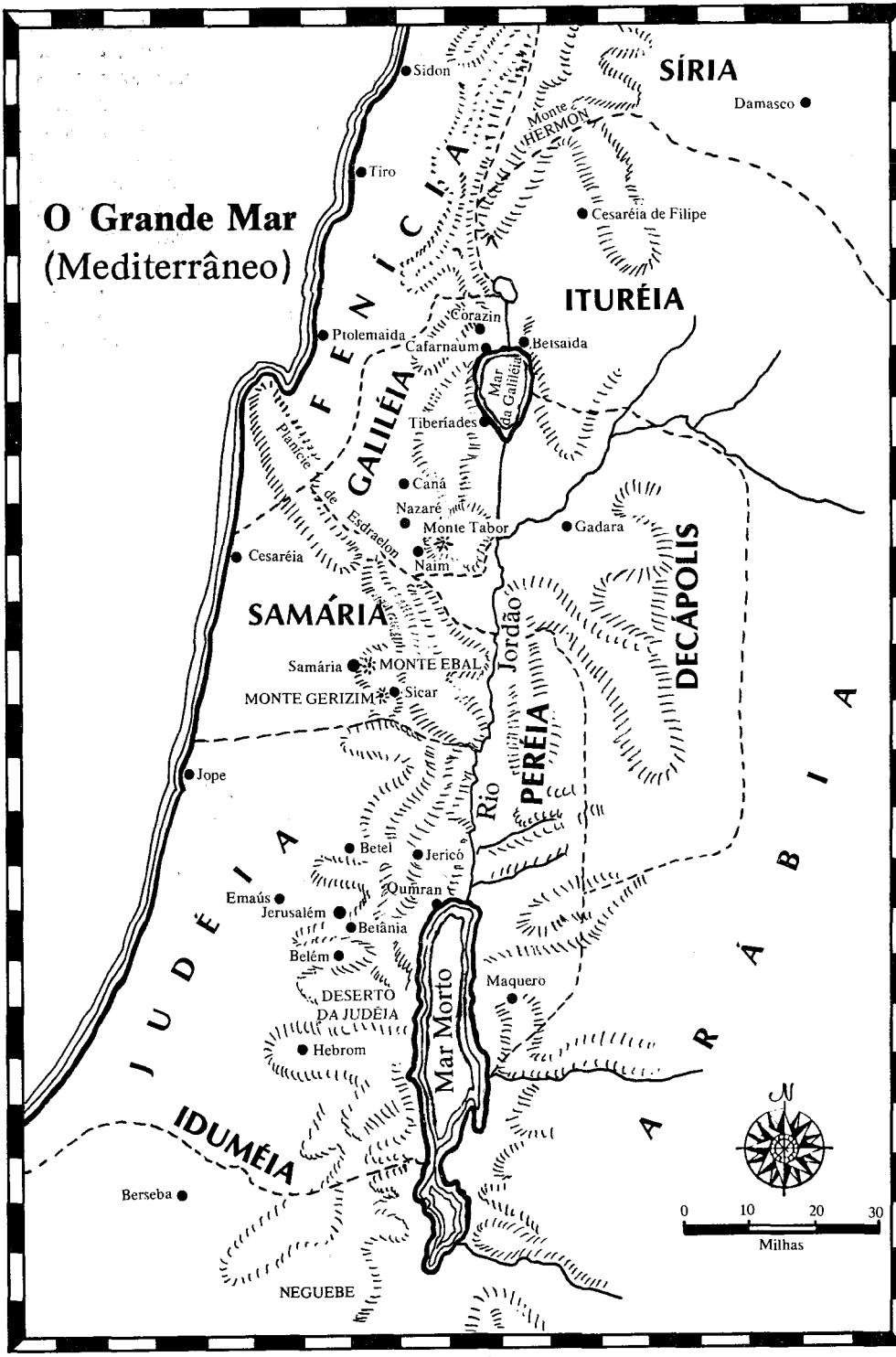
3) A **Despedida Final** (24:50-53)

50 Então os levou fora, até Betânia; e, levantando as mãos, os abençoou. 51 E aconteceu que, enquanto os abençoava, apartou-se deles; e foi elevado ao céu. 52 E, depois de o adorarem, voltaram com grande júbilo para Jerusalém; 53 e estavam continuamente no templo, bendizendo a Deus.

A narrativa da ressurreição foi encaixada no Evangelho, no que parece ser o período de um dia — a primeira Páscoa. Depois de abençoar os discípulos, Jesus **apartou-se deles**. Alguns manuscritos acrescentam a frase: **e foi elevado ao céu**. Esta interpolação provavelmente interpreta corretamente o verso 51, como uma descrição da ascensão de Jesus, embora não possamos tirar uma conclusão dogmática. Em sua recapitulação do ministério de Jesus aos discípulos depois da ressurreição, Lucas diz que as suas aparições a eles aconteceram durante um período de quarenta dias (At. 1:3). Na narrativa acerca da ressurreição, encontrada no Evangelho, o autor não é governado pelo desejo de apresentar uma seqüência cronológica, das experiências pós-ressurreição dos discípulos, à maneira de uma reportagem noticiosa moderna. Ele é dominado principalmente pela necessidade de concluir a história de Jesus de maneira apropriada, focalizando certos temas indispensáveis.

Jerusalém e o Templo ainda eram os centros da vida e da adoração dos crentes. A comunidade cristã ainda era judaica. A instituição central do judaísmo ainda era de grande importância para a sua vida e adoração. E também, a primeira tarefa da comunidade seria confrontar Jerusalém com a mensagem do evangelho, e dar à cidade que crucificara Jesus ainda outra oportunidade para se arrepender e reivindicar a promessa de Deus, tornando-se parte do Novo Israel (At. 2:38,39).

Desesperança e frustração se transformaram em alegria, verdadeiro **júbilo**, pela fé, da parte dos discípulos, na ressurreição. Agora eles compreendiam como a vontade e o propósito de Deus eram melhores e mais altos do que a sua própria compreensão inicial, limitada e distorcida, a respeito dela. E, assim, eles ofereceram o sacrifício de louvor ininterrupto a Deus, que lhes mostrara como o sofrimento e a glória estão ligados indissoluvelmente. O seu Senhor fora exaltado à mão direita de Deus. De lá, ele lhes acenava, enquanto eles também caminhavam, através do sofrimento, para a glória, em obediência ao propósito que ele havia colocado diante deles (cf. Rom. 8:17). A história dessa peregrinação triunfante ainda está por ser contada no livro de Atos.


O Grande Mar
(Mediterrâneo)
Sidon
SÍRIA
Damasco
Monte HERMON
Tiro
FENÍCIA
Cesaréia de Filipe
ITURÉIA
Corazin
Ptolemaida
Cafarnaum
Betsaida
Mar da Galiléia
GALILÉIA
Tiberíades
Planície de Esdraelon
Caná
Nazaré
Monte Tabor
Gadara
Cesaréia
Naim
DECÁPOLIS
SAMÁRIA
Jordão
Samária
MONTE EBAL
MONTE GERIZIM
Sicar
Jope
Rio
PERÉIA
Betel
Jericó
Qumran
Emaús
Jerusalém
Betânia
Belém
Maquero
DESERTO DA JUDÉIA
Hebrom
Mar Morto
JUDÉIA
ARÁBIA
IDUMÉIA
Berseba
NEGUEBE
N
0
10
20
30
Milhas

João

João

WILLIAM E. HULL

Introdução

O Evangelho de João é ao mesmo tempo o livro mais fácil e mais difícil da Bíblia. Nele, a simplicidade e a majestade se interligam de modo inseparável. Embora vazada em termos singelos, sua teologia expressa uma das visões mais elevadas da verdade maior encontrada na Bíblia.

O desafio supremo de um Evangelho é explicar o sigmficado de Jesus Cristo para a vida da humanidade. O problema fundamental é a relação entre a fé e a história. O que quer dizer, no pensamento joanino, que o "Verbo" se fez "carne" (1:14)? Em outras palavras, por que a auto-revelação do Deus eterno conheceu o limite do tempo e do espaço? A pergunta suscita duas outras: Por que razão o Evangelho de João está interessado em apresentar um testemunho digno de crédito sobre a vida terrena de Jesus? e: Por que razão o Evangelho procura comunicar as realidades eternas que estão além das categorias de tempo e de espaço?

Os esforços para resolver o problema joanino podem ser vistos melhor em três facetas. Antes de tudo, em nenhum livro coloca-se de modo tão evidente a consciência do histórico. O diálogo do Quarto Evangelho com seu ambiente determinou amplamente não só o material que seria incluído, como também a interpretação que receberia. Mais ainda, num sentido literário, nenhum outro livro foi elaborado com tanto cuidado. Uma avaliação adequada do seu conteúdo não pode ser feita se não se tomar em conta a sua forma. Por último, nenhum livro é tão conscientemente teológico, no afã de fincar a fé cristã na vida histórica de Jesus. A importância dada a João se deve exatamente a este esforço e aos métodos para alcançá-lo.

I. O Cenário do Quarto Evangelho

O Evangelho de João envolveu-se em três direções, numa equilibrada tentativa de preservar sua herança judaica do passado, comunicar de modo atual sua fé cristã e preparar para as responsabilidades missionárias para com os gentios no futuro. Isto explica porque pensamentos oriundos de todos estes três mundos aparecem em suas páginas.

1. O Cenário Cristão

Os Evangelhos Sinópticos — Pelo fato de estarem os quatro Evangelhos preocupados com o ministério histórico de Jesus, é muito natural que se pense que houve alguma fonte original comum a todos. A posição mais aceita hoje é que João, o último Evangelho, serviu-se de um ou mais dos Sinópticos, especialmente de Marcos e Lucas, como vigorosamente defende C. K. Barrett, em seu comentário principal de 1955. No entanto, desde o aparecimento da obra pioneira de Percy Gardner-Smith, **Saint John and the Synoptic Gospels**, (Cambridge University Press, 1938), os estudiosos têm percebido, cada vez mais cla-

ramente, que as diferenças são grandes demais para uma dependência direta de João, de qualquer fonte sinóptica. A conclusão de que o Quarto Evangelho independeu dos outros três ganhou um apoio fundamental, no demorado estudo de C. H. Dodd, intitulado **Historical Tradition in the Fourth Gospel**, (Cambridge, University Press, 1963).

O espaço disponível aqui não é suficiente para descrever a amplitude das evidências sobre o assunto, mas os pontos mais salientes podem ser sintetizados. Primeiro, estão ausentes, em João, os elementos centrais dos Sinópticos: as narrativas do nascimento, o batismo e as tentações de Jesus, a pregação pública do Reino de Deus, as expulsões de demônios, os ensinos por parábolas, o Pai nosso, o convívio com publicanos e pecadores, o ministério centrado na Galiléia em torno de Cafarnaum, a confissão em Cesaréia de Filipe e a transfiguração, a visita apoteótica a Jerusalém, o sermão escatológico no Monte das Oliveiras, a instituição da Ceia do Senhor e a agonia no Getsêmane.

Na mesma linha, os elementos mais importantes de João não aparecem nos relatos sinópticos: a transformação da água em vinho, a visita de Nicodemos, o ministério na Judéia antes da prisão de João, o encontro com a mulher samaritana, a cura em Betesda, o ministério centrado em Jerusalém, os discursos com o "Eu sou" (**egõ eimi**), a cura de um cego de nascença, a ressurreição de Lázaro, como ponto de partida para o apressamento da morte de Jesus, o lavar dos pés dos discípulos, os discursos de despedida e a oração sacerdotal, e o papel do discípulo amado.

De fato, há muito material comum a João e aos Sinópticos, mas mesmo estes são apresentados de formas distintas. Por exemplo: ambos descrevem a purificação do Templo, mas João a coloca no princípio do ministério, enquanto os Sinópticos colocam-na no final. Ambos relatam a chamada dos discípulos, mas João coloca no início a confissão de fé dos discípulos em Jesus, como Messias, ao passo que os Sinópticos retardam este compromisso para bem mais tarde. Ambos sabem que Jesus morreu numa sexta-feira, mas João data este episódio como tendo acontecido na véspera da Páscoa (14 de Nisã), enquanto os Sinópticos destas intenções estivessem na mente do (15 de Nisã). Além destas e de outras diferenças, há uma série de discrepâncias menores, que sugerem, de modo inequívoco, que o quarto Evangelho não foi escrito com base em nenhuma fonte Sinóptica. [1]

Aqueles que acham que João conhecia os Sinópticos chegaram a esta conclusão a partir da suposição de que o Quarto Evangelho foi escrito para completar, corrigir ou substituir os outros três. É pouco provável, porém, que algumas destas intenções estivessem na mente do evangelista. Pode ser considerada como um pouco mais plausível a idéia de que João estava preocupado em explicar a fé para membros de sua própria comunidade cristã, em vez de aperfeiçoar os Evangelhos usados por outros grupos cristãos.

A **Literatura Joanina** — Tradicionalmente, o Quarto Evangelho, as três Epístolas joaninas e o Apocalipse têm sido aproximados, na suposição de que um só autor, o filho de Zebedeu, os escreveu. Todavia, só no Apocalipse o autor diz chamar-se João (Apoc. 1:1, 4, 9; 22:8); na segunda e na terceira epístolas, ele se refere a si mesmo como "o ancião" (II João 1; III João 1); na primeira epístola e no Evangelho, por sua vez, ele se identifica apenas pelos pronomes "eu" e "nós" (I João 1 e ss; 2:1, 7:12 e ss; 21:24,25). Comparando-

1 Uma possível exceção pode ter sido algum contato de João com o material especial de Lucas (denominado L). Veja J. A. Bayley, **The Traditions Common to the Gospels of Luke and Jonh** ("Suplements to **Novum Testamentum**", VII Leiden: E.J. Brill, 1963); Pierson Parker, Luke and tje Fourth Evangelist", **New Testament Studies**, 9 (1963) p. 317-336.

se os textos, pode-se concluir, com certeza, que apenas II e III João são do mesmo autor. Nos outros casos, há curiosas misturas de semelhanças e dessemelhanças, geralmente explicadas pela teoria da autoria múltipla ou pela argumentação de que um só homem escreveu todos os cinco livros, num longo período de tempo e a partir de circunstâncias as mais variadas.

A posição aceita aqui é de que várias pessoas contribuíram para a composição dos cinco livros joaninos, durante um período de uma ou duas décadas, o que explica as pequenas divergências de pensamento; estas pessoas deram sua contribuição literária dentro de uma mesma "escola" ou comunidade cristã, o que explica as divergências maiores de pensamentos.[2]

Nesta linha de raciocínio, os outros escritos joaninos não nos ajudam a conhecer o autor do Evangelho, embora forneçam indicações úteis sobre o cenário em que o Evangelho nasceu e para o qual foi dirigido. A partir do **corpus** joanino, por exemplo, podemos ver, na Ásia Menor do final do primeiro século, um cristianismo que poderia ser descrito assim: suas relações com a sinagoga judaica tinham chegado a um ponto intolerável (Apoc. 2:9; 3:9), cujo cisma ameaçava a unidade da Igreja (I João 2:19), a autoridade ministerial era assunto de feroz polêmica (III João 9 e 10), um incipiente gnosticismo advogava uma cristologia docética (I João 4:2,3) e a perseguição romana buscava impor submissão absoluta a César, como rei (Apoc. 13:1,2). O Quarto Evangelho fala tão diretamente desses e de outros problemas, que certamente fez parte do mundo onde foi produzido.

Outras Fontes Cristãs Antigas — A Originalidade do Evangelho de João torna um pouco difícil a possibilidade de compará-lo com outros escritos do Novo Testamento, além dos Sinópticos e do **corpus** joanino. Uma possível exceção é Paulo. Além das convicções básicas, compartilhadas junto com todo o Novo Testamento, ambos desenvolvem um misticismo em Cristo que é tremendamente semelhante no pensamento, se não na terminologia. Não há grandes áreas de concordância entre João e as epístolas paulinas, pois o evangelho não demonstra a mesma preocupação das cartas em relação ao grande debate sobre justificação pela fé versus obras da lei e circuncisão. Ademais, João está muito próximo de Colossenses, onde a cristologia da Sabedoria de 1:15-20 antecipa a cristologia do **Logos** no prólogo, e Efésios, onde o tema da unidade da Igreja encontra paralelos com João 10 e 17.

Como Efésios pode ter sido a última obra de Paulo (afora o problema das Epístolas Pastorais) e como possivelmente circulou na Ásia Menor ao redor de Éfeso (embora a expressão "em Éfeso" deva ser omitido em Efésios 1:1), pode-se pensar na relação íntima entre esta epístola e o Evangelho de João. É interessante observar a forma como ambos utilizam categorias cósmicas (acima do mundo/abaixo do mundo) para descrever o drama cristológico. No setor crucial da escatologia e de seus efeitos sobre a eclesiologia, pode-se perceber que João, de certo modo, modificou as investidas dos Sinópticos, assim como Efésios modificou as primeiras cartas de Paulo. Não é preciso que se estabeleça qualquer conexão direta entre a Epístola aos efésios e o Evangelho efésio (?). Basta ver, nesta forma de paulinismo maduro, um fator que afeta todo o contexto em que João foi produzido.

2. O Cenário Judaico

O Velho Testamento — João faz menos uso do Velho Testamento que os outros Evangelhos; ele cita diretamente textos bíblicos em apenas 14 passagens

2 Veja H. E. Dana, **The Ephesian Tradition (Kansas City: Kansas City Seminary Press, 1940)**

(1:23; 2:17; 6:31; 6:45; 7:38; 7:42; 10:34; 12:13-15; 12:38-40; 13:18; 15:25; 19:24; 19:28; 19:36,37).[3]

Entretanto, estas citações e referências estão estrategicamente colocadas em pontos vitais, na narrativa, como, por exemplo, na pregação de João Batista, na purificação do Templo, na multiplicação dos pães, na entrada triunfal, na rejeição de Israel, na traição de Judas e particularmente na crucificação. Ademais, os temas do Velho Testamento fazem parte integrante da textura do Evangelho, como ocorre, por exemplo, com as festas dos grandes peregrinos, o novo motivo do êxodo, as afirmações "eu sou", os títulos messiânicos e as imagens usadas em Israel. O Quarto Evangelho compreendeu de modo inequívoco Jesus e sua Igreja em categorias fundamentalmente bíblicas.

Este emprego deliberado de elementos escriturísticos pelo Quarto Evangelho, reflete duas concepções do autor. De início, representa seu compromisso imutável para com o Israel de Deus como solo onde germinou a fé. Não importa que o evangelista tenha tomado partido no violento conflito surgido entre cristãos e judeus; o fato é que ele não podia repudiar sua ligação com o verdadeiro Israel, pois agir assim seria uma espécie de amnésia espiritual, uma negligência para com a família fiel, de onde viera. Ao mesmo tempo, adotar o Velho Testamento não evitaria que recebesse as críticas de todos os judeus que compartilhavam de sua filiação com Abraão, pois em suas páginas ele encontrou denúncias proféticas dirigidas não aos pagãos, mas ao Israel não-arrependido. Desse modo, tanto suas afirmações quanto suas condenações do judaísmo surgiram de uma fonte comum. Por toda esta severidade, João jamais esteve tão perto dos judeus como Isaías estivera de seus predecessores (cf. o comentário sobre 12:36b-43).

Judaísmo Rabínico — Ao tempo de Jesus, o movimento farisaico fez florescer o estudo do Velho Testamento, pelos escribas, e das tradições orais em torno dele. Com a queda de Jerusalém e a ruína do Templo em 70 d.C., os rabinos tornaram-se os líderes religiosos indiscutíveis do judaísmo normativo e sua instituição principal, a sinagoga. O Quarto Evangelho, nos capítulos 1 a 12, mostra um interesse mais explícito nestas idéias do que qualquer outro escrito do Novo Testamento. De modo claro, o "livro dos sinais" (João 2-12) imbrica-se intimamente com a crise de identidade pela qual a oficialidade judaica passou na segunda metade do primeiro século.

Os exemplos estão em cada página. Jesus dedicou praticamente todo o seu ministério a Jerusalém, onde a instituição religiosa se concentrava (veja o comentário sobre 2:1-12:50). A maioria de seus debates aconteceu com pessoas, como Nicodemos, que representavam o sinédrio ou apoiavam seus esforços de manutenção do **status quo** (ex.: 3:1; 7:45-52; 9:28,29; 11:45-53). Em geral, estas controvérsias foram dirigidas contra os argumentos e as interpretações rabínicas (ex.: 5:10-18, 37-47; 7:15-24; 8:13-19; 10:31-38). Ademais, as disputas com os judeus estavam relacionadas à sinagoga (6:59; 9:18-23) e refletiam os procedimentos homiléticos do **Haggadah**, dos rabinos (veja o comentário sobre 6:1-71). De modo especial, a cristologia de João reflete as preocupações rabínicas sobre a origem e a natureza do Messias (ex.: 7:15-31, 40-44; 12:34), sobre as afirmações de Jesus de ser o "Eu sou" (**egō eimi**) ou o **nome** de Deus (veja o comentário sobre 5:1-10:42) e com a apresentação de Jesus como sendo o **Logos** (veja o comentário sobre 1:1-18).

O Judaísmo Apocalíptico — À primeira vista, o Evangelho de João mostra pouco ou nenhum material da literatura apocalíptica judaica; isto é, inclusive,

3 Para um estudo pormenorizado de cada passagem, veja E. D. Freed, **Old Testament Quotations in the Gospel of John** (Supplementes to **Novum Testamentum**", XI [Leiden: E. J. Brill, 1965].

lembrado como um dos seus contrastes mais significativos com os Sinópticos. Uma abordagem mais séria, entretanto, capta, atrás de uma aparente indiferença, uma clara consciência deste tipo de pensamento e uma estratégia deliberada de tratar dele. As relações prováveis entre o Evangelho e o Apocalipse de João (conforme já se viu) evidenciam que o Evangelista conhecia esta forma de comunicação. A hipótese se confirma com o uso, do Evangelho, de conceitos tipicamente apocalípticos, tais como Filho do Homem (1:51; 3:13,14), reino (3:3, 5; 18:36), juízo (5:27-29), tribulação (16:33) e ressurreição (11:23-26). Mais genericamente, João compartilha, junto com o pensamento apocalítico, um interesse em desvendar o mundo do além e revelar o próprio Deus em seu esplendor celestial (cf. Apoc. 4:1; João 1:51).

Ao mesmo tempo, João alterou ligeiramente a linguagem apocalíptica ao aplicá-la ao Jesus histórico. Agora que o Revelador já viera, o futuro temporal não tinha mais o mesmo significado, para seus seguidores, como tinha para a literatura apocalíptica judaica. O simbolismo espetacular (dragões, tronos, fogo) não é mais necessário para descrever a era futura, uma vez que as realidades do reino da eternidade tinham-se manifestado através das imagens históricas (água, pão, luz) usadas por Jesus. Em lugar de visões, sonhos e êxtases, pode-se agora "ver" Deus pela contemplação do Jesus terreno (cf. 1:18; 3:32; 5:19; 6:40; 14:7-9). Mais claramente, o futuro continua crucial, para o cristão, como sendo o tempo da obra esclarecedora do Espírito Santo (14:25,26; 16:4b-15) e do triunfo final de Cristo (5:25-29; 6:38-40, 54;17:24-26), mas este futuro não é mais um enigma, que precisa ser decifrado pelo aprendizado esotérico.

Seria uma supersimplificação aceitar que João não conhecia a apocalíptica; do mesmo modo, seria supersimplificar concluir que o Evangelho a rechaçou. Possivelmente, João escreveu logo após a queda de Jerusalém, quando as esperanças apocalípticas, como interpretadas popularmente pelos judeus, caíram em descrédito. Sua estratégia foi conservar as convicções mais significativas, trazidas pela apocalíptica da herança do Velho Testamento, expondo-as, porém, de forma mais aceitável para o mundo heleno.

O Judaísmo Sectário — As descobertas de Qumran, próximo ao Mar Morto, acontecidas depois da Segunda Guerra Mundial, aumentaram enormemente nosso conhecimento dos grupos sectários do judaísmo do primeiro século. Na literatura que restou, dessa comunidade essênica de tons monásticos, percebemos alguns traços de pensamento e terminologia joaninos. Isto não implica necessariamente que existe uma relação de dependência direta entre os dois grupos que produziram João e os Manuscritos, mas sugere bem claramente que estas comunidades sofreram influências comuns, uma vez que foram contemporâneas numa mesma região (a Judéia) durante quase meio século.

Várias semelhanças consubstanciam esta hipótese. João e Qumran refletem um dualismo modificado (isto é, mais monoteísta do que metafísico), que é descrito, por exemplo, como um conflito escatológico e ético, entre a luz e as trevas. Os dois grupos compartilharam a solidariedade comunal dos filhos da luz e do amor fraternal, que os protegeriam contra os filhos das trevas, no mundo. Ambos nutriam a mesma insatisfação com o Templo de Jerusalém e a mesma convicção de que o verdadeiro culto deveria ter uma natureza mais espiritual. Por outro lado, a cristologia joanina não incorporou muitas ênfases cerimoniais, legalistas e sacerdotais de Qumran; os sectários não entenderam o sentido da plenitude, que os cristãos já conheciam, na pessoa de Jesus Cristo.

O Judaísmo Separatista — Uma das ênfases que o Quarto Evangelho (4:1-42; 8:48) compartilha, com alguns elementos

de Lucas (9:52; 10:30-37; 17:11-19), é um interesse pelos samaritanos (só mencionado aqui, exceto a referência negativa de Mateus 10:5). Morando nas regiões montanhosas centrais da Palestina, entre a Judéia e a Galiléia, este grupo foi sempre marginalizado pelo judaísmo ortodoxo, por força de seus casamentos inter-raciais, sua teologia sincretista e seu desafiador centro de cultos. Como os sectários essênios, os samaritanos diziam conservar a fé israelita de forma mais fiel que qualquer outro grupo judeu; eles, por exemplo, veneravam a edição que fizeram da **Torah** (Pentateuco) como a única expressão verdadeira das Escrituras.

Diferentemente da comunidade de Qumran, todavia, não foram aceitos, pelos judeus, como membros legítimos da casa de Israel; assim é que Josefo pensou seriamente em tornar-se um essênio (**Vida**, 10-12), embora nunca tenha pensado em ser um samaritano. Como os primeiros cristãos tiveram que se separar do judaísmo, eles se viram na mesma posição que os samaritanos, no sentido de serem considerados nem totalmente judeus e nem totalmente pagãos.

É digno de nota que o interesse primeiro de João pelos samaritanos gira em torno da transformação do culto do templo (4:16-26), que é também o mesmo interesse de Qumran. Os estudiosos começam a compor as peças das evidências, o que poderá estabelecer os liames históricos entre os samaritanos, os helenistas de Estevão, o judaísmo não-conformista de Qumran e o grupo joanino responsável pelo capítulo 4, especialmente no ponto em que há uma atitude comum em relação ao Templo.[4]

O Judaísmo Helenista — Quando a Igreja começou a entrar no mundo greco-romano, seus primeiros missionários enfrentaram o mesmo desafio por que passou o judaísmo da Diáspora, isto é, de trazer não-judeus a uma religião radicada na fé hebraica do Velho Testamento e, ao mesmo tempo, tentar converter judeus helenistas. Há muitas indicações de que o Quarto Evangelho, mais que qualquer outro, adaptou alguns dos métodos que tinham sido desenvolvidos pelo judaísmo helenista como resposta ao seu ambiente pagão. Isto pode ser visto melhor mediante uma comparação entre João e a Sabedoria de Salomão (na Apócrifa do Velho Testamento) e os escritos de Filo, ambos produzidos pelo judaísmo alexandrino, pouco antes e durante o primeiro século cristão. A doutrina do **Lógos**, no Prólogo, por exemplo, partilha com estas obras a preocupação de falar dos atributos e dos atos divinos de uma forma tão perfeita que permitisse fazer a passagem para o mundo do pensamento pagão (veja o comentário sobre 1:1-18).

3. O Cenário Greco-Romano

João entendeu que traduzir uma mensagem para uma nova situação exige uma adaptação criativa dos elementos conceituais presentes nesse ambiente. Chegamos, agora, ao ponto em que o Quarto Evangelho interagiu com certos quadros do pensamento pagão, a fim de penetrar-lhe de modo cabal com os ensinos de Cristo.

A Filosofia Grega — No primeiro século, a filosofia clássica de Platão tinha-se tornado uma visão quase religiosa, que superava cada vez mais as mitologias politeístas. Este monismo popular, embora fosse disseminado por intérpretes itinerantes, não chegou a ser uma religião institucional, mas fez um contundente apelo aos cidadãos instruídos dos centros cosmopolitas do mundo helenístico.

Há muitas indicações de que o Evangelho de João foi sensível a esta situação. Para dialogar com o conceito platônico, de um mundo invisível de realidades eternas, em oposição ao mundo visível, que

4 Oscar Cullmann, "A New Approach to the Interpretation of the Fourth Gospel", **The Expository Times**, 71 (1959), p. 8-12, 39-43.

era sua reprodução imperfeita e efêmera, Jesus é apresentado, em 8:23, como "de cima" (**ek tōn anō**), e seus adversários como "de baixo" (**ek tōn katō**). Idéias semelhantes aparecem em 3:31 e em 18:36. O adjetivo "verdadeiro" (**alēthinos**), usado com muita frequência, pode ter tomado a conotação de "real" ou "arquétipo", quando empregado junto com luz (1:9), pão (6:32) e vinho (15:1). Ao mesmo tempo, o sentido filosófico não era a primeira preocupação, porque a intenção central era ligar a luz, ao pão e o vinho "verdadeiros" não ao mundo ideal, de cima, mas à pessoa histórica de Jesus Cristo.

Esta cautela sugere que o Evangelho de João não estava interessado em pedir emprestado e em polemizar. Um filósofo céptico compreenderia que seu autor estava consciente de e interessado em seus problemas, mas sabia também que estava apresentando uma resposta decisivamente nova. Esta independência, entretanto, não se constituiu, de modo algum, uma indiferença para com outros esforços de resolver os grandes problemas da existência humana. O evangelista encontrou no platonismo popular, elementos que realçavam sua apresentação de Cristo aos gregos, sem comprometer a integridade de sua mensagem.

O Estoicismo [5] — Fiel ao espírito eclético do período neotestamentário, uma espécie de "estoicismo platonizante" divulgou-se amplamente, através de missionários populares, pregadores de moral que recusava a degeneração de sua época. Diante do cepticismo e mesmo do fatalismo, este estoicismo afirmava que uma unidade de propósito (**logos**) pervardia todo o universo. O "homem sábio", que percebesse esta ordem providencial de coisas, cultivaria um elevado desinteresse interior (**apatheia**, literalmente **apatia**), pelo mal e pelo sofrimento aparentes no mundo, com um forte sentido de fraternidade e filantropia para com os outros.

O quarto evangelista parece ter realçado as características de Cristo que confirmassem as melhores expressões do estoicismo. Neste Evangelho, Jesus é apresentado fundamentalmente não como um homem de tristezas e dores (o termo "compaixão" não ocorre nenhuma vez em João) mas como um Filho divino e auto-suficiente (10:17,18), que tinha o controle de todas as suas manifestações humanas (2:4; 6:15; 7:3-9; 11:3-7), que enfrentou todas as suas dores com o equilíbrio de um rei (como, por exemplo, no Getsêmane; veja o comentário sobre 18:1-19:42), que, em meio às tribulações, outorgava "paz" aos seus discípulos (14:27; 16:33), e que se entregou completamente aos seus irmãos (13:1, 34) e ao bem dos outros (5:17).

Nada disto quer dizer, no entanto, que João abraçou as crenças do estoicismo. O Deus deste Evangelho é claramente pessoal, e não panteísta. Embora imanente no mundo num sentido revelatório (1:3, 4,9), primeiramente ele se encarnou, no mundo, num sentido redentor, que conheceu a realidade total da dor e da angústia (11:33, 35, 38; 12:27; 13:21). O ministério de Jesus foi conduzido pela vontade de Deus (4:34), e não por algum determinismo natural. O evangelista aproximou-se propositadamente do estoicismo, para identificar suas contribuições positivas e para propor mudanças radicais em sua maneira de pensar.

O Gnosticismo — Sem dúvida, a questão mais difícil, mais controvertida e, certamente, a mais importante, refere-se ao relacionamento do Evangelho de João com o gnosticismo. Alguns estudiosos insistem que o gnosticismo dá a chave para a compreensão de nosso Evangelho outros dizem não haver nenhuma relação entre os dois, na suposição de que o gnosticismo não existia ao tempo de Evangelho. Em face da enorme comple-

5 Sobre o estoicismo e o Evangelho de João, veja R. H. Stracham, **The Fourth Gospel** (3a. ed.; London: SCM Press, 1941) p. 52-70.

xidade do assunto, há espaço, aqui, para tratar apenas de uma interpretação.

Durante o período helenístico (c. 300 a.C — 300 d.C.), as conquistas de Alexandre e a consolidação do Império Romano aceleraram um processo de assimilação religiosa, em que diversos elementos do Oriente amalgamaram-se, para criar um novo tipo de alienação, muito bem descrito, por Gilbert Murray, como "a decadência da força". Fartos de tanta crueldade, extenuados sob estruturas totalitárias de poder, os homens começaram a sentir a ausência de uma sensação da presença divina neste mundo. O fracasso das esperanças apocalípticas judaicas, na crise nacional de 66-73 d.C, foi um passo a mais na incrementação desta sensação de futilidade. [6]

Nesse clima de ebulição e frustação, o gnosticismo começou a emergir, de início não como uma religião institucional, mas como uma abrangente visão do mundo, que salientava o dualismo radical, que separava Deus do homem, interpretando, assim, o mundo como uma tirania cósmica, que aprisionava o homem no tempo e no espaço. A única esperança de redenção residia na descoberta, através do **gnosis** (conhecimento), da centelha divina dentro da pessoa necessitada de libertação, para que pudesse alcançar o reino da luz, de onde tinha caído. O gnosticismo era uma atitude de extrema introspecção ou de apaixonada subjetividade (semelhante a certos tipos de existencialismos contemporâneos), que, em função de sua perspectiva fatalista da vida, via a salvação na autocompreensão. [7]

O Quarto Evangelho parece ter-se preocupado em dialogar com algumas tendências que, de certo modo, podem ser consideradas um gnosticismo incipiente ou nascente, e isto em dois sentidos. Primeiro, o Evangelho usa, de vez em quando, as formas de pensamento empregadas pelo gnosticismo, para descrever o mundo como o reino das trevas (8:12; 12:35, 46), quando os homens são divididos em dois grupos: aqueles que são salvos por "conhecerem" a verdade (8:32; 17:3) e aqueles que são condenados à escravidão do pecado, por terem rejeitado a palavra da verdade (8:33,34). Para este mundo, Jesus é um "enviado" do reino de cima, como portador da luz (8:12) e da verdade (18:37), para revelar sua glória aos homens de fé. Em segundo lugar, o Evangelho está, ao mesmo tempo, preocupado em corrigir a ênfase gnóstica acerca do sobrenatural, ao destacar o papel do **Logos** na criação (1:3) e a plena encarnação do **Logos** na vida história de Jesus (1:14). O conhecimento da verdade acerca de Jesus não nos leva a fugir do mundo, mas, sim, a uma vida de serviço ao mundo, no espírito do amor (13:1-20).

O Hermetismo — O Corpus Hermeticum é uma coleção de escritos do segundo e do terceiro séculos cristãos, atribuídos a Hermas Trismegísto, presumivelmente um sábio do Egito antigo. Embora posterior ao Quarto Evangelho, a literatura hermética contém muitos paralelos interessantes, por ter assimilado também elementos do platonismo, do estoicismo, do gnosticismo e dos mistérios. [8] No tratado de "Poimadres", por exemplo, há referências à necessidade de novo nascimento, à importância do conhecimento, ao papel do **Logos**, ao dualismo da luz e das trevas, do descenso e à ascensão do homem celestial e à importância da espiritualidade na vida do crente.

O Corpus Hermeticum introduz termos de comparação, para que se possa

6 A tese de que o gnosticismo surgiu dos escombros do apocaliptismo que estava em decadência, tem sido defendida por Robert M. Grant, **Gnosticism and Early Christianity** (rev. Ed.; New York: Columbia University Press, 1966).

7 Sobre o ethos do Gnosticismo em geral, veja Hans Jonas, **The Gnostic Religion** (rev. ed; Boston: Beacon Press, 1963).

8 Veja C. H. Dodd, **The Interpretation of the Fourth Gospel** (Cambridge: University Press, 1953), p. 10-53

discernir o impacto exercido pelo evento de Cristo sobre as noções religiosas do seu tempo, visto que em tantos sentidos se assemelha ao Evangelho de João, exceto quanto a este fator decisivo. Quando se comparam os dois textos, fica claro que, embora João considere seriamente os pontos de contato oferecidos pelo ambiente que o cerca, ele considera mais fundamental a responsabilidade de confrontar este ambiente com a obra crucial de Cristo.

II. A Formação do Quarto Evangelho

A partir de uma perspectiva confessional, o impulso principal para a produção do Evangelho de João foi gerado pela inspiração divina concedida na vida de Jesus e mediada através do seu Espírito. A partir de uma perspectiva histórica, esta inspiração é vista como tendo sido permeada por um processo completo de composição literária, que durou várias décadas. Se o livro foi produzido num mesmo lugar, durante um breve período de tempo, seria muito difícil que fosse tão sensível às várias influências do ambiente, como acabamos de ver. Nas páginas seguintes, a formação do Evangelho será traçada desde a época dos eventos que relata até o seu atual lugar nas escrituras cristãs.

1. A Origem do Quarto Evangelho

Começamos perguntando quando e onde, por quem e para quem, o livro surgiu. Com estes marcos estabelecidos, podemos falar do que houve antes e depois.

Autoria — A partir de um estudo da Bíblia em português, é fácil e comum aceitar que o autor de um livro é aquele apontado pelo título que recebeu, neste caso, "Evangelho Segundo João". Acontece que este título não faz parte do texto original do Evangelho, tendo sido acrescentado no segundo século, depois de os quatro Evangelhos terem sido terminados, estarem circulando e terem sido reunidos num conjunto literário. A maneira correta de tratar da questão da autoria é a partir de uma avaliação equilibrada das evidências externas e internas.

As evidências externas delineiam-se segundo referências muito antigas e seguras, vindas de fora do Evangelho. Como não há nenhuma menção direta do Quarto Evangelho em qualquer fonte de então, inclusive o próprio Novo Testamento, dependemos totalmente das fontes posteriores, do segundo século, que causam alguma confusão. Por um lado, Irineu afirmou (c. 180-200 d.C.) que o Evangelho foi editado por "João, o discípulo do Senhor, aquele que se inclinara também sobre o seu peito" (**Contra as Heresias**, III, 1:1; cf. I, 8:5; II, 22:5; III, 3:4; veja Eusébio, **História Eclesiástica**, III, 23:1-4; IV, 14:3-6), embora esta tradição não possa ser recuperada de forma cabal, a partir das fontes de Irineu. Por outro lado, a demora com que o Evangelho foi recebido pela igreja (como se verá), inclusive uma séria oposição de muita gente, "torna impossível crer-se de que foi publicado com a plena concordância do livro apostólico" (Barrett, p. 97).

A situação se complica ainda mais quando se leva em conta as evidências internas dentro do próprio Evangelho. Na realidade, o Evangelho é anônimo, embora traga afirmações importantes, mais indiretas, sobre sua autoria, especialmente em 21:24,25. Vemos aí claramente que o processo de composição não se limitou a um só autor, mas envolveu no mínimo três estágios distintos:

1) O fundamento subjacente do Evangelho descansa, como se pretende, sobre o testemunho de uma testemunha ("ele"), que viu o Cristo crucificado (19:35) e ressuscitado (21:24). O contexto, nestas passagens, indica sempre, com certeza, que esta testemunha foi o discípulo amado.

2) João 21:24 refere-se a uma comunidade ("nós") que aceitou o testemunho

do discípulo amado; o uso da primeira pessoa do plural implica que este grupo apoiava o seu testemunho com a publicação do Evangelho (cf. 1:14; I João 1:1-4). Este não pode ser o "nós" editorial do discípulo amado, uma vez que ele é referido separadamente no mesmo versículo (21:24- "nós sabemos... **seu** testemunho").

3) Uma comunidade, entretanto, não pode escrever um livro, exceto através de algum representante, e este representante é identificado como em 21:25 ("Eu"). Novamente, aparecendo no mesmo contexto, esta pessoa não pode ser logicamente identificada com o discípulo amado.

Para resumir, a seqüência pronominal "ele — nós — eu" implícita na flexão verbal ocorrida em 21:24,25, indica um processo tríplice de composição. Testemunho digno de crédito, acerca de Jesus Cristo, foi dado por um participante singularmente qualificado, em seu ministério, cuja dedicação espiritual lhe conseguiu um lugar especial na atenção do Mestre. Alguma congregação cristã aceitou este testemunho e cooperou na proclamação de sua validade (20:31), através de vários materiais orais e literários, aos quais algum membro deu forma final. Isto é tudo que o Quarto Evangelho afirma sobre a sua própria autoria. (Para outra reflexão sobre o longo e complexo processo em que o "autor" de um Evangelho participou, veja Lucas 1:1-4).

Podemos, agora, investigar se o discípulo amado que participou como principal testemunha deste Evangelho pode ser identificado como "João, o discípulo do Senhor", como o fizera a tradição da Igreja um século depois. Apesar de numerosos esforços para justificar esta conexão, as evidências indicam o contrário. [9] Considere-se, por exemplo, o seguinte:

(1) João era galileu. Na Galiléia foi chamado e ali trabalhou com Jesus. Além de o Evangelho mostrar pouco interesse pela Galiléia, seu conhecimento geográfico limita-se quase que inteiramente ao sul.

(2) Embora João fosse pescador, o Quarto Evangelho, em contraposição aos Sinópticos, dispensa pouca atenção a pescarias ou atividades em torno do mar, com exceção do capítulo 21.

(3) João tinha um irmão, Tiago. Os dois, junto com Simão Pedro, integraram um círculo menor, no grupo dos discípulos. Não há referência a este triunvirato no Quarto Evangelho, e Tiago jamais é mencionado (cf., porém, 21:22).

(4) João foi chamado de "filho do trovão", por Jesus (Mar: 3:17), para descrever, possivelmente, um homem irascível. O discípulo amado era, evidentemente, conhecido por sua disposição de amar, uma característica nunca atribuída a João nos Sinópticos.

(5) João, certa vez, manifestou uma atitude de vingança para com os samaritanos (Luc. 9:54), enquanto o Quarto Evangelho mostra uma atitude inusitadamente favorável aos samaritanos.

(6) João se interessava por exorcismos de demônios. Possivelmente, ele esteve presente em todas as curas relatadas nos Sinópticos; foi comissionado para expulsar demônios (Mar: 3:15) e se mostrou preocupado quando um exorcista não autorizado foi encontrado em ação (Mar. 9:38). Este assunto, no entanto, jamais é mencionado no Quarto Evangelho.

(7) Como membro do círculo menor, João, em especial, pôde presenciar a transfiguração de Jesus, que se seguiu à confissão em Cesaréia de Felipe, ouvir o grande discurso escatológico do Monte das Oliveiras, preparar-se e participar da instituição da Ceia do Senhor e com-

9 A clássica defesa, de que o filho de Zebedeu é o autor do do Quarto Evangelho, é feita por B.F. Westcott, em **The Gospel According to St. John** (London: James Clarke & Co., 1958) p. v-xxxii. Sobre os argumentos contra esta identificação, veja Pierson Parker, "John The Son of Zebedee and the Fourth Gospel", **Journal of Biblical Literature**, 81 (1962), p. 35-43.

partilhar da agonia do Getsêmane. Assim mesmo, estes episódios tão fundamentais não aparecem no Quarto Evangelho.

Como 21: 24-25 indica, o discípulo amado não foi o editor final do Quarto Evangelho, mas apenas testemunha ocular. Podemos, então, acrescentar algumas características relacionadas ao filho de Zebedeu. As evidências internas, todavia, sugerem que João certamente não contribuiu para as semelhanças básicas encontradas aqui (veja o trecho, sobre as relações entre o Quarto Evangelho e os Sinópticos). Não é exagero concluir que nada do que sabemos sobre o filho de Zebedeu, com base nos sinópticos, ajusta-se ao que sabemos do discípulo amado do Quarto Evangelho.

Assim, sendo, pelo menos duas questões sobre a autoria têm que ser suscitadas ainda. Primeira, quem foi o discípulo amado? As sugestões mais curiosas identificam, esta obscura figura, ora com Lázaro[10] ora com João Marcos.[11] É verdade que Lázaro é apresentado explicitamente como o discípulo que Jesus amava (veja o comentário sobre 11:3,5) e que ele tinha um lugar de grande relevância no testemunho do Evangelho. Ademais, é interessante notar que as informações disponíveis, sobre João Marcos, ajusta-se bem às nossas inferências sobre o autor do Quarto Evangelho, a começar pelo convincente fato de se chamar João! Assim mesmo, porém, estas hipóteses, como outras do mesmo nível, permanecem como conjecturas, por falta de evidências mais concretas. Ao mesmo tempo, estas hipóteses ajudam a manter aberta a questão, ilustrando também a dificuldade de chegar-se a uma solução que harmonize todas as peças do quebra-cabeça. Pode ser até que o editor final se apresentasse com a identidade do discípulo amado, para permanecer desconhecido, a fim de que a atenção não se focalizasse sobre sua pessoa, mas sobre Aquele de quem testemunhava.

A segunda questão ainda de pé vem, evidentemente, do estado da evidência conforme a observamos até aqui como, então, foi o nome de "João" associado ao Quarto Evangelho? A situação do segundo século confunde mais o problema, embora introduza duas outras possibilidades alternativas. A primeira é que João, o filho de Zebedeu, pode ter mudado para a Ásia Menor e, venerado como único apóstolo original a viver até então nesta região, legou seu nome ao Evangelho ali produzido. Esta hipótese é frágil, mas não de toda implausível (não há qualquer evidência para ela em o Novo Testamento; cf. com Justino. **Diálogo com Trifo**, LXXXI, 4, e com Eusébio, **História Eclesiástica**, IV, 18:6-9; a tradição de que João foi martirizado cedo é fraca). A outra possibilidade é que a atribuição do Evangelho a João pode ter surgido em face de sua relação, não com o filho de Zebedeu, mas com o "ancião" mencionado em I e II João. Papias, numa passagem muito questionada, citada por Eusébio (**História Eclesiástica**, III, 39:1-8), identificou um "presbítero João" como uma fonte de palavras vivas de verdades do Senhor e isto parece implicar que ele também era de Éfeso. Embora dificilmente o "ancião" possa ser o discípulo amado, muitos estudiosos acham que ele foi o editor final do Quarto Evangelho, independentemente do que o filho de Zebedeu possa ter sido, e por isso o livro recebeu o seu nome (veja a discussão completa em Bernard, I, XXXIV-LXXI).

Data em Que Foi Escrito — Várias sugestões indicam que o livro, em sua forma final, deve ser datado mais ao fim do que em meados do primeiro século. Obviamente, as relações com o judaísmo

10 Veja Floyd V. Filson, "Who Was the Beloved Disciple?" **Journal of Biblical Literature**, 63 (1949), p. 83-88; J.N. Sanders, Who Was The Disciple Whom Jesus Loved?" **Studies in the Fourth Gospel**, ed..., F.L. Cross (London: S.R. Mowbray, 1957), p. 72-82.

11 Veja Pierson Parker, "John and John Mark" **Journal of Biblical Literature**, 79 (1960), p. 97-110

tinham-se deteriorado até o ponto de ruptura (9:22; 12:42; 16:2). Era necessário que se elaborasse uma teologia marcadamente cristã, que se fundamentasse no Velho Testamento, mas fosse além dele, como acontece no Prólogo e na doutrina do Paráclet o.

O capítulo 21 faz a contribuição mais preciosa ao problema da datação, ao deixar subentender que a geração apostólica, inclusive Pedro (21:18,19) e o discípulo amado (21:22,23), tinha desaparecido antes da vinda da **Parousia**. Estes fatores, junto à situação geral, pintada na literatura joanina, aponta para um período não anterior à última década do primeiro século.

Ao mesmo tempo, outros fatores sugerem que a data mais tardia dificilmente poderia ultrapassar a primeira década do segundo século. Já por volta de 125-135 d.C. algumas cópias do Evangelho circulavam no Egito, conforme estabelecido através de um fragmento de papiro contendo João 18:31-33, 37, 38, que deve ser datado de 135-150 d.C. (P^{52}, Papiro Rylands 457). Parece que Inácio (c. 110 d.C.) e Justino (c. 150 d.C.) tiveram alguma informação sobre João. O uso do Quarto Evangelho no mesmo pé de igualdade com Sinópticos no Papiro Egerton 2 (c. 150 d.C.) e no **Diatessaron**, de Taciano (c. 175 d. C.), demonstra que ele conheceu uma aceitação geral em virtude de ter estado em circulação por um período idêntico de tempo. Assim, ficamos com a data possível de 100 d.C. com uma margem de dez anos para antes ou depois.

Lugar em Que Foi Escrito — As evidências externas, já citadas quando se discutiu o problema da autoria, favorecem claramente a província da Ásia em geral e a cidade de Éfeso em particular como o local em que o Quarto Evangelho foi escrito. Esta identificação parece confirmar-se pela evidência interna, que, embora silenciosa sobre o assunto das epístolas joaninas e o Apocalipse, escritos que certamente se formaram nessa região (veja as discussões acima, sobre os escritos joaninos). Outra possibilidade inclui Alexandria, por causa das íntimas conexões entre Filo e a literatura sapiencial, e também Antióquia, devido a possíveis liames com Inácio, mas há pouca evidência direta para apoiar estas hipóteses.

2. A Composição do Quarto Evangelho

Depois de aceitar que o Quarto Evangelho formou-se em Éfeso, em forma final, por volta do ano 100 d.C., podemos tentar traçar os estágios de sua composição desde os eventos da Palestina dos anos 30, sobre os quais todo o Evangelho finalmente reside. Como este longo processo não é descrito na literatura cristã antiga, temos que reconstruir suas principais fases inteiramente, a partir das inferências tomadas da própria natureza do Evangelho.

Fontes — À medida que a grande vertente do testemunho cristão sobre Jesus ia, aos poucos, sendo colocada em forma literária, várias fontes principais eventualmente usadas na composição do Quarto Evangelho começaram a aparecer. Provavelmente, o período vital da produção destes materiais foi entre os anos 50 e 80 d.C. ocasião em que o cristianismo começou a se afastar do judaísmo, a penetrar nas novas culturas e a defender-se da perseguição e das várias ameaças à unidade interna. Algumas destas fontes são tão diferentes, em seu conteúdo e em suas ênfases, que podem ser percebidas bem claramente no Evangelho. Três delas são suficientemente importantes para merecer uma atenção especial de nossa parte (para detalhes, veja as introduções a cada uma destas seções no comentário).

Primeiro, a "espinha dorsal" do Evangelho contribuiu para o "livro dos sinais", que compreendem os capítulos 2-12 de agora. Este material consolidou-se, provavelmente, em território palestiniano depois do ano 70, para responder ao problema do colapso do culto

no Templo, conseqüente à queda de Jerusalém.

Segundo, esta fonte, inequivocamente judaica, dos capítulos 2-12, foi equilibrada pelos redatores helenistas com uma fonte bem tipicamente "cenacular", presente agora nos capítulos 13-17, e que não demonstra qualquer interesse pelos judeus. A ênfase passa do institucional ao pessoal, usando uma linguagem mística, dirigida especialmente ao culto particular de pequenos grupos de convertidos gregos.

Terceiro, a narrativa da paixão, que intrega os capítulos 18-20 de João, foi, possivelmente, a primeira das fontes a ser elaborada, se realmente a história da morte e ressurreição de Jesus se converteu no ponto de partida da pregação apostólica. Todos os Evangelhos têm esta espécie de fonte, mas a de João parece ser anterior ao ano 50 d.C. devido aos seus contatos com a fonte especial (da Judéia?) sobre a paixão que aparece em Lucas. Quando, porém, ela foi integrada aos capítulos 13-17, para formar o "livro da paixão", na segunda parte do Evangelho, várias imagens destinadas a apelar aos leitores gregos foram incluídas.

Estas três fontes foram, provavelmente, reunidas para formar um primeiro rascunho do Evangelho, a que se refere o editor final como "escritas" pelo discípulo amado (21:24). Se aconteceu assim, o editor se responsabilizou pela edição de três fontes menores: o prólogo hinódico, para servir como uma introdução litúrgica (1:1-18); uma série de informações sobre João Batista (1:19 e ss.); fragmentos que podem estar espalhados em passagens como 3:22-36; 5:33:35; 10:40-42, além do epílogo suplementar (21:1-23), dedicado a responder aos problemas suscitados por ocasião do primeiro rascunho do Evangelho.

Unidade — O simples fato de que o Evangelho se serviu de várias fontes tem levado muitos estudiosos a questionar se elas forem editadas corretamente. Muitas teorias apareceram para desafiar a integridade literária da obra em sua forma atual.

As mais comuns são as teorias do deslocamento, as quais, em alguns momentos, se apresentam como as mais plausíveis, porque visam a corrigir as descontinuidades geográficas e cronológicas mais óbvias da narrativa. Para explicar este fenômeno, conjetura-se, às vezes, que alguma folha de papiro foi deslocada, por acidente, nos estágios finais da edição. Os exemplos mais luzidios de junturas ou rupturas do texto serão indicadas no comentário e a posição adotada na atual ordem planejada principalmente por razões teológicas ou literárias (cf. o comentário sobre 5:1-47; 13:1-17:26).

Algumas teorias de redação propõem um deslocamento antigo do texto, que pode ser consertado por uma cuidadosa indicação das fontes básicas. Estas reconstruções são de valor dúbio, porque elas não se sujeitam nem à sequência original das palavras abalizadas de Jesus nem à seqüência intencional dos Evangelhos canônicos, mas apenas à possível seqüência de algum documento ainda não estabelecido e alojado num estágio intermediário entre os dois.

Método Literário — A preocupação com problemas de falta de unidade tem a desvantagem de desviar a atenção do cuidado do evangelista na utilização de suas fontes. Várias técnicas específicas aumentam a força dramática de sua exposição: são usadas com freqüência, palavras de significado duplo (exemplos: **anothen** = de novo/de cima; **pneuma** = vento/Espírito; **hupsôthênai** = elevado sobre a cruz/ elevado em exaltação).

Às vezes, sentenças inteiras passam a ter um segundo sentido, oposto ao pretendido pelo locutor (exemplo: 11:50-52; 12:19; 19:5,19). Outras vezes, um conceito-chave será introduzido e mantido em suspenso, para ser ilustrado depois (exemplo: "luz", em 8:12, é ilustrada em 9:1-41; "expulsar" e "achar", de 9:34,36, são ilustrados em 10:1-30; "dar a vida pelas ovelhas", de 10:11, é ilus-

trado em 11:1-54). Discursos bem elaborados esgotam um aspecto do assunto e depois de outro (exemplo: "pão", em 6:1-71; "permanência", em 15:1-17).

Preste-se atenção às seções introdutórias do comentário sobre o texto, para que se perceba o cuidado com que o escritor organiza conjuntos simétricos de informações (exemplo: 2:1-4:54), faz cuidadosas transições entre seções aparentemente desconexas (exemplo: 2:23-25) e leva o leitor adiante para uma organização ascendente de títulos cristológicos (exemplo: 4:1-42; 9:1-41).

Estrutura — O exemplo supremo do cuidado literário joanino constitui a forma pela qual fontes originariamente distintas foram fundidas, pelo autor a fim de dar ao Evangelho todo uma estrutura uniforme, organizada, em torno do tema da "descida" e da "ascensão" de Jesus, como o Filho do Homem. O detalhado esboço, que aparece logo a seguir, serve para mostrar como a estrutura do Evangelho se assemelha à de uma "parábola de redenção", que descreve a humilhação e exaltação de Jesus da mesma forma como antecipada pelo grandioso Prólogo (veja introdução a 1:1-18). Este princípio anafórico de organização dá uma conseqüente dimensão teológica à narrativa do Evangelho. Não se permite, ao leitor, esquecer-se de que o Jesus que apareceu sobre a terra veio de Deus e para Deus voltou. O temporal penetrou no contexto do eterno; o histórico e o antológico tornaram-se inseparáveis.

3. A Transmissão do Quarto Evangelho

Depois de esboçar a composição do Quarto Evangelho até a época de sua conclusão, por volta do ano 100 d.C., podemos comentar ligeiramente o caminho que tomou desde então.

Aceitação — Surpreendentemente para um livro que se tornou um dos mais queridos da Bíblia, o Evangelho de João de início não foi calorosamente recebido pela Igreja. Apesar de tratar com profundidade da maioria dos graves problemas por que passava o cristianismo, na primeira metade do segundo século, ele não foi usado diretamente, nem mesmo pelos autores deste período, que possivelmente conheciam seu conteúdo (como Inácio, Policarpo e Justino). Somente por volta de ano 180 d.C., quase um século depois ter aparecido, é que o Evangelho foi alçado ao mesmo nível dos Sinópticos (como o fizeram, por exemplo, Irineu, Taciano e Melito). Mesmo nessa data tardia, foi necessário que o livro fosse defendido por seus advogados (como Irineu, Cânon Muratoriano e Hipólito).

Não é difícil encontrar as razões para esta resistência inicial. Já nesse período pré-crítico percebeu-se claramente que João em muito diferia dos outros três Evangelhos. (veja Clemente em Eusébio, **História Eclesiástica**, VI, 14:5-7). Ademais, a atração que o livro exerceu sobre o mundo helenístico levou-o a ser logo adotado pelos gnósticos. De fato, o mais antigo comentário de João que se conhece foi escrito por Heracleon, um "estimado representante da Escola de Valentino" (Clemente, **Stromata**, 4:9). Além disso, os ensinos do Evangelho sobre o Espírito Santo tornou-o impopular entre os montanistas; Irineu parece saber que foi por isso que eles rejeitaram o livro (**Contra as Heresias**, III, 11:9).

Canonicidade — Com a chegada do terceiro século e a solidificação da igreja primitiva, o questionamento inicial do Quarto Evangelho diminuiu, com sua aceitação tradicional junto com os outros três. A partir do instante em que as listas canônicas oficiais começaram a ser divulgadas, no quarto século, o Evangelho de João estava invariavelmente incluído (exemplo: Carta Festiva de Atanásio, em 367 d.C.; Concílio de Roma, em 382 d.C.; Concílio de Cartago, em 397 d.C.). Desde então, ele tem sido universalmente aceito dentro da cristandade ocidental e oriental (cf. **Broadmm Bible Comentary**. Vol. 8, p. 33-40).

Texto — Como aconteceu com todos os livros da Bíblia, nenhum texto original de João sobreviveu. Dependemos totalmente dá edições feitas um século depois de o Evangelho ter sido escrito. Durante as centenas de anos em que os manuscritos do Quarto Evangelho foram laboriosamente copiados à mão, muitas divergências foram suscitadas por um processo de erro acidental na transcrição e de deliberada revisão editorial, que deve ser exammado pela ciência da crítica textual (veja **Broadman Bible Comentary**, Vol. 8, p. 33-40).

Em comparação com o restante da Bíblia, e particularmente com outros documentos antigos, os manuscritos remanescentes de João são superiores em quantidade e qualidade. Nosso Evangelho pode ser encontrado em praticamente todos os manuscritos unciais e minúsculos principais do Novo Testamento e na maioria das cópias em papiros (17) mais conhecidas que qualquer outro livro do Novo Testamento, inclusive no papiro Bodmer, de cerca de 200 d.C., recentemente publicado.

III. O Significado do Quarto Evangelho

À luz da formação histórica e literária do texto joanino, podemos agora perceber o seu significado teológico.

1. Propósitos Teológicos

A notável originalidade do Evangelho de João é por si mesma a prova maior de que a intenção do livro não foi perpetuar um corpo imutável de doutrinas, mas relatar algumas convicções cristãs, em face dos desafios surgidos na comunidade. Qualquer escrito que tenha demorado mais de meio-século, em sua elaboração, necessariamente refletirá preocupações distintas. Selecionamos, para nossa consideração, quatro tipos de interesses que parecem ter influenciado o conteúdo do livro nos vários estágios de sua composição.

Interesses Evangelísticos — O propósito declarado do Evangelho, em 20:31, é bem claro: "Estes, porém, não estão escritos para que creiais." [12] O verbo "crer" é fundamental não só para o contexto imediato (três vezes em 20:24-29), mas para o livro todo (98 vezes em João, contra apenas 34 vezes em todos os Sinópticos). Esta fé, dirá depois o autor, conduz à "vida" (eterna), outra ênfase importante do Evangelho (36 vezes em João, contra apenas 16 vezes nos Sinópticos reunidos). De modo bem claro, o objetivo primordial do livro foi facilitar um relacionamento pessoal com Jesus, que transformará o sentido da existência da pessoa.

O escopo desse esforço é sugerido pelas duas frases que qualificam o sentido de crer "em seu nome". Primeiro, o lugar de honra é dado ao predicado "Cristo", definido então como o "Messias" hebraico ou o "Ungido" (1:41; 4:25).

Como este termo era pouco inteligível, para os gregos, seu uso aqui aponta diretamente para a evangelização dos judeus. Através de Atos (17:3; 18:5), ficamos sabendo que os primeiros missionários procuravam provar, nas sinagogas da Diáspora, que o Jesus crucificado da história era o mesmo Messias prometido do judaísmo. Esse debate chegou, então, às páginas do Evangelho, em especial através das evidências dos sinais que autenticaram seu ministério como o cumprimento das Escrituras.

Ao mesmo tempo, o Evangelista está preocupado em estabelecer também a fé em Jesus, como o "Filho de Deus", um conceito que, a exemplo de "Cristo" para os gregos, era sem sentido e ofensivo para os judeus. A despeito da aversão judaica por esta singular identificação de um homem com Deus (5:18 e ss; 8:34 e ss), o conceito de "Filho" é central na cristologia joanina, sugerindo um desejo de

12 Sobre o significado de 20:31, para uma compreensão dos propósitos de João, veja W. C. van Unnik, "The Purpose Of. St. John's Gospel", **The Gospels Reconsidered** (Oxford: Basil Blackwell, 1960), p. 167-196.

apresentar Jesus em categorias inteligíveis para os leitores gregos. O propósito evangelístico declarado de João, entretanto, é apresentar o evangelho de Jesus "primeiro aos judeus e também aos gregos" (Rom. 1:16). Isso explica por que o livro se mostra tão preocupado com o judaísmo (cap. 2-12) e com o vasto mundo, além dele (cap. 13-20).

Interesses Eclesiásticos — Mesmo procurando uma dimensão que englobe todos os filhos dispersos de Deus (cf. 11:52; 17:20,21), o quarto evangelista não se despreocupou com as necessidades internas da Igreja. Tensões decorrentes da tentativa de unir conversos judeus e gregos — simbolizadas na união de "Cristo" com o "Filho de Deus", em 20:31 — faziam parte de uma revolta maior, que afetou profundamente a Igreja durante o período de transição em que o Evangelho foi concluído. O cristianismo estava penetrando em novas culturas. Passara a geração dos apóstolos e a **Parousia** não acontecera (veja o comentário sobre 21:18-23). A simples necessidade de ter um Evangelho escrito — sem o qual a Igreja havia vivido mais de meio século — aumentou com novas pressões: formas sutis de heresia, aumento de atividades hostis da parte dos inimigos e desunião interna provocaram, em parte, uma crise na liderança ministerial.

Em resposta aos problemas complexos, o evangelista tomou uma decisão fundamental: a preocupação maior da Igreja era descobrir a relação devida entre a vida contemporânea e o ministério histórico de Jesus. Para este fim, o autor insistiu que Jesus continuava a ser conhecido por seus seguidores através do ministério do Espírito e do Verbo (6:63; 14:26; 16:12-15). Como Jesus reside agora em seu coração, à esperança do cristão deve se fixar apenas no seu retorno futuro; num pensamento sem sentido cósmico, a escatologia tem que ser "cumprida" (13:31-14:31). No poder de sua presença pode-se enfrentar até a perseguição (16:1-33). Seu ministério propicia o modelo e o critério para todos os verdadeiros pastores do rebanho (10:1-18). Seu pão, sua água e seu sangue dão a substância dos símbolos religiosos usados pela Igreja no batismo e na Ceia do Senhor (exemplos: 6:52-58; 13:1-17; 19:34,35). Ao escrever um Evangelho sobre Jesus, e não um tratado filosófico ou um comentário bíblico ou um código de ética, o evangelista estava expressando sua convicção central de que o sentido total do cristianismo estava latente na vida encarnada de Jesus, e não em algum conceito, livro ou regra.

Interesses Apologéticos — Ao apresentar Jesus aos judeus, o Evangelho enfrentou um duplo problema. Como o cristianismo se originara do judaísmo, era muito difícil explicar por que os judeus tinham agora de entrar na Igreja como se viessem de fora. Era preciso que se explicasse também por que os primeiros cristãos deixaram o Templo e a sinagoga. Este problema se exacerbou com a revolta de 66-73 d.C., quando judeus cristãos, forçados a escolher entre sua nação e sua fé, optaram pela última. A conseqüência do conflito, com Jerusalém em ruínas, foi o judaísmo começar a reorganizar sua vida religiosa em Jâmnia, excluindo os cristãos judeus que antes o tinham tolerado (cf. o comentário sobre 9:22; 12:42; 16:2). Basta refletir sobre as relações existentes entre judeus e cristãos durante os quase dois mil anos passados para se compreender a fatalidade desta ruptura.

O Evangelho de João parece demonstrar um interesse especial na relação do velho Israel com o novo, particularmente nos capítulos 2-12. Como este comentário mostrará, a estrutura desta seção foi determinada pelas grandes festas do Templo em Jerusalém. A força do argumento teológico, que geralmente se vê como um debate sinagogal, é que a superioridade do cristianismo não é uma substituição do judaísmo, mas sua ver-

dadeira realização. Mais do que renunciar ao Templo, no momento em que corria perigo mortal, a Igreja **foi** o verdadeiro templo, como o corpo de Jesus, em que a glória de Deus se tabernaculou na terra (cf. 1:14; 2:19-21). Para um povo privado de suas festas tradicionais, desenvolveu-se uma apresentação de Cristo como a Páscoa, os Tabernáculos e a Dedicação verdadeiros. A Igreja rejeitava somente as dimensões raciais e políticas de Israel, não sua identidade espiritual autêntica. Desse modo, os judeus foram convidados a aceitar Cristo, a fim mais de cumprir do que de rejeitar sua vocação bíblica. [13]

Interesses Polêmicos — Um propósito teológico secundário, mais importante era corrigir a falsa compreensão da verdadeira relação entre Jesus e João Batista. Isto foi realizado ao se enfatizar as recusas de João em ser comparado com o Cristo e ao se especificar as formas em que Jesus lhe era superior (cf. 1:8,15, 19-34; 3:22-36;5:33-36; 10:42). É interessante notar que a maioria das passagens sobre o Batista não se ajusta bem ao contexto presente, sugerindo a possibilidade de que elas foram tomadas de uma fonte independente, escrita para tratar deste problema específico. Aparentemente, havia alguns, do movimento iniciado por João, que não tinham transferido para Jesus sua lealdade (veja o comentário sobre 3:22-28). Atos 9:1-7 refere-se a um semelhante em Êfeso, o berço possível do Quarto Evangelho. Indicações posteriores de uma seita batista são sugeridas na literatura pseudoclementina (**Reconhecimentos**, I, 54, 60), onde os discípulos foram vistos como uma das quatro seitas judaicas que se opuseram à Igreja.

Embora tenha contribuído para restringir as pretensões de João, esta polêmica estava preocupada também com a tarefa de dar a João seu verdadeiro lugar na teologia cristã. Em nenhum lugar, o Batista é tratado como inimigo, como acontece em relação aos "judeus"; seus seguidores não receberam nenhum tipo de ataque, como os fariseus. Ao contrário, João é descrito como a testemunha ideal (1:7) e um amigo (3:29) de Jesus, que, com sua abnegação, cumpriu a maior de todas as tarefas: proclamar Cristo ao mundo. [14]

2. Fontes e Métodos da Teologia

O Quarto Evangelho identifica não apenas as necessidades que procura preencher, mas também as fontes básicas de sua fé. Três fatores interagiram para produzir a perspectiva teológica deste Evangelho.

Lembranças de Jesus — A fonte primária da verdade religiosa para o Quarto Evangelho eram as palavras vivas do Jesus encarnado (6:63,68). Os primeiros discípulos foram, desde o início, instruídos para recordar seus ensinos (15: 20; 16:4). Os convertidos que vieram depois foram ajudados, nesta tarefa, pelas testemunhas oculares, que relatavam o que tinham visto e ouvido (19: 35; 21:24; cf. I João I: 1-4). Esta recordação não era uma mera recontagem de fatos, mas uma reflexão equilibrada de um passado único, graças à ajuda do Espírito Santo (14:26), à luz dos eventos posteriores (2:22). A base sobre o qual o evangelista depositava toda a sua teologia era a auto-revelação do Jesus histórico, e não alguma revelação que lhe viera através da experiência pessoal.

A Relevância das Escrituras — As palavras de Jesus não poderiam ser compreendidas isoladamente, entretanto. Antes, precisavam ser vistas no contexto das Escrituras inspiradas. Jesus ensinara, aos seus discípulos, que os eventos mais cruciais de seu ministério deveriam

13 Para maiores detalhes sobre esta seção, veja T. C. Smith, **Jesus In The Gospel of John** (Nashville: Broadman Press, 1959), especialmente as p. 22-56.

14 Veja Walter Wink, **John the Baptist in the Gospel Tradition** ("Society for New Testament Studies Monograph Series", 7 (Cambridge: University Press, 1968), p. 98-106.

ser entendidos como o cumprimento das Escrituras (cf. 5:39, 46, 47; 6:31-33, 44,45; 13:18; 17:12). No entanto, nem sempre o Velho Testamento ajudava de modo claro na compreensão da vida de Jesus (20:9). Depois da partida do seu Mestre, todavia, os discípulos se empenharam numa pesquisa, para encontrar, em suas páginas, respostas para as interrogações que ainda tinham (2:17,22; 12:16). Escrevendo seu evangelho, o evangelista ajudava o leitor a compreender o significado profundo de alguns incidentes aparentemente sem importância, como, por exemplo, da crucificação de Jesus, enraizando-os na experiência de Israel (19:24,28,36,37). Sem Jesus como a chave do mistério, o estudo da Bíblia se revela fútil (5:38-40), porque foi dele que os patriarcas e os profetas deram testemunho (5:46; 8:56; 12:41).

O Senhor Ressuscitado — O evangelista não olhou apenas para o passado da história e para o exterior dos escritos, mas também para o interior, para a presença permanente do Espírito, como fonte do discernimento teológico. Depois que Jesus ressuscitou, os discípulos não interromperam seu crescimento devido à sua ausência física, mas entraram no seu período mais frutífero (2:22; 12:16; 16: 23-25). Antes eles tinham sido capazes de se "apossar" de apenas uma parte das "muitas coisas" que Jesus lhes quis dizer; agora, porém, o Espírito os conduziria a "toda a verdade" (16:12,13). Assim como Jesus era a chave da Escritura, era também o critério para "testar os espíritos" pois o Paráclето não falaria com autoridade própria, mas apenas revelaria uma compreensão mais plena de Deus na vida de Jesus (16:14,15).

O método do evangelista, em combinar estas três fontes, teve a clara intenção de alcançar um equilíbrio teológico dinâmico entre elas. Enfatizar Jesus à parte das Escrituras seria como tirar uma flor de suas raízes; defender a Bíblia à parte da direção do Espírito seria limitar a possibilidade do progresso diante das rápidas mudanças; isolar o Espírito como a chave para a verdade seria deixar sem nenhuma salvaguarda contra o entusiasmo incontrolado. Unir, porém, todos os três canais de revelação em torno da realeza de Cristo e insistir que ele é conhecido nos eventos da história, nas páginas de um livro e na presença do Espírito, criou os métodos teológicos mais produtivos do Novo Testamento.

3. Ênfases Teológicas

Ao optar por escrever uma narrativa histórica, o evangelista decidiu, renunciar ao apelo de tomar algumas doutrinas e sistematizá-las. Ouvir suas verdades mais salientes fora do contexto em que se entrelaçaram e reduzi-las a esboços breves é correr o risco de distorcê-las. Aqui, portanto, mencionaremos algumas das idéias religiosas principais de João e citaremos referências bíblicas para indicar os contextos em que podem ser estudadas melhor.

Revelação — De todos os livros da Bíblia, o de João é o que se mostra mais preocupado com a revelação divina (1:51). Isto vem logo no Prólogo, onde se desenvolve o conceito do **Logos** como a auto-expressão de Deus (1:1-18). Ao identificar Jesus com o Verbo eterno, coloca-se uma base inicial para a apresentação do seu ministério como instrumento para se "conhecer" a Deus (10: 38; 14:7,20; 17:3,7,8,25), e, por conseguinte, para se descobrir "a verdade" (1:14,17; 4:24; 8:32,40,45,46; 14:6; 17:17-19; 18:37). Os milagres, por exemplo, não eram atos de poder, mas "sinais" que apontavam para uma realidade maior (2:11; 4:54; 11:47; 20:30), que manifestava a "glória" de Jesus (2:11; 11:40; 17:4,5). A grande freqüência de termos para "ouvir" e "ver" num sentido espiritual (veja o comentário sobre 1:14) evidencia a convicção do Evangelho de que a revelação de Deus foi dada e pode ser recebida.

Deus — Como um cristão cuja Bíblia era o Velho Testamento, o evangelista

podia aceitar a concepção do Deus de Israel como fundamento de sua teologia. Ele, entretanto, enriqueceu, esta compreenção herdada, à luz de seu esclarecimento maior por Jesus. Deus, por exemplo, é referido como "Pai" 119 vezes, a despeito do fato de que esta não era uma designação comum para o Divino entre os judeus (veja 5:17,18). Ainda, o amor eterno de Deus por todos os homens é asseverado com eloqüência (3:16; 17:23-26). Finalmente, em virtude do singular relacionamento entre o Pai e o Espírito Santo, como ensinado por Jesus, o Quarto Evangelho começa por desenvolver um trinitarianismo que afirma a solidariedade e a individualidade da família divina (1:1,18; 5:19-23; 10:30; 14:18-26; 16:12-16; 17:5,22,24; 20:28).

Cristologia — Ao mesmo tempo que aceitou o Deus do Velho Testamento, João também aceitou a esperança messiânica, que transmitiu à Igreja. Realmente, todos os títulos tradicionais usados para descrever o libertador esperado foram atribuídos a Jesus, como o Cristo, o Filho do Homem, Profeta, Rei, etc. (ver o comentário sobre 1:19-51). Paralela, entretanto, à atenção sobre Deus como Pai está a mesma ênfase dada a Jesus como o "Filho" (1:14,18; 3:16-18,35,36; 5:19-23; 6:40; 8:35,36; 14:13; 17:1). Este uso constante e inusitado destinava-se a combinar a subordinação de Jesus a Deus e sua intimidade filial com o Pai. Nesta familiar analogia está um dos conceitos mais profundos da cristologia do Quarto Evangelho. Sua expressão suprema todavia, reflete-se no uso do "Eu sou" (**ego eimi**), para identificar Jesus como uma teofania histórica do ser eterno de Deus, a fim de afirmar sua plena deidade (ver o comentário sobre 5:1-10:42).

Salvação — Como a glória tabernacular de Deus (1:14), a vinda de Jesus se assemelhava ao resplendor da luz nas trevas (1:4,5,9; 3:19-21; 8:12; 9:5; 12:35,36,46). Inevitavelmente, então, tinha início um processo de julgamento que examinava os homens segundo sua resposta a Jesus (5:22-24,27,30; 8:16; 9:39; 12:31). Nesta situação dialética, Deus determinava a necessidade, as alternativas e as conseqüências oferecidas à escolha humana, mas o homem determinava se sua resposta seria dada na liberdade da fé ou na submissão à tirania do mal (veja o comentário sobre 3:16-21; 6:66-71; 8:12-59; 9:39-41; 12:36b-50). Embora, num sentido histórico, a salvação viesse "dos judeus" (4:22), Jesus — um judeu que veio para o que era seu (1:11) — era o "Salvador do mundo" (4:42) e não de um grupo particular. Unindo-se a ele (veja o comentário sobre 15:1-17), através da fé (veja o comentário sobre 2:1-4:53), o crente recebe a "vida eterna", uma existência qualitativamente semelhante à vida que só Deus possui (3:15,16,36; 4:14,36; 5:21-24; 6:33,35,40,47,63; 10:10,28; 11:25; 14:6; 17:2,3; 20:31). Esta vida, que deveria ser uma posse presente e futura, demonstra que a escatologia já começara a ser realizada em Cristo.

A **Igreja** — Qualquer livro que tratasse da vida terrena de Jesus falaria da comunidade que ele chamou para existir apenas por um período de tempo. Todavia, João dá mais atenção à Igreja do que qualquer outro Evangelho. Junto com um individualismo fortemente personalista, está a concepção da Igreja como um orgamsmo coletivo, que recebe sua vida exclusivamente de Cristo (15:1-16:33). Há uma preocupação especial para com a unidade desta comunidade (veja o comentário sobre 10:1-30; 17:11-26; 21:11), particularmente quando é alimentada por um ministério fiel, modelado segundo o padrão do próprio Cristo (10:1-18). A missão desse corpo era reunir todo o povo de Deus onde quer que estivesse (cf. o comentário sobre 7:35; 11:51,52; 12:32; 17:20; 21:11). Para este fim, foi autorizado, por Jesus, a pregar o evangelho de perdão e juízo no poder do

Espírito Santo (20:19-23). A Igreja deveria ser uma extensão tão completa do ministério de Jesus (17:18; 20:21) que suas celebrações do batismo e da Ceia do Senhor representariam Jesus, o qual é, e somente ele, a verdadeira água e o Pão da vida. (veja o comentário sobre 6:52-59; 13:1-11; 19:34).

Esboço do Evangelho

Introdução (1:1-51)

I. O Verbo de Deus: Prólogo (1:1-18)
   1. O Verbo e o Universo (1:1-5)
   2. O Verbo e João (1:6-8)
   3. O Verbo e o Mundo (1:9-13)
   4. O Verbo e a Igreja (1:14-18)

II. O Testemunho dos Homens (1:19-51)
   1. O Testemunho de João Batista (1:19-34)
      1) O Testemunho Negativo Sobre Si Mesmo (1:19-28)
      2) O Testemunho Positivo Sobre Jesus (1:29-34)
   2. O Testemunho dos Primeiros Discípulos (1:35-51)
      1) André e o Outro Discípulo (1:35-42)
      2) Filipe e Natanael (1:43-51)

Primeira Parte: O Livro dos Sinais (2:1-12:50)

I. A chegada do Revelador (2:1-4:54)
   1. A Nova Alegria (2:1-12)
      1) O Primeiro Sinal: Água Transformada em Vinho (2:1-11)
      2) A Visita a Cafarnaum (2:12)
   2. O Novo Culto (2:13-25)
      1) A Purificação do Templo (2:13-22)
      2) A Reação à Purificação (2:23-25)
   3. O Novo Nascimento (3:1-21)
      1) O Diálogo com Nicodemos (3:1-15)
      2) O Monólogo do Evangelista 3:16-21)
   4. O Novo Mestre (3:22-36)
      1) João Batista e Jesus (3:22-24)
      2) A Subordinação de João (3:25-30)
      3) A Superioridade de Jesus (3:31-36)
   5. A Nova Comunidade (4:1-42)
      1) Introdução e Cenário (4:1-6)
      2) O Oferecimento da Água Viva (4:7-15)
      3) O Oferecimento de Culto Espiritual (4:16-26)
      4) O Testemunho da Mulher (4:27-30)
      5) O Desafio aos Discípulos (4:31-38)
      6) A Resposta dos Samaritanos (4:39-42)
   6. A Nova Vida (4:43-54)
      1) A Volta à Galiléia (4:43-45)
      2) A Cura do Filho de um Oficial do Rei (4:46-54)

II. A Resistência ao Revelador (5:1-10:42)
   1. A Autoridade da Vida (5:1-47)
      1) A Cura de um Homem Paralítico (5:1-9a.)
      2) A Crítica dos Judeus (5:9b-18)
      3) As Reivindicações de Jesus (5:19-29)
      4) As Evidências para as Reivindicações (5:30-47)
   2. O Pão da Vida (6:1-71)
      1) A Alimentação dos Cinco Mil (6:1-15)
      2) A Travessia do Mar (6:16-24)
      3) A Fonte do Pão da Vida (6:25-34)
      4) A Natureza do Pão da Vida (6:35-51)
      5) O Recebimento do Pão da Vida (6:52-65)
      6) A Colocação dos Doze à Prova (6:66-71)
   3. A Água da Vida (7:1-52)
      1) A Chegada de Jesus a Jerusalém (7:1-13)
      2) Conflito Sobre a Autoridade de Jesus (7:14-24)
      3) Conflito Sobre a Procedência de Jesus (7:25-31)

4) Conflito Sobre o Destino de Jesus (7:32-36)
5) O Oferecimento da Água Viva (7:37-39)
6) A Reação do Povo (7:40-44)
7) A Reação dos Líderes (7:45-52)

4. O Juiz da Vida (8:12-59)
1) As Credenciais do Juiz (8:12-20)
2) A Crucialidade do Seu Juízo (8:21-30)
3) As Conseqüências de Seu Juízo (8:31-38)
4) O Critério do Seu Juízo (8:39-47)
5) A Identidade do Juiz (8:48-59)

5. A Luz da Vida (9:1-41)
1) Visão Para um Mendigo Cego de Nascença (9:1-12)
2) O Problema da Violação do Sábado (9:13-17)
3) O Problema de Expulsão de Sinagoga (9:18-23)
4) O Problema de Um Taumaturgo Desacreditado (9:24-34)
5) O Paradoxo do Juízo (9:35-41)

6. O Pastor da Vida (10:1-42)
1) O Simbolismo das Ovelhas e do Pastor (10:1-6)
2) Jesus e o Rebanho de Deus 10:7-18)
3) A Separação Entre Ovelhas Verdadeiras e Falsas (10:19-21)
4) A Obra do Bom Pastor (10:22-30)
5) A Personalidade do Bom Pastor (10:31-39)
6) A Retirada Para Além do Jordão (10:40-42)

III. A Rejeição do Revelador (11:1-12:50)

1. Jesus, a Ressurreição e a Vida (11:1-54)
1) A Morte de Lázaro (11:1-16)
2) Jesus e Marta (11:17-27)
3) Jesus e Maria (11:28-37)
4) A Ressurreição de Lázaro (11:38-44)
5) A Reação dos Judeus (11:45-54)

2. A Preparação Para a Páscoa (11:55-12:36a.)
1) O Complô Contra Jesus (11:55-57)
2) A Unção em Betânia (12:1-8)
3) O Complô Contra Lázaro (12:9-11)
4) A Entrada Triunfal de Jesus (12:12-19)
5) O Pedido dos Gregos (12:20-26)
6) O Cometimento da Paixão (12:27-36a.)

3. Conclusão do Livro dos Sinais 12:36b-50)
1) A Rejeição Final de Jesus (12:36b-43)
2) O Discurso Final de Jesus (12:44-50)

Segunda Parte: O Livro da Paixão (13:1-20:31)

I. Jesus Prepara Seus Discípulos (13:1-17:26)

1. A Última Ceia (13:1-30)
1) O Lava-pés dos Discípulos (13:1-11)
2) O Exemplo de Jesus (13:12-20)
3) A Traição Feita a Jesus (13:21-30)

2. A Partida e a Volta de Jesus (13:31-14:31)
1) A Discussão com Pedro (13:31-38)
2) A Discussão com Tomé (14:1-7)
3) A Discussão com Filipe (14:8-14)
4) A Discussão com Judas (14:15-24)
5) Síntese: O Legado de Jesus (14:25-31)

3. A Responsabilidade dos Discípulos (15:1-16:33)
1) Os Frutos da Permanência em Amor (15:1-17)
2) Os Odiados do Mundo (15:18-16:4a)

3) A Ajuda do Espírito Santo 16:4b-15)
4) O Paradoxo do Discipulado (16:16-24)
5) A Fé em Conflito (16:25-33)

4. A Oração de Consagração (17:-1-26)
1) Jesus Ora por Si Mesmo (17: 1-5)
2) Jesus Ora por Seus Discípulos (17:6-19)
3) Jesus Ora Pelos Futuros Crentes (17:20-26)

II. Jesus Morre por Seus Discípulos (18:1-19:42)

1. Jesus Aceita Sua Paixão (18:1-18)
1) O Aprisionamento no Jardim (18:1-11)
2) A Acusação Diante de Anás (18:12-14)
3) A Chegada de Pedro e de Outro Discípulo (18:15-18)

2. Jesus Defende Sua Paixão (18: 19-19:16)
1) O Interrogatório Pelo Sumo Sacerdote (18:19-24)
2) A Negação de Pedro (18:25-27)
3) A Acusação Contra Jesus (18: 28-32)
4) O Comparecimento Diante de Pilatos (18:33-38a)
5) O Oferecimento de Barrabás (18:38b-40)
6) Os Esforços Para Libertar Jesus (19:1-11)
7) A Condenação de Jesus (19: 12-16)

3. Jesus Cumpre Sua Paixão (19: 17-42)
1) A Crucificação e a Inscrição (19:17-22)
2) A Repartição das Vestimentas de Jesus (19:23,24)
3) A Mãe de Jesus e o Discípulo Amado (19:25-27)
4) A morte de Jesus (19:28-30)
5) O Testemunho do Sangue e da Água (19:31-37)
6) O Sepultamento de Jesus (19: 38-42)

III. Jesus Vive Para os Seus Discípulos (20:1-31)

1. O Aparecimento a Maria Madalena (20:1-18)
1) A Descoberta da Tumba Vazia (20:1-10)
2) A Descoberta do Senhor Ressuscitado (20:11-18)

2. Os Aparecimentos aos Discípulos (20:19-31)
1) O Aparecimento ao Grupo (20:19-23)
2) O Aparecimento a Tomé (20: 24-29)
3) O Significado dos Sinais (20: 30,31)

Conclusão (21:1-25)

I. A Revelação de Jesus na Galiléia (21:1-23)
1. Um Aparecimento Junto ao Mar de Tiberíades (21:1-14)
2. A Responsabilidade de Simão Pedro (21:15-19)
3. A Morte do Discípulo Amado (21:20-23)

II. A Conclusão do Evangelho (21:24-25)
1. A Autenticidade do Evangelho (21:24)
2. A Seletividade do Evangelho (21:25)

Bibliografia Selecionada

A maioria dos livros contemporâneos de relevância foi reunida e classificada por Edward Malatesta, em **St. John's Gospel: 1920-1965. A Comulative and Classified Bibliography of Books and Periodical Literature on the Fourth Gospel** ("Analecta Biblica", 32) Roma: Pontifical Biblical Institute, 1967. Muitas das descobertas importantes, dos

3.120 estudos arrolados por Malatesta, refletem-se nos seguintes títulos:

BARRET, C.K **The Gospel According to St. John**. London, S.P.C.K., 1955.

BERNARD, J.H. **A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John**. Ed. A.H. MacNeile ("The International Critical Commentary"). Edinburgh: T.&.T. Clark, 1928.

BROWN, Raymond E. **The Gospel According to John**. ("The Anchor Bible".) Garden City: Doubleday & Company, 1966. Vol. I, introdução e comentário dos capítulos 1 a 12; o restante está em preparação).

BULTMANN, Rudolf. **Das Evangelium des Johannes**. ("Kritisch-exegetischer Komentarüber das Neue Testament".) 17a. ed. Göttingen, Vandenhoek & Ruprecht, 1962. (Tradução para o inglês supervisionada por G.R. Beasley-Murray, em preparação.

_____. **Theology of the New Testament**. Vol. II New York, Charles Scribern's Sons, 1955.

DODD, C.H. **Historical Tradition in the Fourth Gospel**. Cambridge, University Press, 1963.

_____. **The Interpretation of the Fourth Gospel**. Cambridge, University Press, 1953.

HOSKYNS, E.C. **The Fourth Gospel**. Ed. F. N. Davey (2ª ed.). London, Faber and Faber, 1947.

HOWARD, W.F. **The Fourth Gospel in Recent Criticism and Interpretation**. 4ª ed. revista por C.K. Barret. London, Epworth, 1955.

HUNTER, A.M. **According to John. A New Look at the Fourth Gospel**. Philadelphia, Westminster, 1968.

LIGHTFOOT, R.H. **St. John's Gospel**. Ed. C.F. Evans. Oxford, Clarendon Press, 1956.

MACGREGOR, G.H.C. **The Gospel of John** ("The Moffat New Testament Commentary".) New York: Harper & Brothers, 1928.

SANDERS, J.N. **The Gospel According to St. John**. Editado e concluído por B.A. Mastin. ("Harper's New Testament Commentaries".) New York: Harper & Bow, 1968.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **The Gospel According to St. John**. Tradução de Kevin Smith, ("Herder's Theological Commentary on the New Testament".) New York, Herder and Herder, 1968. Vol. I, introdução e comentário sobre os capítulos 1 a 4; o restante está em preparação.

SMITH, T.C. **Jesus in the Gospel of John**. Nashville: Broadman, 1959.

STRACHAN, R.H. **The Fourth Gospel: Its Significance and Environment**. (3ª. ed.) London: S.C.M. Press, 1941.

TEMPLE, William. **Readings in St. John's Gospel**. London: Macmillan and Co., 1940.

WESTCOTT, B.F. **The Gospel According to St. John**. London: James Clarke and Co., 1958 (reimpressão da edição de 1880).

Comentário Sobre o Texto

Introdução (1:1-51)

Todos os quatro Evangelhos começam com uma introdução cuidadosamente elaborada, para esclarecer o contexto teológico a fim de facilitar a compreensão do ministério histórico de Jesus. Esta idéia começou com Marcos 1:1-13, foi usada em Mateus 1:1-2:23 e em Lucas 1:1-2:52, chegando ao seu clímax em João 1:1-51. Aí o testemunho de João Batista é mais completo que em qualquer

outro lugar (1:19-36), ao que é acrescentado o testemunho de quatro outros seguidores (1:37-49) e do próprio Jesus (1:50, 51). Os fundamentos do ministério público de Jesus remontam a um tempo anterior a João, a Abraão, e mesmo a Adão e à própria eternidade (1:1). Isto significa que as palavras com que Jesus pretendeu revelar Deus (1:51) não eram apenas uma extensão da mensagem de João (1:15) nem apenas o cumprimento da palavra de Deus na lei mosaica (1:17). Mais do que isto, expressavam o Verbo primordial pelo qual Deus sempre se refere a seus próprios pensamentos (1:1) e pelo qual Jesus se expressou na criação do universo (1:3).

A introdução do Evangelho divide-se claramente em duas partes: (1) um prólogo majestoso, em 1:1-18, que é uma meditação poética sobre a Palavra de Deus; (2) uma narrativa histórica, em 1:19-51, que relata os diversos testemunhos dos homens. Há um profundo significado teológico para a forma simétrica se seqüêncial destas seções. A Palavra de Deus é fundamental; se Deus não falou, os homens não podem dar testemunho algum. As múltiplas confissões, em 1:19-51, são as reações humanas à ação divina, apresentada em 1:1-18. Por outro lado, a Palavra de Deus não tem qualquer sentido para os homens, sem testemunho terreno. Toda descoberta de uma realidade espera a espontaneidade de um testemunho para compartilhar o que se viu e ouviu.

A unidade das duas seções é dada por Jesus mesmo, que era o Verbo divino em 1:1-18 e o testemunho humano supremo em 1:19-51. Esta perspectiva dual é um tema que se faz presente em todo o Evangelho, onde Jesus é a revelação e o revelador da verdade, o objeto e o sujeito da fé. Como Filho de Deus (1:18) e Filho do Homem (1:51), ele era alguém em quem a realidade divina descera dos céus à terra como era também aquele em quem a realidade humana subia da terra aos céus (1:51; cf. 3:13; 6:51,62). Por outro lado, ele ousou declarar a palavra vivificante de Deus (cf. 3; 34; 5:24; 6:63, 68; 8:31, 47, 51; 12:48; 17:8, 14), que o próprio Pai autenticara (cf. 5:32, 37; 8:18). Mais ainda, ele era apenas uma testemunha modesta, que nada poderia fazer à base de sua própria autoridade (5:30,31; 18:37). Nestes dois papéis, Jesus confrontou os homens com a realidade de Deus e, ao mesmo tempo, levou-os a confessar que aceitavam a sua divindade.

I. O Verbo de Deus: Prólogo (1:1-18)

A forma de começar este Evangelho deve ser compreendida antes de seu conteúdo ser considerado. [1] O estilo é o da poesia semítica, em que se faz uso freqüente de artifícios rítmicos como o paralelismo climáticos, em que um novo verso traz um elemento-chave do verso anterior; um exemplo disso está na tradução literal do versículo 1:

No princípio era o **Verbo**,
  e o **Verbo** estava com **Deus**,
  e o Verbo era **Deus**.

Ou ainda (v. 4 e 5):

Nele estava a **vida**,
e a **vida** era a luz dos homens;
  e a **luz** resplandece nas **trevas**,
  e as **trevas** não prevaleceram contra ela.

As imagens poéticas do prólogo sugerem que este material foi adaptado, para ser usado como hino no culto cristão primitivo. Como indicam claramente os Salmos, o antigo Israel geralmente punha-se a recitar os atos salvíticos de Deus (exemplo: Sal. 78). Aqui, o novo Israel resumia a história sagrada de seu Messias numa forma hinódica, imputando-lhe, assim, uma dignidade transcendente, semelhante à atribuída à sa-

1 Sobre a poesia semítica e quatro estrofes no prólogo, veja Joachim Jeremias, **The Central Message of the New Testament** (New York: Charles Scribner's Sons, 1965), p. 71-90.

bedoria nos exaltados panegíricos de Provérbios 8, Eclesiástico 24 e Sabedoria de Salomão 7-9. Isto significa que estes versos refletem não apenas uma preocupação filosófica e uma afirmação teológica, mas também uma adoração doxológica de um Senhor pessoal, cuja vida levou seus seguidores a irromper em louvor.

O padrão poético, encontrado na maior parte do prólogo, é interrompido pelas referências, em forma de prosa, a João Batista, especialmente nos versos 6-9,15. Tão prosaicas são estas seções, que elas mais parecem uma intromissão na rapsódia lírica que as cerca. Mesmo assim, os dois estilos são parte integral da fé cristã. Neste início somos introduzidos à poesia e a prosa do Evangelho, à glória do Verbo eterno e ao testemunho singelo de um profeta mortal.

Depois de reconhecido o estilo basicamente do prólogo, não surpreende a descoberta de que sua estrutura interna se organiza em quatro estrofes ou estâncias hinódicas, que correspondem às divisões do texto, como seguem: o Verbo é sucessivamente apresentado em relação a Deus e ao seu universo (v. 1-5), a João Batista (v. 6-8) e ao mundo dos homens (v. 9-13) e à igreja comungante (v. 14-18). Como a sequência destas estâncias é mais tópica (de assunto) do que cronológica, é errôneo pensar que certos versos se refiram exclusivamente ao Verbo preexistente, e outros, somente ao Verbo encarnado. Do mesmo modo como qualquer pessoa pode ser conhecida melhor à luz de seus vários papéis ou relacionamentos (exemplos: à família, ao trabalho, aos inimigos e aos amigos), o propósito básico aqui é explicar a pessoa do Verbo através da descrição dos seus envolvimentos mais importantes, sejam eles anteriores, contemporâneos ou posteriores à sua encarnação.

Ao mesmo tempo, embora as declarações separadas dentro das quatro estâncias não formem uma linha cronológica progressiva muito clara, o hino conta a história do evangelho de Jesus, numa seqüência organizada, como um episódio histórico entre duas eternidades. Em certo sentido, portanto, o prólogo se assemelha aos hinos judaicos da sabedoria, com suas descrições de atributos "infinitos" (exemplo: Sabedoria de Salomão 7:24-8:1), enquanto em outro, ele se aproxima mais dos hinos litúrgicos de confissão do Velho Testamento, que repetem os atos "eternos" de Deus na história (exemplo: Sal. 105 ou 106). Sozinhos, os versos podem, simultaneamente, retroceder ao passado, exteriorizar para o presente e apontar para a eternidade (ex.: v.5), mas o esboço geral dos versos 1-18 leva o leitor continuamente através dos principais estágios da época definitiva da redenção.

Esta estrutura externa do prólogo se assemelha ao arco de um pêndulo ou à curva de uma parábola, que é a mesma forma refletida em alguns dos outros hinos cristãos primitivos. [2] Filipenses 2:6-11, por exemplo, descreve a condescendência e a vindicação de Cristo Jesus em dois movimentos: primeiro, a descida do pêndulo, na humilhação (v. 6-8); depois, a subida do pêndulo, na exaltação (v. 9-11). Esta estrutura simétrica invertida, chamada quiasma, era uma forma literária muito usada na literatura antiga especialmente quando se queria exprimir o paradoxo ou a "grande inversão" no âmago do evangelho (cf. II Cor. 8:9).

Foi a ênfase sobre este movimento duplo de descida e subida que determinou a estrutura toda do Evangelho. Desse modo, não surpreende que o resumo de abertura adotasse o modelo geral. Entendido assim, o prólogo se assemelha a uma porta para Deus, com suas colunas fincadas na eternidade acima e não no tempo finito. A humilhação do Filho de Deus se esboça nos versos 1-11, seguida

2 Sobre o caráter de hino ou parabólico do prólogo, veja M. E. Boismard, **St. John's Prologue**, Carisbrooke Dominicans, trans. (London: Blackpriars Publications, 1957), p. 73-81.

ver não apenas pelas palavras identicas iniciais ("No princípio"), mas pelo conteúdo, que tem paralelismos bem íntimos. Em ambos os casos, o Verbo de Deus criou um mundo que a luz e as trevas foram diferenciadas. O Evangelho de João começa como um novo Gênesis, que apresenta a obra redentora de Cristo como conduzindo a criação à sua consumação prevista (cf. 5:17;9:4-5).

1) O Logos e Deus (v. 1 e 2)

O primeiro versículo faz três afirmações sobre o **Logos**, que são apresentados simetricamente, pela forma verbal **era/estava**, repetida três vezes. A Versão Inglesa de Hoje **Today's English Version** parafraseia assim:

"Desde o princípio,
quando Deus era, o Verbo também era;
onde Deus estava, o Verbo estava com ele;
o que Deus era, o Verbo era também."

No início, o prólogo afirma a eternidade, a proximidade e a identidade do **Logos** com Deus. O versículo 2 repete selenemente a ênfase das declarações centrais do verso 1, como se estivessem titubeantes para serem assimiladas com fundamento numa simples afirmação.

Como "no princípio" sugere não só o começo da história do evangelho (cf. Mar. 1:1), mas da própria criação do mundo (cf. Gên. 1:1), a conseqüência é que o Verbo sempre foi uma realidade, antes mesmo que o tempo tivesse começado. Isto quer dizer que, por natureza eterna, Deus não é mudo, mas, antes, é um Deus capaz de falar. Diferentemente dos ídolos, que são mudos (I Reis 18: 26-29; Sal. 115: 3-8; 135:15-18; Hab. 2:18,19; I Cor. 12:2), Deus sempre teve uma palavra. O Poderoso não é incomunicável; todos os significados profundos da vida não são, portanto, negados por um silêncio definitivo.

Ademais, a mensagem anunciada aqui é que o Verbo precedeu a criação, o que quer dizer que o pensamento antecedeu o ato. Isto é indicado não somente pela primeira frase do versículo 1 — literalmente, "**o Logos** existiu antes de qualquer coisa começar" — mas também pela relação do versículo 1 com o 3, cuja seqüência sugere que Deus tinha uma palavra antes de ter feito um mundo. Há uma espécie de empirismo pragmático, que aceita que o significado emerge simplesmente dos acontecimentos. João, entretanto, está certo de que Deus primeiro planejou, para depois fazer, e que esta Palavra da verdade fundamentou aquilo que depois aconteceu e determinou seu sentido profundo.

Um dos propósitos básicos do prólogo é identificar o Jesus histórico com o **Logos** eterno, e, a partir daí, argumentar que aquilo que os homens ouviram, em seu breve ministério, é o que Deus sempre quis dizer ao mundo. Esta ênfase sobre a preexistência do Verbo não era especulativa, mas prática, na intenção de enfrentar dois problemas de então:

Primeiro, os judeus estavam inclinados por venerar a Escritura, por causa de sua antiguidade, acima mesmo dos ensinos de Jesus. João argumentou que a revelação dada em Jesus era algo mais velho que o Velho Testamento, pois ela existia com Deus antes da história primeva com que Gênesis 1:1 começou. Jesus pode ter aparecido como um jovem (8:57), mas ele se apresentou como o Verbo, que antecedeu e inspirou as palavras de Isaías, Moisés e Abraão. Na realidade, eles falaram dele, e assim é em função dele que devem ser compreendidos (5:39-47; 8:53-58; 12:37-41). Como **Logos** eterno, Cristo é a norma pela qual se deve aferir toda a revelação bíblica.

Segundo, muitos gregos, em oposição aos judeus, não atribuíram qualquer autoridade absoluta às escrituras antigas. Em suas mitologias populares, os deuses eram volúveis e excêntricos, pelo que suas palavras não mereciam crédito. Para João, o "estar-com" do Verbo garantia a fidedignidade do Verbo. O

Logos é sempre constante, e não se condiciona pela contingência dos fatos. Podemos parafrasear a primeira parte do versículo 1 do seguinte modo: "Quando Deus começou a se expressar, o conteúdo desta revelação não se constituía numa inovação ou reflexão tardia, mas na comunicação de sua realidade imutável."

As duas expressões finais do versículo 1 permanecem numa tensão criativa entre si, dando ênfase, como se ambas fizessem a separação e a conexão do Verbo com Deus. Por um lado, o **Logos** estava face a face **com** ou "na companhia" de Deus. Embora esta proximidade sugira uma intimidade filial (cf. "no seio", v. 18), a preocupação fundamental era insistir sobre uma distinção adequada entre o **Logos** e Deus (cf. Prov. 8:30). Por outro lado, em acréscimo a esta diferença, havia uma igualdade entre os dois; pois, como a **New English Bible** (Nova Bíblia Inglêsa) belamente indica, "o que Deus era, o Verbo era". O Verbo não era apenas um atributo de Deus, mas, antes uma expressão do verdadeiro ser de Deus.

Estas duas expressões equilibradamente aqui colocadas, preparam para os dois ensinos cristãos de que (a) Jesus e Deus distintos em pessoa e em função (exemplo: Jesus não conversou consigo mesmo quando orou; cf. 17:4,5) e, ainda, que (b) eles eram idênticos em natureza e em propósito (isto é, Jesus não só revela algo **sobre** Deus, mas, antes, revelou-se Deus; cf. 14:9).

2) O Logos e a Criação (v. 3 e 4)

O ser eterno do **Logos**, destacado pela tríplice repetição do verbo **era/estava** do versículo 1, contrapõe-se, agora, à transformação temporal de **todas as coisas**, destacada pelo tríplice **fez** (literalmente, "tornou-se" ou "tem-se tornado") do versículo 3. Ao afirmar que a ordem inteira criada veio a ser através da instrumentalidade do Verbo, a implicação do prólogo é que a matéria não é **eterna** e auto-suficiente, mas limitada e causada. Como enfatiza o versículo 3b, "nenhuma coisa" veio à existência — muito menos adquiriu significado — a não ser como uma expressão criativa de Deus.

A relação do Verbo com a criação não deve ser compreendida, todavia, em termos de um dualismo cósmico, que proponha um antagonismo absoluto entre o espírito e a matéria. Antes, a compatibilidade total entre Deus e o seu mundo se estabelece pelo envolvimento do **Logos** nas duas esferas. O mesmo Verbo que foi associado a Deus por três vezes, nos versos 1 e 2, é associado ao mundo três vezes nos versos 3 e 4 ("por intermédio dele", "sem ele", "nele"). Este **Logos** não é um ser intermediário inferior entre um Deus perfeito e seu imperfeito mundo, como queriam os gnósticos. Ao contrário, o **Logos** que deveria ser identificado com a totalidade da ordem divina (v. 1c), era o agente de Deus na emergência da totalidade (**todas as coisas**) da ordem criada (v. 3a.). Desse modo, os dois extremos são recusados: o mundo não é eterno, e, portanto, definitivo, e nem mau, e, portanto, desprezível.

O que significa, então, confessar que este universo é cristocêntrico (cf. I Cor. 8:6; Col. 1:16; Heb. 1:2)? Três conclusões podem-se tirar daí:

O sentido é anterior à matéria; assim as coisas tomam sua importância dos propósitos espirituais intentados. Esta argumentação opõe-se a qualquer materialismo que veja a realidade como tangível, o mundo como de importância mais intrínseca do que instrumental e a vida como alcançada pelas experiências sensoriais.

A criação, como uma atividade do **Logos**, é parte do esforço de Deus para se comunicar com o homem (cf. Rom. 1:20; At. 14:17). A **significação** do físico reside em sua capacidade de **significar** ou servir como um **sinal** do espiritual. Se o universo foi fundado pelo **Logos**, então pode haver uma analogia adequada entre o visto e não visto. É por isso que Jesus

falou de Deus em termos de símbolos, como vinho (2:1-11), água (4:7-15) e pão (6:25-59).

Como agente da criação, Cristo pode reivindicar o universo como aquele que o recriou e redimiu (cf. Col. 1:15-18). Sua presença terrena no mundo que fez (v. 10) foi uma descida às "suas próprias coisas" (v. 11a). O **Logos** encarnado foi investido com uma autoridade cósmica (3:35; 13:3; 17:2), porque toda a ordem criada foi uma projeção perfeitamente incorporada em sua vida. Isto significa que nenhuma área de nossa existência, mesmo mundana, está isenta de buscar sua coerência na submissão a ele.

Uma interpretação correta do verso 4 é extremamente difícil, porque nenhum texto exato ou nenhuma pontuação é possível, à base dos manuscritos disponíveis. A **Revised Standard Version** apresenta o dilema da tradução, ao oferecer uma leitura (marginal) alternativa, que junta o último trecho do verso 3 ao verso 4. Como seria necessário uma discussão técnica complexa para evidenciar todas as possibilidades exegéticas, podemos seguir a linha geral de pensamento, que não é afetada seriamente por decisões sobre palavras e expressões individuais.[4]

Como inteligência pessoal em comunhão com Deus, o **Logos**, ao funcionar como o agente da criação, era fundamentalmente o colaborador da vida. Qualquer ato criativo envolve mais que a fabricação de moléculas. A matéria tem sentido apenas enquanto vive, e a afirmação aqui é de que **nele estava** a fonte da **vida**, por que todas as coisas tiveram a oportunidade de vir a ser. Em certo sentido, o **Logos** tinha o mesmo propósito na criação como na redenção: "Eu vim para que tenham vida" (cf. 5:26;5:40; 10:10; 14:6). Como dom divino, esta vida torna-se a **luz**, pela qual os homens são indicados para Deus (cf. 8:12; 12:46). Em outras palavras, cada pessoa (v. 9b) deve perceber que Deus é o criador poderoso e zeloso do universo, à luz do milagre da vida, que transborda na experiência humana (cf. Gal. 36:9).

3) O Logos e as Trevas (v. 5)

Por que, então, tantos compreendem mal e até se opõem à luz ativa da vida na ordem criada? Por que é a vida tão barateada pelo preconceito, pela escravidão, pela guerra e por uma hoste de outros inimigos? Mais ainda, por que o mundo destrói com tão brutal rapidez uma vida tão iluminada pela luz de Deus (cf. 1:10, 11; 8:12-59; 12:35-50)? A resposta dada é que a luz não brilha num vácuo moralmente neutro, mas no conflito cósmico com o poder das trevas. Somos, então, repentinamente introduzidos no problema do mal.

Logo depois de tratar da obra divina da criação (v. 3 e 4), a questão naturalmente, suscitada é se o mal também teve origem em Deus. É o **Logos**, que fez **todas as coisas**, também responsável pelas **trevas**? Neste trecho, a resposta não parece ser sim. Ao contrário, as **trevas** são admitidas e apresentadas sem qualquer ligação com a **luz**. A situação é a mesma em Gênesis 1:1-5, onde "no princípio", antes que Deus proferisse sua palavra criadora, "havia trevas sobre a face do abismo".

O propósito básico do verso 5 não é explicar nem amaldiçoar as trevas, mas afirmar a penetrante convicção de que a luz prevalece ao final (cf. I João 2:8). Isto foi verdade na criação, quando as trevas saíram de diante das palavras "haja luz" (Gên. 1:3). Foi verdade em Cristo que, embora rejeitado por muitos (1:10,11), chegou a ser a Luz do Mundo (8:12). É verdade na Igreja, cujo testemunho não pode ser extinguido pela perseguição (cf. 9:22; 12:42; 16:2). Mais claramente, as trevas existirão enquanto os homens preferirem o mal (cf. 3:19-21) e, como elas coexistem com a luz, é necessário que se tome uma decisão por

4 Para uma discussão mais detalhada, veja Bosmard, p.12-19.

uma ou pela outra. O resultado, porém, da luta jamais esteve em questão, ficando sempre claro que as trevas não dominarão a luz.

2. O Verbo e João (1:6-8)

6 Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. 7 Este veio como testemunha, a fim de dar testemunho da luz, para que todos cressem por meio dele. 8 Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz.

Este segundo parágrafo do prólogo mostra uma ligação bem estreita e um contraste forte com o parágrafo anterior. A coesão é estabelecida com a referência à "luz dos homens" (v. 4) como tendo-se cumprido num **homem** que veio testemunhar da **luz**. Ademais, em João as trevas encontraram uma testemunha (v.6-8), uma preocupação presente neste capítulo e em todo o Evangelho. O Verbo divino foi fundamental em que "todas as coisas" vieram a existir "através dele" (v. 3a.), mas o testemunho humano apontava para o propósito redentor da criação, em que **todos** os homens seriam chamados a **crer através dele**.

Paralelamente, porém, a descontinuidade é tão evidente, que saltamos subitamente, da eternidade para o tempo, do universo para o deserto, das afirmações exaltadas para as retratações insistentes (v. 8). Note-se como as duas estrofes começam de modo diferente (v. 1 e 6). Jesus era o Verbo (**logos**); João era **um homem** (**anthropos**). Jesus convivia em intimidade "com" (**pros**) Deus; João era um enviado **de** (**para**) sua parte. Jesus sempre "era" (ēn) sem começo ou fim; João "veio a ser" (egeneto) na plenitude do tempo (A RSV obscurece este final contrastante, ao traduzir os dois verbos diferentes nos versos 1 e 6 como "era"). Estava clara a necessidade que se sentia de subordinar João a Jesus, como se vê particularmente na eloqüente negativa do verso 8a (cf. 1:15; 1:19-34; 3:22-30; 4:1; 5:33-36; 10:40,41). Parece que alguns seguidores de João não tinham transferido sua lealdade a Jesus e precisavam ser lembrados que seu mestre jamais apontara para si mesmo (cf. At. 18:24-26; 19:1-7).

Ao mesmo tempo, a humildade de João deu o cenário para que se revelasse a sua verdadeira grandeza. Embora fosse um solitário arauto sem credenciais, ele ousou ser profeta num tempo que a profecia estava relegada a um passado ideal. Sua única motivação era o sentido de missão para a qual **veio**; seu único objetivo era indicar para além de si mesmo como **testemunha**; sua única mensagem era a da **luz**. Na primeira estrofe do prólogo, fomos alçados a alturas enormes, mas nesta não se faz por menos: um homem em contato com a transcendência, um homem preocupado com a luz num tempo em que os demais homens se contentavam em viver nas trevas, um homem capaz de renunciar às comodidades do **status quo** e de contar com o futuro para justificar a sua esperança.

3. O Verbo e o Mundo (1:9-13)

9 Pois a verdadeira luz, que alumia a todo homem, estava chegando ao mundo. 10 Estava ele no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, e o mundo não o conheceu. 11 Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. 12 Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus; 13 os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.

A forte negativa com que a segunda estrofe do prólogo termina (v. 8) prepara para a igualmente forte afirmação com que a terceira começa (v. 9). Embora João, em si, não fosse a luz prometida, da revelação final de Deus (cf. Is. 9:2; 42:6; 60:1-3, 19-20, o **Logos**, que **era** a **verdadeira luz**, preencheu a ardente expectação do seu precursor, ao entrar no mundo dos homens de forma tão nova. Isto é logo indicado pelo verso 10a, onde a ênfase do verso 9 é repetida (**ele** realmente estava **no** mundo), como também no "ele veio" do verso 11 e no "a

todos quantos o receberam" do verso 12. O terceiro parágrafo resume, assim, o ministério terreno do **Logos** encarnado e, ao fazê-lo, antecipa as linhas da história evangélica, que logo será contada (v.9=cap. 1; v.10=cap.2-4; v. 11=cap. 5-12;v. 12 e 13=cap. 13-21).

O próprio prólogo deixa claro o quão incrível foi esta intervenção divina nos negócios do homem. A luz universal, que brilha em **todo o homem**, transformou-se num homem particular. Aquele que sempre existiu, antes mesmo de o mundo começar, veio agora, participar da história. O agente que criara o cosmo inteiro ocupa, agora, um lugar no espaço da terra. Um dia, tudo tomara vida nele; agora, porém, ele vivia **no mundo**. De um ponto de vista humano, seria bastante difícil crer que Deus tenha preparado esta vinda apoteótica apenas com um arauto obscuro como João Batista. Seria também impensável que o evento escatológico envolvesse o eterno se transformando em temporal, o infinito em espacial e o espiritual em material; é precisamente por isso que acontece o reverso do processo, pelo qual se descreve geralmente a redenção.

Não surpreende, então, que os homens estivessem tão despreparados para a chegada da luz. A rejeição é descrita em dois estágios. No primeiro, o **mundo**, que lhe pertencia através da criação, compreendia aqui como a vida organizada da humanidade, **não o conheceu** com gratidão e reconhecimento. No segundo, embora tenha vindo especialmente para o seu **próprio lar**, em Israel, o povo de Deus, que lhe pertencia por concerto, não o aceitou. A contundente afirmação, feita agora, é que nem o mundo, que vive na luz da razão natural, nem a religião, que vive na luz da revelação divina, podiam ver a verdadeira Luz do mundo, quando esta se incorporou na vida humana!

Qual era a razão básica dessa cegueira? Tanto o interesse dos gregos pela sabedoria como o interesse dos judeus pelas obras entreviam uma tendência para definir o objetivo da existência humana em termos daquilo que se alcançava, e não em função daquilo que se recebia. Eles não viam a luz diante deles como dádiva absoluta, isto porque estavam ocupados em tentar elaborar esta graça em suas próprias mentes e em seus próprios cultos. Para descobrir a verdade, nada é tão necessário quanto a abertura. Pálpebras cerradas obscurecem todo o fulgor de um resplandecente sol de meio dia. Assim, o prólogo aponta diretamente para o centro de uma resposta positiva na palavra **recebida** e liga esta receptividade à natureza da fé, ao identificar **todos aqueles que** o **receberam** como **aqueles que creram em seu nome**. O cristianismo é, desse modo, definido, fundamentalmente, em termos de graça (deu-lhes), que é, sobretudo, a única maneira pela qual o **Logos** e a luz — seja terrenal ou celestialmente — podem se comunicar com o homem. Há uma espécie de passividade humana criativa, uma audição e uma visão aguçadas, que permitem a atividade divina de falar e brilhar.

Não surpreende que a dádiva primeiro seja descrita como direito, ou privilégio, (e não como **poder**, conforme em algumas versões) de se tornarem **filhos de Deus**. Esta figura sugere a comunhão da família da fé. Implica também a noção de um novo começo. A coisa mais característica, de um filho, é que sua vida está sempre diante dele, o melhor está sempre por vir. Neste contexto, o mais importante é a implicação de que os homens não são **filhos de Deus** por natureza, quer pertençam ao mundo criado através do **Logos** quer ao povo escolhido, do Messias, como descendentes de Abraão. Ao contrário, eles se **tornam** filhos de Deus através de uma nova criação, que transcende todas as distinções nacionais, raciais e religiosas (cf. 8:39-47).

Esta mudança inicial, no verso 12, é melhor esclarecida depois como de origem divina, no verso 13. Três expressões

negativas, na realidade, de sentidos semelhantes, insistem que este nascimento não é, de modo algum, o resultado de uma reprodução biológica. A forma como Cristo nasceu, neste mundo, dá o modelo como qualquer homem pode tornar a nascer: não pela hereditariedade ou pelo esforço humano, mas de **Deus** (cf. o comentário sobre 3:1-15).

4. O Verbo e a Igreja (1:14-18)

14 E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai. 15 João deu testemunho dele, e clamou, dizendo: Este é aquele de quem eu disse: O que vem depois de mim, passou adiante de mim; porque antes de mim ele já existia. 16 Pois todos nós recebemos da sua plenitude, e graça sobre graça. 17 Porque a lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. 18 Ninguém jamais viu a Deus. O Deus unigênito que está no seio do Pai, esse o deu a conhecer.

A referência ao novo nascimento, no final da terceira estrofe, leva, naturalmente, a uma discussão sobre a vida cristã na estrofe final, mas com uma diferença de perspectiva de grande importância. Pela primeira vez, no prólogo, os pronomes mudam da terceira pessoa (eles), de uma descrição objetiva, para a primeira pessoa (nós), de uma confissão subjetiva (cf. 21:24b; I João 1:1-4). No climax do hino, uma comunidade daqueles que se tornaram "filhos de Deus" (v. 12 e 13) celebra a encarnação do **Logos** (v. 14) à luz da dádiva que receberam.

Este testemunho nasce, entretanto, de um realismo de enorme sobriedade. O paradoxo do Verbo se fazer carne, que pervade o prólogo, alcança sua expressão mais eloqüente no verso 14, quando as três marcas da condescendência, na primeira parte do versículo, são justapostas a três marcas de exaltação, na última parte (A versão bíblica usada alterou a ordem do texto grego, ao passar **cheio de graça e de verdade** do fim para o centro do versículo; esta mudança na seqüência atrapalha a simetria da frase e altera sua linha de pensamento.)

Observa-se inicialmente, as três limitações atribuídas ao **Logos**, no verso 14, em comparação com o verso 1:

(1) O **Verbo**, que sempre "estava" em seu ser eterno, com Deus (v. 1), transforma-se agora, num evento temporal, num ponto da história, limitado à circunstância do tempo, como João Batista esteve, conforme o verso 6. (O verbo grego **egeneto**, usado no verso 6, para contrastar o João histórico com o **Logos** eterno, do verso 1, é empregado, agora, para o **Logos** histórico, no verso 14.) Ele, através de quem toda a criação ganhou a existência (v. 3), torna-se, agora, uma criatura finita.

(2) Ademais, o **Verbo**, que "era Deus" (v. 1c), agora torna-se como **carne**; isto é, ele começou a existir como um ser humano (cf. I João 4:2; II João 7). O último meio escolhido para comunicar a mensagem divina não era uma idéia, uma emoção ou uma organização; antes, a revelação se incorporava numa pessoa. Não significa isto que o Verbo deixou de ser Verbo quando se **fez carne**, mas que a realidade última e a existência terrena fundiram-se perfeitamente na vida de uma só pessoa.

(3) Finalmente, o Verbo, que estava eternalmente com (**pros**) Deus (v. 1b), agora tornou-se **do (para) Pai** e habitou temporariamente **entre nós**. O verbo **habitar** pode sugerir a idéia de fincar uma tenda, reminiscência do tempo em que Deus tabernaculou com seu povo no deserto (Êx. 25:8; 40:34).

Esta tríplice humildade não obscureceu sua verdadeira grandeza, mas, antes, forneceu o contexto, a partir do qual os olhos da fé poderiam ver mais claramente. O sentido último do **Logos** é agora afirmado em três fases sucessivas.

Nós vimos sua glória — Glória é um dos termos mais ricos do vocabulário teológico da Bíblia, referindo-se basicamente às manifestações visíveis do poder de Deus. A vida de Jesus brilhou, com a já referida

presença da majestade divina. Através do ministério terreno do Verbo, Deus convocou os homens para uma nova consciência de seu propósito e de seu prestígio.

O unigênito do Pai — A palavra traduzida como **unigênito (monogenous)** [5] poderia dar a idéia de "único gerado", como está na versão King James, visto que o relacionamento **pai-filho** se estabelece pelo processo do nascimento. O sentido inicial do termo, entretanto, é "o único de sua espécie", e a ênfase do prólogo, sobre o "ser/estar" do Verbo, sugere — ao contrário do que faz supor a King James — que a diferença desse **Filho** residia em **não** ser gerado. Na realidade, um contraste deliberado entre o verso 13 e o verso 14 pode implicar num quiasmo: "Nós, homens da terra, que nascemos na **carne**/ Fomos privilegiados em nos tornarmos **filhos** de Deus/Por **procedermos** não de um homem, mas de Deus/ Como não necessitasse **ser nascido** de Deus/ Já que era o **Filho** incomparável e eterno Deus Ele desejou nascer da **carne**, em nosso favor.

Cheio de graça e de verdade — Como homem, o **Logos** não estava vazio da realeza divina (como às vezes é erroneamente interpretado Fil. 2:7), mas **cheio** de amor misericordioso e da imperturbável fidelidade, elementos centrais da compreensão veterotestamentária de Deus (Êx. 34:6,7; Sal. 85:9-10; 89:14; 108:4). Observe-se o equilíbrio alcançado com as combinações desses dois termos. **Graça** é uma compulsão irresistível aos homens, mais do que eles merecem, e que flui espontaneamente da ilimitada generosidade de Deus. **Verdade**, por outro lado, finca-se na determinação divina de ser coerente, inteligível e, por conseguinte, digna de crédito no seu relacionamento com a humanidade. Graça sem verdade não passa de sentimentalismo; verdade sem graça pode parecer algo de inflexível rigidez. Ao declarar sua natureza divina, Jesus combinou uma infinita ternura pelo pecador com uma inabalável fidelidade ao que é direito.

Revendo-se o verso 14 como um todo, as duas partes dão a impressão inicial de absoluta incoerência. A primeira metade descreve a ação divina na história como a vinda do **Verbo**, enquanto, a segunda, descreve a reação humana em termos de **nós temos visto**. Porém, uma palavra é algo que comumente não se vê, mas se ouve; contrariamente, glória é geralmente compreendida como algo que não tem som. A inusitada combinação de audição e visão, no verso 14, evidencia a verdade profunda de que, em Jesus, Deus tornou-se acessível à vida humana, através da porta do ouvido e da porta dos olhos (cf. I João 1:1) Desse modo, ele apelava tanto ao intelecto quanto à imaginação, tanto ao sentido humano de reflexão quanto de celebração. Ademais, o **Logos** visível transcendeu a tradicional dicotomia entre palavra e ação. Havia uma coerência total entre o que os homens ouviam Jesus dizer e o que eles o viam fazer. Em outras palavras, eles "viam" o que ele "dizia", porque ele praticava de modo perfeito aquilo que pregava.

A vinda da revelação divina em forma de vida humana não era nada evidente por si mesma, uma vez que uma afirmação dessa natureza não tinha paralelo algum com nenhuma outra religião. Assim, o **Verbo** do verso 14 está intimamente associado ao retumbante testemunho de João, no verso 15. Esta conexão se fez necessária, porque João fora a primeira ligação decisiva entre Jesus e a ininterrupta corrente de crentes incluída no **nós** deste parágrafo.

Talvez se devesse tomar o presente do indicativo do verso grego (obscurecido pelo "deu testemunho" de nossa versão) literalmente, no sentido de que o profeta morto há bom tempo, continuava **dando testemunho**, através das páginas de seu

5 Dale Moody, "God's only Son", **Journal of Biblical Literature**, 72 (1953), p. 213-219.

Evangelho (como, por exemplo, nos v. 19-36). Seu corajoso grito, dado por ocasião do seu breve ministério, continuava a ecoar uma geração depois, uma vez que suas palavras tinham sido registradas, João, a exemplo de Abel, embora morto, "ainda fala" (Heb. 11:4).

O conteúdo deste testemunho relacionava-se ao problema da precedência na prática religiosa judaica. Uma vez que Jesus era mais jovem que João e viera a ele a fim de ser batizado, pode-se presumir que pretendeu ser seu seguidor, pois, no judaísmo, a expressão **aquele que vem após mim** geralmente designava um discípulo (cf. Marc. 1:17; 8:34). João, entretanto, inverteu a relação ao insistir que Jesus lhe passasse à frente, por que ele era um ser preexistente (cf. v. 30).

É importante que a súbita entrada parentética do verso 15 não obscurece a íntima relação entre o verso 14 e o verso 16. Como fé é uma questão de aceitar aquele que estava **cheio de graça e de verdade**, segue-se naturalmente que **recebemos da sua plenitude, e graça sobre graça**. A curiosa expressão **graça sobre graça** significa, literalmente, graça "**em troca por**" ou "em substituição a" mais graça (cf. Rom. 1:17; II Cor. 3:18); em outras palavras, como belamente traduz a Bíblia na Linguagem de Hoje, "bênção e mais bênçãos". Isto significa que podemos tirar, de sua plenitude, como de uma fonte inesgotável. Uma vez que a graça foi **recebida**, ela não cessa de crescer. Recebemos "graça em lugar de graça".

Para ser mais claro, Deus tem sido sempre um Deus de graça. No período do Velho Testamento, a **lei foi dada por meio de Moisés**; na era cristã, sua imutável **graça e verdade vieram por Jesus Cristo**. A diferença reside não apenas na natureza de Deus, como doador, mas nas potencialidades da graça, para fazê-lo conhecido. Uma pessoa viva, **cheia** da realeza divina, é um meio mais adequado que os mandamentos escritos sobre as tábuas de pedra.

Nos versos 14-18 reside implícita a superioridade de Cristo sobre Moisés. Em Êxodo 33 e 34, Moisés, a quem Deus falou "face a face" (33:11), pediu que a presença divina também acompanhasse o povo em sua peregrinação à terra prometida (33:14-17). Quando Deus concordou, Moisés pediu-lhe para ver sua glória (33:18), mas recebeu apenas uma revelação oculta, "porquanto homem nenhum pode ver a minha face e viver" (33:20). A despeito desta limitação, o povo pôde conhecer o "nome" (natureza) do Senhor como aquele que transborda em "beneficência e verdade" (34:6); foi esta a base do concerto lavrado sobre as tábuas de pedra (34:1,10,27,28). No prólogo, entretanto, o **Logos**, que esteve face a face com Deus (v. 1), **habitou entre nós**, como o "tabernáculo do encontro", em que a **glória** de Deus foi **vista** e onde a **plenitude** de sua **graça e verdade** foi **recebida**, não como uma **lei**, sobre pedra, mas como uma vida na **carne**.

Esta comparação chega ao seu climax no verso 18, onde a impossibilidade de Moisés "ver a Deus" (cf. ainda Juí. 13:22; Is. 6:5; João 5:37; 6:46; I João 4:12,20) é substituída pela obra do **Unigênito**, que o **fez conhecido**. A força maior desta afirmação torna-se confusa, por algumas variantes textuais, em que alguns manuscritos falam em "unigênito" (**monogenês huios**), como acontece em nossa versão, e outras em "único Deus" (**monogenês theos**), como ocorre em notas marginais. Conquanto seja impossível escolher com absoluta certeza entre estas duas alternativas, as evidências internas do contexto favorecem **Filho** (para combinar com **no seio do Pai**); as evidências externas dos manuscritos, porém, favorecem **Deus** (especialmente os manuscritos mais antigos). Com certeza, no pensamento do Quarto Evangelho, estas opções não se excluem mutuamente, mesmo porque Jesus é compreendido tanto em termos de Deus

(como em 1:1; 20:28) como de Filho (a exemplo de 3: 16-18; 5:19-23). De qualquer modo, se a palavra **monogenês** quer dizer "unigénito", como nossa versão traduz o verso 14, uma combinação com **theos** permitiria a seguinte tradução: "Deus, o unigénito". Por igual modo, a expressão completa poderia ser parafraseada assim: "Aquele que é o Filho único, porque só ele pode ser identificado com Deus."

A referência a **no seio do Pai** remete-se à expressão "com Deus", do verso 1. Visto que, entre estes dois versículos paralelos, a vida terrena de Jesus foi descrita (v. 9-14), podemos aceitar, então, que o verso 18 refere-se ao Senhor exaltado, que realizou a parábola da redenção e se encontra agora "à destra" do Pai, na glória (At. 2:33-34). A ascensão não é enfatizada, entretanto, porque este versículo pretende antecipar a história do evangelho, que logo seria contada e interpretada como um registro dos meios pelos quais o "unigênito... deu a conhecer (o Pai)". A vida de Jesus era uma revelação do ministério divino (cf. 12; 45; 14:9), um comentário visível (literalmente: "exegese") do Deus invisível, um Verbo que explicava a pessoa de Deus, que ele desde a eternidade tão intimamente conhecia.

II. O Testemunho dos Homens (1:19-51)

Para equilibrar o hino poético ao Verbo de Deus, de 1:1-18, a introdução ao Evangelho conclui, agora, com uma narrativa, em forma de prosa, sobre o testemunho dos homens, em 1:19-51. A apresentação deste testemunho organiza-se em torno da relação de João Batista com Jesus. Toda a seção se divide em quatro cenas, que se desenvolvem cronologicamente.

Na primeira (v. 19-28), João ocupa sozinho o lugar central, enquanto Jesus é o desconhecido, que ainda não apareceu. No dia seguinte (v. 29-34), João vê Jesus vindo ao seu encontro, e se dirige diretamente a ele, mas Jesus permanece em segundo plano. No terceiro dia (v. 35-42), entretanto, os dois aparecem juntos, e os discípulos de João começam a transferir para Jesus a sua lealdade. No último dia (v. 43-51), João não é mencionado, enquanto Jesus domina a cena. Para usar as palavras do próprio João, são quatro os passos para que "ele cresça e que eu diminua" (3:30).[6]

Dentro da forma deste ciclo de quatro dias, o conteúdo central do testemunho é apresentado por dez confissões cristológicas,[7] nos lábios de cinco testemunhas: João (v. 19-36), André (v. 37-42), Filipe (v 43-46), Natanael (v. 47-49) e o próprio Jesus (v. 50 e 51). Já no prólogo, termos como "Verbo", "Deus", "vida", "luz" e "unigénito" foram usados. Agora mesmo Jesus é identificado como:

1. Aquele (maior) que viria depois de João (v. 27 e 30)
2. O Cordeiro de Deus (v. 29 e 36)
3. Aquele (que preexistia) antes de João (v. 30)
4. Aquele que batiza com o Espírito Santo (v. 33)
5. O Filho (ou Eleito/Escolhido) de Deus (v. 34 e 49)
6. O Rabi/Mestre (v. 38)
7. O Messias/Cristo (v. 41)
8. Aquele de quem Moisés e os profetas escreveram (v. 45)
9. O Rei de Israel (v. 49)
10. O Filho do Homem (v. 51)

Diferentemente de alguns títulos usados no prólogo, esses dez são designações mais tradicionalmente judaicas, tiradas amplamente do Velho Testamento e da literatura intertestamentária. Tomados juntos, formam uma fotomontagem do libertador esperado do povo de Deus. É importante compreender, entretanto,

6 T. F. Glasson, "John The Baptist in the Fourth Gospel", **The Expository Times**, 67 (1956), p. 245 e 246.

7 Rudolf Schumäckenburg, **The Gospel According to St. John**, traduzido para o inglês por Kevin Smyth (New York: Herder and Herder, 1968), I, p. 507-514.

que somente em Jesus as imagens foram fundidas e atribuídas a uma pessoa histórica. Somente ele satisfaz todas as necessidades que tinham produzido estas imagens durante diferentes períodos da história de Israel.

Isto significa que a cristologia é claramente distorcida, quando alguns desses papéis são enfatizados, com a exclusão de outros. Por exemplo: Jesus é, ao mesmo tempo, o Cordeiro, que resolve o problema do pecado, o Rabi, que responde ao problema da ignorância, e o Messias, que satisfaz o problema da falta de liderança. Quando apenas algumas destas funções são salientadas, limita-se a apreciação da variada gama de necessidades humanas que ele veio atender.

Estes títulos não só foram enriquecidos, como portadores das esperanças de Israel há muitos séculos, mas penetraram paulatinamente na piedade cristã. Ao tempo em que o Quarto Evangelho foi escrito, cada frase passava a ter um significado mais amplo do que poderia ter tido para os novos discípulos no início do ministério de Jesus. As implicações totais, destas palavras, podem ser percebidas apenas por uma revisão das suas raízes na fé de Israel e por uma previsão de seus frutos na fé da igreja primitiva. Entendidas assim, elas oferecem, a cada leitor do Evangelho, uma oportunidade de fazer sua própria profissão de fé consciente em Cristo.

A menos que entenda que um longo processo de evolução foi desenvolvido, no uso destes títulos, como uma espécie de taquigrafia, o leitor concluiria, equivocadamente, que os primeiros seguidores de Jesus eram pessoas espiritualmente renascidas e plenamente amadurecidas, que a sua fé foi sazonada de uma vez, que sua clara compreensão da natureza da pessoa de Jesus existia desde o início. Temos provas suficientes, tiradas do Evangelho (16:29-31, por exemplo) e dos Sinópticos (Mar. 8:27-33, por exemplo) de que não foi esta a realidade. A peregrinação, em busca de uma iluminação espiritual, foi torturantemente devagar e marcada por muitos falsos começos e muitos retrocessos.

Por que, então, não há indício desta luta em 1:19-51? Simplesmente, porque aí a fé está sendo apresentada à luz da perspectiva do fim a que conduz. Certamente, é importante compreender quão modestamente a fé pode começar, mas é também importante entender o vasto potencial inerente no mais humilde compromisso. Nesta seção, somos levados a tratar não da insignificância da semente quando plantada, mas da grandeza da floresta já latente nela. Não quer isto dizer, no entanto, que o Quarto Evangelho se interesse apenas pelos efeitos, e não pelas causas. No contexto mais amplo, por exemplo, mantém um belo equilíbrio entre a fé como **ponto** climático em 1:19-51 (exemplos: 1: 29,41, 45,49) e a fé como um **processo** crescente em 2:1-4:54 (exemplos: 2:22 4:41, 42, 50-53).

Numa arrumação literária, em 1:19-51 é dividido em duas grandes partes: 1:19-34, em que João dá testemunho, e 1:35-51, em que os discípulos testemunham. Através do recurso da repetição, em 1:35-36, estabelece-se uma relação íntima entre as duas partes. Cada uma é subdividida em duas seções, chegando a um total de quatro unidades em 1: 19-51, que correspondem à estrutura cronológica dos quatro dias (v. 19,29,35, 43). Esta bem elaborada organização do material sugere um possível uso, em algum grupo confessional da liturgia cristã antiga (cf. especialmente o v. 20a).

1. O Testemunho de João Batista (1:19-34)

Esta seção começa com um título introdutório bem formal ("Este foi o **testemunho** de João") e por conclusão também clara: "Eu mesmo vi e já vos dei **testemunho**"). No grego, a simetria da organização é ainda mais óbvia, porque as palavras "depoimento" e "testemunho" vêm da mesma raiz. Os Sinópticos apresentam João como um precursor do

Messias, como um pregador de arrependimento, como um mestre de ética e como o batizador de uma nova comunidade remanescente (Mat. 3:1-12; Mar. 1:1-8; Luc. 3:1-18). Estas funções, no entanto, ou são totalmente subordinadas ou são ignoradas, a fim de que seu papel se concentre exclusivamente como testemunho de Jesus.

1) O Testemunho Negativo Sobre Si Mesmo (1:19-28)

19 E este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para que lhe perguntassem: Quem és tu? 20 Ele, pois, confessou e não negou: sim, confessou: Eu não sou o Cristo. 21 Ao que lhe perguntaram: Pois quê? És tu Elias? Respondeu ele: Não sou. És tu o profeta? E respondeu: Não. 22 Disseram-lhe, pois: Quem és? para podermos dar resposta aos que nos enviaram; que dizes de ti mesmo? 23 Respondeu ele: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías. 24 E os que tinham sido enviados eram dos fariseus. 25 Então lhe perguntaram: Por que batizas, pois, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta? 26 Respondeu-lhes João: Eu batizo em água; no meio de vós está um a quem vós não conheceis, 27 aquele que vem depois de mim, de quem eu não sou digno de desatar a correia da alparca. 28 Estas coisas aconteceram em Betânia, além do Jordão onde João estava batizando.

Sugere-se uma situação de inusitada solenidade, com o anúncio de que uma comitiva oficial de autoridades sacerdotais foi enviada, pela liderança religiosa judaica de Jerusalém, para um lugar especial próximo ao rio Jordão (v. 28), para averiguar a identidade de João (v. 19). É como se eles viessem intimar este depoimento (v. 19, 22, 24, 25) como o primeiro testemunho do grande sofrimento pelo qual Jesus passaria em seu ministério (cf. 3: 1, 2; 5:19-47; 7:14-52; 8:12-20; 9:13-34; 10:19-39; 11:45-53; 12:44-50), e como base para a acusação formal que determinaria sua crucificação (18: 19-19:16). A introdução à resposta de João, no verso 20, é prefaciada por uma terceira fórmula **Ele confessou e não negou**, fortemente reminiscente de Mateus 10:32,33. Missionários cristãos, sob oposição ou mesmo sob perseguição, auferiram coragem deste relato de inabalável confissão sob pressão.

Embora João com certeza **não negou** a fé, como veremos mais adiante (v. 29-34), ele achou necessário o preparo, para sua afirmação positiva de Cristo, por meio de uma negação tríplice de si mesmo, que é progressivamente mais enfática (literalmente: "Eu não sou"... eu não... não!). Ao negar ser **O Cristo**, **Elias** ou o **profeta**, João contribuiu enormemente para a dissociação de sua pessoa de qualquer figura escatológica esperada ao fim do tempo. Muitos judeus ansiavam não só pelo **Cristo**, como o filho ungido de Davi (Is.9:2-7; 11:1-9), mas por **Elias** (Mal. 4:5,6) e pelo **profeta** mosaico (Deut. 18:15, 18). Estas duas figuras veterotestamentárias tinham deixado este mundo em situações inusitadas (II Reis 2:9-12; Deut. 34:5-12) e se esperava que retornassem antes ou durante a nova era (cf. Mar. 8:28; 9:4).

João repudiou qualquer conexão com estas três figuras, destes atores principais do teatro messiânico. De modo insistente, ele desviou a atenção de sua pessoa ("Quem és?"), não porque as perguntas não tivessem importância, mas simplesmente para que as pessoas atentassem para a elevada posição indicada por estes títulos. Como testemunha, o papel de João não era o de receber (v. 19-28), mas o de dar títulos (v. 29-34)!

Depois de negar as três propostas da delegação judaica (v. 19-21), João aproveitou suas insistentes perguntas (v. 22 e 25) para fazer três distinções acerca do seu ministério. (1) João mesmo não era o "Verbo" do Senhor, mas apenas uma **voz** ou porta voz das Escrituras (Is. 40:3), convocando o povo para preparar uma estrada reta para a chegada de Deus. (2) Ademais, ele batizava somente **com água**, que não passava, obviamente, de um rito exterior e antecipador, como uma espécie de purificação, que os sacer-

dotes e levitas usavam nos cultos do Templo. (3) Finalmente, ele **não** era **digno**, sequer, do trabalho próprio de um escravo, de desatar a **correia** da **alparca**, do Messias oculto, quando ele aparecesse em glória.

2) O Testemunho Positivo Sobre Jesus (1:29-34)

29 No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. 30 Este é aquele de quem eu disse: Depois de mim vem um varão que passou adiante de mim, porque antes de mim ele já existia. 31 Eu não o conhecia; mas, para que ele fosse manifestado a Israel, é que vim, batizando em água. 32 E João deu o testemunho dizendo: Vi o Espírito descer do céu como pomba, e repousar nele. 33 Eu não o conhecia, mas o que me enviou a batizar em água, esse me disse: Aquele sobre quem vires descer o Espírito, e sobre ele permanecer, esse é o que batiza no Espírito Santo. 34 Eu mesmo vi e já vos dei testemunho de que este é o Filho de Deus.

João não era negativo acerca de si mesmo, por causa de um senso exagerado de modéstia, mas por causa de ter algo mais importante a dizer sobre Jesus. As negativas do primeiro dia, no versos 19-28, são agora equilibradas pelas afirmações do segundo dia nos versos 29-34. O forte sentido de uma dramática revelação nova é evidenciada pela ausência de qualquer referência geográfica local (em contraste com o v. 28) e pelo uso repetido de termos para uma revelação visível: João **viu** Jesus vindo, e gritou: **Eis aí**. Ele batizava com água, através do que Jesus poderia ser **revelado a Israel.** Ele **viu** (literalmente, "notou" ou "observou") o Espírito descer como Deus prometera. Por último, a base para todo o testemunho de João residia sobre sua solene insistência: **Eu vi** (v. 34).

O conteúdo desta visão foi resumido numa série de afirmações positivas, que equilibraram as negativas dos versos 19-28. A primeira delas, o **Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo** (v. 29), ilustrou a fusão de vários temas teológicos do Velho Testamento como aplicados ao ministério de Jesus pela reflexão cristã antiga.

No judaísmo, o cordeiro ou um animal semelhante, como a cabra — era: (1) o principal culto sacrificial na oferta queimada diária (Êx. 29:3-42) e em muitas ocasiões especiais (Núm. 28,29; Lev. 1-7); (2) a vítima que carregava os pecados do povo no Dia da Expiação (Núm. 29:7-11; Lev. 16:20-22); (3) ritualmente morto, assado e, então, comido na celebração pascoal (Êx. 12:1-11); (4) o símbolo do silencioso Servo sofredor, que carregava as ofensas do povo e o pecado de muitos (Is. 53); (5) o carneiro apocalíptico, que conduziria vitoriosamente o rebanho de Deus (Enoque 90:38; Testamento de José 19:8).

Uma visão diversificada do cordeiro estava bem presente em todas as três grandes tradições subjacentes ao ministério de João: a cúltica, a profética e a apocalíptica.

Em todas estas variações de uso judaico, entretanto, é importante observar que nenhuma delas dá o antecedente preciso de um **cordeiro (amnos)** que **tira o pecado do mundo**. Jesus cumpriu muitas das funções espirituais simbolizadas pelo cordeiro no Velho Testamento, embora a todas transcendesse. Ele era o Servo que sofria como um cordeiro (At. 8:32-35), o verdadeiro sacrifício da Páscoa (I Cor. 5:7), a oferta sem mácula (I Ped. 1:19) e o líder morto, mas vencedor (Apoc. 5:6,12; 7:14,17; 17:14; 22;1,3). Não podemos determinar agora quantas destas visões foram reunidas em torno do conceito no pensamento do próprio João. Possivelmente, o evangelista pretendia elevar a alusão pascoal ao centro de sua reflexão (cf. 19:36 e Êx. 12:46). O leitor cristão instruído que considera o Velho Testamento e celebra a Ceia do Senhor é herdeiro de todos os múltiplos significados que pertencem a este rico símbolo.

A segunda confissão de João (v. 30) era reminiscência de um dito já lembrado

no prólogo (v. 15). Embora o judaísmo aceitasse sem problemas que qualquer **homem** que viesse **após** um líder religioso tornava-se seu subordinado, João insistiu que entre seus seguidores estava um que lhe era, como sempre fora, superior, **antes** dele, no tempo e em dignidade. Consciente de seu próprio papel limitado, como testemunha, João estava também convencido de que Deus enviara alguém maior, antes que ele ou outra pessoa soubesse de quem se tratava.

A terceira e mais importante confissão (v. 31-33) centralizava-se no relacionamento de Jesus com o Espírito, pois só o Espírito poderia revelar o Messias oculto já presente. Apesar de sua vocação profética, **João não o conhecia**, nem podia com o seu **batismo simplesmente com água** fazer com que Jesus fosse revelado a Israel (v. 31). Qualquer ritual externo, mesmo de origem divina, é de valor limitado sem a ação concomitante do Espírito. João, todavia, preferiu a promessa de que um dia veria a carne e o espírito permanentemente unidos e nessa esperança ele batizou fielmente com água, até que o Espírito **descesse** de forma tão real como uma pomba, a voar e repousar sobre Jesus. Este **repousar** do Espírito (cf. 3:34) significou que aquele que tinha vindo batizaria (ministraria) não com água, mas **com o Espírito Santo. O** dom do Espírito Santo era a marca distintiva da nova dispensação, a ser inaugurada por Jesus (cf. 3:5-8; 3:34; 4: 23,24; 6:63; 7:37-39).

A confissão final, de que Jesus era o **Filho de Deus**, pode significar não outra grande afirmação de João, mas apenas seu testemunho sobre a voz celestial ouvida no batismo de Jesus, que autenticava este como o "Filho amado" (cf. Mat. 3:17; Mar. 1: 11; Luc. 3:22). Uma importante variante textual substitui o **Filho** por "o Eleito" (ou o Escolhido), talvez como um antigo esforço por tornar mais explícita a relação de Jesus com o Servo na descida do Espírito, no seu batismo (Is. 42:1).

2. O Testemunho dos Primeiros Discípulos (1:35-51)

Esta seção desenvolve, em três segmentos, o tema central de um testemunho, que penetra todo o trecho (1:19-51). Primeiro, nos versos 35-37, o testemunho de João, dado anteriomente no verso 29, é cuidadosamente repetido, com a transição fundamental para uma nova série de confissões, que se seguem. Segundo, nos versos 34-49, um grupo de discípulos ultrapassa o trabalho preparatório do Batista, ao expressar sua aliança sob a base de uma ligação pessoal com Jesus. Finalmente, nos versos 50 e 51, o próprio Jesus profere o testemunho maior, acerca do futuro com ele, reservados aos seus novos seguidores.

Desse modo, esta unidade se divide em duas partes iguais (v. 35-42; 43-51), que se constituem na realidade de ciclos paralelos, que descrevem como dois pares de discípulos mencionados, junto com uma pessoa cujo nome não é mencionado, vêm a Jesus. Esta seqüência é tremendamente semelhante a Marcos 1: 16-20, onde primeiro Simão e André, depois Tiago e João, foram chamados para seguir a Jesus. Estas apresentações estão na raia do método inalterado de Jesus em fazer adeptos e mostrar, de maneira a mais simples possível, os componentes básicos de um compromisso cristão. É como se a narrativa dissesse: em várias situações, foi esta a forma pela qual Jesus se tornou Senhor dos homens.

1) André e o Outro Discípulo (1:35-42)

35 No dia seguinte João estava outra vez ali, com dois dos seus discípulos 36 e, olhando para Jesus, que passava, disse: Eis o Cordeiro de Deus; 37 aqueles dois discípulos ouviram-no dizer isto, e seguiram a Jesus. 38 Voltando-se Jesus e vendo que o seguiam, perguntou-lhes: Que buscais? Disseram-lhe eles: Rabi (que, traduzido, quer dizer Mestre) onde pousas? 39 Respondeu-lhes: Vinde, e vereis. Foram, pois, e viram onde pousava; e passaram o dia com ele; era cerca de hora décima. 40 André, irmão

de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram João falar, e que seguiram a Jesus. 41 Ele achou primeiro a seu irmão Simão, e disse-lhe: Havemos achado o Messias (que, traduzido, quer dizer Cristo). 42 E o levou a Jesus. Jesus, fixando nele o olhar, disse: Tu és Simão, filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro).

Depois de ter dirigido um testemunho geral ao seu povo, Israel, João oferece o mesmo testemunho, dirigido agora especificamente aos seus discípulos. É raro alguém demonstrar uma convicção segura às massas e logo abrir mão voluntariamente de seus adeptos. João, entretanto, não titubeou em desmantelar o seu movimento, em franca expansão, que lhe dera fama e seguidores (cf. 3:22-30). Foi uma marca de eficácia (de João como testemunha, o fato de que dois discípulos seus ao **ouvirem** ele falar **seguiram a Jesus**. Logo estes atribuíram a este os muitos títulos e grande honra que João recusara para si (cf. v. 20 e 41).

Note-se o cuidadoso equilíbrio entre a iniciativa divina e humana, no encontro de Jesus com seus dois primeiros discípulos. Do lado humano, **dois discípulos** de João agiram com decisão, depois de ouvirem o seu testemunho e **seguiram** a Jesus, num esforço por descobrir onde ele, um **Mestre** itinerante, habitualmente ficava. Ao mesmo tempo, o impulso inicial que receberam de João (v. 37) radicava-se, em última instância, na revelação de Deus a ele (v. 33), representando, assim um sinal divino. Ademais, Jesus respondeu à sua pergunta com um convite, **Vinde e vereis**, que lhes soou tão cativante que aceitaram de imediato, embora já fosse tarde (a décima hora situa-se por volta das 16 horas).

Quando a corrente viva das testemunhas começou a crescer, o mesmo equilíbrio entre a iniciativa divina e a humana se manteve de forma cuidadosa. A **primeira** coisa que **André** fez foi compartilhar, com seu **irmão Simão**, o grande "eureka" do evangelismo cristão: **Havemos achado!** Este discípulo protótipo decidiu tornar-se voluntariamente, em conseqüência do seu encontro com Jesus, uma testemunha. Ele **encontrou** imediatamente o seu irmão carnal, porque já havia encontrado seu líder espiritual (**Messias** é a palavra hebraica, e **Cristo**, a palavra grega equivalente, para referir alguém designado, por unção, para uma missão especial). A palavra-chave achado (v. 41, 43, 45) evidencia uma singular experiência, em que todos os esforços despendidos em descobertas humanas são associados ao reconhecimento da dádiva completa, que fora colocada "lá" por Deus, para ser descoberta.

André tinha já aprendido, com João Batista (v. 36 e 37), que dar testemunho de Cristo jamais era tarefa completa, enquanto o ouvinte, além de ser testemunha, não houver sido conduzido à realidade viva descrita por seu testemunho. Assim, ele não só compartilhou sua descoberta com Simão, mas também o **levou a Jesus**. Possivelmente, não foi fácil, para este obstinado pescador, aceitar o fato espetacular de que seu menos agressivo irmão, André, havia encontrado a suprema esperança dos séculos. Além do mais, entusiasmos messiânicos equivocados aconteciam com freqüência na Palestina.

Não obstante, quando Simão concordou em vir e ver por si mesmo, Jesus não o elogiou por sua resposta, mas, antes, **olhou para ele** com um olhar penetrante e lhe deu um novo sentido de identidade, na troca do seu nome. Antes ele se definia em termos do passado, como o **filho de João**. Agora iria compreender sua personalidade em termos do futuro: **Tu serás chamado Cefas**. Esta palavra aramaica, traduzida para **Pedro** do grego, não era um nome próprio muito usado, mas um apelo forte que anunciava Simão como um discípulo que se tornaria um "homem-rocha" (cf. Mat. 16:18).

Novamente, aqui, a reciprocidade da graça e da fé apresenta-se com clareza. Simão veio a Jesus como conseqüência da iniciativa de André. Jesus, por seu lado,

respondeu com a dádiva inesperada de uma nova identidade, para alguém que procurava tão ansiosamente por ele. Esta reciprocidade de tratamento, no encontro divino-humano, caracteriza todo verdadeiro evangelismo.

2) Filipe e Natanel (1:43-51)

43 No dia seguinte, Jesus resolveu partir para a Galiléia, e, achando a Filipe disse-lhe: Segue-me. 44 Ora, Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro. 45 Filipe achou a Natanael, e disse-lhe: Acabamos de achar aquele de quem escreveram Moisés, na lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José. 46 Perguntou-lhe Natanael: Pode haver coisa boa vinda de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem e vê. 47 Jesus, vendo Natanael aproximar-se dele, disse a seu respeito: Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo! 48 Perguntou-lhe Natanael: Donde me conheces? Respondeu-lhe Jesus: Antes que Filipe te chamasse, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira. 49 Respondeu-lhe Natanael: Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és Rei de Israel. 50 Ao que lhe disse Jesus: Porque te disse: Vi-te debaixo da figueira, crês? coisas maiores do que estas verás. 51 E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem.

Ao deixar o cenário da Judéia, onde João batizava (1:28), Jesus decidiu viajar pelo norte, para **a Galiléia**, um território amplamente pagão, sobre a periferia da Palestina judaica (o nome Galiléia significa literalmente "círculo dos gentios" ou "distrito de estrangeiros"). Lá encontrou **Filipe**, um judeu de nome grego e procedente de **Betsaida**, cujo berço estava numa cidade fortemente helenizada, sobre a margem norte do Mar da Galiléia. Talvez Jesus tivesse sido levado a Betsaida (literalmente, "casa do pescador"), por ser a **cidade de André e Pedro**. De qualquer modo, encontraria lá cidadãos cosmopolitas, capazes de fazer a mediação entre os mundos judaico e o grego (cf. 12:20-22).

A chamada de Filipe, como registrado aqui, foi reduzida ao seu elemento mais essencial: **Segue-me**. Esta frase consta também no âmago da chamada ao compromisso, nos Evangelhos Sinópticos (exemplo: Mar. 1:17; 2:14; 8:34; 10:21). Ela define discipulado em termos mais relacionais do que intelectuais, emocionais ou funcionais. Não foram oferecidos a Filipe uma idéia para refletir, uma palavra de ânimo para experimentar ou uma tarefa para executar, mas uma pessoa a quem obedecer. Em lugar da lei das Escrituras Sagradas ou do ritual do Templo santo, Jesus ousou identificar-se como a fonte da orientação para Deus. Além do que, seus convites tomavam o futuro em conta. Seguir implica em uma peregrinação livre e dinâmica, não numa posição fechada e estática. O cristianismo não é um lugar para permanecer, mas uma estrada para se caminhar num belo companheirismo com o "Líder" da vida (cf. At. 3:15; Heb. 12:2).

A relação com Jesus, entretanto, não tira uma pessoa do mundo, mas a envia com a responsabilidade de testemunhar aos outros. Assim, **Filipe** logo **achou a Natanael**, um judeu das proximidades de Caná da Galiléia (21:2), conhecido de nós apenas no Quarto Evangelho e que compartilhava, com ele, da fé de um grupo de discípulos em formação. Filipe diria: **Nós o havemos encontrado**, porque Jesus achara primeiro Filipe. O conteúdo do depoimento que identificou Jesus como **aquele de quem escreveram Moisés, na lei, e os profetas** pode ser uma alusão específica ao profeta mosaico descrito em Deuteronômio 18:15-18 (cf. Deut. 34:10), embora seja mais comum apenas apresentar Jesus como o cumprimento de todo o Velho Testamento.

A identificação da esperança bíblica preferida com um homem **Jesus**, conhecido apenas como **o filho de José**, da obscura vila **de Nazaré**, inspirou Natanael para a réplica incrédula: **Pode haver coisa boa vinda de Nazaré?** Uma vez que a rivalidade entre as cidades era proverbialmente forte, Natanael pode ter reve-

lado institivamente o desprezo de Caná pela vizinha Nazaré. Mais provavelmente, porém, reagiu como um estudioso sério das Escrituras, que sabia que nenhum **filho de José de Nazaré**, fora antecipado nas promessas das Escrituras (cf. 7:41,52). De qualquer modo, a resposta de Filipe possibilitou uma resposta direta, sem o preconceito prejudicial ou o literalismo bíblico: **Vem e vê**.

A estratégia de Jesus mostrou-se mais interessante do que a de Filipe. Tão logo viu Natanael **aproximar-se dele**, ele o elogiou, este que era exatamente aquele que desprezara suas origens: **Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo**! Esta imagem do modelo do judeu piodoso confrontou Natanael com o mais profundo sentido de sua identidade, com o estilo de vida que tão insistentemente buscava igualar. Não é de admirar-se, então, que, diante de revelação tão fantástica, de seus próprios anseios, tenha exclamado: **Donde me conheces**? (cf. 2:25)

A chave desta claravidência era algo que Natanael desejava muito. Jesus pôde identificá-lo como a verdadeira incorporação da religião veterotestamentária, porque o **viu debaixo da figueira**. Esta referência, seja estendida num sentido literal ou simbólico, tratava das condições espiritualmente ideais para o estudo da lei de Deus (Miq. 4:4; Zac. 3:10). Jesus atribuiu um significado extremo a um estudo sincero das Escrituras por aqueles que buscavam com sinceridade o reino messiânico da paz (cf. 5:39,46).

Jesus tinha compreendido e atingido de modo tão perfeito os profundos anseios de lealdade de vida de Natanael, que a dúvida neste, deu lugar à fé confessada assim: **Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és Rei de Israel**. As origens terrenas foram esquecidas, como se Jesus estivesse num contexto inteiramente novo. Foi ele, então, visto não como **procedente de Nazaré**, mas como alguém **de quem escreveram Moisés, na lei, e os profetas**. Não era mais visto como **o filho de José**, uma referência possivelmente ridicularizadora (cf. 6:42; 8:19,41), mas com **o Filho de Deus**, um título relacionado, no Velho Testamento, com **o Rei de Israel** (Sal. 2:7). Para Natanael, Jesus tornou-se o grande mestre (**Rabbi**), com quem estudaria as Escrituras **debaixo da figueira**, e o Messias real, que inauguraria uma nova era de paraíso, em que a "árvore do conhecimento" floresceria.

A confissão feita por Jesus foi ainda mais supreendente do que a exaltada exclamação de Natanael. Agora que o mestre estava certo da adesão total dos seus discípulos, poderia conduzí-los para além dos fundamentos judaicos, sobre o qual a sua fé primeiro se baseara. Pois na realidade, ele não veio apenas para cumprir o Velho Testamento, conforme interpretado pelo pensamento judaico contemporâneo, mas para realizar **coisas maiores do que estas**.

Aqui, como em Cesaréia de Filipe (Mar. 8:29,31), Jesus se opôs a uma interpretação típicamente judaica, de sua missão, compreendida em termos de um messianismo político, que substituira o conceito mais espiritual do **Filho do homem**, desenvolvido na última parte do Velho Testamento. Mais ainda, ele relacionou este título com a conhecida história do sonho de Jacó, em Betel, em que, por uma escada que tocava os céus, os **anjos de Deus subiam e desciam** (Gên. 28:12). Uma diferença decisiva, no entanto, está na afirmação de que o **Filho do homem** era a própria escada. Jesus se apresentou como o canal pessoal da revelação entre Deus e o homem.

Para os discípulos, o ponto crucial desta apresentação estava na promessa, duas vezes repetida, **vereis**, mais tarde reforçada pela solene fórmula introdutória, **Em verdade, em verdade**. Não se tratava de uma "volta a Betel", experiência na qual todos os verdadeiros israelitas, como Natanael, eram convidados a sonhar os sonhos dos patriarcas antigos. Ao contrário, a afirmação era que sua peregrinação futura de discipulado,

que fora apenas um sonho para Jacó, se transformaria em realidade visível para eles. Não era mais necessário esperar muito. Como indica o versículo seguinte (2:1), somente três dias depois eles começaram a perceber que os **céus** tinham-se **aberto** permanentemente e foram unidos à terra na pessoa de Jesus. Esta idéia de Jesus, como o elo aberto entre céus e terra, como aquele que tornou realidade os sonhos do passado, domina o resto do Evangelho, particularmente o "livro dos sinais". Desse modo, 1:51 serve, na realidade, como um texto para tudo que se seguirá nos capítulos 2 a 12.

Primeira Parte: O Livro dos Sinais 2:1-12:50

O Evangelho de João se divide em duas grandes partes, capítulos 2 a 12 e 13 a 20, servindo o capítulo 1 como introdução e o 21 como conclusão. Esta estrutura literária corresponde ao duplo movimento teológico do Evangelho, que descreve a "descida" e a "subida" do **Logos** encarnado, numa "parábola de redenção" entre os céus e a terra. A primeira parte ocupa-se do mistério público de Jesus ao velho Israel, enquanto, a segunda, trata fundamentalmente de seu ministério particular ao novo Israel (cf. o sumário, em 1:11,12).

João, capítulos 2 a 12, diferentemente dos Sinópticos, centraliza as atividades de Jesus no sul de Jerusalém, e não no norte de Cafarnaum. A conseqüência disso é o aumento das diferenças entre os dois relatos, o que é melhor entendido se aceitar-se que João trabalhou, basicamente, a partir de fontes da Judéia, ao passo que os Sinópticos usaram, em sua maioria, material proveniente da Galiléia.

Os dois enfoques não se completam nem se contradizem propositalmente, mas seguem linhas bem independentes. João, capítulos 2 a 12, por exemplo, coloca Jesus num cenário mais cosmopolita e urbano, em luta contra a hierarquia da burocracia judaica, enquanto os Sinópticos apresentam-no num cenário mais provinciano e rural, envolvido com os líderes locais da religiosidade judaica popular.

Em sua sequência literária, João, capítulos 2 a 12, parece ter surgido de um núcleo de histórias de milagres reunidas numa "fonte de sinais". Pelo menos é o que sugere a enfática enumeração dos sinais em 2:11 e 4:54, como também as insistentes referências a milagres em 1:50,51 e em 20:30,31 (cf. 12:37), principalmente se esses versículos originalmente prefaciaram e concluíram tal fonte. Muito embora João, capítulos 2 a 12 incluísse menos relatos de milagres do que qualquer registro sinóptico, eles são apresentados numa forma literária e teológica elaborada não vista em nenhuma parte dos outros Evangelhos.

Muitos comentaristas acham que os sinais, nos capítulos 2 a 12, se tornaram mais comoventes por terem sido reduzidos a sete, número que, na mentalidade bíblica, geralmente significa plenitude. Podemos, então, apresentar os sete sinais: a transformação de água em vinho (2:1-11), a cura do filho do oficial (4:46-54), a cura do homem paralítico (5:1-9), a multiplicação dos pães (6:1-15), a caminhada sobre o mar (6:16-21), a devolução da vista a um homem cego de nascença (9:1-7) e a ressurreição de Lázaro (11:1-44).

No entanto, a palavra sinal (**sēmeion**) não é referida em dois desses episódios (5:1-9; 6:16-21), ao passo que o plural sinais (**sēmeia**) é usado em vários outros acontecimentos (2:23; 3:2; 6:2; 6:26; 7:31; 9:16; 11:47; 12:37). Assim, de duas uma: ou o número exato de sinais não teve qualquer importância ou estes sete sinais foram desenvolvidos de uma fonte mais antiga e mais simples, que se referia genericamente a muitos sinais.

O conteúdo de João, capítulos 2 a 12, indica a recusa judaica do Messias, em três estágios sucessivos. Primeiro, os capítulos 2 a 4 sintetizam a boa recepti-

vidade que teve como portador dos poderes da nova era (2:11,23; 3:2,26; 4:1,45,53). Depois, nos capítulos 5 a 10, a entusiástica, embora superficial aceitação, muda para um tom de opinião conflitante e de hostilidade profunda (5:16,18,43; 6:41,52,66; 7:1,12,13,19, 20,25,30-32,43,44,48; 8:13,37,59; 9:16, 22; 10:19,21,31,39). Finalmente, nos capítulos 11 e 12, o ritmo da apologética se acelera rapidamente, até que uma decisão irrevogável é tomada, para destruir Jesus, e se completa a ruptura entre ele e Israel (11:8,16,50,53,54,57; 12: 7,24,33,37,42,48). Em nenhum lugar do Novo Testamento se analisa de modo tão profundo como aqui a dinâmica da decisão e a ironia da rejeição. Embora de perspectiva diferente, o problema aqui é o mesmo que angustiou Paulo, de acordo com Romanos 9 a 11: Por que a religião se coloca, às vezes, como o maior obstáculo para a fé em Cristo?

I. A Chegada do Revelador (2:1-4:54)

Todos os Sinópticos começam com uma elevada introdução teológica, seguida de uma seção geral, sobre o poderoso início do ministério público de Jesus (cf. Mat. 4:23-9:34; Mar. 1:14-45; Luc. 4:16-44). Todos concordam em que o começo na Galiléia foi bem sucedido, embora não tenha estado ausente um tom de incompreensão. O Evangelho de João levou este modelo de apresentação a um clímax, ao seguir, sua majestosa introdução (1:1-51), com um claro relato (2:1-4:54) da nova era anunciada por Jesus. Esta última seção serve como um comentário vivo a 3:17. A oferta inicial de Deus, ao homem, é a salvação, e não a condenação. A primeira palavra do Evangelho é sempre graça, e não juízo. A rejeição de Jesus, mostrada nos capítulos 5 a 12, foi essencialmente uma conseqüência da resistência humana à oferta de uma nova maneira de viver, apresentada nos capítulos 2 a 4.

Do ponto de vista da forma, 2:1-4:54 é uma das seções mais cuidadosamente organizadas do Evangelho. Ela começa (2:1) e termina (4:54) propositadamente na Galiléia, o que pode evidenciar o conhecimento do enfoque sinóptico. Os relatos de abertura e conclusão em Caná servem como grampos que permitem à seção inteira formar uma unidade literária. Entre eles estão quatro outros incidentes, localizados em Jerusalém, Judéia e Samária. A rápida sucessão de seis narrativas é prevista para dar um impacto ainda maior, na intenção de confrontar o leitor com uma ilustração abrangente da era agora manifesta. Em todos os casos, o dramático relato da obra redentora de Jesus é alternado com uma palavra interpretativa, pelo evangelista, que procura dar, ao leitor, uma oportunidade de pausa para reflexão (cf. 2:11,12; 2:21-25; 3:16-21; 3:31-36; 4:43-45; 4:54).

O propósito de 2:1-4:54, na estrutura do Evangelho, pode ser compreendido com base em sua relação com a seção preparatória que a antecede (1:19-51). Lá, a **pessoa** de Jesus foi elucidada pela atribuição, a ele, de dez títulos muito comuns na evolução do Velho Testamento e na devoção dos primeiros cristãos. Aqui, a **obra** de Jesus é resumida em seis narrativas altamente simbólicas, que relembram a forma como ofereceu, ao judaísmo, as profundas realidades espirituais, antecipadas por sua velha religião. Um sentido de plenitude perpassa toda a seção.

É muito interessante, porém, que estes sinais da consumação da esperança de Israel não vieram de forma catastrófica, como muitos judeus supunham que viriam, mas lhes abriram os olhos da fé. Em todas as seis partes desta seção, a fé é apontada como ponto crucial da resposta humana à atividade salvadora de Jesus (cf. 1:7,12).

Em Caná, os discípulos não se alegraram com a nova porção de vinho, mas "**creram nele**", que isto fizera (2:11).

A purificação do Templo só teve razão de ser, para eles, depois da ressurreição, quando "**creram** na Escritura, e na palavra que Jesus havia dito" (2:22). Nicodemos foi desafiado a **crer** nas "coisas celestiais" (3:12), isto é, a ter fé naquele que "desceu do céu, o Filho do homem" (3:13), pois somente aquele que "nele crê tem a vida eterna" (3:15; v. 16,18). João Batista insistiu que seus seguidores transferissem sua lealdade para Jesus, e este apelo foi reafirmado pela declaração de que "aquele que crê no Filho" já se livrou da ira de Deus (3:36). Jesus segou uma generosa colheita humana quando "muitos samaritanos... **creram** nele", quer pelo testemunho de uma mulher ou de sua própria palavra (4:39-42). Como um oficial "**creu** na palavra que Jesus lhe dissera" (4:50), seu filho foi salvo da morte, gerando grande fé (4:53).

Esta singular concentração sobre fé no clímax de cada unidade mostra a importância da fé para a salvação e seu caráter essencial de abertura obediente para os poderes da nova era, agora manifestada no ministério de Jesus.

Mais do que isso, esta fé é descrita sempre, em João mais pela forma verbal (**pisteuein**) do que pelo substantivo (**pistis**), nunca usado. Isto significa que o ato de crer é visto fundamentalmente como uma resposta mais ativa do que uma atitude imutável. É isto que explica por que a fé é freqüentemente apresentada com um processo, em João, capítulos 2 a 4.

Segundo a resposta da fé em Caná (2:11), os discípulos só passaram a compreender o significado da purificação do Templo depois de um longo processo de reflexão e de estudo bíblico (2:17,22). Nicodemos foi convidado a passar da fé nas coisas terrenas para a fé nas coisas celestiais (3:12). João Batista procurou diminuir a dedicação para consigo mesmo e aumentar a dedicação para com Jesus (3:22,23,26,30; 4:1). A mulher samaritana e seus compatriotas chegaram, depois de vários momentos, a uma fé profunda (4:15,19,29,39,42). Finalmente, os últimos três níveis de fé são identificados na história do oficial de Cafarnaum (4:48,50,53).

Isto não quer dizer, entretanto, que a fé seja sempre incompleta, uma tentativa feita na intenção de mostrar que a verificação de que a relatividade da existência humana jamais poderá ser estabelecida. Antes, como 1:35-51 claramente evidencia, a fé pode surgir como uma convicção absoluta, mesmo quando estiver longe da maturidade. Assim como o verdadeiro casamento envolve a promessa de votos irrevogáveis, por duas pessoas cujo crescimento em direção a uma entrega mútua e amadurecida já começou, o discipulado se baseia na fé entendida como obediência total e como franqueza completa. É por isso que a ênfase sobre a fé, como um início decisivo, em João, capítulo 1, deve ser sempre equilibrada com a ênfase sobre a fé, como uma peregrinação interminável, em João capítulos 2 a 4.

1. A Nova Alegria (2:1-12)

A referência a "Três dias" (2:1), no início desta passagem, faz a ligação com a seção anterior. Lá, Jesus tinha reunido um grupo de seguidores, que confessaram crer que a esperança messiânica de Israel se cumpria nele (1:36,41,45,49). Dificilmente compreenderiam eles, no entanto que este processo começaria em apenas "três dias", uma expressão bíblica usada para indicar um curto período de tempo (ex. Os. 6:2). Logo depois de Jesus ter garantido, aos discípulos, que veriam "coisas maiores" (1:50), este apocalipse, ou visão dos "céus abertos", começou a ser entendido (cf. Mar. 14:62).

Estamos diante de um primeiro momento do uso criativo da expressão "três dias", para sugerir a rapidez com que Jesus, parecia, que estabeleceria a nova era (cf. 2:19; Mar. 8:31). Esta forma de

expectação iminente esteve presente em todo o seu ministério.

1) O Primeiro Sinal: Água Transformada em Vinho (2:1-11)

1 Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galiléia, e estava ali a mãe de Jesus; 2 e foi também convidado Jesus, com seus discípulos, para o casamento. 3 E, tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não tem vinho. 4 Respondeu-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. 5 Disse então sua mãe aos serventes: Fazei tudo quanto ele vos disser. 6 Ora, estavam ali postas seis talhas de pedra, para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam duas ou três metretas. 7 Ordenou-lhes Jesus: Enchei de água essas talhas. E encheram-nas até em cima. 8 Então lhes disse: Tirai agora, e levai ao mestre-sala. E eles o fizeram. 9 Quando o mestre-sala provou a água tornada vinho, não sabendo donde era, se bem que o sabiam os serventes que tinham tirado a água, chamou o mestre-sala ao noivo 10 e lhe disse: Todo homem põe primeiro o vinho bom e, quando já tem bebido bem, então o inferior; mas tu guardaste até agora o bom vinho. 11 Assim deu Jesus início aos seus sinais em Caná da Galiléia, e manifestou a sua glória; e os seus discípulos creram nele.

A cerimônia festiva de casamento era uma das ocasiões mais importantes e alegres da vida da família judaica. Como os casamentos eram geralmente contratados com bastante antecedência, a minúscula vila de **Caná da Galiléia** deve ter antecipado ansiosamente esta celebração. Sem dúvida alguma, um grande número de amigos e parentes foi convidado, inclusive a **mãe de Jesus**, da vizinha Nazaré. Como os festejos continuassem, ela percebeu a seriedade de um possível transtorno, quando as reservas do selecionadíssimo vinho começaram a escassear. Dirigindo-se ao seu filho, que **também** fora **convidado** e se fazia acompanhar **dos seus discípulos**, ela pediu indiretamente a sua ajuda, ao dizer-lhe que as talhas tinham-se esvaziado (v. 3).

Não há qualquer indicação sobre o propósito ou o espírito deste seu pedido implícito. Não podemos determinar, por exemplo, se foi uma discreta sugestão de que o tempo chegara ou, já que esta narrativa ocupa uma posição, em João, semelhante à da tentação, nos Sinópticos, se pode ter sido um impaciente esforço maternal de encorajar seu filho a exercitar seus notáveis poderes. O ponto importante é a compreensão, por parte de Jesus, que ele e sua mãe pensavam de maneiras completamente diferentes. Isto é indicado por todas as três partes de sua resposta.

(1) Ao dirigir-se a ela como **mulher**, ele não estava sendo grosseiro ou indiferente. O termo poderia significar uma resposta dura, como em 19:26. Antes, ele estava definindo formalmente seu relacionamento, mais que na incrível pergunta sinóptica: "Quem é minha mãe?" (cf. Mar. 3:33). O uso de **mulher**, por um filho, para se referir à sua mãe não tinha precedentes no judaísmo. Em certo sentido, ela teria que perdê-lo como filho, para encontrá-lo como Salvador.

(2) A expressão idiomática, **que tenho eu contigo**? não era um tratamento hostil (cf. Juí. 11:12; I Reis. 17:18; Mar. 1:24; Mat. 8:29), mas servia como uma declaração eficiente de independência, como uma clara alusão de que ela não deveria reivindicar autoridade sobre ele. Sua mãe não devia compreender o que se seguiu meramente como um esforço obediente de um filho em fazer a vontade dela.

(3) Este surpreendente desinteresse foi motivado pelo fato de que sua mãe se preocupava com o estoque de vinho, enquanto Jesus estava absorvido no seu destino vocacional, chamada, aqui, de **a hora que não havia chegado** (cf. 7:30; 8:20; 12:23,27; 17:1). O que fizesse em Caná deveria ter relação — como parte integral — com o ministério que teria seu clímax na cruz.

À luz deste impasse entre mãe e filho, por que Jesus acabou por superar logo sua repulsa e concordar em resolver o problema das reservas de vinho? Este

comportamento aparentemente incoerente faz parte de um significativo modelo, sempre recorrente no Evangelho. Em 7:1-10, por exemplo, os irmãos de Jesus sugeriram-lhe que fosse a Jerusalém; ele recusou a proposta, mas depois foi. Novamente, em João 11:1-7, as irmãs de Lázaro procuraram por Jesus; de início, ele não atendeu, mas logo depois insistiu em fazer a viagem.

Estes não foram momentos de hesitação da parte de Jesus, mas reflexos de sua tríplice disposição: (1) não ser dirigido por pressões humanas, mesmo quando fundadas em necessidades verdadeiras; (2) mas, antes, relacionar seus problemas à sua compreensão da vontade de Deus, e (3), ao mesmo tempo, tratar desses assuntos num nível mais profundo do que poderiam imaginar aqueles que estivessem com problemas. Jesus não se mantinha indiferente diante das indagações, mesmo as mais mundanas ou mesquinhas. Ao contrário, estava interessado em descobrir formas criativas, pelas quais respondesse, a essas indicações, num contexto de redenção.

Neste sentido, Jesus viu, no estoque de vinho, uma oportunidade segura para ensinar, aos seus discípulos, uma verdade fundamental acerca de seu ministério. Com a cooperação graciosa de sua mãe, ele começou por instruir **os servos** a **encherem**, com água, **seis talhas de pedra**, tradicionalmente usadas, pelos judeus, para banhos cerimoniais, a fim de se purificarem de qualquer profanação pagã. Encher estes recipientes **até em cima** deve ser entendido de forma mais simbólica que prática, pois este não era costume então, já que **os ritos judaicos de purificação** requeriam a imersão da parte inferior de ambos os braços na água (o sentido aparente de Marcos 7:3,4).

Embora os discípulos já tivessem ficado intrigados com procedimento tão estranho, seu assombro aumentou quando Jesus ordenou, aos servos, para que **tirassem** a água e a levassem ao **mestre-sala**. Que esta água devia ser tirada de um poço, e não das talhas de pedras, parece evidenciado por três razões, pelo menos: (1) a água originariamente colocada nas talhas possivelmente acabara por ter sido usada antes da hora, pelos convidados; (2) o verbo "tirar" (**antleō**) significa, geralmente, "tirar de um poço", e é usado nesta acepção, neste Evangelho (cf. 4:7,15).[8]

Nesta linha, o simbolismo, indicado por estas estranhas instruções, era coerente e revelador ao mesmo tempo. As talhas de pedra representavam o sistema cerimonial judaico; o fato de serem seis pode também indicar a insuficiência da velha ordem. Jesus, entretanto, não ignorava esta herança, mas, antes, realizou-a (i. é: ao seguirem suas instruções, os servos **encheram as talhas até em cima**). Então, ao servir-se do poço, como uma sétima e derradeira fonte, ele deu aos servos, a oportunidade de prestarem uma decisiva contribuição à festa. Esta não era água estagnada das talhas de pedra, mas água viva, tirada de uma fonte abundante e corrente (cf. 4:14; 7:38, Jer. 2:13). Segundo esta interpretação, Jesus teria querido mostrar, aos seus discípulos, que estava preocupado com a religião judaica, de outro modo, por que encher as seis talhas de pedra? (Note-se o paralelo dos doze cestos cheios, em 6:13). Ao mesmo tempo, procurou indicar que podia ir além do sistema de então, que previa a purificação através de práticas rituais.

A lição final, para os discípulos, teve lugar a seguir. **O mestre-sala provou a água** e descobriu que ela se **transformara em vinho**. Sem nada saber a respeito dos atos de Jesus, ele chamou o noivo de imediato e, ao mesmo tempo que o re-

8 A idéia de que a água tornada vinho foi retirada do poço, e não dos jarros, foi popularizada por B.F. Westcott, em **The Gospel According to St. John**. (London, James Clark & Co., 1958, reimpressão da edição de 1880), p. 37 e 38. Contestaram-na eruditos de renome, como C.K. Barrett, em **The Gospel According to St. John** (London, S.P.C.K., 1955), p. 160.

preendia, parabenizou-o por deixar o melhor para o fim. A partir daí, a desanimada festa recebeu uma nova vida, como conseqüência da transformação operada por Jesus.

Mais importante que a mudança de espírito, na festa de casamento, foi, na verdade, a mudança da fé por parte dos discípulos. Eles entenderam que esta nova alegria, que começava a jorrar em Caná, era apenas um sinal da **glória** (significado divino) do próprio Jesus. Assim, a resposta realmente valiosa que deram não foi o desfrutar do dom, mas o **crer** no doador. Para eles, Jesus era muito mais que "a vida da festa". No gesto simbólico de Jesus, eles viram que um **começo** decisivo ou um novo princípio tivera lugar, pelo que a alegria escatológica da era messiânica se **manifesta**va.

Observe-se que o incidente se concentra totalmente sobre o operador do milagre, e não no milagre propriamente. O texto afirma, de modo simples, que a água se tornara vinho, mas não há informação sobre como isto aconteceu. Jesus também não comentou a forma da operação do milagre. O mestre de cerimônias e o noivo nada compreenderam. O milagre em si ficou à margem do palco, fora dos refletores. Até os **servos sabiam** apenas de onde tinham **tirado a água**. Ao contrário da maioria das histórias de milagres, não houve um reconhecimento público de que uma poderosa operação ocorrera. O relato não interessa pelos métodos usados, para transformar a água em vinho, mas apenas pelos efeitos dessa mudança na fé dos discípulos.[9]

A modéstia com que é tratado o milagre contrapõe-se claramente à história do culto a Dionísio (Baco), em que eram comuns os mais extravagantes anúncios de produção sobrenatural de vinho. No mundo antigo, o comportamento de informar apenas que Cristo transformou água em vinho foi absolutamente singular. As diferenças fundamentais entre o cristianismo e as religiões de mistério estavam no próprio Jesus e na qualidade da fé que ele despertou.

O verdadeiro contexto para se compreender o simbolismo vinho-casamento da história de Caná vem do Velho Testamento e do ministério de Jesus. Três temas dessas fontes se misturaram nesta narrativa de alto sentido teológico.

(1) O vinho estava intimamente ligado à **alegria**, tanto física como espiritual. Na criação, era uma dádiva de Deus para alegrar o coração (Gên. 27:28; Sal. 104: 15; Ecl. 9:7). Quando a terra era devastada e o vinhedo destruído, a alegria trazida pelo vinho tornava-se uma esperança futura (Os. 14:7; Jer. 31:12; Zac. 10:6,7). Na nova era, esperava-se que o Senhor fizesse uma festa de vinho, em sua montanha santa (Is. 25:6). Por isso, Jesus relacionou o reino com um banquete ou uma festa de casamento (Mat. 8:11; 22:1-10; 1-13; 26:29) e seus seguidores com os amigos do noivo (Mar. 2:19; cf. João 3:29). Para tristeza de cada estraga-festa religiosa, ele celebrava abertamente a alegria da salvação de Deus com coletores de impostos e pecadores (Mat. 11:19). Ele derramou vinho novo (Mar. 2:22) e ao mesmo tempo era sua fonte (João 15:1). Em Caná, os discípulos viram que, quando Cristo interveio, os homens foram "surpreendidos pela alegria" (C.S. Lewis).

(2) Relacionado com a ênfase sobre o vinho como alegria, estava o tema próximo da **abundância**. Os profetas em particular anteviram não só o "envio de vinho" como uma dádiva divina (Joel 2:19), mas a sua profusa presença (Joel 2:24), quando as próprias montanhas "destilarão vinho doce" (Joel 3:18; Am. 9:13,14). Uma expressão pouco comum deste tema aparece em II Baruque 29:5,6 onde, no tempo vindouro, quando tudo se consumar" (v. 3), e "o Messias começar a ser revelado" (v. 3), "a terra tam-

9 C.H. Dodd, Historical Tradition in the Fourth Gospel Cambridge, University Press, 1963), p. 223-228.

bém produzirá o seu fruto em dez milhares e em cada videira haverá mil ramos, e todo ramo produzirá mil cachos e cada cacho produzirá mil uvas, e cada uva produzirá **cor** de vinho" (**cor** = 120 galões). Em Caná, o fato de os servos terem voltado ao poço, depois de já terem retirado água suficiente para encher seis talhas, com a capacidade de 80 a 120 litros cada (v. 6), mostra que o novo vinho de Jesus é retirado de uma fonte que jamais se esgota.

(3) À luz destas ênfases sobre a alegria abundante, é de se estranhar que o vinho fosse também associado ao **sofrimento** e à morte. Não somente sua cor sugere sangue, mas sua produção envolve o esmagamento do cacho de uva no lagar. Beber os resíduos amargos do vinho do sofrimento era uma forma de castigo divino (Sal. 60:3; 75:8). Jeremias reuniu esta imagem ao conceito próximo de copo (Jer. 49:12; cf. Is. 51:17,22), para dar à admirável expressão "copo de vinho da ira" (25:15), um quadro vivo da vingança de Deus relacionado ao poema do lagar (Is. 63:1-6).

Jesus compreendeu as conseqüências explosivas de ofertar vinho novo num sistema religioso que era frágil como o velho odre de vinho (Mar. 2:22). Assim como João Batista fora tirado de seus discípulos, Jesus passaria pelo mesmo destino, e a alegria de seus convidados teria um fim abrupto (Mar. 2:20). Em Caná, com receio de que sua mãe supusesse equivocamente, que a nova era da alegria messiânica sobreviria sem dificuldades, Jesus não transformou o vinho até ser lembrado por ela de que sua **hora tinha chegado**, a hora quando o copo seria seu "sangue... derramado por muitos", até a morte (Mar. 14:24). A alegria que irrompeu em Caná teve curta duração, já que era mais a antecipação da alegria duradoura, que Jesus e seus discípulos conheceriam apenas quando bebessem do "vinho no reino de Deus" (Mar. 14:25).

2) A Visita a Cafarnaum (2:12)

12 Depois disso desceu a Cafarnaum, ele, sua mãe, seus irmãos, e seus discípulos; e ficaram ali não muitos dias.

Esta breve notícia histórica estabelece um claro contraste com a elaborada narrativa teológica anterior. Esta referência mundana serve, entretanto, para recordar, ao leitor, que aquele que manifesta sua glória através de obras poderosas (v. 11) não era uma aparição celestial, mas um homem terreno, com **mãe, irmãos e discípulos**, e que vivia em lugares determinados, como **Cafarnaum**. No exato momento em que o caráter sobrenatural de Jesus parecia se evidenciar, o evangelista estava preocupado em dar uma atenção igual à sua historicidade. Vários problemas surgiram desde o início, devido a esta transição editorial; os vários esforços para resolvê-los ficaram refletidos nos manuscritos mais antigos disponíveis.

Primeiro, foram estes apontados aqui como "seus irmãos" (**hoi adelphoi**) carnais, por terem a mesma mãe? (A palavra **seus** é omitida de vários manuscritos e é de leitura difícil) A posição católica romana, da perpétua virgindade de Maria, exige a pressuposição de que eram filhos de um casamento anterior de José ou que eram primos de Jesus por parte de um irmão de José ou uma irmã de Maria. Embora a doutrina da virgindade perpétua de Maria tenha surgido cedo, na história da Igreja, não há evidência para tal afirmação em o Novo Testamento. O quadro uniforme, nos Evangelhos, é que Jesus teve quatro irmãos carnais (Mar. 6:3), que são geralmente mencionados junto com sua mãe Maria (Mar. 3:31) e coerentemente apresentados como não tendo crido nele durante seu ministério terreno. (João 7:5).

Segundo, quem **permaneceu** em Cafarnaum por **não poucos dias**? O "eles" da tradução da Imprensa Bíblica Brasileira traduz uma leitura que inclui mãe,

irmãos e discípulos com Jesus, em sua breve jornada. Outros textos rezam que apenas "ele" permaneceu, implicando que Jesus saiu logo para Jerusalém (2:13), mas que o grupo inteiro não foi com ele. A confusão surge inicialmente de uma comparação com a evidência sinóptica em três pontos: (1) Jesus montou seu quartel-general em Cafarnaum, para um longo ministério galileu, (2) sem sua mãe e seus irmãos, (3) depois de João Batista ter sido preso (Mat. 4:12,13; Mar. 1:14,21,29; 2:1; Luc. 4:23,31). Segundo João, entretanto, (1) ele nunca fez de Cafarnaum a sede de seu trabalho, mas visitou-a uma única vez, (2) com sua mãe e seus irmãos, (3) antes de João Batista ser preso (cf. 3:22-24).

Duas importantes conclusões podem ser tiradas dos dados. Primeiro, o Quarto Evangelho é amplamente independente dos Sinópticos, nos materiais sinópticos usados para apresentar o ministério de Jesus. Depois, como apenas uma pequena porção do material relevante seria usada (20:30; 21:25), a estrutura do Quarto Evangelho é basicamente tópica e teológica, e não cronológica e geográfica. Isto significa que 2:12 pode preservar um pouco de informação histórica, independente do fato de que a família de Jesus estivesse intimamente ligada ao seu ministério, antes de um período de desilusão que se iniciava (cf. 7:5; Marc. 3:21,31). Ao mesmo tempo, este versículo fixa o tempo da permanência de Jesus em Cafarnaum como se localizando apenas na primeira fase do seu ministério.

2. O Novo Culto (2:13-25)

Uma das imagens mais dramáticas e significativas desta seção é sua localização na estrutura geral do plano do livro. No contexto imediato, o ligamento de purificação do Templo com a transformação da água em vinho equilibra admiravelmente os temas dialéticos da alegria e do juízo. Eis um comentário revelador de Marcos 2:22. Em Caná, Jesus derramou o novo vinho da alegria messiânica, enquanto em Jerusalém ele desafiou o velho odre de vinho de um tradicionalismo frágil. É irônico que na pequena Caná, na periferia do judaísmo Jesus tenha encontrado uma resposta obediente, de servos humildes, enquanto, na Cidade Santa, não conseguiu ser ouvido pela alta liderança religiosa. Como resultado, a alegria que nascera de uma simples celebração de casamento não penetrou no pátio do culto. A seqüência, porém, tem sentido: alegria foi a primeira palavra do evangelho, demonstrando mais uma infinita misericórdia do que uma vingança severa no julgamento que se seguiu.

No contexto maior, o lugar dado por João à purificação do Templo, no início do ministério público de Jesus, bem antes da sua entrada triunfal (12:12-19), estabeleceu um claro confronto com a apresentação sinóptica, onde está perto do fim do ministério público, após a entrada triunfal (Mat. 21:1-13; Marc. 11:1-10; Luc. 19:28-46). A hipótese tradicional de duas purificações parece improvável para tão crucial evento, em cujo caso a simples solução de aceitar ambas as datas fica excluída. Não devemos também optar por uma das datas, uma vez que, ao organizarem seus materiais, nem João nem Sinópticos nutriam qualquer preocupação cronológica.

Desse modo, a purificação pode ter sido colocada em lugares diferentes, na narrativa evangélica, segundo estas duas perspectivas, pela mesma razão, isto é, de sublinhar sua importância fundamental. Os Sinópticos colocam o incidente ao final, porque decidiram concentrar todo o ministério de Jesus na semana climática final, e este era obviamente o único contexto em que a atividade no Templo aconteceu. Ao proceder assim, expressaram a convicção de que todo o ministério de Jesus se encaminhava para esta prova decisiva final, que, por sua vez, precipitou a cadeia de eventos relacionados com a cruz. Do

mesmo modo, João colocou este mesmo evento no início, devido à preocupação que sempre temos de dissociar o fim do princípio. No que segue Jesus irá várias vezes a Jerusalém — a maior parte do seu ministério terá lugar aí — e o fim condutor de toda a controvérsia desenvolvida a partir daí será sempre conhecido do leitor, desde este episódio.

Enquanto a história de Caná aponta para a cruz, através da imagem do vinho e da referência à "hora não chegada", a purificação antecipa explicitamente o tempo quando os inimigos de Jesus o "devorarão" (v. 17) e "destruirão" (v. 19). Isto leva a transformar a narrativa do Evangelho numa longa narrativa da paixão. De uma perspectiva, Jesus parece estar constantemente em dificuldade (veja o comentário sobre 1:19-28), enquanto, de outro lado, é o judaísmo que está em julgamento; isto é: Jesus está "purificando" (testando ou peneirando) o velho Israel, para que o novo Israel pudesse emergir. Marcos indica o mesmo ponto, ao principiar seu Evangelho com um ciclo de controvérsias (2:1-3:6), que termina com referência explícita à paixão (3:6). O que todos os Evangelhos estão procurando mostrar é a certeza de que Jesus não morreu por um acidente sem razão, mas que todo o seu ministério foi uma luta entre a vida e a morte, em que seu compromisso, diante dos grandes problemas, acabou por selar seu destino nas mãos daqueles que sabiam muito bem o que ele e eles estavam fazendo.

1) A Purificação do Templo (2:13-22)

13 Estando próximo a páscoa dos judeus, Jesus subiu a Jerusalém. 14 E achou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas, e também os cambistas ali sentados; 15 e, tendo feito um azorrague de cordas, lançou todos fora do templo, bem como as ovelhas e os bois; e espalhou o dinheiro dos cambistas, e virou-lhes as mesas; 16 e disse aos que vendiam as pombas: Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio. 17 Lembraram então os seus discípulos de que está escrito: O zelo da tua casa me devorará. 18 Protestaram, pois, os judeus, perguntando-lhe: Que sinal de autoridade nos mostras, uma vez que fazes isto? 19 Respondeu-lhes Jesus: Derribai este santuário, e em três dias o levantarei. 20 Disseram, pois, os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e tu o levantarás em três dias? 21 Mas ele falava do santuário do seu corpo. 22 Quando, pois, ressurgiu dentre os mortos, os seus discípulos se lembraram de que dissera isto, e creram na Escritura, e na palavra que Jesus havia dito.

Jesus aproveitava as grandes oportunidades históricas para confrontar Israel com seu destino religioso. **A Páscoa** era a maior celebração pública **dos judeus**, que tinha lugar uma vez por ano na primavera, levando multidões de peregrinos devotos a Jerusalém. Numa estação em que a sensibilidade espiritual alcançava seus momentos mais elevados, entretanto Jesus encontrou **nos** recintos exteriores do **templo**, os comerciantes de animais sacrificados, que estavam **vendendo bois, ovelhas e pombos**, bem como os cambistas, que mediante uma taxa, trocavam a moeda romana, com sua odiada imagem de César, por uma moeda tíria, com a qual a taxa do Templo poderia ser paga. Esta atmosfera "comercial", com seu abuso da piedade, em busca de lucro, era tão incompatível com o fervor escatológico de Jesus que ele fez um **chicote de cordas... lançou-os todos para fora do templo.**

A imagem de Jesus com um azorrague em suas mãos é uma das figuras mais provocantes e perturbadoras dos Evangelhos. Os críticos têm distorcido o episódio, dizendo que Jesus perdeu o equilíbrio, apelou para a força bruta, perturbou o culto público e por cima contradisse os mais elementares princípios por que se bateu. Para responder a estas acusações infundadas, precisamos esclarecer três pontos do relato.

Primeiro, o **chicote de cordas** não tem a crueldade do chicote de couro, como o que hoje conhecemos. Como não era permitido, aos fiéis, levar varas ou armas aos recintos do templo, o chicote deve

ter sido improvisado às pressas, materiais disponíveis, nas adjacências, isto é, de talos usados no culto (algo semelhante às palmas bentas atuais de nossos Domingos de Ramos) ou para alimento ou cama dos animais. [10]

Segundo, o texto grego bem representado pela versão da Imprensa Bíblica Brasileira, em que se afirma: "lançou todos fora do templo, bem como as ovelhas e os bois." Jesus afugentou os animais com uma vara ponteaguda e expulsou os homens com uma palavra igualmente pungente: "Tirai daqui estas coisas".

Por fim, Jesus não interrompeu o culto, mas procurou limpar o lugar onde este seria realizado. Como este incidente se deu dentro dos limites do Templo, o comércio deve ter sido permitido na Corte exterior dos Gentios. Nessa área, reservada para o culto a Deus por outras raças, Jesus descobriu que a **casa do meu** (não nosso) **Pai** tinha-se transformado numa **casa de comércio** (literalmente, **empório**). Assim, num ato cheio de sentido escatológico, ele repudiou na base um estabelecimento onde o comércio usurpara o lugar do culto e o sacrifício substituíra a misericórdia universal.

Os **discípulos** ficaram tão chocados com o seu furioso ataque contra o **status quo** eclesiástico, que buscaram a Bíblia, para uma explicação. A pesquisa os capacitou a se **recordarem** de uma passagem, em Salmos 69:9, onde está escrito: "Pois o zelo da tua casa me devorou" Jesus acabara de desafiar a instituição suprema da vida judaica, com um entranhado amor pelo verdadeiro propósito do Templo. Ele não pegou o chicote para conquistar, mas para purificar. Aqueles que nada tinham a ver com o culto foram expulsos, para que ele pudesse ter redescoberto o seu verdadeiro propósito, o de cultivar um zelo real pelo próprio Deus.

A palavra traduzida por devorará referia-se não apenas à intensidade do zelo sagrado interno, mas também a hostilidade que este zelo provocaria externamente (cf. Sal. 69), pelo que ela pode ser traduzida por "destruirá" (conforme, por exemplo, a Nova Bíblia Inglêsa). Jesus não açoitou simplesmente o Templo como seu Senhor (cf. Mal. 3:1; I Ped. 4:17); antes, estava desejoso de ser açoitado e destruído na condição de templo vivo, através do qual a glória de Deus tinha tabernaculado entre os homens (cf. v. 19a.).

Sem o auxílio desta perspectiva bíblica (Sal. 69), **os judeus** não poderiam comprender a purificação, para a qual pediam um **sinal** que legitimasse ato tão arrogante. Em resposta, Jesus inverteu a ordem das coisas, ao dizer-lhes que eles mesmos **destruiriam o Templo**, caso se recusassem a atentar para sua purificação; isto pois, aconteceria se continuassem a fazer da casa de Deus um santuário privilegiado do exclusivismo nacionalista, em lugar de um centro aberto para a evangelização universal. Os judeus tinham acusado Jesus de ameaçar o Templo de Jerusalém, ao passo que ele insistia em dizer que eram as suas práticas que acabariam por levá-lo à ruína.

Nem isto, porém, impediria a realização final dos propósitos de Deus. No curto espaço de **três dias**, em uma enigmática referência à sua obra final de morte e ressurreição (cf. Marc. 8:31), Jesus, numa forma inteiramente nova, iria colocar no seu devido lugar a realidade que os judeus estavam querendo destruir. Através de **seu corpo**, a Igreja, iria transformar-se no centro, em torno do qual todo o culto a Deus deveria ser prestado. Isto significava que a catástrofe humana que sobreviria ao Templo terreno — o que aconteceria em 70 d.C — não interromperia a continuidade

10 A tradução da IBB da **phragellion ek schoinión** para "azourrague de cordas" pode confundir o leitor. **Phragellion** vem do latim **flagellum**, que se refere a um chicote para tanger gado. **Schoinión** é o diminutivo de **schoinos**, que significa "caniço" e se refere a qualquer pequena corda de caniços trançados.

divina da presença de Deus entre os homens (cf. Marc. 14:58; 15: 29-30).

Diante de uma resposta enigmática, de óbvia profundidade espiritual, **os judeus** não encontraram resposta melhor do que uma referência ao seu programa de construção! Herodes, o Grande, planejara uma ambiciosa ampliação do centro nacional de culto, entre 20 e 19 a.C. Desde então haviam passado **46 anos** (tomando-se a data de 26/27), e o projeto total continuava inacabado e não estaria pronto 40 anos depois! Uma comparação deste seu esforço monumental com o breve e insignificante ministério de Jesus, colocava uma questão acerca de um dos últimos temas da religião institucionalizada: poderia um homem que não estivesse imbuído de **zelo** pela casa de Deus fazer **em três dias** mais pela verdadeira adoração do que todo o esforço dispendido por toda uma nação durante **46 anos?**

A resposta a esta pergunta teve que esperar o veredicto da história, dado pelo evangelista a partir de sua perspectiva meio século depois (v. 21 e 22). **O templo** a que Jesus se referia era **o seu próprio corpo**. Na carne, este corpo seria destruído pelos adversários judeus, aniquilando eles assim, o verdadeiro templo onde a glória de Deus residia na terra (1:14). Mas **quando ele ressuscitou dentre os mortos**, a Igreja se tornou o **corpo** de Cristo. Durante os **três dias** de sua morte e ressurreição, Jesus transformou um grupo de discípulos judeus numa comunidade universal, que constituia o próprio **templo**, onde todos os homens poderiam cultuar a Deus sem as limitações que frustravam os elevados propósitos do Templo de Jerusalém (cf. I Cor. 3:16, 17; 6:19,20; II Cor. 6:16; Ef. 2:11-22; I Ped. 2:4-10; Heb. 10:19-22). Ao rejeitarem o zelo purificador de Jesus, os guardiães do Templo escolheram, ao contrário, um caminho que lhes traria a ruína, por mãos dos romanos, em sua própria geração. Pedras não fazem templo, mesmo que tenham sido colocadas cuidadosamente durante 46 anos!

A passagem termina com uma explicação do processo pelo qual os discípulos perceberam o significado maior deste incrível acontecimento. Em síntese, sua fé se firmava numa fusão de "descobertas" de três fontes: (1) **lembraram-se** do que Jesus **dissera** quando ainda vivo;
(2) voltaram ao Velho Testamento, e **creram na escritura** que prepara para esta transformação (exemplos: Am. 5:21-25; Jer. 7:1-15; Ez. 40-48; Is. 2:2-4; 66:1-4);
(3) beneficiaram-se da interpretação do Espírito Santo, recebido **quando ele ressuscitou dentre os mortos** (cf. 14:16,17, 26; 15:26; 16:13,14. Em certo sentido, toda a teologia cristã se baseia numa orientação formada a partir da herança de Jesus, da Bíblia e do Espírito do Senhor ressurrecto.

2) A **Reação à Purificação** (2:23-25)

23 Ora, estando ele em Jerusalém pela festa da páscoa, muitos, vendo os sinais que fazia, creram no seu nome. 24 Mas o próprio Jesus não se confiava a eles, porque os conhecia a todos, 25 e não necessitava de que alguém lhe desse testemunho do homem, pois ele bem sabia o que havia no homem.

Esta síntese editorial faz uma eficiente transição entre o relato da purificação e a história seguinte, de Nicodemos. Ao desafiar o santuário supremo, Jesus conclamou o imo do judaísmo a uma renovação radical. Como, porém, uma religião antiga se livraria das estruturas tradicionais, acumuladas durante um milênio de existência nacional? Esta seria a preocupação central do líder judeu, Nicodemos, para ir ter com Jesus como representante da religião estabelecida. A urgência desta visita foi instigada não só pela tática de confrontação usada por Jesus, no templo, como também pelo apoio popular que tal protesto lhe trouxera: **Ora, estando ele em Jerusalém pela festa da páscoa, muitos... creram.**

Nicodemos, na realidade, refletiu este amplo sentimento público em suas palavras iniciais. Como **muitos creram no seu nome**, ele afirmou que Jesus era digno dos títulos de "Rabi" e "mestre que veio de Deus" (3:2). Ademais, como muitos, vendo os sinais que fazia, creram, Nicodemos também justificou os títulos dados a Jesus, argumentando que "ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele." (3:2).

Mas o próprio Jesus não se confiava a eles, diante de uma fé baseada apenas em sinais. Ele sabia que seria fácil tornar-se um herói popular. Outros tinham conseguido a simpatia das multidões alegres ao protestarem contra a hierarquia aristocrática do Templo, mas ele não se satisfazia com uma fé assim tão superficial. Porque **conhecia** os seus motivos interiores, Jesus não necessitava do testemunho do homem, celebrado dentro dos limites de seus entusiasmos externos. Desse modo, não se impressionou nem com as altas credenciais nem com a confissão de Nicodemos; ao contrário, respondeu, ao seu cumprimento, com um imperativo divino, que tocava em suas necessidades maiores. Como o encontro vai ilustrar, Jesus **bem sabia o que havia no homem**!

A espécie de fé com que **muitos crêem** (v. 23) é entendida como estando entre a verdadeira fé, mostrada pelos discípulos em Caná (v. 11) e a absoluta falta de fé encontrada entre as autoridades do Templo em Jerusalém (v. 18). Este Evangelho interessa-se por distinguir os vários níveis de fé e particularmente em descrever um tipo de fé superficial, despertada pelos sinais que não iam além do seu simbolismo exterior, e então alcançar a substância espiritual interior e reconhecer em Jesus a verdadeira revelação de Deus (cf. 4:45,48; 6:26, 36; 7:3-5).

A clara preocupação de Jesus com a qualidade de fé apresentada serve como corretivo à presunção popular de que qualquer tipo de fé é intrinsicamente boa e, daí, fora do alcance da crítica. Ao dar valor absoluto à ação de Deus e valor relativo à reaçao do homem, este Evangelho dirige-se contra um discipulado temporário, baseado numa fé instável (exemplo: 2:24; 6:66; 7:6-8). Ao mesmo tempo, encoraja os crentes superficiais a procurarem um compromisso mais maduro, centrado no próprio Cristo (10: 37, 38; 14: 10-11; 20:29-31).

3. O Novo Nascimento (3:1-21)

Esta passagem divide-se em duas partes: um diálogo histórico entre Jesus e Nicodemos (v. 1-15) e um monólogo teológico do evangelista (v. 16-22). Embora seja difícil precisar onde uma parte acaba e a outra começa, a Revised Standard Version deve estar certa, ao colocar um parágrafo separando os versos 15 e 16. Neste ponto, as referências a Jesus mudam claramente para o passado e para a terceira pessoa, não fazendo mais nenhuma menção a Nicodemos. Este arranjo ilustra a característica fundamental do Evangelho como uma coleção de eventos históricos únicos, arrolados segundo convicções contemporâneas do autor.

Devido à sua natureza, estas duas partes refletem uma tensão criativa entre a ambigüidade e a grandeza da fé. Na situação histórica concreta (v. 1-15), Nicodemos ilustra, de modo coerente, a ambigüidade da resposta judaica oficial ao ministério de Jesus (cf. o comentário sobre 2:23-25). Embora incapaz de negar a força do impacto exercido por Jesus, sobre o povo, ou a autenticidade de sua motivação, como homem de Deus, Nicodemos resiste em aceitar a radicalidade das exigências de Jesus sobre as instituições sagradas do judaísmo e sobre seu próprio papel como líder dos judeus. Dividido entre esta atração por Jesus (3:2) e suas responsabilidades diante do aparato religioso (cf. 12:42), Nicodemos parecia manifestar uma probabilidade de fé que vagava entre a coragem e o medo (cf. 7:50-52; 19:38,39). Por isso,

jamais ficou claro se ele se tornou ou não um cristão.

Na meditação que se segue (v. 16 a 21), entretanto, não há lugar para uma fé que fique no meio do caminho. A escolha é clara: ou se crê e se alcança a vida eterna (v. 16) ou não se crê e se entra na condenação (v. 18). Os dois parágrafos não se contradizem, e, sim, refletem, antes, duas perspectivas diferentes. Num dado momento histórico, de uma perspectiva humana, a fé pode parecer vaguear, quando examina as evidências e luta contra as forças inimigas. No retrospecto da perspectiva divina, compartilhada pela comunidade de fé, porém, a decisão tomada é vista como tendo conseqüências duradouras. O Quarto Evangelho é profundamente realista, ao falar de como os homens são geralmente confrontados com uma decisão absoluta, que lhes parece, no entanto, uma situação altamente ambígua.

1) O Diálogo com Nicodemos (3:1-15)

1 Ora, havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus. 2 Este foi ter com Jesus, de noite, e disse-lhe: Rabi, sabemos que és Mestre, vindo de Deus; pois ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele. 3 Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus 4 Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer? 5 Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. 6 O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. 7 Não te admires de eu te haver dito: Necessário vos é nascer de novo. 8 O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito. 9 Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode ser isto? 10 Respondeu-lhe Jesus: Tu és mestre em Israel, e não entendes estas coisas? 11 Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testemunhamos o que temos visto; e não aceitais o nosso testemunho! 12 Se vos falei de coisas terrestres, e não credes, como crereis, se vos falar das celestiais? 13 Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem. 14 E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado; 15 para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna.

Em todos os Evangelhos, este diálogo, travado entre Jesus e uma pessoa especificada, é o mais bem desenvolvido de todos. Como Nicodemos é tão claramente identificado, é possível traçar-se uma clara imagem de sua personalidade e do propósito de sua visita. Como **um dos principais dos fariseus**, pertencia à fraternidade mais profundamente religiosa de todo o judaísmo. Como **líder dos judeus**, integrava o supremo organismo jurídico permitido pelos romanos, o Sinédrio, encarregado da liderança espiritual e moral da nação. Como **mestre de Israel**, era um teólogo preocupado com a verdadeira compreensão e ensino da revelação dada por Deus.

Como o relato destaca os grupos nos quais Nicodemos exercia liderança, conclui-se que ele veio visitar Jesus não apenas como uma pessoa isolada, mas como um representante da religião judaíca estabelecida. Não teria sentido investigar a vida de um jovem desconhecido e ignorante, que de repente aparecesse diante de um mestre popular que atraía muitos adeptos (2:23), especialmente depois de sua dramática intervenção nos negócios do Templo (2:13-20). O judaísmo permitia variações nas crenças e práticas individuais, mas não perdoaria um movimento popular que parecia ameaçar os caros fundamentos da vida religiosa institucional (cf. comentário anterior, em 1:19,24).

Não significa isto, todavia, que Nicodemos era necessariamente hostil a Jesus. Há quem sustente que ele veio numa visita de caráter puramente individual, posição reforçada pelo interesse demonstrado por Nicodemos, em outra circunstância (7:50,51; 19:39). As duas abordagens não são incompatíveis, uma vez que Nicodemos pode ter contribuído

para esta situação, ao manifestar especial simpatia pela causa esposada por Jesus. De qualquer modo, Jesus tratou-o como uma pessoa isolada e como alguém profundamente envolvido em desincumbir-se de seu papel de líder.

Diante destas situações tão diferentes, não surpreende ver-se um conflito básico de temperamento entre estes dois homens, refletido em duas expressões contraditórias, que pervadem toda a narrativa.

De um lado, Nicodemos parecia estar preocupado com a arte do possível. Começou por admitir que Jesus **podia** fazer sinais, ao que Jesus replicou que o mais importante era determinar se Nicodemos podia ver ou não o Reino de Deus. De volta com a Palavra, Nicodemos perguntou como **poderia** um homem atender à exigência de nascer de novo se não **poderia** entrar outra vez no ventre de sua mãe. A este dilema, Jesus respondeu que ninguém **podia** entrar no reino, se não nascesse divinalmente da água e do Espírito. A indagação final de Nicodemos caracterizou sua atitude durante toda a entrevista: **Como pode ser isto?** O verbo grego, traduzido por "pode" (**dunamai**), aparece seis vezes, nos versos 2 e 9, como uma marca de um realista prático e cauteloso, se não cético, em todos os esforços humanos em transformar a natureza humana nesta vida.

Por outro lado, ao falar, cheio de autoridade divina, Jesus estava pouco preocupado com a capacidade humana. Diante das perguntas de Nicodemos, com relação ao que o homem pode fazer, ele fixou seu discurso no que Deus pode fazer. Todas as três réplicas se iniciaram pela fórmula solene: **Na verdade, na verdade**, a repetição, em cada caso, servindo para reforçar a afirmação que viria a seguir.

No original, a palavra (amen) [11] é um dos termos mais vigorosos do vocabulário religioso, sendo usado, em hebraico, grego, latim e em muitas línguas modernas, como uma expressão de confirmação de uma verdade enunciada na pregação, na oração ou no louvor. Só que, enquanto nós colocamos o "amém" ao final de nossas convicções mais profundas, Jesus o colocou no início de suas declarações mais graves, indicando, assim, que o que seria dito era divinamente legitimado por sua própria autoridade de porta-voz. Este uso distinto deu, à fórmula, uma força equivalente à da frase profética encontrada no Velho Testamento: "Assim disse o Senhor." Qualquer problema que Nicodemos suscitasse, Jesus atendia com sua plena certeza de que a palavra do Senhor estava sendo revelada através de suas exigências.

Esta diferença fundamental entre os dois homens é ainda mais esclarecida pelo uso que fazem dos pronomes durante o diálogo. A idéia aqui é que Nicodemos falou no plural, como representante dos grupos dirigentes de onde viera: "Rabi, **nós** sabemos." Contra esta teologia do consenso, elaborada pelos líderes do judaísmo, Jesus investiu com um potente singular: "Na verdade, na verdade, (**eu**) te digo". Embora desafiasse Nicodemos diretamente ("Eu **te** digo"), com verdades que qualquer um pode aplicar a si mesmo ("se alguém não nascer"), Jesus ampliou sua fala para incluir toda a liderança religiosa judaica. Isto fica claro na mudança de sua exigência do singular para o plural: "**Vós** (isto é, todos vós) necessitais nascer de novo." Como se dirigia a Nicodemos e, através dele, a toda a comunidade religiosa, Jesus incluiu até o testemunho de seus próprios discípulos, sem afetar, porém, sua autoridade: "Eu **vos** digo: **nós** dizemos o que nós sabemos".

Se esta reconstrução da situação histórica está correta, o episódio de Nico-

11 Para maiores detalhes sobre o **amēn**, confira H. Schlier, em Kittel, TDNT, I, p. 335-338; Joachim Jeremias, **The Prayers of Jesus**, "Studies in Biblical Thealogy", 2d series, 6 (London: SCM Press, Ltd., 1967), p. 112-115.

demos não se limitou a um encontro entre duas pessoas. Antes, envolveu Jesus como líder de um movimento dinâmico de renovação dentro do judaísmo, instando Nicodemos, guardião do aparelho religioso, a introduzir, na vida de Israel, o poder do Espírito, já em operação no seu meio. Esta insistente sugestão não apenas prenunciou a confrontação posterior da Igreja com a sinagoga, mas também antecipou a dinâmica pela qual o povo de Deus seria constantemente chamado ao reavivamento nas diferentes fases de sua jornada. Para ser mais claro, a passagem é de crucial importância para a questão da salvação individual, mas sua aplicação pode ser dirigida também para a transformação da vida religiosa daqueles que são contados entre os líderes do Israel de Deus.

Como diálogo dramático, os versos 1-15 se constróem, com cuidado, em torno de três momentos, todos iniciados por Nicodemos e encerrados por Jesus, tendo como temas: (1) a exigência divina; (2) a dificuldade humana; e (3) o caminho da libertação.

a. O Primeiro Momento (v. 2 e 3)

Nicodemos — A indicação de que a ocasião deste encontro se deu **à noite** sugere que: (1) Nicodemos viera discutir teologia com Jesus, já que a noite era o momento, separado pelos homens ocupados, para estudar a Lei, depois que o dia de trabalho tivesse terminado; (2) a visita de um líder de tanto prestígio a alguém que acabara de purificar o Templo devia permanecer em segredo, por causa da controvérsia que suscitaria entre o povo; (3) ao visitar Jesus, Nicodemos vinha das trevas espirituais para a luz (cf. 13:30).

Fiéis a esta missão, as palavras de abertura do velho homem foram um modelo de diplomacia e cautela, além de servirem como cumprimento. Ao admitir que Jesus era um **rabi** ou **mestre vindo de Deus**, Nicodemos sugeria, de modo implícito, que eles discutiam as linhas gerais de seu ensino, bem como sua conveniência para consumo do público. A hierarquia judaica não podia negar que Jesus realizara obras de evidente poder, provando ao povo que **Deus** estava **com ele**, mas não tinha ficado claro, para os estudiosos, o propósito preciso dos enigmáticos **sinais** do seu ministério, tão diferente (cf. Mar. 11: 27, 28; 12:14, 18, 28).

Jesus — A descontinuidade entre as declarações de Nicodemos e a resposta de Jesus é flagrante. Jesus, por completo, não tomou conhecimento dos atributos de seu distinto visitante, e, em vez disso, confrontou-o com a única condição através de que, este, ou qualquer outra pessoa, perceberia o Reino de Deus nos assuntos humanos. Era como se Jesus tomasse a palavra de Nicodemos e a restabelecesse sobre novos fundamentos. A hora era grave demais para ser gasta em cumprimentos. Ele, ou outra pessoa que tivesse ido à sua presença, para conhecer a essência da mensagem de Jesus e o sentido do seu ministério, sairia com uma convicção simples: **Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.**

Ao utilizar a analogia básica do nascimento, Jesus lembrou, a Nicodemos, que tudo o que vive se renova. Assim como a raça humana envelheceria e acabaria, se não nascesse criança, as instituições religiosas de Israel, como o Templo, por exemplo, logo ficariam senis, se não fosse a dádiva de uma nova vida espiritual, proveniente de sua única fonte: Deus. Por isso Jesus insistiu tanto que o reino de Deus se destina somente àqueles que se fazem como crianças (Mat. 18:3; Mar. 10-15). O fato de maior significado, em torno de um bebê recém-nascido, é que toda a sua vida está diante dele (cf. 1:13).

Ao conclamar a uma nova vida, entretanto, Jesus estava ferindo o orgulho espiritual de um bom fariseu, como Nicodemos, que firmara sua confiança religiosa no fato de ser "um hebreu nascido de hebreus" (Fil. 3:5). João Batista já desafiara os fariseus, os quais,

diante da catástrofe iminente, deveriam dizer a si mesmos: "Temos por pai a Abraão" (Mat. 3:9). A iniciação pela circuncisão, na "comunidade de Israel" (Ef. 2:12), porém, não era suficiente (cf. 1:11 com 1:13). Diante de um homem orgulhoso de sua formação religiosa, Jesus insistiu com ele que deveria nascer de outra forma, não "da vontade do varão, mas de Deus" (1:13). Sem menosprezar o valor de uma sólida herança religiosa, Jesus entendia que o orgulho devido a uma genealogia era incorreto, que a descendência física não garantia herança espiritual e que até mesmo o melhor cordão umbilical jamais levaria Israel a Deus (cf. 8:37-44).

Da forma mais clara, os fariseus pressentiam que, no dia do Messias, toda a nação seria renovada, pelo que chamaram esta transformação de "renascimento" (cf. **paliggenesia**, em Mat. 19:28). Jesus porém, entendia que esta realidade escatológica tornava-se uma realidade concreta agora, numa pessoa real, e não depois, num tempo universal. Toda a herança judaica do passado e a esperança do futuro deviam ser percebidas de modo pessoal, como uma nova possibilidade no presente. Os rabinos geralmente comparavam a conversão de um gentio ao judaísmo como um "novo nascimento". Aqui, Jesus concitou Nicodemos a entender que ser israelita não era suficiente. O novo e decisivo começo, exigido por Deus, era necessário não apenas para os prosélitos pagãos, mas também para os mais importantes e eminentes líderes religiosos de Israel.

b. O Segundo Momento (v. 4-8)

Nicodemos — A locução "de novo" (**anothen**), empregada por Jesus para a analogia do nascimento espiritual, poderia significar "outra vez" ou "de cima". O primeiro sentido parecia confrontar Nicodemos com uma impossibilidade; ele já era velho e não podia alterar o processo da vida, para entrar **uma segunda vez no ventre de sua mãe.** Para um velho, o fato mais inexorável da vida é que o calendário não pode retroceder, por mais que se queira.

Há quem ache que Nicodemos foi por demais estúpido, ao compreender "de novo" como "outra vez" e não como "de cima"; isto, porém, não era possível para um líder religioso acostumado a usar a linguagem simbólica. Outros entendem que ele tentou ridicularizar Jesus, reduzindo seu ensino ao absurdo; isso, no entanto, não encontra respaldo na sinceridade por ele manifestada através do Evangelho (cf. 7:50,51; 19:38,39). Muito provavelmente, o procedimento de Nicodemos era de incredulidade, diante do desafio de Jesus para ele começar a viver tudo de novo. Um entusiasmado estrangeiro, com um punhado de discípulos, poderia desejar novos empreendimentos; isto, entretanto, não seria fácil para um mestre de Israel, com responsabilidade diante dos fariseus e do sinédrio.

Portanto, em seu contexto, a pergunta de Nicodemos deve ter tido duas aplicações. Pessoalmente, era a réplica ansiosa de um homem cujos hábitos estavam cristalizados, cujo papel era claramente visível e cujas responsabilidades estavam definidas de modo preciso. Seu problema não era a falta de interesse por um novo nascimento, mas uma consciência realista das dificuldades de se libertar de anos de envolvimento no **status quo**.

Profissionalmente, sua resposta parecia relembrar, ao purificador do templo, que a religião de Israel era já **velha** e estava comprometida como o peso da tradição. Talvez Jesus tenha visto corrupção no santuário, mas isto se formou durante um milênio e não seria reformado da noite para o dia. Refletindo mais teológica do que metaforicamente, Nicodemos queria indagar se a ordem escatológica realmente começaria a penetrar na ordem estabelecida, como Jesus achava, ou se a **velha** primeiro morreria, para depois a nova ter começo.

Jesus — Diante da pergunta de Nicodemos, que não era nem idiota nem irônica, mas relevante e profunda, Jesus respondeu prontamente, esclarecendo que nascer **de novo** significava nascer **da água e do Espírito**. Quando enviaram representantes, para investigarem o ministério de João (1:19, 24, 25), os fariseus aprenderam que ele batizava "com água", em prenúncio dAquele que batizaria "com o Espírito Santo" (1:26, 31,33; cf. Mar. 1:8). Agora, um fariseu se encontrava — diante de seus próprios olhos! — com aquele sobre quem João falara, de modo que a renovação, preparada por João através da **água**, se tornara uma possibilidade presente, por meio de Jesus, como portador do **Espírito** (cf. At. 1:5). [12]

Uma outra explicação, da pergunta de Nicodemos, se obtém pela diferença fundamental entre o domínio terreno da **carne** e o domínio celestial do **espírito**. A natureza opera em seu próprio reino. Toda produção **da carne** (isto é, do homem) é **carne**, que por sua vez, se desenvolve, envelhece e morre. **Ser nascido do Espírito** (isto é, de Deus), porém, é viver **espiritualmente** numa esfera que transcende a ordem temporal. Nicodemos e seus proeminentes amigos não deviam ficar **maravilhados** diante deste tríplice imperativo do novo nascimento pelo Espírito, uma vez que esta era uma esperança bem urdida em suas Escrituras (exemplo: Is. 11:2; 32:15; Joel 2:28,29; Ez. 36:25-27).

Neste momento, o diálogo passa lentamente da analogia do nascimento para analogia próxima do vento, já que a maior evidência da vida é a capacidade de respirar. Tanto em hebraico (**ruach**) como em grego (**pneuma**), a mesma palavra pode significar sopro, vento e espírito, permitindo um jogo sutil com estas conotações, o que não é possível em português. Isto acontece, por exemplo, em Ezequiel 37:1-14 onde Israel, no exílio (v. 11), foi comparado a "ossos secos" (os espiritualmente mortos) que podem "viver" (serem renovados) quando o "sopro" dos quatro "ventos" vai em sua direção (v. 9), isto é, quando Deus coloca o seu "Espírito" dentro deles (v. 14). Ao comentar o poder renovador do Espírito Santo, Jesus não estava anunciando uma nova doutrina, mas tratando de um problema tão velho quanto o exílio e nos mesmos moldes indicados pelas Escrituras, que Nicodemos e seus amigos conheciam tão bem.

É possível que, neste instante da conversação, uma leve brisa tenha começado a soprar, dando-lhe o pretexto sobre o qual construir sua analogia do sopro/vento/espírito. Nicodemos, é claro, **não sabia de onde** vinha nem **para onde ia o vento**, mas estava certo de sua existência real, porque **podia ouvir o seu som**. Do mesmo modo, pode-se experimentar o efeito do Espírito sem que se compreenda a sua origem ou o seu destino. Há uma soberania espontânea, tanto no domínio do espiritual quanto do físico: **o vento soprava onde quer**. Só Deus controla este poder vital, pelo qual o povo de Deus não fenece nem "dá seu último suspiro", mas "respira novamente" e começa a viver de modo novo.

c. O Terceiro Momento (v. 9-15)

Nicodemos — Fiel ao realismo cauteloso, que caracterizou sua participação no diálogo desde o início, Nicodemos concluiu com a pergunta inevitável do pragmático: **Como pode ser isto?** Possivelmente, este gesto não significava incredulidade, mas uma preocupação verdadeira, pois Jesus tomou sua pergunta como séria. Talvez desejasse ele uma lista de reformas específicas, que ele e seus companheiros pudessem realizar no Templo. Nicodemos dificilmente questionaria a afirmação de Jesus de que o Espírito de Deus operava o novo nasci-

12 Sobre as muitas interpretações do v. 5, veja Ray Summers, "Born of Water and the Spirit", **The Teacher's Yoke: Studies in Memory of Henry Trantham**, eds. E. J. Vardaman e J. L. Garret, Jr. (Waco: Baylor University Press, 1964), p. 117-128.

mento, mas estava preocupado com a responsabilidade humana (judaica) de sua realização.

Jesus — Como **mestre de Israel**, Nicodemos devia ser capaz de entender que **esta** espécie de transformação jamais poderia ser empreendida por homens; o máximo que estes poderiam fazer era **dar testemunho** do que Deus tem feito. Ao mudar para o pronome no plural **nós**, Jesus envolveu seus discípulos, nesse testemunho, convidando, assim, Nicodemos e seus companheiros (o **vós**, no v. 11, também está no plural) a participarem da vida comum, em que as forças da nova era já estavam em operação.

Mas, como Deus renovara este grupo remanescente de discípulos? Como o judaísmo **não aceitaria** seu **testemunho**, para uma transformação divina, Jesus procurou, através de um líder de valor, Nicodemos, levar este povo (as referências a vós, no v. 12, estão no plural) a **crer**, falando de **coisas terrenas**, isto é, discutindo símbolos comuns, como ventre, água e vento, para ilustrar como Deus age. Mas, se eles **não** podiam mesmo **crer** com base no que tinham visto, como poderiam alcançar a realidade das **coisas celestiais** invisíveis?

A única resposta possível era compreender que o próprio Deus resolvera o problema da mudança das **coisas terrenas** para **coisas celestiais**, ao inventar o processo e fornecer algo maior que uma analogia humana. Em última análise, **ninguém ascendeu aos céus** (cf. 1:18), isto é, o homem não pode alcançar a realidade divina diretamente sem a ajuda de ilustrações comuns. Aqueles que crêem mediante o auxílio de coisas terrenas só conhecem a Deus indiretamente (anologicamente). Mas agora a verdade última **descera dos céus** numa forma pessoal como o **Filho do homem** (cf. 1:51). Ao contrário do vento, Jesus era mais que uma metáfora sobre Deus. Embora descesse e assim se tornasse uma coisa terrena ele era o centro da presença divina, a incorporação das coisas celestiais.

Em outras palavras, crer não é o resultado da subida do homem de algum modo, ao céus, graças à sua ingenuidade espiritual, e de sua descida à terra com a fé que descobrir lá. Precisamente ao contrário, o Filho do Homem primeiro vem dos céus, traz Deus ao homem, tornando para lá depois e levando o homem a Deus. Falando de modo figurado, o portão, para Deus, é um arco firmado de cima para baixo e ancorado na eternidade, e não firmado debaixo para cima e firmado na terra (cf. introdução a 1:1-18).

Estes movimentos para cima e para baixo, do pêndulo divino, caracterizaram todo o ministério de Jesus (cf. 1:51; 17:11,13), mas a descida foi definitivamente inaugurada com a encarnação e a subida culminou com a expiação ou "elevação" na cruz. Aqui o inverso divino do esforço humano alcançou seu paradoxo final. Os homens tentaram subir pelos vôos do êxtase místico ou da especulação apocalíptica, mas o Filho do Homem teve de descer, deixando-se "levantar" numa morte brutal que, paradoxalmente, era a sua glória maior. Novamente, uma coisa terrena servia como analogia preparatória: **a serpente** que **Moisés levantou no deserto** (Núm. 21:9). E isto não passava de um símbolo, que se fez realidade na morte de Jesus.

O diálogo termina com uma transição geral que, ao mesmo tempo, resume o ponto final da passagem e prepara para a meditação que segue. **Todo aquele** que cresce em **coisas celestiais**, a única forma pela qual o novo nascimento pode começar, deveria crer no Filho do Homem. Ele é o único em quem a analogia terrena e a realidade celestial se encontra de modo perfeito. Assim, tornar-se seu discípulo aqui e agora, num momento da história, é, ao mesmo tempo, **ter** a **vida eterna** de Deus.

2) O Monólogo do Evangelista (3:16-21)

16 Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. 17 Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. 18 Quem crê nele não é julgado; mas quem não crê, já está julgado; porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus. 19 E o julgamento é este: a luz veio ao mundo, e os homens amaram antes as trevas que a luz, porque as suas obras eram más. 20 Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. 21 Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que seja manifesto que as suas obras são feitas em Deus.

Nicodemos está agora totalmente fora de cena, enquanto o escritor leva seus leitores a uma reflexão sobre o significado de uma fé centrada inteiramente na pessoa de Jesus (v. 15 — "nele crê"). A terminologia dos versos 16 a 21 é caracteristicamente joanina, sugerindo que o evangelista mostra sua própria compreensão da grandeza de Cristo. O parágrafo em muito se assemelha com o resumo de um sermão sobre as palavras de Jesus registradas em 12:44-50 (outros fragmentos podem ser encontrados em 3:31-36). Deste modo, comenta não apenas o episódio de Nicodemos, mas todo o ministério de Jesus como apresentado no "livro dos sinais" (cap. 2 a 12).

O parágrafo se divide em duas partes cuidadosamente organizadas. Nos versos 16 a 18, o conteúdo é fortemente cristológico, mencionando-se **o Filho** (observe-se a designação elaborada do verso 18c: o **nome do unigênito de Deus**).

A expressão "nele crê" estabelece a relação com a seção anterior. Tudo depende da fé naquele que **Deus enviou** para salvar o mundo. Nos versos 19 a 21, porém, o Filho é referido apenas em relação com a **luz**, que possui um caráter fortemente ético, em contraste com as **trevas/mal**. Aqui, tudo depende dos feitos dos homens, oü que ele **faça o que é verdadeiro** e então **venha para a luz**. Este parágrafo, portanto, se bate pela unidade da teologia e da moral em Cristo, ao representá-lo como a chave tanto para a ação de Deus na conversão como para a reação do homem em sua conduta.

A iniciativa divina é, deste modo, interpretada pelo modo mais claro e abrangente do que nos versos 16 a 18. Apesar das muitas dificuldades que o ministério de Jesus representava para o judaísmo (2: 13-13:15), sua vida era uma dádiva irresistível, feita por **Deus** em **seu Filho** (cf. 1:14), um ato de graça que visava fortalecer a fé, a fim de que até mesmo os líderes religiosos (como Nicodemos, por exemplo) **não perecessem**.

O fato de Deus prodigalizar seu amor a todo o **mundo** (**Kosmos**) que obviamente não o amava, ao invés de limitá-lo ao seu povo escolhido, significava que a graça eterna, derramada em Cristo, tinha agora ultrapassado os limites do antigo concerto com Israel. (O amor divino no Velho Testamento, **chesed**, era basicamente amor do **concerto** e não amor **cósmico**.) O propósito desse amor era **que o mundo fosse salvo** de seu perverso amor às trevas. Cristo, com a encarnação do amor, perdoou e aceitou todos os homens que viessem a ele em fé, libertando-os, assim, do temor do juízo (I João 4:17,18) e levando-os a clamar com Paulo: "Portanto, nenhuma condenação há" (Rom. 8:1).

Embora não fosse o propósito da vinda de Cristo, o juízo foi a sua conseqüência inevitável. Isto porque a vida humana está desgraçadamente afetada pela recusa do homem de ser amado e amar. Visto que Cristo confrontou a humanidade com a última manifestação do amor de Deus, a salvação ou a condenação é determinada, agora, por aquele que **crê** ou **não crê**. Nicodemos aprendera acerca da possibilidade de um nascimento espiritual, mesmo depois de se já ter nascido fisicamente. Agora, o leitor aprende o anverso: a possibilidade da

morte espiritual bem antes da morte física. O juízo não é distribuído arbitrariamente por Deus, na vida futura, mas é claramente determinado pelos homens na vida presente, com base em sua resposta ao **unigênito de Deus.**

Os versos 19 a 21 traçam cuidadosamente a dinâmica desta decisão crucial. O tema envolve não a ostentação de um código legal ou moral, mas o amor do coração humano pelas **trevas**, em lugar da **luz que veio ao mundo.** Em vez de um desespero total, por parte do homem, já que **suas obras** são **más** oferece-se uma opção, apresentada em forma dialética, bem semelhante às descrições dos "dois caminhos" familiares ao judaísmo e ao Novo Testamento (exemplo: Mat. 7:13-27). Em vez de ser cativo de um determinismo fatalista, cada pessoa pode escolher entre ser (1) alguém que **faz o mal e odeia a luz** ou alguém **que faz o que é reto**; (2) alguém que **não vem para a luz** ou alguém que **vem para a luz**; (3) alguém cujas **obras** são **reprovadas** ou alguém cuja **obras** são **claramente feitas em Deus.** Deus determina a necessidade, as alternativas e as conseqüências da decisão, mas isto apenas reforça a urgência e a gravidade com que cada homem determina que resposta dará.

4. O Novo Mestre (3:22-36)

Como a Igreja depois dele, Jesus precisava definir seu ministério não apenas em relação ao judaísmo oficial, mas também em relação a João Batista. Numa primeira instância, o perigo era esperar pouco demais, permitindo que o peso da tradição absolutizasse a situação presente e assim sufocasse os ventos de renovação, que começavam a soprar. Depois, o perigo era esperar demais, ensejando que João Batista se tornasse o agente da nova era, uma vez que fora o primeiro a pedir uma reforma radical do aparelho religioso. Depois de definir superioridade final de Jesus sobre o judaísmo farisaico, em 3:1-21, o Evangelho agora explica sua preeminência sobre João Batista, em 3:22-36.

Como aconteceu nos dois capítulos anteriores, as duas partes do capítulo 3 mantêm um claro equilíbrio teológico. Nos versos 1-21, a ênfase recai sobre o novo nascimento, isto é, sobre a transformação exigida para ter início a nova vida de discipulado, e sobre a ruptura desta vida com o passado. Nos versos 22-36, entretanto, a ênfase reside na crescente centralidade de Cristo sobre o crente, isto é, sobre a mudança gradual de lealdades, do líder terreno, em água, para o Senhor celestial, com quem é possível desenvolver-se em espírito (cf. 3:5). Em outras palavras, os versos 1-21 enfocam o novo nascimento, e os versos 22-36, a nova transformação. Ambos compõem igualmente a vida cristã, pois a fé verdadeira incluí um momento de compromisso irrevogável e um processo de crescimento contínuo, uma revisão da certeza de uma conversão inicial e uma antevisão do cumprimento de suas inevitáveis implicações.

Traduzido em termos contemporâneos, a preocupação dos versos 22-36, em transferir lealdades de João para Cristo, fala de uma das mais urgentes tarefas a desafiarem a Igreja: a condução de crentes imaturos para além de um estado de dependência de algum precursor, de cujo testemunho resultou a fé nAquele que é o objeto de todo testemunho e o conteúdo da verdadeira fé. Deus usa muitos intermediários, geralmente pregadores abençoados, que exercem um grande impacto sobre aqueles a quem batizam. A obra do batizador, todavia, não termina quando serve de instrumento humano para um novo nascimento, pois ele deve, em seguida, levar o feliz converso para além de um compreensível, mas indevido orgulho de herói espiritual recente, isto é, a uma dedicação particular e total a Cristo. Nesta passagem, o profeta, com mais direito do que qualquer outro, para reivindicar seus próprios seguidores, deixa

claro por que qualquer forma de competição com Cristo é inadmissível.

1) João Batista e Jesus (3:22-24)

22 Depois disto foi Jesus com seus discípulos para a terra da Judéia, onde se demorou com eles e batizava. 23 Ora, João também estava batizando em Enom, perto de Salim, porque havia ali muitas águas; e o povo ia e se batizava. 24 Pois João ainda não fora lançado no cárcere.

Este resumo de caráter editorial contém três itens de informação histórica sobre o ministério de Jesus, ainda novos na narrativa evangélica: (1) **Jesus e seus discípulos** desempenharam um antigo ministério na **terra da Judéia** (isto é: nos arredores afastados de Jerusalém). Os Sinópticos falam apenas de um ministério tardio, na Judéia, pouco antes de sua visita a Jerusalém (Mat. 19:1; Mar. 10:1; cf., porém, Luc. 4:44 e Mat. 23: 37). (2) Jesus exerceu um ministério público antes de **João ter sido preso**. Os Evangelhos principiam com o ministério de Jesus na Galiléia, "depois que João foi preso" (Mar. 1:14). (3) Jesus **batizava** adeptos (isto é esclarecido em 4:2, onde se informa que Jesus aprovava essa atividade dos seus discípulos, não sendo o rito administrado por ele mesmo). Os Sinópticos em lugar algum mencionam que Jesus batizou ou autorizou alguém a fazê-lo durante seu ministério público.

Além do mais, dois outros itens novos sobre o ministério de João são sintetizados aqui: (1) João, ao contrário da impressão deixada em 1:29-37, continuou um movimento batismal independente, mesmo depois que Jesus começou a reunir discípulos. Isto fica implícito pela ausência de qualquer menção ao fato de que as **pessoas** que **vieram** a João foram transferidas para Jesus e pela referência aos discípulos de João. (2) João passou a **batizar em Enom, perto de Salim**. É questionável a identificação deste lugar onde **havia muitas águas,** mas é provável que ficasse em Samária, ao norte da Judéia, o que significava que João antecedeu Jesus, ao ministrar nessa área (cf. 4:38b).

Duas importantes inferências podem ser derivadas destes dados. Para começar, parece que no início do seu ministério Jesus esteve mais ligado a João do que informam os Sinópticos. Desta descrição, parece que formava seu padrão de ação a partir de seu predecessor. Talvez João tivesse se mudado da região popular da Judéia (Mar. 1:5) para a menos promissora, de Samária, a fim de dar ao seu sucessor uma oportunidade máxima para estabelecer seu próprio ministério.

Este Evangelho registra as sobreposições dos dois ministérios concomitantes, a fim de estabelecer de modo mais seguro que os Sinópticos o elo original existente entre eles. Isto se fazia necessário devido ao fato de que o movimento principiado por João não tinha ainda sido completamente assimilado pelo movimento conduzido por Jesus (cf. Mar. 2:18; At. 19:1-7), trazendo como conseqüência, uma divisão que nenhum fundador desejava.

Ao mesmo tempo que mostra quão semelhantes eram aí João e Jesus, este Evangelho nos ajuda a compreender quão diferentes eles acabaram por se tornar. Depois da prisão de João, Jesus abandonou de imediato o modelo de seu antecessor, dirigindo-se para uma região onde João jamais atuara, inaugurando ali um novo tipo de ministério, em que o batismo em água não acontecia. Talvez esta mudança deliberada na estratégia tenha contribuído para a incerteza evidenciada na pergunta do encarcerado João a Jesus (Mat. 11:2-6). De qualquer modo, estes versículos nos ajudam a compreender o sentido da continuidade e da ruptura entre Jesus e João.

2) A Subordinação de João (3:25-30)

25 Surgiu então uma contenda entre os discípulos de João e um judeu acerca da purificação. 26 E foram ter com João e disseram-lhe: Rabi, aquele que estava con-

tigo além do Jordão, do qual tens dado testemunho, eis que está batizando, e todos vão ter com ele. 27 Respondeu João: O homem não pode receber coisa alguma, se não lhe for dada do céu. 28 Vós mesmos me sois testemunhas de que eu disse: Não sou eu o Cristo, mas sou enviado adiante dele. 29 Aquele que tem a noiva é o noivo; mas o amigo do noivo, que está presente e o ouve, regozija-se muito com a voz do noivo. Assim, pois, este meu gozo está completo. 30 É necessário que ele cresça e que eu diminua.

Ao tempo de Jesus, muitos grupos sectários praticavam rituais de purificação no vale do Jordão, originando uma enorme **discussão** sobre os méritos destes gestos, na tentativa de satisfazer às exigências bíblicas de **purificação**. No contexto deste debate, um **judeu** não identificado deve ter proposto que o rito de Jesus era superior ao de João, uma vez que ele estava ali **batizando**, e todos iam **ter com ele**. Este argumento era de difícil aceitação para os discípulos de João, porque se lembravam que seu mestre começara sua obra primeiro, que Jesus fora até ele, **do outro lado do Jordão**, e que o **testemunho** que João deu dele era o fundamento sobre o qual Jesus fizera seus primeiros discípulos (cf. 1:35-37). É impressionante como um argumento teológico sobre formas religiosas pode degenerar numa disputa sobre personalidade!

A disposição de espírito de João, em tratar do orgulho ferido de seus seguidores, auxilia-nos na compreensão da natureza da graça. Nenhum dos dois, nem ele nem Jesus, **recebeu coisa alguma** em forma material (seja popularidade, seguidores ou aprovação teológica), **a não ser** aquilo que foi **dado** por Deus, **dos céus**. Assim, João se contentava em que um pequeno grupo o seguisse e que um número maior seguisse a Jesus, pois todo crente é uma dádiva divina, a ser celebrada, e não um troféu humano, a ser ostentado (cf. 6:37,44; 17:6). Em lugar de tomar lugar de primazia sobre Jesus, por tê-lo precedido no tempo, João simplesmente lembrou aos seus seguidores que ele sempre dissera: **Eu não sou o Cristo, mas fui enviado para ir adiante dele** (cf. 1:15,20,30).

João depois explicou seu verdadeiro papel, ao comparar-se ao **amigo do recém-casado**. Segundo a prática nupcial judaica, este era o padrinho do noivo, que levava a noiva ao noivo e depois montava guarda sobre a câmara nupcial. Embora pudesse ouvir **a voz do noivo** expressando sua alegria pela consumação de sua união, ele não pensava em interferir na intimidade do acontecimento. [13] Na realidade, os códigos do antigo Oriente Próximo proibiam estritamente a entrega da noiva a este "melhor homem" (cf. Juí. 14:20 — 15:6; II Cor. 11:2). Por isso, João jamais aceitaria cortejar a noiva, Israel, em lugar de Jesus (cf. Is. 54:5; 62:4,5; Jer. 2:2; 3:20; Ez. 16:8). Ao contrário, **esta** espécie de **alegria**, que só um mestre de cerimônias conhecia, já era **plena agora**, devido ao seu-bem sucedido trabalho de intermediário. Realizada esta tarefa de transição, Jesus **devia crescer**, em influência, enquanto João **devia diminuir**, como uma luz que brilhou intensamente, mas que agora começava a se apagar (cf. 5:35).

3) A Superioridade de Jesus (3:31-36)

31 Aquele que vem de cima é sobre todos; aquele que vem da terra é da terra, e fala da terra. Aquele que vem do céu é sobre todos. 32 Aquilo que ele tem visto e ouvido, isso testifica; e ninguém aceita o seu testemunho. 33 Mas o que aceitar o seu testemunho, esse confirma que Deus é verdadeiro. 34 Pois aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus; porque Deus não dá o Espírito por medida. 35 O Pai ama ao Filho, e todas as coisas entregou nas suas mãos. 36 Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, porém, desobedece ao Filho não verá

13 Quanto aos detalhes sobre os costumes nupciais implícitos, aparentemente, no v. 29, ver J. Jeremias em Kittel, TDNT, IV, p. 1.101; A. Van Selms "The Best Man and Bride — From Sumer to St. John", **Journal of Near Eastern Studies**, 9 (1950), p. 65-75; J.D.M. Derrett, "Water into Wine", **Biblische Zeitschrift**, Neve Folge, 7 (1963), p. 81-83.

a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus.

Do mesmo modo como a relação de Jesus com o judaísmo (3:1-15) se encerrou com uma meditação teológica (3:16-21), esta seção sobre a relação de Jesus com João Batista (3:22-30) termina com uma passagem impressionantemente semelhante (3:31-36) que deve muito à mesma fonte. A transição do verso 30 para o verso 31 é tão discreta que o leitor pode até imaginar que João Batista continua a falar, embora sejam já evidentes o estilo e a teologia do Evangelista. É como se estivéssemos diante do testemunho que João gostaria de dar, caso fosse um cristão contemporâneo da elaboração do evangelho. Neste sentido, os versos 31 a 36 sintetizam um sermão, em seu texto do verso 30, apontando três razões por que Jesus devia crescer e João, diminuir.

Primeira: Como **aquele que veio do alto** (cf. 1:51; 3:13), Jesus está **acima de tudo**, enquanto João, como um homem (1:6) da **terra, pertence à terra**. Como alguém que só **testemunha** daquilo que **viu e ouviu**, João estava limitado ao que Deus lhe revelava **na terra**, enquanto Jesus podia testificar diretamente do mundo transcendente de onde veio. **Ninguém recebe testemunho** celestial com base numa compreensão terrena, a menos que ele se convença e se certifique (**ponha seu selo**) de que Jesus revelou a verdade de Deus (cf. Mat. 16:17b).

Segunda: Para João, como para os profetas do Velho Testamento, Deus concedia seu Espírito **sob medida**, isto é, na hora em que falavam sob inspiração divina (Núm. 11:25; I Sam. 10:5-11; Jer. 1:4-10). Jesus, porém, não proferia as **palavras de Deus** apenas num momento, pois **não era sob medida** que Deus lhe concedia o Espírito (cf. 1:31-34). Na realidade, tão grande era o amor do **Pai** para com o **Filho** que **todas as coisas lhe foram dadas** (cf. Mat. 28:18). Em Jesus, o paradoxo da graça atingiu sua mais perfeita expressão: sem nada pedir, tudo lhe foi dado.

Terceira: João nada mais podia fazer senão preparar para o juízo iminente; Jesus, no entanto era o fundamento sobre o qual o juízo se faria. Atender a João significava estar pronto para um novo dia; atender a Jesus, entretanto, significava decidir seu destino final: **aquele que agora crê** já **tem a vida eterna**, enquanto **aquele que não obedece** agora já experimenta a ira de Deus (cf. Rom. 1:18) sobre sua vida (cf. 3:18). A razão por que a escatologia se realiza de modo tão decisivo é que em Jesus a salvação já veio. Embora um julgamento final seja reservado para o futuro (exemplo: 5:25-29), ele não oferecerá quaisquer oportunidades ou novidades que já estejam presentes em Jesus. Apesar de não se excluir a possibilidade de novas decisões, o veredicto final dos céus fica antecipado, em função da resposta dada a Cristo na terra.

5. A Nova Comunidade (4:1-42)

A cena agora muda para Samária, uma região no planalto central da Palestina, entre a Judéia e a Galiléia, cujos habitantes eram de particular interesse para este Evangelho e também para Lucas-Atos. Depois da conquista do Reino do Norte pela Assíria, em 722 a.C., a ampla recolonização, por parte de israelitas e estrangeiros, resultou em casamentos mistos e na infiltração de influências religiosas pagãs, ambos intoleráveis para os líderes religiosos judeus de Jerusalém (II Reis 17). Séculos de hostilidade culminaram na construção de um templo rival, pelos samaritanos, no monte Gerizim, destruído por João Hircano em 128 a.C. Ao tempo de Jesus, Samária tinha-se transformado num desdenhado gueto, com uma cultura própria, uma religião separada e uma teologia estática. [14]

14 Sobre os samaritanos, veja James A. Montgomery **The Samaritans** (New York: Ktav Publishing House, 1968, reimpressão da edição de 1907); John Macdonald, **The Theology of the Samaritans** (Philadelphia: Westminster Press, 1964).

Isto, portanto, significava a existência de obstáculos intransponíveis em qualquer tentativa de contato entre o judeu Jesus e uma mulher samaritana. Três barreiras maiores são identificadas nesta narrativa.

Racial — Mesmo os judeus tolerantes para com outras raças eram abertamente preconceituosos para com os samaritanos, como descendentes miscígenados das antigas dez tribos de Israel, cuja pureza racial fora corrompida por colonos estrangeiros (II Reis 17:24). Nada enfurecia mais os judeus do que afirmar que os seus queridos patriarcas eram também ancestrais dos samaritanos.

Sexual — Os rabinos detestavam ver um homem conversando com uma mulher em público — mesmo que esta fosse sua própria esposa: "Aquele que conversa muito com uma mulher traz o mal sobre si e negligencia o estudo da lei e, por fim, herdará a Geena" (**Aboth** 1:5). Sentar-se num lugar estranho, numa hora pouco comum, com uma mulher de reputação duvidosa apenas complicava o problema para Jesus. Por seu turno, a mulher tinha bons motivos para desconfiar dos homens, já que muitos deles se descartavam delas como se fossem sapatos velhos.

Religiosa — Como Deuteronômio 27:4 identificava o monte Ebal (ao lado do monte Gerizim, perto de Siquém) como o lugar onde devia ser construído um altar, os samaritanos se aborreceram com a centralização posterior do santuário no monte Sião, em Jerusalém. Numa certa feita, por exemplo, eles se vingaram, esparramando ossos humanos nos pórticos e no Templo, quando tinha lugar a Páscoa principal (Josefo, **Antiguidades**, XVIII, 29,30).

Como Jesus poderia superar o ódio e o preconceito, acumulado durante séculos entre judeus e samaritanos? Cinco caminhos foram indicados, em sua estratégia evangelística:

(1) Ele tocou no ponto da necessidade física comum. "Dá-me de beber" significava que ambos estavam com sede. Se admitisse, que todas as pessoas, embora diferentes, tinham as mesmas necessidades físicas básicas, a mulher poderia reconhecer a possibilidade de que todos partilham também das mesmas necessidades espirituais.

(2) Usou a incapacidade de os recursos terrenos satisfazerem as necessidades físicas como o ponto de partida para apresentar os recursos celestiais na satisfação das necessidades espirituais. A mulher sabia que o problema da sede física só podia ser resolvido temporariamente, pela retirada de um balde de água de um poço profundo. Jesus trouxe novas esperanças, ao dizer que esta limitação não se aplicava à satisfação da sede espiritual, porque devia uma quantidade inegostável de água "fluído para a vida eterna".

(3) Estendeu o âmbito das preocupações religiosas da mulher, ao lhe lembrar seu relacionamento pecaminoso com outros. Em vez de procurar bênçãos espirituais apenas para si, ela seria preparada para compartilhá-las com seus amigos mais achegados.

(4) Satisfez sua necessidade de perdão, através de um culto baseado numa compreensão dinâmica de Deus. O passado tinha forçado a localização dos atos de culto em uns poucos centros geográficos, mas o futuro encontraria um Pai universal, cultuado em qualquer lugar onde as pessoas estivessem abertas para o poder do Espírito divino.

(5) Apontou para si como a incorporação destas realidades espirituais que oferecia aos outros. Isto explica não só a natureza da "água viva", como também sua fonte como "a água que eu lhe der".

É instrutivo observar que Jesus tratou com esta heterodoxa mulher samaritana (4:1-26) do mesmo modo como fizera com o ortodoxo Nicodemos (3:1-15). Em ambos os casos, ele começou com uma realidade básica, pela qual a vida física é sustentada (nascimento/água), que-

rendo, com isto, sugerir, por analogia, as realidades religiosas correspondentes que renovam a vida espiritual (novo nascimento/água viva). Em resposta, as duas pessoas logo identificaram a dificuldade de seu ensino, a partir de uma perspectiva terrena (nascer quando se é velho?/ água quando o poço é profundo?). Sem se embaraçar, Jesus resolveu o dilema, encaminhando sua analogia para novas direções (o vento sopra/a água flui) e explicando que o Espírito de Deus é a fonte deste poder dinâmico (3:8; 4:24). Quando o interlocutor questionava como o Espírito prometido, da nova era, poderia operar já no presente (3:9:4:25), Jesus ia além da analogia, apresentando-se como o agente escatológico que começara a realizar o futuro aqui e agora (3:13-15; 4:26). Estes impressionantes paralelismos indicam, em ambos os casos, que o tema central permaneceu o mesmo: pode a situação religiosa presente abrir-se para uma renovação por meio do Espírito operante no ministério de Jesus?

A mudança fundamental que Jesus propôs, nessa situação particular, está evidenciada na resposta que conseguiu da samaritana. De início, a mulher o viu apenas em termos de sua raça (como "um judeu"), ao passo que agora ela era forçada a reconhecê-lo como "um profeta". Continuando o diálogo, ela ousou indagar se ele poderia ser "o Cristo", mas os aldeões samaritanos que ouviram seu testemunho passaram logo a confessar que era realmente "o Salvador do mundo".

A questão para eles não era **se** podiam crer, mas em **que** crer. Os samaritanos eram um povo profundamente religioso, até fanáticos, aos olhos de alguns, mas a conseqüência de sua piedade foi o recolhimento em seu próprio isolamento espiritual. Ao lhes oferecer uma fé abrangente num Deus Pai, cujo culto era tão universal como seu Espírito, Jesus poderia ser visto, à luz de sua profunda religiosidade, como o Salvador do **mundo**.

A palavra-chave "nem aqui neste monte nem em Jerusalém" retoma o elo essencial entre esta história e o relato de Nicodemos. Proibir o monte Gerizim aos samaritanos era o mesmo que o monte Sião aos judeus. Na nova era, estes dois centros de cultos seriam "purificados" de providencialismos estreitos. Os fariseus sofriam de um sentimento de superioridade religiosa, pelo que colocaram barreiras para se protegerem dos outros. Os samaritanos sofriam de um sentimento de inferioridade religiosa, pelo que erigiram defesas, para se defenderem. Nenhum destes limites permaneceria na nova era do Espírito. Nem os judeus nem os samaritanos confinariam Deus em suas estruturas religiosas, do mesmo modo que não podiam controlar nem o sopro do vento a céu aberto nem a torrente de água que flui de fontes subterrâneas.

1) Introdução e Cenário (4:1-6)

1 Quando, pois, o Senhor soube que os fariseus tinham ouvido dizer que ele, Jesus, fazia e batizava mais discípulos do que João
2 (ainda que Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos), 3 deixou a Judéia, e foi outra vez para a Galiléia. 4 E era-lhe necessário passar por Samária. 5 Chegou, pois, a uma cidade de Samária, chamada Sicar, junto da herdade que Jacó dera a seu filho José; 6 achava-se ali o poço de Jacó. Jesus, pois, cansado da viagem, sentou-se, assim, junto do poço; era cerca da hora sexta.

A relação com a seção anterior (3:26-36) se estabelece pelos versos 1-3, que indicam que Jesus **deixou a Judéia**, porque os **fariseus tinham ouvido dizer que ele fazia e batizava mais discípulos do que João** (cf. 3:26). Diferentemente de João, Jesus não pôs fim e estas insidiosas comparações, para o que poderia utilizar a própria subordinação do precursor (cf. 3:28-30); antes, preferiu remover a aparência de disputa e partiu para **a Galiléia**. Uma vez que agora seus discípulos eram os únicos que administravam o batismo dos que vinham ter com Jesus, poderiam ter sucumbido diante de

uma arrogância mesquinha — como aconteceu a alguns seguidores de João (3:25,26) — ficando impossibilitados de continuar a trabalhar numa atmosfera contaminada pela intriga.

Ao levar seus discípulos para o norte, Jesus **teve que passar pela Samária**, não como uma necessidade geográfica, mas como uma compulsão divina. O peregrino judeu típico evitava deliberadamente essa rota direta, viajando pela Transjordânia, ao oriente; Jesus, no entanto, sabia que seus discípulos precisavam aprender a testemunhar não somente em Jerusalém (2:13-3:21) e em toda a Judéia (3:22-36), mas também em **Samária** (cf. At. 1:8).

Lugar apropriado para o cenário foi **uma cidade de Samária, chamada Sicar, junto da herdade que Jacó dera a seu filho José** (Gên. 48:22). Não é possível identificar com segurança essa aldeia, a menos que Sicar (**sucher**) seja uma corruptela de Siquém (suchem); porém sua localização geral não é problema, já que, obviamente, ficava próximo ao **poço de Jacó**, que até hoje está ao pé dos montes Ebal e Gerizim, pouco mais de 60 quilômetros ao norte de Jerusalém.

A distância, coberta por Jesus a pé, explica por que estava **cansado da viagem**, alcançado o poço no calor do meio-dia. O tempo judaico ia do nascente ao poente, **cerca da hora sexta** era próxima ao meio-dia, uma referência bastante sugestiva para o drama que logo começaria (cf. o cenário do episódio de Nicodemos à noite, em 3:2). No primeiro século, como hoje, as mulheres tinham o hábito de tirar água no frescor da manhã ou da noite, nunca ao meio-dia. Por acaso, era a mulher com quem Jesus se encontrou tão abominável que tinha de evitar as multidões que se ajuntavam ao redor do poço nas outras ocasiões?

2) O Oferecimento da Água Viva (4:7-15)

7 Veio uma mulher de Samária tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. 8 Pois seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida. 9 Disse-lhe então a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana? (Porque os judeus não se comunicam com os samaritanos.) 10 Respondeu-lhe Jesus: Se tivesses conhecido o dom de Deus e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe terias pedido e ele te haveria dado água viva. 11 Disse-lhe a mulher — Senhor, tu não tens com que tirá-la, e o poço é fundo; donde pois, tens essa água viva? 12 És tu, porventura, maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, do qual também ele mesmo bebeu, e os seus filhos, e o seu gado? 13 Replicou-lhe Jesus: Todo o que beber desta água tornará a ter sede; 14 mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que jorre para a vida eterna. 15 Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede, nem venha aqui tirá-la.

A exemplo da conversa com Nicodemos (3:1-15), esta parte do encontro é descrita na forma de um diálogo, com três momentos. No primeiro caso, Nicodemos tomou a iniciativa, porque tinha vindo suscitar uma questão com Jesus; neste caso, todavia, Jesus conduziu a discussão, já que era o intruso judeu na Samária hostil.

a. Primeiro Momento (v. 7-9)

Jesus — Reunindo simplicidade com surpresa, Jesus espantou a mulher com o pedido: **Dá-me de beber.** À primeira vista, isto parece uma sugestão mais do que natural, já que estava com calor, cansado e com sede, além de temporariamente sem a assistência dos **seus discípulos**, que **tinham ido à cidade comprar comida.** Pode parecer, a nós, que a cortesia habitual ditaria uma resposta afirmativa ao pedido de ajuda.

A mulher — Nesta circunstância, porém, era inimaginável que **um judeu pedisse água a ela, uma mulher de Samária**, pela razão que o Evangelista parenteticamente explica: **Porque os judeus não se comunicam com os samaritanos.** Isto não quer dizer que os judeus jamais mantivessem qualquer contato direto com os samaritanos, mas que eles

não partilhavam do mesmo prato com eles, com medo de uma contaminação ritual (cf. Bíblia na Linguagem de Hoje. "Os judeus não usavam os mesmos pratos que os samaritanos usavam").

A intenção de Jesus era surpreender, porque os judeus não bebiam de um copo tocado por lábios samaritanos e Jesus não tinha vasilhas próprias.[15]

b. Segundo Momento (v. 10-12)

Jesus — De modo peculiar, Jesus respondeu a este dilema com uma comparação divina: **Se tivesses conhecido o dom de Deus** (cf. 3:16,27,35). Com tanta freqüência, e aqui também, a natureza do homem é recusar, mas a de Deus é de conceder. Se tão-somente a mulher soubesse **quem** era Jesus (um agente da generosidade celestial, e não da mesquinhez judaica), ela lhe teria pedido, em vez de ele pedir-lhe, e ele lhe **haveria dado**, em vez de ela recusar-lhe a água **viva** ou fluente da fonte inesgotável, e não apenas uma pequena porção como a que ela podia tirar do poço.

A **mulher** — Como no caso de Nicodemos, a mulher de início recusou-se a explorar o sentido espiritual das palavras simbólicas de Jesus, devido às suas dificuldades ao nível físico ou literal. Sabia ela que o poço de Jacó era alimentado por uma fonte subterrânea (**pege**), entendida por ela mesma como a **água viva** a que Jesus se referia, mas esta fonte no fundo de um **poço** ou mina (phrear) profunda[16]. Como poderia Jesus **tirar água viva** de lá **se não tinha com quê**? Do mesmo modo como Nicodemos questionou se Jesus providenciaria um novo nascimento a alguém que já era velho, devido à dificuldade de um retorno ao ventre (3:4), a mulher duvidava da capacidade dele de conseguir água viva do poço, já que era fundo e ele não tinha com que tirá-la.

Posteriormente, assim como Nicodemos permanecera cético quanto à capacidade de Jesus de mudar o **status quo** religioso existente desde os dias dos patriarcas, a mulher também questionava: **És tu, porventura, maior que do nosso pai Jacó?** O venerável patriarca fora obrigado a retirar água de uma mina profunda, e durante mais de um milênio este cuidadoso sistema não fora alterado. O comentário acerca de uma fonte torrencial era um tanto problemático para uma mulher cansada, assim como seu comentário sobre um recém-nascido o fora para um homem idoso.

c. Terceiro Momento (v. 13-15)

Jesus — Havia necessidade de se resolver as limitações da fonte literal, pois, quaisquer que fossem os problemas para alcançar sua profundeza, o mais sério estava no fato óbvio de que **todo o que beber desta água tornará a ter sede** (cf. 6:26,27). A única resposta adequada era descobrir a **água viva** que o próprio Jesus poderia **dar**, e **todo aquele** que dela beber **nunca terá sede** (cf. 6:35) — ou, literalmente: "jamais terá sede durante a (nova) era". Longe de deixar alguém sedento de novo, esta água, uma vez bebida, não se perde, mas se **fará nele** uma fonte permanente. O "novo Jacó" não escavou seus poços na terra, mas no fundo do coração humano. Ademais, como dinamismo "vivo", esta realidade espiritual no centro da vida não se acumula como a água numa cisterna, mas jorra poder como **uma fonte... que jorre para a vida eterna.**

A mulher — Levada da necessidade ao desejo, através da curiosidade, a mulher se exprimiu nas mesmas palavras com que Jesus principiaria o diálogo: **Dá-me dessa água.** Quão rapidamente os papéis

15 Sobre esta interpretação do verso 9, veja David Daube, "Jesus and the Samaritan Woman; The Meaning of **sugchraomai**", **Journal of Biblical Literature**, 69 (1950), p. 137-147.

16 A fonte hoje tem 75 pés de profundidade, mas está parcialmente preenchida de entulho. Portanto, pode ter tido, aproximadamente, 100 pés de profundidade no tempo de Jesus. Veja D.C. Pellett, "Jacob's Well" **JDB**, II, p. 787 J. N. Sanders. **The Gospel According to St. John** (New York: Harper & Row Publishers, 1968), p. 140, fn. 1, e p. 142, fn. 1.

se inverteram! No início, aquele que veio do alto falou de coisas terrenas, para que aquela que era da terra pudesse crescer em suas aspirações e aprendesse a pedir coisas celestiais (cf. 3:12,13, 31). O fundamento de seu pedido era superficial se não egoísta: **para que não mais tenha sede, nem venha aqui tirá-la.** Por fim, porém, ela começou a procurar por algo melhor e, o mais importante, aprendeu com a pessoa certa (cf. v. 10).

3) O Oferecimento de Culto Espiritual (4:16-26)

16 Disse-lhe Jesus: Vai, chama o teu marido e vem cá. 17 Respondeu a mulher: Não tenho marido. Disse-lhe Jesus: Disseste bem: Não tenho marido; 18 porque cinco maridos tiveste, e o que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade. 19 Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta. 20 Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. 21 Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me, a hora vem, em que nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. 22 Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos: porque a salvação vem dos judeus. 23 Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. 24 Deus é Espírito, e é necessário que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade. 25 Replicou-lhe a mulher: Eu sei que vem o Messias (que se chama o Cristo); quando ele vier, há de nos anunciar todas as coisas. 26 Disse-lhe Jesus: Eu o sou, eu que falo contigo.

Diferentemente da entrevista com Nicodemos, que se limitou a um simples diálogo, sobre um assunto único (3:1-15), a conversa com a mulher samaritana teve duas partes, tratando de dois temas: água (v. 7-15) e culto (v. 16-26). A última parte, que funciona, na história da mulher samaritana, como a purificação do Templo (2:13-22), em relação ao relato sobre Nicodemos, organiza-se na forma de um diálogo, com três momentos.

a. O Primeiro Momento (v. 16 e 17a)

Jesus — No verso 15, a mulher fizera um legítimo pedido de água, limitando-o, porém, à satisfação de sua própria sede e ao término daquela tarefa diária de ir obrigatoriamente ao poço ao meio-dia. Como resposta, Jesus fez-lhe uma surpreendente sugestão: **Vai chama o teu marido e vem cá.** Como não se disse a razão deste pedido, há quem suponha que ele estava tentando vencer o egocentrismo dela, lembrando-lhe seus compromissos com os outros. Neste sentido, "vai e chama teu marido" significa: "Você não quer que sua família participe da descoberta da água viva?" Outros, no sentido, entendem que Jesus já sabia de seus fracassos sexuais e estava tentando expor o problema da culpa não resolvida. Neste sentido, sua sugestão acabou por quebrar suas defesas, levando-a à confissão do pecado.

A mulher — Confrontada de modo tão repentino com o desafio que o dom de Deus punha diante dela, a mulher tentou fugir ao problema com uma resposta evasiva: **Não tenho marido.** Como veremos, num certo sentido, a resposta estava tecnicamente correta, já que fora casada com muitos maridos; isto, porém, não altera a possibilidade de que estava tentando enganar premeditadamente. Na sua ética imatura, a verdade foi determinada mais pela exatidão das palavras do que pela integridade do motivo.

b. O Segundo Momento (v. 17b-20)

Jesus — Com fina ironia, Jesus elogiou sua resposta com um **disseste bem**, em ela afirmar que **não** tinha **marido**. Mas, pudera, ela dissera a **verdade**, somente porque já fora casada com **cinco maridos** e o homem com quem vivia então **não** era seu **marido**. A evasiva da mulher evidenciara a verdade mais profunda de que sua vida doméstica estava em ruínas. Os rabinos aprovavam um máximo de três casamentos, limite que ela já havia ultrapassado. Em certo sentido, sua história pessoal recapitulava a história nacional de seu país, uma vez que Samária fora "descasada" com mais de seis

tribos estrangeiras, cada uma com seu próprio deus (II Reis 17:29-34).

A mulher — Jesus arrancara-lhe tão rapidamente a máscara, que a mulher se viu obrigada a reconhecer que ele era um **profeta**, com um discernimento sobrenatural sobre sua vida (cf. 2:25). Exposto seu pecado, ela entendeu que sua necessidade urgente era obter perdão através do culto. Resposta sincera ou fruto de dissimulação, o fato é que seu interesse por um lugar adequado para o culto esbarrava na divisão religiosa que, havia muito, separava samaritanos e judeus. Seus compatriotas **adoravam** no monte Gerizim, próximo, mesmo depois que o templo foi destruído por João Hircano; por seu turno, os judeus insistiam que **Jerusalém** era o **lugar onde os homens deviam adorar**. Desgraçadamente, a hostilidade racial penetrara até mesmo no culto a Deus, tendo como conseqüência santuários segregados, onde nem todos eram igualmente bem-vindos.

c. O Terceiro Momento (v. 21-25)

Jesus — Enquanto a mulher definia os problemas do presente com base nas práticas tradicionais do passado ("Nossos pais adoraram"), Jesus lhe respondia em termos das promessas do futuro: **A hora vem**. Na nova era, o culto não seria limitado por um geográfico, **este monte** ou **Jerusalém**, mas teria um escopo universal (cf. Is. 66:1).

Isto não quer dizer que Jesus aprovava toda religião, onde quer que fosse. Ele sabia que muitos povos, inclusive os samaritanos, procuravam **adorar** algo que **não sabiam** bem o que era, enquanto seu próprio povo (1:11) **adorava** tendo como fundamento a revelação singular de Deus, dada a Israel ao longo da história. Neste sentido, o comentário parentético é acrescentado, de que **a salvação vem dos judeus,** uma afirmação clara da particularidade de Deus em escolher Israel como o agente do seu propósito de redenção. Ao beber água de um balde samaritano, Jesus mostrou simbolicamente estar destituído do preconceito judeu. Agora, a mulher era convidada a superar seus preconceitos samaritanos e a reconhecer que sua salvação viria dele, um judeu.

Observe-se o paradoxo criado pelos versos 21 e 22. Como Deus se dera a conhecer num **lugar** qualquer (em Israel, por exemplo), Deus poderia se dar a conhecer em **todos os lugares** (muito longe de Israel, por exemplo). Já que a fé se fundamenta numa história peculiar, registrada na Bíblia, ela não precisa da unificação produzida por um único santuário sobre um monte. Significa isto que o verdadeiro culto é exclusivo na origem, mas abrangente no alcance. Uma das mais profundas antinomias do pensamento humano tem suas raízes na tensão entre o particularismo e o universalismo. Aqui, as duas tendências são apresentadas de modo harmonioso, pela certeza de que em Jesus o particularismo histórico do velho Israel coincide com o universalismo escatológico do novo Israel.

Esta polarização aparece também no verso 23, onde a **hora** da transformação do culto **vem** no futuro (isto é, a velha era, com sua divisão ainda existente) e **agora é** (isto é, a nova era de unidade já começou a chegar). Estas duas afirmações, aparentemente contraditórias, podem ser verdadeiras no sentido de que a hora decisiva quando o novo dia se inaugurará **está vindo** (no futuro para a maioria da humanidade) mas **já é** uma realidade para os discípulos de Jesus, em cujo ministério o futuro está presente prolépticamente. Já que Jesus tornou Deus conhecido como **Pai** universal de toda a raça, é possível qualquer um tornar-se um **verdadeiro adorador** — e isto, não em função de **onde** se adora (Gerizim ou Jerusalém), mas em função de **como** se adora (**em espírito e verdade**). Note-se que as qualificações para a participação na nova era não são determinadas por raça, sexo ou religião, mas por **Deus** mesmo, que **é espírito**.

Adorar **em espírito** não significa que todos os lugares sagrados e todos os elementos materiais devem ser abandonados, mas que o poder criador e vivificante de Deus deve penetrar em todas as formas utilizadas no culto. A mulher samaritana devia aprender que não é um lugar tradicional, mas o poder transcendente que legitima a adoração. **O** acréscimo **em verdade** indica que esta realidade divina estava sendo revelada de modo singular no ministério de Jesus. Esta junção característica de **espírito** divino universal como **verdade** histórica particular é uma síntese teológica de grande profundidade (cf. 14:17; 15:26; 16:13).

A **mulher** — Como as conseqüências destas últimas afirmativas começavam a se delinear, a mulher samaritana admitiu sua crença num futuro **Messias (Cristo)**, que viria para **nos anunciar todas as coisas** (cf. 4:25). Embora possa ter sido ela uma última fuga, numa tentativa de fugir às palavras de Jesus, desviando-se para especulações escatológicas, esta declaração deve ter sido, antes, uma resposta semelhante àquela feita por Nicodemos (3:9). Em outras palavras: "Como é possível que tudo isto que conversamos, sobre a adoração no poder do Espírito de Deus, se realiza antes de aparecer o grande personagem que instaurará a era messiânica?"

Em resposta, Jesus encerrou o diálogo com uma surpresa ainda maior: "**Eu o sou, eu que falo contigo.** Esta autodeclaração final, pela qual Jesus se identificou como o mediador da realidade escatológica, assemelha-se à resposta dada a Nicodemos (3:13-15). Agora, do mesmo modo que não é necessário ficar preso à herança do passado, não é mais necessário também esperar pelas esperanças do futuro, Jesus representa o grande salto, nos propósitos de Deus, dos primeiros patriarcas ao Messias final. É isto que dá a entender a forma grega da frase. Uma tradução literal, capaz de recuperar a força original, seria: "'Sou eu' — ele é aquele um que está falando contigo". Este "sou eu" (**egō eimi**) antecipa o uso explícito feito depois (como em 8:58, por exemplo) como uma forma revelatória, para anunciar a presença do Deus eterno no seio da história (cf. Êx. 3:14; Is. 43:10).

4) O Testemunho da Mulher (4:27-30)

27 E nisto vieram os seus discípulos, e se admiravam de que estivesse falando com uma mulher; todavia, nenhum lhe perguntou: Que é que procuras? ou: Por que falas com ela? 28 Deixou, pois, a mulher o seu cântaro, foi à cidade e disse àqueles homens: 29 Vinde vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito, será este, porventura, o Cristo? 30 Saíram, pois, da cidade e vinham ter com ele.

A essa altura, os **discípulos** de Jesus, que tinham ido à cidade, que ficava próxima, comprar alimentos (v. 8), encontraram Jesus e a **mulher** samaritana conversando animadamente. Isso contrariava de tal modo os escrúpulos religiosos, que eles **se admiravam**, porém **nenhum** deles, diante da seriedade do seu Mestre, teve a coragem de interromper. É possível que diante da volta súbita deles e da perplexidade impressa em seus rostos, a mulher tenha partido às pressas **deixando o cântaro de água**. Isto porém, pouco importa. Diante do que Jesus lhe tinha dito, ela deveria voltar logo. Ela não tinha porque se atrapalhar com um grande jarro, se ia correndo para testemunhar (alusão a 2:6 e ss.?), estando interessada pela "água viva", que trazia em seu coração. Talvez Jesus tenha usado o cântaro em sua ausência (v. 11), já que estava livre do preconceito que proibia os judeus de usar vasilhas samaritanas (v. 9b).

Fundamentado no seu breve encontro com Jesus, o testemunho da mulher, na **cidade**, foi superficial, apesar de bem-intencionado. Seu testemunho inicial não era sobre a pessoa de Jesus, mas sobre a sua clarividência em discenir os segredos do seu coração (cf. 2:23 e ss.; 3:2). Ela apenas supunha que ele era mais do

que um **homem**. Sua pergunta pode ser melhor traduzida: "Será possível que ele seja o Cristo?" Assim mesmo, misturando a descoberta com a dúvida, conclamou os outros a irem ver com os seus próprios olhos. Mesmo defeituoso, seu testemunho levou o povo **da cidade** a Jesus. Que grande colheita Deus pode suscitar de uma semente tão pequena!

5) O Desafio aos Discípulos (4:31-38)

31 Entrementes, os seus discípulos lhe rogavam, dizendo: Rabi, come. 32 Ele, porém, respondeu: Uma comida tenho para comer que vós não conheceis. 33 Então os discípulos diziam uns aos outros: Acaso alguém lhe trouxe de comer? 34 Disse-lhes Jesus: A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e completar a sua obra. 35 Não dizeis vós: Ainda há quatro meses até que venha a ceifa? Ora, eu vos digo: Levantai os vossos olhos, e vede os campos, que já estão brancos para a ceifa. 36 Quem ceifa já está recebendo recompensa e ajuntando fruto para a vida eterna; para que o que semeia e o que ceifa juntamente se regozijem. 37 Porque nisto é verdadeiro o ditado: Um é o que semeia, e o outro o que ceifa. 38 Eu vos enviei a ceifar onde não trabalhastes; outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho.

Ao mesmo tempo que a mulher compartilhava o que aprendera junto ao poço de Jacó, **os discípulos** evidenciavam a necessidade, que tinham, de descobrir as mesmas verdades. A exemplo da mulher, eles estavam mais preocupados com o sustento físico: **Rabi, come**. Respondendo-lhes, Jesus mostrou que já, havia muito, possuía os recursos interiores que oferecera à mulher: **Uma comida tenho para comer que vós não conheceis**.

Não entendo a referência de Jesus ao alimento espiritual, do mesmo modo que fizera a mulher, ao ele fazer alusão à bebida espiritual, os discípulos lhe indagaram se alguém (a mulher?) lhe trouxera **de comer**. Percebendo sua confusão, Jesus explicou que **sua comida era fazer a vontade** e a **obra de Deus** (compare com v. 15, onde a mulher quis o sustento interior basicamente por razões pessoais). Como ainda não compreendessem o sentido profundo de serem **enviados** em missão (cf. 17:18; 20:21), os discípulos não entenderam a preocupação fundamental de Jesus com as necessidades do povo, a ponto de esquecer a necessidade de comida.

Na sua conversa com a mulher samaritana, Jesus usou a analogia de uma fonte corrente para mostrar a ilimitada abundância da bebida espiritual. Agora, ele chama a atenção dos discípulos para a metáfora da seara, num esforço para lhes mostrar que a comida espiritual também se multiplica copiosamente. Normalmente, era necessário esperar durante **quatro meses** até que **chegasse** o tempo da **colheita**. Jesus não se achava no início do ciclo da colheita espiritual, mas no seu término. Até mesmo seus discípulos **levantaram** seus **olhos** — diante da chegada dos samaritanos da cidade (v. 30)? — e **viram quão brancos** (maduros) estavam **os campos para a ceifa** humana (cf. Mat. 9:36-38). Assim como a água de Deus flui com a força de uma fonte subterrânea, a comida de Deus cresce com a força de uma semente plantada (cf. Mar. 4:3, 29,32). Aquele **que ceifa** dessa comida espiritual é duplamente recompensado com **salários** e **frutos**, não para uma estação, mas **para a vida eterna** (cf. o v. 14b).

Os discípulos poderiam participar dessa colheita sem problemas, devido a uma divisão de trabalho evidenciada num provérbio popular: **Um planta e outro colhe**. Eles **não** tinham feito o **trabalho** de plantar. Outros os haviam precedido, como o próprio Jesus (4:7-26), possivelmente João Batista (3:23) ou ainda uma porção de profetas do Velho Testamento, a começar por Moisés. Chegado o tempo da colheita, os discípulos podiam entrar no **trabalho** de preparação de seu novo papel como ceifeiros.

Não quer isso dizer que alguns fazem o trabalho e outros ficam com os méritos. Na solidariedade do povo de Deus, **semeador e ceifeiro regozijam-se juntos**

quando todo o trabalho chega ao fim. Assim sendo, o privilégio de colher traz consigo a urgente responsabilidade de aproveitar os esforços de tantos por tanto tempo. Este paradoxo de graça e exigência está implícito na comissão de Cristo a cada um dos discípulos: **Eu vos enviei a ceifar onde não trabalhastes.** Hoje, mais do que nunca, herdamos gratuitamente o trabalho desenvolvido ao longo dos séculos. É um imperativo, para nós, porém, que sejamos bons mordomos no trabalho em conjunto para uma farta ceifa.

6) A Resposta dos Samaritanos (4:39-42)

39 E muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher, que testificava: Ele me disse tudo quanto tenho feito. 40 Indo, pois, ter com ele os samaritanos, rogaram-lhe que ficasse com eles; e ficou ali dois dias. 41 E muitos mais creram por causa da palavra dele; 42 e diziam à mulher: Já não é pela tua palavra que nós cremos; pois agora nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo.

A resposta dos samaritanos evidenciou, de modo dramático, a abundante ceifa produzida pela obra preparatória de Jesus. De início, ele não passara de um homem cansado e sedento, sozinho à beira de um poço (v. 6 e 7), mas agora ele era recebido como o **Salvador do mundo**. De início, foi visto como um judeu que não mantinha relações com os samaritanos (v. 9), mas agora era convidado a **ficar com eles**, o que fez por **dois dias**. De início, apenas conseguira convencer uma mulher de baixa reputação (v. 29), mas agora **muitos samaritanos** da cidade **creram nele**.

Este resumo visa traçar os estágios por que passou a fé entre os samaritanos. Inicialmente, muitos creram em Jesus **por causa da palavra da mulher**, apesar de apresentar dois defeitos. Primeiro, o conteúdo do seu testemunho (**Ele me disse tudo quanto tenho feito** cf. v. 16-19,29) baseava-se mais no reconhecimento do poder de Jesus do que num conhecimento de sua pessoa. Esta confissão não podia, de modo algum, convencer alguém das verdades centrais, reveladas nos versos 7 a 26. Segundo, **as palavras** da mulher mediaram-lhes um contato indireto com Jesus, ao passo que o testemunho **dele** próprio os concitou a ouvi-lo por si mesmos, mediante um contato direto. Assim, como o fora no caso de João Batista (3:26), **muitos mais creram por causa da palavra dele** e não por causa do relato secundário da mulher. Este evangelho foi escrito na certeza de que a fé, que nasce pelo testemunho dos crentes, encontra sua expressão mais legítima na resposta ao auto-testemunho de Jesus, tornado pessoal e imediato através do ministério do Espírito Santo (cf. 14:26; 15:26,27; 16:13-15).

6. A Nova Vida (4:43-54)

Com esta passagem, chegamos ao clímax, num ciclo de seis relatos, que ilustram a nova era, inaugurada por Jesus (caps. 2 a 4). Depois de se ver como Cristo veio para cumprir a velha ordem, ao oferecer uma nova alegria (2:1-12), nova adoração (2:13-25), novo nascimento (3:1-21), nova liderança (3:22-36) e nova comunhão (4:1-42), fica agora claro que seu dom maior era o da própria vida nova. Isto já fora sugerido na edificação de um templo destruído (2:19), na possibilidade de "nascer de novo" (3:3), na entrada, agora, na "vida eterna" (3:16,36) e na descrição da água viva e dos frutos colhidos como sendo "de/ para a vida eterna" (4:14,36).

Agora, entretanto, estas antecipações se fazem mais explícitas, no tríplice refrão: "Teu filho está vivo" (v. 50,51,53). Como o Quarto Evangelho usa sempre o verbo viver (**zaō**) e o substantivo vida (**zōē**), para se referir à forma da existência qualitativamente diferente, de Deus, parece que este milagre de restauração física reflete — como a ressurreição de Lázaro (11:25) — o poder de Jesus conferir a vida espiritual duradoura.

Tanto pela sua localização quanto pela sua forma literária, esta unidade visa a primeira grande seção do "livro dos sinais" (caps. 2 a 4). A menção da Galiléia em geral e de Caná em particular é uma lembrança proposital de 2:1-12, o que estava interessado o evangelista em destacar (4:46,54). A estrutura do segundo milagre de Caná mantém uma impressionante semelhança com a do primeiro. Em ambos os casos, uma exigência inusitada foi feita de Jesus (2:3; 4:47), apenas para compensar sua recusa inicial (2:4; 4;48). A preocupação insistente do suplicante (2:5; 4:49), entretanto, provocou uma pronta intervenção de Jesus, cujas supreendentes instruções foram seguidas sem questionamento (2:6-8; 4:50). Isto gerou, por sua vez, a descoberta de que uma dramática mudança acontecera (2:9,10; 4:51-53a), visto como um sinal indicador de fé (2:11; 4:54b). Este paralelismo, meticulosamente urdido, é uma maneira semítica de mostrar o início e o fim de um ciclo literário comum.

Ao mesmo tempo, como unidade de transição, 4:43-54 também prepara para a próxima grande seção do "livro dos sinais" (cf. 5-10). Lá, o tema da vida que emerge aqui será amplamente desenvolvido e enriquecido (exemplo: 5:21-29; 6:26-58). Ademais, o cerne do conflito, antecipado, aqui, pela referência a Jesus como um profeta "sem honra em sua própria terra" (4:44), será elaborado dentro das compridas sombras de Jerusalém. Desse modo, o paradoxo central de João 5-10, segundo o qual Jesus provocou a morte ao oferecer a vida, tem um prenúncio eficaz em 4:43-54.

Embora esta passagem funcione basicamente em relação às porções maiores que lhe dão sentido (caps. 2-4; 5-10), vale a pena contemplar a maneira como esta última parte de João 4 harmoniza a primeira parte do capítulo. Nos versos 1-42, a ação de Jesus encontra profundas implicações para os problemas raciais, sexuais e ecumênicos de seu tempo. Nos versos 43-54, porém, a preocupação recai sobre a relevância de Jesus para um indívuo que poderá morrer sem a vida eterna. De modo claro, o Evangelho se mostra igualmente preocupado em transformar a qualidade de nossa **comunhão** externa de uns com os outros e nossa fé **interior** para com Deus. Dividir o evangelho segundo seus aspectos "pessoais" e "sociais" é artificial, uma vez que a obra salvadora de Jesus engloba ambos.

1) A Volta à Galiléia (4:43-45)

43 Passados os dois dias, partiu dali para a Galiléia. 44 Porque Jesus mesmo testificou que um profeta não recebe honra na sua própria pátria. 45 Assim, pois, que chegou à Galiléia, os galileus o receberam, porque tinham visto todas as coisas que fizera em Jerusalém na ocasião da festa; pois também eles tinham ido à festa.

Após ministrar em Jerusalém (2:13-3:21) e na Judéia (3:22-36), Jesus deixou Samária (4:1-42), passados **dois dias** (cf. v. 40) e **partiu para a Galiléia**, que, aos olhos de alguns judeus, era como ir aos limites exteriores da Terra Santa (cf. At. 1:8). A própria palavra Galiléia era a abreviação de uma frase hebraica (**galil-ha-goyim**), significando o "círculo (isto é, região, distrito) dos gentios (isto é, pagãos, estrangeiros)." Esta parte norte da Palestina fora submetida pela força e reincorporada ao território judeu havia pouco menos de um século atrás (103 a.C). Mesmo os judeus que viviam na Galiléia eram vistos, por seus compatriotas da Judéia, como ignorantes da Lei. Ao voltar a esta cultura, amplamente secularizada com sua concentração de não-judeus, Jesus estava realizando o papel atribuído a ele, pelos samaritanos, de "Salvador do **mundo**" (v. 42).

Ironicamente, Jesus trocou o judaísmo pelo paganismo, onde foi muito melhor recebido. Em Jerusalém, as respostas foram diversas e superficiais (2:20, 23-25; 3:10); na Judéia, foram mais amplas e entusiásticas, embora frustradas pela

falsa idéia de competição (3:22,26-30); em Samária, porém, tornaram-se profundas, apesar de um começo difícil (4:39-42). Aqui, entretanto, **os galileus** o **receberam** bem assim que chegou, com base no que ele **fizera em Jerusalém na ocasião da festa.**

Os muitos feitos que tinham enfurecido ou confundido o judaísmo oficial lhes trouxeram regozijo aos corações. Este modelo de resposta levou o **próprio Jesus** a afirmar a profunda veracidade do provérbio, segundo o qual um profeta não tem honra em sua própria terra (cf. Mat. 13:57; Mar. 6:4). No principal centro da nação santa, em Jerusalém, os seus não o receberam (cf. 1:11), enquanto na periférica Galiléia encontrou uma receptividade entre aqueles que não estavam embotados pela tradição de uma herança altiva (cf. Mat. 4:12-17).

2) A Cura do Filho de um Oficial do Rei (4:46-54)

46 Foi, então, outra vez a Caná da Galiléia, onde da água fizera vinho. Ora, havia um oficial do rei, cujo filho estava enfermo em Cafarnaum. 47 Quando ele soube que Jesus tinha vindo da Judéia para a Galiléia, foi ter com ele, e lhe rogou que descesse e lhe curasse o filho; pois estava à morte. 48 Então Jesus lhe disse: Se não virdes sinais e prodígios, de modo algum crereis. 49 Rogou-lhe oficial: Senhor, desce antes que meu filho morra. 50 Respondeu-lhe Jesus: Vai, o teu filho vive. E o homem creu na palavra que Jesus lhe dissera, e partiu. 51 Quando ele já ia descendo, saíram-lhe ao encontro os seus servos, e lhe disseram que seu filho vivia. 52 Perguntou-lhes, pois, a que hora começara a melhorar: ao que lhe disseram: Ontem à hora sétima a febre o deixou. 53 Reconheceu, pois, o pai ser aquela hora a mesma em que Jesus lhe dissera: O teu filho vive; e creu ele e toda a sua casa. 54 Foi esta a segunda vez que Jesus, ao voltar da Judéia para a Galiléia, ali operou sinal.

O exemplo mais marcante desta recepção favorável, **na Galiléia**, veio **um** oficial ligado à corte real (**basilikos**), possivelmente um gentio com algum interesse pelo judaísmo (cf. Mat. 8:5-13; Luc. 7:1-10). **Quando ele soube que Jesus tinha vindo da Judéia para a Galiléia** (um refrão de ênfase muito usado em 4:3,43,47,54), **veio** de **Cafarnaum** para **Caná**, para interceder pela cura de seu **filho**, que **estava à morte**. Uma indicação desta urgência é evidenciada pela mesma inferência tirada do fato de que caminhou os árduos 25-30 quilômetros da viagem, do litoral ao altiplano, num só dia, desde a manhã (cerca de seis horas) até a **hora sétima** (cerca de 13 horas).

À primeira vista, pode parecer cruel, por parte de Jesus, ter saudado, tamanho desespero paternal, com uma inesperada réplica: **Se não virdes sinais e prodígios, de modo algum crereis.** O vós, no plural, indica que o que **Jesus lhe disse** visava, basicamente, a multidão ali reunida. Ele desejava saber se o funcionário aflito viera até ele com preocupações mais profundas do que os insaciáveis desejos, daqueles galileus, por feitos espetaculares como os que haviam visto em Jerusalém (v. 45). A suplicante resposta, **Senhor, desce, antes que meu filho morra**, não deixou dúvida de que o funcionário queria a Jesus mesmo, e não um espetáculo do qual pudesse participar. Seu gesto mostrava, ainda, que ele queria Jesus para a cura de seu filho, e não para a satisfação de seus desejos pessoais.

A resposta de Jesus deve ter desagradado profundamente àqueles que procuravam por **sinais e maravilhas**, pois ele não foi com o oficial, como lhe fora solicitado, e nem lhe deu uma prova tangível de que cura ocorreria. Antes, despachou-o com nada mais do que uma promessa: **Vai, o teu filho vive.** Era necessário uma fé realmente sólida para que este pai prestimoso se dispusesse a voltar para casa firmado apenas em palavras, **mas o homem creu na palavra que Jesus lhe dissera, e partiu.** Ele viera temeroso de que seu filho morresse, mas encontrou em Jesus alguém tão profundamente consciente de seu poder que

ficou seguro de que a vida triunfaria. O oficial imbuiu-se desta convicção e se pôs a caminho de volta. Jesus não apenas despertou sua fé, mas, num sentido mais profundo, o levou a ter fé na fé de Jesus!

E esta verdade não poderia ser desapontada. Impossibilitado de partir antes da **hora sétima** (13 horas), só chegou a Cafarnaum à noite, sendo obrigado a gastar uma longa noite de volta para casa. No dia seguinte, **saíram-lhe ao encontro os seus servos**, com a boa-nova de que **seu filho vivia**. Quando soube que, no dia anterior, **a febre o deixou** na mesma **hora** que Jesus lhe dera sua garantia, o oficial **creu**, bem como toda a sua casa. A concomitância da cura não foi uma coincidência, mas uma providência confirmatória de que Deus confirmara aquelas palavras de Jesus, que o alto oficial trouxera de Caná em esperança.

Como o **segundo sinal** feito por Jesus **na Galiléia**, esta história tem como significado uma verdade espiritual que seria percebida apenas pela fé. De acordo com a ênfase observada ao longo dos capítulos 2,3 e 4, distinguem-se **três níveis de fé**, nesta história, cada um fornecendo uma compreensão diferente do sentido dos sinais.

Primeiro, no verso 48, a crença baseada apenas em sinais e maravilhas visíveis é sumariamente rejeitada. Os milagres não podem jamais ser um fundamento adequado para a fé. Por exemplo, um incidente bastante idêntico a este é registrado no Talmude Babilônico, em que o filho do rabino Gamaliel foi curado exatamente no momento em que o rabino Hanina orou por ele e mandou os mensageiros de volta, com a promessa de que a febre passara (**Berakoth, 34b**). Se a fé fosse proporcional à espetacularidade de atos poderosos, poder-se-ia crer no rabino Hanina do mesmo modo que no rabino Jesus! Conhecedor da inconstância das expectações humanas e da ambigüidade das humanas percepções, Jesus recusou, de pronto, substituir um compromisso interior por qualquer prodígio externo, como fundamento para um relacionamento duradouro com Deus.

Segundo, no verso 50, a fé, vista como uma confiança obediente na palavra de Jesus, torna-se o fundamento para que alguém se encha de esperança de que a vida triunfará sobre a morte. Em lugar de um milagre para criar a fé, uma noção rejeitada no verso 48, a fé fornece a perspectiva pela qual o milagre pode ser compreendido de modo correto. O alto oficial não viu sinais e maravilhas, porque Jesus operou como um Senhor fisicamente ausente, que fez o milagre à distância. A falta de técnicas visíveis, ou fórmulas perceptíveis, apontou para Deus como o último recurso de cura.

Terceiro, no verso 53, a crença é vista num sentido absoluto, como a confirmação divina, através dos eventos da história, da confiança de alguém na palavra de Jesus. Neste último estágio, o milagre não é o fundamento da esperança, mas a vindicação de uma esperança já despertada por Jesus. É loucura basear a confiança na visão de sinais e maravilhas, pois a nova era ainda não começou (isto é, a morte ainda não foi inteiramente abolida). Depositar, porém, a confiança na palavra de Jesus significava fé verdadeira, pois ele era o agente da nova era que mediava em prolepse as realidades do fim dos tempos.

Aqueles que encontraram em Cristo a chave para a realidade última terão sua fé fortalecida pela "ruptura" particular que antecipava a vida da era porvir. Os servos viram a cura, mas não compreenderam seu profundo significado (isto é não era para eles um sinal), porque não tinham estado diante de Jesus. O alto oficial, porém, que tinha se firmado na **palavra** de Jesus, sabia que essa cura não se constituíra numa simples coincidência, mas era uma indicação clara que apontava para Jesus como o

Senhor da era porvir, quando a vida seria eterna e a morte não mais existiria.

II. A Resistência ao Revelador (5:1-10:42)

Nos capítulos 2, 3 e 4, descreve-se, em viva sucessão, seis dons da nova era. Jesus, entretanto, continuava a insistir nos fundamentos, apresentando-se como o doador, em sentido absoluto (2:9; 4:1-3, 50) ou apenas em sentido parcial (2:19; 3:13-15; 4:26).

Como era de esperar, no entanto, urgia que fossem respondidas as perguntas acerca de suas credenciais de agente do cumprimento divino. Desse modo, o foco, nos capítulos 5 a 10, sai dos dons para o doador, de uma compreensão sêxtupla da obra do Messias para uma compreensão de sua pessoa. Jesus, então, é apresentado como a autoridade da vida (5:1-47), o pão da vida (6:1-71), a água da vida (7:1-52), o juiz da vida (8:12-59), a luz da vida (9:1-41) e o pastor da vida (10:1-42).

Esta mudança fica evidente no uso, cada vez maior, da expressão "eu sou" (**egō eimi**). [17] Nos capítulos 2 a 4, a expressão é usada apenas uma vez (4:26), numa acepção genérica e antecipatória, enquanto em 5 a 10, ela ocorre mais de doze vezes, em conexão com as afirmações cristológicas centrais. Muito pouco usada é a forma absoluta sem qualquer predicado (6:20; 8:24, 28, 58), pela qual Jesus aplicasse a si mesmo uma autodesignação divina do Velho Testamento com a finalidade de revelar o ser eterno de Deus em sua própria vida eterna (cf. Êx. 3:14, Is. 43:10). Diante deste fundamento, o uso de "eu sou" como um predicado nominal acrescenta maior significado. Nos capítulos 5 a 10, Jesus se identifica como o pão da vida (6:35, 41, 48, 51), a luz do mundo (8:12), a porta das ovelhas (10:7,9) e o bom pastor (10:11-14).

Como vimos, todos estes predicados são metáforas básicas, usadas desde o Velho Testamento, para descrever uma realidade espiritual. Ao relacioná-los com **egō eimi**, Jesus identificou sua pessoa com sua obra. Por exemplo, ele **dava** o pão e **era** o pão; isto é, ele era a **dádiva** e o **doador** ao mesmo tempo. Reside aqui a convicção central dos capítulos 5 a 10: já que Jesus veio para se oferecer a **si mesmo**, é impossível uma avaliação final de sua obra fora de uma avaliação de sua pessoa. Jesus insistia que seu ser interior e sua missão divina eram inseparáveis!

A sinistra hostilidade dos judeus permanece com um dramático contraste em relação às afirmações de transcendência feitas por Jesus (cf. 5:16,18; 6:41, 66; 7:1, 19,25,30; 8:37,40,59; 9:16, 29,34; 10:31, 39). Nesta seção, o conflito não atingiu seu ponto de ruptura, caracterizando-se, antes, por respostas-tentativas cheias de dúvidas e incertezas, e oscilantes entre a aceitação e a rejeição (ex. 6:41, 52, 60,61; 7:12,13, 30-32, 40-44; 9:16; 10:19-21). Bastante reveladora, nestas passagens, são a nota dissonante de que muitos "murmuravam" acerca de Jesus (6:41, 43,61; 7:12,32) e o refrão sintetizador: **"Houve uma dissensão (schisma ou cisma) entre o povo por causa dele"** (7:43, 9:16; 10:19).

A dinâmica em operação, nessa discordância, representava uma mudança decisiva de Israel diante de duas alternativas irreconciliáveis, colocadas por Jesus e pela liderança judaica. O julgamento dado ao Filho (5:22-30) começara a se realizar. A grande apostasia tomava lugar, não porque algum anticristo apocalíptico aparecera no tempo da tribulação cósmica (cf. I João 2:18-22), mas porque o Cristo encarnado aparecera entre seu povo e o convocara para o caminho que Deus lhe preparara.

17 Para maiores detalhes sobre **egō eimi**, veja E. Stauffer e F. Buechsel, em Kittel, TDNT, II, p. 352-354 e 399 e 400; Raymond Brown, **The Gospel According to John**, "The Anchos Bible" (Garden City: Doubleday & Co. Inc., 1966), XXIX, p. 533-538; C.H. Dodd, **Interpretation**, p. 93-96.

O caráter dramático deste conflito foi ainda mais enfatizado graças à colocação de cada controvérsia no contexto de um festival religioso judaico.[18] O capítulo 5 se relaciona com a "festa dos judeus" não identificada (v. 1), o capítulo 6 com a "Páscoa, a festa dos judeus" (v. 4), os capítulos 7 a 9, com a "festa dos judeus, a dos tabernáculos" (7:2) e o capítulo 10 com a "festa da dedicação", em Jerusalém (v. 22). Estas celebrações nacionais perpetuavam a memória das grandes épocas de redenção de Israel no passado e antecipavam suas esperanças mais gloriosas para o futuro.

Ao utilizar estes recursos, para destacar suas afirmações, Jesus ligou toda a extensão da história sagrada à sua curta missão. Ademais, ao identificar-se com os símbolos fundamentais usados nas liturgias festivas (exemplo: "Eu sou" o pão, água, luz), Jesus queria dizer que era a realidade para a qual o ritual apontava. O incrível significado destas afirmações só pode ser apreciado plenamente quando num ambiente de culto, onde o simbolismo tem como alvo claro indicar diretamente para Deus.

Podemos agora compreender a questão central entre Jesus e os judeus em João 5-10. De um lado, Jesus reivindicou o cumprimento das Escrituras e a instauração da nova era. Ele aplicou a si mesmo os símbolos escriturísticos usados no culto e reservados exclusivamente para Deus. Insistiu em exercer prerrogativas divinas como o Filho unigênito de seu Pai. De outro lado, os judeus o viam como alguém que violava a lei do sábado (5:18), ignorante dos estudos rabínicos (7:15) e cujas origens eram obscuras (7:27, 41, 52) ou mesmo questionáveis (8:19, 41). O problema crucial posto por estas evidências conflitantes era o da legitimidade. Como poderiam as reivindicações de Jesus ser conferidas diante da ausência absoluta de credenciais humanas? Esta é a questão a que todos estes capítulos responderão com as mais profundas respostas do Novo Testamento.

18 Sobre o contexto das festas em João 5-10, veja T.C Smith, **Jesus in the Gospel of John** (Nashville: Broadman Press, 1959), p. 144-183.

1. A Autoridade da Vida (5:1-47)

João 5 serve, de forma admirável, como uma introdução à unidade maior, compreendida entre os capítulos 5 a 10. Não só desenvolve de modo eficaz os temas paradoxais de conflito e dinamismo introduzidos na seção anterior (4:43-54), mas seu milagre de abertura (5:1-9a) explica a razão do poder limitado da água terrena que percorre os capítulos 2 a 4 (cf. 2:6-8; 3:5; 4:1-3; 4:12-15). Mais do que isso, a discussão básica da autoridade de Jesus, no capítulo 5, prepara o debate sobre a validade do seu ministério que domina os capítulos 5 a 10. Os princípios cristológicos aqui enunciados dão o fundamento sobre como compreender suas reivindicações de ser pão, água, juiz, luz e pastor.

Os estudiosos há muito reconhecem que a colocação do capítulo 6 antes do 5 melhoraria a seqüência topográfica na narrativa evangélica. Na atual colocação Jesus viajou de "Caná da Galiléia" (4:46) "a Jerusalém" (5:1), daí "para o outro lado do Mar da Galiléia" (6:1) e, "depois disto andava Jesus pela Galiléia" (7:1). É desnecessário dizer que estamos diante de um itinerário de difícil conexão! A reorganização proposta relacionaria os dois milagres ocorridos nos lados opostos do Mar da Galiléia (4:46; 6:1), bem como, obviamente, o que é relatado em 5:1-47 e 7:15-24.

Entretanto, esta solução bem ponderada — e que representa também um esforço para aproximar o Quarto Evangelho um pouco mais dos Sinópticos — esquece a importante consideração de que João 5 fornece os pressupostos cristológicos para João 6, devendo, portanto, precedê-lo. Certamente, o autor estava consciente dos problemas das referências geográficas, mas não as levou em consideração, já que faziam parte integrante dos incidentes que relatava.

Nenhum esforço foi feito para ordenar o texto numa seqüência topográfica, porque a preocupação central estava no bem urdido desenvolvimento teológico. Os argumentos quanto aos fatos em Jerusalém, de João 5, podem ter ocorrido cronologicamente depois das disputas galileanas de João 6; como eram, porém, logicamente, precedentes, foram colocados antes, a fim de facilitar a peregrinação do leitor no terreno da fé.

1) A Cura de um Homem Paralítico (5:1-9a)

1 Depois disso, havia uma festa dos judeus; e Jesus subiu a Jerusalém. 2 Ora, em Jerusalém, próximo à porta das ovelhas, há um tanque, chamado, em hebraico, Betesda, o qual tem cinco alpendres. 3 Nestes jazia grande multidão de enfermos, cegos, mancos e ressicados (esperando o movimento da água). 4 (Porquanto um anjo descia em certo tempo ao tanque, e agitava a água; então o primeiro que ali descia, depois do movimento, sarava de qualquer enfermidade que tivesse.) 5 Achava-se ali um homem que, havia trinta e oito anos, estava enfermo. 6 Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim havia muito tempo, perguntou-lhe: Queres ficar são? 7 Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que, ao ser agitada a água, me ponha no tanque; assim, enquanto eu vou, desce outro antes de mim. 8 Disse-lhe Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda. 9 Imediatamente o homem ficou são; e, tomando o seu leito, começou a andar.

Uma **festa dos judeus** não identificada propiciou a oportunidade para **Jesus** deixar para trás sua popularidade na Galiléia (4:45,54) e ir a **Jerusalém** como um profeta "sem honra em sua própria terra" (4:44). Nos dois lugares, sua palavra trouxe vida para vivos e mortos (4:50; 5:8); no norte pagão, porém, a cura gerou fé, enquanto, no sul religioso, provocou perseguição (5:16), e isso durante a estação sagrada de uma celebração litúrgica!

É difícil saber o lugar **em Jerusalém** em que os fatos se deram, primeiro, porque os manuscritos antigos mostram inúmeras variações na grafia do verso 2 e, segundo, porque qualquer texto escolhido tem o problema da sintaxe ambígua.

A tradução da **RSV (Revised Standard Version)** assume que há um tanque conhecido pelo nome **hebraico de Betesda**, com cinco **alpendres** ao seu redor, e que este tanque devia se localizar **próximo à porta das ovelhas**. A tradução da **NEB (New English Bible)**, no entanto, afirma que "ovelha" era o nome do volume de água, e não de um portão próximo (em grego, não há uma palavra para portão), consistindo numa construção de "cinco colunatas", e não no poço que tinha nome hebraico, devendo ainda, ser soletrado como "Betesda", e não como Betsaida.

Entre estas diferenças, a tradução da NEB deve ser escolhida como a melhor.[19] É provável que na área ao norte do Templo se localizasse um "Poço das Ovelhas", assim folcloricamente chamado em função da rota da ovelha destinada ao sacrifício no Templo ou da coloração vermelha da sua água, sugerida pelo sangue do animal abatido. A esta bacia dupla (um lado para homens e o outro para mulheres), usada talvez, pelos peregrinos do Templo, para suas purificações rituais, Herodes acrescentou cinco pórticos, que cercaram os quatro lados e dividiram as duas seções ao meio. Ao tempo de Jesus, toda esta estrutura deve ter sido o balneário público mais imponente de Jerusalém.

Como as águas fossem famosas, por seus poderes terapêuticos, o poço tinha atraído **uma multidão de enfermos, cegos, mancos e ressicados. Um homem achava-se** ao lado das colunas ornadas, próximas à margem do poço, **que havia trinta e oito anos, estava enfermo** — o tempo da peregrinação de Israel no deserto (Deut. 2:14). Com sua sensibilidade

19 A versão NEB, e improvavelmente a RSV, foi preparada após a importante contribuição de Joachin Jeremias, **The Rediscovery of Bethesda: John 5:2**, "New Testament Archaeology Monograph", Nº 1 (Louisville: Southern Baptist Theological Seminary, 1966), p. 9-38.

característica (cf. 2:25), Jesus notou que **estava assim havia muito tempo;** então procurou despertar sua vontade e lhe excitar sua esperança com a pergunta: **"Queres ficar são?** A sensação de necessidade, embora intensa, não é suficiente como único impulso para buscar ajuda, pois a necessidade somada à frustração pode conduzir facilmente a uma forma de vida inútil. Só quando o desespero se junta ao desejo é que a pessoa busca auxílio, independentemente do risco que isso possa envolver. Além disso, a doença pode ensejar alguém a fugir de sua responsabilidade ou a receber a atenção que de outra maneira não teria. Isto quer dizer, que nem toda pessoa enferma queira realmente sarar.

A aflita resposta do inválido sugeriu quão facilmente o desespero podia tornar-se em sua segunda natureza. Ele não apenas estava sem esperança fisicamente, como também, parece, era desprovido de amigos, já que **ninguém** o ajudara a entrar no **tanque** quando a repentina agitação das águas convidava a uma resposta imediata. [20] Por isto, embora arrastasse seu corpo em direção à água, é claro que nenhum inválido ou coxo chegaria primeiro. É interessante observar que nenhum daqueles que receberam a cura desta forma ficaram ou voltaram para ajudar os companheiros menos afortunados, de cuja sorte, havia pouco, participavam.

Apesar de tantos desapontamentos, um homem ainda continuava ali, em busca de sua cura. Jesus desafiou esta centelha de esperança com a ordem: **Levanta-te, toma o teu leito e anda** (cf. Mar. 2:9-12). Enquanto a água próxima dele tinha poderes limitados (cf. 4:7-15), a verdadeira restauração poderia vir na obediência a esta palavra de um estrangeiro (cf. 4:50). Jesus não julgara mal a intensidade dos seus anseios. Mesmo à falta de provas tangíveis de que o vigor que ele agora sentia era adequado e sem qualquer presságio favorável das águas que tanto o fascinara, o paralítico desesperançado colocou-se sobre seus pés, **tomou o seu leito** e se foi.

2) A Crítica dos Judeus (5:9b-18)

Ora, aquele dia era sábado. 10 Pelo que disseram os judeus ao que fora curado: Hoje é sábado, e não te é lícito carregar o leito. 11 Ele, porém, lhes respondeu: Aquele que me curou, esse mesmo me disse: Toma o teu leito e anda. 12 Perguntaram-lhe, pois: quem é o homem que te disse: Toma o teu leito e anda? 13 Mas o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se retirara, por haver muita gente naquele lugar. 14 Depois Jesus o encontrou no templo, e disse-lhe: Olha, já estás curado: não peques mais, para que não te suceda coisa pior. 15 Retirou-se, então, o homem, e contou aos judeus que era Jesus quem o curara. 16 Por isso os judeus perseguiam a Jesus, porque fazia estas coisas no sábado. 17 Mas Jesus lhes respondeu: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também. 18 Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.

Para **os judeus,** a cura de um coxo teve um sentido completamente diferente, porque o **dia** em que ocorreu foi o **sábado.** Esta observância servia como uma rememoração semanal do descanso de Deus no sétimo dia da criação (Êx. 20:11) e como uma antecipação ritual do descanso prometido da era messiânica (cf. Heb. 4:1-10). A palavra hebraica **shabbath,** significa a cessação da atividade ou ausência de trabalho. O **Mishnah** proibia 37 tipos de trabalho, o último dos quais era "mudar qualquer coisa de um lugar para outro" (**Shabbath,** 7:2; cf. Jer. 17:19-27). Como estes regulamentos foram introduzidos, possivelmente, durante o período neotestamentário, **não** era **lícito,** ao homem, **carregar** seu **leito** no sábado.

20 Este fenômeno da movimentação das águas pode ter sido o efeito causado ou pelo jorro repentino de uma fonte intermitente ou pelo complicado sistema de drenagem do duplo tanque. A lendária afirmação, que atribui a movimentação das águas a um anjo foi intercalada nos versos 3b-4 em muitos dos manuscritos antigos, mas não faz parte do texto original.

Tão preocupados estavam seus acusadores com esta quebra da tradição legal judaica, que não demonstraram qualquer interesse no motivo do comportamento do homem ou na felicidade que lhe sobreviera (cf. Mar. 3:1-6). Obviamente, intimidado pelas ameaças feitas pelos líderes religiosos, o homem passou logo a responsabilidade dos seus atos para Jesus, testemunhando, assim indiretamente sobre aquele que o **curara**. Depois de 38 anos de desespero, estava despreparado para disputar, com os teólogos, sobre os regulamentos sabáticos que eles mesmos haviam criado (cf. 9:24-34). Era principalmente esta a situação e ele nem sequer **sabia quem** o **curara** (cf. 9:12,25,36), porque Jesus se retirara do meio da **multidão** excitada que se apertava nos pórticos próximos do tanque (cf. v. 41).

Talvez porque o homem estivesse sendo acusado de ter violado a lei do sábado, **Jesus** (deliberadamente? cf. 9:35) o **encontrou** e recordou-lhe sua cura: **Olha, já estás curado**. Para provar gratidão, por esta dádiva divina, o homem recebeu a ordem: **não peques mais**, isto é, ele não deveria permitir que a amarga memória de 38 anos continuasse a separá-lo de Deus. **Pior** do que permanecer numa esteira durante a maior parte de sua vida seria ele ficar espiritualmente deformado, pois Deus não julga a enfermidade, mas o pecado. Observe-se que Jesus estava preocupado em saber se a pessoa era paralítica tanto interna como externamente. O homem, no entanto, parecia mais preocupado com a acusação movida contra ele pelas autoridades religiosas, pelo que **retirou-se**, por medo ou por incapacidade de contar **aos judeus que era Jesus quem o curara.**

Agora que o instigador desta infração sabática fora identificado, **os judeus perseguiam a Jesus**, não por uma simples ofensa, mas porque ele repetidamente (como o sugere o tempo imperfeito do verbo grego) **fazia estas coisas no sábado**. Como um "jovem rebelde", desconhecido e desacreditado, poderia libertar homens da restrição destas veneráveis leis que tinham caracterizado a vida judaica durante séculos? Como a sociedade nunca sabe a intenção última de um transgressor da lei, ao se recusar a aceitar as convenções, o melhor caminho é suprimi-lo, antes que o frágil sistema da ordem pública seja ameaçado de colapso.

Ao responder a este ataque, Jesus não se defendeu, argumentando que não tinha transgredido nenhuma legislação sabática. Ao contrário, ele voltou ao espírito dos Dez Mandamentos, insistindo que estava fazendo, no sábado, as mesmas coisas que o próprio Deus faria, e, por isso, estava guardando o dia melhor que seus adversários! Os teólogos judeus compreendiam que a atividade criadora de Deus não terminara quando "descansou" no sétimo dia (Gên. 2:2). Os rabinos ensinavam que as obras da divina providência permaneceram inacabadas (exemplo: chuva, nascimento, morte). Filo concebeu um argumento mais sutil. Segundo ele, Deus trabalhava enquanto "descansava", porque sua obra não o cansara (**Sobre os Querubins**, 86-90). Afirma ele, ainda, que Deus, tendo completado a criação das coisas mortais, começou, no sétimo dia, a fundar as coisas "mais divinas" (**Interpretação Alegórica**, I, 5,6). Jesus pode ter feito alusão a tais noções, ao afirmar: **Meu Pai trabalha até agora** (isto é, mesmo no sábado).

A característica fundamental desta refutação não estava em alguma nova idéia acerca do sábado, mas em considerar suas próprias obras como estando em coordenação e em continuação às de Deus: e **eu trabalho também**. Assim, ao se identificar com Aquele que concedera o sábado e suas leis, Jesus procurou colocar-se além do alcance do sistema legal estabelecido. Imediatamente, **os judeus** viram, neste argumento, uma pretenção implícita de ser **igual a Deus**, uma conclusão que pareceu confirmada pela forma com que **chamava a Deus** de **Pai**.

Desse modo, **ainda mais procuravam matá-lo**, por alguma culpa de blasfêmia.

3) As Reivindicações de Jesus (5:19-29)

19 Disse-lhes, pois, Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que o Filho de si mesmo nada pode fazer, senão o que vir o Pai fazer: porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente. 20 Porque o Pai ama ao Filho, e mostra-lhe tudo o que ele mesmo faz; e maiores obras do que estas lhe mostrará, para que vos maravilheis. 21 Pois, assim, como o Pai levanta os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem ele quer. 22 Porque o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o julgamento, 23 para que todos honrem o Filho, assim como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai, que o enviou. 24 Em verdade, em verdade vos digo que, quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não entra em juízo, mas já passou da morte para a vida. 25 Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão. 26 Pois assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também deu ao Filho ter a vida em si mesmo; 27 e deu-lhe autoridade para julgar, porque é o Filho do homem. 28 Não vos admireis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão: 29 os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.

Embora afirmasse estar fazendo a obra sabática de Deus, Jesus não fundamentou esta identidade de função em termos de uma igualdade de posição. Ao contrário, como **o Filho, ele de si mesmo nada podia fazer**. Esta relação de completa dependência era semelhante a de um filho aprendendo com o pai o ofício da família. Como um artesão habilidoso trabalha em sua profissão, enquanto o aprendiz primeiro observa e depois repete seus feitos, assim também Deus mostrava a Jesus tudo o que devia fazer, e **somente** o que o Filho "via" o Pai fazer ele o fazia **igualmente.** [21] Deus confiou a Jesus uma posição divina, porque estava certo de que seria obedecido perfeitamente. Jesus não era, de modo algum, uma espécie de "segundo Deus" a desempenhar um papel independente. Suas afirmações não contradiziam o monoteísmo clássico, que havia muito se constituía no centro da fé de Israel.

Para ser específico, duas prerrogativas que pertenciam inequivocamente **ao Pai** foram delegadas **ao Filho**: (1) ressuscitar os mortos e lhes dar vida; e (2) julgar todos os homens. Se os judeus realmente quisessem **maravilhas**, deviam compreender que Jesus estava fazendo **maiores obras** do que a cura de um paralítico. Com efeito, ele estava levando adiante, em seu meio, as atividades escatológicas que se esperava que Deus realizasse no fim do mundo! Por esta razão, **todos** deviam honrar **o Filho, assim como honram o Pai**, por meio de ouvirem a palavra do Filho, o que significa crer naquele que o enviara. Jesus merecia altas honrarias, não porque reivindicasse alguma posição superior, mas exatamente porque fora obediente sem visar qualquer honra.

Para os judeus, a coisa mais urgente era entender (observe-se o **na verdade, na verdade**) que a **hora** da ressurreição que eles sabiam **viria** no futuro chegara **agora** no ministério de Jesus. Mesmo os espiritualmente **mortos** poderiam **ouvir a voz do Filho de Deus**, e aqueles que a ouvissem **viveriam**, não com a vida física, que logo expira, mas com a vida eterna, que **o Pai tinha concedido ao Filho**. Foi o fato de possuir a própria vida de Deus, e não méritos de credenciais humanas, que proveu a base para a **autoridade**, entregue a Jesus, para **exercer o juízo**. Por misericórdia, o árbitro do destino humano não era uma remota figura cósmica, mas **o Filho do homem**, que conhecia as fragilidades da existência terrena.

A chegada da escatologia realizada não significava, entretanto, que a escatologia futurista fora abandonada por

21 A idéia de que, em 5:19, 20a, Jesus tenha empregado "a figura comum de um filho aprendendo o ofício de seu pai" foi desenvolvido por C.H. Dodd, **More New Testament Studies** (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1968), p. 30-40.

Jesus. Bem ao contrário, o fim da história tornara-se mais significativo, agora que seu sentido se revelara no presente. Jesus estava pronto para aceitar a esperança tradicional do judaísmo, lembrando, aos seus ouvintes, que não necessitavam de **maravilhas**, visto que já haviam aceitado a validade delas. Reconhecia ele que a **hora** final estava **chegando**, quando **todos nos sepulcros** viriam para serem julgados conforme às suas obras, fossem elas **boas** ou **más** (cf. Rom. 2:6-9). O ponto central, no entanto, era que esta grande ressurreição seria provocada pela mesma **voz** que agora soava aos seus ouvidos (cf. a palavra **ouvir** nos v. 24, 25 e 28). Por isso, até mesmo a mais remota esperança futura exigia uma decisão imediata diante de Jesus. E o milagre era que a decisão de fé permitia que a esperança começasse a se tornar realidade aqui e agora.

4) A Evidência Para as Reivindicações (5:30-47)

30 Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma; como ouço, assim julgo; e o meu juízo é justo, porque não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. 31 Se eu der testemunho de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro. 32 Outro é quem dá testemunho de mim; e sei que o testemunho que ele dá de mim é verdadeiro. 33 Vós mandastes mensageiros a João, e ele deu testemunho da verdade; 34 eu, porém, não recebo testemunho de homem; mas digo isto para que sejais salvos. 35 Ele era a lâmpada que ardia e alumiava; e vós quisestes alegrar-vos por um pouco de tempo com a sua luz. 36 Mas o testemunho que eu tenho é maior do que o de João; porque as obras que o Pai me deu para realizar, as mesmas obras que faço dão testemunho de mim que o Pai me enviou. 37 E o Pai que me enviou, ele mesmo tem dado testemunho de mim. Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes a sua forma; 38 e a sua palavra não permanece em vós; porque não credes naquele que me enviou. 39 Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna; e são elas que dão testemunho de mim; 40 mas não quereis vir a mim, para terdes vida! 41 Eu não recebo glória da parte dos homens, 42 mas bem vos conheço, que não tendes em vós o amor de Deus. 43 Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, a esse recebereis. 44 Como podeis crer, vós que recebeis glória uns dos outros e não buscais a glória que vem do único Deus? 45 Não penseis que eu vos hei de acusar perante o Pai. Há um que vos acusa, Moisés, em quem vós esperais. 46 Pois se crêsseis em Moisés, creríeis em mim; porque de mim ele escreveu. 47 Mas, se não credes nos seus escritos, como crereis nas minhas palavras?

A questão central, neste capítulo, é a **autoridade** divina de Jesus, autoridade esta que, afirmada nos versos 1-9a, controvertida nos versos 9b-18 e explicada nos versos 19-29, é agora reafirmada nos versos 30-47. A necessidade de autenticar o ministério de Jesus era dolorosamente óbvia, uma vez que ele não possuía as muitas credenciais visíveis, das quais os líderes religiosos do judaísmo estavam acostumados a depender. Seu poder não provinha de herança de família, como acontecia com o sacerdócio hereditário, nem de uma educação sofisticada, como ocorria com os rabinos. Nem apelava ele para as confirmações das Escrituras como interpretadas pelo peso da tradição religiosa, uma vez que violava claramente a letra do código por "trabalhar" no sábado. Que apoio poderia Jesus, então, pedir para reforçar suas afirmações de autoridade?

A resposta a esta questão crucial tinha dois aspectos, um negativo e outro positivo. Negativamente, Jesus insistia que **nada fazia** com base em sua própria **autoridade**. Ele era completamente diferente da sucessão de pretendentes messiânicos de sua época, que escolhiam títulos espetaculares e anunciavam inflamadas afirmações acerca de si mesmos. Ele não baseava sua autoridade no autoengrandecimento, porque era motivado **não** por sua **própria vontade**, mas pela **vontade** dAquele que o **enviara**. Desse modo, estava consciente de que seguia o mandamento das Escrituras (Deut. 19: 15), segundo o qual o **testemunho** não repousa sobre um autotestemunho, mas

deve ser confirmado por **outrem**. Positivamente, este outrem que dava **testemunho** acerca de Jesus era o próprio Deus. Nisto residia sua última confirmação, pois não havia dúvida de que o **testemunho** que ele dava era **verdadeiro**. Tão certo estava Jesus da aprovação divina que podia invocar o supremo Legislador do universo como sua testemunha principal de defesa!

Como, porém, poderiam os outros homens perceberem este testemunho transcendental, que sempre estivera presente no âmago da consciência de Jesus? Na esperança de que as evidências terrenas pudessem ajudar, Jesus indicou três fontes secundárias, **não** para **receber** testemunho **de homens**, mas porque estas três testemunhas foram dadas todas pelo Pai, e assim colocadas diante de Jesus e de Deus. A maneira pela qual foram introduzidas sugere um debate ou desafio formal, em que Jesus, o juiz cósmico do verso 22, se defende como um acusado diante do júri formado pelos leitores.

João Batista (v. 33-55) — A liderança religiosa tinha já **ido a João** (1:19,24), que dera **testemunho da verdade** sobre Jesus (cf. 1:19-34; 3:27-30). Como Elias (cf. Eclesiástico 48:1), ele era uma lâmpada incandescente e resplendente a iluminar o destino de Israel na descoberta do Messias. Para ser franco, João era apenas um vaso que não poderia projetar luz de si mesmo (cf. 1:8); mesmo assim, no entanto, os judeus quiseram se alegrar por um pouco, **enquanto** ministrava com a luz vinda da parte de Deus. João fora uma figura profética popular, que provocara uma grande excitação escatológica entre o povo.

As obras poderosas (v. 36) — Acima de todo significado de um testemunho preparatório (cf. 3:28), Jesus tinha um **testemunho... maior do que o de João**, vindo de seu ministério de cumprimento. Apesar da semelhança de João com Elias, não se tem registro de ter operado um milagre, enquanto **o Pai concedera** a Jesus **realizar** muitas **obras** poderosas. Estas não eram espetáculos impressionantes, para chamar a atenção para si mesmas, constituindo-se, antes, em sinais de revelação, a indicar para o sentido da missão para a qual Jesus fora **enviado**. Propositalmente, **estas muitas obras** não tinham valor em si mesmas (veja-se a reação à cura do coxo, neste capítulo), mas eram, em resumo, evidências tangíveis, que não podiam ser ignoradas. Talvez o escrúpulo sabático tenha sido violado; todavia, nunca um desesperançado inválido durante 38 anos pôde, como agora, caminhar sem qualquer dificuldade.

As Escrituras (v. 37-40) — Novamente, Jesus insiste que a fonte de todo o testemunho verdadeiro sobre ele estava no **Pai**, que o **enviara**. Ao mesmo tempo, reconhecia que a **voz** de Deus **nunca** fora **ouvida** e sua **forma nunca fora vista** (cf. 1:18). Como, então, poderia o testemunho divino ser recebido na terra? Os próprios judeus tinham respondido que, embora Deus estivesse além do ouvir e do ver, **sua palavra** fora entregue aos homens nas **Escrituras**, onde pudesse ser **buscada**, para que se achasse a **vida eterna**. Ao aceitar esta premissa dos adversários, Jesus apresentou o Velho Testamento como a terceira fonte de testemunho a seu respeito. Ao mesmo tempo, lembrou que a **palavra** de Deus escrita nas Sagradas Escrituras não **residia** em seus corações, porque **não criam** nele, que fora **enviado** pelo autor final das Escrituras. Ao citar este tríplice testemunho a seu respeito, Jesus mostrou disposição em aceitar apoio tangível para suas afirmações transcendentais. Estava igualmente convencido, ainda, que a força desse apoio provinha exclusivamente de Deus, pelo que exigia, então, uma abertura para Deus como forma de tornar válidos estes testemunhos. Todos puderam ouvir o que Jesus dissera e ler o que estava escrito nas Escrituras, mas isto nada significaria se não houvesse uma abertura para Deus, o único capaz de confirmar sua própria verdade.

Ainda hoje temos profetas corajosos, obras espetaculares e Escrituras inspiradas, os quais continuam a apontar para além de si, isto é, para Deus, como sua fonte, e, para Cristo, como seu alvo. Os homens não são plenamente convencidos a crer em Jesus por meio de pregações eloqüentes, por feitos misericordiosos ou mesmo através das palavras da Bíblia. Estas testemunhas não tornam Jesus digno de autoridade, mas antes derivam dele sua própria autoridade. Na realidade, a afirmação de Jesus deve ser consubstanciada apenas pelo próprio Deus, quando os homens vêm ao Filho e descobrem que, ao fazê-lo, estão recebendo o tipo de **vida** que foi dado a ele pelo Pai (cf. v. 26).

Jesus encerrou a discussão acusando seus detratores de egoísmo religioso, culpa que lhe fora impingida anteriormente (v. 18). Ele não necessitava de **receber glória de homem**, porque estava certo do **amor de Deus** nele (cf. v. 20a), certeza que eles não possuíam. Ao contrário de um pretenso messias, que vinha **em seu próprio nome**, fazendo alarde do papel que iria desempenhar, Jesus vinha apenas **em nome do Pai**, para apresentar a realidade de Deus por meio de uma vida de obediência. Por ironia, os judeus **recebiam** um homem que chamasse a atenção para si mesmo e rejeitavam aquele que apontava para Deus.

E o problema não era de compreensão. Qualquer religioso fanático, motivado por seu próprio orgulho, serviria facilmente ao orgulho dos outros, resultando, daí, que todos receberiam **glória uns dos outros**. Jesus, no entanto, buscou **a glória que vem do único Deus**, razão por que nunca se exaltou a si mesmo e nem a seus advogados. Neste texto, o orgulho é identificado claramente como uma barreira, não para a religião como tal (onde é tão facilmente explorado), mas para a fé naquele que se recusou a usar Deus para atender aos insaciáveis apetites do ego humano. Os livros de **Moisés**, havia muito, ensinava, que a glória pertence somente a Deus. Como os judeus **depositavam** sua **esperança** nesse grande profeta, Jesus os **acusava** de não conseguirem **crer** nesta verdade como anunciada tanto em **seus escritos** como nas **palavras** de Jesus.

2. O Pão da Vida (6:1-71)

João 6 não é apenas o mais longo capítulo do Evangelho, mas constitui, seguramente, o mais amplo tratamento dedicado a um só tema teológico. Por isso, é surpreendente descobrir que apenas uns poucos itens aparecem, nesta bem elaborada discussão teológica, acerca do pão espiritual. Ao mesmo tempo, impressiona como estes óbvios aspectos de analogia se desenvolvem de forma sutil e concatenada, tornando esta seção a obra-prima da teologia do Novo Testamento.

Diversos fatores contribuem para o caráter específico deste capítulo. Como, desde longa data, era a principal metáfora sobre o sustento espiritual no Velho Testamento, o pão era objeto comum do tratamento homilético, feito pelos rabinos, ao tempo da produção deste Evangelho. Os gregos também tinham refletido sobre a idéia do alimento celestial, que nutre a vida eterna, o que levou os apologistas, como Filo, por exemplo, a refinadas alegorias sobre o maná enviado por Deus dos céus. A igreja antiga, é claro, pensou com profundidade no significado do alimento espiritual à luz da importância dada ao partir do pão, especialmente na celebração da Ceia do Senhor. Neste texto, João ilustra como estas múltiplas manifestações, comuns no primeiro século, podiam encontrar uma nova direção, quando aplicadas à pessoa e obra de Jesus.

Duas referências, uma no início e a outra ao final do capítulo, sugerem antecedentes mais precisos na experiência formativa de Jesus e/ou do autor do Evangelho. No verso 4, aprendemos que o discurso sobre o Pão da vida se de-

senvolveu num tempo quando a festa pascoal se aproximava, enquanto o verso 59 indica que isto se deu na sinagoga em Cafarnaum. No primeiro século, os cultos sinagogais seguiam um modelo comum de leituras das Escrituras, coordenadas com as grandes celebrações do calendário religioso. Durante as festas da Páscoa, liam-se paráfrases (**targuns**) tomadas de passagens selecionadas, como Josué 5, as quais eram explicadas (**midrash**) pelos rabinos, que se utilizavam de um rico manancial de material homilético (**haggadah**), desenvolvido durante muitos anos de repetidos esforços. João 6 parece seguir estas tradições exegéticas dos judeus, tanto para explicar Jesus à luz das Escrituras como para explicar as Escrituras à luz de Jesus. [22]

Entre os vários motivos pascoais de João 6, o dominante é, com certeza, o do maná ou pão. Relembrava-se, na Páscoa em especial, o cuidado miraculoso dispensado por Deus ao seu povo, durante o êxodo e a peregrinação no deserto. Observe-se Salmos 78:12-54, particularmente os versos 24 e 25, como base de todo este capítulo (cf. Neem. 9:9-15; Sabedoria de Salomão, 16:20, 21). Tão cheio de significado fora a dádiva do maná, no deserto, que ele se transformou no modelo de pão messiânico, esperado para a nova era. Como Josué 5:10-12 afirma que o maná cessara quando da primeira Páscoa na Terra Prometida, a tradição rabínica concluiu que ele continua sendo produzido e armazenado nos céus (cf. Apoc. 2:17), de onde voltaria, na última Páscoa, por ocasião da vinda do Messias. Ao Jesus, na época do ano em que estas esperanças eram intensas, produzir pão miraculosamente e ainda dizer que poderia fazer um maná ainda maior que Moisés, tinha a deliberada intenção de exercer o maior impacto possível sobre aqueles que o viam e ouviam.

Ao se apresentar como doador e dádiva do pão celestial, Jesus fez uma afirmação que inevitavelmente mexeu com sua audiência, começando pela periferia da multidão e alcançando o centro do grupo de discípulos. O entusiasmo superficial provocado pela alimentação de cinco **mil** logo arrefeceu, apresentando-se em seu lugar, perguntas de ceticismo e querelas de sarcasmo. Como Jesus revelasse progressivamente as implicações destas afirmações, os respondentes também progressivamente "murmuravam", "argumentavam com violência" e "se escandalizavam".

De início, esta oposição veio do "povo", isto é, da multidão em geral; depois, porém, passou da multidão para os "judeus", isto é, para a liderança religiosa. Logo, o descontentamento chegou a "muitos discípulos", que "voltaram atrás, e não mais o seguiram". Por fim, mesmo os doze integraram a lista diante da chocante revelação de que um deles era um traidor. Nenhum limite visível protegia os membros de qualquer grupo desse perturbador juízo em operação no ministério de Jesus (cf. Mat. 7:21-23).

A forma geral do capítulo, como narrativa (milagre) seguida de discurso (ensino) fica logo evidente, fazendo um ligeiro paralelo com João 5. A estrutura precisa do discurso, entretanto, é de difícil determinação, o que desagrada em muito os expositores. Nossa presente abordagem enfatiza o caráter dialógico do discurso, entendendo-o como dividido em três partes, cada qual introduzida por uma afirmação de Jesus e concluída por um conflito provocado pela afirmação. Segundo este modelo, o discurso considera o Pão da vida em relação à sua fonte (v. 25-34), à sua natureza (v. 35-51) e à

22 Quanto a isto, veja Peder Borgen, **Bread from Heaven**, "Supplements to **Novum Testamentum**", Vol. 10 (Leiden: E. J. Brill, 1965); Bertil Gäntner, **John 6 and the Jewish Passover**, "Corriectanea Neotestamentica", Nº 17 (Lund: C.W.K. Gleerup, 1959); Bruce J. Malina, **The Palestinian Manna Tradition**, "Arbeiten zur Geschichte des späteren Judentums und des Urchristentums", Nº 7 (Leiden: E.J. Brill, 1968): Waye A. Meeks, **The Prophet-King**: Moses Traditions and the Johannine **Christology, "Supplements to Novum Testamentum"**, Vol. 14 (Leiden: E.J. Brill, 1967).

sua recepção (52-65). Esta discussão se relaciona com o milagre da multiplicação (v. 1-15) por um elo que liga as duas partes geográfica e teologicamente (v. 16-24). Todo o capítulo se conclui pela recordação de uma crise entre Jesus e seus discípulos (v. 66-71), reminiscente da região de Cesaréia de Filipe, segundo os Sinópticos (Mar. 8:27-33).

1) A Alimentação dos Cinco Mil (6:1-15)

1 Depois disto partiu Jesus para o outro lado do mar da Galiléia, também chamado de Tiberíades. 2 E seguia-o uma grande multidão, porque via os sinais que operava sobre os enfermos. 3 Subiu, pois, Jesus ao monte e sentou-se ali com seus discípulos. 4 Ora, a páscoa, a festa dos judeus, estava próxima. 5 Então Jesus, levantando os olhos e vendo que uma grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pão, para estes comerem? 6 Mas dizia isto para o experimentar; pois ele bem sabia o que ia fazer. 7 Respondeu-lhe Filipe: Duzentos denários de pão não lhes bastam, para que cada um receba um pouco. 8 Ao que lhe disse um dos seus discípulos, André, irmão de Simão Pedro: 9 Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas que é isto para tantos? 10 Disse Jesus: Fazei reclinar-se o povo. Ora, naquele lugar havia muita relva. Reclinaram-se aí, pois, os homens em número de quase cinco mil. 11 Jesus, então, tomou os pães e, havendo dado graças, repartiu-os pelos que estavam reclinados; e de igual modo os peixes, quanto eles queriam. 12 E, quando estavam saciados, disse aos seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca. 13 Recolheram-nos, pois, e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobejaram aos que haviam comido. 14 Vendo, pois, aqueles homens o sinal que Jesus operara, diziam: Este é verdadeiramente o profeta que havia de vir ao mundo. 15 Percebendo, pois, Jesus que estavam prestes a vir e levá-lo à força para o fazerem rei, tornou a retirar-se para o monte, ele sozinho.

Este é o único milagre de Jesus registrado em todos os quatro Evangelhos. Tanto os Sinópticos como João concordam que ele serviu de marco no ministério de Jesus na Galiléia. O incidente permaneceu importante na igreja antiga, por causa de sua ligação com milagres de alimentação semelhantes no Velho Testamento (especialmente II Reis 4:42-44) e a celebração da Ceia do Senhor. Para toda a humanidade, a história recorda, de modo clássico, a suficiência de Jesus para satisfazer as necessidades humanas, mesmo quando esgotados os recursos de seus seguidores.

O local deste episódio é de difícil determinação. **O outro lado do Mar da Galiléia** possivelmente deve referir-se à banda oriental (adiante de Cafarnaum, na banda ocidental, como em 4:46-54), o que está de acordo com a localização, posta por Lucas, em Betsaida (Luc. 9:10, mas cf. Mar. 6:45). Entretanto, alguns manuscritos do verso 1 tomam **Tiberíades** não como um nome alternativo para **mar da Galiléia** (não há nenhuma palavra para mar em relação a Tiberíades, no texto grego), mas como uma referência à cidade desse nome, a sudoeste do lago. Esta interpretação parece confirmada pelo verso 23, embora o significado deste texto não seja suficientemente claro. Obviamente, os detalhes geográficos foram subordinados à mensagem teológica do milagre.

Onde quer que tenha sido o lugar, está claro que foi próximo ao mar da Galiléia, de onde **subiu, pois, Jesus ao monte** (e não **às colinas**, como na **Revised Standard Version**) **e sentou-se ali com seus discípulos**. Sentar-se com discípulos era agir como um rabino, e fazê-lo no monte era ensinar a revelação de Deus. Nesta passagem, o tempo tinha tanto valor quanto o lugar, uma vez que a **Páscoa**, a grande **festa** religiosa **dos judeus, estava próxima** (cf. 2:13). A celebração pascal, observada anualmente na primavera, comemorava a libertação da nação do Egito e antecipava, assim, os atos semelhantes da salvação divina no futuro. A colocação de uma enigmática referência a esta festa, no verso 4, pode ser uma forma de o autor aludir ao verso 5, que a **multidão**, ao **vir** até ele e não para Jerusalém, procurava nele o

verdadeiro sacrifício pascoal (cf. 1:29; 19:31a; I Cor. 5:7b).

Essa multidão esfomeada deu a Jesus a oportunidade para **experimentar** os seus discípulos ou ensinar-lhes uma verdade importante sobre as necessidades humanas. A **Filipe**, que era de Betsaida (1:44) e podia conhecer os recursos da região, ele apresentou o característico problema joanino da fonte onde se podia **comprar pão** suficiente para o **povo comer**. Sua resposta de que **duzentos denários**, não eram suficientes nem para dar um bocado a cada pessoa revelou logo a grandeza da dificuldade em nível terreno (cf. 4:11).

Na Palestina, um denário correspondia a um dia de trabalho (Mat. 20:2, 9,10,13). Nesta base, podemos calcular **duzentos denários** como equivalentes aos vencimentos de quase um ano de trabalho de um trabalhador pobre.

O relato não esclarece por que Filipe sugeriu esta quantia. Se era o saldo total da caixa dos discípulos naquele momento (12:6), sua resposta deve ter sido um lamento frustrado: "Nós não poderíamos alimentar esta multidão, mesmo se gastássemos todos os nossos recursos disponíveis!"

Para aumentar o problema, **André**, outro discípulo de Betsaida (1:44), logo acrescentou que, entre os **muitos** que tinham acabado de chegar, havia um **rapaz** que possuía **cinco pães** e **dois peixes**. Enquanto Filipe contava rapidamente as moedas dos discípulos, André presumivelmente perscrutava a multidão,com resultados igualmente desanimadores. O tipo de pão (feito de cevada) encontrado era um alimento muito barato, usado pelos pobres, ao passo que peixe salmorado nada mais era que uma pasta ou geléia para passar no pão. Uma tradição popular tem enfatizado a disposição de um menino para compartilhar seu lanche com Jesus; o relato porém, faz silêncio acerca desta louvável disposição. Em vez disso, a preocupação de André era a mesma de Filipe: **mas que é isto para tantos?** O reconhecimento de que todos os recursos humanos disponíveis eram absolutamente inúteis serviu de fundo para que se compreendesse a iniciativa soberana de Jesus, que **bem sabia o que ia fazer**. Diferentemente de seus seguidores, Jesus não desesperou diante dos parcos recursos à sua disposição. Depois de instruir os discípulos para disporem **o povo** na **grama** de modo organizado (permitindo uma estatística aproximada de **cinco mil homens**), ele **tomou os pães** e, tendo **dado graças, distribuiu-os** entre a multidão. Tomar, abençoar e, depois, entregar era um gesto muito comum no ministério de Jesus, com o que ele queria dizer que se os homens lhe oferecessem tudo quanto tivessem, embora terreno e limitado, ele faria descer a graça celestial, da parte de Deus, sobre estas coisas, que, então, alcançariam um valor espiritual jamais imaginado. Estes gestos, que também caracterizaram a Última Ceia (cf. Mar. 14:22,23), são repetidos perenemente na Ceia, expressando, assim, mais em atos do que em palavras, uma verdade central do ministério de Jesus.

As ênfases deste relato residem na abundância e na permanência. E todos comiam **quanto queriam**. Depois, **os pedaços que sobejaram** foram cuidadosamente recolhidos, para que nada se perdesse (literalmente, "perecesse", a mesma palavra do v. 27). Estes **doze cestos**, cheios com os pedaços **que sobejaram**, evidenciavam, de modo inequívoco, que Jesus tinha ido além de satisfazer àqueles que **haviam comido**. Em Caná, ele tivera o cuidado de deixar "cheios" de água seis amplas talhas, destinadas aos ritos das "purificações dos judeus" (2:6, 7); aqui, ele deixou **doze cestos** cheios, representando as doze tribos de Israel. Nos dois casos "cumpriu" os sistemas herdados do passado, mas os ultrapassara, ao satisfazer as necessidades humanas.

Para **aqueles homens**, ver doze cestos cheios de pão parecia um **sinal** de que o

banquete messiânico estava prestes a começar. Por isso, saudaram Jesus como o **profeta que havia de vir ao mundo** (cf. 4:19; 7:40; 9:17), identificando-o, assim, com o prometido "profeta semelhante a Moisés" (Deut. 18:15, 18), cujo protótipo dera a Israel o maná no deserto. A Galiléia era uma estufa de entusiasmo escatológico, no primeiro século, e não era preciso provocar muito para que surgisse fácil um movimento messiânico de libertação nacional (Josefo, **Antiguidades**, XX, 97,98, 167-172). **Percebendo que as multidões queriam levá-lo a força** (cf. Mat. 11:12), na intenção de o **fazerem rei**, Jesus recusou esta coroação terrena e **novamente** buscou a solidão do monte (cf. Mat. 4:3,4).

2) A travessia do Mar (6:16-24)

16 Ao cair da tarde, desceram os seus discípulos ao mar; 17 e, entrando num barco, atravessavam o mar em direção a Cafarnaum; enquanto isso, escurecera e Jesus ainda não tinha vindo ter com eles; 18 ademais, o mar se empolava, porque soprava forte vento. 19 Tendo, pois, remado uns vinte e cinco ou trinta estádios, viram a Jesus andando sobre o mar e aproximando-se do barco; e ficaram atemorizados. 20 Mas ele lhes disse: Sou eu; não temais. 21 Então eles de boa mente o receberam no barco; e logo o barco chegou à terra para onde iam. 22 No dia seguinte, a multidão que ficara no outro lado do mar, sabendo que não houvera ali senão um barquinho, e que Jesus não embarcara nele com seus discípulos, mas que estes tinham ido sós 23 (contudo, outros barquinhos haviam chegado de Tiberíades para perto do lugar onde comeram o pão, havendo o Senhor dado graças); 24 quando, pois, viram que Jesus não estava ali nem os seus discípulos, entraram eles também nos barcos, e foram a Cafarnaum, em busca de Jesus.

Há indícios, nos relatos Sinópticos sobre a alimentação (Mar. 6:30-33, 45), para se supor que os discípulos tenham encorajado o populacho a ver Jesus como um novo Judas Macabeu, a liderar outra revolta no deserto (I Macabeus 1-4; II Macabeus 8-15). Se isto é verdade, explica-se por que não receberam bem, o seu Mestre, quando este buscou novo refúgio no monte, para orar " por si mesmo" (v. 15; cf. Mar. 6:46). Dispersa a multidão desapontada, o atribulado grupo se viu no meio da colina, fora do lar, temporariamente sem líder, quando a **noite** se aproximava veloz. Sem saber o que fazer, **desceram... ao mar**, entraram **num barco** e começaram a remar em direção a Cafarnaum (de onde tinham vindo? cf. 2:12; 4:46), provavelmente procurando se manter na costa, na esperança de que logo Jesus fosse ao seu encontro. Para aumentar seus temores, **escurecera** por completo (cf. 3:2; 13:30), **Jesus ainda não tinha vindo ter com eles** e **o mar se empolava, porque soprava forte vento.**

Depois de enfrentar a tempestade repentina durante **uns vinte e cinco ou trinta estádios** (cerca de cinco ou sete quilômetros), os discípulos **viram a Jesus andando sobre o mar e aproximando-se do barco**. Quando os alcançou, eles **ficaram atemorizados**, talvez devido à fúria do vento, ou ao aparecimento repentino do vulto na escuridão ou ao fato de os ter repreendido, por seu comportamento na multiplicação. Pode ser ainda que o seu medo tenha sido uma espécie de temor santo, despertado devido ao caráter sobrenatural de seu aparecimento. De qualquer forma, ele satisfez todas as suas ansiedades com palavras tranqüilizadoras: **Sou eu (ego eimi); não temais.** Alegremente, eles o **receberam no barco; e logo o barco chegou à terra para onde iam.** Na presença de Jesus houve uma paz, entre os discípulos, não experimentada durante as longas horas da noite em que ele não estava presente.

Não fica claro se a passagem imediata da fúria do vento para a tranqüilidade da margem foi interpretada como um milagre ou não. A referência parece indicar apenas que os discípulos estavam mais próximos do destino do que tinham imaginado, depois de serem arrastados pelo vento durante **três ou quatro milhas**, que é a distância aproximada da curva oci-

dental do lago de Tiberíades à Cafarnaum. Se este é o caso, o caráter miraculoso do **andar sobre o mar** fica também ambíguo, neste relato (embora não o esteja em Marcos 6:45-54 e principalmente em Mateus 14:22-33; Lucas omite o incidente). A preposição aqui traduzida como **sobre** (**epi**) deve significar melhor "por" ou "junto do" (cf. 21:1), como é usada no verso 16 (**ao** mar) e no verso 21 (**à** terra). Aceita esta versão, a narrativa significaria que, enquanto os discípulos se exauriam nos remos, em meio à ventania, Jesus marchava pela costa, para Cafarnaum, onde o viram caminhando ao longo da margem. Chegam alguns até a supor que ele andou por sobre as ondas em direção aos seus discípulos, mas esta conjectura não encontra respaldo na evidência do texto.

Na interpretação do caráter miraculoso ou não do evento, é importante salientar o modo como João trata todo o problema (v. 16-22). Comparada a Mateus e Lucas, a história é contada com brevidade e com um mínimo de elaboração teológica. Há pouco ou nenhum interesse na ventania como na ameaça aos discípulos, como também não no poder de Jesus em superar o medo deles. Aqui, a prova da fé, se houve, está não em saber se a água suportou os pés humanos (de Jesus ou dos discípulos), mas se Jesus é o grande "eu sou" ("ego eimi") de Deus. Na realidade, parece que a fé não era o problema real; ela não é mencionada e a única resposta dos discípulos foi que "desejaram" (**de boa mente**, na IBB) trazer Jesus para bordo. O incidente não é considerado um "sinal" e nem nos é dito que tenha provocado qualquer resposta religiosa. Embora nada haja, no relato joanino, que negue o milagre, este elemento não é tão proeminente aqui como o é em Mateus e Marcos.

Com toda probabilidade, portanto, o evangelista incluiu a história porque estava em sua fonte (como também nos Sinópticos), porque explicava como Jesus atravessou o lago (cf. v. 22-25) e porque seu simbolismo se aproximava do contexto pascoal de todo o capítulo (v.4). O êxodo do Egito envolveria uma travessia de mar, viabilizada quando o vento fez com que as águas se levantassem e se partissem (Êx. 14:21-29). Salmos 78 relaciona esta passagem através das águas (v. 13) com a dádiva do maná (v. 24), à qual João 6 voltará a se referir em 25-34. Fundamentalmente, esta libertação pascoal do povo parecia um testemunho da direção pessoal do próprio Deus:

> "Pelo mar foi teu caminho,
> e tuas veredas pelas grandes águas;
> e as tuas pegadas não foram conhecidas.
> Guiaste o teu povo, como a um rebanho,
> pela mão de Moisés e de Arão."
> (Sal. 77:19,20)

Independente do que a chegada de Jesus a Cafarnaum significou para os discípulos, o certo é que foi mistificada por alguns do **povo** que tinham comido do pão na multiplicação dos pães **no outro lado do mar**. Entendendo que os **discípulos** tinham partido sem **Jesus**, no único **bote** disponível, concluíram que ele tinha permanecido sozinho no monte durante toda a noite. **No dia seguinte**, entretanto, ele não foi encontrado em lugar algum e nem **seus discípulos** voltaram a se encontrar com ele. Por acharem que ele devia ter ido de algum modo a **Cafarnaum**, aqueles que chegaram **perto do lugar onde comeram o pão, havendo o Senhor dado graças** (observe-se os tons eucarísticos nesta descrição de caráter jornalístico) ...**entraram eles também nos barcos e foram a Cafarnaum, em busca de Jesus.**

3) A Fonte do Pão da Vida (6:25-34)

25 E, achando-o, no outro lado do mar, perguntaram-lhe: Rabi, quando chegaste aqui? 26 Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que me buscais, não porque vistes sinais, mas porque co-

mestes do pão e vos saciastes. 27 Trabalhai, não peia comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; pois neste, Deus, o Pai, imprimiu o seu selo. 28 Perguntaram-lhe, pois: Que havemos de fazer, para praticarmos as obras de Deus? 29 Jesus lhes respondeu: A obra de Deus é esta; Que creiais naquele que ele enviou. 30 Perguntaram-lhe, então: Que sinal, pois, fazes tu, para que o vejamos e te creiamos? Que operas tu? 31 Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Do céu deu-lhes pão a comer. 32 Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Não foi Moisés que vos deu o pão do céu, mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu. 33 Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo. 34 Disseram-lhe, pois: Senhor, dá-nos sempre deste pão.

Quando, por fim, Jesus foi localizado **no outro lado do mar** (uma expressão inadequada, se usada para referir a viagem de Tiberíades a Cafarnaum), aqueles que o procuravam não fizeram qualquer menção do alimento espiritualmente simbólico que recentemente tinham compartilhado juntos, interessados que estavam em satisfazer a sua curiosidade sobre **quando** e como ele **chegara**. Sentindo a superficialidade destas perguntas, Jesus respondeu com uma declaração solene (**Na verdade, na verdade**), que penetrou fundo nos seus corações (cf. 2:25; 3:2,3; 4:16-18). Eles não o procuraram porque agora **viam** o sentido dos **sinais** que apontavam para o seu verdadeiro significado, mas porque tinham comido **todo** o pão e estavam com fome de novo. Ele dera-lhes o jantar no dia **anterior**, e agora, passada a noite, eles queriam tomar café!

Esta acusação por parte de Jesus define, de modo perfeito, duas idéias conflitantes sobre o alvo da existência humana: ver ou comer? Para alguns, o homem é basicamente um ser espiritual, que vive por idéias, convicções e valores intangíveis; para outros, é basicamente um ser preocupado com a luta pelo pão durante toda a vida. Jesus mostra claramente a sua preocupação com as necessidades materiais da vida ao alimentar uma multidão faminta; no entanto, assim procedeu para mostrar que as verdades últimas só podem ser compreendidas pela fé. Embora esteja claro que estes ávidos pedintes não tinham ultrapassado o nível meramente físico, Jesus não rechaçou este segundo pedido de comida, mas o usou como um pretexto para lhes ensinar a necessidade de uma satisfação mais duradoura que as oferecidas pelas realidades materiais (cf. 4:31, 32). O simples fato de que todo **alimento** terreno logo **perece** — até mesmo o pão e o peixe que Jesus tinha oferecido — evidenciava a importância de se buscar **a comida que permanece para a vida eterna** (cf. 4:13,14,31-34).

Sob esta linha de raciocínio, tão central na teologia joanina, encontra-se uma chave de grande valor para o evangelismo cristão. Toda pessoa é criada com necessidades físicas não satisfeitas. No entanto, nada que seja material, por mais necessário que seja, pode satisfazer completamente o homem, por que é perecível; isto é, sendo finito, não é fundamental, mas aponta para o seu Criador. Apesar dos seus pressupostos religiosos, a pessoa logo descobre que qualquer coisa tangível — seja alimento, bebida, sexo ou bens — só dá satisfações transitórias. Esta sensação de incompletude, que todo homem experimenta, como uma conseqüência dos seus esforços em busca de satisfação nas coisas terrenas, fornece a base, a partir da qual venha a buscar as coisas celestiais, que oferecem satisfação duradoura para a vida.

Uma das diferenças fundamentais entre a comida que perece e a que permanece é que uma pessoa deve **trabalhar** diariamente por aquela, enquanto esta é o Filho do Homem quem a **dá**. Jesus recordou, à multidão, que ela andara apenas cinco ou sete quilômetros até Cafarnaum (v. 19); desse modo, o alimento que agora buscavam durara apenas quatro horas e logo teriam que se pôr a trabalhar, para conseguir mais. Não seria melhor procurar pelo **Filho do Ho-**

mem, sobre quem **Deus**, o **Pai**, colocara seu **selo** de aprovação, o que atestava sua procedência celestial (3:31-36), e permitir que ele desse a **comida que permanece para a vida eterna?**

A multidão, entretanto, a exemplo da mulher samaritana (4:14,15), estava mais interessada em comer pão do que em encontrar uma pessoa. Fixados apenas na primeira parte da proposta de Jesus ("Trabalhai não pela comida que perece, mas pela comida que permanece"), voltaram a perguntar: **Que havemos de fazer** (literalmente, "trabalhar", o mesmo verbo usado no v. 27a), **para praticarmos as obras de Deus?** Jesus pretendera fazer um contraste entre os homens que trabalham por aquilo que perece e o Filho do Homem, que propicia àquilo que permanece. Seus ouvintes, no entanto, entenderam que ele estava fazendo uma distinção entre o trabalho do homem para obter pão terreno, que perece, e o trabalho de Deus para conseguir o pão celestial, que permanece. Como era difícil, para aquele povo, entender a religião como uma dádiva, e não como uma obrigação!

Sem se perturbar com esta interpretação equivocada, Jesus adaptou seu argumento, para encaixar a resposta da multidão. Eles tinham pedido para **praticarem as obras** (plural) **de Deus**, mas ele respondera em termos de uma verdadeira **obra** (singular) **de Deus**, que era **crer naquele** que Deus **enviara**. Esta obra de fé não inclui esforços humanos obrigatórios, como o imaginava a multidão, mas uma contínua abertura para a obra de Deus, em enviar seu Filho ao mundo. O ato de crer é a antítese do ativismo religioso interesseiro, já que envolve a aceitação da iniciativa divina, por meio da qual Deus atuou para dar aos homens a salvação em Cristo. Esta compreensão da graça, por meio da fé, torna os homens, ao contrário do que se poderia supor, muito mais responsáveis: agora, em vez de tentar satisfazer suas ansiedades com um conjunto de regulamentos prescritos por suas tradições religiosas, eles devem responder com um amor obediente ao Filho, que traz o **selo** de ter sido **enviado** por Deus.

Jesus não apenas redefiniu o sentido das relações entre fé e obras, mas se apresentou como a fonte de toda a sustentação espiritual duradoura. Incapaz de continuar fugindo da decisão, a multidão perguntou de novo: **Que sinal, pois, fazes tu, para que o vejamos e te creiamos?** Se a verdadeira "obra" que deviam fazer era aceitar **a obra de Deus** ao enviar Jesus, qual seria, então, **a obra** que Jesus faria para mostrar que era o agente de Deus? De início, poderá parecer inacreditável a multidão ter feito uma pergunta dessas menos de 24 horas depois de ver a alimentação de milhares de pessoas. Certamente, este milagre não fora suficiente para convencer os mais céticos. Na realidade, porém, estavam eles não apenas conscientes desse acontecimento recente, mas conscientemente o comparavam com a experiência de seus **pais** ancestrais, que tinham comido **maná no deserto**, como fruto do ministério de Moisés.

Por ocasião das festas pascoais (v. 4), era costume, na sinagoga (v. 59), fazerem um estudo especial das Escrituras relacionadas com os eventos do Êxodo. Ao fazê-lo, os judeus encontraram **escrita** lá uma referência à afirmação de que **do céu deu-lhes pão a comer** (não uma citação formal de um texto qualquer; cf. Êx. 16:4,15; Neem. 9:15; Sal. 78:24, 25; 105:40). Aceitando que "este pão dos céus", mencionado no Velho Testamento, era a "comida que permanece" recomendada por Jesus, e entendendo que a referência original era feita ao envio do maná, a multidão desafiou Jesus a se igualar a Moisés, concedendo-lhes o pão miraculoso não apenas durante um dia — como antes acontecera — mas todos os dias.

Se ele fornecesse alimento matinalmente, não precisariam continuar a "trabalhar pela comida que perece", mas

"creriam nele" como um novo Moisés, com base nesta "obra" que realizara.

Como resposta, Jesus prontamente se serviu do texto que tinham citado da Bíblia, desafiando sua exegese em dois pontos capitais: (1) O "ele" não deveria ser interpretado como uma referência a Moisés, mas a Deus, e que está evidenciada pelo contexto do Velho Testamento (exemplo: Êx. 16:15). Por definição, somente no céu se encontraria a fonte do pão celestial. (2) O verbo dar deveria ser compreendido como presente e não como passado, uma mudança de tempo baseada numa compreensão diferente das vogais a serem pronunciadas com as consoantes do hebraico original. Assim, não deviam compreender o texto como significando que **Moisés** deu, mas que **meu Pai... dá** o verdadeiro pão em questão.

Este esclarecimento exegético, que vai além do tipo da exegese homilética judaica (**midrash**), permitiu que Jesus acabasse por definir **o pão de Deus** à base de sua fonte, como **aquele que desce do céu**, e em função de sua origem, aquele que **dá vida ao mundo**. Moisés não era a fonte final deste pão porque, diferentemente do Filho do Homem, não provinha do céu. Nesse caso, o uso que fizeram das Escrituras era equivocado, porque não se fundamentava na única suficiência de Deus como o doador de todo bem e de toda dádiva perfeita. Convencida a enxergar esta realidade espiritual, a multidão exclamou, ainda no mesmo espírito um tanto egoísta da mulher samaritana (4:15): **Senhor, dá-nos sempre desse pão.**

4) A Natureza do Pão da Vida (6:35-51)

35 Declarou-lhes Jesus: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim, de modo algum terá fome, e quem crê em mim jamais terá sede. 36 Mas como já vos disse, vós me tendes visto, e, contudo, não credes. 37 Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora. 38 Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. 39 E a vontade do que me enviou é esta: Que eu não perca nenhum de todos aqueles que me deu, mas que eu o ressuscite no último dia. 40 Porquanto esta é a vontade de meu Pai: Que todo aquele que vê o Filho e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. 41 Murmuravam, pois, dele os judeus, porque dissera: Eu sou o pão que desceu do céu; 42 e, perguntavam: Não é este Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe conhecemos? Como, pois, diz agora: Desci do céu? 43 Respondeu-lhes Jesus: Não murmureis entre vós. 44 Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia. 45 Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim. 46 Não que alguém tenha visto o Pai, senão aquele que é vindo de Deus; só ele tem visto o Pai. 47 Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que crê tem a vida eterna. 48 Eu sou o pão da vida. 49 Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram. 50 Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra. 51 Eu sou o pão da vida que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne.

A identificação inicial do pão de Deus (v. 33) é ambígua, porque a palavra traduzida por "aquele" (**ho**) pode referir-se a um pão (que é masculino em grego) ou a uma pessoa. No último caso, a frase ficaria assim: "O pão de Deus é **ele quem** (melhor do que **aquele que**) desce dos céus". Depois de ter levado a multidão para além de sua avidez por pão físico, Jesus agora explica a natureza pessoal do verdadeiro sustento espiritual, com esta declaração inequívoca: **Eu sou o pão da vida.** Seu papel crucial, como doador e dádiva ao mesmo tempo, fora antecipado nos versos 27 e 29, mas aqui ele alcança o nível mais elevado através do solene **eu sou (egō eimi)**, fórmula que identificava Jesus com a natureza de Deus. Os judeus comparavam a sabedoria de Deus, obtida pelo estudo da Lei, com o pão (exemplo: Prov. 9:5), mas Jesus se colocou acima dessas realidades, apresentando-se como aquele que alimenta e satisfaz plenamente as necessidades do homem.

Como ele primeiro **desceu de Deus**, toda pessoa que vem a ele tem satisfei-

tas as necessidades básicas da vida em toda a plenitude. Estes dois temas (Jesus "descer dos céus", aos homens, em missão e os crentes "virem a ele" em fé) são centrais, neste capítulo e em todo o Evangelho. O conceito de "descer dos céus" expressa uma escatologia mais no sentido espacial do que temporal, bem próximo da frase-chave da Oração do Pai Nosso ("assim na terra como nos céus" — Mat. 6:10). A noção de "vir a Jesus" indica que a resposta humana à iniciativa divina envolve não apenas um pequeno serviço a ser feito (v. 27), mas um companheirismo vital, a ser cultivado.

Neste ponto, o povo recebeu o desafio de alcançar um terceiro e mais elevado nível, em sua compreensão acerca do pão. (1) De início, queriam pão físico, a exemplo do que receberam na travessia do mar (v. 26), com a diferença de que, como o velho maná, devia ser dado todos os dias (v. 34). (2) Convencida de que todo pão perece, até mesmo o maná diário, a multidão pediu o suprimento sem fim, do "verdadeiro pão", que o Pai envia dos céus. (3) Mas agora Jesus explica que ninguém precisa do Pão da vida "sempre" (isto é, sempre, novamente e, repetidas vezes), porque aquele que come dessa espécie de pão jamais **terá fome**. Assim, como o êxodo envolvera tanto o "pão quando tiveram fome" como a "água quando tiveram sede" (Neem. 9:15), Jesus acrescentou que, aqueles que o aceitassem jamais **teriam sede** (cf. 4:13, 14). Diferentemente de Moisés, o que Jesus faz pelos homens, ele o faz de uma vez para todas (cf. Heb. 7:27; 9:12; 10:10).

Apesar desta última oferta, porém, muitos da multidão, que haviam caminhado vários quilômetros, em busca de mais pão, não aceitaram a inesperada dádiva de uma festa espiritual. Mesmo depois de terem **visto** tanto sua vida irrepreensível como seu poder para oferecer o pão sobrenatural, eles **não creram**. Esta recusa, no entanto, não frustrou totalmente Jesus, porque ele entendia a liberdade humana no contexto da soberania divina. Todos aqueles que **vieram** eram dons de seu **Pai** (cf. 17:6), isto é, vieram porque Deus lhes mostrara a autenticidade do seu Filho (v. 27; cf. 5:30-47).

Mesmo assim, por mais sem esperanças que fossem, vistos de uma perspectiva humana, Jesus não queria **lançar fora** nenhum deles (cf. Mat. 8:12; 22:13), pois não viera fazer a **sua própria vontade**, mas **a vontade** dAquele que o **enviara**. O espírito do Getsêmane caracterizou todo o seu ministério, e não apenas um episódio próximo do fim (cf. Mar. 14: 36). Aqueles que se entregavam a Jesus descobriam que ele estava totalmente seguro de **não perder ninguém** que lhe fora dado (isto é, de não permitir que ninguém perecesse; cf. os v. 12 e 27), mas de **os ressuscitar no último dia** (cf. 5:19-29).

Esta seção, nos versos 36-40, que resume muito do argumento do capítulo 5, começa com uma referência àqueles que **tinham visto** (**heōrakate**) e mesmo assim **não creram**, mas termina com uma menção de todo aquele que **vê** (**theōrōn**) o Filho e **crê** nele. Vale sublinhar a forma como o "ver" é relacionado tanto à fé quanto à incredulidade. De um lado, qualquer um poderia (amigos e inimigos) ver a vida terrena de Jesus. Mesmo em relação aos sinais maravilhosos, não havia argumento maior do que o que estava acontecendo. Deus não tem favoritos e nem revela sua verdade apenas aos videntes apocalípticos ou aos visionários místicos. A encarnação era tangível e, por conseguinte, acessível à experiência sensorial, cresse a pessoa ou não.

Por outro lado, os homens atribuem significado àquilo que vêem à luz da sua visão do mundo. Alguns viram a Jesus apenas superficialmente, através dos óculos da tradição, a partir do que ele se chocava frontalmente com as convenções. Outros, entretanto, vendo o mesmo fenômeno, enxergaram a glória visível,

graças aos olhos da fé. De forma equilibrada, este Evangelho afirma que os homens são levados a crer à base do que vêem e que são capazes de ver por que creram (exemplo: cf. 14:7-11; 20:24-29). O homem não é apenas um ser terreno limitado a percepções sensoriais (empirismo) e muito menos um ser espiritual pendente das percepções da fé (gnosticismo). Ao contrário, no evento da revelação encontram-se a visão e a introspecção, a carne e o espírito, o mundo visível da criação e o mundo invisível da redenção.

Os judeus, entretanto, entendiam que a revelação divina exigia um modo mais fantástico de revelação do que uma vida solitária, de origens humildes, pelo que **murmuravam**, como os israelitas tinham murmurado contra Moisés no deserto. Na realidade, não era este homem, que dizia **ter descido dos céus**, um cidadão local, chamado **Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe** eram conhecidos de alguns galileus reunidos na sinagoga de Cafarnaum (cf. Mar. 6:3)? Esperava-se que o livramento de Deus chegasse na forma de um rei davídico, em carruagem real, ou como o Filho do Homem sobre nuvens de glória. Como o poderiam aceitar como tendo **descido dos céus**, quando todos sabiam que crescera na obscura vila de Nazaré?

Ao rejeitar este esforço de avaliar uma vida através de suas origens terrenas (cf. 1:13; 3:1-7), Jesus apontou para Deus, como a fonte derradeira, que o **enviara** à terra e que agora **traz** cada um que vem a ele (cf. Jer. 31:3). Embora Deus fosse a raiz primeira, atrás de tudo o que acontecia no ministério de Jesus, esta iniciativa soberana não substitui, mas sustenta a liberdade humana. Exatamente porque o Pai "atrai" e "ensina" (cf. Is. 54:13), foi dada ao homem a oportunidade de "ouvir" e "aprender". Neste processo, Jesus serviria como o único mediador, porque só ele **vira** o Pai (cf. 5:19,20), embora fosse um homem visto pelos outros na terra (v. 40).

Os versos 47-51 servem como uma conclusão sintética dos ensinos principais sobre a natureza do Pão da vida nos versos 35-51 e como uma transição antecipadora da discussão sobre a recepção do Pão da vida, nos versos 52-65. A fórmula solene, **Em verdade, em verdade**, identificou como uma revelação divina as descobertas seguintes, esclarecidas nesta altura do diálogo: (1) A **vida eterna** não perecível é sustentada não por aquele que come, mas por aquele que crê. (2) Jesus mesmo é **o pão**, de que a fé se apropria, para se ter **vida**. (3) Como tal, Jesus é superior ao **maná** que os **pais** judeus receberam no **deserto**, já que **comeram** e depois **morreram** (isto é, não apenas fisicamente, mas também espiritualmente, porque não conseguiram herdar as promessas de Deus), enquanto todo aquele que **comesse** de Jesus não **morreria** (isto é, ele podia morrer fisicamente, mas nunca espiritualmente).

A referência à comida, nos versos 49 e 50, encabeça a introdução de um novo tema no verso 51, o de receber o **pão vivo**, visto como uma pessoa histórica, e não como um pão literal. Agora, pela primeira vez somos informados de que **o pão que Jesus daria para a vida do mundo** era sua **carne**. As implicações teológicas desta estranha afirmação são elaboradas na seção seguinte.

5) O Recebimento do Pão da Vida (6:52-65)

52 Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a sua carne a comer? 53 Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. 54 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. 55 Porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida. 56 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. 57 Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim. 58 Este é o pão que desceu do céu; não é como o caso de vos-

sos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre. 59 Estas coisas falou Jesus quando ensinava na sinagoga em Cafarnaum. 60 Muitos, pois, dos seus discípulos, ouvindo isto, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir? 61 Mas, sabendo Jesus em si mesmo que murmuravam disto os seus discípulos, disse-lhes: Isto vos escandaliza? 62 Que seria, pois, se visseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava? 63 O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida. 64 Mas há alguns de vós que não crêem. Pois Jesus sabia, desde o princípio, quem eram os que criam, e quem era que o havia de entregar. 65 E continuou: Por isso vos disse que ninguém pode vir a mim, se pelo Pai não for concedido.

A primeira menção feita por Jesus de que **daria** aos homens a **sua carne** para ser comida provocou imediata e violenta controvérsia, passando os judeus a **disputar** (literalmente: "lutar") **entre si** sobre esta terminologia repugnante, que lhes parecia ser uma sugestão de canibalismo. Em resposta, Jesus nada fez para mitigar a angústia deles, mas aumentou a ofensa, ao exigir que não somente deviam **comer a carne do Filho do homem** como também **beber o seu sangue**. Não é necessário dizer que beber sangue humano era algo absolutamente impensável para aqueles cuja religião mantinha veneráveis escrúpulos contra a ingestão de sangue de animais (cf. Gên. 9:4; Lev. 3:17; 17:10-14; Deut. 12:23). Apesar da contundência da linguagem, a expressão foi repetida várias vezes, como uma condição exclusiva para se ter **vida eterna**, para se encontrar o **pão** e a **bebida** verdadeiros e para "permanência" mútua do crente e de Jesus.

Embora desconcertasse os judeus, esta nova direção no desenvolvimento da analogia do pão foi preparada com todo o cuidado e como uma exigência de duas afirmações anteriores, já antecipadas nesta revelação. Nos versos 25-34, Jesus sustenta que é o doador do verdadeiro pão do Deus dos céus, enquanto, nos versos 35-51, afirma que é o próprio pão da vida. Se, pois, Jesus **dá** o pão que ele **é**, e se o pão deve ser comido devido à sua natureza, segue-se que se devia comer o próprio Jesus. Este propósito pervade os versos 52-59, onde **quem come a minha carne e bebe o meu sangue** é outra forma de dizer **aquele que de mim se alimenta**. A identidade do doador com a dádiva significa que não se pode tomar nada de Jesus sem tomar o próprio Jesus.

Isto, porém, não explica por completo o uso de fraseologia aparentemente tão repulsiva, como "comer a carne" e "beber o sangue". No pensamento hebraico, a carne e o sangue permaneciam como a corporalidade física e terrena de um indivíduo ou da humanidade em geral (cf. Mat. 16:17, onde "carne e sangue" significam o homem na terra em contraste a Deus nos céus). Ao apontar diretamente para sua **carne** e **sangue**, Jesus insistia que o sustento da vida que oferecia aos homens era comunicado, não por algum pensamento atemporal ou espírito intangível, sem qualquer relação com esta vida particular, mas por sua existência encarnada, como uma realidade histórica concreta, a viver no meio deles. Por mais incrível que possa ter parecido, a afirmação feita é de que trouxe toda a sua vida do **Pai, que vive**, pelo que aquele que o "come" se alimenta dele. Sua existência temporal era o único elo a mediar a vida eterna de Deus e o homem.

Aceitar a humanidade de Jesus como o lugar da vida divina na terra não significava, entretanto, que era limitado à carne. Tão **duro** quanto crer que o pão dos céus tomara uma forma tão inferior de vida, seria ver **subir o Filho do homem para onde primeiro estava** e assim compreender que Jesus sempre fora e sempre seria o mediador do mundo superior. A **carne** em si mesma **para nada aproveita**; no entanto, a carne de Jesus era crucial, porque interpenetrada pelo **espírito que vivifica**. Suas **palavras** não se limitavam apenas às experiências sensoriais das expressões terrenas, mas eram

os veículos do **espírito** e da **vida**, que lhe pertenciam desde o reino celestial (cf. 3:6).

Paradoxalmente, todavia, dá-se destaque a duas afirmativas aparentemente contraditórias, nos dois parágrafos da seção. Nos versos 52-59, a ênfase recai sobre a imprescindibilidade de se apropriar da carne e do sangue de Jesus como a única manifestação tangível da vida eterna vivida na terra e assim oferecida aos homens. Nos versos 60-65, entretanto, a ênfase é colocada sobre a imprescindibilidade de se apropriar do espírito e da vida desse reino celestial onde Jesus **antes** estivera e para onde voltaria novamente. Ambas as perspectivas se harmonizam, devido à convicção de que, em Jesus, carne e espírito, forma e conteúdo, mundo inferior e mundo superior, fundem-se de modo perfeito. Como já o declarara o prólogo (1:14), o Verbo eterno, que existia com Deus antes de qualquer coisa ser feita, tornou-se carne e sangue terrenos sem deixar de ser espírito e vida celestiais.

Esta convicção central dá a perspectiva para se responder à questão freqüentemente debatida, se os versos 51b-58 também se referem à Ceia do Senhor. Esta celebração não é mencionada especificamente nem neste capítulo nem em qualquer outro lugar do Quarto Evangelho. Por conseguinte, é válida a afirmação de que os ensinos de João 6 não contém uma relevância direta para a compreensão da Ceia do Senhor. Todavia, seria estranho se uma observância tão importante, na vida da igreja antiga, fosse ignorada por completo num Evangelho tão preocupado com as raízes do movimento cristão no ministério de Jesus. Daí, seria inevitável que um discurso como este, sobre o pão, fosse relacionado ao "partir do pão", embora não fosse esta sua aplicação original.

Uma forma de interpretar o silêncio de João 6 sobre a Ceia é supor que sua preocupação básica não era registrar a instituição do ritual, mas estabelecer o fundamento teológico para uma compreensão adequada da Ceia, ao indicar Jesus como "sacramental", isto é, como meio material da graça espiritual. Num sentido ontológico, ele é o único em quem o invisível se fez visível, o celestial se tornou terreno e o infinito se transformou em finito. Somente quando os crentes comem a sua carne e bebem o seu sangue é que participam da vida de Deus.

Não significa isto que os elementos usados na Ceia do Senhor devam ser interpretados como símbolos no mesmo nível em que uma bandeira ou um anel servem como símbolos, uma vez que, na história subjacente a estas representações, não há uma perfeita encarnação das realidades para as quais apontam. Como o comer do pão eucarístico deve ser acompanhado pelo **espírito que vivifica** e pelas **palavras que** Jesus **tem dito,** um tal ato fundado na fé deve alimentar um relacionamento pessoal com ele, o único Pão da vida.

Independentemente ou não de ter sido destinado originalmente à questão da Ceia do Senhor, o fato é que João 6 contém um dos mais explícitos avisos, no Novo Testamento, de que serão vãs nossas observações, se não estão em real comunhão com o Cristo encarnado. Ao mesmo tempo, a convicção expressa aqui, de que "o Verbo se fez carne" e se ofereceu a si mesmo para ser comido, traz a garantia de que Deus está desejoso de se identificar com o tangível, criando, assim, uma oportunidade para que se encontre através desta identificação a plenitude da sua presença.

A seção termina por antecipar a crise da rejeição descrita nos versos 66-71. Assim como alguém pode recusar comer fisicamente o pão, pode também escolher **não crer** no Pão da vida. Muito embora soubesse, **desde o princípio, quem eram os que não criam, e quem era o que o havia de entregar**, Jesus não procurou impor a fé. Certo de que só Deus triunfaria sobre a dúvida e a ne-

gação, contentou-se em receber aqueles que o **Pai** lhes tinha **concedido** (cf. v. 37 e 44). Nenhuma experiência é mais dolorosa que a rejeição, particularmente quando se está tentando apenas ser útil. Jesus enfrentou esta frustração, na crença de que, se fosse fiel para com Aquele que o enviara, ser-lhe-iam dados aqueles seguidores que estavam dispostos a experimentar o poder de Deus.

6) A Colocação dos Doze à Prova (6:66-71)

66 Por causa disto muitos dos seus discípulos voltaram para trás e não andavam mais com ele. 67 Perguntou então Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos? 68 Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. 69 E nós já temos crido e bem sabemos que tu és o Santo de Deus. 70 Respondeu-lhes Jesus: Não vos escolhi a vós os doze? Contudo um de vós é diabo. 71 Referia-se a Judas, filho de Simão Iscariotes; porque era ele o que o havia de entregar, sendo um dos doze.

Através deste capítulo, a crucialidade da decisão vem se esboçando, até alcançar seu clímax, neste último parágrafo. De modo positivo, aquilo que começou como um elogio superficial (v. 14 e 15) terminou com duas sinceras confissões: **Tu tens as palavras da vida eterna** e **Tu és o Santo de Deus** (cf. Mar. 1:24). De modo negativo, aquilo que começou como um argumento teológico (v. 41,52 e 60) terminou numa rejeição pessoal, quando **muitos dos seus discípulos voltaram para trás e não andavam mais com** ele. João 6 abre-se com cinco mil apaixonados guerreiros (v. 15) e se fecha com doze atribulados discípulos, um dos quais era um traidor!

Jesus compreendeu logo que os homens diferiam tão drasticamente em suas atitudes para com ele, que acabaria por sofrer no fogo cruzado das reações em conflito. Embora tenha sido insinuado nas referências à entrega de sua carne para a vida do mundo (v. 51) e à ascensão do Filho do homem (v. 62), só agora o motivo da paixão se explicava, pela menção de **Judas** como aquele que **o haveria de entregar**. A partir daí, o ministério de Jesus esteve sempre sob a pressão do perigo da morte, de ordem externa (5:18a) e interna (v. 70 e 71).

O significado teológico da seqüência desta seção evidenciou-se mais sólido pela conjugação de três ênfases, que não se apresentam intimamente relacionadas nas narrativas dos Sinópticos:

Primeiro, a confissão de Pedro foi relacionada ao relato da alimentação dos cinco mil, como em Lucas 9:10-22. (Em Mateus 16:13-23 e Marcos 8:27-33, a conexão não é direta, mas os relatos da confissão estão intimamente ligados a uma discussão teológica da alimentação em Mateus 16:5-12 e Marcos 8:14-21.) A confissão dos discípulos, através de Pedro, seu porta-voz, ilustra as verdades centrais do milagre de Jesus e o discurso explicativo que se seguiu. Eles não queriam se **retirar**, como o fizeram as multidões, mas se apegavam a ele pela fé, como aquele que tinha **palavras da vida eterna**. Se o leitor ainda continua confuso sobre o que significa "comer" a carne e "beber" o sangue de Jesus, basta que estude esta confissão, como paradigma da verdadeira resposta.

Segundo, a confissão de Pedro foi imediatamente seguida por uma confissão de Jesus, quando anunciou sua paixão iminente, como consta em todos os Sinópticos (Mat. 16:24-28; Mar. 8:34-9:1; Luc. 9:23-27). Apesar de toda a leal dedicação dos crentes, estes não seriam capazes de evitar que fosse traído para a morte. A fé que tinham não os levaria a uma era de felicidade e paz, mas ao conflito e à tensão, dos quais não poderiam fugir. Diante da confissão de que **nós** (os doze) **já temos crido e bem sabemos**, Jesus informou que um deles era **diabo**. A melhor confissão possível não tornava invulnerável a Satanás nem sequer o círculo íntimo dos discípulos!

Terceiro, a traição por Judas fora revelada pouco depois da oferta, por parte de

Jesus, de sua carne e de seu sangue, como comida e bebida (v. 52-57). Em todos os Sinópticos, o pecado de Judas foi revelado na Última Ceia, quando Jesus ofereceu o pão e o cálice como seu corpo a ser comido e seu sangue a ser bebido (Mat. 26:20-29; Mar. 14:17-25; e especialmente Luc. 22:14-23). Cear com outra pessoa era visto pela hospitalidade oriental, como uma experiência íntima, de fraternidade, que criava um vínculo mesmo entre os inimigos. O fato de Judas trair aquele que comia com ele e se dava a si mesmo como alimento apenas aumentou a ignomínia de seu gesto infame. Com sua traição, **o filho de Simão Iscariotes** quebrou a solidariedade entre os doze e rejeitou a oferta de Jesus de o alimentar com o pão dos céus.

Apesar da grandiloqüência de sua traição, é desagradável ler que Jesus chamou Judas de **diabo**. A partir da afirmação de que Jesus sabia de sua traição "desde o princípio" (v. 64), alguns supõem que Judas é apresentado, neste Evangelho, como um desesperado fantoche nas mãos de Satã, fadado a servir como um agente do mal cósmico contra a sua vontade (cf. 13:2,27; 17:12). Para fins de esclarecimento, é necessário fazer uma comparação desta passagem com sua contraparte sinóptica, exatamente no ponto onde são evidentes as diferenças. Em Cesaréia de Filipe, Jesus identificou **Pedro** como "Satanás" (Mar. 8:33), enquanto aqui descreve **Judas** como "diabo".

Ao final do ministério na Galiléia, depois de uma confissão momentânea de fé, por parte dos doze, dois dos seus membros são apontados como emissários do demônio. Embora no início ambos estivessem sob esta execrável condenação, o final de suas vidas não poderia ser mais diferente: Pedro tornou-se o apóstolo principal e Judas suicidou-se tragicamente. Jesus acusou francamente dois de seus líderes escolhidos de sucumbirem à tentação satânica, embora lhe fosse absolutamente possível quebrar o poder do tentador (cf. Luc. 22:31,32; Mar. 16:7; João 13:26-30; 17:12). As respostas opostas, dos dois homens, a uma mesma pregação mostram que o livre-arbítrio humano era um fator capital também na luta cósmica entre Cristo e o anticristo.

3. A Água da Vida (7:1-52)

João 7 e 8 constituem a seção central na unidade maior de João 5 a 10. Diferentemente dos demais capítulos, consistem de pequenos blocos de material, organizado livremente, sem qualquer longa narrativa sobre as obras de Jesus ou qualquer discurso contínuo que se concentrasse no seu ensino sobre um único tema. Maior atenção recebem as várias respostas dadas por Jesus, quando a natureza de sua pessoa e missão ficou impressionantemente clara. O conteúdo destes dois capítulos interligados assemelha-se aos resumos de vigorosos debates, em que as objeções judaicas a Jesus foram convincentemente apresentadas e também convincentemente respondidas.

Em conformidade com a tendência manifesta através de João 5 a 10, acelera-se o processo de polarização (cf. 7:1, 7,19,20,25,32,44), em que três grupos aos poucos aparecem: (1) seus irmãos (v. 1-9), que não podiam acreditar em sua glória pública; (2) as multidões (v. 10-44), que não estavam seguras de suas credenciais teológicas (v. 45-52); e (3) a liderança religiosa (v. 45-52), que temia que sua popularidade desviasse o povo. Em cada geração, o cristianismo pode ser minado por sutis pressões familiares, pela pusilanimidade das massas inconstantes e pelo orgulho do "establishment" religioso, ou seja, da religião institucionalizada.

A base religiosa, para João 7-9, está na Festa dos Tabernáculos, a mais popular (Josefo, **Antiguidades**, VIII, 100) das três festas judaicas nacionais que requeriam a peregrinação ao Templo (Êx. 23:14-17; Deut. 16:16). O nome dado a esta celebração indica sua dupla formação como festa agrícola outonal de colheita (Êx.

23:16) e como comemoração religiosa da caminhada no deserto (Lev. 23:39-43). O termo "tabernáculo" (barraca) sugere os pavilhões cobertos de palha, construídos nos pomares, durante a estação da ceifa, para darem abrigo àqueles que vigiavam a colheita durante a noite. Remonta também às tendas com que Israel migrou do Egito para a terra prometida.

Era observada no mês de Tishri (que corresponde mais ou menos ao nosso outubro), durante sete dias (Deut. 16:13-15; Ez. 45:25). Mais tarde, este período foi ampliado pelo acréscimo de um oitavo dia, guardado como um sábado, com uma assembléia solene (Lev. 23:33-36; Núm. 29:35; II Crôn. 7:9; Neem. 8:18). O primeiro dia da festa, 15 de Tishri, coincidia com o equinócio outonal (Josepho, **Antiguidades**, III, 244), assinalando, assim, o começo do inverno, quando a chuva era necessária para preparar a terra para o novo ciclo da colheita.

A libação matinal, um dos três ritos principais observados diariamente durante a festa dos Tabernáculos, forneceu a base para João 7 (cf. **Mishnah, Sukkah** 4:9). Uma procissão de sacerdotes levava um jarro de ouro, cheio de água do tanque de Siloé, até o Templo, onde eram saudados pelo som das trombetas (**shofar**) e pelas aclamações (**hallel**) dos fiéis peregrinos. A água era colocada numa bacia de prata, sobre o altar, como símbolo da oração pela chuva (Zac. 14: 16-19) e em lembrança pela dádiva da água oferecida por Deus a Israel no deserto (Êx. 17:1-7; Núm. 20:2-13; I Cor. 10:1-4). Foi neste contexto altamente carregado que Jesus disse: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba" (7:37), oferecendo-se ele, assim, como a resposta às necessidades fundamentais de Israel, como apresentadas pela natureza e pela história.

1) A Chegada de Jesus a Jerusalém (7:1-13)

1 Depois disto andava Jesus pela Galiléia; pois não queria andar pela Judéia, porque os judeus procuravam matá-lo. 2 Ora, estava próxima a festa dos judeus, a dos tabernáculos. 3 Disseram-lhe, então, seus irmãos: Retira-te daqui e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes. 4 Porque ninguém faz coisa alguma em oculto, quando procura ser conhecido. Já que fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo. 5 Pois nem seus irmãos criam nele. 6 Disse-lhes, então Jesus: Ainda não é chegado o meu tempo; mas o vosso tempo sempre está presente. 7 O mundo não vos pode odiar; mas ele me odeia a mim, porquanto dele testifico que as suas obras são más. 8 Subi vós a festa; eu não subo ainda a esta festa, porque ainda não é chegado o meu tempo. 9 E havendo-lhes dito isto, ficou na Galiléia. 10 Mas quando seus irmãos já tinham subido à festa, então subiu ele também, não publicamente, mas como em secreto. 11 Ora, os judeus o procuravam na festa, e perguntavam: Onde está ele? 12 E era grande a murmuração a respeito dele entre as multidões. Diziam alguns: Ele é bom. Mas outros diziam: Não, antes engana o povo. 13 Todavia, ninguém falava dele abertamente, por medo dos judeus.

Embora Jesus tivesse afastado muitos galileus (6:41,52,60,66), a maior oposição veio da parte dos **judeus** concentrados na **Judéia**, onde se faziam esforços para **matá-lo** (5:18). Para aumentar a tristeza de uma situação que se deteriorava rapidamente, os **irmãos** de Jesus mostraram-se insensíveis às hostilidades de que era vítima. Sabedores da apaixonada reputação que ele gozava desde seu ministério anterior na Judéia (2:23; 3:26; 4:1,45), o desafiaram a usar a popular Festa dos Tabernáculos, que **estava próxima**, para que seus **discípulos** vissem o que ele fazia, como a recente alimentação de cinco mil pessoas. A lógica deles era bem evidente. Certos de que Jesus pretendia **ser conhecido publicamente** como líder religioso, eles o encorajaram a se **manifestar** no centro religioso do **mundo**, ao invés de operar na obscuridade da Galiléia.

Apesar de os irmãos parecerem prontos para reconhecer que Jesus estava realizando obras espetaculares, com fins publicitários, o evangelista estava certo

de que eles não **criam nele** (cf. 3:21,31). Na realidade, seus familiares terrenos mais achegados escarneciam dele, por retomar uma causa perdida e recuperar suas perdas na Galiléia (6:66), ao manter consigo aqueles que tinham sido feitos discípulos seus durante a primeira viagem à Judéia (3:22,26; 4:1). A família podia estar interessada em apoiar seu movimento tão logo ele triunfasse, esperando sinceramente que isso ocorresse, mas estava despreparada para se comprometer com Jesus independentemente do resultado.

Ao perceber que esta exigência de seus irmãos — bem semelhante a uma solicitação de sua mãe (2:3) — não era motivada por uma compreensão real de sua missão, Jesus respondeu que o momento oportuno, para sua manifestação a Israel, era determinado pelo **tempo** de Deus, e não por eles (cf. 2:4b). Pedro tinha tentado dissuadi-lo da cruz (Mar. 8:31-33), enquanto, agora, seus irmãos lhe ofereciam a lisonja das multidões em festa, em vez dos turvos caminhos de Judas (6:71). Jesus sabia, porém, que jamais poderia servir como um funcionário popular em celebrações litúrgicas, uma vez que sua tarefa era **testificar** ao **mundo** que as obras deste eram **más** (cf. 3:19-21). Ele não confundiria a luz de ribalta dos homens com o holofote de Deus. Então, contrariando seus irmãos, recusou "caminhar junto com a multidão" para a festa, e **ficou na Galiléia.**

Poucos dias após, no entanto, depois que **seus irmãos... tinham subido à festa,** Jesus **então subiu** a Jerusalém, **não publicamente**, ou "abertamente" como queriam, mas em **secreto** (cf. 10:24). Como acontecera com sua mãe em Caná, ele se recusou a ser pressionado por uma exigência humana, mesmo por sua família, agindo, porém, em seguida, independentemente, para se manter em consonância com sua missão divina (cf. o comentário sobre 2:3,4). Ao nível prático, Jesus deve ter evitado o entusiasmo político, que geralmente se apossava dos peregrinos em viagem à festa em Jerusalém (cf. 12:12-19). Por pouco não fora agarrado pela multidão excitada da Galiléia (6:15) e não queria passar por uma situação semelhante agora, durante a festa dos Tabernáculos.

A firme determinação de Jesus de dar cada passo certo e de acordo com um espírito correto contrastava flagrantemente com a indecisão daqueles que esperavam sua chegada a Jerusalém. **Os judeus** perguntavam **onde** podia estar, enquanto o **povo** mantinha, na surdina, um debate sobre se ele era um homem **bom** ou se **enganava o povo**, cuja indecisão para falar **abertamente** de Jesus **por medo dos judeus** contrasta com a indisposição de Jesus em operar "abertamente" de modo a chamar a atenção mais para si do que para Deus.

2) O Conflito Sobre a Autoridade de Jesus (7:14-24)

14 Estando, pois, a festa já em meio, subiu Jesus ao templo e começou a ensinar. 15 Então os judeus se admiravam, dizendo: Como sabe este letras, sem ter estudado? 16 Respondeu-lhes Jesus: A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. 17 Se alguém quiser fazer a vontade de Deus, há de saber se a doutrina é dele, ou se eu falo por mim mesmo. 18 Quem fala por si mesmo busca a sua própria glória; mas o que busca a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro, e não há nele injustiça. 19 Não vos deu Moisés a lei? no entanto, nenhum de vós cumpre a lei. Por que procurais matar-me? 20 Respondeu a multidão: Tens demônio; quem procura matar-te? 21 Replicou-lhes Jesus: Uma só obra fiz, e todos vos admirais por causa disto. 22 Moisés vos ordenou a circuncisão (não que fosse de Moisés, mas dos pais), e no sábado circuncidais um homem. 23 Ora, se um homem recebe a circuncisão no sábado, para que a lei de Moisés não seja violada, como vos indignais contra mim, porque no sábado tornei um homem inteiramente são? 24 Não julgueis pela aparência, mas julgai segundo o reto juízo.

Surpreendendo, ao mesmo tempo, às multidões, que há muito esperavam por ele, e aos seus irmãos, que não manifestavam tanta expectativa, Jesus apareceu

repentinamente no templo (cf. Mal. 3:1), ao estar **a festa já em sua metade**, isto é, no terceiro ou quarto dia. Quando se pôs a **ensinar, os judeus se admiravam** de sua **sabedoria**, já que sabiam que nunca tinha **estudado**. Isto não implica que Jesus fosse analfabeto, mas que nunca recebera instrução teológica formal, ministrada por um rabino credenciado. A acusação era séria, uma vez que apenas por esta educação os mestres públicos se apropriavam dos eventos do passado e mantinham a continuidade de uma tradição religiosa normativa.

Em resposta, Jesus insistiu que a audiência de credenciais rabínicas não significava que era um religioso interesseiro e "independente", que dizia o que lhe conviesse. Ao contrário, sua **doutrina não** era sua, mas pertencia a Deus, que o **enviara**. Como troco, Jesus apenas estava dizendo que estudara na maior academia rabínica existente! O peso de suas palavras não advinha de sua conformidade com um passado respeitável, mas de sua fidelidade à uma fonte transcendental. Como sua doutrina provinha do alto, era mais abalizada do que toda a sabedoria acumulada através dos séculos.

Embora ápoiasse seu ensino em quaisquer credenciais rabínicas, Jesus citou três tipos de evidências para consubstanciar sua posição (v. 17-23): Primeiro, citou o apoio de uma consciência obediente (v. 17). Se seus ouvintes fossem além de considerações superficiais e interiormente **fizessem a vontade de Deus**, ficariam sabendo **se a doutrina** em questão **era de Deus** ou se Jesus falava por **si mesmo**. Até mesmo na tentativa de viver fora dos ensinos de Jesus, os homens acabariam por descobrir a coincidência destes com seus profundos desejos de fazer a vontade de Deus, a qual os capacitaria para a realização de suas aspirações religiosas mais elevadas, podendo perceber as verdadeiras intenções de Jesus como mestre.

Segundo, Jesus citou o testemunho de um ministério abnegado. Por lhe faltar uma ordenação propriamente, acusavam-no de falar **por si mesmo**. Esta acusação pressupunha que ele buscava **a sua própria glória**, quando seu único propósito era buscar **a glória daquele que o enviou**. A completa ausência de orgulho interesseiro bastava para convencer seus acusadores de que era um homem de verdadeira integridade e no qual não havia **injustiça**. A humildade evidente é sempre uma credencial importante, a confirmar o verdadeiro servo de Deus.

Terceiro, Jesus citou o cumprimento do propósito bíblico. Um dos maiores orgulhos dos judeus era que **Moisés** tinha dado **a lei**. Entretanto, a unidade divina entre oferta e exigência significava que a lei não era algo para ser admirada como uma propriedade privada, mas algo para se observar (literalmente, "fazer") cotidianamente. Isto, obviamente, eles não faziam, uma vez que a tentativa de **matar** Jesus era uma violação da proibição, colocada no centro da lei, do homicídio (Êx. 20:13). A incrédula imprecação **Tens demônio; quem procura matar-te?** pode ter sido proferida por peregrinos galileus, desinformados dos planos sinistros do conhecimento de todos em Jerusalém (v. 25; cf. 5:18). Pode ter sido também o protesto de uma multidão que não estava disposta a cometer qualquer violência física contra Jesus, mas cuja hostilidade interior ele identificava como sendo homicida em suas intenções (cf. Mat. 5:21,22).

Ao contrário da falta de interesse do povo pelo espírito da lei, Jesus ilustra como tinha cumprido sua intenção mais profunda. Como registrado em 5:2-9a, Jesus **fez** (o mesmo verbo como "cumprir" do v. 19) **uma só obra**, ao curar um paralítico, o que ainda os impressionava (cf. v. 31). Eles podiam, agora comparar seu milagre com o ato da **circuncisão**, prescrito por **Moisés** na lei. (Entre parêntesis, o autor explica que este rito **não** se originara em **Moisés** propriamente, isto é, não estava no Decálogo, mas viera **dos pais**, como Abraão, de acordo

com Gên. 17:9-14.) Embora se devesse realizar a circuncisão ao oitavo dia (Lev. 12:3), as crianças nascidas no sábado deveriam ser circuncidadas no próprio **sábado, para que a lei de Moisés não** fosse **violada**. Se este gesto simbólico, com conseqüências apenas sobre parte do corpo, era permitido no sábado, por que — num argumento do geral para o particular — estavam **indignados** com Jesus por ter **tornado um homem inteiramente são** no sábado? Como Mofatt belamente parafraseia: "Estais enfurecidos comigo por ter curado, e não cortado, o corpo inteiro de um homem no sábado?"

Apesar de se basearem em princípios judeus, seus argumentos evidentemente ultrapassavam a prática judaica, tanto no espírito quanto no alcance. Os rabinos permitiam trabalho religioso no sábado, inclusive a circuncisão, com base na regra de que as exceções se justificam quando uma vida está em perigo. Ao contrário, para curar um homem que estava inválido durante 38 anos, Jesus poderia ter esperado mais um dia e assim evitar o sábado. Mas ele não estava interessado em passar por cima destes dispositivos porque uma pessoa poderia morrer. Antes recebeu bem a oportunidade de cumprir seu plano redentor, para que um homem pudesse viver (cf. Mar. 3:1-6).

O princípio geral compreendido na visão de Jesus é resumido no climático verso 24: **Não julgueis pela aparência, mas julgai segundo o reto juízo** (cf. Mat. 7:1-5). Em vez de se fundamentar em padrões superficiais, para medir a autenticidade religiosa, os homens deveriam avaliar tanto o mestre como seus ensinos, em função daquelas normas que ficassem sob a superfície, mais como substância e menos como aparência.

3) O Conflito Sobre a Procedência de Jesus (7:25-31)

25 Diziam então alguns dos de Jerusalém: Não é este o que procuram matar? 26 E eis que ele está falando abertamente, e nada lhe dizem. Será que as autoridades realmente o tenham reconhecido como o Cristo? 27 Entretanto, sabemos donde este é; mas, quando vier o Cristo, ninguém saberá donde ele é. 28 Jesus, pois, levantou a voz no templo e ensinava, dizendo: Sim, vós me conheceis, e sabeis donde sou; contudo, eu não vim de mim mesmo, mas aquele que me enviou é verdadeiro, o qual vós não conheceis. 29 Mas eu o conheço, porque dele venho, e ele me enviou. 30 Procuravam, pois, prendê-lo; mas ninguém lhe deitou as mãos, porque ainda não era chegada a sua hora. 31 Contudo, muitos da multidão creram nele, e diziam: Será que o Cristo, quando vier, fará mais sinais do que este tem feito?

Diferentemente da festiva multidão do verso 20, **alguns dos de Jerusalém** sabiam que Jesus era o homem que as autoridades religiosas procuravam **matar** (cf. 5:18). Embora ele estivesse **falando abertamente** no Templo, que se constituía durante a festa dos Tabernáculos no mais eficiente forum de todo o judaísmo, isto não quer dizer que as **autoridades realmente** sabiam que ele fosse o Cristo (a pergunta retórica do verso 26 tem uma resposta negativa). Mesmo a população inculta podia arrolar razões convincentes para não aceitar suas pretensões. Como **o Cristo** deveria aparecer repentina e sobrenaturalmente, **ninguém** saberia de onde viria (cf. Mal. 3:1; II Esd. 7:26-28; 13:32), ao passo que eles sabiam que ele viera da baixa Galiléia (cf. os v. 41 e 42).

Na antiga Palestina, que não conhecia o uso de nomes de família, o homem era geralmente identificado basicamente por sua localidade ou nascimento, daí a afirmação, "Jesus de Nazaré, o filho de José" (1:45). Por pensarem que sabiam de "onde" era Jesus, achavam que conheciam a sua identidade. Depois de enfrentar a acusação de que seus pais eram conhecidos (6:42), Jesus ouve, agora, a acusação de que provinha de uma obscura aldeia e de uma região sem significado na profecia messiânica, detalhes fundamentais aos olhos dos habitantes da mais famosa cidade religiosa do mundo. Em ambos os casos, a questão

era acerca das origens, um tema preferido da teologia joanina.

Em resposta, Jesus propôs, indiretamente e com fina ironia, duas questões inter-relacionadas: **Sim, vós me conheceis, e sabeis donde sou**. Ao nível terreno, cada parte poderia ser respondida afirmativamente; num sentido mais profundo, porém, elas exigiriam uma resposta negativa. Ao contrário das conhecidas pressuposições, Jesus não se via em termos de hereditariedade (parentesco) e/ou ambiente (local), porque sua vida não era vivida conforme seus **próprios desígnios**, mas em função de um imperativo transcendental. A despeito desta pretensão judaica básica de conhecer Deus numa forma que os pagãos não conheciam, Jesus ousou desafiá-los (dentro do Templo!) com a afirmação de que **não conheciam** aquele que o **enviara** e que ignoravam por completo o centro real de sua verdadeira existência. Ao contrário, Jesus podia dizer que conhecia a Deus num relacionamento pessoal de missão (**Eu vim/Ele enviou**).

Quando a discussão passou da obra de Jesus para sua pessoa, a reação dos judeus tornou-se mais agressiva. Golpeados duplamente pela acusação de que não conheciam verdadeiramente a Deus e pela afirmação de que só Jesus o conhecia, os cidadãos resolveram não esperar mais pelas autoridades para agir e, depois de decidirem atuar por si mesmos, **procuravam prendê-lo**. Todavia, porque **ainda não era chegada a sua hora**, quando todas as perguntas seriam respondidas e sua morte seria vista em seu verdadeiro sentido, revelou-se inútil o empreendimento da turba, talvez porque **muitos da multidão** tinham crido **nele**, por causa dos **sinais** que tinha **feito.**

4) O Conflito Sobre o Destino de Jesus (7:32-36)

32 Os fariseus ouviram a multidão murmurar estas coisas a respeito dele: e os principais sacerdotes e os fariseus mandaram guardas para o prenderem. 33 Disse, pois, Jesus: Ainda um pouco de tempo estou convosco, e depois vou para aquele que me enviou. 34 Vós me buscareis, e não achareis; e onde eu estou, vós não podeis vir. 35 Disseram, pois, os judeus uns aos outros: Para onde irá ele, que não o acharemos? Irá, porventura, à Dispersão entre os gregos, e ensinará os gregos? 36 Que palavra é esta que disse: Buscar-me-eis, e não me achareis; e: Onde eu estou, vós não podeis vir?

Depois que **os fariseus ouviram** falar da impaciência da **multidão** para silenciar Jesus, formaram uma aliança com os **principais sacerdotes** e, a seguir, **mandaram guardas para o prenderem.** Os fariseus eram os líderes da religiosidade popular centralizada nas sinagogas, enquanto os **principais sacerdotes** pertenciam às famílias aristocráticas dos saduceus, que extraíam sua força do controle sobre o Templo de Jerusalém. Juntos, os dois grupos dividiam o poder no Sinédrio; com isto, podiam providenciar, sem dificuldades, a prisão, mesmo de uma figura provocante e popular como Jesus (cf. 11:47,53,57). Normalmente, os fariseus mais piedosos tinham pouco a ver com os principais sacerdotes mundanos, mas nesta circunstância estavam unidos pela oposição a alguém que parecia ameaçar todo o fundamento da religião institucionalizada.

Diante de inimigos tão formidáveis, Jesus começou a falar de sua vida terrena como próxima do fim: **Ainda um pouco de tempo estou convosco** (cf. 16: 16-24), **e depois vou para aquele que me enviou**. A conseqüência natural de ser enviado seria voltar; numa expressão espacial, o descer à terra implicava em ascender aos céus. O "de onde" e "para onde" de Jesus permanecem como os dois aspectos essenciais para uma compreensão da cristologia joanina.

Nesse momento dramático, quando o grupo de captores vinha ao seu encalço e alguns da multidão dividida o procuravam por curiosidade e outros se manifestavam em fé, dúvida ou deboche, Jesus respondeu com uma declaração

enigmática: **Vós me buscareis, e não me achareis; e onde eu estou, vós não podeis vir.** À primeira vista, parecia bem óbvio que ele poderia ser encontrado facilmente. Ademais, não era ele, naquele momento, a pessoa mais conhecida da cidade? Então, **os judeus** se admiraram em voz alta sobre **onde** ele poderia **ir**, que não poderiam **encontrá-lo**. Como os Tabernáculos eram o festival da peregrinação por excelência, a que muitos judeus **da Dispersão** compareciam, sugeriu-se a possibilidade de que Jesus tentasse fugir para as regiões dalém da Palestina. Como fora apresentado como um mestre falso em Israel, os judeus logo concluíram que Jesus tinha que fugir para **os gregos** e ver se poderia ensinar lá.

Ao dizer isto, os judeus, com certeza, não conseguiram ultrapassar os limites de tempo e espaço, fracassando por completo na compreensão de que ele ia ao Pai, com quem sempre estivera (note-se o uso pouco comum de **eu estou** no v. 36). Assim, ironicamente, estavam mais próximos da verdade do que imaginavam (cf. 11:49-52), pois ao ascender aos céus, Jesus inaugurou a obra missionária cristã, que ultrapassou o judaísmo da Palestina e da Diáspora e alcançou outras nações do mundo helenístico.

5) O Oferecimento da Água da Vida (7:37-39)

37 Ora, no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. 38 Quem crê em mim, como diz a Escritura, do seu interior correrão rios de água viva. 39 Ora, isto ele disse a respeito do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito ainda não fora dado, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado.

Chegado o **último dia... da festa** dos Tabernáculos, Jesus resolveu usar este simbolismo dramático para se apresentar como a água da vida. Neste ponto, um sério problema de pontuação complica a interpretação das palavras usadas para assegurar esta realidade. Pelo menos três compreensões da passagem são possíveis:

Primeiro, Jesus pode ser identificado como a fonte da água viva, através da seguinte paráfrase: "Se alguém tem sede, deixem-no vir a mim; em outras palavras, deixem aquele que crê em mim beber (da minha água). Isto estaria de acordo com a escritura que diz: 'Do seu (isto é, de Jesus) coração fluirão rios de água viva.'" Esta interpretação encontra respaldo em 4:10,14a, onde Jesus se oferece para dar água viva; em 7:39, onde água = ao Espírito que Jesus oferecerá posteriormente (20:22); em 19:34, onde a água fluiu do lado perfurado de Jesus; e de Apocalipse 22:1, onde "o rio da água da vida" fluía "do trono de Deus e do Cordeiro" (Jesus).

Segundo, o crente torna-se a fonte de água viva, a julgar pela seguinte paráfrase: "Se alguém tem sede, deixem-no vir a mim e beber. Aquele que isto faz por crer em mim é vivamente descrito nas escrituras que dizem: 'Do seu (isto é, do crente) coração fluirão rios de água viva!" Apoiam esta interpretação os melhores e mais conhecidos comentários e traduções, apesar da pouca corroboração escriturística. Em 4:14b, Jesus falou de uma fonte de água dentro do coração do crente (cf. Is. 58:11), mas esta referência não torna explícito se esta fonte servirá de sustento para outros.

Terceiro, é possível e bastante provável que a citação bíblica do Velho Testamento foi livremente relacionada ao pronunciamento anterior de Jesus, ou contemporaneamente por Jesus ou posteriormente pelo evangelista (note-se que o verso 39 é evidentemente uma adição explicativa, feita pelo evangelista). Como suplementar ao dito de Jesus, dos versos 37b e 38a, e não como sua parte integral, a expressão anterior a **seu interior** deveria ser determinada primariamente pelo contexto original desta citação no Velho Testamento e só secundariamente pelo contexto próprio de João. Nesta visão, a fonte da água viva não deve ser tomada

nem como Jesus nem como o crente, mas como o próprio Deus, como ficará mais claro do estudo, que faremos a seguir, do contexto histórico da citação bíblica.

Para recompor: o centro da proclamação de Jesus era, possivelmente, um dístico hebraico de paralelismo poético, que pode ser traduzido literalmente assim:

"Se alguém tem sede, deixem-no vir a mim,

e deixem beber aquele que crê em mim."

Este convite deveria ser entendido, no entanto, não como uma proposta de um ato isolado, sobre sua própria autoridade, mas como o cumprimento da promessa bíblica de que Deus providenciaria rios de água viva, para que seu povo deles se servisse, e em abundância. Os que cultuavam na festa dos Tabernáculos, que sempre celebrava a dádiva divina da chuva, na natureza, para suas colheitas e comemoravam a dádiva divina da água, na história, para os peregrinos do êxodo, eram agora chamados para olharem não para os céus e nem para uma rocha, mas para a pessoa de Jesus, como o mediador destes recursos divinos, que poderiam satisfazer sua própria sede espiritual.

A interpretação desta passagem torna-se um pouco complicada não apenas pelo problema da pontuação, mas pela dificuldade de identificar **as escrituras**, isto é, o texto citado no verso 38b. Do mesmo modo que ocorrera com o texto sobre o "pão dos céus", de 6:31, a expressão exata **do seu interior correrão rios de água viva** não se encontra no Velho Testamento, mas parece ser um resumo de outras passagens semelhantes, especialmente nos profetas, que usam sede (isto é, seca, aridez, infertilidade) e água (isto é, chuva, nascente, fonte) como metáforas dos desejos e das necessidades humanas (exemplo: Is. 12:3; 43:18-21; 55:1; 58:11). Três temas particulares são recorrentes: água fluiu da rocha, no deserto, para os peregrinos do êxodo (Sal. 78:15,16; 105:41; Is. 48:21); água fluirá do Templo de Jerusalém, para irrigar o deserto circunvizinho (Ez. 47:1-12; Joel 3:18; Zac. 14:18); o Espírito será derramado como água numa terra sedenta (Is. 44:3; Joel 2:28).

Em nenhum destes versos se afirma que a água correrá, como rios, **do interior** (**koilia**, literalmente, ventre) de alguém. Todavia, esta expressão é uma referência, do idioma semítico, ao centro das emoções e, assim, equivalente a dizer que a água virá do interior de uma pessoa. Todas estas passagens mencionadas deixam claramente implícito que o próprio Deus é a fonte última das "correntes do deserto". Como Criador, ele derrama água sobre a terra seca, enquanto, como Redentor, ele derrama suas bênçãos sobre o verdadeiro Israel (Is. 44:3). Isto significa que Jesus estava se apresentando para funcionar do mesmo modo que Deus quando se ofereceu no Templo como aquele do qual os crentes poderiam beber.

Fiel a estes princípios de interpretação (cf. 2:22; 12:16), o evangelista estava interessado em apresentar esta reivindicação crucial, não somente em relação a Jesus e às Escrituras, mas também à vida da igreja. Desse modo, explica que esta metáfora de água viva era realmente uma forma de falar **a respeito do Espírito, que haviam de receber os que nele cressem**. Para ser claro, **o Espírito ainda não fora dado** como uma realidade separada, enquanto Jesus estava com seus seguidores na carne, pois, durante esse período, a experiência deles com o Espírito era inseparável de sua experiência com Jesus (cf. 1:33; 3:5,13, 31,34). Depois, porém, que Jesus fosse **glorificado** na ressurreição e ascendesse ao Pai no céu, o Espírito seria dado aos crentes de uma forma bem distinta, em sua experiência com a presença encarnada de Jesus na terra (cf. 14:25,26; 16:7).

Ao lerem este Evangelho, os cristãos deveriam entender que teriam em suas vidas, habitadas pelo Espírito Santo, a água viva de que Jesus falara e, assim,

confirmar, em sua própria experiência, a verdade desta afirmação.

6) A Reação do Povo (7:40-44)

40 Então, alguns dentre o povo, ouvindo estas palavras, diziam: Verdadeiramente este é o profeta. 41 Outros diziam: Este é o Cristo; mas outros replicavam: Vem, pois, o Cristo da Galiléia? 42 Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi, e de Belém, a aldeia donde era Davi? 43 Assim, houve uma dissensão entre o povo por causa dele. 44 Alguns deles queriam prendê-lo; mas ninguém lhe pôs as mãos.

Ao se apresentar como a água da vida, Jesus falara de modo simples e direto ("venha a mim... crê em mim"), sem lançar mão de títulos capazes de impressionar e chamar a atenção para si mesmo. A teologia judaica de então, entretanto, estava repleta de teorias complexas e mirabolantes sobre a identidade e as credenciais do Messias. Apesar da relutância de Jesus em ceder a estas especulações, **o povo** logo começou a medir suas **palavras** à luz de pressupostos próprios. Tão preocupados estavam em analisar a água oferecida que não tiveram tempo para dela tomarem!

Partindo, talvez, de Moisés, que fez jorrar água, ao bater numa rocha no deserto, alguns pensaram que Jesus deveria ser **verdadeiramente** o prometido **profeta** de Deuteronômio 18:15-18, ao passo que outros já podiam identificá-lo como **o Cristo** (Messias). Este veredicto final, no entanto, chocava-se com a informação de que Jesus era **da Galiléia** (cf. 6:42; 7:27,52), enquanto diz **a Escritura que o Cristo** viria **da descendência de Davi** (exemplo: II Sam. 7:12,13; Sal. 89:3,4; Jer. 23:5) **e de Belém, a aldeia donde era Davi** (cf. Miq. 5:2; Mat. 2:4,6). [23]

Como geralmente acontece, o resultado deste debate teológico era **uma dissensão entre o povo**, sobre Jesus (cf. 9:16; 10:19). **Alguns deles queriam prendê-lo,** especialmente os ierosolimitas influenciados pela oposição oficial a Jesus (cf. v. 25 e 30), **mas ninguém lhe pôs as mãos**, principalmente porque suas obras poderosas (v. 21 e 31) e sua impressionante autoridade (v. 46) tinham conseguido apoio entre os peregrinos presentes à festa. Parece que o povo se polarizara em dois grupos. Num extremo estavam aqueles que, de tão comprometidos com um conjunto de esperanças messiânicas herdadas da tradição, não tinham a abertura necessária para perceberem a singularidade de Jesus como um ato de Deus no presente. No outro extremo, estavam aqueles que, muito abertos para uma demonstração espetacular de poder da parte dos últimos líderes religiosos, ficaram apenas no entusiasmo repentino, por lhes faltar uma formação teológica.

7) A Reação dos Líderes (7:45-52)

45 Os guardas, pois, foram ter com os principais dos sacerdotes e fariseus, e estes lhes perguntaram: Por que não o trouxestes? 46 Responderam os guardas: Nunca homem algum falou assim como este homem. 47 Replicaram-lhe, pois os fariseus: Também vós fostes enganados? 48 Creu nele porventura alguma das autoridades, ou alguém dentre os fariseus? 49 Mas esta multidão, que não sabe a lei, é maldita. 50 Nicodemos, um deles, que antes fora ter com Jesus, perguntou-lhes: 51 A nossa lei, porventura, julga um homem sem primeiro ouvi-lo e ter conhecimento do que ele faz? 52 Responderam-lhe eles: És tu também da Galiléia? Examina e vê que da Galiléia não surge profeta.

A multidão não foi o único grupo a se recusar a prender Jesus (v. 44). No começo da festa, **os principais dos sacerdotes e fariseus** tinham enviado guardas, para darem cabo a esta importante tarefa (v. 32); eles voltaram, no entanto, para dizer que tinham falhado em sua missão. Quando indagados, com exasperação **por que** não haviam trazido Jesus, estes policiais armados admitiram que foram paralisados pelo poder de suas

23 Sobre os temas profeta e Cristo, aqui e na tradição judaica, veja-se Meeks, p. 32-61.

palavras. Nunca tinham ouvido **homem** algum falar com tanta autoridade, isto é, como rabino, profeta e Messias ao mesmo tempo! Embora soubessem que ele não tinha credenciais que o recomendassem, não podiam negar o impacto de seus ensinos.

Incentivados por este testemunho não desejado de suas próprias forças, **os fariseus** acusaram a guarda do Templo de ser enganada juntamente com o povo (cf. v. 12). Esta acusação reflete o motivo básico da oposição da liderança religiosa a Jesus. Eles não só toleravam suas afirmações pessoais como também estavam profundamente preocupados com o fascínio que exercia entre as massas. Como membros do sinédrio, eles eram responsabilizados, pelos romanos, por todos os movimentos messiânicos que ameaçassem romper a paz. Era melhor silenciar um agitador do que perder todos os seus privilégios, duramente conseguidos, diante de Roma (cf. 11:47-50).

A fim de reprimir o conformismo para com a situação vigente, o grupo dominante estava determinado a aparentar unidade: **Creu nele porventura alguma das autoridades ou alguém dentre os fariseus?** É impressionante como a pressão de um grupo pode coibir a decisão pessoal (cf. 12:42,43). Ademais, quando esse grupo ocupa lugares de grande responsabilidade, é-lhe ainda mais difícil abrir-se para uma mudança radical (cf. 3:1-15). Parece comum que a elite desdenhe as classes populares e ache que nada de importante começa entre elas. No caso dos fariseus, uma aristocracia (ou meritocracia) fundada na educação levou-os a considerar a **multidão** como populaça **maldita**, que **não conhecia a lei**, pelo que seu apoio a Jesus era indigno.

Mas **um** dos seus membros, **Nicodemos**, conhecera a Jesus de perto (3:1-15) e não estava suficientemente convencido desta recusa de julgar o caso em seus próprios méritos. Aos orgulhosos de seus conhecimentos da lei, ele lembrou que seu comportamento violava a lei, por julgarem Jesus **sem primeiro ouvi-lo e ter conhecimento do que ele faz.** Ao invés de responderem a este protesto legítimo, os fariseus voltaram-se, para seu colega, com uma censura: **Ês tu também da Galiléia?** — como se provir de uma certa região fosse razão para se apoiar a Jesus (cf. o comentário sobre o v. 27). Embora muitos profetas fossem da Galiléia no passado (como Jonas; cf. II Reis 14:25), Nicodemos se recordava de que um **exame** das Escrituras não revelaria qualquer passagem que predissesse que o grande **profeta** escatológico (v. 40) viria **da Galiléia.** É impressionante como se pode ignorar as verdades absolutas de Deus por causa de uma abordagem literalista da Bíblia.

4. O Juiz da Vida (8:12-59)

Os capítulos 7 e 8 estão intimamente ligados em sua formação histórica, em sua forma literária e em seu conteúdo teológico, numa unidade que parece mais evidente quando se tira a interpolação de 7:53-8:11. Ambas as seções se situam no Templo de Jerusalém (7:14,28; 8:20, 59) durante a festa dos Tabernáculos (7:2, 37; cf. "então... tornou", de 8:12). Os dois capítulos são, na realidade, um material polêmico organizado de seções breves, que dão, ao leitor, uma impressão de que está participando de um vivo debate entre Jesus e os judeus. João 7 começa e João 8 termina com referências ao segredo messiânico, motivo que os mantém juntos na mesma dimensão temática.

A festa dos Tabernáculos constava não somente do ritual da oferta de água, como vista no capítulo 7, mas também da cerimônia das luzes, as quais deram o pano-de-fundo para o capítulo 8 (**Mishnah, Sukkah**, 5:2-4). Na primeira noite do festival, e talvez posteriormente, os grandes castiçais de ouro postados na Corte das Mulheres eram acesos, ateando-se fogo nos pavios de pano em quatro

tigelas de ouro colocadas sob cada um deles. Tão feérica era a luz, que se dizia que todos os pátios de Jerusalém estavam iluminados. No Templo, homens piedosos cantavam, dançavam e agitavam tições de fogo, num deslumbrante espetáculo de cor e beleza. Acontecendo no equinócio outonal, o significado agrícola deste ritual era uma súplica para que os meses do escuro inverno fossem seguidos de sol para a colheita na primavera (cf. Zac. 14:6-8, onde luz e água estão intimamente ligados às estações). Historicamente, o drama comemorava a direção de Deus, ao conduzir Israel através do deserto com uma coluna de fogo à noite (Êx. 13:21).

Neste contexto, Jesus se identificou como "a luz do mundo" (v. 12), o que faz um paralelo com sua proclamação anterior como água da vida (7:37). Servindo-se destas analogias fundamentalmente agrícolas, ele apresentou-se como tão indispensável ao desenvolvimento do espírito humano como a chuva e o sol são para o cultivo das plantas terrenas. Além do mais, ele se ofereceu para conduzir Israel a um novo êxodo, de natureza espiritual (cf. v. 32-36), declarando-se então maior que a rocha, da qual jorrou água, e que a coluna de fogo, da qual proveio luz no deserto. O tempo se encarregara de transformar o símbolo em realidade no culto. Jesus não apenas se tornou o verdadeiro templo (cf. 2:19-22), mas se ofereceu como o cumprimento destes sacratíssimos festivais e das Escrituras que eles procuravam dramatizar.

O tema inicial da luz é usado para descrever um processo dinâmico de seleção, proveniente do ministério de Jesus. Ironicamente, como os judeus tinham optado por um consenso negativo, em sua interpretação de Jesus (v. 13,22,41, 48,52,53), tomado como um perigo para o seu alto padrão de vida (v. 20,37,40, 59), seus inimigos se condenaram a si mesmos, devido à sua cegueira diante da Luz do mundo.

Na demonstração desta cegueira, João 8 não tem rival no próprio Evangelho nem nos demais. Os judeus acusaram Jesus de egoísmo (v. 13), de tendências

Texto e Comentário (7:53-8:11)

53 E cada um foi para sua casa. 1 Mas Jesus foi para o Monte das Oliveiras. 2 Pela manhã cedo voltou ao templo e todo o povo vinha ter com ele; e Jesus, sentando-se, o ensinava. 3 Então os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério; e pondo-a no meio, 4 disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. 5 Ora, Moisés nos ordena na lei que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes? 6 Isto diziam eles, tentando-o, para terem de que o acusar. Jesus, porém, inclinando-se, começou a escrever no chão com o dedo. 7 Mas, como insistissem em perguntar-lhe, ergueu-se e disse-lhes: Aquele que dentre vós que está sem pecado seja o primeiro que lhe atire uma pedra. 8 E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra. 9 Quando ouviram isto foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos, até os últimos; ficou só Jesus, e a mulher ali em pé. 10 Então, erguendo-se Jesus e não vendo ninguém senão a mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? 11 Respondeu ela: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu te condeno; vai-te, e não peques mais.

Esta passagem aparece entre colchetes na versão da IBB porque as evidências disponíveis demonstram conclusivamente que foi uma interpolação posterior ao Evangelho de João. A maioria dos melhores manuscritos gregos omite toda esta seção; os poucos que a incluem, fazem-no com alguma marca especial (um asterisco, por exemplo) ou em lugares diferentes (como depois de João 21:24 ou Lucas 21:38, por exemplo). Embora totalmente desconhecida no Oriente durante o primeiro milênio de nossa era, a passagem aparece primeiro na tradição textual ocidental ou latina e é reconhecida pela maioria dos manuscritos gregos medievais tardios. Destas duas fontes, entretanto, a passagem entrou na Vulgata e na versão do Rei James (**King James Version**), a partir das quais espalhou-se por toda a cristandade.

A evidência interna confirma o veredicto da evidência externa de que este trecho não integrava originalmente o Quarto Evangelho. O estilo da estória é mais lucano do que joanino. O ambiente coaduna-se muito bem com as descrições sinópticas das últimas semanas de Jesus em Jerusalém (compare-se as vivas semelhanças entre João 8:1,2 e Lucas 21:37,38). E possível que o relato tenha sido enxertado aí por ter ocorrido no Templo (8:2; cf. 7:14,28; 8:20,59) e por ilustrar a forma como Jesus a ninguém julgava (8:15).

Não há razão para se duvidar da autenticidade substancial da história. Embora provavelmente não tenha sido intencionalmente parte de nenhum dos quatro Evangelhos canônicos, a igreja antiga encontrou nele um valor tão significativo que o incluiu em vários pontos do relato, para garantir sua sobrevivência. Ao estudar o Evangelho de João, no entanto, o leitor deve ir direto de 7:52 para 8:12, não permitindo que esta inserção obscureça a íntima relação entre estes dois capítulos.

suicidas (v. 22), de ser bastardo (v. 19 e 41) e de insanidade (v. 48 e 52). Jesus, por seu turno, os acusou de não conhecerem a Deus (v. 19), de morrerem em seus pecados (v. 21) e — como filhos do Diabo — de serem assassinos e mentirosos (v. 37,40,44). Embora este estilo polêmico não apareça apenas neste Evangelho (cf. Mat. 23:15), é aqui que encontra um lugar de destaque, porque João 8 foi escrito quando o conflito entre a sinagoga e a igreja estava em seu auge. Num tempo quando o cristianismo começava a delinear sua independência e o judaismo lutava para sobreviver, não era difícil relembrar e exprimir, na forma mais extremada possível, estas rupturas, que tinham produzido a indelével separação entre Jesus e seus contemporâneos.

Devido ao caráter compilativo do material, é difícil determinar a forma original interna. Visto como um todo, 8:12-59 é uma sucessão de cinco cenários, nos quais cada uma das controvérsias é respondida por uma ou mais frases provocativas por parte de Jesus. O tema unificador é o juízo. Depois de um parágrafo de abertura, sobre a autoridade e validade de Jesus para julgar (v. 12-20), o roteiro passa a considerar a urgência (v. 21-30), os efeitos (v. 31-38) e os padrões (v. 39-47) de seu juízo. A seção termina, então, com a afirmação de que o juízo de Jesus é uma questão de vida ou morte, devido ao seu relacionamento singular com Deus (v. 48-59).

1) As Credenciais do Juiz (8:12-20)

12 Então Jesus tornou a falar-lhes, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue, de modo algum andará em trevas, mas terá a luz da vida. 13 Disseram-lhe, pois, os fariseus: Tu dás testemunho de ti mesmo; o teu testemunho não é verdadeiro. 14 Respondeu-lhes Jesus: Ainda que eh dou testemunho de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro; porque sei donde vim, e para onde vou; mas vós não sabeis donde venho, nem para onde vou. 15 Vós julgais segundo a carne; eu a ninguém julgo. 16 E, mesmo que eu julgue, o meu juízo é verdadeiro; porque não sou eu só, mas eu e o Pai que me enviou. 17 Ora, na vossa lei está escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro. 18 Sou eu que dou testemunho de mim mesmo, e o Pai, que me enviou, também dá testemunho de mim. 19 Perguntavam-lhe, pois: Onde está teu pai? Jesus respondeu: Não me conheceis a mim, nem a meu Pai; se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai. 20 Essas palavras proferiu Jesus no lugar do tesouro, quando ensinava no templo; e ninguém o prendeu, porque ainda não era chegada a sua hora.

Num momento não especificado, durante a festa dos Tabernáculos, Jesus voltou a desafiar seus ouvintes no Templo com uma afirmação semelhante à de 7:37, ao anunciar: **Eu sou (egō eimi) a luz do mundo** (cf. 9:5; 12:46). Contra o panorama da rejeição, por parte dos líderes de Israel (7:45-52), Jesus provocadoramente insistiu que **quem me segue** (cf. 1:43), em vez de seguir autoridades judaicas, **não andará** nas **trevas** espirituais destas mesmas autoridades (como está bem claro em 7:52), **mas terá a luz da vida** (cf. 1:4,5).

Ao debaterem estas primeiras palavras (**Eu sou**), os fariseus viram nelas não uma velada reivindicação de divindade, mas uma expressão de egoísmo pessoal: **Tu dás testemunho de ti mesmo**. Em resposta, Jesus argumentou que mesmo que o fizesse — certamente não numa feição egocêntrica (cf. 5:30,31) — seu **testemunho** era definitivamente **verdadeiro**, porque, diferentemente deles, ele sabia **de onde** tinha vindo e **para onde** ia (dois temas melhor explicados em 7:25-36). A maioria dos homens faz juízos indignos porque, como criaturas do presente, não podem reconstruir o passado e nem antecipar o futuro. Por conseguinte, julgam **segundo a carne**, isto é, à luz do que podem ver a nível terreno, em dado momento (cf. 7:24). Ao contrário, Jesus a tudo avaliava num contexto eterno, reunindo visão do passado com visão do futuro, para alcançar uma compreensão que transcendia o tangível e o transitório.

Como luz do mundo, Jesus não era apenas uma testemunha **verdadeira** (cf.

1:6-8), mas também um **juiz** verdadeiro. Nos versos 15b e 16a, duas afirmações aparentemente contraditórias dão a chave para o caráter dialético de seu papel: **A ninguém julgo... mesmo que eu julgue.** Por um lado, Jesus não veio para julgar (cf. 3:17; 12:47) no sentido condenatório de avaliar **segundo a carne**, isto é, pelas aparências (cf. 7:24). Por outro lado, Jesus veio para julgar (cf. 5:22; 9:39) no sentido de confrontar os homens com uma decisão de vida e morte. Este juízo não nasce de nenhum esforço para estabelecer sua própria superioridade, mas de uma completa identidade de função com Deus: **porque não sou eu só (que julgo), mas eu e o Pai que me enviou.**

A atividade coordenada de Jesus e Deus também contribuiu para resolver a intenção da **lei** judaica que prescrevia que **o testemunho** de pelo menos **dois homens** bastava para estabelecer que era **verdadeiro**, em casos criminais (cf. Núm. 35:30; Deut. 17:6; 19:15). Nesse sentido, Jesus mesmo deu um testemunho veraz (v. 13 e 14), enquanto seu Pai dava o outro. Ao nível da fé, este argumento era completamente convincente, porque não poderia haver testemunhos mais dignos do que estes vindos de Deus e de seu único Filho. Ao nível do procedimento legal judaico, entretanto, este raciocínio parecia amplamente suspeito, porque a lei geralmente estipulava duas ou três testemunhas além do acusado. Como Jesus, o acusado, era a única testemunha que os judeus podiam ver, isto significava que ele não tinha realmente testemunho nenhum a seu favor.

Em casos raros, porém, os rabinos permitiam que a evidência fosse estabelecida pela pessoa em questão, mais alguma outra testemunha: por isso, os judeus perguntaram: **Onde está teu pai?** para ver se Jesus conseguia o apoio suplementar. Embora os galileus dissessem conhecer seu pai terreno, José (6:42), os ierosolimitas ou ignoravam sua família ou suspeitavam de sua filiação legítima (cf. 8:41). Mais gravemente, eles interpretaram equivocadamente uma referência a seu **Pai** celestial, porque não o **conheciam** verdadeiramente. Este equívoco se baseava numa incapacidade de compreender a Jesus espiritualmente, pois conhecê-lo era **conhecer** seu **Pai também**. Aos olhos dos judeus, esta afirmação parecia uma inominável blasfêmia, digna de morte, mas **ninguém o prendeu, porque ainda não era chegada a sua hora.**

2) A Crucialidade do Seu Juízo (8:21-30)

21 Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Eu me retiro; buscar-me-eis, e morrereis no vosso pecado. Para onde eu vou, vós não podeis ir. 22 Então diziam os judeus: Será que ele vai suicidar-se, pois diz: Para onde eu vou, vós não podeis ir? 23 Disse-lhes ele: Vós sois de baixo, eu sou de cima; vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo. 24 Por isso vos disse que morrereis em vossos pecados; porque, se não crerdes que eu sou, morrereis em vossos pecados. 25 Perguntavam-lhe então: Quem és tu? Respondeu-lhes Jesus: Exatamente o que venho dizendo que sou. 26 Muitas coisas tenho que dizer e julgar acerca de vós; mas aquele que me enviou é verdadeiro; e o que dele ouvi, isso falo ao mundo. 27 Eles não perceberam que lhes falava do Pai. 28 Prosseguiu, pois, Jesus: Quando tiverdes levantado o Filho do homem, então conhecereis que eu sou, e que nada faço de mim mesmo; mas como o Pai me enviou, assim falo. 29 E aquele que me enviou está comigo; não me tem deixado só; porque faço sempre o que é do seu agrado. 30 Falando ele estas coisas, muitos creram nele.

Nos debates do Templo, introduz-se uma nota de urgência com a retomada do tema da partida desenvolvido em 7:32-36 e com a definição de suas dramáticas conseqüências para os ouvintes de Jesus. Logo ele se iria, conforme disse **eu me retiro**, ao voltar para os céus, e eles o buscariam em vão, porque não conheciam o Pai. Como alguém **de cima** (isto é, **não deste mundo**), ele iria para onde aqueles que eram **de baixo** (isto é, **deste mundo**) não poderiam ir (cf. 3:6,31; 6:63). Na primeira vez que este tema foi

introduzido, os judeus entenderam mal a Jesus ao acharem que iria "à Diáspora entre os gregos" (7:35), enquanto aqui pensaram que iria mais além, cometendo suicídio.

Esta hipótese representava uma trágica distorção dos esforços de Jesus para alertar seus adversários de que o tempo era curto para se aceitar sua oferta de salvação. Se eles forçassem sua partida deste mundo, levantando-o numa cruz (cf. v. 28), morreriam em seu **pecado** de rejeitarem de modo definitivo a redenção que ele oferecia (cf. Mar. 3:28, 29). Esta morte espiritual era inevitável se recusassem aceitar aquele que dava água "viva" (7:38) e era a luz da "vida" (8:12). Sua única esperança seria crer que ele era o "Eu sou" divino, o único em quem o ser eterno do Deus da vida se manifestou entre os homens.

Mais uma vez, por outra equivocadíssima interpretação, os judeus, deixaram de reconhecê-lo neste uso absoluto de **ego eimi**, a fórmula veterotestamentária para uma teofania do Deus pessoal (cf. Êx. 3:14; Is. 41:4; 48:12). Ouvindo Jesus dizer simplesmente "Eu sou" e supondo que ele acrescentaria algum predicado como "a luz do mundo" (como no v. 12), eles responderam: **Quem és tu?** (ou "Tu és quem?"). Não havia forma de Jesus responder a esta estupidez senão repetir o que vinha **dizendo** desde o início. Devido à resposta negativa dos judeus, muito poderia ele dizer sobre a natureza do seu julgamento; no entanto, ele preferia silenciar, para deixar tais questões nas mãos dAquele **verdadeiro** que o enviara (cf. v. 50) e porque sua missão era anunciar, **ao mundo**, o que tinha **ouvido** do Pai, e não o que aprendera de seus inimigos.

Embora Jesus continuasse a exaltar a Deus, sabia que a "hora" logo chegaria quando, como Filho do Homem, ascenderia ao lugar de onde viera, ao ser **levantado** na cruz. Nessa suprema hora da revelação, certamente alguns de seus ouvintes saberiam que ele era o grande **Eu sou**, que representava Deus de modo tão completo, que **nada** fazia de si **mesmo**, mas falava apenas aquilo que **o Pai** lhe ensinava (cf. 7:16). Independentemente da resposta, Aquele que o enviara jamais o deixaria **só**, pois Jesus só fazia o que era do **seu agrado**. Impulsionado por esta pública profissão de fé em Deus, muitos foram levados a crer em Jesus.

3) As Conseqüências de Seu Juízo (8:31-38)

31 Dizia, pois, Jesus aos judeus que nele creram: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sois meus discípulos; 32 e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. 33 Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão, e nunca fomos escravos de ninguém; como dizes tu: Sereis livres? 34 Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado. 35 Ora, o escravo não fica para sempre na casa; o filho fica para sempre. 36 Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres. 37 Bem sei que sois descendência de Abraão; contudo, procurais matar-me, porque a minha palavra não encontra lugar em vós. 38 Eu falo do que vi junto de meu Pai; e vós fazeis o que também ouvistes de vosso pai.

As palavras iniciais deste parágrafo representam um problema, porque **os judeus**, que aqui são apresentados como tendo **crido em** Jesus, logo seriam chamados de filhos do Diabo, que estavam procurando matá-lo (v. 43 e 44). Três fatores podem ajudar a explicar esta transformação na narrativa.

Primeiro, o autor altera ligeira, mas significativamente, o conteúdo dos versos 30 e 31; no verso 30, muitos creram "nele" (**eis auton**) e no verso 31, os judeus nele (**auto**) creram. Infelizmente, esta alteração não se registra nas traduções. Como esta distinção é geralmente plena de sentido por todo o Evangelho, o autor pode estar sugerindo que os judeus do verso 31 tinham dado crédito a certas doutrinas intelectuais sobre Jesus, mas não experimentaram uma forma su-

perior de fé, que abrigasse uma confiança pessoal nele.

Segundo, o próprio Jesus aceitou a fé do verso 31 como condicional. Estes crentes seriam **verdadeiramente** seus discípulos somente se **permanecessem em** sua **palavra**. Obviamente, muitos discípulos nominais não chegaram a isso (6:66). Jesus percebeu logo a superficialidade da fé e não alimentou grandes ilusões em relação a ela (cf. comentário sobre 2:23-25). Se um do círculo menor dos doze era um diabo (6:70), imagine-se no instável grupo de seguidores em Jerusalém!

Terceiro, os eventos da igreja ao tempo quando este Evangelho foi escrito confirmaram a possibilidade de que os "crentes" voltaram a ser filhos do Diabo. Em I João, o autor enfrentou a necessidade de providenciar testes para distinguir a verdadeira fé da falsa. Dentro da igreja havia aqueles que continuavam a pecar (I João 3:8; cf. João 8:21,24) e eram mais "filhos do Diabo" do que "filhos de Deus" (I João 3:10; cf. João 8:38,41,42,44). Alguns membros "odiavam" seus irmãos cristãos e eram tão "assassinos" espirituais quanto Caim, "que era do Maligno e matou a seu irmão" (I João 3:11-13; cf. João 8:44). Estes paralelos demonstram que a situação que Jesus enfrentou era mais o arquétipo histórico do que o conflito interno, que caracteriza o povo de Deus em todas as gerações. [24]

Consciente de que a precária posição espiritual destes **judeus que nele creram** se assemelhava à de Israel durante sua peregrinação no deserto, Jesus lhes ofereceu a possibilidade da verdadeira libertação da escravidão. Se eles permanecessem em seus ensinos, poderiam conhecer a **verdade** de Deus, que não é um conjunto de idéias soltas, mas um poder dinâmico que pode **tornar livres** os homens. Contrariamente ao uso freqüente deste versículo como um bem teórico, a promessa não é feita de que a educação resulta em libertação da escravidão espiritual. Relutantes em admitir até mesmo o evento da necessidade desta libertação, que demonstra que sua crença envolvia uma perspectiva diferente deles mesmos, os judeus responderam que, como herdeiros espirituais de Abraão, jamais tinham sido **escravos de ninguém.** Num sentido político, é claro que tinham sido escravizados muitas vezes, e assim por Roma, nessa época, mas nunca tinham sucumbido às divindades estranhas de seus captores.

Para vencer esta objeção, Jesus cunhou o ensino sobre o cativeiro e a liberdade em relação aos conceitos de escravidão e filiação. Como o mal não é uma violação de regra abstrata, mas submissão a um tirano pessoal (v. 44), **todo aquele que comete pecado é escravo do pecado** (cf. 6:12-18; Gál. 4:3,8,9; 5:1). Esta escravidão tornava impossível cumprir a condição básica do discipulado, **se permanecerdes na minha palavra**, porque **o escravo não fica para sempre na casa; o filho fica para sempre.** Por fim, duas circunstâncias podem ter sugerido a inclusão da pequena parábola do escravo e do filho, no verso 35, para ilustrar a importância de permanecer na casa para sempre.

Primeira, uma narrativa sobre Abraão no Velho Testamento relata como Ismael, seu filho escravo com Agar, foi expulso, enquanto Isaque, seu filho livre com Sara, obteve seu direito para sempre (Gên. 21:9-14; cf. a abordagem, de Paulo, desta tipologia, em Gál. 4:21-31). Aqueles que se jactavam de serem da **descendência de Abraão** teriam que perguntar se eram filhos do tipo de Ismael ou do tipo de Isaque! Nesse caso, a diferença não seria determinada pelo fato de sua mãe ser Agar ou Sara, mas se estavam prontos para permitir que **o Filho** os tornasse **verdadeiramente livres,** para habitarem na casa do Pai. Segunda, o autor pode ter tido conhecimento de

24 Sobre o ambiente desta seção mais ampla nas lutas judaizantes da igreja primitiva, veja C.H. Dodd, **More New Testament Studies.** p. 41-57.

uma situação paralela na igreja primitiva, em que alguns "saíram dentre nós", isto é, deixando a comunidade cristã. "Se fossem dos nossos, teriam **permanecido** conosco", mas sua partida da casa de Deus evidenciava que não eram "dos nossos" (I João 2:19).

No caso de seus contemporâneos judeus, Jesus concordou logo que eles eram descendência de Abraão num sentido físico, mas a reação que tiveram diante dele demonstrava que Abraão não era seu **pai** num sentido espiritual.[25] No pensamento judeu, o maior dos patriarcas era venerado como um modelo de justiça (Gên. 18:19; 26:5; Eclesiástico 44:19), enquanto seus descendentes agora procuravam **matar** Jesus. Em vida, Abraão recebeu de bom grado o Senhor, quando ele veio visitá-lo em forma humana (Gên. 18:1-15), mas agora a **palavra** de alguém que falava apenas daquilo que tinha **visto com Deus não encontrava lugar** na progênie de Abraão. A teologia do Velho Testamento apresentava Abraão como aquele através de quem Israel seria uma bênção mundial (Gên. 12:1-3; 18:18; 22:17,18), mas agora sua raça estava na iminência de apagar a "luz do mundo" (v. 12). É claro que eles faziam **o que** tinham ouvido de um **pai** que não era nem Abraão e nem o **Pai** de Jesus.

4) O Critério do Seu Juízo (8:39-47)

39 Responderam-lhe: Nosso Pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se sois filhos de Abraão, fazei as obras de Abraão. 40 Mas agora procurais matar-me, a mim que vos falei a verdade que de Deus ouvi; isso Abraão não fez. 41 Vós fazeis as obras de vosso pai. Replicaram-lhe eles: Nós não somos nascidos de prostituição; temos um Pai, que é Deus. 42 Respondeu-lhes Jesus: Se Deus fosse o vosso Pai, vós me amaríeis, porque eu saí e vim de Deus; pois não vim de mim mesmo, mas ele me enviou. 43 Por que não compreendeis a minha linguagem? é porque não podeis ouvir a minha palavra. 44 Vós tendes por pai o Diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai; ele é homicida desde o princípio, e nunca se firmou na verdade, porque nele não há verdade; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio; porque é mentiroso, e pai da mentira. 45 Mas porque eu digo a verdade, não me credes. 46 Quem dentre vós me convence de pecado? Se digo a verdade, por que não me credes? 47 Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso vós não as ouvis, porque não sois de Deus.

Diante das alternativas pessoais entre cativeiro ou liberdade, escravidão ou filiação, os judeus se agarravam vigorosamente a este sentimento de solidariedade nacional, que lhes dava um senso maior de orgulho e privilégio (cf. Mat. 3:7-10). A sugestão implícita, de que sua paternidade poderia ser outra, foi respondida com uma frase resoluta: **Nosso pai é Abraão**. A isso, Jesus simplesmente repetiu o argumento negativo do verso 37, de que não via nenhuma dignidade espiritual entre **o que Abraão fez** e o desejo destes de **matá-lo**, bem como o argumento positivo do verso 38, de que eles faziam **as obras** de seu **pai**. As leis da hereditariedade valem tanto no campo espiritual quanto no físico: "Tal pai, tal filho."

Temerosos de que um judeu irmão atacasse sua teologia abraâmica (cf. Mat. 8:11,12; Luc. 16:19-31), os polemistas responderam com dois argumentos deles próprios. Negativamente, recusavam que fossem **nascidos de prostituição**. Esta afirmação pode ser semelhante à do verso 33, de que eles não tinham sido apóstatas no sentido profético de adultério espiritual (exemplo: Os. 1:2; 2:4,13; 4:15), ou uma discreta difamação do próprio nascimento de Jesus como ilegítimo (cf. v. 19). Positivamente, resolveram colocar o debate acima de antecedentes humanos, ao identificarem seu **Pai** espiritual não com Abraão, mas com **Deus**.

Em lugar de rebater as horríveis implicações da afirmação sobre prostituição, Jesus aproveitou a oportunidade

25 A diferença entre verdadeiros e falsos descendentes de Abraão era sustentada também na tradição rabínica; cf. **Mishnah, Aboth** 5:19, e **Midrash Rabbah**, sobre Gênesis 21:12.

para esclarecer seu verdadeiro relacionamento com Deus. Mais importante que as circunstâncias de seu nascimento terreno era o fato de que saíra e viera **de Deus** e não de si mesmo, mas como um na missão divina — Tão inseparáveis eram enviador e enviado que, **se Deus fosse** realmente o **Pai** dos judeus — um pressuposto absolutamente falso — eles **amariam** seu Filho também. Mas, um relacionamento tão íntimo quanto este estava além de sua capacidade de compreender. Eles não podiam compreender o que Jesus dissera, porque não suportavam **ouvir a palavra** (**logos**, no grego) divina que estava sendo transmitida pelas palavras proferidas (**lalia**, no grego) por Jesus. Embora estivessem prontos para obedecer ao que seu "pai" dissesse (v. 38b), ficavam surdos diante da mensagem do Pai celestial, comunicada através de Jesus.

A razão para esta dicotomia absoluta foi logo explicada pela identificação de seu (deles) **pai** como **o Diabo**, a cujos **desejos** queriam **satisfazer**. Diferentemente de Jesus, que "desde o início" fora a fonte da vida divina (v. 24 e 25), este último adversário era **homicida desde o princípio**, pois ele trouxera a morte ao Jardim do Êden (Gên. 3:1-19) e levara Caim a matar seu irmão Abel (cf. I João 3:8,12,15). Embora Jesus oferecesse aos homens a verdade da salvação (v. 32), que ele mesmo comunicava, no **Diabo não** havia **verdade**, uma vez que ele, por natureza, era um **mentiroso e pai da mentira**.

Estava aí, então, a razão maior, porque mesmo aqueles que criam em Jesus como um homem de inacreditável desempenho espiritual (v. 31) não creram na **verdade** de Deus, quando ele a aplicou a suas vidas: só **quem é de Deus ouve as palavras de Deus**, e eles não eram **de Deus**, mas de seu pai, o Diabo.

Numa primeira leitura, esta linha de raciocínio atribuída a Jesus parece ofender sensivelmente aqueles que se recusam a condenar um homem a mero boneco nas mãos de Satã. O problema está mais com a incapacidade de se compreender as formas de pensamento do primeiro século do que com este tipo de teologia faustiana.(*) Jesus não concluiu que certos homens estavam fadados a viver vidas más, porque fossem escravos do Diabo; bem ao contrário, concluiu que, por sua conduta atual, esses homens poderiam tornar-se bonecos por vontade própria. Que este cativeiro era voluntário e deveria ser rompido pela fé verdadeira em Jesus era o ponto central de todo o seu apelo (v. 31,32, 36,46).

Na realidade, atrás de todas estas graves acusações, está o merecido reconhecimento de que os próprios homens são a única causa de seus próprios problemas. A questão não é simplesmente quem é um homem, mas **de** quem é (isto é, de Deus ou do Diabo, v. 47). Jesus admitiu que os homens poderiam ser fustigados por forças estranhas às suas existências: o escravizante poder da tradição religiosa, do orgulho nacional e do preconceito racial. Quando Jesus marchava para a hora do conflito maior, cada vez mais o mal — não algum pequeno grupo de homens desarvorados — se transformava em seu principal inimigo (12:31-33; 16:33). As boas-novas desta repulsiva e escura passagem é que Jesus morreu para quebrar o poder do mal cósmico sobre as vidas individuais. O homem que se vê como a causa única de seus problemas geralmente supõe que sozinho pode resolvê-los, ao passo que o homem que descobre que é um filho do Diabo está melhor preparado para descobrir em Jesus aquele que pode quebrar este poder terrível (cf. o comentário sobre 6:70,71).

5) A Identidade do Juiz (8:48-59)

48 Responderam-lhe os judeus: Não dizemos com razão que és samaritano, e que

(*) Por "teologia faustiana" o autor se refere, reportando-se a um personagem (Fausto) criado por Goethe e que fez um pacto com o Diabo, a uma visão dualística do mundo. — N.T.

tens demônio? 49 Jesus respondeu: Eu não tenho demônio; antes honro a meu Pai, e vós me desonrais. 50 Eu não busco a minha glória; há quem a busque, e julgue. 51 Em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte. 52 Disseram-lhe os judeus: Agora sabemos que tens demônio. Abraão morreu, e também os profetas; e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra, nunca provará a morte! 53 Porventura, és tu maior do que nosso pai Abraão, que morreu? Também os profetas morreram; quem pretendes tu ser? 54 Respondeu-lhes Jesus: Se eu me glorificar a mim mesmo, a minha glória não é nada; quem me glorifica é meu Pai, do qual vós dizeis que é o vosso Deus; 55 e vós não o conheceis; mas eu o conheço; e, se disser que não o conheço, serei mentiroso como vós; mas eu o conheço, e guardo a sua palavra. 56 Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia; viu-o, e alegrou-se. 57 Disseram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinqüenta anos, e viste Abraão? 58 Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou. 59 Então pegaram em pedras para lhe atirarem; mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo.

Outra vez, Jesus esclarece que a linhagem espiritual de seus adversários não provinha de Abraão ou de Deus, mas do Diabo. Em resposta, eles o acusaram de ser **samaritano** e possesso de **demônio**. Em João 4, Jesus ignorara séculos de preconceito, ao definir a fé como não fundada numa identidade racial (cf. 4:9,21-23,42). Aqui, pode ter sido fustigado por esta abertura. Aos olhos dos judeus, os samaritanos eram uma raça degenerada e de ascendência ilegítima (cf. 8:41) por se casarem com pagãos. Para um povo supersticioso entre os quais predominava a magia (cf. At. 8:9-24), seria fácil concluir que se fosse como um samaritano, Jesus deveria **ter um demônio** (cf. 7:20). Queriam significar com isto que Jesus, e não eles, tinha por pai o Diabo. Evitando envolver-se numa interminável guerra de palavras, Jesus simplesmente negou a acusação, restabeleceu o propósito e o espírito de sua vida centrada em Deus, pelo qual vivia e deixou a questão nas mãos **dAquele** que seria o juiz do que era verdade (cf. v. 26).(*)

Buscando recuperar a alternativa positiva implícita em sua afirmação inicial de ser "a luz da vida", Jesus agora resume a questão; **Se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte.** Para **os judeus**, porém, este convite apenas confirmava que Jesus tinha um **demônio**. Já que mesmo os melhores de Israel, de **Abraão** aos **profetas**, tinham morrido, por ter Satã, o "homicida", introduzido a morte no mundo desde o princípio" (um argumento suscitado pelo próprio Jesus, no v. 44!), a oferta de Jesus de uma espécie de imunidade mágica diante da morte era uma prova de que estava de acordo com o Diabo (cf. a mesma linha de raciocínio de Marcos 3:22). Do contrário, ele seria **maior do que Abraão** (cf. 4:12) ...e **os profetas** — uma conclusão absolutamente inaceitável!

Nesse momento (v. 51-53), duas grandes questões dividiram Jesus e os judeus. Primeira, estes se recusavam terminantemente a considerar existencialmente a morte, isto é, como um problema espiritual, de natureza pessoal, vendo-a apenas como uma mudança física, que põe fim à vida do homem. Como todo mundo, Jesus certamente sabia que Abraão e os profetas tinham morrido e que cada geração continuaria a morrer, mas estava preocupado em ajudar os homens a descobrir realidades que sobrevivessem à dissolução do corpo. Além do que, Jesus mostrou o caminho certo para que se tomasse a morte como um problema existencial, ao fazer da obediência presente (isto é, "guardar sua palavra") o fundamento da esperança futura. Jesus se via como digno de glória eterna não porque tivesse alguma visão mística do além, mas porque "honrava o Pai" desde agora.

(*) Na versão utilizada pelo autor (a Revised Standard Version), o verso 50 tem a seguinte redação: **Ora, eu não busco a minha própria glória; há Aquele que a busca e ele será o juiz.** — N. do T.

Em resposta à pergunta central do capítulo, **Quem és tu?**, Jesus prontamente recapitulou seus argumentos principais: diferentemente dos outros, vivia longe da **glória** pessoal, conhecia realmente a Deus e guardava a **palavra** da verdade. Depois, para reafirmar a promessa de que aqueles que guardassem sua palavra — assim como ele guardava a do Pai — **nunca** provariam **a morte**. Jesus voltou a discutir Abraão, de uma forma que também trouxe mais luzes sobre sua própria identidade. Ao insistirem que **Abraão morreu**, os judeus negligenciaram duplamente sua própria teologia, que ensinava que o patriarca transcendera a morte. Para começar, mesmo durante sua curta vida terrena, a Abraão foi permitido **ver** pela fé **o dia** do Messias e, assim, antecipar a consumação final das promessas a ele feitas (cf. Gên. 2:15-18, como interpretado em Gál. 3:16; II Esdras 3:14; Rom. 4:16-21; Heb. 11:8-19). Ademais, Abraão sobreviveu a morte ao viver com Deus no paraíso (Mat. 8:11; Mar. 12:26,27; Luc. 16:22,23), de onde **viu** a encarnação do Cristo e **alegrou-se**.

Contentando-se com dimensões apenas literalistas, **os judeus** diminuíram sua grande visão espiritual a termos matemáticos, calculando que Jesus não podia ter mais de **cinqüenta anos** (isto é, ele era ainda um jovem). Por conseguinte, era absurdo dizer que **vira Abraão**, que vivera havia muitos séculos. Por sua vez, Jesus desafiou seus ouvintes com outra afirmação: **Antes que Abraão existisse, eu sou**. O contraste entre os verbos **existisse** (**ginomai**, no grego) e **sou** (**eimi**, no grego) significava que antes de Abraão mesmo vir a ser, por geração humana, Jesus já existia eternamente, por ter a mesma natureza com Deus (cf. 1:1). Tão blasfema pareceu esta afirmativa aos judeus, que **pegaram em pedras para lhe atirarem**, sem qualquer chance de um julgamento formal. Diante disso "a luz do mundo" se escondeu (cf. Mar. 4:22) e **saiu do templo**, cujos proprietários "não o receberam" (cf. 1:11).

5. A Luz da Vida (9:1-41)

João 9 é um interlúdio dramático em meio às complexas controvérsias dos capítulos 5 a 10. A simplicidade da narrativa se evidencia por estruturar-se em torno de um milagre contado com economia de palavras (v. 6 e 7) e de uma frase sintetizadora de seu significado espiritual (v. 39). A beleza do relato, que poderia ser colocado em qualquer lugar do Evangelho, serve para alternar os temas da luz e das trevas, bem como para retratar a dialética de um juízo já em operação.

Como uma ilustração dos temas centrais de João 5-10, este capítulo está intimamente relacionado com o seu contexto maior, apresentando muitos paralelos entre a cura do paralítico em 5:2-9a e a controvérsia resultante, sobre trabalhar no sábado, em 5:5b-18. Cegueira e paralisia se ligam naturalmente (cf. Is. 35:5,6), uma vez que a visão é necessária para que se caminhe (veja 8:12: "Quem me segue, de modo algum **andará** em trevas, mas terá a **luz** da vida"). Ademais, temos, em 9:1-41, um brilhante comentário da afirmação feita em 8:12, pois aqui Jesus, a luz do mundo, brilha na vida de um mendigo cego, enquanto demonstra aos fariseus o que significa andar em trevas. Por fim, o fato de que curou um homem "expulso" pelos judeus (v. 34), mas "encontrado" por Jesus (v. 35), prepara o tema do bom pastor, em João 10, onde Jesus "conduz para fora" os seus (10:3,4) e os protege contra os falsos líderes (10:1,5,8,12,13).

Central, na discussão de João 9, é o tema da luz triunfando sobre as trevas (basicamente, um sermão sobre 1:5). Faz-se um bom uso da analogia entre visão física e visão espiritual, paralelismo encontrado no Velho Testamento (por exemplo: em Is. 29:18; 32:3; 35:5; 42:6,7) e nos Evangelhos Sinópticos (particularmente em Marcos 8, em que a res-

tauração paulatina da vista a um cego de Betsaida, nos versos 22-26, serve de paralelo para a abertura dos "olhos da fé" dos discípulos, nos versos 27-30). Aqui, o dom da visão a um cego de nascença propiciou-lhe uma iluminação progressiva, de forma a "ver" (v. 39b) o significado de Jesus em vários estágios: primeiro como "homem" (v. 11), depois como "profeta" (v. 17), a seguir como vindo "de Deus" (v. 33), finalmente como "Filho do homem" (v. 35) e mesmo como "Senhor" (v. 38).

De um lado, assim como a luz física tem nas trevas a sua contraparte, a peregrinação deste mendigo curado até a visão espiritual apenas expôs a profunda cegueira de seus detratores, que se consideravam os "iluminados" líderes religiosos do judaísmo (v. 39c). No começo, eles pareciam preparados para aceitar a validade da cura (v. 15), mas diante das implicações teológicas que se vislumbravam (v. 16a), passaram a duvidar de sua validade (v. 18) e a impugnar aquele que a operara (v. 16a; 24b). Aquilo que principiou como uma discordância aberta (v. 16) logo se transformou numa desaprovação doutrinária (v. 24), que terminou numa tentativa para forçar alguns a negarem sua fé (v. 34).

A estrutura de João 9, ao contrário dos dois capítulos anteriores, é de fácil análise. [26] Depois que o milagre da visão física foi operado e confirmado (v. 1-12), seu significado foi debatido na forma de um "inquérito judicial" (v. 13-34), pontificando, de um lado, os fariseus como querelantes em nome da religião institucionalizada e, de outro, o homem cego como acusado de ter sido mudado pelo poder de Jesus. Três problemas principais foram identificados no interrogatório: que a cura violara a lei, por ter sido realizada no sábado (v. 13-17); que ela encorajava a fé pessoal em Jesus, o que provocaria a expulsão da sinagoga (v. 18-23); que ela foi operada por um agente missionário sem credenciais, de quem não dependia a perpetuação da tradição mosaica (v. 24-34). Ao contário do que pretendiam, a ação farisaica não forçou o cego à sujeição, antes fortaleceu nele uma defesa daquele que o curou, a qual tornou-se melhor concatenada, perspicaz e desenvolvida. O resultado final foi que ao milagre da visão física se acrescentou um milagre ainda maior, de visão espiritual, enquanto os fariseus receberam o triste diagnóstico de cegueira espiritual e de culpa (v. 35-41).

26 Sobre a estrutura e contexto de João 9, veja J. Louis Martyn, **History and Theology in the Fourth Gospel**. New York, Harper & Row, 1968, p. 3-41.

1) Visão Para um Mendigo Cego de Nascença (9:1-12)

1 E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença. 2 Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? 3 Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus. 4 Importa que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar. 5 Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo. 6 Dito isto, cuspiu no chão e com a saliva fez lodo, e untou com o lodo os olhos do cego, 7 e disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa Enviado). E ele foi, lavou-se, e voltou vendo. 8 Então, os vizinhos e aqueles que antes o tinham visto, quando mendigo, perguntavam: Não é este o mesmo que se sentava a mendigar? 9 Uns diziam: É ele. E outros: Não é, mas se parece com ele. Ele dizia: Sou eu. 10 Perguntaram-lhe, pois: Como se te abriram os olhos? 11 Respondeu ele: O homem que se chama Jesus fez o lodo, untou-me os olhos, e disse-me: Vai a Siloé e lava-te. Fui, pois, lavei-me, e fiquei vendo. 12 E perguntaram-lhe: Onde está ele? Respondeu: Não sei.

Já que o capítulo 8 terminou com uma referência à partida de Jesus do Templo, 9:1 pode significar que, ao fazê-lo, passou por um dos portões onde os miseráveis costumavam esmolar (cf. At. 3:2). Em semelhante ambiente religioso, o encontro com **um homem cego de nascença** seria logo aproveitado pelos **discípulos** para pedir ao seu **Rabi** uma palavra sobre o perene problema do mal. No caso

de deficiências congênitas, a explicação básica de que o pecado é a causa do sofrimento era usada pelos rabinos numa das seguintes formas: ou o pecado pré-natal foi praticado pelo feto ou a iniqüidade dos pais estava sendo visitada "nos filhos até a terceira e quarta geração" (Êx. 20:5). A forma da pergunta dos discípulos refletia esta dupla possibilidade: **Quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?** Hoje podemos dizer que a tragédia humana é fundamentalmente uma questão de responsabilidade individual ou herança do passado.

Em sua resposta, Jesus não se circunscreveu aos limites do dilema dos discípulos: **Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus** (cf. Luc. 13:1-5). Os discípulos se interessaram pela tragédia, na intenção de encontrar alguém para responsabilizar. Jesus, por sua vez, estava preocupado com o que poderia fazer para mudar a situação. Os discípulos estavam interessados nas causas humanas, desde seus primórdios. Jesus, por seu turno, estava interessado nos resultados divinos, até seu possível fim. Para os discípulos, um homem cego era um ponto de interrogação, um objeto de mera especulação. Para Jesus, era uma oportunidade, uma pessoa necessitando de compaixão.

Não quer isto dizer, entretanto, que Jesus alimentasse qualquer ilusão com respeito às dificuldades de superação da miséria humana. Sua abordagem teológica à teodicéia denotava um imperativo positivo e um aviso negativo. Primeiro, num uso pouco comum de pronomes singulares e plurais, desafiou os discípulos a compartilharem de seus gestos: **Importa que façamos as obras daquele que me enviou** (cf. 3:11, para um uso semelhante de eu/nós = Jesus/discípulos), uma tarefa messiânica possível, porque estava no novo dia do livramento de Deus. Lembrando-se, porém, de que havia pouco tinham procurado apedrejá-lo (8:59), introduziu uma predição melancólica: **Vem a noite, quando ninguém pode trabalhar** (cf. 3:19; 11:9,10; 12:35, 36; 13:30). O temerário acontecimento não impedia a ação, mas celebrava a urgência de Jesus em trabalhar **enquanto** estivesse **no mundo**. O milagre que se seguiu ilustrou a iminência da chegada das trevas e o cumprimento de sua declaração, em 8:12, de ser "a luz do mundo".

Tipicamente, os processos utilizados para a outorga da visão ao cego era de um simbolismo muito sugestivo. O uso de cuspe representava uma substância totalmente derivada do interior de Jesus, numa dádiva espontânea de si mesmo, ao mesmo tempo em que sua mistura com a terra, para fazer **lodo**, rememorava a criação original do homem (Gên. 2:7). Untar com ungüento tão primitivo os olhos do homem e mandá-lo ir, tateando, para se lavar **no tanque de Siloé** era um meio para testar a sua fé — do mesmo modo como Eliseu desafiara o leproso Naamã para se banhar no rio Jordão (II Reis 5:9-14). Mesmo o nome do tanque, que, numa derivação, etimologicamente significava o **Enviado**, parecia ao evangelista algo claramente simbólico, uma vez que o cego estava sendo enviado até lá por alguém que era um enviado de Deus. A corajosa iniciativa de Jesus, associada à obediência pronta do cego, teve a cura como conseqüência: **ele voltou vendo.**

Tão inesperada e decisiva foi a transformação que **os vizinhos e aqueles que antes o tinham visto, quando mendigo**, acharam difícil aceitar o que acontecera. Para **alguns**, o homem parecia ser ele mesmo, mas, para **outros**, era alguém parecido com ele — numa mistura simbólica do cristão convertido que permanece o mesmo, mas se transforma como que numa pessoa diferente. Quando o homem curado confessou que ele era realmente aquele conhecido como um mendigo cego, foi necessário que sua cura fosse explicada. Ao relatar, com detalhes, o que ocorrera, ele foi capaz de identificar a **Jesus** pelo nome (em con-

traste com 5:13), mas não sabia nada a seu respeito, ignorando até mesmo onde poderia ser encontrado (cf. v. 35 e 36).

2) O Problema da Violação do Sábado (9:13-17)

13 Levaram aos fariseus o que fora cego. 14 Ora, era sábado o dia em que Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos. 15 Então os fariseus também se puseram a perguntar-lhe como recebera vista. Respondeu-lhes ele: Pôs-me lodo sobre os olhos, lavei-me, e vejo. 16 Por isso alguns dos fariseus diziam: Este homem não é de Deus; pois não guarda o sábado. Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tais sinais? E havia dissensão entre eles. 17 Tornaram, pois, a perguntar ao cego: Que dizes tu a respeito dele, visto que te abriu os olhos? E ele respondeu: É profeta.

Tão logo o mendigo cego passou a ver, **os fariseus**, que nada tinham feito por ele, começaram a colocar areia teológica sobre seus olhos recentemente abertos. Assim que o homem voltou a narrar sua cura, ficou evidente que Jesus violara a lei em dois pontos, ao curar num **sábado** (cf. o comentário sobre 5:1-18): ele o fez quando nenhuma emergência ameaçava a vida humana, pelo que poderia esperar um pouco mais; e, além do mais, "misturou" pó com cuspe, para fazer lodo, uma espécie de trabalho proibido no dia do descanso (**Mishnah, Sabbath** 7:2).

Jesus respondera a um caso patético de necessidade humana na primeira oportunidade, dentro de um senso de urgência, determinada pela proximidade das trevas, "quando ninguém pode trabalhar". Longe de ver tal atividade como uma violação da verdadeira intenção do sábado, argumentava que o dia que simbolizava o descanso messiânico era a melhor ocasião para se levar a cabo a restauração divina da criação (cf. 5: 16-18).

Numa perspectiva judaica, os fariseus se viram diante de um dilema: se Jesus era suficientemente bom para **fazer tais sinais**, como poderia ser tão mau, ao ponto de deliberadamente não guardar o sábado (cf. Deut. 13:1-5)? Criou-se uma **dissensão entre eles**, acontecendo que uns insistiam que a estrutura social do judaísmo devia ser sustentada pela conformidade à lei, ao passo que outros reconheciam que uma necessidade individual fora satisfeita, mesmo que por processos não recomendáveis. Incapazes de aceitar qualquer destas posições, os fariseus partiram em direção do homem curado, em busca de uma opinião sobre Jesus. Pressionado a dar alguma explicação sobre sua experiência, o acusado acabou por admitir que aquele que o curara devia ser um **profeta** (a exemplo de Eliseu, que curara Naamã, ao mandá-lo lavar-se). No Quarto Evangelho, "profeta" nunca é o mais elevado título dado a Jesus pela fé (4:19; 16:14; 7:40), assim sabendo o leitor que mais estava para vir.

3) O Problema da Expulsão da Sinagoga (9:18-23)

18 Os judeus, porém, não acreditaram que ele tivesse sido cego e recebido a vista, enquanto não chamaram os pais do que fora curado, 19 e lhes perguntaram: É este o vosso filho, que dizeis ter nascido cego? Como, pois, vê agora? 20 Responderam seus pais: Sabemos que este é o nosso filho, e que nasceu cego; 21 mas como agora vê, não sabemos; ou quem lhe abriu os olhos, nós não sabemos; perguntai a ele mesmo; tem idade, ele falará por si mesmo. 22 Isso disseram seus pais, porque temiam os judeus, porquanto já tinham estes combinado que, se alguém confessasse ser Jesus o Cristo, fosse expulso da sinagoga. 23 Por isso é que seus pais disseram: Tem idade, perguntai-lho a ele mesmo.

O estágio primitivo da medicina praticada no primeiro século, somado à espantosa credibilidade das massas, capacitava-a a investigar cuidadosamente quaisquer pretensões de cura miraculosa, especialmente a concessão da vista a alguém que fora **cego**. Como se dizia que o mendigo tinha **nascido** cego, seus pais, obviamente, eram aqueles que deveriam

confirmar a identidade e explicar a transformação de seu filho.

Repentinamente empurrados para o centro de um interrogatório oficial, os pais ficaram tão apavorados que acabaram reprimindo a alegria que tinha sido o grande acontecimento que inesperadamente sobreviera à família. Ademais, durante anos tiveram que suportar a suspeita ou mesmo a acusação de que seu filho nascera cego por causa de pecado deles (v. 2)! No entanto, agora, uma inaudita mudança — embora para melhor — coloca-os numa embaraçosa situação dentro da sinagoga. Assim, mesmo depois de serem obrigados a admitir que era seu **filho**, que tinha **nascido cego**, os dois se recusaram a tecer alguma consideração sobre a cura ou sobre aquele que a realizara. Como tinha **idade**, isto é, era velho o suficiente para prestar um testemunho com valor legal, ele podia falar **por si mesmo**.

Os pais tinham voluntariamente omitido uma informação por temerem o poder dos mais importantes **judeus** fariseus em expulsar **da sinagoga** todo aquele que **confessasse** que Jesus era o **Cristo** (o Messias dos judeus). A ameaça do ostracismo da principal instituição da vida comunitária judaica era uma perturbadora possibilidade por ocasião do período neotestamentário, época em que o perigo de uma extinção racial e religiosa fez da cooperação leal a mais essencial das virtudes. A situação tornou-se tão crítica depois da destruição do Templo, em 70 d.C., que o sinédrio (**Beth Din**) instituiu procedimentos formais para a excomunhão de judeus cristãos como heréticos (**minim**). Esta funesta ruptura entre o judaísmo e o cristianismo preocupava tanto o quarto evangelista, que este procurou contornar o problema, relacionando-o aos primeiros conflitos de Jesus e seus seguidores com os fariseus (cf. 12:42; 16:2). [27]

27 Sobre estas questões, veja Smith, p. 22-36, e Martyn, p. 17-41, 148-150.

4) O Problema de um Taumaturgo Desacreditado (9:24-34)

24 Então chamaram pela segunda vez o homem que fora cego, e lhe disseram: Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador. 25 Respondeu ele: Se é pecador, não sei; uma coisa sei: eu era cego, e agora vejo. 26 Perguntaram-lhe, pois: Que foi que te fez? Como te abriu os olhos? 27 Respondeu-lhes: Já vo-lo disse, e não atendestes; para que o quereis tornar a ouvir? Acaso também vós quereis tornar-vos discípulos dele? 28 Então o injuriaram, e disseram: Discípulo dele és tu; nós, porém, somos discípulos de Moisés. 29 Sabemos que Deus falou a Moisés; mas quanto a este, não sabemos donde é. 30 Respondeu-lhes o homem: Nisto, pois, está a maravilha; não sabeis donde ele é, e entretanto, ele me abriu os olhos; 31 sabemos que Deus não ouve a pecadores; mas, se alguém for temente a Deus, e fizer a sua vontade, a esse ele ouve. 32 Desde o princípio do mundo nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença. 33 Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer. 34 Replicaram-lhe eles: Tu nasceste todo em pecados, e vens nos ensinar a nós? E expulsaram-no.

Por fim, incapazes de questionar o fato da cura, os judeus tentaram interpretá-la segundo sua ótica teológica, exigindo do homem que jurasse ser Jesus um **pecador**. A expressão **Dá glória a Deus** (cf. Jos. 7:19) era mais forte do que a frase "Deus é testemunha", usada nos tribunais (cf. "Prometa a Deus que vai dizer a verdade" — BLH). Depois de abandonarem os debates do verso 16, os fariseus agora propunham uma frente mais sólida (**Nós sabemos**), representando a liderança religiosa da nação, num formidável consenso fundamentado num domínio sobre um mendigo analfabeto. Para um cego que agora podia ver, um pouco de experiência pessoal vale muito na teologia rabínica. Fora-lhe permitido receber a cura antes de se lhe exigir que cresse em certas coisas; diante disso, ele formulou sua fé pela reflexão a partir dos fatos, ao invés de torcer os fatos, para encaixá-los nalguma crença da tradição.

Momentaneamente desafiados por essa poderosa resposta, os judeus tentaram retomar a discussão, reapresentando os fatos do caso, apenas como uma forma de castigo por não terem prestado atenção quando anteriormente os acontecimentos lhes foram narrados (v. 15). Mais cruel foi o irônico escárnio: **Para que o quereis tornar a ouvir? Acaso também vós quereis tornar-vos discípulos dele?** Golpeados por esta possante contra-ofensiva, os judeus voltaram a declinar sua confiança nos pais e na tradição: **Nós... somos discípulos de Moisés**, isto é, eram fiéis intérpretes da lei mosaica. Uma premissa fundamental das Escrituras era que **Deus** falara **a Moisés**, ao passo que a origem e a fonte de inspiração de Jesus eram completamente desconhecidas (cf. 7:27,41,52; 8:19,41). A questão não estava apenas em que Jesus era obscuro herege. Ao contrário, estava conduzindo o povo ao erro, ao levar alguém como este homem cego a ser **seu discípulo.**

Para um ex-cego, o fato de Jesus ter **aberto** seus **olhos** contrastava com a incapacidade dos judeus em determinar **donde** era Jesus. Como um milagre sem precedentes **desde o princípio do mundo** (isto é, não há registro semelhante no Velho Testamento), esta maravilhosa operação só poderia ter sido realizada por Deus. Como, porém, Deus só **ouve os tementes** que **fazem a sua vontade**, Jesus poderia vir **de Deus**, e não era um **pecador**, como supunham. Dando a volta sobre seus adversários e usando a teologia deles contra eles mesmos, o mendigo provocou o último insulto, o de tentar **ensinar** aos seus mestres oficiais! Enfurecidos com esta afronta e incapazes de responder à lógica deste argumento, eles simplesmente o condenaram como um depravado incorrigível (cf. v. 2) e o **expulsaram** do seu meio (cf. v. 22). Uma vez mais, aqueles que se orgulhavam de seu nascimento físico e religioso prestavam um irônico tributo a Jesus, que prazeirosamente aceitou homens nascidos em pecado, sem qualquer visão física ou espiritual, e deu-lhes a luz.

5) O Paradoxo do Juízo (9:35-41)

35 Soube Jesus que o haviam expulsado; e, achando-o, perguntou-lhe: Crês tu no Filho do homem? 36 Respondeu ele: Quem é, Senhor, para que nele creia? 37 Disse-lhe Jesus: Já o viste, e é ele quem fala contigo. 38 Disse o homem: Creio, Senhor! e o adorou. 39 Prosseguiu então Jesus: Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos. 40 Alguns fariseus que ali estavam com ele, ouvindo isso, perguntaram-lhe: Porventura somos nós também cegos? 41 Respondeu-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado, mas como agora dizeis: Nós vemos, permanece o vosso pecado.

O homem curado por Jesus, ao ter satisfeita a sua mais premente necessidade, parece ter perdido tudo em conseqüência. Desapareceu sua vocação como mendigo profissional, uma vez que o seu papel, na sociedade, se fundamentava na cegueira (v. 8). Seus vizinhos estavam confusos (v. 9), seus pais, intimidados (v. 22) e os líderes, exasperados (v. 34). Agora, que finalmente via, não tinha para onde ir. Não era bem-vindo ao trabalho, ao lar ou à igreja (sinagoga) — tudo por causa de um homem a quem nunca vira e nem sabia onde encontrar (v. 12)!

Conhecedor de sua situação, **Jesus** novamente tomou a iniciativa e procurou (cf. 5:14) o homem cujos olhos tinha aberto, ao qual poderia oferecer também a visão espiritual. Como era do seu feitio, começou com uma pergunta (cf. 5:6) em torno da questão central: Teria este solitário e marginalizado judeu aceito o veredicto dos juízes do povo, que tinham citado uma severa sentença sobre sua vida (obrigado a retratar-se e retornar à sinagoga?) ou teria sido capaz de **crer no Filho do homem**, destinado por Deus como juiz cósmico e árbitro da vida eterna? Quando o homem perguntou **quem** seria essa figura sobrenatural, Jesus surpreendeu-o com o anúncio de que

o futuro seria experimentado agora por ele em sua vida: Tu **o viste** agora **e é ele quem fala contigo** (cf. 4:26). Em resposta, o homem deixou seus acusadores judeus, para confiar naquele em quem não havia nenhuma condenação: **Creio, Senhor!** Tendo descoberto quão perigoso é poder ver o mundo como ele é, agora ele sabia quão grande é a redenção ao se ver Jesus como ele é.

A narrativa termina com um comentário incisivo de Jesus sobre o significado do que acontecera. A polarização sugerida por este milagre de misericórdia refletiu um processo de **juízo**, inerente em toda a missão para a qual ele veio a **este mundo. O** homem cego representava aqueles que **não vêem** e que foram capacitados a ver, ao passo que os fariseus representavam aqueles **que vêem** e que foram tornados **cegos** (cf. um paralelo parabólico a esta grande inversão, em Mat. 25:31-46).

Ao ouvirem a parte referente a eles, nesta questão, dita por Jesus, **alguns fariseus** desafiaram sua interpretação, indagando retoricamente: "Estás dizendo que nós também somos cegos?". A resposta de Jesus foi, de algum modo, mais contundente que sua acusação inicial: "Se fosseis cegos!" Ademais, se eles simplesmente sentissem a necessidade de luz — coisa que obviamente não ocorreu, — uma ajuda lhes poderia ser prestada. Mas transformar sua cegueira em visão tornava-os responsáveis: **Permanece o vosso pecado** (Mar. 3:28-30).

Este processo de juízo trazido por Jesus e que transformava aqueles que podiam "ver" em "cegos" (v. 39) pode ser melhor compreendido através de três perspectivas:

O Velho Testamento — Os profetas, em particular, estavam profundamente conscientes de que os próprios esforços de Deus, de impor uma exigência ao seu povo, com freqüência permitiam a rejeição desse desafio. Embora a intenção da ação divina fosse de redenção, seu efeito podia tornar-se judicial. Jesus não era tão duro para com seus seguidores judeus como Isaías fora, ao lembrar que um descuidado ministério da palavra serve mais para fechar o olho que não vê (observe-se o uso de Is. 6:10 em João 12:37-40).

O ministério de Jesus — Antes de ter escrito o Evangelho, o evangelista meditou ainda mais sobre a inexcusável conclusão de que a liderança do judaísmo, capaz de perceber melhor o significado de Jesus, era aquela que o rejeitava. Ironicamente, uma missão de misericórdia, que oferecia um novo perdão, uma nova liberdade e uma nova plenitude, era vista como uma provocação, que levava alguns judeus à "cega" defesa das tradições estabelecidas. Era impossível compreender o ministério de Jesus sem uma explicação do porquê de ter acabado numa cruz (cf. 1:11).

A igreja primitiva — Por fim, à época da elaboração do Evangelho, os gentios, que por nascimento eram "cegos" à revelação de Deus, tinham aceito a luz em Cristo de modo mais pronto do que os judeus, a maioria dos quais tinha decidido desprezar o convite cristão. Em certo sentido, os gentios convertidos recapitulavam a peregrinação espiritual do homem **nascido** cego (note-se a ênfase nos v. 1,2,19,20,32-34), enquanto os judeus não-convertidos se espelhavam nos bem-nascidos fariseus dos dias de Jesus, os quais deliberadamente perderam seus privilégios espirituais. João 9, como também Romanos 9, são uma tentativa de esclarecer, o ministério da recusa de Israel em aceitar seu Messias.

Se não compreendido corretamente, este juízo de Jesus, pelo qual aqueles "que vêem se tornam cegos", poderia ser relacionado ao tema dos "filhos do Diabo", de 8:31-59, para apoiar uma teologia de determinismo fatalista, que vê a obra de Cristo como algo arbitrário ou até mesmo como fruto de algum capricho. Antes que qualquer distorção dessa tente o leitor, somos presenteados, em 9:

1-41, por um modelo claro da maneira em que Jesus realmente operava.

Longe de condenar o cego a permanecer nessa condição, Jesus tomou a iniciativa de iluminar, tanto física quanto espiritualmente, uma desesperada vítima que não podia escapar das trevas espirituais por seu próprio esforço, mas que estava pronta para receber a luz (cf. 1:12). Na verdade, outros penetraram mais fundo nas trevas, estribados na luz que equivocadamente julgavam possuir. Do início ao fim, o mendigo confessou desconhecer Jesus (v. 12,25,36), e assim poderia aprender sobre o seu verdadeiro significado, enquanto os fariseus, embora convictos de que conheciam Jesus (v. 16,24,29), não sentiram qualquer necessidade de aprender.

6. O Pastor da Vida (10:1-42)

A ausência de uma ruptura maior, no início do capítulo, demonstra sua íntima relação com a seção anterior (a passagem para outro cenário só acontece a partir do v. 22). A exclusão de um pretenso discípulo de Jesus da sinagoga (9:34) possibilitou uma discussão sobre o aprisco, no qual alguém seria recebido (10:3,4,9,27) e protegido (10:11-15,25, 28,29) contra os falsos líderes do rebanho de Deus (10:1,5,8,26). Uma referência explícita, em 10:21, ao milagre registrado em 9:6,7, sugere que a cura do homem cego permaneceu como um fator nas discussões de Jesus com seus adversários.

Uma outra relação com o contexto maior é indicada pela colocação de João 10 na "festa da Dedicação" (v. 22). Conforme o modelo apresentado nos capítulos 5 a 10, segundo o qual cada unidade vinha relacionada com uma celebração religiosa judaica, João 7 e 8 acontece durante a Festa dos Tabernáculos (7:2,14,37; 8:12,59), enquanto João 9 ocorre ao mesmo tempo ou um pouco depois (9:1,5). Embora a Dedicação caísse três meses depois, era celebrada de uma forma semelhante aos Tabernáculos (II Macabeus 1:9,18; 10:5, 6). Por exemplo, usava-se tanto lume nos castiçais (veja II Macabeus 1:18-36) que a Dedicação recebeu o nome popular de "festival das luzes" (Josefo, **Antiguidades**, XII, 319,325), uma designação que liga o contexto histórico de João 10 ao tema de Jesus como a "luz do mundo" de João 8 e 9.

Como os Tabernáculos, a festa da Dedicação também se destinava a homenagear a verdadeira residência de Deus com seu povo, neste caso, pela repetição da purificação e da rededicação do Templo, realizadas por Judas Macabeus em 164 a.C., logo depois de sua profanação pelos sírios, sob Antíoco Epifânio (I Macabeus 4:36-61; II Macabeus 10:1-9). Os termos empregados para esta renovação de culto (hebraico: **Hanukkah**; grego: **Egkainia**) foram usados também para descrever a consagração do tabernáculo por Moisés (Núm. 7:1-11), do primeiro Templo por Salomão (I Reis 8:62-64) e do segundo Templo pelos exilados ao terem voltado (Esd. 7:16-18), além de evocarem os esforços de cada geração para preparar um lugar para a pura devoção a Deus.

Em face desta experiência, Jesus identificou-se, no clímax do capítulo (v. 36), como "aquele a quem o Pai santificou" (**hagiazō**, um sinônimo de **egkainizō**, usado em Núm. 7:1, na versão dos LXX), ou seja, aquele que veio da parte de Deus para ser, ao mesmo tempo, o altar imaculado e o sacrifício puro (v. 11). Sua morte seria provocada por aqueles líderes religiosos falsos, cujo propósito era "matar" (v. 10, **thuō**, literalmente, abater um sacrifício). Na mesma ocasião, quando os judeus celebravam a purificação do seu Templo, depois da corrupção produzida por falsos sumo sacerdotes, como Jáson e Menelau, que traíram sua função, ao contribuírem com a profanação síria, Jesus se apresentava para levar o povo de Deus, embora ao preço da morte, a cumprir as sublimes intenções da festa.

O emprego de imagens pastoris, em João 10, pode ter sido influenciado pela

prática de usar textos do Velho Testamento em torno do tema ovelhas e pastores, como leituras sinagogais no primeiro sábado anterior à festa da Dedicação. A principal passagem profética era Ezequiel 34, um trecho difícil para se compreender as noções básicas do capítulo 10 de João. [28]

Aí, Deus é apresentado como o bom pastor (v. 11-16; cf. Sal. 23:1; 80:1; Is. 40:11; Jer. 23:3; 31:10) e Israel como a ovelha do seu pasto (v. 25-31; cf. Sal. 74:1;79:13;95:7;100:3). Como os pastores (governantes) infiéis de Israel tinham traído o rebanho, Deus os julgaria severamente, por sua negligência (v. 2-10; cf. Jer. 10:21; 12:10; 23:1,2; Zac. 11:15-17), bem como separaria as ovelhas verdadeiras das falsas (v. 17-22). Em lugar do tormento provocado pelos falsos pastores e falsas ovelhas, Deus prometeu que enviaria, ao rebanho, um pastor messiânico, seu servo Davi (v. 23,24; cf. Jer. 23:4-6); aliás, esta restauração da monarquia davídica é o único tema de Ezequiel 34 não desenvolvido em João 10. A argumentação principal de Ezequiel 34 e sua contraparte neotestamentária é a mesma: o cuidado do rebanho exige a recolocação de uma linha divisória entre os falsos pastores e o verdadeiro pastor e servo enviado por Deus.

Três características do ministério de Jesus forneceram os critérios para sua proposta de colocar os fariseus como subpastores de Deus em Israel: Primeira, ele **reunia** suas ovelhas num só rebanho (v. 3,4,14-16, 27), garantindo, assim, a unidade da Igreja, enquanto seus adversários permitiam que o povo de Deus se dispersasse (v. 5,12). Segunda, ele **guardava** suas ovelhas da destruição (v. 7,8, 11-15,28b-29), garantindo, assim, a segurança da Igreja, enquanto seus opositores fugiam quando o rebanho era assolado pelos inimigos (v. 12,13). Terceira, ele **guiava** suas ovelhas a um bom pasto (v. 3,9,10,28a), garantindo, assim, a vitalidade da Igreja, enquanto seus predecessores vinham apenas para furtar, roubar, matar e destruir (v. 1,8,10).

Quanto ao aspecto formal, João 10 se divide e duas partes principais, por um novo princípio no verso 22. Contudo, todo o capítulo constitui-se numa unidade literária livre, sustentada pelos motivos subjacentes, ligados à festa da Dedicação e às imagens pastoris, explícitas em ambas as partes (como, por exemplo, a reelaboração dos v. 3-5 nos v. 26 e 27).

1) O Simbolismo das Ovelhas e do Pastor (10:1-6)

1 Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador. 2 Mas o que entra pela porta é o pastor das ovelhas. 3 A este o porteiro abre; e as ovelhas ouvem a sua voz; e ele chama pelo nome as suas ovelhas, e as conduz para fora. 4 Depois de conduzir para fora todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz; 5 mas de modo algum seguirão o estranho, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos. 6 Jesus propôs-lhes esta parábola, mas eles não entenderam o que era que lhes dizia.

A forma como os judeus trataram o cego curado na narrativa anterior levou Jesus à dupla certeza (**Em verdade, em verdade**) de que o povo de Deus estava sendo atormentado por líderes religiosos falsos, comparados aqui com **ladrões e salteadores**. Estes termos podem referir-se aos fariseus, que tinham tentado tirar tudo do mendigo curado por Jesus (cf. Mat. 23:13), inclusive a recepção dele por parte de seus pais, a legitimidade do milagre que lhe ocorrera e sua comunhão com a sinagoga. Podem também referir-se, de um modo geral, aos saduceus e autoridades sacerdotais que controlavam a organização do Templo, que Jesus chamou de "covil de salteadores" (Mar. 11:17), porque eles privavam os

28 Veja Aileen Guilding, **The Fourth Gospel and Jewish Worship** (Oxford: Clarendon, 1960), p. 127-142; também Smith, p. 166-174.

não-judeus de uma oportunidade igual no culto a Deus. Ainda, uma vez que Judas fora chamado de "ladrão" (12:6) e Barrabás, de "salteador" (18:40) — a exemplo dos dois bandidos com os quais Jesus foi crucificado (Mar. 15:27) — é possível que estes termos se refiram aos zelotes, que recorreram ao logro e à violência por motivos religiosos. Mais provavelmente, porém, a acusação tratava de condenar quaisquer métodos que explorassem em vez de servir às ovelhas.

Em contraste com todos aqueles que se aproximavam indevidamente do rebanho, o verdadeiro pastor é aquele que **entra pela porta**, isto é, ele é franco e direto (cf. 18:19-21, e observe especialmente a forma pela qual Jesus se contrapunha ao "salteador" de Marcos 14: 48,49). Em vez de subir **por outra parte**, ele deseja identificar-se e ser admitido pelo **porteiro**, isto é, seus propósitos são claros, podendo ser entendidos por todos. Sua relação com as ovelhas é de um conhecimento recíproco: de um lado, elas podem **ouvir** (reconhecer) **sua voz** e, de outro, ele pode chamá-las **pelo nome** (cf. 11:43; 20:16). Em vez de expulsá-las, em benefício próprio (como os judeus fizeram em 9:34), ele as conduz para fora e **vai adiante delas**, como um líder digno, ao qual todas podiam **seguir**. As ovelhas são abençoadas não apenas com um ouvido receptivo para ouvir **a sua voz**, mas com uma "defesa divina" diante da **voz dos estranhos**, de quem deveriam **fugir**.

Estas afirmações, plenas de simbolismo, dos versos 1-5, são consideradas uma **parábola**, como as dos Sinópticos (cf. Mar. 4:13), à qual os ouvintes de Jesus **não entenderam**. Apesar de perceberem claramente o que era dito sobre as ovelhas, não puderam apreender o que era dito sobre eles mesmos. Curiosamente, o termo empregado aqui (**paroimia**, figura) não aparece nenhuma vez nos Sinópticos, enquanto o termo para eles familiar (**parabolē**, parábola) nunca aparece em João. Os dois, no entanto, se relacionam ao termo hebraico **mashal**, que se refere a uma ampla variedade de expressões proverbiais ou figuradas. Outros usos de **paroimia** no Quarto Evangelho (16:25,29) sugerem uma conotação principal de discurso enigmático, semelhante às parábolas sinópticas mais elaboradas, que traem seu cunho manifestamente alegórico (exemplo, Mar. 12: 1-9).

2) Jesus e o Rebanho de Deus (10:7-18)

7 Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas. 8 Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não os ouviram. 9 Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá, e achará pastagens. 10 O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância. 11 Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. 12 Mas o que é mercenário, e não pastor, de quem não são as ovelhas, vendo vir o lobo, deixa as ovelhas e foge; e o lobo as arrebata e dispersa. 13 Ora, o mercenário foge porque é mercenário, e não se importa com as ovelhas. 14 Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, 15 assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas. 16 Tenho ainda outras ovelhas, que não são deste aprisco; a essas também me importa conduzir, e elas ouvirão a minha voz; e haverá um rebanho e um pastor. 17 Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. 18 Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e tenho poder para retomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai.

A mente hebraica gostava de tomar uma imagem familiar, tirada da vida comum, e meditar sobre as muitas formas pelas quais se assemelhava às realidades do campo espiritual. Diante da inesperada falta de compreensão, por parte dos seus ouvintes, **tornou Jesus** à cena pastoril, pintada nos versos 1-5, e começou a fazer paralelos com a situação religiosa em que ele se encontrava. Dois aspectos principais podem ser destacados para consideração:

a. Eu Sou a Porta (v. 7-10)

O simbolismo da porta, introduzido na pequena parábola referente às ovelhas (v. 1-3a), era altamente sugestivo, devido ao seu amplo uso no Velho Testamento (exemplo: Gên. 28:17; Sal. 78:23), na literatura apocalíptica judaica (exemplo: Testamento de Levi 5:1; cf. Apoc. 4:1), no mundo helênico (exemplo: mitologias gnósticas) e nos ensinos de Jesus (exemplo: Mat. 7:13,14; cf. João 1:51; Apoc. 3:7,8). Faz-se aqui duas aplicações nas quais a função de Jesus é associada não ao pastor, mas ao portão e seu guarda.

No verso 8, Jesus regula o acesso dos pastores às ovelhas, enquanto no verso 9, regula o acesso das ovelhas ao aprisco e ao pasto. Em outras palavras, Cristo sozinho controla o ministério e a membresia da Igreja. Enquanto os dirigentes do velho Israel recebiam suas credenciais através da herança (sacerdotes, reis) e pela ordenação humana (rabinos), os líderes do novo Israel são admitidos ao serviço apenas por Cristo. Semelhantemente, enquanto se conseguia entrar no velho Israel por meio da circuncisão, sacrifício e fidelidade à Lei, pode-se entrar no novo Israel somente **por mim**, isto é, através da fé pessoal em Cristo. Ao Jesus prometer que todos quantos aceitassem-no **seriam salvos**, afirmou realizar a obra suprema de Deus. Tal salvação não é uma possessão estática, mas uma peregrinação dinâmica: **entrará e sairá** e **encontrará pastagem** de **vida**, que ele providenciará de modo **abundante.**

Entretanto, são tão grandes as bênçãos que sobrevêm ao rebanho messiânico, por meio de Jesus, que parece cruel e pouco caridoso contrastar **todos** os líderes religiosos que **vieram antes** dele como **ladrões e salteadores**, cujo único propósito era **roubar, matar e destruir**. Esta acusação deve ser compreendida em seu contexto bíblico, devendo ser comparado com as denúncias, igualmente duras, sobre os falsos líderes do velho Israel (exemplo: Ez. 34:2-10; Jer. 10:21; 12:10; 23:1,2; Zac. 11:15-17). Jesus, do mesmo modo que em João 9 quando foi tão severo com os descrentes quanto Isaías, aqui foi tão duro na condenação do ministério mal exercido quanto Ezequiel. Todos que contavam com o bem-estar espiritual dos outros deveriam suportar a sóbria verdade de que "daquele a quem muito é dado, muito se lhe requererá" (Luc. 12:48).

b. Eu Sou o Bom Pastor (v. 11-18)

Em face da mudança repentina de simbolismo, neste ponto, alguns comentaristas sentem-se obrigados a explicar o modo como Jesus podia ser uma porta e um pastor, diante do fato de que na Palestina antiga o pastor geralmente dormia à porta do curral, para regular o tráfico de entrada e saída. Estas explicações não são, entretanto, necessárias, uma vez que temos aqui uma série de reflexões sobre a vida pastoral, na qual vários aspectos da imagem são escolhidos em função da luz que trazem sobre a obra de Jesus. Em outras palavras, a realidade que se descreve era maior que a sua analogia terrena. Os homens são mais do que ovelhas e Jesus era mais do que pastor, pelo que o seu ministério não é validado por seguir a prática pastoral, mas, antes, a ilustração se aplica naqueles pontos que se encaixam em sua vida.

Isto fica bem claro na primeira aplicação do símbolo do **bom pastor** a Jesus, como aquele que dá **a vida pelas ovelhas.** É fato que proteger um rebanho indefeso, num campo aberto, pode envolver um extremo perigo, devido aos animais ferozes (cf. I Sam. 17:34,35). Ademais, como a pequena parábola do **mercenário** e do **lobo** deixa claro, um proprietário cujo capital esteja em risco cuidará para que um empregado que só tem a perder o salário do dia não o prejudique, fugindo. O paralelo pastoral daí decorrente é relevante: Jesus "colocava a sua vida à disposição", arriscando-se no perigo (exemplo: 11:7-16), enquanto o profissional da religião demonstrava pouca preocupação

para com o homem comum, já assolado pelas devoradoras forças do mal (cf. Mat. 10:16; At. 20:29; I Ped. 5:8).

Neste ponto, porém, a analogia se quebra, porque nenhum pastor prontificava-se para morrer por seu rebanho como Jesus o fizera pelos homens. Ao proteger o rebanho do perigo, a preocupação básica era evitar que as ovelhas fossem tosquiadas e/ou mortas. Jesus não levava os homens a uma boa pastagem, para engordá-los para o abate, mas para que pudessem ter **vida**, e vida **em abundância.**

Esta imagem de um pastor sacrificial (**dou a minha vida** aparece quatro vezes nos v. 11-18), não vem nem da prática palestinense nem da formação veterotestamentária, mas é uma contribuição original de Jesus, para uma compreensão do papel do bom pastor, para o qual não há uma analogia completa com o campo da agropecuária.

A segunda aplicação do modelo do **bom pastor** reside no conhecimento recíproco entre o pastor e as ovelhas, associado, aqui, ao vínculo íntimo entre Jesus e seu **Pai.** Muito embora Jesus mesmo se considerasse integrante do **aprisco** do judaísmo (cf. v. 3 e 4), este era apenas o início do cumprimento de uma esperança futura, de que um dia o disperso rebanho de Deus seria unido. Diferentemente da expressão veterotestamentária desta esperança (exemplo: Ez. 34:23,24; Miq. 2:12; Jer. 23:3) contudo, Jesus romperia os limites do judaísmo até **outras ovelhas**, que **não** eram **deste aprisco**, e conduzi-las-ia também no mesmo **rebanho**, criado por ele como único **pastor** (cf. 11:52). Já que esta unificação futura (**haverá**) aconteceria como decorrência de sua morte (v. 15b; cf. 12:20-32), obviamente seus seguidores deveriam levá-la a efeito pela terra. Sua missão aos gentios, entretanto, era vista como uma obra do próprio Jesus (**me importa conduzir**), que tinha encontrado **outras ovelhas** fora **deste aprisco**, tanto em Samária (4:1-42) como na Galiléia (4:43-54).

Esta exposição conclui pela ênfase com que sua imagem mais forte, a morte do pastor, é posta no relacionamento entre Jesus e seu Pai. Embora um pastor terreno pudesse acidentalmente perder sua vida numa emergência, Jesus decidiu **dar** a sua **vida deliberadamente.** Longe de ser atacado repentinamente por algum inimigo mortal, tinha ele **poder** para **dar** sua própria **vida**, desde que quisesse. Sobretudo, diferentemente de qualquer pastor humano, Jesus também tinha o **poder** para **retomar** sua vida. Ele não perderia sua vida por estar desesperado, mas por ser obediente, certo de que Deus honraria esta obediência na vitória de sua ressurreição. Paradoxalmente, então, seu sacrifício de autodoação era voluntário (**de mim mesmo**) e ao mesmo tempo um **mandamento** que recebera de seu **Pai.** Jesus encontrava uma perfeita liberdade ao ceder à soberania de Deus.

3) A Separação Entre Ovelhas Verdadeiras e Falsas (10:19-21)

19 Por causa dessas palavras, houve outra dissensão entre os judeus. 20 E muitos deles diziam: Tem demônio, e perdeu o juízo; por que o escutais? 21 Diziam outros: Essas palavras não são de quem está endemoninhado; pode porventura um demônio abrir os olhos aos cegos?

Ezequiel 34 reconhecera que o rebanho seria ameaçado não apenas por inimigos externos e por falsos pastores internos, mas também pelas más ovelhas: "com o lado e com o ombro dais empurrões, e com as vossas pontas escorneais todas as fracas, até que as espalhais para fora" (v. 21; cf. outra expressão, neste mesmo sentido, em Mat. 7:13-23). No aprisco onde Jesus trabalhava, **houve uma dissensão entre os judeus**, de um lado estando aqueles que insistiam na acusação de possessão **demoníaca** (cf. 7:20; 8:48,52) e, de outro, aqueles que se lembravam que ele **abrira os olhos ao cego** (cf. 9:16).

É impressionante rever aqui aquelas respostas estereotipadas que nada mais

fazem do que perpetuar as primeiras reações diante de Jesus. Independentemente do que ele ensinava, os debates eram ferozes, tendo de um lado aqueles que se escandalizavam com sua intimidade com Deus e, de outro, aqueles que ficavam impressionados com suas operações de poder. Nenhuma das facções parecia se preocupar com pungente antecipação de sua paixão, nunca anunciada de modo tão explícito quanto agora. Nenhuma parecia pronta para reavaliar a liderança religiosa do judaísmo e indagar se ela estava realmente protegendo o povo de Deus contra seus inimigos mortais. Como se vê, era muito fácil fugir às questões reais, limitando os debates à repetição de fórmulas gastas.

4) A Obra do Bom Pastor (10:22-30)

22 Celebrava-se, então, em Jerusalém a festa da dedicação. E era inverno. 23 Andava Jesus passeando no templo, no pórtico de Salomão. 24 Rodearam-no, pois, os judeus e lhe perguntavam: Até quando nos deixarás perplexos? Se tu és o Cristo, dize-no-lo abertamente. 25 Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo disse, e não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai, essas dão testemunho de mim. 26 Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas. 27 As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu as conheço, e elas me seguem; 28 eu lhes dou a vida eterna, e jamais perecerão; e ninguém as arrebetará da minha mão. 29 Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai. 30 Eu e o Pai somos um.

A revelação da completa dedicação de Jesus à vontade do Pai serviu de contexto próprio para o anúncio de que **a festa** judaica da **dedicação** se celebrava **em Jerusalém**. O frio do **inverno** (dezembro) levou Jesus a procurar abrigo **no pórtico** de **Salomão**, onde **os judeus**, também de corações frios, o **rodearam**. Tomando seu discurso simbólico sobre o bom pastor como uma mensagem velada ou misteriosa, para deixá-los **perplexos** (em suspense), exigiram de Jesus que falasse **abertamente** se era o **Cristo** (cf. Luc. 22:67).

Ao falar, **Jesus respondeu** que já lhes declarara sua identidade e missão através das **obras** messiânicas que fazia **em nome** de seu **Pai** (cf. 5:36), mas eles **não creram** (cf. 5:16;7:3-5;9:16,24). Já que tinham interpretado equivocadamente estas obras de misericórdia, mais dificilmente ainda interpretariam afirmações explícitas — principalmente porque o conceito em torno do **Cristo**, no pensamento judaico, não incluía a noção de sofrimento e morte, central no pensamento de Jesus (v. 11-18). O problema crucial nesta falha de comunicação estava na falta de compromisso: eles não **criam** porque não **pertenciam**, isto é, não eram ovelhas de Jesus.

Para contrastar, Jesus descreveu cuidadosamente o que significa ser suas **ovelhas**, e, ao fazê-lo, ofereceu um resumo de suas **obras** em **nome** do **Pai**. Na dinâmica do discipulado, quatro elementos foram identificados: (1) As ovelhas **ouvem** a voz do pastor; isto é, estão abertos à mensagem do evangelho. (2) Por estarem desejosas de ouvir, sabem que Jesus as "conhece"; isto é, ele é sensível às suas necessidades individuais. (3) Convictas de que ele cuida e pode ajudar, **seguem**-no num relacionamento pessoal de confiança. (4) Nesta peregrinação, ele "dá" a vida eterna, que nenhum inimigo pode destruir (cf. Luc. 12:32). Observe-se o belo equilíbrio alcançado aqui, entre a iniciativa humana e a divina: as ovelhas ouvem, **ouvem e seguem**, enquanto o pastor "conhece" e "dá". Nós ouvimos, ele fala; nós perguntamos, ele sabe; nós seguimos, ele conduz; nós recebemos, ele dá.

Como Jesus trabalhava como representante de Deus, seu rebanho goza continuamente da proteção divina, diante dos líderes falsos, que querem arrebatá-lo (como em 9:24-34). Entre o rebanho e todos os seus inimigos permanece o destemido Pastor, como fortaleza de segurança. Estar em sua **mão** é também estar na **mão do Pai**, porque os dois são **um**. A unidade aqui afirmada não é uni-

dade metafísica de ser nem uma unidade mística de emoção e nem mesmo uma unidade moral de vontade. Antes, neste contexto, a referência é uma unidade harmônica de poder e interesse, da qual os seguidores de Jesus podem depender, para se salvar da destruição por parte dos seus inimigos (cf. Mat. 16:18). Observe-se o equilíbrio teológico refletido nesta simples frase. Deus e Jesus **são** (plural) duas pessoas, sem serem idênticas, uma vez que são **um** (singular) e, por isto, inseparáveis.

5) A Personalidade do Bom Pastor (10:31-39)

31 Os judeus pegaram então outra vez em pedras, para o apedrejar. 32 Disse-lhes Jesus: Muitas obras boas da parte de meu Pai vos tenho mostrado; por qual destas obras ides apedrejar-me? 33 Responderam-lhe os judeus: Não é por nenhuma obra boa que vamos apedrejar-te, mas por blasfêmia; e porque, sendo tu homem, te fazes Deus. 34 Tornou-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Vós sois deuses? 35 Se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida (e a Escritura não pode ser anulada), 36 àquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, dizeis vós: Blasfemas; porque eu disse: Sou filho de Deus? 37 Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis. 38 Mas, se as faço, embora não me creiais a mim, crede nas obras; para que entendais e saibais que o Pai está em mim e eu no Pai. 39 Outra vez, pois, procuravam prendê-lo; mas ele lhes escapou das mãos.

Outra vez (cf. 8:59) como reação à sua afirmação de ser "um" com Deus, **os judeus pegaram em pedras** para apedrejar Jesus, culpado, segundo eles, de **blasfêmia** (Lev. 24:16). Recusando-se a compreendê-lo à luz de suas **muitas boas obras**, cuja fonte estava apenas **no Pai**, tomaram suas palavras, registradas no verso 30, fora do contexto, e as interpretaram literalmente, concluindo que ele, **sendo homem**, tentava **fazer-se Deus.**

Se os judeus estavam interessados apenas no significado superficial das palavras, sem considerar o seu significado mais profundo, Jesus podia confrontá-los, nesse nível, com um argumento **ad hominem** de suas (deles) próprias Escrituras. Na **lei** (VT) estava **escrito... Eu disse: Vós sois deuses** (cf. Sal. 82:6). Visto que, conforme os seus opositores insistiam, a **Escritura não pode ser anulada** (isto é, cada palavra deve permanecer), isto tornava necessário que se tomasse em consideração o fato de que o próprio Deus **chamou**, em Salmos 82, os homens de **deuses**, possivelmente porque eles eram juízes, a **quem** a **palavra de Deus foi dirigida**, para ser usada por eles na administração da justiça. Se assim era, por que seria Jesus culpado de blasfêmia, uma vez que tinha se referido a si mesmo não como um desses "deuses", mas apenas como **o Filho de Deus**? Acima de tudo, ele não era um juiz injusto, semelhante àqueles homens chamados de deuses no Salmo (cf. 82:2), mas era aquele **a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo.**

Aprofundando seu sentido, esta pequena peça de exegese rabínica (atividade para a qual os judeus, em 7:15, achavam que Jesus não estava apto!) deixa implícito o argumento a **fortiori**, segundo o qual, se a divindade podia ser atribuída àqueles que foram os recipientes da palavra no Velho Testamento, quanto mais apropriada era para aquele que sempre fora a Palavra (1:1). Deste modo, se os judeus regozijavam-se por perpetuarem um festival religioso em homenagem à dedicação do seu Templo, pelo guerreiro Judas Macabeu, por que não estavam prontos para honrar ainda mais uma vida "dedicada" (**hagiazō**) pelo próprio Deus?

Para ser mais preciso, numa espécie de **argumento ad hominem**, a defesa de Jesus visava mostrar aos judeus a loucura de tomar suas palavras fora de seu cenário próprio, que não fosse em relação às suas **obras**. Quem quer que examine o contexto de Salmos 82, logo verá que as palavras ali não querem dizer realmente que os homens são "deuses" (cf. v.7). Do mesmo modo, quem quer que visse

todo o ministério de Jesus, veria que ele não era um homem tentando **fazer**-se **Deus** — ou qualquer coisa parecida. Ao contrário, ele era Deus feito homem e enviado para realizar suas obras. Se seus adversários não podiam, de princípio, entender seu relacionamento com o Pai, podiam pelo menos **crer nas obras** (cf. v. 25) do Pai que ele operava, e, deste modo, começar a conhecer (**gnôte**) e progressivamente compreender (**ginōskēte**) a mútua existência do Pai e do Filho. Mas, lamentavelmente, não havia qualquer desejo neste sentido, nem mesmo para dar o primeiro passo e crer naquilo que seus olhos viam; por isso, Jesus se viu forçado a escapar **das** suas **mãos** (confronte os v. 38 e 39!) para não ser preso.

6) A Retirada Para Além do Jordão (10:40-42)

40 E retirou-se de novo para além do Jordão, para o lugar onde João batizava no princípio; e ali ficou. 41 Muitos foram ter com ele, e diziam: João, na verdade, não fez sinal algum, mas tudo quanto disse deste homem era verdadeiro. 42 E muitos ali creram nele.

Estes versos assinalam a conclusão não só deste capítulo, mas de João 5 a 10. Agora que a capacidade de resistência dos judeus tinha chegado ao fim, Jesus **retirou-se** de Jerusalém para o leste **além do Jordão, para o lugar** (Betânia?) **onde João batizava no princípio** (cf. 1:28; 3:26). Como tinha em mente alcançar os judeus de Jerusalém por fim, Jesus ficou na Transjordânia, possivelmente durante os meses de inverno, entre a festa da Dedicação, em dezembro (10:22), e o princípio da estação da Páscoa, em março (11:54,55). Talvez, ele procurasse compensar o seu retumbante fracasso ao buscar alcançar os seus, revolvendo sua peregrinação espiritual ao lugar onde começara com tanto sucesso (3:26).

Ironicamente, a obstinada incredulidade encontrada por Jesus na Cidade Santa contrastava com os **muitos** que **foram ter com ele** e **creram nele**. A última palavra é enfática: **ali**, além do Jordão, e não em Jerusalém, Jesus encontrou a fé simples (cf. 3:26), entre aqueles que tinham sido preparados por João Batista (cf. 1:6-8, 19-34; 3:25-30;5: 33-35). Diferentemente de Jesus, **João** não operara qualquer milagre (**não fez sinal algum**), mas o que **dissera sobre** Jesus tinha poder porque **era verdadeiro**. (Note-se o paralelo com 4:39-42, em que os samaritanos confirmaram um testemunho secundário sobre Jesus, por uma experiência direta com ele.)

O fato de Jesus ter escapado das unhas de seus inimigos (v. 39) significava que qualquer decisão de voltar às tensões de Jerusalém era algo absolutamente produto de sua vontade. Nenhuma tentação poderia ser mais forte do que permanecer onde era aceito — afinal de contas, não é melhor trabalhar onde há mais chance de sucesso? Os dois capítulos seguintes demonstrarão que Jesus deixou o santuário da região rural, para "dar sua vida" aos que eram seus na cidade.

III. A Rejeição do Revelador (11:1-12:50)

O "livro dos sinais" (cap. 2-12) mostra a estirpe do Redentor, que "veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (1:11). Depois de uma recepção inicial (cap. 2-4) e de uma resistência crescente (cap. 5-10), seu ministério público alcançava agora o terceiro e último estágio, de franca rejeição (cap. 11 e 12). Esta unidade funciona como o clímax da primeira metade do Evangelho e como a preparação para o "livro da paixão", na segunda metade. Desse modo, representa o interregno literário em que toda a trama do livro se estrutura.

Pelo menos três elementos refletem a função destes capítulos como conclusão a João 2-12. Primeiro, o momento histórico é contrastado com a Páscoa judaica (11:55;12:1), do mesmo modo como ocorrera no final das duas unidades an-

teriores (cf. 2:13;6:4). Este triplo ciclo pascoal não serve para indicar a extensão do ministério público de Jesus, valendo, porém, como um artifício literário, para dar unidade e simetria ao arranjo do material contido em João 2-12. Ademais, a crescente oposição judaica, na forma de tentativas espontâneas para eliminar Jesus (ex.: 5:18;7:25,32;8:59;10:31,39), desemboca aqui numa decisão mais formal, por parte do conselho formado para matar Jesus (11:53). Por fim, o contratema de Jesus como "vida", já antecipado no prólogo (1:4), ilustrado em João 2-4 (especialmente 4:46-54) a explicado em João 5-10 (particularmente 5:19-29), recebe, aqui, uma expressão definitiva, nas palavras e nos atos manifestos por Jesus na ressurreição de Lázaro (11: 1-44).

Estes mesmos três elementos de João 1-12 também introduzem, de modo eficaz, o leitor nos capítulos restantes do Evangelho, em 13-20. A celebração da Páscoa (11:55;12:1) dá categorias normativas, a partir da história de Israel, pelas quais se pode compreender a morte de Jesus (13:1) ocorrendo ao mesmo tempo que os cordeiros sacrificiais eram abatidos no Templo no dia da preparação para a Páscoa (19:14,31; cf. I Cor. 5:7). Novamente, a determinação do sinédrio, em destruir Jesus (11:53), assinala o fim de sua "provação pública" nos capítulos anteriores (cf. o comentário sobre 1:19-28) e termina com a sua partida para o Pai (cap. 13-17), ao ser crucificado (cap. 18 e 19). De modo sublime, a ressurreição de Lázaro antecipa a ressurreição de Jesus (cap. 20 e 21), com o que o Evangelho se completa. Até aqui, a "hora" de Jesus ascender, através da crucificação e da ressurreição, não havia chegado (2:4;7:30;8:20), mas agora estava se aproximando (12:23,27).

Como João 11 e 12 é ao mesmo tempo uma síntese da vida de Jesus e uma antecipação de sua morte, a perspectiva teológica desta parte é altamente paradoxal. Uma vez mais, afirmam-se duas realidades, aparentemente contraditórias: (1) de uma perspectiva histórica, os homens levaram Jesus a morrer tragicamente, devido à forma como viveu para Deus; (2) de uma perspectiva eterna, Deus levou Jesus a morrer triunfalmente, devido à forma como morreu para os homens. O leitor é convidado a se apropriar deste paradoxo pela fé e a perceber, em sua própria experiência, que, se historicamente o crente é chamado a morrer por um viver verdadeiro, eternamente é chamado para viver por um morrer verdadeiro.

Paralelo a este paradoxo da vida-através-da-morte, dos capítulos 11 e 12, é o paradoxo relacionado à aceitação-através-da-rejeição. De um lado, muitos judeus recusaram-se a crer, mesmo diante da ressurreição de um morto (11:45-54). A traição de Judas representava um protesto aberto (12:4-6). Jesus comparava sua vida a uma simples semente plantada no solo (12:24). Por fim, "escondeu-se deles" (12:36) e enfrentou sozinho as trevas da rejeição (12:39-43). Por outro lado, sua morte reunia os dispersos filhos de Deus (11:52). A ressurreição de Lázaro não somente provocou a condenação de Jesus, mas levou o "mundo inteiro" a ir após ele (12:19), inclusive os gregos (12:20,21). A semente que morresse, resultaria em "muito fruto" (12: 24). A cruz da vergonha atrairia "todos" a Jesus (12:32). Em poucas palavras, a rejeição por parte de Israel propiciaria a oportunidade para a aceitação por parte dos gentios (cf. Rom. 11:11-32). Deus reduziu seu povo a um remanescente não para que sua causa fracassasse, mas para que os poucos pudessem ser muitos. É por isso que, enquanto aumentava a esperança pela inclusão de outras nações crescia também o desapontamento diante da auto-exclusão dos judeus.

1. Jesus, a Ressurreição e a Vida (11:1-54)

A ressurreição de Lázaro, longe de ser um incidente isolado, tem íntima rela-

ção com ocorrências semelhantes, relatadas no período bíblico. [29] Na maioria destes relatos, entretanto, aquele que curava não se envolvia pessoalmente nas tragédias, mas funcionava, de certo modo, como um canal passivo, do poder divino, na concessão da vida à pessoa, geralmente estrangeira, desse modo, nada ou pouco resultava de sua atuação pessoal. Ao contrário, João 11 enfatiza a profunda preocupação de Jesus pelo seu querido amigo Lázaro (v. 3,5,11,36), como seu próprio destino estava em jogo na cura (vf. 33,35,38,45-53) e as implicações do milagre para uma compreensão de sua natureza e missão (v. 4,15, 25-27).

Um estudo comparativo entre João 11 e seus paralelos bíblicos e extrabíblicos sugere que, na ressurreição de Lázaro, a originalidade de Jesus reside não no que ele fez, mas no significado que lhe deu (v. 25). O milagre realmente é pouco referido (v. 43 e 44), acabando tão abruptamente quanto começou. De fato, apesar da total ausência de estilização ou sensacionalismo, têm alguns sugerido que a história de Lázaro é uma narrativa não-histórica, criada a partir da Parábola do Rico e de Lázaro, de Lucas 16:19-31, ou da imaginação teológica do evangelista.

Pode-se garantir que o Evangelho de João contém histórias simbólicas como a "parábola" (10:6) das ovelhas e do pastor de 10:1-5. Esse relato não precisa ser uma descrição literal de algum evento histórico para que as verdades espirituais de 10:7-18 sejam reais, mas 11:1-44 é de outra natureza. Por exemplo, contém retratos fiéis de pessoas conhecidas a partir de outras fontes (compare, por exemplo, os v. 1,2,5,20,28,29,32 e 12:1-3 com Luc 10:38-42), bem como nomes de lugares específicos (v. 1 e 18), além de oferecer numerosos testemunhos (v. 45,46; cf. 12:1,2,17). De modo inequívoco, entendia o autor este registro não apenas como de verdades eternas, mas de natureza histórica, que culminavam com a morte de Jesus (veja-se as conexões entre os v. 1-44 e os v. 45-54). A narrativa de Lázaro não é nem mais nem menos teológica e histórica do que outras histórias miraculosas do Quarto Evangelho.

Mas se o Evangelho pretende nos levar à compreensão de que Lázaro saiu literalmente da tumba, por que dar ênfase à reação negativa a tal acontecimento (v. 45-54)? Tão difícil quanto imaginar que Lázaro venceu a morte seria conceber que alguém que presenciasse tal acontecimento não sucumbisse diante de tanta maravilha. Assim, o registro afirma explicitamente que o milagre dividiu as testemunhas entre crentes e incrédulos (v. 45 e 46). De imediato, os inimigos de Jesus tramaram sua morte, não apesar do que ele fez, mas por ter feito (v. 47 e 48). Muitos, hoje, tem problemas por estarem certos de que Lázaro não saiu da tumba, mas muitos que estiveram lá tiveram problemas por estarem certos de que ele saiu!

Pelo menos quatro fatores explicam como um evento tão incrível deixou os homens livres para a fé ou para a incredulidade: (1) Foi apenas uma volta temporária à existência terrena, uma vez que Lázaro morreu outra vez. (2) Foi um acontecimento isolado, que afetou somente um homem, já que ninguém mais saiu das tumbas naquele dia. (3) Foi a volta de alguém recentemente morto e não de alguém morto havia vários meses ou anos. (4) Levou à retomada de uma forma anterior de vida, porque nada fora mudado para criar um novo céu ou uma nova terra, para seu deleite.

29 Note-se as referências no Velho Testamento (I Reis 17:17-24; II Reis 4:18-37; 13:20-21), na literatura rabínica (**Midrash Rabbah** sobre Levítico, X, 4; **Abodah Zarah** 10^b e **Megillah** 7^b no Talmude Babilônico), nos escritos helenísticos (Filostrato, Vida de Apolônio, IV, 45; Luciano, **Philopseudes**, 25; Plínio, **História Natural**, VII, 37), nos Evangelhos Sinópticos Mar. 5:22-43; Luc. 7:11-17; cf. Mat. 11:5) e na história da igreja primitiva (At. 9:36-43;20:9-12). Para maiores detalhes, veja H. van der Loos, **The Miracles of Jesus**, "Supplements to **Novum Testamentum**" (Leiden, E. J. Brill, 1965), p. 559-566.

Desse modo, mesmo que este evento seja aceito no seu real valor, seu significado poderia ser interpretado, obviamente, numa forma que dificilmente inspiraria fé. Os inimigos de Jesus devem ter argumentado que, ainda que ele fosse capaz de providenciar uma libertação temporária da tumba, não significava isto apenas um adiamento do triunfo final da morte? Já que os mortos geralmente permanecem em seus túmulos, a emergência de uma exceção solitária levaria a maioria dos homens a crer que poderiam ser igualmente felizes? Reconhecia-se que a centelha de vida podia permanecer por poucos dias dentro daquele que dava toda a aparência de estar morto, mas que esperança havia para aquele cujo corpo tivesse sido reduzido a pó? E, por fim, é uma perspectiva realmente promissora voltar ao mesmo velho conjunto de problemas que se enfrentou durante a vida anterior?

Estas considerações sugerem que o episódio de Lázaro foi interpretado como um sinal (v. 47), destinado a fortalecer a fé (v. 15), mais do que a servir como uma prova indiscutível de que seu significado pudesse ser amplamente percebido por todos que dele participassem. Como sinal, o acontecimento não apontava diretamente para o significado da ressurreição, mas apenas fornecia uma analogia terrena sobre ela, de modo que este evento poderia ser melhor definido como a restauração física de Lázaro. O Quarto Evangelho mesmo preocupa-se em estabelecer esta distinção, ao comparar a ressurreição de Lázaro com a de Jesus: (1) Lázaro saiu apenas depois que alguns homens tiraram a pedra da porta de sua tumba (v. 39 e 41), enquanto Jesus não necessitou de semelhante ajuda humana (20:1); (2) Lázaro saiu amarrado em suas vestes tumulares (v. 44), ao passo que Jesus passou através das vestes e as deixou para trás (20:6,7); (3) Lázaro voltou ao seu convívio terreno (12:1,2), diferentemente de Jesus, que ascendeu para o seu Pai, nos céus (20:17).

Em outras palavras, Lázaro era apenas um sinal da ressurreição, enquanto Jesus era a própria realidade. O primeiro homem a ser verdadeiramente ressuscitado dentre os mortos não foi Lázaro, mas Jesus (I Cor. 15:20). Lázaro voltou ao tempo das limitações da existência terrena, experimentando a morte outra vez (12:10), ao passo que Jesus triunfou sobre a morte, transcendendo para sempre o domínio desta sobre a vida (Rom. 6:9). Por isso, foi Jesus, e não Lázaro, quem se apresentou como a "ressurreição e a vida" (v. 25). Quando Lázaro deixou a sepultura, nada tinha para oferecer ao mundo, a não ser o testemunho de um novo período na vida, que apontava para Jesus, como sua fonte. Somente Jesus, e não Lázaro, poderia suscitar uma fé capaz de ver em Lázaro mais que uma maravilha médica e crer que ele significava a possibilidade de vida eterna.

1) A Morte de Lázaro (11:1-16)

1 Ora, estava enfermo um homem chamado Lázaro, de Betânia, aldeia de Maria e de sua irmã Marta. 2 E Maria, cujo irmão Lázaro se achava enfermo, era a mesma que ungiu o Senhor com bálsamo, e lhe enxugou os pés com os seus cabelos. 3 Mandaram, pois, as irmãs dizer a Jesus: Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas. 4 Jesus, porém, ao ouvir isto, disse: Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela. 5 Ora, Jesus amava a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro. 6 Quando, pois, ouviu que estava enfermo, ficou ainda dois dias no lugar onde se achava. 7 Depois disto, disse a seus discípulos: Vamos outra vez para a Judéia. 8 Disseram-lhe eles: Rabi, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá? 9 Respondeu Jesus: Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; 10 mas se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz. 11 E, tendo assim falado, acrescentou: Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono. 12 Disseram-lhe, pois, os discípulos: Senhor, se dorme, ficará bom. 13 Mas Jesus falara da sua morte; eles, porém, entenderam que falava do repouso do sono. 14 Então Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu; 15 e, por vossa causa, folgo de que eu lá não

estivesse, para que creiais; mas vamos ter com ele. 16 Disse, pois, Tomé, chamado Dídimo, aos seus condiscípulos: Vamos nós também, para morrermos com ele.

Lázaro, de Betânia é desconhecido, nos Evangelhos Sinópticos, o que não acontece com suas irmãs **Maria** e **Marta** (veja Luc. 10:38-42). Nos dois lugares, a imagem que fica é a de uma família dedicada a Jesus, que também lhes tinham afeição. As **irmãs** pressupõem que o **Senhor** reconhecerá uma referência ao seu irmão — sem menção de seu nome — como **aquele que tu amas (phileō)**, enquanto o evangelista informa que **Jesus amava (agapaō) a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro** (cf. v. 11 e 36). Esta ênfase suscita a possibilidade da identificação de Lázaro com o "discípulo amado" (13:23;18:15?;19:26,27;19:35?;20:2-8; 21:7;21:20-23;21:24?), já que ele é o único seguidor do qual se diz Jesus tê-lo amado (o homem rico de Mar. 10:21 não se tornou discípulo).

A mensagem **enviada** a Jesus (em retiro além do Jordão? cf. 10:40), segundo a qual **Lázaro estava enfermo**, foi, possivelmente, um pedido indireto de ajuda por parte de suas **irmãs** (note-se o mesmo uso desta afirmação como pedido em 2:3). Como no caso do cego de nascença (9:3), Jesus não viu a enfermidade corporal como uma tragédia, que redundaria em **morte**, antes, como uma oportunidade para **a glória de Deus**, se manifestar através do **Filho**. Como sua afeição pessoal por Lázaro era muito forte, qualquer esforço no sentido de realizar o propósito divino poderia ser equivocadamente interpretado como um fruto de uma preocupação exclusivamente humana. Ademais, Jesus não alcançaria a Lázaro antes de sua morte, mesmo que ocorresse imediatamente ao pedido, como os versos 6 e 17 esclarecem. Ele assim entendendo, a partir do relato acerca dos sintomas do seu amigo ou por iluminação sobrenatural, demorou-se **ainda dois dias** em isolamento, possivelmente para lutar com o peso de sua aflição e para descobrir a resposta que satisfizesse às necessidades de seus amigos e para estar de acordo com a vontade de Deus (cf. 2:3-5;7:3-10).

Diferentemente de Jesus, que só visava a glória de Deus, os discípulos recuaram diante do chamado para salvarem a vida de outro homem, temendo que isto lhes custasse a própria vida. No entanto, quando Jesus lhes propôs voltarem (**Vamos**) à **Judéia**, os **discípulos** incrédulamente retorquiram que os judeus **procuravam** apedrejá-lo (cf. 8:59;10: 31-33) e, que, portanto, se pensasse em voltar para lá, não iriam com ele (note-se o **tu**, singular, do v. 8). Em resposta, Jesus comparou seu ministério às **doze horas** de um dia judaico (cf. 9:4,5 e o uso de "meu dia" em 8:56). Assim como controlava o amanhecer e o entardecer, Deus também controlava cada momento da vida de Jesus. Mesmo que seu dia tivesse chegado já ao fim, usaria o máximo possível das horas do ocaso sem **tropeçar** em seu trajeto, como os homens fazem quando a **noite** vence a **luz**. Desse modo, arriscar-se-ia a ajudar Lázaro, sozinho ou acompanhado (note-se o resoluto **vou** do v. 11).

Desde que tivesse vida, teria também vida para caminhar (v. 9). Lázaro, porém, estando morto, **dormia** na noite e precisava que Jesus o **despertasse do sono** (cf. Mar. 5:39). Os **discípulos** acharam que Jesus estava dizendo que Lázaro estava no **repouso do sono**, concluindo, então, que poderia **ficar bom** sem sua ajuda. Ironicamente, sem o saber, disseram uma grande verdade; pois, diante de Jesus, a morte era apenas um interlúdio reparador, de cujos terrores se poderia ficar isento (a palavra traduzida por **ficar bom** também significa "ser salvo"). Visto que os discípulos estavam incapazes de perceber o profundo sentido de suas próprias palavras, Jesus disse-lhes que, na realidade, **Lázaro morrera** e que a reação dele, Jesus, ao problema fortaleceria mais a fé dos discípulos do

que a presença dele lá antes da morte do amigo.

Diante dessa explicação, Jesus novamente (cf. v.7,15) apelou aos pastores que entregassem suas vidas pelas ovelhas (cf. 10:11-18); **Vamos nós** (todos) **também**. Neste ínterim, o discípulo de nome Tomé uma pessoa importante só neste Evangelho (cf. 14:5;20:24-29) — interpretou a tímida disposição do grupo em segui-lo (cf. Mar. 10:32). Se fosse necessário, preferiam morrer **com** ele do que viver sem ele. É claro que Tomé falou mais a partir de um desespero leal do que de uma fé madura, embora sua tenaz ligação a Jesus representasse mais uma expressão autêntica de discipulado do que o entusiasmo superficial daqueles que se impressionavam com os sinais que ele operara.

2) Jesus e Marta (11:17-27)

17 Chegando, pois, Jesus, encontrou-o já com quatro dias de sepultura. 18 Ora, Betânia distava de Jerusalém cerca de quinze estádios. 19 E muitos dos judeus tinham vindo visitar Marta e Maria, para as consolar acerca de seu irmão. 20 Marta, pois, ao saber que Jesus chegava, saiu-lhe ao encontro; Maria, porém, ficou sentada em casa. 21 Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se tu estiveras aqui, meu irmão não teria morrido. 22 E mesmo agora sei que tudo quanto pedirdes a Deus, Deus to concederá. 23 Respondeu-lhe Jesus: Teu irmão há de ressurgir. 24 Disse-lhe Marta: Sei que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia. 25 Declarou-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que morra, viverá; 26 e todo aquele que vive, e crê em mim, jamais morrerá. Crês isto? 27 Respondeu-lhe Marta: Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo.

Ao chegar a Betânia, **Jesus** defrontou-se logo com três problemas: Primeiro, **Lázaro** encontrava-se **já com quatro dias de sepultura**. Na crença popular judaica, o espírito humano pairava próximo ao corpo durante três dias, partindo a seguir, quando a cor do cadáver começava a mudar. Para uma pessoa enterrada há quatro dias, a morte era irrevogável, devendo toda a esperança ser abandonada. Segundo, **muitos dos judeus** das cercanias de Jerusalém tinham vindo **consolar** a família, o que talvez indique a proeminência do defunto. Embora esses pranteadores não fossem especialmente hostis, em circunstâncias tão delicada (cf. v. 36 e 37), está claro que mantinham estreitos vínculos com a liderança, interessada em destruir Jesus (v. 45 e 46). Terceiro, **Marta** não só estava no meio da semana do pranteamento que se seguia aos funerais judaicos (não havia tempo para chorar antes dos funerais, porque o enterro acontecia no mesmo dia da morte), como se encontrava absolutamente frustrada e perplexa diante de Jesus não ter chegado a tempo de impedir que seu irmão morresse.

Vencendo, porém, seu desapontamento, Marta deixou o passado para trás, num gesto de contínua confiança em Jesus, que parecia traduzir a quase-esperança de que **mesmo agora** ele poderia ajudar. Talvez Marta conhecesse a convicção de Jesus de que o Pai lhe dera autoridade para ressuscitar os mortos (cf. 5:21) e, por isso, sugeriu que ele rogasse **a Deus** em seu favor. Esta interpretação ganha corpo com a resposta de Jesus a ela de que seu **irmão** iria **ressurgir**. Uma afirmação assim tão geral, porém, não bastava a Marta, pois apenas significava que Lázaro ressurgiria na **ressurreição no último dia**, um ensino que qualquer bom fariseu aceitava. Conhecia ela muito a doutrina da ressurreição final, pois certamente muitos confortadores a tinham lembrado disso, só não estava certa do modo diferente que Jesus realizaria esta esperança.

A resposta a esta incerteza se resume na fórmula maior: **Eu sou (egō eimi)**. Jesus mesmo encarnou a realidade do **último dia** já agora neste tempo. **Crer** nele era apropriar-se prolepticamente da plenitude esperada no futuro, antecipando assim, de modo cabal, o veredicto da eternidade. Dito de outro modo, os homens — como Lázaro — continuaram

a **morrer** de morte física, mas Jesus como era a ressurreição, poderia capacitá-los a **viver** além do túmulo. Ademais, como Jesus era **a vida**, aquele que vive espiritualmente por crer em Jesus **jamais morrerá** espiritualmente, nesta vida ou no porvir.

Jesus sabia que esta última verdade não era plenamente evidente, mesmo para uma amiga achegada. Por isso, fez pender as questões de toda a eternidade numa questão existencial: **Crês isto?** De pronto, Marta confessou: **Eu creio** (v. 24), mas logo aduziu: **Tu és** (v. 27), reconhecendo que a vida eterna não era uma proposta, mas uma pessoa. Evocando sua formação judia, ela sintetizou seu significado em três frases: (1) **o Cristo** (cf. 1:41;4:29;7:41); (2) **o Filho de Deus** (cf. 1:34;1:49); (3) aquele **que havia de vir ao mundo** (cf. 6:14). Confissões anteriores a esta, neste mesmo Evangelho, e que usaram estes títulos indica que Marta realmente transferira suas esperanças dos fariseus para Jesus, embora sua compreensão ainda não ultrapassasse as categorias herdadas do judaísmo.

3) Jesus e Maria (11:28-37)

28 Dito isto, retirou-se e foi chamar em segredo a Maria, sua irmã, e lhe disse: O Mestre está aí, e te chama. 29 Ela, ouvindo isto, levantou-se depressa, e foi ter com ele. 30 Pois Jesus ainda não havia entrado na aldeia, mas estava no lugar onde Marta o encontrara. 31 Então os judeus que estavam com Maria em casa e a consolavam, vendo-a levantar-se apressadamente e sair, seguiram-na, pensando que ia ao sepulcro para chorar ali. 32 Tendo, pois, Maria chegado ao lugar onde Jesus estava, e vendo-o, lançou-se-lhe aos pés e disse: Senhor, se tu estiveras aqui, meu irmão não teria morrido. 33 Jesus, pois, quando a viu chorar, e chorarem também os judeus que com ela vinham, comoveu-se em espírito, e perturbou-se, 34 e perguntou: Onde o pusestes? Responderam-lhe: Senhor, vem e vê. 35 Jesus chorou. 36 Disseram então os judeus: Vede como o amava. 37 Mas alguns disseram: Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer também que este não morresse?

A cena passa agora de Marta para **sua irmã Maria** (v. 1 e 2), que permanecera em casa (v. 20), num gesto de cortesia para com os convidados. **Em segredo**, Marta chamou Maria para se encontrar com Jesus fora da **aldeia**, encarregando-se ela de substituí-la junto aos pranteadores. No entanto, foi só Maria tentar sair, para ser seguida pelos **judeus**, os quais pensaram que ela **ia ao sepulcro para chorar ali**, como era costume nos primeiros dias após a morte. Sem se perturbar com a descoberta de sua missão e nem com a interferência de uma possível audiência hostil ao seu encontro particular com Jesus, **Maria** de imediato lançou-se-lhe aos pés e repetiu o lamento da irmã (v. 21), segundo o qual ele fora um **Senhor** ausente em seu momento de crise maior.

Tão logo a queixa se anunciou, parecia que a situação ia de mal a pior. Ao contemplar este quadro, **Jesus** ficou mais perturbado do que as irmãs. Vários fatores explicam por que **ele se comoveu ... e perturbou-se** (literalmente, ele "gemeu violentamente" e "se agitou" no âmago de seu ser). No choro de Maria, Jesus sentiu a irresistível reivindicação de um amor desamparado a compeli-lo a agir naquele mesmo instante (diferentemente de Marta, Maria nada pediu, deixando simplesmente tudo em suas mãos). Ao mesmo tempo, viu, nos **judeus que com ela vinham**, uma volta de todas as suas dificuldades com Israel (cap. 5-10) e percebeu logo o preço deste conflito e das imensas tribulações que traria ao seu espírito. Num difícil momento de indescritível tristeza, a dor provocada pela perda de um ente querido, associada à indignação causada pelo insistente ceticismo de seus próprios parentes espirituais, **Jesus chorou** lágrimas de sofrimento e frustração, pena e indignação, como as lágrimas do Getsêmane.

É importante notar que aqueles que testemunharam a ressurreição de Lázaro logo se dividiram diante de Jesus, antes

mesmo de todo o quadro se desenrolar. Alguns reagiram a estas lágrimas com uma terna afeição (v. 36), outros com um cinismo cruel (v. 37 — a indagação pede uma resposta afirmativa; isto é, ele podia ter feito algo, mas não fez). A revelação a ser dada no sinal não resolveu esta dialética de fé e incredulidade, mas apenas a intensificou (veja-se o papel da fé no v. 40). Jesus, então, se pôs a caminhar em direção à sepultura de Lázaro como se fosse a sua, porque sabia que alguns não estavam convencidos de ser possível alguém ressuscitar "dentre os mortos" (Luc. 16:31).

4) A Ressurreição de Lázaro (11:38-44)

38 Jesus, pois, comovendo-se outra vez, profundamente, foi ao sepulcro; era uma gruta, e tinha uma pedra posta sobre ela. 39 Disse Jesus: Tirai a pedra. Marta, irmã do defunto, disse-lhe: Senhor, já cheira mal, porque está morto há quatro dias. 40 Respondeu-lhe Jesus: Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus? 41 Tiraram então a pedra. E Jesus, levantando os olhos ao céu, disse: Pai, graças te dou, porque me ouviste. 42 Eu sabia que sempre me ouves; mas por causa da multidão que está em redor é que assim falei, para que eles creiam que tu me enviaste. 43 E, tendo dito isso, clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora! 44 Saiu o que estivera morto, ligados os pés e as mãos com faixas, e o seu rosto envolto num lenço. Disse-lhes Jesus: Desligai-o e deixai-o ir.

Um dos motivos por que a ressurreição de Lázaro deixou os homens livres para a crença ou para a incredulidade era que a atuação de Jesus combinava soberania divina com dependência humana.

Por um lado, **Jesus foi ao sepulcro** só depois de estar preparado (v. 6) e longe de ceder a pressões terrenas (v. 3,21, 32,37). Ele ousou desafiar a morte mesmo depois de **quatro dias**, o que facilitava o fracasso. Estava certo, porém, de que os crentes veriam **a glória de Deus** (cf. o comentário sobre 6:36-40), porque o Pai **sempre** ouvia suas orações. Sem fazer uso de qualquer técnica médica, sentiu como suficiente levantar Lázaro chamando-o **em alta voz** (cf. 5:25,28). Em tudo isso Jesus demonstrou ser o Senhor da vida e da morte.

Por outro lado, ele se comoveu **outra vez profundamente** diante da visão do **sepulcro**. E não só perguntou onde se localizava a tumba (v. 34), mas, ao chegar, pediu que tirassem **a pedra** que cobria a entrada da **gruta** sepulcral. Por fim, quando **saiu o que estivera morto**, pediu aos outros que o desatassem e o deixassem **ir**. Num certo sentido, estas imagens mostram que um poder maior não perde tempo com tarefas banais, realizáveis por qualquer pessoa, tornando-se esta prática uma espécie de parábola das pequenas coisas, pelas quais podemos cooperar com o vivificante ministério de Cristo. Ao mesmo tempo, no entanto, estes traços bem humanos sugerem também que Jesus evitou deliberadamente o papel de um taumaturgo espetacular. Evidentemente, quem quer que tivesse o poder para ressuscitar os mortos poderia mover miraculosamente pedras de sepulcros ou desatar os laços que aprisionam cadáveres. Jesus, porém, evitou conscientemente qualquer ostentação. Em vez de deslumbrar os espectadores com o que fizera, Jesus os levou a refletir sobre o miraculoso dom da vida, "escondida" nas circunstâncias tão humildes em que Lázaro apareceu.

5) A Reação dos Judeus (11:45-54)

45 Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo visitar Maria, e que tinham visto o que Jesus fizera, creram nele. 46 Mas alguns deles foram ter com os fariseus e disseram-lhes o que Jesus tinha feito. 47 Então os principais sacerdotes e os fariseus reuniram o sinédrio e diziam: Que faremos? porquanto este homem vem operando muitos sinais. 48 Se o deixarmos assim, todos crerão nele, e virão os romanos, e nos tirarão tanto o nosso lugar como a nossa nação. 49 Um deles, porém, chamado Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano, disse-lhes: Vós nada sabeis, 50 nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo, e que não pereça a nação

toda. 51 Ora, isso não disse ele por si mesmo; mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus havia de *morrer* pela nação, 52 e não somente pela nação, mas também para congregar num só corpo os filhos de Deus que estão dispersos. 53 Desde aquele dia, pois, tomavam conselho para o matarem. 54 De sorte que Jesus já não andava manifestamente entre os judeus, mas retirou-se dali para a região vizinha ao deserto, a uma cidade chamada Efraim; e ali demorou com os seus discípulos.

Tão logo Lázaro saiu, a atenção transferiu-se dele, focalizando-se pela reação dos espectadores, em Jesus. Mesmo antes de o milagre se realizar, Jesus tinha esclarecido que seu propósito básico não era convencer o povo que Lázaro tinha voltado do além (não há qualquer alusão de que se lhe pedisse descrever a outra vida), mas que ele, Jesus, tinha vindo de Deus. **Muitos dentre os judeus** da área de Jerusalém, que tinham **vindo visitar Maria... creram nele**, provavelmente da maneira demonstrada por Marta (v. 27). Outros, no entanto, **foram ter com os fariseus**, possivelmente por não terem crido, **e disseram-lhes o que Jesus tinha feito**. Aparentemente, estas testemunhas não tinham dúvidas de que Lázaro viera do além, mas não queriam aceitar o milagre maior de que Jesus viera da parte de Deus numa forma que mesmo Lázaro jamais poderia alcançar.

Ao ouvirem seu relato, **os fariseus** pediram o apoio dos **principais sacerdotes**, saduceus, para juntos convocarem uma sessão informal do supremo concílio judaico, o **sinédrio**. Em outra circunstância esta congregação nada fizera de efetivo para eliminar Jesus (cf. 7:25,26, 32,45-48), mas agora era urgente uma nação firme. O problema não estava em que Jesus fosse um enganador, mesmo porque este grupo hostil reservadamente aceitava que ele operava **muitos sinais**. Ao contrário, o perigo estava no número cada vez maior de pessoas que criam **nele** (ex.: v. 45), podendo, daí renunciar sua lealdade à liderança aprovada pelos romanos (cf. 12:11, BLH). Jesus excitava o povo a crer que um novo dia estava raiando, e um procurador como Pôncio Pilatos poderia ficar com uma impressão desagradável em relação aos líderes que tolerassem tal reversão do **status quo**. Qualquer ameaça de revolução podia levar à destruição **tanto** o **lugar** santo (isto é, o Templo) quanto a própria **nação**. O dilema do concílio estava em que eles dificilmente poderiam punir um homem por fazer **muitos sinais**, embora de maneira alguma pudessem permitir que continuasse a agitar o povo.

A solução desse problema era urgente para **Caifás**, que **era sumo sacerdote naquele ano** especialmente fatídico, em que Jesus foi exaltado (na realidade Caifás serviu de 18 a 36 d.C.). Na crença judaica, o sumo sacerdote, em virtude de seu ofício, tinha poderes especiais de adivinhação (Josefo, **Antiguidades**, XI, 327; XIII, 299-300), e aqui, ironicamente, Caifás exerceú esta prerrogativa de uma forma tão profunda que nem ele a compreendeu. Na busca dos interesses gerais, propôs que **um só homem** (Jesus) devia morrer **pelo povo**, se isso evitasse que perecesse **a nação toda**. O evangelista, porém, entendeu que, num sentido de redenção, Jesus não havia de **morrer** apenas **pela nação** judaica, mas para **congregar**, como um pastor, **num só** rebanho **os filhos de Deus** então **dispersos** pelo mundo (cf. 10:16). Assim, ao decidir pela morte de Jesus, o sinédrio inadvertidamente contribuía para a realização dos sublimes propósitos de Deus.

Compreendendo esta ameaça moral e o modo como Deus a superaria, Jesus deixou de ministrar **manifestamente entre os judeus** de Jerusalém e caminhou uns 20 km por uma região montanhosa, até chegar a **Efraim**, **uma cidade** de localização hoje incerta.

Esta passagem é fundamental para a compreensão joanina da morte de Jesus. Historicamente, ele morreu como uma ameaça ao Templo e à nação (cf. Mar. 14:58; At. 6:13,14), ou seja, como alguém que perturbava o controle oficial

do **status quo**. Jesus defendia, em nome de Deus, uma mudança drástica, numa época em que qualquer mudança era politicamente explosiva. A liderança judaica pode ter lamentado profundamente a eliminação de Jesus (cf. 3:2;7: 50,51;12:42,43), mas, diante das represálias romanas, aceitaram-na como o menor dos males. Teologicamente, a revelação suprema de Jesus como vida foi a ocasião de sua morte, isto é, este foi o preço pago por Jesus para nos dar a vida eterna. Sua morte, porém, colocava os fundamentos, sobre os quais judeus e gentios, sem distinção, poderiam ser salvos e unidos numa só igreja.

2. A Preparação Para a Páscoa (11:55-12:36a)

Esta seção se liga intimamente à anterior, com a continuação do tema de Lázaro (12:1,2,9-11,17,18). Já em 11:45-54, o sinédrio decidira matar Jesus por ter ressuscitado Lázaro dentre os mortos. Depois, pela mesma razão (12:2,3), Maria respondeu a esta setença de morte ungindo-o para o sepultamento (12:1-8). No dia seguinte, uma excitada e festiva multidão tentou apresentar Jesus como um libertador nacionalista (12:12-15), ainda por causa do seu poder em ressuscitar Lázaro (v. 13,17,18). É impressionante como este milagre suscitou tão díspares reações, de hostilidade, gratidão e possessividade.

Na forma, 11:55-12:36a constituem uma série de unidades livremente interligadas, tendo como objetivo iluminar vários aspectos da paixão iminente. São, aqui, dignos de nota os numerosos paralelismos diretos e alusões indiretas a incidentes e ensinos reunidos através dos Evangelhos Sinópticos (ex.: transfiguração, Getsêmane, unções, parábolas da semente e ditos sobre a vida e a morte). Embora as estruturas joanina e sinóptica sejam mais teológicas do que cronológicas, uma comparação sugere que em João a seqüência é basicamente mais temática do que temporal, reunindo, para o leitor, os materiais sobre todos os períodos do ministério de Jesus que expressam de modo profundo o significado de sua cruz.

1) O Complô Contra Jesus (11:55-57)

55 Ora, estava próxima a páscoa dos judeus, e dessa região subiram muitos a Jerusalém, antes da páscoa, para se purificarem. 56 Buscavam, pois, a Jesus e diziam uns aos outros, estando no templo: Que vos parece? Não virá ele à festa? 57 Ora, os principais sacerdotes e os fariseus tinham dado ordem que, se alguém soubesse onde ele estava, o denunciasse, para que o prendessem.

Com esta terceira referência explícita à **Páscoa dos judeus** (cf. 2:13; 6:4), chegamos ao ciclo final do ministério de Jesus. A Páscoa era uma das três grandes festas peregrinas do judaísmo, quando **muitos** (perto de 100 mil) subiam, todos os anos, vindos de várias partes, para celebrar sua observância em Jerusalém. [30] Antes de entrarem no Templo, aqueles que estivessem religiosamente impuros (por exemplo, pelo contato com gentios, em suas viagens) deviam levar cerca de uma semana **para se purificarem** (cf. Núm. 9:9-14; II Crôn. 30: 17-19).

Um toque semelhante é acrescentado a este parágrafo de transição com a descrição de multidões curiosas discutindo se Jesus provocara o edito eclesiástico contra sua vida, ao sair de seu retiro, para aparecer publicamente na **festa**. A decisão do sinédrio em destruí-lo (11:53) já era do conhecimento público, uma vez que havia a **ordem** dada pelos **principais sacerdotes e fariseus** (cf. 11:47), segundo a qual, **se alguém soubesse onde** Jesus **estava** escondido, **o denunciasse, para que o prendessem.** Ironicamente, os peregrinos religiosos que se tinham purificado para o maior

30 Para um cálculo sobre os peregrinos da Páscoa, veja Joachim Jeremias, **Jerusalém in the Time of Jesus**, trad. de F. H. e C. H. Cave (London: SCM Press, 1969), p. 77-84.

festival sagrado de Israel serviram diretamente de informantes num sinistro complô contra aquele que nenhum mal lhes fizera.

2) A Unção em Betânia (12:1-8)

1 Veio, pois, Jesus seis dias antes da páscoa, a Betânia, onde estava Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos. 2 Deram-lhe, ali, uma ceia; Marta servia, e Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele. 3 Então Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, de grande preço, ungiu os pés de Jesus, e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se a casa do cheiro do bálsamo. 4 Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, aquele que o havia de trair, disse: 5 Por que não se vendeu este bálsamo por trezentos denários e não se deu aos pobres? 6 Ora, ele disse isto, não porque tivesse cuidado dos pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, subtraía o que nela se lançava. 7 Respondeu, pois, Jesus: Deixa-a; para o dia da minha preparação para a sepultura o guardou; 8 porque os pobres sempre os tendes convosco; mas a mim nem sempre me tendes.

Como o Quarto Evangelho parece datar esta Páscoa (15 de Nisã) num sábado, isto é, das 18 horas de sexta-feira até as 18 horas do sábado; cf. 18:28; 19:14,31,42), **seis dias antes** ofereceu-se uma **ceia** em **Betânia** a **Jesus**, na noite do sábado anterior. Embora **Marta servisse** (cf. Luc. 10:40) **e Lázaro era um dos que estavam à mesa**, não se sabe onde a refeição teve lugar (cf. Mar. 14:3). A atenção centralizou-se sobre Maria (cf. 11:2), que, **tomando uma libra** (cerca de meio litro) de **bálsamo** caro, **ungiu os pés de Jesus** com tanta profusão que **a casa** se **encheu** de sua fragrância. A generosidade de seu ato era óbvia, dado o preço do perfume e o seu uso em tanta quantidade que se fez necessário enxugar o excesso **com seus cabelos.**

A chocante originalidade do método de Maria fica logo evidente numa comparação com duas unções descritas nos Evangelhos Sinópticos. Em Marcos 14:3, uma mulher de nome não mencionado derramou este mesmo nardo puro sobre a cabeça de Jesus, uma forma comum de ungir um rei (ex.: I Sam. 10:1), embora ela não usasse seus cabelos. Novamente, em Lucas 7:38, uma mulher pecadora usou seus cabelos para enxugar as lágrimas que caíam sobre os pés de Jesus, enquanto os ungia com bálsamo, um processo compreensível para alguém tão desacreditada. No entanto, era algo fora de propósito uma mulher judia da reputação de Maria ungir alguém, aplicando **nardo puro** à parte mais humilde do corpo deste, seus **pés** descalços (cf. Luc. 10:39) e, depois, enxugar o perfume com a mais "gloriosa" parte do corpo dela, seus cabelos soltos (cf. I Cor. 11:15).

Para complicar o problema, **Judas Iscariotes** lançou um protesto, dizendo que o bálsamo poderia servir **aos pobres**, desde que fosse vendido **por trezentos denários** (o denário era uma peça de prata equivalente ao salário de um dia; cf. o comentário sobre 6:7). Parecia incrível a esta mentalidade "prática" que se permitisse a Maria desperdiçar num momento aquilo que um trabalhador ganhava em um ano. O evangelista se apressa em acrescentar, entre parêntesis, que Judas dificilmente tinha **cuidado dos pobres**, cobiçando a contribuição de Maria para a tesouraria comum dos discípulos, porque era o encarregado da **bolsa** (cf. 13:29) e roubava dela o que quisesse. Que Judas **era ladrão** pode ser depreendido de outra narrativa sobre sua traição a Jesus (cf. 6:70,71;13:2,26-30).

Jesus respondeu a toda objeção ao estranho ritual de Maria mostrando a sua validade como uma antecipação simbólica de sua **sepultura**. Ela não só estava grata pela restauração de seu irmão, como sentia o terrível preço a ser pago por Jesus por sua participação no milagre. Segundo a prática funeral dos judeus, uma grande quantidade de especiarias devia cobrir seus pés (cf. 19:39, 40), como ela agora prefigurava de forma simbólica. Esta vigorosa defesa, por parte de Jesus (**Deixa-a**), reflete não somente sua preocupação com a paixão,

mas sua gratidão para com uma pessoa que compreendia e honrava sua provação numa época em que mesmo os **discípulos** mais chegados pareciam negligentes diante da crise por que estava passando.

O conclusivo comentário de Jesus, de que os discípulos **nem sempre** o teriam com eles, embora tivessem **sempre os pobres**, não foi uma rejeição cínica dos esforços para mitigar a pobreza através da caridade e nem uma tentativa de garantir a primazia da devoção pessoal a si mesmo, de preferência à preocupação social para com os outros. Antes, foi um aviso, aos seus seguidores, de que deviam lutar contra a grande enfermidade da humanidade que o arrastava para a morte, em vez de tentar encobrir uma parte dos sintomas através do oferecimento voluntário de algum dinheiro a mais.

3) O Complô Contra Lázaro (12:9-11)

9 E grande número dos judeus chegou a saber que ele estava ali; e afluíram, não só por causa de Jesus, mas também para verem a Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos, 10 Mas os principais sacerdotes deliberaram matar também a Lázaro; 11 porque muitos, por causa dele, deixavam os judeus e criam em Jesus.

Uma razão por que Jesus apreciara tão claramente o gesto de Maria era devido ao seu contraste não apenas com a negligência de seus discípulos, mas também com o superficial entusiasmo das multidões. Um bom número de **judeus**, possivelmente vindos das cercanias de Jerusalém, ao saberem que **Iesus** estava em **Betânia** (12:1), **afluíram não só** para ver este fugitivo famoso (11:56,57), **mas também para verem a Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos.** O silêncio do registro em relação às suas razões sugere que conseguiram ver que **Lázaro** estava biologicamente vivo, mas não "perceberam" que Jesus era a fonte da vida eterna para todos quantos cressem.

Como Lázaro começasse a ganhar uma crescente notoriedade, **os principais sacerdotes** entenderam que a morte de Jesus não estancaria o movimento por ele começado, porque sua vida fora compartilhada com outros. Anteriormente tinham-se irritado com Lázaro por este quebrar sua teologia saducéia (na qual não havia a doutrina da ressurreição). Agora, sua crescente popularidade lhes dizia que era necessário **matar também a Lázaro**, "pois, por causa dele muitos judeus estavam abandonando seus líderes e crendo em Jesus" (v. 11, BLH). Do mesmo modo como o cego perdera tudo, ao recobrar a visão (9:34), Lázaro estava marcado para morrer por receber uma nova vida em Cristo. Aqui estava uma última perversidade da parte dos inimigos de Jesus: condenar um homem à morte simplesmente porque estava vivo!

O propósito literário deste parágrafo de transição é relacionar a unção em Betânia (v. 1-8) com a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (v. 12-19). Nem esta seqüência dos dois eventos e nem sua íntima conexão se encontram nos Evangelhos Sinópticos (cf. Mar. 11:1-10; 14:3-9 e referências). A organização joanina de fazer seguir a unção imediatamente pela entrada visa destacar o paradoxo do "rei sepultado" (v. 7 e 13), cuja vitória estava em sua derrota, cuja glória estava em sua ignomínia, cuja coroa estava em sua cruz.

4) A Entrada Triunfal de Jesus (12:12-19)

12 No dia seguinte, as grandes multidões que tinham vindo à festa, ouvindo dizer que Jesus vinha a Jerusalém, 13 tomaram ramos de palmeiras, e saíram-lhe ao encontro, e clamavam: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o rei de Israel! 14 E achou Jesus um jumentinho e montou nele, conforme está escrito: 15 Não temas, ó filha de Sião; eis que vem o teu Rei, montando sobre o filho de uma jumenta. 16 Os seus discípulos, porém, a princípio não entenderam isto; mas quando Jesus foi glorificado, então eles se lembraram de que estas coisas estavam escritas a respeito dele, e de que assim lhe fizeram. 17 Dava-lhe, pois, testemunho a multidão que estava com ele quando chamara a Lázaro na sepultura e o ressuscitara dentre os mortos; 18 e foi

por isso que a multidão lhe saiu ao encontro, por ter ouvido que ele fizera este sinal. 19 De sorte que os fariseus disseram entre si: Vedes que nada aproveitais? eis que o mundo inteiro vai após ele.

Enquanto nos Sinópticos a entrada ocorre três dias antes da unção (Mar. 11:1-20;14:1-3 e referências), aqui aconteceu **no dia seguinte**. Esta cuidadosa referência cronológica dá a impressão de uma contagem regressiva da aproximação de Jesus da "hora" de seu destino final, quando chegou a **Jerusalém** o rumor de que ele **vinha** do subúrbio de Betânia, **as grandes multidões que tinham vindo à festa... saíram-lhe ao encontro**. Possivelmente, muitos desses peregrinos eram galileus com o mesmo entusiasmo nacionalista recusado por Jesus na Páscoa do ano anterior (6:4,15).

Uma chave para se compreender a intenção da multidão está em sua estratégia deliberada de usar **ramos de palmeiras**, exatamente como o fizeram os macabeus, quando da celebração da libertação do Templo e da cidade, dos conquistadores sírios (II Macabeus 10:7; I Macabeus 13:51). Como o ramo passara a ser usado nas moedas e nas festas no Templo como lembrança permanente dessas façanhas do Período Macabeu, balouçá-los diante de Jesus era uma forma simbólica de encorajá-lo a fazer o mesmo contra os romanos. Uma outra indicação do modo de agir da multidão se reflete na saudação **Hosana!** — um cântico que significava "Salva-nos (liberta-nos) agora!" — e na proclamação de Jesus como aquele **que vem em nome do Senhor** (cf. Sal. 118:26). No contexto original, esta expressão referia-se aos peregrinos do Templo, em sua caminhada para o culto; aqui, porém, foi reinterpretada pela multidão para significar **o Rei de Israel**, em seu caminho para a conquista.

Em meio a esta demonstração, Jesus respondeu, servindo-se de um jumentinho, no qual **montou**, simbolizando, assim que sua missão era de um homem de paz. Este gesto recordava Zacarias 9:9, onde o **rei** de Israel foi concitado a vir, não sobre um cavalo de guerreiro, mas **montado sobre o filho de uma jumenta**, "triunfante" e "humilde" ao mesmo tempo. Mesmo **seus discípulos não entenderam** este paradoxo **a princípio**, mas depois, **quando Jesus foi glorificado** (isto é, assunto aos céus, a tríplice interação do Espírito residente, da memória histórica e da Bíblica escrita corrigiram a equivocada visão (cf. 2:22; 7:37-39).

A incapacidade dos discípulos de compreender o estranho simbolismo do seu Senhor não deixou Jesus sem um **testemunho**. A pequena **multidão** vinda da Judéia e que o vira ressuscitar Lázaro (11:45) contara que **ele fizera este sinal**, incentivando a multidão maior da Galiléia, presente em Jerusalém, a ir ao seu encontro e saudar este vencedor da morte como seu novo Rei. Esta convergência de entusiasmo por parte dos do norte e dos sulistas convenceu **os fariseus** que todos os seus esforços (11:57) resultaram inúteis. **Vedes**, lamentaram numa irônica declaração, **que o mundo inteiro vai após ele.**

5) O Pedido dos Gregos (12:20-26)

20 Ora, entre os que tinham subido a adorar na festa havia alguns gregos. 21 Estes, pois, dirigiram-se a Filipe, que era de Betsaida da Galiléia, e rogaram-lhe, dizendo: Senhor, queríamos ver a Jesus. 22 Filipe foi dizê-lo a André, e então André e Filipe foram dizê-lo a Jesus. 23 Respondeu-lhes Jesus: É chegada a hora de ser glorificado o Filho do homem. 24 Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto. 25 Quem ama a sua vida, perdê-la-á; e quem, neste mundo, odeia a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna. 26 Se alguém me quiser servir, siga-me; e onde eu estiver, ali estará também o meu servo; se alguém me servir, o Pai o honrará.

Simbolizando a secreta verdade proferida pelos fariseus (v. 19), alguns gregos (isto é, não-judeus), entre os pere-

grinos da Páscoa, chegaram, dizendo: **Queremos ver a Jesus.** À primeira vista, isto pode ter parecido apenas um pedido para uma entrevista com alguém por quem estavam interessados (ex.: porque ele purificara a Corte dos Gentios no Templo para seu uso). O evangelista, no entanto, sem dúvida alguma, viu esses gregos como um campo missionário gentílico, no microcosmo agora preparado, para **ver** (isto é, crer em **Jesus** como o Salvador do mundo.

Seu pedido foi dirigido a princípio a **Filipe**, e depois a **André**, os dois discípulos de nome grego e procedentes da cidade helenística de Betsaida (1:44). Embora tenham ido de imediato falar com **Jesus**, sobre esta tentadora oportunidade de evitar a frustração e os perigos de ministrar aos judeus, não há informação de que os gregos tenham conseguido **ver** Jesus nessa ocasião. Este silêncio é deliberado, pois **a hora** tinha **chegado** (cf. Mar. 14:41) quando Jesus, como o **Filho do Homem**, seria glorificado, não pela lisonja de uma vasta platéia, mas pela solidão da rejeição, por parte do seu próprio povo. Em lugar de o "ser visto" pelos gregos o salvar por meio de uma fuga para o mundo helenístico, o leitor vê-lo-á na agonia da escolha (v. 27), quando, ao contrário, decide, por sua morte, salvar os outros.

Ele, entretanto, não permaneceria só, porque sua morte na cruz seria como um **grão de trigo** que, ao cair **na terra** e **morrer, dá muito fruto.** Assim como ninguém pode "ver" o trigo olhando para a minúscula semente, os gregos não podiam "ver" o significado de Jesus, até que a missão mundial da Igreja fosse instaurada por sua morte e ressurreição. Estes gregos, que tinham vindo a Jerusalém para a Páscoa, como curiosos ou prosélitos interessados no judaísmo que eram, precisavam saber que Jesus iria à cruz, para fincar as bases sobre as quais o mundo inteiro poderia ser salvo. Em função desse dia, não há razão por que ir aos "gregos" (isto é, ao campo missionário), a menos que queiramos limitar a mensagem universal da cruz.

Jesus não só ensinou a necessidade de sua morte para uma missão redentora de caráter mundial, como procurou aplicar seu significado à natureza do discipulado (cf. Mar. 8:34-37). Guardar uma semente é destruí-la, enquanto plantá-la é libertá-la para um utilidade multiplicada. Assim, aquele que **ama** possessivelmente **a sua vida** acabará por destruí-la, ao passo que aquele que **odeia a sua vida neste mundo** (cf. Luc. 14:26), isto é, aquele que se dispõe a perdê-la em benefício dos outros, obterá uma vida eterna, que jamais lhe será retirada.

Este paradoxo central é posteriormente esclarecido e equilibrado de duas maneiras, no verso 26. Primeiro, "odiar a vida" não é uma renúncia passiva, pois o discipulado é também um seguir **ativo** (cf. o comentário sobre 1:43). Segundo, uma pessoa pode-se entregar pelos outros e ainda servir a Cristo (note-se a repetição de **me... eu... meu**, no v. 26). Não há qualquer clivagem (ruptura) entre ação missionária aos gregos e simpatia pessoal pelo Messias (cf. Mat. 25:40).

6) O Cometimento da Paixão (12:27-36a)

27 Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas para isto vim a esta hora, 28 Pai, glorifica o teu nome. Veio, então, do céu esta voz: Já o tenho glorificado, e outra vez o glorificarei. 29 A multidão, pois, que estava ali, e que a ouvira, dizia ter havido um trovão; outros diziam: Um anjo lhe falou. 30 Respondeu Jesus: Não veio esta voz por minha causa, mas por causa de vós. 31 Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. 32 E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim. 33 Isto dizia, significando de que modo havia de morrer. 34 Respondeu-lhe a multidão: Nós temos ouvido da lei que o Cristo permanece para sempre; e como dizes tu: Importa que o Filho do homem seja levantado? Quem é esse Filho do homem? 35 Disse-lhes então Jesus: Ainda por um pouco de tempo a luz está entre vós. Andai enquanto tendes luz, para que as trevas não vos apanhem; pois quem anda nas trevas não sabe para onde vai. 36 Enquanto tendes

a luz, crede na luz, para que vos torneis filhos da luz.

Era fácil para Jesus entender que a vocação de uma semente era morrer para que o fruto escondido em seu interior se multiplicasse (v. 24), mas lhe era difícil aceitar a mesma vocação pelas mãos de sua gente. Num momento de angústia no Getsêmane, ele percebeu o custo de seu cometimento na cruz: **Agora a minha alma está perturbada** (cf. Mar. 14:33, 34). Seria mais humano dizer: **Pai, salva-me desta hora** (cf. Mar. 14:35), mas este pedido era incompatível com o **propósito** de sua vinda. Então, Jesus orou: **Pai, glorifica o teu nome** (isto é, "permita-me manifestar aos homens o teu verdadeiro caráter").

Imediatamente, **uma voz** de revelação direta **dos céus** confirmou que Deus fora **glorificado** pela obra de Jesus no passado (isto é, pelos sinais) e que continuaria a ser glorificado **outra vez** no futuro (isto é, pela sua morte e ressurreição). Na sua forma exterior, esta comunicação foi acompanhada por um trovão (como, por exemplo, no Sinai), que alguns da **multidão que ali estava** interpretaram como um fenômeno natural, enquanto **outros**, mais atentos à confirmação que Jesus recebera, disseram que **um anjo** lhe tinha falado (cf. Luc. 22:43). Devido à sua íntima relação com Deus, Jesus não necessitava propriamente de qualquer autenticação aparente, por um trovão ou por um anjo. A manifestação audível da **voz veio** não para ele, mas para os outros (cf. 11:42); só assim fariam o que fizeram.

Fortificado por um sentido maior de aprovação celestial, Jesus falou triunfalmente: **Agora** (cf. v. 23) **é o juízo deste mundo** (cf. 5:22-24; 8:15,16). Essas palavras não eram uma ameaça de vingança contra seus inimigos humanos, mas um testemunho de que o poder de Deus repelira os esforços **do príncipe deste mundo** (isto é, Satanás) para reinar em sua vida (cf. o comentário sobre 6:70,71). Como Jesus nunca teve compromisso com o mal, mesmo quando **levantado da terra**, numa crucificação cruel, sua vitória de obediência atrairia todos a ele. A ênfase não está na totalidade da resposta, pois que esta depende da fé, mas sobre a universalidade do apelo. O judaísmo oferecia um santuário nacional, uma circuncisão racial e uma lei religiosa sectária. Ao contrário, nada havia de partidário ou nacional na obediência, no amor e no poder demonstrados na cruz. Jesus não morreu por ter perdido a batalha, e, sim, porque a vencera contra a força que escraviza o espírito humano e separa o homem de Deus.

Com sua costumeira insensibilidade, a **multidão** ignorou a coragem libertadora de Jesus e preferiu avaliar suas afirmações a partir de seus próprios preconceitos messiânicos (cf. 7:40-43; 10:19-21). Enquanto falava paradoxalmente da **morte** com que **havia de morrer**, ao ser "levantado", eles concluíram, a partir **da lei** (isto é, das Escrituras), que **o Cristo permanece para sempre**, provavelmente numa referência à permanência do reinado davídico (Sal. 89:36; Ez. 37:25). Ironicamente, desejaram um messias que vivesse para perpetuar o nacionalismo judaico, enquanto Jesus, por sua morte, transcendia esta visão e se tornava um ímã que atrairia **todos** a um reino que não é deste mundo.

Estas posições eram de tal modo irreconciliáveis, que as perguntas da multidão não puderam ser respondidas. Em seu lugar, na pequena parábola do viajante ao pôr-do-sol, Jesus mostrou a urgência de se considerar **a luz** antes que **as trevas** chegassem (cf. 9:4,5;11:9,10). Embora muitos da multidão vagassem em **trevas** espirituais e não soubessem para onde iam. enquanto Jesus estivesse com eles havia a oportunidade de crerem **na luz** e se fazerem **filhos da luz**. Com este resumo vivo das alternativas possíveis a Israel, Jesus concluiu seu ministério público.

3. Conclusão do Livro dos Sinais (12:36b-50)

Uma outra prova de os capítulos 2 a 12 comprenderem uma unidade maior, dentro do Evangelho, é dada por esta elaborada conclusão, que divide claramente o Evangelho em duas partes. O capítulo 12 prepara para este pós-escrito formal, com várias conclusões preliminares, que exprimem cabalmente o término de seu ministério público (12:7, 8,31,35,36). Esta última seção difere, no entanto, do resumo retrospectivo feito pelo evangelista (v. 36b-43) e do solilóquio proferido por Jesus (v. 44-50). Aqui, a segunda pessoa do plural, no discurso direto aos judeus, desaparece, com estes parágrafos dirigindo-se fundamentalmente ao leitor.

1) A Rejeição Final de Jesus (12:36b-43)

Havendo Jesus assim falado, retirou-se e escondeu-se deles. 37 E, embora tivesse operado tantos sinais diante deles, não criam nele; 38 para que se cumprisse a palavra do profeta Isaías:

Senhor, quem creu em nossa pregação?
e a quem foi revelado o braço do Senhor?

39 Por isso, não podiam crer, porque, como disse ainda Isaías:

40 Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos e entendam com o coração,
e se convertam, e eu os cure.

41 Estas coisas disse Isaías, porque viu a sua glória, e dele falou. 42 Contudo, muitos dentre as próprias autoridades creram nele; mas por causa dos fariseus não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga; 43 porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus.

Com seu ministério a Israel no fim, Jesus se **retirou** e se **escondeu deles**, sendo esta a terceira saída de Jerusalém nos meses finais da paixão (cf. 10:40-42;11:54). Durante o ministério público, ele tinha **operado** muitos **sinais** (cf. 7:31;11:47;20:30;21:25), embora os capítulos 2 a 12 só registrem alguns. O propósito destes sinais, de levar os homens a crerem **nele** (cf. 20:31), fora percebido de uma forma tão limitada que o seu resultado foi a confirmação, de modo cabal, das descrições sobre a incredulidade de Israel (cf. Is. 53:1;6:10). Jesus não era o primeiro mensageiro de Deus a encontrar oposição. Em busca de uma explicação, a igreja apostólica descobriu que o Velho Testamento tinha vislumbrado com perfeição a dinâmica desta rejeição, especialmente nos profetas e nos Salmos.

Estes versos não refletem preconceitos anti-semitas, dirigidos contra Israel, por cristãos frustrados, representando, antes, um julgamento, sobre os judeus, por suas próprias Escrituras (veja o comentário sobre 9:41). A preocupação principal aqui não é amaldiçoar uma pessoa, mas demonstrar a coerência de Deus em realizar seus propósitos através da história de seu povo. Durante séculos, as terríveis palavras de Isaías tinham permanecido nas Escrituras como um aviso ao próprio Israel. Todo o apelo do ministério de Jesus — apelo, este, lamentavelmente despercebido — era: "não deixem que esta profecia se torne uma verdade para vocês!" Na realidade, foi sua visão de Jesus em sua **glória** preexistente com Deus que possibilitou Isaías a proferir seu aviso (pelo que vem antes, o **sua** e **dele** do v. 41 devem referir-se a Jesus, e não a Deus).

A prova de que os versos 37-41 não visam condenar os judeus coletivamente está nos versos 42 e 43, que relatam que **muitos dentre as próprias autoridades creram nele**. Indubitavelmente, era necessária uma boa dose de misericórdia para ter este grupo na conta de crentes, visto, que, **por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga** (cf. 9:22). Num período mais popular, Jesus encontrara uma fé superficial, baseada na força dos seus sinais (ex.: 2:23-25;7:31); agora, contudo, a fé se mostrava pela metade, porque reprimida pela intimidação da estrutura do poder. No primeiro caso, a fé era deficiente, por não colocar Deus acima do amor próprio; neste, era inútil, por não

colocar Deus acima do amor dos **outros**. Mais do que nunca, Jesus considerou esta fé, embora débil, na esperança de que resultasse num discipulado corajoso e abnegado.

2) O Discurso Final de Jesus (12:44-50)

44 Clamou Jesus, dizendo: Quem crê em mim, crê, não em mim, mas naquele que me enviou. 45 E quem me vê a mim, vê aquele que me enviou. 46 Eu, que sou a luz, vim ao mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas. 47 E, se alguém ouvir as minhas palavras, e não as guardar, eu não o julgo; pois eu vim, não para julgar o mundo, mas para salvar o mundo. 48 Quem me rejeita, e não recebe as minhas palavras, já tem quem o julgue; a palavra que tenho pregado, essa o julgará no último dia. 49 Porque eu não falei por mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, esse me deu mandamento quanto ao que dizer e como falar. 50 E sei que o seu mandamento é vida eterna. Aquilo, pois, que eu falo, falo-o exatamente como o Pai me ordenou.

Este parágrafo final do "livro dos sinais" fornece um resumo formal da mensagem pública de Jesus a Israel, sintetizando temas teológicos desenvolvidos em 3:16-21;5:19-29 e 8:12-26. Como Jesus tinha já se escondido (v. 36b), a passagem não tem um quadro histórico, aparecendo como algo de qualidade não temporal. A solenidade do estilo reforça a gravidade dos assuntos, que deve ser ponderada pelo leitor.

A relação com o parágrafo anterior, especialmente com os versos 39 e 40, é fundamental. Lá a ênfase estava sobre a soberania de Deus, no trato com corações endurecidos e olhos cegos. Mas, sem que isto elimine a liberdade humana, aqui se faz um apelo explícito para "crer" no coração e "ver" com os olhos. O homem é julgado porque não "guarda" ou "recebe" as palavras de Jesus, e não porque Deus deseja a sua destruição. As últimas alternativas para o homem são: aceitação ou rejeição.

A principal preocupação da passagem é reafirmar a primazia de Deus na missão de Jesus. Como aquele que **enviou** Jesus ao mundo, Deus é o princípio e o fim da fé, da visão, do juízo, da autoridade e da revelação. Longe de se colocar como um "segundo Deus" ou de desviar a atenção de Deus — a acusação básica apresentada pelos judeus em nome do monoteísmo — Jesus tudo fez apenas para confrontar os homens com a realidade de Deus na totalidade da vida. Paradoxalmente, ao não pedir qualquer posição para si — seja sacerdotal, rabínica ou de rei — ele se distinguia frontalmente de todos os líderes religiosos e por meio disso exigia um veredicto sobre sua pessoa. Os capítulos 13 a 21 contam como foi ele glorificado à luz de sua "humilhação" nos capítulos 1 a 12.

Segunda Parte: O Livro da Paixão (13:1-20:31)

Depois que o "livro dos sinais" (capítulos 2 a 12) descreveu em sucessivas etapas a descida ou humilhação do Filho de Deus, o "livro da paixão" (capítulos 13 a 20) completará a "parábola da redenção" (veja a p. 251-52), descrevendo sua subida ou exaltação junto ao Pai. Esta grande inversão da rejeição terrena tem lugar também em três etapas: (1) a preparação dos discípulos para a cruz e a vinda do Espírito (cap. 13 a 17); (2) a crucificação de Jesus na exaltação de um amor obediente (cap. 18 e 19); (3) a ressurreição de Jesus fortalece a fé de seus seguidores e os capacita para a missão (cap. 20).

É altamente significativo que esta reviravolta, no plano da narrativa joanina, se localiza antes e não depois da crucificação. Em conseqüência, a cruz é apresentada não como a ignomínia final sofrida por um mártir derrotado, mas, paradoxalmente, como a coroação de um Rei triunfante, que reina a partir de um lenho de vergonha. Na ressurreição, Deus não resgatou Jesus da desgraça de uma morte escandalosa, mas confirmou que a crucificação era em si mesma a vitória, que encerrava a obra da redenção (cf. 19:30).

Esta perspectiva ajuda a esclarecer o equilíbrio de Jesus durante sua paixão. Não havia medo, agonia ou desespero. Jesus antecipou cada movimento de seus adversários e permaneceu absoluto, num controle completo da situação (cf. 13:11, 18,19,26,27;16:33;18:4-6, 33-37;19: 26,27,30). Não significa isto, entretanto, que o evangelista nos forneça um relato falso, sem sofrimento, para apresentar Jesus como um estóico auto-suficiente. Bem ao contrário, concebeu todo o Evangelho como uma longa história da paixão (observe-se referências introdutórias, como 1:10,11,29,36;2:4,13-22). Já em 5:16-18, Jesus enfrentava pessoas que queriam matá-lo. Todo o seu ministério era, num certo sentido, um "julgamento", caracterizado por amargas controvérsias.

Assim, o escopo do Evangelho mostra que Jesus enfrentou a prova da cruz consciente do significado do evento (ex.: 10:11;12:27). Diferentemente dos Sinópticos, em que o Getsêmane ocorre mais tarde, quando da abertura do capítulo 13, sua luta terminara, o desolado desespero devido à rejeição de Israel passara, e Jesus caminhava para a alegria da perfeita obediência e para a certeza da glória futura.

Esta transição, no Evangelho, marca uma mudança maior não somente no ministério de Jesus, mas também na atuação de todos os discípulos. Até esse ponto, após uma breve introdução em 1:35-51, os seguidores mais próximos de Jesus tinham participado muito pouco. Através dos grandes debates dos capítulos 5 a 10, quando as autoridades judaicas exigiram testemunhas acerca de Jesus, os discípulos não compareceram nem apresentaram qualquer defesa voluntária de seu líder. Quando, nalguma circunstância, participavam mesmo que modestamente, sua atuação se marcou pela falta de visão (ex.: 6:5-9,15-19,66-71;9:1-4;11:8,12-16;12:4-6,16,20-23). Em João 1-12, a forte impressão que ficou foi a de que Jesus ministrou sozinho e que sua preocupação fundamental era para com o judaísmo e sua liderança religiosa.

Ao contrário, os discípulos ocupam um lugar de destaque em João 13-21. Se a primeira metade do Evangelho é um comentário sobre como os do velho Israel "não o receberam" (1:11), a segunda é um comentário sobre como aqueles do novo Israel que "o receberam" foram capacitados a se tornarem verdadeiros filhos de Deus (1:12). Nos capítulos 1-12, a ênfase se fixou sobre a dialética da luz e das trevas, que julgou a resposta de Israel ao oferecimento da vida (**phos-phōtizō** e **skotia/skotos** ocorrem, neste sentido, 32 vezes em 1-12, mas nenhuma vez em 13-21). Nos capítulos 13-21, entretanto, a ênfase se desloca sobre o amor entre o Pai e o Filho, que deverá ser reproduzido nas vidas dos crentes (**agape/agapaō** e **philos/phileō** ocorrem, neste sentido, 12 vezes em 1-12, mas 48 vezes em 13-21). Esta mudança dá um caráter predominante pessoal e ético à comunidade da Igreja, descrita em João 13-21, o que contrasta fortemente com a divisão que persegue a comunidade judaica, em João 1-12 (Dodd, **Interpretation**, p. 398-399).

I. Jesus Prepara Seus Discípulos (13:1-17:26)

Em todos os quatro Evangelhos, o discurso interno, envolvendo Jesus e seus discípulos, vem entre o fim do ministério público e o começo da paixão. O mais longo destes interlúdios é João 13-17, especialmente porque apresenta numa só seção o equivalente joanino do material que os Sinópticos apresentam separadamente como ensinos de Jesus desenvolvidos no Monte das Oliveiras (Mat. 24:1-25:46; Mar. 13:1-37; Luc. 21:5-36), no cenáculo (Mat. 26:20-30; Mar. 14: 17-26; Luc. 22:14-38) e no Getsêmane (Mat. 26:36-46; Mar. 14:32-42; Luc. 22:40-46). Ao reunir estes ensinos sobre o futuro, sobre a morte de Jesus e sobre a

importância da oração, o Quarto Evangelho leva ao clímax uma ênfase apenas parcialmente desenvolvida nos outros Evangelhos.

A fusão deste material esotérico numa unidade homogênea representa a contribuição literária mais original do evangelista para a estrutura deste Evangelho. Em nenhum lugar da literatura cristã o discipulado está tão intimamente ligado ao ministério histórico de Jesus no passado, à residência do Espírito no presente e à luta da Igreja com o mundo no futuro. Ao colocar esta seção no centro do Evangelho, em vez de no fim, o Evangelista, com isto, insiste que a Igreja não é uma idéia que os homens conceberam, em conseqüência da tragédia, mas a vida continua do povo de Deus que Jesus transformou, como uma parte integral de sua tarefa na terra. Os discípulos não foram tomados de surpresa pela repentina partida de seu líder, pois ele já lhes apresentara a natureza pós-ressurreição de sua existência. Diante disso, o leitor é levado a perceber a "glória da cruz" nos capítulos 18 e 19, uma vez que, nos capítulos 13 a 17, já lhe foi apresentada a forma de comunidade que daí nasceria.

A grande preocupação de Jesus pelo destino dos seus seguidores — embora fosse ele o único a morrer! — se reflete nas três formas como ele os preparou para a provação a que seriam submetidos. Primeiro, servindo-se de um método de grande simplicidade, ele deu um exemplo pessoal no lava-pés, como uma parábola referente ao significado da cruz (13:1-30). Depois, seguiu esta lição objetiva com uma instrução detalhada, num bem desenvolvido discurso sobre a existência cristã na era posterior à sua morte (13:31-16:33). Finalmente, num clímax espiritual, empregou o mais exaltado dos métodos, a intercessão divina, para situar o destino dos discípulos num contexto eterno, por meio de sua oração de consagração (17:1-26). Não se solicita de nenhum seguidor de Jesus a tomar a cruz dos capítulos 18 e 19, enquanto não lhe foi mostrado o que isso significou para o Mestre, enquanto não lhe foi ensinado o que isso envolve para ele próprio e enquanto não foi oferecido a Deus em oração por Aquele que conquistou todo o seu terror.

O assunto mais característico, nos capítulos 13 a 17, refere-se ao conselheiro ou Paracleto (do grego **paraklētos**), um conceito repetido em cinco passagens, aqui (14:15-17:25,26; 15:26, 27;16:7-15) e em I João 2:1, mas em nenhum outro lugar do Novo Testamento.[31] Este título para o Espírito Santo (cf. 14:17,26;15:26;16:13) não pode ser traduzido adequadamente para uma só palavra em português, uma vez que conota advogado ou testemunha, intercessor ou porta-voz, confortador ou consolador e mestre ou guia. Embora a palavra não fosse muito usada no hebraico e no grego, para designar um ofício religioso, seu significado foi antecipado no modelo veterotestamentário de um relacionamento íntimo entre os líderes que partiam e os seus sucessores que continuavam sua obra (ex.: Moisés/Josué, Elias/Eliseu) a na visão judaica posterior de espíritos angelicais como defensores do povo de Deus e mediadores da verdade divina. A diferença fundamental, certamente, é que, no Quarto Evangelho, o papel do Paracleto está associado exclusivamente a Jesus. Tudo o que seria feito pelo Paracleto também o fora por Jesus, funcionando aquele como a realidade contínua deste no mundo depois de sua ascensão.

A missão fundamental do Paracleto é descrita em duas dimensões: (1) habitar os discípulos como uma fonte de força e visão, anteriormente características de Jesus; (2) julgar o mundo pela vitória obtida por Jesus em suas lutas terrenas

31 Sobre o Paracleto no Evangelho de João, veja Raymond E. Brown, "The paraclete in the Fourth Gospel", **New Testament Studies**, 13 (1967), p. 113-132, e a literatura citada na obra, especialmente Hans Windisch, **The Spirit-Paraclete in the Fourth Gospel**, tradução para o inglês por James W. Cox; "Facet Books, Biblical Series", 20 (Philadelphia: Fortress, 1968).

com Satanás. Uma compreensão destes papéis era de especial relevância para a Igreja na época em que este Evangelho foi escrito. Como as testemunhas apostólicas começavam a morrer, alguns devem ter imaginado que o último elo vivo com o Jesus terreno devia ser preservado.

João estava certo de que, através do ministério do Paracleto, a comunidade cristã não só tinha uma conexão permanente com o Senhor encarnado, mas que seu Espírito conduziria gerações futuras a compreender Jesus como aquele que capacitara os primeiros discípulos a fazê-lo. Ademais, a Igreja não precisava perder a esperança pela falta de um retorno antecipado de Jesus, para encerrar este século mau. Jesus tinha voltado no Confortador, para dar sentido ao ínterim antes da consumação final. O mundo podia supor que a cruz destruísse tudo o que Jesus dignificava, porque a morte parecia tê-lo banido da terra, mas a Igreja sabia que seu Espírito estava vivo e triunfante no meio dos crentes.

1. A Última Ceia (13:1-30)

Esta cena de abertura, no cenáculo, é surpreendente pelo que omite e pelo que informa. O fato principal, nos Sinópticos — a instituição da Ceia do Senhor — não é mencionado aqui, entrando em seu lugar um acontecimento — o lava-pés — não referido nos Sinópticos. A razão básica deste silêncio parece ser um desejo de livrar a Ceia da incompreensão, vinda de duas direções.

Primeiro, a data peculiar que João dá para a última refeição, como sendo 14 de Nisã, na noite **anterior** à Páscoa (e não 15 de Nisã, **na** noite da Páscoa, como está nos Sinópticos) sugere uma preocupação em distinguir o rito cristão de sua contraparte judaica. Embora a Páscoa possa ter fornecido certos antecedentes históricos para a Ceia, as duas observâncias jamais poderiam ter o mesmo significado, porque esta se fundava na morte de Jesus nas mãos daqueles que se preparavam para celebrar aquela. Por isso, aqui a instituição da Ceia foi omitida, para evitar que se concluísse que Jesus estava perpetuando um costume judaico.

Já no mundo cristão ao tempo da composição do Quarto Evangelho, havia tendências para uma sacramentalização extremada da Ceia como o "elixir da imortalidade" ou o "antídoto contra a morte" (Inácio, **Efésios**, 20:2) e como "a carne de nosso Salvador Jesus Cristo (Inácio, **Smirnenses**, 7:1). João deve ter temido que a Ceia se transformasse num substituto para a singularidade histórica de Jesus, por isso evitou qualquer sugestão de que o fundador do cristianismo tivesse inaugurado um ato de culto destinado a perpetuar sua encarnação através de símbolos tangíveis. Em vez deste supersacramentalismo, João insistiu que a vida de Jesus se fixava no passado, mas que seu significado tornava-se presente para cada geração em que o Espírito contemporanizava suas irrepetíveis palavras e atitudes (cf. sobre 6:52-65). [32]

1) O Lava-pés dos Discípulos (13:1-11)

1 Antes da festa da páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, e havendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. 2 Enquanto ceavam, tendo já o Diabo posto no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, que o traísse, 3 Jesus, sabendo que o Pai lhe entregara tudo nas mãos, e que viera de Deus e para Deus voltava, 4 levantou-se da ceia, tirou o manto e, tomando uma toalha, cingiu-se. 5 Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. 6 Chegou, pois, a Simão Pedro, que lhe disse: Senhor, lavas-me os pés a mim? 7 Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço, tu não o sabes agora; mas depois o entenderás. 8 Tornou-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Replicou-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo. 9 Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não somente os

32 Este ponto de vista é desenvolvido por Helmut Koester, "History and Cult in the Gospel of John and in Ignatius of Antioch", **Journal for Theology and the Church**, 1 (1965), p. 111-123.

meus pés, mas também as mãos e a cabeça. 10 Respondeu-lhe Jesus: Aquele que se banhou não necessita de lavar senão os pés, pois, no mais está todo limpo; e vós estais limpos, mas não todos. 11 Pois ele sabia quem o estava traindo; por isso disse: Nem todos estais limpos.

Do mesmo modo como o 'livro dos sinais" (capítulos 2 a 12) foi introduzido com uma contundente afirmação teológica (1:50,51), que tratava da chegada do Homem dos céus à terra, o "livro da paixão" (capítulos 13 a 20) começa com um prefácio (13:1-13), igualmente exaltado, que lança as bases teológicas sobre as quais ele passaria **deste mundo para o Pai**. Dois longos resumos oferecem uma tríplice interpretação dos eventos que se desenrolarão.

Primeiro, no verso 1: (1) Como a paixão de Jesus ocorreu **antes da festa** judaica **da Páscoa** (cf. 18:28;19:14,31, 42), o drama do verdadeiro Cordeiro pascal (1:29,36) devia ser encenado tendo a história sagrada de Israel como pano-de-fundo. (2) Diferentemente das situações anteriores, quando as prematuras pressões humanas se exerciam (2:4;7:30;8:20), a **hora** de Jesus voluntariamente se sacrificar **era** agora **chegada** no cronograma divino (cf. 12:23,27; 17:1). (3) O ato maior de obediência envolvia amar os seus **até o fim** (cf. 1:11,12), quantitativa (isto é, ao amargo fim de sua vida) e qualitativamente (isto é, ao derradeiro degrau; cf. 15:13).

Segundo, nos versos 2 e 3: (1) O ilimitado amor de Jesus para com seus seguidores era uma resposta deliberada à iniciativa do **Diabo**, para que **Judas, filho de Simão Iscariotes, o traísse** (cf. 6:70, 71;13:27). (2) Esta devoção sacrificial ao ponto da morte, por parte de Jesus, não era um sinal de fraqueza, mas de onipotência por parte daquele que sabia que **o Pai lhe entregara tudo nas mãos** (cf. Mat. 28:18). (3) Este sentido de autoridade soberana, num momento de perigo mortal, fundamentava-se na certeza de que sua origem e destino — seu "de onde" e "para onde" — eram oriundos de **Deus**.

A fim de iniciar seus discípulos no ministério de sua paixão iminente, Jesus agiu fora dessas realidades transcendentais e a partir de sua autoconsciência. Primeiro, ele **tirou o manto**, sugerindo que abria mão de sua vida pelos seus (cf. o mesmo verbo, **tithēmi**, em 10:17,18). Depois, **cingiu-se** com **uma toalha** (**cf.** I Ped. 5:5), **deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos.** Este estranho comportamento não teve precedentes, primeiro porque aconteceu **enquanto ceavam** (cf. v. 2ª e 4ª), depois, porque era comum banhar os pés antes da refeição, e também porque nem mesmo aos escravos judeus se pedia executar tarefas tão servis. Na cena de abertura do drama da paixão, Jesus demonstrou que sua carreira terrena alcançava agora seu apogeu. Depois de descer os degraus de uma abjeta humilhação, começava agora sua ascensão aos píncaros mais elevados, a partir do ponto mais baixo que se possa imaginar.

As circunstâncias que favoreceram esta contundente estratégia talvez estejam descritas em Lucas 22:24-27. Enquanto os discípulos disputavam entre si sobre quem era o maior, aquele que sabia que **Deus lhe entregara tudo nas mãos** tomou nessas mãos os instrumentos do escravo mais vil (cf. Fil. 2:7) — nem coroa nem cetro, mas jarro e bacia! — Para demonstrar que a grandeza verdadeira consiste não no lugar onde se assenta, mas no modo como se serve (Luc. 22:27). O uso da água para lavar pode sugerir que o trabalho humilde de Jesus visava purificar seus seguidores de pecado por sua morte próxima (cf. I João 1:7).

Como foi o caso também dos Sinópticos (cf. Mar. 31-33), Pedro procurou repudiar este paradoxo de um rei-escravo por não saber ainda **o que** Jesus estava **fazendo**, embora **depois** — à luz da crucificação e da ressurreição — o entendesse (cf. 16:12,13). Firme, porém, Jesus

insistiu que, se não lavasse os pés de Pedro — isto é, se Pedro se recusasse a aprender aquela lição — o seguidor não teria **parte** no destino de seu Senhor. Diante dessa terrível alternativa, Pedro impulsivamente passou para o extremo oposto, pedindo, então, muito mais do que lhe fora oferecido: **Senhor, não somente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça!**

Para corrigir estes extremos, Jesus contou a pequena parábola da banheira e da bacia: **Aquele que se banhou** por completo antes da refeição **não necessitava de lavar** todo o seu corpo novamente, quando chega à casa do anfitrião, pois já está **todo limpo**. No entanto, precisava **lavar... os pés**, que tinham-se sujado no caminho. Desse modo, Pedro e os outros já estavam **limpos**, devido o seu antigo compromisso com Jesus (cf. 15:3) — com exceção, é claro, de Judas, que **o estava traindo** — continuavam, porém, necessitados de terem sua compreensão purificada, por assim dizer, das "impurezas da viagem" na peregrinação do discipulado. A conversão, que conquista o pecado, envolve um começo decisivo, que transforma a base para uma renovação diária da graça.

Este diálogo entre Jesus e Pedro ilumina, de modo brilhante, a dinâmica de uma fé em formação. De início, Pedro recusou-se a aprender a dura lição da cruz, na presunção de que seu compromisso já se completara, o que evidenciava a necessidade de descobertas mais profundas, como essenciais a um relacionamento com Jesus. Reagindo a esta recusa, ele adotou o erro oposto, de achar que todos os seus compromissos anteriores eram agora sem valor. Jesus, porém, assegurou-lhe que não é necessário começar tudo de novo, para superar as limitações anteriores. A um jovem, por exemplo, não se pede que renuncie um batismo realizado em tempo de criança para que se possa tornar um crente maduro. Jesus valoriza nossos começos no passado e exige uma nova abertura para o futuro.

2) O Exemplo de Jesus (13:12-20)

12 Ora, depois de lhes ter lavado os pés, tomou o manto, tornou a reclinar-se à mesa e perguntou-lhes: Entendeis o que vos tenho feito? 13 Vós me chamais Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque eu o sou. 14 Ora, se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. 15 Porque eu vos dei exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. 16 Em verdade, em verdade vos digo: Não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. 17 Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes. 18 Não falo de todos vós; eu conheço aqueles que escolhi; mas para que se cumpra a escritura: O que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar. 19 Desde já vo-lo digo, antes que suceda, para que, quando suceder, creiais que eu sou. 20 Em verdade, em verdade vos digo: Quem receber aquele que eu enviar, a mim me recebe; e quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou.

Depois de ter "tirado o manto" (v. 4), como símbolo da forma como entregaria sua vida, Jesus agora **tomou o manto** novamente, como um símbolo da forma como retomaria sua vida (cf. o mesmo verbo, **lambanō**, em 10:17), reassumindo, assim, o seu devido lugar como **Mestre e Senhor. Ora, se** ele, cuja humilhação seria legitimada por Deus na ressurreição, se prontificara a lavar os **pés** aos discípulos, deviam **eles também lavar os pés uns aos outros**. Ademais, ele era o **Senhor** e eles os **servos**; ele era o que enviava, eles os **enviados**. O modelo da paixão de Jesus não oferecia apenas verdades abstratas passíveis de **conhecimento**, mas um **exemplo** correto, para que o **praticassem**, unindo assim a teologia à ética. No primeiro século, a humildade não era vista como uma virtude, mas Jesus fez dela o símbolo do discipulado. As prioridades colocadas nesta passagem, assim, alteram o padrão moral da humanidade.

Surge, porém, um problema, porque a prática utilizada por Jesus, para dar um exemplo de humildade, não existe em

nossa cultura. Para os primeiros discípulos nada poderia dramatizar de modo mais vívido o papel de servo do que o lavar dos seus pés (cf. I Tim. 5:10). Para o homem ocidental contemporâneo, todavia, este gesto não tem um significado evidente em si mesmo. Para levarmos adiante a intenção de Jesus, precisamos buscar novas formas de servir, que tenham o mesmo impacto, em nossa sociedade, que o lava-pés na Palestina antiga.

Como aconteceu no parágrafo anterior (v. 10 e 11), esta unidade também termina com uma sombria referência à traição de Judas. Talvez Jesus tenha percebido que sua insistência sobre o serviço inferior tenha sido a ênfase que Judas mais violentamente recusava. De qualquer modo, Jesus não se surpreendeu com o fato de que esta rejeição tenha vindo do círculo dos discípulos, pois a própria **Escritura** registrava que mesmo um "amigo do peito" pode desdenhar a hospitalidade que se lhe oferece, como um animal se vira contra as mãos daquele que o alimenta (Sal. 41:9). Jesus **escolhera** correr este risco, ao procurar pessoas de vivências variadas, e, agora, estava consciente de que Judas não respondera ao seu generoso amor (v. 1 e 2).

Por isso, avisou antecipadamente os seus discípulos que, quando a traição **sucedesse**, soubessem que ele não era uma vítima desesperada, mas, sim, o grande **Eu sou (egō eimi)**; isto é, ele representava a presença divina de Deus, cuja providência não devia ser menosprezada, mesmo diante das terríveis escolhas que permitia aos homens. Caracteristicamente, este aviso se acompanhava da promessa de que aquele que estivesse pronto para ser **enviado** por Jesus, numa missão como um apóstolo-servo, estaria unido não somente a Jesus, mas a Deus, que o **enviara**.

3) A Traição Feita a Jesus (13:21-30)

21 Tendo Jesus dito isto, turbou-se em espírito, e declarou: Em verdade, em verdade vos digo que um de vós me há de trair. 22 Os discípulos se entreolhavam, perplexos, sem saber de quem ele falava. 23 Ora, achava-se reclinado sobre o peito de Jesus um de seus discípulos, aquele a quem Jesus amava. 24 A esse, pois, fez Simão Pedro sinal, e lhe pediu: Pergunta-lhe de quem é que fala. 25 Aquele discípulo, recostando-se assim ao peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é? 26 Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado. Tendo, pois, molhado um bocado de pão, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. 27 E, logo após o bocado, entrou nele Satanás. Disse-lhe, pois, Jesus: O que fazes, faze-o depressa. 28 E nenhum dos que estavam à mesa percebeu a que propósito lhe disse isto; 29 pois, como Judas tinha a bolsa, pensavam alguns que Jesus lhe queria dizer: Compra o que nos é necessário para a festa; ou, que desse alguma coisa aos pobres. 30 Então ele, tendo recebido o bocado, saiu logo. E era noite.

A simples menção de um traidor em seu círculo **turvou** o **espírito** de **Jesus** (cf. 11:33;12:27). É esta a última vez que semelhante desordem interior é mencionada neste Evangelho, sugerindo que a deserção de um discípulo íntimo de Jesus antecipava a agonia da cruz. Embora a traição fosse um assunto de relevância maior (**Em verdade, em verdade**), que o grupo precisava conhecer antecipadamente (cf. v. 19), Jesus preferiu esconder a identidade do réu (**um de vós**), desse modo protegendo-o da fúria de seus companheiros, mantendo a possibilidade de uma mudança e confrontando cada um dos presentes com a necessidade do auto-exame (cf. Mar. 14:19), onde todos os discípulos começam a perguntar: "Sou eu?").

Confusos diante deste anúncio, os discípulos fizeram sinal, através de **Simão Pedro**, para **aquele a quem Jesus amava**, a fim de que perguntasse por eles **quem** era aquele **de quem** falava. Nesta primeira referência explícita ao "discípulo amado" (cf. sobre 11:3) não fica claro se era considerado um dos doze ou não. Assentado à direita de Jesus à mesa, sua cabeça se recostava **ao peito de Jesus** (cf. 1:18), quando se reclinavam para a

esquerda, durante a refeição, facilitando, assim, uma consulta em voz sussurrante. À pergunta de Pedro (**Quem é?**), ele disse: **É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado**. Na prática social daquela época, isto era o símbolo de um favor especial o hospedeiro molhar o pão na compota e servir pessoalmente ao convidado.

Sugere isso que a identificação de **Judas** desta maneira teve um caráter mais particular do que público. Para Jesus, este gesto simples representava o último apelo de amor àquele que beirava a perdição (cf. 17:12). Para **Judas** pode ter parecido como um convite final à aceitação da estratégia do amor sofredor que Jesus propunha, uma oferta recusada quando permitiu que **Satanás** entrasse **nele**. Para os discípulos, entretanto, pode ter sido apenas um gesto de previdência por parte de Jesus, ao despachar Judas para uma rápida missão, uma vez que **tinha a bolsa** contendo os recursos do grupo (cf. 12:6). Parece que **nenhum ... da mesa** (exceto o discípulo amado) percebeu que Jesus se utilizara de um terno gesto de afeição para designar seu traidor. Isto explicaria seu fracasso em conter Judas quando este empreendia seu sinistro negócio.

Quando Judas **saiu**, a porta que se abriu revelou que a **noite** caíra. As trevas eram um lugar próprio para abrigar Judas na realização de seus negros desígnios (3:19). Dentro, porém, partido o traidor, podia Jesus **agora** compartilhar com seus discípulos a glória do Filho do Homem (v. 31). Assim, o cenário estava montado para o ato final, no drama da luz que "resplandece nas trevas" (cf. 1:5a). O discurso final (13:31-16:33), a ter início, explicará como "as trevas prevaleceram contra ela" (cf. 1:5b; 16:33).

2. A Partida e a Volta de Jesus (13:31-14:31)

O primeiro conjunto a se desenvolver no discurso final tem como marco a partida do emissário do diabo, Judas, em 13:30, e a chegada do próprio príncipe satânico, em 14:30,31. Entre esses pontos, Jesus contrapôs este desenvolvimento sinistro, ao discutir, com os discípulos, sobre sua partida para o Pai e sua volta, para morar com eles. Este tema é dominante de 13:31 a 14:31, com os verbos "ir" e "vir" (**akolouthēo**, **erchomai**, **poreuomai**, **hupagō**), sendo usado pelo menos 20 vezes num sentido mais espiritual do que espacial.

A estrutura interna desta coleção de sentenças se erige em torno de perguntas de quatro discípulos identificados (Pedro, Tomé, Filipe, Judas), as quais se distribuem pela seção, para levar o diálogo adiante (13:36;14:5,8,22). Tomadas conjuntamente, estas perguntas não só refletem a preocupação dos seguidores de Jesus nos momentos que antecederam sua morte como também os atribulados problemas da igreja apostólica ao tempo da produção deste Evangelho. A questão básica era: Onde está Jesus? Como seus seguidores se relacionam com ele agora e entre si? A resposta básica, aqui desenvolvida, foi: O Jesus ressurrecto se relaciona com os crentes na terra do mesmo modo como o Pai se relacionava com ele na terra. A intimidade do homem Jesus com o seu invisível Pai celestial transformou-se no modelo do vínculo agora existente entre a Igreja e seu assunto Senhor (14:20). Do mesmo modo a presença do Espírito concedido pelo Pai a Jesus (1:32,33;3:34) outra coisa não era senão a presença do próprio Pai com ele (5:19,20;10:30,38), a presença do Paracleto concedido por Jesus à Igreja (14:16,17,25,26) também deve ser entendida como a presença do Senhor com ela (14:3,18,23).

O tema dos corações turbados, no começo (14:1) e no fim (14:27) desta seção, sugere que seu propósito fundamental era dar segurança à comunidade, que estava temerosa porque perdera, diante da inexorável marcha do tempo, seus laços com a geração cristã original.

Quando a morte desatava os últimos elos com aqueles que tinham testemunhado a encarnação, recordava-se, a igreja de então, que Jesus prometera, aos seus seguidores, uma situação melhor depois de sua partida, e não antes (14:28,29).

Observe-se as vantagens da era pós-ressurreição descritas nesta seção: (1) o apoio de uma comunidade de amor (13:34,35); (2) a preparação de um lugar na casa do Pai (14:2,3); (3) o conhecimento do caminho da salvação (14:4-6); (4) o poder para efetuar obras maiores do que as de Jesus (14:12); (5) o privilégio da oração intercessória (14:13,14); (6) a ajuda do Paracleto ou Espírito da verdade (14:16,17,25,26); (7) o retorno pessoal de Jesus e seu Pai para fazerem morada em seus amados (14:18-23); e (8) a provisão de uma paz que o mundo não conhece (14:27).

Evidentemente, o Quarto Evangelho não minimizou a primeira vinda de Jesus no centro da história (1:14;6:53-58) e nem sua vinda final no término da história (5:28,29;6:39,40,44,54;12:48), embora dê igual ênfase à sua vinda espiritual durante o ínterim entre as duas. O tipo de material apocalíptico contido no grande discurso escatológico que neste ponto acontece nos Sinópticos (Mat. 24-25; Mar. 13; Luc. 21) não se escontra aqui, talvez devido ao mal-entendido, por parte dos cristãos antigos, de que o fim do mundo aconteceria em sua geração (cf. Mat. 24:29,34; Mar. 13:29,30; Luc. 21:31,32).

Em vez disso, na teologia da existência cristã desenvolvida em João 13 a 17 e, especialmente, em 13:31 a 14:31, temos a mais ousada reinterpretação da relação entre o tempo e a eternidade, que não se encontra em qualquer outro lugar do Novo Testamento. Agora, que o Redentor escatológico penetrara no processo histórico, os dois reinos não mais se relacionavam espacialmente, como no pensamento grego (o mundo superior e o mundo inferior), ou temporalmente, como no pensamento hebraico (a era presente e a era futura), mas paradoxalmente, isto é, pela fé vive-se onde os dois mundos se interpenetram e as duas eras se sobrepõem.

1) A Discussão com Pedro (13:31-38)

31 Tendo ele, pois, saído, disse Jesus: Agora é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado nele; 32 se Deus é glorificado nele, também Deus o glorificará em si mesmo, e logo o há de glorificar. 33 Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco. Procurar-me-eis; e como eu disse aos judeus, também a vós o digo agora: Para onde eu vou, não podeis vós ir. 34 Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei a vós, que também vós vos ameis uns aos outros. 35 Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros. 36 Perguntou-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais? Respondeu Jesus: Para onde eu vou, não podes agora seguir-me; mais tarde, porém, me seguirás; 37 Disse-lhe Pedro: Por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a minha vida. 38 Respondeu Jesus: Darás a tua vida por mim? Em verdade, em verdade te digo: Não cantará o galo até que me tenhas negado três vezes.

Uma vez que Judas **saíra**, dentre os discípulos, para o tempo final (cf. I João 2:18,19), esses eventos eram **agora** colocados em movimento, para que Jesus pudesse ser **glorificado** como o **Filho do homem** (17:1). Como Jesus não buscava glória para si, **Deus** também seria glorificado pelo amor obediente de Jesus, demonstrado na cruz, como o fora em todo o ministério dele, que chegava agora ao seu clímax. Observe-se que o próprio Deus dava a glória que recebia em troca; isto é, a obra de Jesus era um ato divino desde o início até o fim. Tudo o que um homem pode fazer para acentuar a "reputação" ou o "prestígio" de Deus na terra é deixar Deus ser Deus em sua vida como Jesus o fez na sua. [33]

Observe-se também que esta glorificação de Jesus era uma coisa do passado

33 Sobre o significado de "glória", veja A. M. Ramsey, **The Glory of God and the Transfiguration of Christ** (London: Longmans, Green and Co., 1949), e sobre o seu emprego em João 13 a 17, veja as p. 69-81.

(**é glorificado**) e do futuro (**glorificará**), que quer dizer que o compromisso para sofrer já fora efetuado, mas ainda será levado avante. Deus não é honrado por uma decisão momentânea, que não conduza a gestos de coragem, ou por atos impulsivos, desligados de decisões profundas e permanentes, mas, sim, por sua vida coerente, em que a palavra e o ato, o interior e o exterior, o passado e o futuro são uma coisa só.

Como sua glorificação na morte ocorreria imediatamente adiante (**logo**), Jesus estaria **com** seus **filhinhos** (cf. o grego **orfanos**, em 14:18) **ainda por um pouco** (cf. 16:16-24) e, então, **iria** para onde não poderiam por enquanto ir (contraste-se com 7:33-36, onde aos judeus não é dada qualquer esperança de outra volta). Neste ínterim, para preencher o vazio, criado por sua ausência física, os discípulos foram concitados a amarem **uns aos outros**, como ele os **amara** (cf. 13:1). Este **mandamento** era **novo** e transformava o amor na realidade ética central da vida e o definia a partir do exemplo histórico de Jesus. O israelita era convidado, pelo Velho Testamento, a amar o seu próximo como a si mesmo (Lev. 19:18), enquanto o discípulo devia se igualar àquele que amara seu próximo mais do que a si mesmo (cf. 15:13).

Obviamente, um amor baseado na revelação única, concedida em Jesus, não precisa de mais nada; mesmo limitado aos **discípulos**, este amor era visto como um testemunho a **todos os homens**. Como Jesus estava de partida, seus seguidores não precisavam mais ser identificados pela proximidade da presença física dele, mas pela sua perpetuação da forma de amor dele na vida de uma comunidade visível.

A prova de que a moralidade cristã deve se fundamentar no exemplo de Jesus, e não nos impulsos interiores ou mesmo nas sinceras convicções dos discípulos, foi logo propiciada por **Simão Pedro**. Mesmo depois de Jesus ter declarado explicitamente que eles não iriam aonde ele ia, mas que deviam amar como ele amou, Pedro procurou fugir a esta responsabilidade, perguntando o que Jesus iria fazer (cf. 21:18-22). Quando soube que não podia **seguir** Jesus **agora** (isto é, Jesus não podia compartilhar sua cruz), mas haveria muitas oportunidades para **seguir** a Jesus **mais tarde** (isto é, novas possibilidades para o discipulado surgiram após sua morte), Pedro ignorou esta promessa de um futuro brilhante e, em sua impaciência de realizar tudo **agora**, ofereceu **dar** a sua própria **vida** por Jesus.

Como resposta, Jesus desafiou a corajosa declaração de Pedro, garantindo-lhe solenemente que o **galo não** cantaria até que ele o **negasse** pelo menos **três vezes**. O "cantar do galo" era o nome dado à terceira vigília da noite (12h às 3h da madrugada). Jesus predisse, então, que a lealdade de Pedro não duraria até a manhã seguinte! Não há razão para se duvidar das boas intenções de Pedro; só que eram inadequadas para a provação que Jesus enfrentava. O dramático contraste, nas duas partes desta passagem, entre o "Eu vos amei" de Jesus e o "Por ti darei a minha vida" de Pedro realça a verdade de que o discipulado não pode se basear no como damos a vida por ele, mas no como dá ele sua vida por nós.

2) A Discussão com Tomé (14:1-7)

1 Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. 2 Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. 3 E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos tomarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também. 4 E para onde eu vou vós conheceis o caminho. 5 Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho? 6 Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim. 7 Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis, e o tendes visto.

Havia muitos motivos para os **corações** dos discípulos estarem turbados: um

deles traíra Jesus (13:10,11,18,21); outro o negaria três vezes (13:38); mais perturbadoramente ainda, Jesus estava indo para onde ninguém poderia segui-lo (13:33,36). Como um antídoto para o desespero, Jesus os convidou para **crerem em Deus** e **nele** mesmo. Pela fé, seu mundo, que parecia tão vazio sem ele, se tornaria, em vez de uma casa mal-assombrada, um lar espiritual, com **muitas moradas**, que incluíam um **lugar** preparado para eles quando da "partida" (isto é, morte e ressurreição) de Jesus.

A Versão do Rei Tiago (KJV), nesta passagem, traduz **moradas** como "mansões". Este termo foi tomado por Tyndale diretamente do latim **mansiones**, que significa, como o grego **monai**, "residência, morada, habitação, acampamento de descanso ou estância". A ênfase na palavra original estava num lugar de permanência e não na espetacularidade do local. [34]

Duas possíveis circunstâncias devem ter levado Jesus a descrever suas futuras relações com os discípulos como de uma vida em comum numa **casa** de **muitas moradas**. Primeiro, estas palavras foram proferidas próximas à sombra do Templo, geralmente chamado de **casa do Pai** (cf. 2:16). Fora do santuário (grego, naos) propriamente dito havia muitos abrigos, onde os cansados peregrinos podiam descansar. Jesus pode ter-se aludido a esta situação familiar quando ensinou que prepararia **um lugar** (grego, **topos**, um termo comum para o Templo, como em 11:48), isto é, por sua morte e ressurreição, ele se tornaria o verdadeiro templo espiritual (2:19-21), enchendo o universo com a presença de Deus (4:21-24; cf. Is. 66:1), não deixando sequer um canto vazio e nenhum aposento desocupado. Isto devia ser relevante para os judeus depois do ano 70 A.D., quando foram obrigados a deixar Jerusalém com seu Templo físico destruído; eles podiam agora aprender que o "corpo" de Cristo (2:21) — isto é, a Igreja — era como um santuário, onde se podia encontrar, ao mesmo tempo, a realidade de Deus e um lugar de descanso para o peregrino.

Uma segunda linha de comparação é sugerida pelo relato dos Sinópticos, de como Jesus, no dia anterior, enviou dois de seus discípulos adiante, para "prepararem" um "aposento" especial, onde pudessem comer a Páscoa (Mar. 14: 12-16). Eles não sabiam o caminho, mas seguiram um homem, que os levou a "um grande cenáculo", onde tudo estava "preparado". Este acontecimento pode ter sido utilizado como uma analogia, em que o relacionamento dos discípulos com Jesus, depois de sua partida, se assemelharia à íntima comunhão que experimentaram então com ele num lugar preparado de uma casa com muitos aposentos.

Tem sido uma tradição interpretar os versos 1-3 como uma promessa de que, na sua morte ou em seu segundo advento, Cristo viria **outra vez** e **tomaria** os crentes para estarem com ele nos céus. Especialmente na tradução King James (KJV), que usa "mansões", a passagem tem oferecido grande conforto e esperança como um texto funeral favorito. Uma série de considerações sugere, no entanto, que esta passagem deve referir-se basicamente, a uma vinda do Cristo ressuscitado ao crente durante esta vida terrena, para fortalecer e reanimar seu atribulado coração:

(1) A preocupação central dos discípulos no contexto maior não é saber aonde irão após a morte, mas se ficarão sozinhos na terra depois da partida de Jesus para o Pai (13:33,36,37). (2) A resposta de Jesus é que os discípulos não seriam abandonados, mas que ele e o Pai viriam habitar com eles na presença do Paracleto (14:16,17,18,21,23,28). (3) A palavra-chave **moradas** (grego, **monai**), no verso 2, encontra-se novamente em o Novo Testamento apenas no verso 23, onde é traduzida por "lar". E lá a

34 Para detalhes sobre o significado e a interpretação de **monai** nesta passagem, ver Smith, p. 118-122.

referência é a forma como os crentes devem aprender a viver "em casa", neste mundo, depois da encarnação, porque o Cristo exaltado e seu Pai **virão outra vez**, para habitar com eles numa comunhão espiritual.

Se esta é a direção principal do texto, seu ensino serve não para enfraquecer, mas para fortalecer a esperança cristã pelos céus. Nossas experiências com Cristo, durante a peregrinação terrena, oferecem evidências de que ele venceu a morte, o que nos garante que nele podemos um dia fazer o mesmo. João 14 promete não apenas que um dia iremos para o céu (para o que, vejam-se passagens como 17:24), mas que Jesus já trouxe o céu para nós. Talvez o melhor comentário sobre **onde eu estiver estejais vós também** venha da Grande Comissão: "E eis que estarei convosco todos os dias até a consumação dos séculos" (Mat. 28:20).

Até este ponto, o destino da caminhada de Jesus não pudera ser identificado (13:33,36; 14:2,3). Agora, porém, ele disse aos discípulos que eles sabiam **o caminho para onde** ia, isto é, eles conheciam a estrada, mas não para onde ela levava. De imediato, **Tomé** objetou que um conhecimento do destino era necessário para que se **conhecesse o caminho**. A isto, Jesus replicou que ele mesmo era **o caminho** verdadeiro e vivo, e isto era tudo quanto necessitavam saber. Em outras palavras, eles começaram a seguir na direção certa (13:36) antes de verem o destino final. Bem ao contrário dos apocalípticos ou dos gnósticos, o crente não precisava de algum conhecimento esotérico especial do além para seguir agora no caminho da salvação. Embora, como os outros, deva viver num mundo de pecado e trevas, não há razão para ele duvidar da realidade de um mundo melhor, só por não ter sido ainda alcançado.

Duas razões são apresentadas aos discípulos, sobre a suficiência de seguir-se a Jesus como **o caminho**. Primeira, ele é o único caminho pelo qual se pode **ir ao Pai**. Apesar de os discípulos não terem alcançado seu destino final, podiam estar certos de que Deus esperava por eles ao fim de sua peregrinação. Segunda, conhecer Jesus significava conhecer o **Pai também**, inseparáveis que eram (cf. 10:30). Num certo sentido, o fim fora antecipado do início, quando Deus permitiu ser **visto** na vida terrena de seu Filho.

3) A Discussão com Filipe (14:8-14)

8 Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta. 9 Respondeu-lhe Jesus: Há tanto tempo que estou convosco, e ainda não me conheces, Filipe? Quem me viu a mim, viu o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? 10 Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é quem faz as suas obras. 11 Crede-me que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras. 12 Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que crê em mim, esse também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas; porque eu vou para o Pai; 13 e tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. 14 Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu a farei.

Apesar das explicações oferecidas por Jesus, nos versos 1 a 7, os discípulos continuaram confusos. Jesus se apresentava como "o caminho", embora seu itinerário conduzisse diretamente a uma cruz; como "a verdade", embora não conseguisse convencer nenhum dos líderes religiosos a adotar sua causa; como "a vida", embora fosse morrer em menos de 24 horas!

Filipe serviu de porta-voz ao desejo dos discípulos, por uma evidência menos ambígua no que crer (cf. v. 8): **Senhor, mostra-nos o Pai, e isto nos basta.** Novamente Jesus explicou que a fé cristã não descansa sobre epifanias espetaculares, como as anunciadas por outras religiões, pois Deus não viera em deslumbrante esplendor, mas em carne humana: **Quem me viu a mim, viu o Pai** (cf.

I João 1:1). Isto não quer dizer que o Deus eterno se limitou à breve vida terrena de Jesus, mas que escolheu estar presente aqui de modo singular.

Tão completa era a mútua habitação do Pai e do Filho que as **palavras** e **obras** de Jesus eram também as palavras e obras de Deus. Filipe encontraria a resposta a seu pedido crendo no que Jesus disse: **Eu estou no Pai, e o Pai... está em mim**. Se esta última afirmação parecia difícil de aceitar, ele devia começar a crer nele **por causa** das **obras**, que até mesmo os judeus reconheceram que "ninguém pode fazer... se Deus não estiver com ele" (3:2). Na verdade a fé fundada em milagres não é tão madura quanto a fé pessoal, sendo melhor crer de forma superficial do que não crer de modo algum (cf. a respeito 2:23-25; 5:36). Pelo menos, as obras eram sinais, que apontavam para realidades maiores do que **eles**. Embora seja melhor ter a realidade do que o sinal, é também melhor ter o sinal do que estar perdido!

Se os discípulos, **na verdade**, cressem **em** Jesus, em vez de ficarem presos às suas declarações, fariam **também** as **obras** que ele fez. De fato, como sua partida **para o Pai**, pela morte e ressurreição, anunciava uma era de plenitude, nessa nova era os discípulos deveriam realizar **obras maiores do que estas**. Como as obras visavam produzir fé, esta promessa cumpriu-se de modo transbordante pela missão cristã aos gentios, que resultou em mais crentes do que os obtidos por Jesus na terra. Se os leitores deste Evangelho se desencorajassem por terem visto a partida do Jesus terreno, sem verem seu retorno em glória, deviam compreender que a expansão do movimento cristão, com a conversão dos homens, era uma obra mais poderosa do que algum desfecho espetacular na história que excluísse essa possibilidade para sempre.

Diante da perfeita unidade de Deus e Jesus (v. 9-11), este era um objeto não só de fé (v. 12), mas também de oração (v. 13). Uma vez que chegara sua obra de redenção ao fim, exaltado que foi ao Pai, ele faria pelos seus **tudo** o que estes pedissem em seu **nome**, isto é, coerente com sua natureza revelada por sua vida terrena (cf. 16:23,24). Tudo que Jesus fez na carne tinha **glorificado o Pai** (cf. 13: 31,32). Agora podia ajudar os seguidores a continuarem esta missão através do poder da oração respondida.

4) A Discussão com Judas (14:15-24)

15 Se me amardes, guardareis os meus mandamentos. 16 E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, 17 a saber, o Espírito da verdade, o qual o mundo não pode receber; porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque ele habita convosco, e estará em vós. 18 Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós. 19 Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais; mas vós me vereis, porque eu vivo, e vós vivereis. 20 Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós. 21 Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele. 22 Perguntou-lhe Judas (não Iscariotes): O que houve, Senhor, que te hás de manifestar a nós, e não ao mundo? 23 Respondeu-lhe Jesus: Se alguém me amar, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos a ele, e faremos nele morada. 24 Quem não me ama, não guarda as minhas palavras; ora, a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai que me enviou.

As grandes promessas dos versos 12 a 14 não foram feitas incondicionalmente. **Se me amardes** (cf. v. 21) controla todo o contexto em que Cristo oferece auxílio àquele que guarda os seus **mandamentos** (cf. 13:34). Não somente deviam orar a ele (v. 13 e 14), mas ele mesmo rogaria **ao Pai**, que daria aos discípulos **outro Consolador** (grego, **Paraklētos**). No limitado período em que com eles estivera, Jesus fora sua fonte de força, mas agora teriam um confortador, defensor e instrutor, que estaria **com** eles **para sempre**. Na verdade, **o mundo** não podia receber o Paracleto, **porque não o vê nem o conhece**, mas isto não representava qual-

quer problema, já que o próprio Jesus não fora melhor tratado. Ele também não fora recebido (1:11;3:11,32;5:43; 12:48) por um mundo que "não o conhecia" (1:10,26;8:14,19) e não viu o Pai operando em sua vida (6:36). Mesmo os discípulos acharam difícil conhecer e ver Jesus corretamente (v. 8 e 9), mas eles conheciam o Paracleto verdadeiramente, porque ele **habita** (permanece) **convosco, e estará em vós.**

Do mesmo modo que anunciou a vinda de **outro Consolador**, Jesus garantiu aos discípulos: **Voltarei a vós** (como no v. 3). Isto significa que o Paracleto não seria uma presença diferente da de Jesus, e, sim, a mesma realidade que eles tinham conhecido durante a vida encarnada dele. Seus "filhinhos" (13:33) não ficariam **órfãos** (grego, **orphanos**) ou desolados, quando, daí a **pouco**, desaparecesse na morte, porque **naquele** novo **dia**, posterior à sua ressurreição, conheceriam o que fizera para **viver** novamente **no Pai.** Mas eles **viveriam também**, por causa de uma residência mútua, de três formas, que agora incluía os discípulos na espécie de relacionamento que Jesus compartilhara com o Pai durante seus dias na terra (cf. I Cor. 3:23).

Nesta seção, os discípulos expressaram repetidamente seus desejos por uma revelação clara destas realidades escatológicas, a que a vida de Jesus estava conduzindo (cf. as perguntas em 13:36 e 14:5,8). Jesus agora tornava claro que ele se **manifestaria** não através de eventos cataclísmicos, mas na realidade do amor recíproco. Pensando ainda em termos de uma epifania cósmica, **Judas (não o Iscariotes)** indagou como uma manifestação assim portentosa não seria percebida pelo **mundo**. Em torno da promessa nos versos 2 e 3, **Jesus respondeu** que ele e seu **Pai** viriam em amor para aquele que o amasse e guardasse a sua **palavra** (13:34). Note-se que no verso 3 o crente é recebido numa morada preparada por Cristo na casa de seu Pai, ao passo que aqui Cristo e o Pai ocupam uma morada no coração humano que os discípulos prepararam pelo amor.

Nesta passagem, temos, uma das respostas mais profundas do Novo Testamento à protelação da **Parousia**. Antes do fim dos tempos, Cristo já **viera** à Igreja no ínterim posterior à sua ressurreição. Sua presença não era algum substituto inferior para o esplendor apocalíptico sonhado pelos discípulos. Ao contrário, aprenderam, aqui, que, até que fosse visto na glória celestial (17:24), Cristo poderia ser visto, na terra, nos atos de amor daqueles homens que **guardam** sua **palavra**, do mesmo modo como vivia também pelo amor na obediência à palavra do seu Pai (14:31). Era tão difícil, para a igreja apostólica quanto é para nós, compreender que o amor é uma verdadeira realidade maior e que quando os homens amam uns aos outros, revelam o poder maior, que transformará o universo.

5) Síntese: O Legado de Jesus (14:25-31)

25 Estas coisas vos tenho falado, estando ainda convosco. 26 Mas o Consolador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto eu vos tenho dito. 27 Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; eu não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize. 28 Ouvistes que eu vos disse: Vou, e voltarei a vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai; porque o Pai é maior do que eu. 29 Eu vo-lo disse agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais. 30 Já não falarei muito convosco, porque vem o príncipe deste mundo, e ele nada tem em mim; 31 mas, assim como o Pai me ordenou, assim mesmo faço, para que o mundo saiba que eu amo o Pai. Levantai-vos, vamo-nos daqui.

Ao esta seção, que contém o discurso de despedida, chegar ao fim, Jesus é apresentado como um homem que satisfaz uma vontade **enquanto** está com os seus queridos. Primeiro, promete que o Pai, que o enviara, também **enviaria** o Paracleto em seu **nome** (cf. v. 16 e 17) —

isto é, como seu representante, sob sua autoridade, com seu espírito. Assim, embora seus seguidores precisassem ajustar-se e uma forma não-física de sua presença, não necessitavam transferir suas lealdades a um novo líder, pois o Paracleto os levaria a **lembrar de tudo** quanto Jesus lhes tinha **dito** (cf. a respeito 16:12-15). Sob a tutela do Espírito Santo, a Igreja experimentaria a liberdade de crescer em sua compreensão de Jesus, sem abandonar a verdade revelada unicamente por sua vida. O Quarto Evangelho é uma bela ilustração do cumprimento desta promessa, já que reflete a fusão criativa entre a memória histórica e a visão espiritual.

Outro legado de Jesus, de grande valor, foi **a paz** que **deixava com** eles. Seu equilíbrio, em meio aos eventos turbulentos da paixão, talvez seja o quadro mais memorável deste registro (cf. 16:33). O **mundo** ansiava pela paz de Roma (**Pax Romana**), mas Jesus não legava uma trégua inquieta, obtida com poder e mantida pelo medo. Antes, sua paz tranqüilizava e assegurava, aos **corações turbados**, que **partia** de uma morte de amor obediente, mas que **voltava** na vitória de sua ressurreição. Longe de se atemorizarem, deviam se alegrar por sua ida **para o Pai**, pois **o Pai**, fonte última de tudo quanto fizera por eles, é **maior do que** Jesus.

O tempo da conversa chegara ao fim, pelo que Jesus volveu suas atenções para o **príncipe deste mundo**, que **vinha** para desafiá-lo. **Ele nada** (isto é, nenhum poder) **tem em si**, pois os acontecimentos logo mostrariam um Jesus completamente desamparado. Ele, porém, sabia que, se fizesse o que o **Pai** lhe ordenara, **o mundo** conheceria uma espécie de amor para com **o Pai** que o mal nunca poderia vencer. Fixando-se neste supremo conflito, Jesus, em palavras que recordam o Getsêmane, levou os discípulos a compartilharem de sua disposição: **Levantai-vos, vamo-nos daqui** (cf. Mar. 14:41,42). Como os capítulos 15 a 17 mostram que Jesus ainda não estava para partir literalmente, sua declaração deve ter concitado os discípulos a uma preparação interior, que prolepticamente antecipava a provação que logo enfrentariam no jardim.

3. A Responsabilidade dos Discípulos (15:1-16:33)

Descrevia Jesus, agora, em 15:1-16:33, a natureza do discipulado durante a era subseqüente à sua partida e volta. As muitas referências entre os capítulos 13 e 14 e 15 e 16 sugerem que estes dois conjuntos devem ter servido originariamente como formas alternativas de um discurso de despedida, embora, nesta forma, os últimos capítulos claramente pressupõem os primeiros (capítulos 13 e 14), sobre os quais elaboram. Apesar da ruptura abrupta e, 14:31, o material de João 13 a 16 permanece uma seqüência teológica convincente, tornando inúteis quaisquer arranjos até agora propostos para garantir sua ordem.

O tema central em 15:1 a 16:33 é a Igreja no mundo após a partida e volta de seu Fundador. Esta nova situação é vista a partir de duas perspectivas. Primeira, a vida interior da comunidade cristã é descrita em comunhão com o Senhor ressuscitado e o Paracleto (15:1-17;16:12-15). Segunda, com a ajúda de sua presença divina residente, os discípulos são apresentados num conflito vitorioso contra o mundo hostil (15:18-16:11). Depois de enorme monólogo, o mais longo do Evangelho, a seção termina com um diálogo dramático (16:16-33), que recapitula o argumento de todo o discurso de despedida dos capítulos 13 a 16.

Uma preocupação maior em 15:1-16:33 é provar o que é um discípulo verdadeiro (15:8). De modo positivo, o cristianismo autêntico é demonstrado pelo amor uns aos outros (15:9,10,12, 13,17) e, negativamente, em suportar o ódio do mundo (15:18-20; 16:2,3). Ademais, alguém é cortado (15:2) e lançado fora (15:6) a partir de dentro ou então

afastado devido às pressões de fora (16:1). Esta ênfase sempre presente sugere que esta seção era de particular relevância para a espécie de igreja descrita em I João, que estava sendo testada (2:26;4:1) pelas mesmas forças demoníacas enfrentadas por Jesus na cruz (2:18;4:3). A partir deste escrito análogo, I João, sabemos que havia aqueles que não amavam os irmãos (2:9, 11;3:10,15;4:8,20), mas amavam o mundo, em seu lugar (2:15;4:5). Alguns até "tropeçaram" (2:10) e "saíram" da comunidade (2:19), para andarem nas trevas (1:6;2:11), culpados de pecado mortal (5:16). Alguém tem visto, nas entrelinhas desta epístola joanina, a luta da Igreja (efésia?) para ser fiel ao legado do cenáculo.

1) Os Frutos da Permanência em Amor (15:1-17)

1 Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o viticultor. 2 Toda vara em mim que não dá fruto, ele a corta; e toda vara que dá fruto ele a limpa, para que dê mais fruto. 3 Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado. 4 Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. 5 Eu sou a videira; vós sois as varas. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. 6 Quem não permanece em mim, é lançado fora, como a vara, e seca; tais varas são recolhidas, lançadas no fogo e queimadas. 7 Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permaneceram em vós, pedi o que quiserdes, e vos será feito. 8 Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos. 9 Como o Pai me amou, assim também eu vos amei; permanecei no meu amor. 10 Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor. 11 Estas coisas vos tenho dito, para que o meu gozo permaneça em vós, e vosso gozo seja completo. 12 O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. 13 Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. 14 Vós sois meus amigos se fizerdes o que eu vos mando. 15 Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos dei a conhecer. 16 Vós não me escolhestes a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos designei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda. 17 Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros.

No Velho Testamento, usava-se muito o termo "videira" como uma designação para Israel (Is. 5:1; Jer. 2:21a; Os. 10:1;Ez. 15:1-5;19:10,11;Sal. 80:8-11). Desse modo, ao se apresentar como a **videira verdadeira**, Jesus se apresentava como constituindo o verdadeiro Israel. Como seu **Pai** se assemelhava ao **viticultor**, o uso da autodesignação divina, **Eu sou** (**egō eimi**), sugeria, de modo claro, sua identidade e sua subordinação ao Deus de Israel. O propósito fundamental da analogia da vara da videira era descrever um relacionamento permanente entre Cristo e o crente, semelhante ao firmado entre Israel e Yahveh, para que desse **muito fruto** (cf. Is. 5:2; Os. 10:1).

O aviso de que **toda vara em mim** (isto é, qualquer discípulo) **que não dá fruto** será cortada e lançada **fora** para ser **queimada no fogo** é uma reminiscência do Velho Testamento, em que todas as principais passagens sobre videiras acabam numa nota de juízo dessa natureza (cf. Is. 5:5-7; Jer. 2:21b; Os. 10:2; Ez. 15:6-8;19:12-14; Sal. 80:12-16). Relembra também a rejeição, por parte de Jesus, da figueira, por ostentar folhagem sem fruto (Mar. 11:12-14; cf. Mat. 21:18-22; Luc. 13:6-9). Alude, ainda mais diretamente, à separação daqueles que bebiam indignamente do "fruto da videira" (cf. Didaquê, 9:2) e também à Ceia do Senhor (Mar. 14:18,19) e às refeições eucarísticas da igreja primitiva (I Cor. 11:27-32). No contexto histórico deste Evangelho, a referência deve se dirigir basicamente à Judas (cf. 13:2, 18,21-30 e compare, especialmente,

13:10,11 com 15:3), enquanto, para os leitores futuros, deve identificar aqueles que tinham deixado a igreja porque "não eram dos nossos" (como I João 2:19).

O desenvolvimento do conceito de "permanência", para descrever o relacionamento entre a **videira** e suas **varas** (**meno**, permanecer, é usado 10 vezes nos v. 4-10), esclarece, de modo significativo, do misticismo cristão. Note-se as seguintes características especiais: (1) Em vez de ser absorcionista, a identidade dos dois é preservada — "permanecei em **mim** e eu ... em vós". (2) O conteúdo do relacionamento não é o êxtase, mas o amor — **permanecei em mim** significa permanecei **no meu amor**. (3) Esta ligação entre as duas partes não é um fim em si mesmo, pois seu propósito é **dar fruto** (**karpos**, fruto, aparece seis vezes nos versos 2-8, duàs vezes mais no verso 16; cf. Mat. 3:8-10;7:16-20; Rom. 7:4; Gál. 5:22). (4) O elo entre Cristo e o crente não é mantido pela imediatez de uma experiência emocional, mas pela permanência de suas **palavras**, concedidas na história e mediadas através da vida de uma comunidade humana. (5) Finalmente, todo o relacionamento permanece sob juízo (v. 6) e graça (v. 3), equilibrando, assim, responsabilidade e privilégio (v. 7). De um lado, há **mandamentos** a **guardar**, e, de outro, **gozo**, que pode ser **completo** (cf. 16:24;17:13).

O único **mandamento** que tinha sua fonte e seu modelo em Jesus, era que amassem **uns aos outros** como ele os amara (cf. 13:34). Este amor se assemelha àquele demonstrado por alguém que, em auto-sacrifício, voluntariamente deu **a sua vida pelos seus amigos** (cf. 10:11, 15,17,18). Em 13:16, Jesus se refere aos discípulos como **servos** e, como geralmente acontece com tais pessoas, eles não sabiam **o que faz o seu senhor** (cf. 13:36;14:5,8,22). Agora, no entanto, fez-lhes **conhecer tudo o que** ouvira do **Pai** (cf. 13:19;14:4,6,7,9,10) e os chamou de **amigos**. Nada há de exclusivo, no entanto, neste círculo de amigos. Por um lado, eles não tinham escolhido um ao outro (isto é, o crente não é livre para escolher seus próprios amigos espirituais), mas foram escolhidos por Jesus. Por outro, deviam ir e **dar fruto**, conquistando outros, e este novo **fruto** devia permanecer (isto é, a permanência mútua do discípulo e do Senhor devia ser levada a todos que fossem conquistados através do **amor**, que, segundo o mandamento que receberam, deviam nutrir **uns** pelos **outros**). A Igreja deveria ser exclusiva, em sua lealdade a Cristo, e não exclusivista, no alcance de outros.

2) Os Odiados do Mundo (15:18-16:4a)

18 Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro do que a vôs, me odiou a mim. 19 Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos odeia. 20 Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: Não é o servo maior do que o seu senhor. Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós; se guardaram a minha palavra, guardarão também a vossa. 21 Mas tudo isto vos farão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou. 22 Se eu não viera e não lhes falara, não teriam pecado; agora, porém, não têm desculpa do seu pecado. 23 Aquele que me odeia a mim, odeia também a meu Pai. 24 Se eu entre eles não tivesse feito tais obras, quais nenhum outro fez, não teriam pecado; mas agora, não somente viram, mas também odiaram tanto a mim como a meu Pai. 25 Mas isto é para que se cumpra a palavra que está escrita na sua lei: Odiaram-me sem causa. 26 Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que do Pai procede, esse dará testemunho de mim; 27 e também vós dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio.

1 Tenho-vos dito estas coisas para que não vos escandalizeis. 2 Expulsar-vos-ão das sinagogas; ainda mais, vem a hora em que qualquer que vos matar julgará prestar um serviço a Deus. 3 E isto vos farão, porque não conheceram ao Pai nem a mim. 4 Mas tenho-vos dito estas coisas, a fim de que, quando chegar aquela hora, vos lembreis de que eu vo-las tinha dito.

Por todo o discurso de despedida o objetivo básico era definir o modo como

os discípulos, após a partida de Jesus, deviam reproduzir, em sua vida comunitária, e então ampliar, através da história, estas realidades centrais da vida terrena de seu Senhor. Depois de reunir seus seguidores no círculo de amor que compartilhava com o Pai (15:1-7), Jesus agora os convida a entrar na arena da luta que travariam com o mundo. Ironicamente, receberiam o privilégio de se identificarem com Jesus não somente por darem muito fruto, mas também por terem que enfrentar muita perseguição (esta deve ter sido antecipada pela referência à podadura, em 15:2).

O tipo de perseguição para que os discípulos estavam sendo preparados primeiro ocorreu no ministério de Jesus. Como **enviado** pelo Deus a quem o mundo **não conhecia**, ele **viera** não para falar aos homens desejosos de ouvir, nem para ser um porta-voz da tradição religiosa vigente e nem mesmo para chamar a atenção para si mesmo, mas para assentar a totalidade do direito divino sobre a humanidade. Significa isto que ele foi rejeitado como um intruso, a quem o **mundo odiou** e depois **perseguiu**.

Tamanha hostilidade não poderia, porém, ser descartada como um equívoco qualquer, pois Jesus **lhes falara** claramente acerca da vontade de Deus e fizera **obras, quais nenhum outro fez** (ex.: 9:32). Embora não conhecesse de fato a Jesus, o mundo sabia o suficiente para não terem **desculpa do seu pecado** (isto é, há um nível de compreensão que pode deixar um homem responsável, embora não se comprometa). Com efeito, a obstinada rebeldia encontrada por Jesus veio daqueles que **viram** o bastante para crer, mas preferiram **odiar** tanto a **ele** quanto a seu **Pai**, como diz uma frase das Escrituras, **sem causa** (cf. Sal. 35:19; 69:4).

A exemplo do seu Senhor, os discípulos **não** eram **do mundo**, porque Jesus os escolhera **do mundo** (cf. v. 16). Como proclamassem a mesma mensagem (**palavra**) que seu **senhor** (cf. 13:16), eles sofreriam o mesmo destino do ódio e da perseguição, porque **o mundo** amava apenas **o que era seu**, isto é, aqueles que eram **do mundo** (cf. 17:14-18). Tão contundente era este antagonismo, que eles necessitavam guardar-se para não se escandalizarem (cf. 15:6). Como o confirmaram os acontecimentos seguintes, foram expulsos **das sinagogas** (cf. 9:22, 34;12:42; At. 14:1-6;17:1-15;18:4-7; 19: 8,9; sobre a Ásia Menor, veja Apoc. 2:9;3:9) e mesmo mortos por aqueles que pensavam estar prestando **um serviço a Deus** (cf. At. 9:1,2;22:19;26:9-11; Gál. 1:13,14; Fil. 3:6). Tal como o crente experimenta um relacionamento de amor tríplice e recíproco envolvendo o Pai, o Filho e os que crêem (15:9,10,12), ele também compartilha, com estes três, da reação do ódio por parte do mundo (15:18,19,23,24).

Diante de perspectivas tão sombrias, Jesus identificou três fundamentos de esperança para os discípulos. Primeiro, fez um paralelo entre seu ministério e o dos discípulos não só com referência à perseguição, mas também à aceitação: **se guardaram a minha palavra, guardarão também a vossa**. Apesar da oposição coletiva, Jesus conseguira recrutar um remanescente, coisa que eles também poderiam fazer. Ademais, não seriam surpreendidos pelo ataque do mal. Quando chegasse a hora do conflito, eles se lembrariam de que Jesus isto já lhes antecipara (cf. 13:19;14:29). Um homem prevenido vale por dois! Por fim, do mesmo modo como Jesus fora enviado pelo Pai, para vir e falar ao mundo (15:21,22), ele agora lhes enviaria, **da parte do Pai, o Consolador** ou **Espírito da verdade**, que, quando viesse, daria **testemunho** de Jesus. Neste contexto de perseguição, o Paracleto funcionaria, fundamentalmente, como um defensor não dos discípulos, mas de Jesus, sustentando, assim, a obra dessas testemunhas, que falavam não de si mesmas, mas daquele com quem estavam **desde o princípio** (cf. At. 1:21,22).

3) A Ajuda do Espírito Santo (16:4b-15)

Não vo-las disse desde o princípio, porque estava convosco. 5 Agora, porém, vou para aquele que me enviou; e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais? 6 Antes, porque vos disse isto, o vosso coração se encheu de tristeza. 7 Todavia, digo-vos a verdade convém-vos que eu vá; pois, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, vo-lo enviarei. 8 E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo; 9 do pecado, porque não crêem em mim; 10 da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais, 11 e do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado. 12 Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora. 13 Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras. 14 Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará. 15 Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso eu vos disse que ele, recebendo do que é meu, vo-lo anunciará.

A efêmera referência ao Paracleto, em 15:26, agora evolui para uma exposição maior de seu papel no período depois que Jesus tivesse ido. Esta explanação **não** se fizera necessária **desde o princípio** do relacionamento de Jesus com seus discípulos (cf. 15:27), pois nessa época o ministério do Espírito era inseparável da presença física de Jesus com eles. Tão satisfeitos estavam os discípulos com esta tangível relação, que **nenhum** deles perguntara **para onde** ele ia. Este desinteresse para com seu destino final — que tem paralelos com uma preocupação contemporânea com o "Jesus histórico" — teve, como conseqüência, uma compreensão inadequada de sua pessoa e obra, deixando-os mal preparados para enfrentarem sua partida por meio da cruz. Eles tinham compreendido a conveniência de sua ascensão, mas, mesmo assim, a **tristeza** enchia seu **coração**.

Em contraposição à idéia de que seriam abandonados, para servir a um Senhor ausente, Jesus novamente prometeu enviar o Paracleto (cf. 15:26), para tomar o lugar dele em suas vidas. Anteriormente, o Espírito fora apresentado como um defensor ou testemunha, ao tempo em que Jesus continuava "em julgamento" e os discípulos dele testemunhavam aos outros. Agora, entretanto, inverte-se a situação, e **o Consolador** é visto como um promotor ou juiz, cujo papel se define por um verbo grego simples (**elegchō**), de sentidos múltiplos. A noção básica de "convencer" pode conotar: (1) "iluminar", no sentido de trazer à luz; (2) "convencer", no sentido de levar à uma convicção; (3) "refutar", no sentido de corrigir ou confundir (cf. a paráfrase da BLH). A conseqüência geral é que o paracleto provaria o erro do mundo em ter rejeitado Jesus e os seus seguidores.

Três tarefas específicas ilustram o escopo deste ministério de repreensão. (1) O Espírito desmascararia **o pecado** do **mundo**, ao afirmar que isto viera de sua recusa em crer em Jesus. (2) Ele ainda corrigiria a equivocada idéia de que a **justiça** não fora vista na cruz, pelo fato de Jesus ter retornado **para** seu **Pai**, não mais sendo visto na terra. (3) Por fim, ele esclareceria que o **juízo** não devia mais ser visto como um evento meramente cósmico, mas como um processo histórico presente, **porque** já, ao tentar destruir Jesus, **o príncipe deste mundo** fora **julgado**, numa espécie de antecipação do fim dos tempos (cf. 14:30). Através da pregação (no grego geralmente chamada de **paraklesis**) da Igreja, o Paracleto confrontava o mundo com a necessidade de uma mudança drástica no modo de ver o **pecado**, a **justiça** e o **juízo** como conseqüências da vinda de Jesus.

Além deste ministério externo ao mundo (v. 8-11), o Consolador teria também um ministério interno à Igreja (v. 12-15). Enquanto os discípulos lutavam para ajustar a imutável mensagem de Cristo para tempos de mudança, ele os guiaria **a toda a verdade**. A preocupação maior não devia ser envolver-se num conjunto de fatos eternos, que podem ser substituídos a qualquer hora, mas num

relacionamento com o Espírito da verdade, que conduz à peregrinação de descoberta (cf. 14:4-7). Como toda a verdade acerca de Deus reside num direito transcendente sobre o homem, é algo em que não se deve apenas crer, mas também testemunhar (isto é, agindo responsavelmente no presente). Jesus, com sua profunda intuição para a percepção da verdade, entendeu que, durante seu breve ministério, os discípulos não tinham alcançado a inteireza do comprometimento necessário à instauração completa das **coisas** que, havia muito, estava a lhes dizer. Estava, porém, confiante de que estas sementes de verdade, que permaneciam latentes em suas palavras, seriam colhidas um dia, depois de cultivadas, pela comunidade, sob a orientação do Espírito.

Esta concepção da verdade escatológica (isto é, de uma verdade que tem futuro) se fundamentava num cuidadoso equilíbrio entre continuidade e mudança. De um lado, não havia um dogma rigidamente estabelecido, a partir do passado, pois a tarefa do Paracleto era preparar o povo de Deus para enfrentar as novas **coisas**, que certamente sobreviriam, ao longo da caminhada. Por outro lado, ele anunciaria uma palavra relevante, baseada não em **si mesmo**, mas numa atualização daquilo que Jesus já revelara, acerca do Pai. O Espírito não seria a fonte de novos caprichos que impusesse à Igreja a tirania do temporário; antes, ele é a fonte que capacita a Igreja à compreensão e ao encorajamento para aplicar estas verdades que recebera. A maioria de nós possui uma verdade maior (exemplo, na Bíblia) do que é capaz de testemunhar. Precisamos de um guia hábil (cf. At. 8:31), que nos possa ajudar a levar a cabo as profundas implicações do evangelho, que tanto desejamos compreender e colocar em prática.

4) O Paradoxo do Discipulado (16:16-24)

16 Um pouco, e já não me vereis; e outra vez um pouco, e ver-me-eis. 17 Então alguns dos seus discípulos perguntaram uns para os outros: Que é isto que nos diz? Um pouco, e não me vereis; e outra vez um pouco, e ver-me-eis: e: Porquanto vou para o Pai? 18 Diziam, pois: Que quer dizer isto: Um pouco? Não compreendemos o que ele está dizendo. 19 Percebeu Jesus que o queriam interrogar, e disse-lhes: Indagais entre vós acerca disto que disse: Um pouco, e não me vereis; e outra vez um pouco, e ver-me-eis? 20 Em verdade, em verdade vos digo que vós chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará; vós estareis tristes, porém a vossa tristeza se converterá em alegria. 21 A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza porque é chegada a sua hora; mas, depois de ter dado à luz a criança.Já não se lembra da aflição, pelo gozo de haver um homem nascido ao mundo. 22 Assim também vós agora, na verdade, tendes tristeza; mas eu vos tornarei a ver, e alegrar-se-á o vosso coração, e a vossa alegria ninguém vo-la tirará. 23 Naquele dia nada me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo que tudo quanto pedirdes ao Pai, ele vo-lo concederá em meu nome. 24 Até agora nada pedistes em meu nome; pedi, e recebereis, para que o vosso gozo seja completo.

Através de João 13 a 16, Jesus deixou esplêndidas garantias, aos discípulos, para que pudessem fruir da alegria transbordante (cf. 15:11;16:24;17:13). Uma promessa ainda não efetuada, no entanto, era a da ausência de conflito. De fato, simultaneamente ao terno conforto, vinham avisos severos, acerca da perseguição inevitável. A coexistência destes temas, aparentemente contraditórios, na mesma seção, cria o paradoxo da alegria com misto de tristeza, explicada nos versos 16-24.

De início, os dois lados do paradoxo são resumidos numa fórmula simétrica (v. 16,17,19): (1) **Um pouco, e já não me vereis** refere-se à partida de Jesus através do escuro túnel da tragédia (exemplo: 13:33), enquanto (2) **um pouco, e ver-me-eis** se refere ao triunfante retorno do Senhor ressurreto em seu Espírito de vida (exemplo: 14:19). O uso da mesma expressão, **um pouco**, nas duas frases, visa aumentar o paradoxo pela justaposição de duas convicções. De um lado, o futuro

de Jesus na carne estava totalmente sem defesa e vulnerável ao desastre; antes mesmo de os discípulos o compreenderem, sua vida seria apagada. De outro lado, nos calcanhares de uma tragédia visível, viria um triunfo completo.

Este uso tão profundo da expressão "um pouco mais" é uma reminiscência da provação do exílio judeu no Velho Testamento (Is. 26:16-21), das predições dos "três dias", por parte de Jesus, nos Sinópticos (Mat. 12:40; Mar. 8:31;14:58; cf. João 2:19) e do dilema da Igreja martirizada e ansiosa pelo juízo de Deus (Apoc. 6:9-11). Como tal, isto reflete uma tensão central da dinâmica bíblica da esperança.

Diante das dificuldades dos discípulos em compreender este resumo conciso, que comprimia o destino do Senhor num paradoxo singular, Jesus ilustrou suas implicações, ao comparar sua situação à de uma **mulher, quando está para dar à luz** (cf. Is. 66:7-9). Assim como uma mulher grávida sente **tristeza** (isto é, sofrimento físico) quando **sua hora** de libertação **é chegada**, e **não** mais **se lembra** dessa breve **aflição** quando se enche **do gozo de ter dado à luz a criança**, os discípulos sentiriam **tristeza** no pesadelo da hora do mal, porém seus corações se alegrariam "um pouco mais" adiante, quando ele retornasse e os tornasse **a** ver. **Naquele dia** (v. 23), quando Deus transformasse sua **tristeza... em alegria** (v. 20), **ninguém** seria capaz de a tirar (v. 22). Do mesmo modo como uma mulher não deseja questionar o sofrimento do processo do nascimento, uma vez que a chegada de seu bebê tornou tudo absolutamente aceitável, os discípulos **nada** perguntariam a Jesus quando tudo aquilo que tinham esperado de Deus se tornasse palpável.

5) A Fé em Conflito (16:25-33)

25 Disse-vos estas coisas por figuras; chega, porém, a hora em que vos não falarei mais por figuras, mas abertamente vos falarei acerca do Pai. 26 Naquele dia pedireis em meu nome, e não vos digo que eu rogarei por vós ao Pai; 27 pois o Pai mesmo vos ama; visto que vós me amastes e crestes que eu saí de Deus. 28 Saí do Pai, e vim ao mundo; outra vez deixo o mundo, e vou para o Pai. 29 Disseram os seus discípulos: Eis que agora falas abertamente, e não por figura alguma. 30 Agora conhecemos que sabes todas as coisas, e não necessitas de que alguém te interrogue. Por isso cremos que saíste de Deus. 31 Respondeu-lhes Jesus: Credes agora? 32 Eis que vem a hora, e já é chegada, em que vós sereis dispersos cada um para o seu lado, e me deixareis só; mas não estou só, porque o Pai está comigo. 33 Tenho-vos dito estas coisas, para que em mim tenhais paz. No mundo tereis tribulações; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo.

Até este ponto de seus esforços, para instruir os discípulos, Jesus ensinara **por figuras** (cf. **16:29**), como, por exemplo, no discurso simbólico, sobre a videira e as varas (15:1-11), e na analogia da mulher em trabalho de perto (16:21)! Entretanto, na nova era, a ser inaugurada pela ressurreição, ele poderia lhes falar **abertamente acerca do Pai**. A diferença não estava numa mudança em Deus, como se ele tivesse se escondido deliberadamente no passado. Deus não precisava de qualquer lembrete, por parte de Jesus, para se revelar (v. 26b), pois sempre amara os discípulos e enviara seu Filho para que pudessem conhecê-lo melhor. Mais do que isso, a mudança aconteceria na vida dos discípulos quando o Espírito da interpretação os capacitasse a compreender que Deus se revelara através do ministério de Jesus (como tão bem resumido no v. 28).

Todavia, os discípulos, ansiosos demais para esperar "um pouco mais" por esta nova era de percepção, concluíram, equivocadamente, que **a hora** tinha chegado quando Jesus lhes falaria **abertamente**. Já que prematuramente afirmavam saber o suficiente, para não terem o que perguntar, Jesus desafiou, esta excessiva confiança, com uma notável avaliação de sua realidade presente. Em vez de ter chegado a **hora** de crerem todas as coisas, chegara, sim, a hora de

serem **dispersos cada um para seu lado.** Esta resposta realista, a uma enfatuada confissão, era uma estratégia característica de Jesus (cf. 6:68-70;13:38), a qual demonstrava que a Igreja tirava sua existência não da coragem de seus privilegiados membros, mas do seu fundador.

Os discípulos foram reprovados por suporem que se poderia alcançar a compreensão necessária à fé sem primeiro experimentar a cruz e a ressurreição (cf. Mar. 9:31-33). O Evangelho de João é, geralmente, caracterizado por sua ênfase sobre a "escatologia realizada"; aqui, porém, como no capítulo 16, vemos o contrário. A viagem não chegara ao seu fim. Aquilo que Jesus colocara "um pouco mais" no futuro, os discípulos tentaram realizar prematuramente no presente (observe-se a palavra-chave "agora", nos versos 29 e 31). Eles precisavam compreender que não tinham alcançado sua meta, embora Jesus tivesse! Como **o Pai estava** com ele, ele — e só ele — venceu **o mundo.** Como conseqüência de sua conquista, seriam eles encorajados (isto é, ter **bom ânimo**) em meio ao conflito, que prosseguia. O equilíbrio dos discípulos não era decorrente de uma conquista própria (cf. 14:4,5), mas de sua **paz** e da oração, que agora oferecia em seu favor (17:1-26).

4. A Oração de Consagração (17:1-26)

João 17 tem sido aclamado como a passagem espiritual mais sublime do Quarto Evangelho. A ilustração no capítulo 13 e as instruções nos capítulos 14 a 16 chegam ao clímax e à transfiguração na intercessão do capítulo 17. Só Jesus poderia fazer tal oração, combinando uma submissão completa a Deus e uma soberania completa sobre o homem. Com todo o mundo proclamando o seu fracasso e com a morte às portas, Jesus mostrou-se plenamente confiante de que fizera exatamente o que deveria fazer. A assim chamada Oração do Senhor (Mat. 6:9-13) — que poderia ser intitulada melhor de "Oração dos Discípulos" — evidencia a profundidade de nossa miséria humana, uma vez que esta oração abre uma janela para as altitudes de sua suficiência divina. Está aqui a base histórica para os mais profundos ensinos sobre a oração, no Novo Testamento: Cristo vive sempre para interceder pelos seus (cf. Luc. 22:31,32; Rom. 8:26,27; Heb. 7:25). A última coisa para os discípulos aprenderem, antes de ser enfrentada a cruz (capítulos 18 e 19), era que os terrores desta seriam vencidos (16:33) não porque eles tivessem orado por Jesus, mas porque ele orara por eles!

A perspectiva temporal incomum, indicada pelos tempos verbais, dá uma chave interessante para a natureza da oração. No início do "livro da paixão", a hora da glorificação, na cruz, que anteriormente estava no futuro (2:4;7:30; 8:20), agora muda para o presente (12: 23,27,31; 13:1,31;16:32). Aqui, no entanto, a partida do mundo é vista como já acontecida no passado (v. 4,11,12a, 13a, 24). Como podia Jesus afirmar que completara sua obra e ascendera ao Pai, se não tinha passado ainda pela cruz? A resposta é que, através da oração, ele se projetava no futuro e mesmo no reino celestial (cf. Luc. 9:28-31). Aos discípulos, então, foi permitido um lampejo do relacionamento eterno que existia entre Jesus e seu Pai. Temos, aqui, numa expressão típica do misticismo joanino, algo equivalente à convicção sinóptica de que oração é algo escatológico — isto é, algo que nos capacita a experimentar "na terra" coisas que estão "no céu" (Mat. 6:10). A oração oferece elementos seguros para a aceitação das derrotas temporárias por "um pouco mais" (16: 16), já que vimos o fim desde o início.

A estrutura da oração se organiza em três partes, destinadas a indicar as prioridades teológicas pretendidas. Diferentemente da Oração do Senhor, que nos manda orar por nós mesmos, Jesus aqui orou primeiro por si mesmo (v. 1-5), por já ter vencido o mundo (16:33), glori-

ficando, assim, o Pai, em tudo o que fez. A autoconsagração de Jesus era crucial, porque tudo que segue na oração depende desta obra concluída. A seguir, Jesus voltou a orar pelos seus discípulos (v. 6-19), e não pelo mundo incrédulo, porque sua (dos discípulos) obra era necessária, como elo de mediação das testemunhas vivas. Finalmente, Jesus orou pela unidade de todos aqueles que cressem nele (v. 20-26), para que o mundo pudesse conhecer o amor, a realidade mais profunda da Trindade. A cuidadosa seqüência da oração sugere que o Cristo glorificado é a única esperança de novos convertidos e que a comunhão em amor de todos os crentes é a única esperança de um mundo incrédulo. [35]

1) Jesus Ora por Si Mesmo (17:1-5)

1 Depois de assim falar, Jesus, levantando os olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o Filho te glorifique; 2 assim como lhe deste autoridade sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos aqueles que lhes tens dado. 3 E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste. 4 Eu te glorifiquei na terra, completando a obra que me deste para fazer. 5 Agora, pois, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse.

Ao contrário do pecador que "nem ainda queria levantar os olhos ao céu" (Luc. 18:13), Jesus levantou **os olhos aos céus**, na sublime certeza de que Deus lhe dera **autoridade sobre toda a carne** (isto é, a humanidade). Agora que a **hora** final de seu destino tinha **chegado**, a unidade completa do humano e do divino seria vista de duas maneiras. Primeiramente, **o Pai** glorificaria **o Filho**, e **o Filho** por sua vez, glorificaria o Pai; isto é, Jesus era um espelho perfeito da majestade divina, a refletir o resplendor de Deus, em vez de chamar a atenção sobre si mesmo. Em segundo lugar, Jesus daria **vida eterna** àqueles que Deus lhe dera; isto é, Jesus não pediu qualquer crédito, para seus convertidos, independentemente da operação de Deus em suas vidas. Alguns homens oram por aquilo que pensam poder conseguir de Deus; Jesus orou por aquilo que devolvia a Deus, numa vida de serviço obediente.

A menção à **vida eterna**, no verso 2, levou o evangelista a uma pausa e a inserir, parenteticamente, no verso 3, uma descrição desta realidade central em termos de "conhecer" **o único Deus verdadeiro** e a **Jesus Cristo**, a quem enviara. Aqui está uma das indicações mais claras, no Novo Testamento, de que a fé e o conhecimento podem ser eqüivalentes, em vez de serem antitéticos. Conhecer a Deus, no sentido joanino, é ter um compromisso existencial com ele como um sujeito vivo, em vez de aceitar certos fatos a seu respeito como um objeto de contemplação. Ademais, este relacionamento pessoal com Deus se tornara numa realidade presente (cf. 14:7b), enquanto, no Velho Testamento, os profetas falam do conhecimento direto de Deus como esperança futura (Os. 6:3; Jer. 9:3,6,24;31:34). Agora, a consciência do homem sobre **o único Deus verdadeiro** era inseparável de um conhecimento dAquele a quem enviara. Note-se que o monoteísmo clássico não foi comprometido por uma afirmação do papel único desempenhado por **Jesus Cristo** na história da revelação divina.

Uma razão por que Jesus era digno de ficar ao lado de Deus como instrumento de conhecimento salvífico era que ele glorificava o Pai **na terra**. Em lugar de se apresentar como um segundo Deus, Jesus fez apenas a obra que lhe fora dada fazer (cf. 4:34;5:17), servindo, assim, sua vida, para apontar para Aquele que o enviara. Sem o menor laivo de vaidade, recordou ele, agora, uma tarefa reali-

35 Quanto a uma tentativa de esboçar o lugar histórico de João 17 na vida da igreja primitiva, veja Ernst Kaesemann, **The Testament of Jesus**, traduzido para o inglês por Gerhard Krödel (Philadelphia: Fortress, 1968).

zada, alcançando um ponto de plenitude espiritual que mesmo os maiores santos não ousam afirmar terem alcançado (cf. Fil. 3:12-14). O arrojo maior de sua oração é visto, porém, em seu desinteresse em se dar por satisfeito com uma peregrinação terrena que alcançara sua meta. A fim de ampliar o significado de seu ministério histórico, Jesus orou, agora, para que sua **glória** pudesse novamente tornar-se cósmica, como fora quando preexistia com Deus, **antes que o mundo existisse** (1:1,2; Fil. 2:6,11). Na ascensão, a obra de redenção que estava encerrada no tempo e no espaço, tornava-se válida para todos os tempos e espaços.

2) Jesus Ora por Seus Discípulos (17: 6-19)

6 Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste. Eram teus, e tu mos deste; e guardaram a tua palavra. 7 Agora sabem que tudo quanto me deste provém de ti; 8 porque eu lhes dei as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste. 9 Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me tens dado, porque são teus; 10 todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e nelas sou glorificado. 11 Eu não estou mais no mundo; mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda-os no teu nome, o qual me deste, para que eles sejam um, assim como nós. 12 Enquanto eu estava com eles, eu os guardava no teu nome que me deste; e os conservei, e nenhum deles se perdeu, senão o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura. 13 Mas agora vou para ti; e isto falo no mundo, para que eles tenham a minha alegria completa em si mesmos. 14 Eu lhes dei a tua palavra; e o mundo os odiou, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. 15 Não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno. 16 Eles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. 17 Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. 18 Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. 19 E por eles eu me santifico, para que também eles sejam santificados na verdade.

Volvendo-se para os discípulos, Jesus agora dedica atenção especial ao seu corpo de auxiliares durante os dias em que sua glória eterna esteve por algum tempo apagada (v. 6-8). Um pouco antes, as multidões, aos milhares, o assediavam (6:10;11:48;12:19). Agora, porém, muitos destes não mais estavam ao seu lado, na hora do julgamento final (cf. 6:66;12:42;13:21). Apesar de se ressentir destes amargos resultados, Jesus se regozijou com os poucos que ficaram, como uma manifestação da generosidade divina (cf. 3:27). Deus primeiro lhes deu Jesus (v. 6a,c) e este, por sua vez, lhes deu **tudo quanto** Deus lhe dera (cf. 3:35;5:21,22). Não há como explicar uma comunidade eclesial, a não ser como uma corporificação da graça, porque nela os homens se reúnem não por se sentirem atraídos uns aos outros, mas porque são concitados por uma palavra que sua imaginação não poderia criar.

Isto não significa, entretanto, que não houvesse algo que os discípulos pudessem fazer como resposta. Mesmo porque uma dádiva deve ser guardada, para ser efetiva. No caso do "dom inefável" de Deus (II Cor. 9:15), esta resposta envolve três atitudes (v. 8): (1) abertura para receber as palavras que Deus dera a Jesus para falar na história; (2) compreensão para conhecerem "verdadeiramente" (cf. v.7) que Deus era a fonte de sua vida; (3) compromisso com a missão para que Deus o enviara. Veja-se, novamente, como no verso 3, o papel central do conhecimento como o fundamento da fé duradoura.

Agora que Jesus **não** estava **mais no mundo**, os discípulos necessitavam da mesma proteção do Pai que o Mestre lhes concedera na terra (v. 9-12). Só desta forma eles seriam um e não se deixariam dividir pelos seus inimigos. A base de sua segurança espiritual não era organizacional, pois Jesus os guardara no **nome** que Deus lhe dera (isto é, o vínculo entre os discípulos era a revelação compartilhada da natureza de Deus). A necessidade de unidade não era apenas que pudessem fortalecer-se uns aos outros,

mas fundamentalmente que pudessem construir uma imagem tangível do modo como Jesus e Deus são **um** (cf. v. 10). Isto de fato explica por que Jesus estava orando pelos discípulos, e não **pelo mundo**; isto aconteceu não porque não houvesse esperança para o mundo (cf. v. 20), mas porque a unidade dos crentes é o elo necessário entre Deus e o mundo (cf. 13:34). Se um grupo sem vínculos comuns, de raça ou nacionalidade, podia se unir num tempo quando o mundo se dividia em campos de batalha, este mesmo grupo forneceria provas tangíveis do poder reconciliador de Deus.

Jesus estava tão preocupado em livrar seu rebanho da fragmentação (cf. 10: 11-16) que **nenhum deles se perdeu, senão** Judas, **o filho da perdição**. Esta defecção, entretanto, só fez destacar um triste fato, já referido na Escritura, demonstrando que há aqueles que, sem motivo, se rebelam (cf. 13:38). Em II Tessalonicenses 2:3,4, o "filho da perdição" representa o último adversário que antecede à **Parousia**, ao contraditar Deus em nome do próprio Deus. Judas, então, antecedendo a glória da cruz com uma covarde traição dAquele a Quem seguira, encarnou esta "apostasia realizada", característica dos anticristos, que sempre se levantam na última hora (I João 2:18).

Quebrar a solidariedade do grupo de discípulos compromete tanto a sua separação do mundo como seu testemunho a este mundo, pois a unidade revolucionária da Igreja, num mundo fragmentado, é a melhor prova de que, aquilo que Cristo fez por ele, era de Deus e não de algum homem. Neste sentido, opor-se ou mesmo enfraquecer a unidade da Igreja é fazer papel de Judas!

O verdadeiro relacionamento da Igreja com o mundo é cuidadosamente demonstrado nos versos 14 a 19, num paralelo com o já referido relacionamento de Jesus com o mundo. Dois pontos tomam a forma de um paradoxo. Para começar, a Igreja **não** deveria ser **do mundo, assim como** Jesus **não** era **do mundo**. Isto não significava, no entanto, que Deus os tiraria **do mundo**, mas, antes, que seriam **enviados ao mundo**, como Jesus fora enviado **ao mundo** (cf. 20:21). A tensão, criada por esta dupla ênfase, visa manter um equilíbrio entre separação e penetração, pelas quais a Igreja cumpre sua vocação para a santidade e para missões.

Esta dialética — **não do** ... mas **ao** — que distinguiria a vida da Igreja no mundo, caracterizava aqueles que tinham sido "santificados" ou "consagrados" (o mesmo verbo grego, **hagiazō**, é usado em ambos os termos). Esta separação não era um exercício de autoajuda, mas o resultado da **palavra** purificadora (cf. 15:3) que Jesus lhes dera de si mesmo, para que pudesse conhecer a **verdade** (cf. 8:31,32). Jesus não somente desenvolveu esta revelação divina, como a obedeceu pessoalmente, outorgando aos seus seguidores um exemplo inolvidável do que significa para um homem o **consagrar-se**. No Velho Testamento, era comum ver-se o sistema sacrificial e tudo a ele associado como santificado, mas Jesus aqui centralizou tudo num povo santo, sem referir-se a tempos ou lugares santos. Como acontecera com Jesus, os discípulos se tornaram o verdadeiro templo da permanência de Deus, onde quer que ampliassem seu corpo através do mundo (cf. 2:19-21).

3) Jesus Ora Pelos Futuros Crentes (17: 20-26)

20 E rogo não somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim; 21 para que todos sejam um; assim como tu, ó Pai, és em mim, e eu em ti, que também eles sejam um em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. 22 E eu lhes dei a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um; 23 eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, a fim de que o mundo conheça que tu me enviaste, e que os amaste a eles, assim como me amaste a mim. 24 Pai, desejo que onde eu estou, estejam comigo também aqueles que me tens dado, para verem a

minha glória, a qual me deste; pois que me amaste antes da fundação do mundo. 25 Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheço; e estes conheceram que tu me enviaste; 26 e eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer ainda; para que haja neles aquele amor com que me amaste, e também eu neles esteja.

A decisão de Jesus de enviar seus discípulos ao mundo, apesar de seu ódio e de seu mal, refletia uma preocupação universal, cujo clímax tem lugar agora na oração (v. 20-23). Enquanto seus seguidores dessem ao mundo, testemunho da verdade que lhes dera, o elemento final de sua certeza seria a compreensão de que todo aquele que viesse a **crer... pela palavra** já fora alvo da oração de Jesus. O propósito desta oração era que a expansão da Igreja não ameaçasse sua unidade. A base desta unidade foi novamente definida como uma fé compartilhada na unidade de Deus e Cristo como enviante e enviado. A partir do momento em que a comunidade cristã refletisse, em sua vida corporativa, a mesma espécie de harmonia espiritual que existiu entre Jesus e o **Pai**, o mundo compreenderia que Jesus não só ensinou os homens sobre o modo da cooperação mútua, como lhe trouxe a unidade da própria Trindade. Jesus não pôs em risco o monoteismo de Deus, pois o Pai estava nele e ele estava no Pai de modo tão completo, que eram **um** em propósito e espírito. Como Jesus tivesse compartilhado este relacionamento com seus seguidores, ao enviá-los, como fora enviado, eles haveriam de experimentar a unidade na diversidade e seriam **perfeitos em unidade**, em seu sentido de missão **ao mundo**.

Nos versos 20 a 23, a unidade da Igreja é descrita em termos de missão (**enviar**), enquanto nos versos 24 a 26 é tratada em termos de motivo (**amor**). Embora um propósito comum ajude a manter a Igreja unida, isto nunca é o suficiente, pois mesmo os mais despóticos dos movimentos (como, por exemplo, o nazismo) podem se unir em torno de um flamejante sentido de missão. Jesus protegeu a unidade da missão da Igreja contra a corrupção, ao orar também para que **o amor com que** Deus o amara estivesse neles, como nele estivera. Outra vez, nada menos o próprio fundamento que mantém unida a Trindade era tornada a base para a unidade da Igreja. Num sentido teológico, o verdadeiro ecumenismo descansa sobre um fundamento trinitariano. Não há razão para esperar que uma comunidade humana sobre a terra possa ser múltipla e una, a menos que se aceite que ontologicamente a comunidade divina, nos céus, seja múltipla e unida.

A razão maior para a Igreja se tornar perfeita **em unidade** é **que o mundo conheça** a verdadeira natureza de Deus como una (isto é, possa compreender que o monoteismo não é um princípio filosófico ou ético, mas uma determinação comunitária com o fim de amar). Quando a natureza de Deus é verdadeiramente compreendida, sua glória pode ser vista. Esta manifestação é mostrada aqui em três estágios: (1) Deus deu sua **glória** ao Jesus histórico (cf. 1:14), isto é, a unidade do Pai e do Filho se revelara na encarnação. (2) Jesus, por sua vez, deu esta mesma glória a seus discípulos, para que pudessem demonstrar, na vida de uma comunidade crescente e plural, aquelas realidades que o uniam perfeitamente a Deus. (3) Mas Jesus sabia que esta unidade jamais seria completa na terra (cf. v. 12), pelo que orou para que aqueles que lhe fossem dados como crentes (cf. v. 6) estivessem com ele nos céus, para **verem** a sua **glória** eterna, e assim compartilharem da harmonia maior da comunidade celestial. A unidade da igreja não é apenas um imperativo evangelístico, já que o mundo deve conhecer o significado de Cristo; é também uma esperança escatológica, que crê que a unidade daquilo que nós testemunhamos na terra antecipa melhor a vida do mundo além.

II. Jesus Morre por Seus Discípulos (18:1-19:42)

Seguindo-se a seção mais original do Quarto Evangelho (capítulos 13-17), a narrativa da paixão nos capítulos 18 e 19 aproxima-se, grandemente, mais do que qualquer outra passagem, do tratamento dado nos Sinópticos. Nos dois casos, temos a descrição do aprisionamento de Jesus, seu comparecimento diante das autoridades judiciais dos judeus e dos romanos, a sua tríplice negação por parte de um de seus mais notáveis discípulos, a escolha de Barrabás, por parte da multidão, a zombaria, a sua crucificação com dois outros, a sua morte e o seu sepultamento antes do pôr-do-sol, na sexta-feira.

Ao mesmo tempo, muitas imagens sinópticas não aparecem em João: a agonia de Jesus no Getsêmane, o beijo de traição por Judas, a condenação de Jesus pelo sinédrio por blasfêmia, o transporte da cruz por Simão de Cirene, o insulto, ao Jesus estar na cruz, por parte da multidão, o brado de desolação por parte de Jesus, as trevas ao meio-dia e o rompimento do véu do Templo. Por sua vez, a narração joanina contém uma série de detalhes que não aparecem nos Sinópticos: a prisão voluntária de Jesus para proteger os discípulos, sua interrogação por Anás, o seu diálogo com Pilatos, sobre seu reinado, o papel do discípulo amado, o seu brado de consumação, o golpe de lança no seu lado, que pruduziu derramamento de sangue e água, e a profusa unção de seu corpo, para o sepultamento, por José e Nicodemos.

O efeito destas admiráveis diferenças é fortalecer a divindade real de Jesus precisamente na hora de sua ignomínia maior. Seu conhecimento prévio destes trágicos eventos capacitaram-no a se controlar quando eles ocorreram. Em vez de o apanharem de surpresa, eles foram aceitos como o cumprimento das Escrituras. Em meio ao tumulto, Jesus jamais sucumbiu ao "stress". Pelo contrário, seguiu calma e confiantemente o plano divino. As sugestões de vitória, antecipadas nos capítulos 13 a 17, agora se tornam realidade. A crucificação não foi a perturbação de uma vítima desesperada. Foi, antes, a "suspensão" ou exaltação de um vencedor triunfante. Sua morte não foi vista, pelo evangelista, como um prelúdio para a ascensão, mas como uma parte integral dela. Pois Jesus não morreu simplesmente; ele escolheu morrer de uma forma que introduzisse profundas influências espirituais nas vidas de seus seguidores. [36]

1. Jesus Aceita Sua Paixão (18:1-18)

Esta seção introdutória prepara o cenário para o que vem nos capítulos 18 e 19. A iniciativa soberana de Jesus em seguir adiante, para enfrentar seu destino, domina o texto e permanece em dramático contraste com a impetuosidade e vacilação de seu discípulo Pedro. Ficou a forte impressão de que somente Jesus sabia o que estava acontecendo e que o resultado dependia absolutamente dele.

1) O Aprimoramento no Jardim (18:1-11)

1 Tendo Jesus dito isto, saiu com seus discípulos para o outro lado do ribeiro de Cedron, onde havia um jardim, e com eles ali entrou. 2 Ora, Judas, que o traía, também conhecia aquele lugar; porque muitas vezes Jesus se reunira ali com os discípulos. 3 Tendo, pois, Judas tomado a coorte e uns guardas da parte dos principais sacerdotes e fariseus, chegou ali com lanternas, archotes e armas. 4 Sabendo, pois, Jesus tudo o que lhe havia de suceder, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais? 5 Responderam-lhe: a Jesus, o nazareno. Disse-lhes Jesus: Sou eu. E Judas, que o traía, também estava com eles. 6 Quando Jesus lhes disse: Sou eu, recuaram, e caíram por terra. 7 Tornou-lhes então a perguntar: A quem buscais? e responderam: A Jesus, o nazareno. 8 Replicou-lhes Jesus: Já vos disse que sou eu; se, pois, é a mim

36 Sobre a realeza de Jesus em sua paixão, veja E. C. Colwel e E. L. Titus, **The Gospel of the Spirit** (New York: Harper and Brothers, 1953), p. 71-106.

que buscais, deixai ir estes; 9 para que se cumprisse a palavra que dissera: Dos que me tens dado, nenhum deles perdi. 10 Então Simão Pedro, que tinha uma espada, desembainhou-a e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita. O nome do servo era Malco. 11 Disse, pois, Jesus a Pedro: Mete a tua espada na bainha; não hei de beber o cálice que o Pai me deu?

Só depois de ter **dito** as **palavras** registradas em João 13 a 17 estava Jesus pronto para sair, **com seus discípulos**, para enfrentar o inimigo. A rota levava do lugar da última ceia, em Jerusalém oriental, através do **ribeiro de Cedron**, até **um jardim** ou pomar, **onde muitas vezes se reunira... com os discípulos** (numa outra prova de **um** ministério ampliado em Jerusalém). Judas, aparentemente, não só **conhecia aquele lugar**, como estava certo de que Jesus iria para lá após a refeição. Assim, para levar adiante seu plano de trair Jesus (13:21-30), Judas foi até lá com uma **coorte** de soldados romanos e alguns oficiais judeus (**guardas** do Templo), **da parte dos principais sacerdotes** e **fariseus**. Obviamente não era necessária uma delegação de centenas de pessoas (uma coorte romana normalmente tinha 600 soldados), com **lanternas, archotes** e **armas**, para prender um homem desarmado, durante a lua cheia de Páscoa. Uma possibilidade é que a liderança pública pode ter suspeitado que Jesus tivesse ocultado um exército particular nos arrabaldes da cidade.

Sabendo, pois, Jesus tudo o que lhe havia de suceder (cf. 13:18,19), não fugiu dessa coalisão de inimigos, mas voluntariamente **adiantou-se**, para se identificar como aquele a quem buscavam. Sem desempenhar qualquer papel, **Judas** estava com os conspiradores. Falando corretamente, Jesus não foi preso por esta hoste poderosa, mas se entregou a ela. Tão soberana foi sua resposta, **Sou eu (egō eimi)**, que os calejados soldados **recusaram**, diante do seu impacto, e **caíram por terra** (cf. 7:45-47). Homens treinados para perseguir criminosos perigosos estavam por demais despreparados para esta derradeira afirmação teológica. Jesus controlava de tal modo a situação que ditou as condições de sua rendição: **deixai ir estes**. Embora já tivesse orado pela proteção de seu rebanho e a preservação de sua unidade (17:12; cf. 10:11-18), agora, numa situação de grande perigo agia **para que se cumprisse a palavra que dissera**.

Esta aceitação de responsabilidade, por parte daqueles que se comprometeram com esta preservação, não se fundamentava no merecimento próprio, como a desvairada reação de **Simão Pedro** tão vividamente o ilustrou. Ao contrário de Jesus, que protegera os discípulos com o vigor transparente de sua força interior, Pedro desembainhou **uma espada, feriu o servo do sumo sacerdote** — num esforço, sem dúvida, para rachar-lhe a cabeça — **cortando-lhe a orelha direita**. A presença de armas entre os discípulos é surpreendente e pode refletir sua dissimulada preparação para a provação que Jesus sugerira (cf. 13:37). De qualquer modo, porque Pedro esqueceu que a vingança pertence somente a Deus (Rom. 12:19), suas ótimas intenções para nada valeram. Jesus lhe ordenou para colocar **a espada na bainha** e depender de sua estratégia, que era **beber o cálice que o Pai** lhe dera (cf. Mar. 14:36). Pedro achava que estava pronto para morrer por Jesus, mas sua coragem logo ruiria (v. 17.25,27). Ao contrário, o que precisava era estar pronto para Jesus morrer por ele.

2) A Acusação Diante de Anás (18: 12-14)

12 Então a coorte, e o comandante, e os guardas dos judeus prenderam a Jesus, e o maniataram. 13 E conduziram-no primeiramente a Anás; pois era sogro de Caifás, sumo sacerdote naquele ano. 14 Ora, Caifás era quem aconselhara os judeus que convinha morrer um homem pelo povo.

O cativeiro era, havia muito tempo, a porção do povo de Deus. Aqui Jesus

permaneceu como uma servidão simbólica para todos aqueles que, por seu intermédio, se tornaram livres. O fato de que aqueles que **maniataram** Jesus... **conduziram-no primeiramente a Anás** demonstra que a prisão fora urdida basicamente pelos judeus, pois, do contrário, ele teria sido levado primeiro ao governador romano, Pilatos.

Anás foi elevado a sumo sacerdote em 6 A.D. por Quirino, tendo sido deposto em 15 A.D., por Valério Grato (Josefo. **Antiguidades**, 18:26,34). Aparentemente, porém, ele permanecia no poder "de fato", uma vez que todos os seus cinco filhos o sucederiam como sacerdote (Josefo, **op. cit.**, 20:198), bem como seu genro, José, chamado Caifás (cf. Luc. 3:2). Embora Caifás servisse no cargo de 18-36 A.D. (Josefo, **op. cit.**, 18:35,95), João o identificou como **sumo sacerdote naquele** fatídico **ano**, em que aconselhara **os judeus** da conveniência de Jesus **morrer pelo povo** (cf. 11:49-52).

3) A Chegada de Pedro e de Outro Discípulo (18:15-18)

15 Simão Pedro e outro discípulo seguiam a Jesus. Este discípulo era conhecido do sumo sacerdote, e entrou com Jesus no pátio do sumo sacerdote, 16 enquanto Pedro ficava da parte de fora, à porta. Saiu, então, o outro discípulo que era conhecido do sumo sacerdote, falou à porteira e levou Pedro para dentro. 17 Então a porteira perguntou a Pedro: Não és tu também um dos discípulos deste homem? Respondeu ele: Não sou. 18 Ora, estavam ali os servos e os guardas, que tinham acendido um braseiro e se aquentavam, porque fazia frio; e também Pedro estava ali em pé no meio deles, aquentando-se.

Pelo menos dois discípulos seguiram **Jesus** ao quartel sacerdotal, onde era interrogado: **Simão Pedro** e um **outro discípulo**, não identificado. Faz-se uma inolvidável afirmativa acerca deste último discípulo, que **era conhecido do sumo sacerdote**, pelo que não só **entrou com Jesus no pátio do sumo sacerdote**, como logo conseguiu que Pedro também entrasse. Esta familiaridade e influência junto ao cortejo sacerdotal sugere um cidadão de Jerusalém ou de um lugar próximo (na Judéia mesmo), ou, ainda, uma pessoa de alguma proeminência. É pouco seguro identificá-lo com o discípulo amado (cf. 13:23;19:26,27;20:2-9; 21:7,20-23). Poderia ser João, filho de Zebedeu, mas este não tinha intimidade pessoal com Caifás; poderia ter sido Lázaro (cf. 11:18,19,45-47), embora seja difícil imaginar que fosse bem recebido e permanecesse incógnito nestas circunstâncias (cf. 12:9-11). Provavelmente, este relato ilustra que Jesus tinha muitos seguidores na Judéia, para os quais primeiramente as memórias da paixão joanina foram elaboradas (Dodd, **Historical Tradition**, p. 86-88)

Embora o discípulo sem nome permanecesse obscuramente no pátio, a atenção centralizou-se logo em Pedro. A **porteira** que o detivera à porta perguntou-lhe se não era um dos discípulos de Jesus, e ele lhe deu a inequívoca resposta: **Não sou**. As defesas deste "homem-pedra" (cf. comentário sobre 1:42), que se jactara de estar pronto para lutar, ao lado de Jesus, até a morte (13:37), ruíram diante da tagarelice acusadora de uma serviçal! Esta primeira das três negações (cf. v. 25 e 27) vem numa dramática justaposição com o testemunho robusto de seu Senhor (cf. v. 19-23). Pedro permaneceu em silêncio, diante do **braseiro** aceso, enquanto Jesus estava diante de seus atormentadores, declarando-lhes que tinha "falado abertamente ao mundo" (v. 20). Ironicamente, Pedro parecia estar livre, quando, na realidade, estava escravizado pelo medo do silêncio, ao passo que Jesus parecia estar escravizado, quando, na realidade, estava livre do medo de falar.

2. Jesus Defende Sua Paixão (18:19-19:16)

Três características da narrativa joanina do julgamento logo se destacam, em

comparação com suas contrapartes sinópticas: [37]

(1) O modo judaico de julgar é brandamente subordinado aos romanos. Um comparecimento informal, diante de Anás, só aparece em João (18:19-23), mas os procedimentos judiciais, diante de Caifás, que são por demais cruciais nos Sinópticos (cf. Mar. 14:53-65 e referências paralelas), não são descritos de todo (v. 24,28). Ao contrário, os procedimentos diante de Pilatos, que são mencionados resumidamente nos Sinópticos (cf. Mar. 15:1-15 e referências paralelas), aqui ocupam uma posição de destaque (18:28-19:16). Ao dedicar seis versículos a Jesus diante do tribunal judaico e vinte e nove ao seu confronto com Roma, o Quarto Evangelho tornou decisivo o último encontro, indicando que o que estava ocorrendo era nada menos que o julgamento do mundo, e não uma querela religiosa entre os judeus.

(2) Durante o julgamento romano, em João, predomina o tema do reino (18:33-38;19:2-5,12-16), que, embora mencionado, não é desenvolvido nos Sinópticos (cf. Mar. 15:2,9,12 e referências paralelas). Aqui tudo gira em torno do título "rei" (**basileus**). Contrariamente à interpretação política de seu ministério, Jesus definiu seu reino não em termo de defensores que lutam, mas em termos da soberania da verdade, demonstrando, assim, que tanto ele como seus seguidores não eram culpados de qualquer sedição contra Roma (18:33-37). Os judeus, entretanto, astutamente usaram sua odienta sujeição para compelir Pilatos a agir, insistindo que todo amigo de César deveria suprimir até mesmo um inofensivo pretendente ao trono (19:12, 15). Impelido a agir, embora com reservas, Pilatos decidiu dar a última palavra, condenando Jesus à cruz como um rival político, insinuando, assim, aos que tinham zombado dele, que este era o único rei que os judeus mereciam ter (19:19-22). Desse modo, embora não o pretendesse, Jesus encerrou sua vida sob um sinal que proclamava em três línguas seu reino rival a César.

(3) Finalmente, o encontro central entre Jesus e Pilatos é organizado, por João, de modo teatralmente artístico, situação não encontrada em nenhum outro lugar dos Evangelhos. O escopo literário básico visa apresentar sete cenas, que se alternam entre os judeus fora do Pretório e Pilatos dentro: [38]

I (fora) — acusação por parte dos judeus (18:28-32)
II (dentro) — interrogatório romano (18:33-38a)
III (fora) — rejeição por parte dos judeus (18:38b-40)
IV (dentro) — castigo romano (19:1-3)
V (fora) — repúdio por parte dos judeus (19:4-7)
VI (dentro) — reexame romano (19:8-11)
VII (fora) — Condenação por parte dos judeus (19:12-16)

A finalidade deste arranjo é destacar a pressão hostil exercida pelos judeus sobre Pilatos. Por quatro vezes (18:40;19:6, 12,15) eles "clamaram" ("gritaram", Moffat), um verbo grego forte (**kraugazō**), que sugere uma fúria demoníaca, à qual nem Roma poderia resistir.[39] Cada vez mais a turba aumentava seu impulso para justificar Jesus e rejeitava os esforços de Pilatos para libertá-lo. Eis aqui uma circunstância em que Igreja e Estado devem permanecer separados, mas por causa do Estado. (Que presunção pensar que os sacerdotes estão sempre corretos e que os políticos sempre errados!) Neste caso, judeus e gentios tornaram-se culpados por sua cumpli-

37 Para estas e outras características da narrativa joanina do julgamento, veja-se C. H. Dodd, **Historical Tradition**, p. 32-120. O criterioso estudo de Dodd, de toda a narrativa da paixão (p. 21-151), é de grande valor.

38 R. H. Strachan, **The Fourth Gospel** (3d ed.; London: SCM Press, 1941), p. 310-318.

39 R. H. Lightfoot, **St. John's Gospel**, ed. C.F. Evans (Oxford: Clarendon, 1956), p. 325.

cidade (cf. Rom. 1:18-3:20), mas, de algum modo, principalmente os primeiros (cf. o comentário sobre 19:11).

1) O Interrogatório Pelo Sumo Sacerdote (18:19-24)

19 Então o sumo sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina. 20 Respondeu-lhe Jesus: Eu tenho falado abertamente ao mundo; eu sempre ensinei nas sinagogas e no templo, onde todos os judeus se congregam, e nada falei em oculto. 21 Por que perguntas a mim? pergunta aos que me ouviram o que é que lhes falei; eis que eles sabem o que eu disse. 22 E, havendo ele dito isso, um dos guardas que ali estavam deu uma bofetada em Jesus, dizendo: É assim que respondes ao sumo sacerdote? 23 Respondeu-lhe Jesus: Se falei mal, dá testemunho do mal; mas, se bem, por que me feres? 24 Então Anás o enviou, maniatado, a Caifás, o sumo sacerdote.

Não está bem claro qual **sumo sacerdote** agora **interrogou Jesus**. No verso 13, Jesus fora levado a Anás, enquanto, no verso 24, ele seria enviado a Caifás, pelo que possivelmente, o interrogador fosse Anás. No entanto, se Caifás era realmente sumo sacerdote nessa época (v. 13), a referência poderia significar que ele viera ao quartel do seu sogro, para uma investigação informal sobre Jesus, antes da convocação de uma sessão mais formal, do sinédrio, no lugar próximo à sua residência oficial. O termo **sumo sacerdote** não decide a questão, uma vez que podia referir-se tanto ao chefe da ordem sacerdotal como aos membros das selecionadas famílias das quais eram escolhidos os sumo sacerdotes.

De qualquer modo, Anás e Caifás trabalharam, muito provavelmente, juntos, para encontrar um fundamento para a acusação política que Pilatos ouviria. As entrelinhas do interrogatório sugerem que se empreendeu um esforço para se extrair de Jesus a confissão de que estava treinando secretamente um grupo de rebeldes sediciosos. Se assim foi, este não era o primeiro esforço para desacreditar um grupo novo através de sua identificação com um movimento político militante. Jesus respondeu à acusação implícita sem fazer qualquer rodeio, mostrando que sempre falara **abertamente ao mundo**, utilizando-se até das instituições oficiais das **sinagogas** e do **templo**, para este propósito. **Como todos os judeus** se congregavam nesses lugares, Jesus convidou o sumo sacerdote a perguntar **aos que o ouviram** acerca do que lhes falara. Como **nada** falara **em oculto**, havia muitas testemunhas que poderiam ser intimadas e, assim, ele não precisaria se condenar a si mesmo.

Em resposta na mesma base em que estava sendo interrogado, Jesus, a bem da verdade, não estava se utilizando de um dispositivo constitucional, (*) para se recusar a responder, pois sua vida já era um livro aberto, que todos podiam ler. Mais do que isto, ao demonstrar a incompetência do principal magistrado judeu, em reunir evidências de várias testemunhas de acordo com os processos estabelecidos, Jesus deixou logo claro (cf. o comentário sobre 5:31,32) que o caso estava prejudicado desde o início. Este protesto foi imediatamente respondido **por um dos guardas que ali estavam** que **deu uma bofetada em Jesus**, pela insolência de semelhante resposta ao sumo sacerdote. Há sempre aqueles que acham que as questões fundamentais de justiça podem ser tratadas com uma demonstração de força bruta.

É interessante observar que, nesta situação Jesus não respondeu ao tapa dando literalmente "a outra face" (cf. Mat. 5:39), mas, antes, replicou de modo mais corajoso ainda, numa espécie de convite para um outro tapa. Os ensinos de Jesus como um todo não prescrevem o silêncio passivo diante de toda injustiça. Aqui, por exemplo, Jesus mesmo insistiu

(*) O autor escreve literalmente: "Jesus não estava, a bem da verdade, "tomando a Quinta Emenda", para se recusar a responder..." Na Constituição Norte-Americana, esta emenda garante aos réus o direito de não responderem a perguntas que julgaram prejudiciais à sua defesa. — N. do T.

na resolução do problema através das vias legais: **Se falei mal, dá testemunho do mal; mas, se bem, por que me feres?**

Como esta demonstração de coragem tornava claro que Jesus não se intimidaria com tormentos verbais, **Anás o enviou, maniatado, a Caifás, o sumo sacerdote**, talvez na esperança de que procedimentos mais formais dessem melhores resultados. Um julgamento completo não poderia ter acontecido no meio da noite e nem mesmo alguma sessão do sinédrio é aqui registrada (v. 24 e 28). Da perspectiva do quarto evangelista, os judeus tinham tido já a sua chance para julgar Jesus, e, diante de um veredicto negativo, foram julgados por ele (cf. o comentário sobre 1:19-28; introdução a 5:1-10:42; e 12:36b-50).

2) A Negação de Pedro (18:25-27)

25 E Simão Pedro ainda estava ali, aquentando-se. Perguntaram-lhe, pois: Não és também tu um dos seus discípulos? Ele negou, e disse: Não sou. 26 Um dos servos do sumo sacerdote, parente daquele a quem Pedro cortara a orelha, disse: Não te vi no jardim com ele? 27 Pedro negou outra vez, e imediatamente o galo cantou.

Como o leitor já conhece a predição de Jesus, em 13:38, de que Pedro o trairia três vezes, o suspense se instalou desde 18:17,18, onde a cena repentinamente mudou, depois que Pedro fizera apenas a primeira negação. Um pouco depois, tendo ao fundo a coragem de Jesus, voltamos a **Simão Pedro**, que se aquecia diante do fogo. Então, o grupo repetiu o desafio proposto pela porteira: **Não és também tu um dos seus discípulos?** Nem bem a sua negação saíra de seus lábios, **um dos servos** (ou escravos) **do sumo sacerdote** forçou uma outra, e desta vez porque, como **parente daquele a quem Pedro cortara a orelha**, estava seguro de tê-lo visto **no jardim** com Jesus. Uma mudança na construção grega da frase (de **mē** para **ouk**) sugere que as perguntas, nos versos 17e 25, esperam uma resposta negativa (isto é, "Tu não és um dos seus discípulos, certo?"), enquanto a do verso 27 aguarda uma resposta afirmativa (isto é, "Eu te vi com ele, não foi?"). De qualquer modo, a pressão acabou por levar Pedro a pôr as mangas de fora.

Com a terceira negativa, Pedro não teve um momento de espera para o cumprimento da predição de Jesus (13:38): **imediatamente o galo cantou**. Como a terceira hora da noite (12h às 3h eram chamadas de "o canto do galo", o som que Pedro ouviu podendo ter sido literalmente de uma ave ou do clarim da Torre de Antônio, ao fim da terceira hora, para anunciar a troca da guarda. Seja como for, Jesus estava correto; o discípulo que proclamara uma grande coragem não conseguiu mantê-la sequer por uma noite sem negar o mais profundo compromisso de sua vida.

3) A Acusação Contra Jesus (18:28-32)

28 Depois conduziram Jesus da presença de Caifás para o pretório; era de manhã cedo; e eles não entraram no pretório, para não se contaminarem, mas poderem comer a páscoa. 29 Então Pilatos saiu a ter com eles, e perguntou: Que acusação trazeis contra este homem? 30 Responderam-lhe: Se ele não fosse malfeitor, não to entregaríamos. 31 Disse-lhes, então, Pilatos: Tomai-o vós, e julgai-o segundo a vossa lei. Disseram-lhe os judeus: A nós não nos é lícito tirar a vida a ninguém. 32 Isso foi para que se cumprisse a palavra que dissera Jesus, significando de que morte havia de morrer.

A cena agora muda para o **pretório** romano, um complexo que devia incluir a residência do governador, casernas militares e um auditório para julgamentos. Sua localização na cidade é incerta; provavelmente, ou integrava a Torre de Antônio, logo adiante do Templo, ou se interligava com o palácio de Herodes, mais a noroeste. Aí começou propriamente o julgamento, pois os esforços judaicos anteriores redundaram em nada (v. 24). Era **cedo (prōi)**, o que pode significar a última hora da noite (3h às 6h). Era o dia 14 de Nisã, às vésperas da

Páscoa judaica. Como desejavam **comer à páscoa** na noite seguinte, os judeus se recusaram a entrar **no pretório** do governador pagão, **para não se contaminarem** (embora a contaminação pudesse ser abolida por uma lavagem ritual antes de o novo dia começar, às 6 horas da noite). Que ironia imaginar que o permanecer fora lhes garantiria pureza religiosa, quando seus pensamentos interiores estavam dominados pelo desejo de matar Jesus!

Como uma concessão aos escrúpulos dos judeus, nessa época santa, **Pilatos saiu a ter com eles** e lhes perguntou pela **acusação** que tinham contra Jesus. Ao ouvir que era apenas um **malfeitor**, o prefeito [40] entendeu que tinha sido transgredida alguma legislação judaica, pelo que concitou-os a julgarem segundo sua própria **lei**. É de difícil interpretação a resposta de que isto não era de sua alçada, já que não lhes era **lícito tirar a vida** a **ninguém**. Os historiadores não têm conseguido determinar com certeza, a partir de evidências seguras, se os romanos tinham ou não permitido aos judeus a prática da pena capital. [41] Se não, este versículo pode significar que os judeus consideraram Jesus digno de morte e pediram a intervenção de Pilatos, já que só ele poderia decretar tal pena. Se podiam, o versículo pode significar que, embora os judeus executassem, por apedrejamento, alguém que cometesse ofensas religiosas (cf. 10:31-33;11:53; At. 7:58-60), queriam, neste caso, mudar a acusação de blasfêmia para traição, e executar Jesus por crucificação, que só os romanos poderiam aplicar (cf. 19:10).

Aparentemente, o evangelista entendeu o problema no último sentido, pois comentou que a estratégia judaica serviu **para que se cumprisse a palavra que dissera Jesus** (cf. 12:32,33), acerca da espécie de **morte** (isto é, "levantamento" = crucificação) pela qual **havia de morrer.**

4) O Comparecimento Diante de Pilatos (18:33-38a)

33 Pilatos, pois, tornou a entrar no pretório, chamou a Jesus e perguntou-lhe: És tu o rei dos judeus? 34 Respondeu Jesus: Dizes isso de ti mesmo, ou foram outros que to disseram de mim? 35 Replicou Pilatos: Porventura sou eu judeu? O teu povo e os principais sacerdotes entregaram-te a mim; que fizeste? 36 Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; entretanto, o meu reino não é daqui. 37 Perguntou-lhe, pois, Pilatos: Logo, tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que sou rei. Eu para isto nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz. 38 Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade?

Ao passarem Jesus para Pilatos, as autoridades judaicas não devem tê-lo acusado apenas como "malfeitor" (v. 30), mas o apresentaram como sendo um rei (cf. 19:12; Luc. 23:2). Obviamente, esta era uma acusação que um representante de César tinha que considerar; por isso, Pilatos **tornou** a **entrar no pretório** e começou a interrogar Jesus a partir daí. Logo de início, Jesus percebeu, em suas palavras, a desprezível acusação forjada pelos judeus, pelo que chamou Pilatos à sua responsabilidade judicial com uma pergunta: **Dizes isto de ti mesmo, ou foram os judeus que to disseram de mim?** Ao fazer isso, Jesus forçou Pilatos a se posicionar como um fantoche, num plano sinistro, ou como

40 Tradicionalmente, Pilatos era chamado de procurador, embora o título não fosse usado no Novo Testamento e provenha de Tácito (**Anals**, 15:44). Ao tempo de Jesus, pode ter sido um anacronismo, uma vez que um governador provincial da ordem eqüestre parece ter sido designado como **procurador** do reino de Cláudio (41-54 A.D.), antes da época em que seria chamado **praefectus** ou **pro legato**. Talvez Pilatos tenha usado os dois títulos em vários estágios de sua carreira. Veja Jerry Vardaman, "A New Inscription which Mentions Pilate as 'Perfect'", **Journal of Biblical Literature**, 81 (1962), p. 70 e 71.

41 A literatura sobre este problema é extensa. Para um recente estudo, veja A.N. Sherwin-White, **Roman Society and Roman Law in the New Testament** (Oxford: Clarendon, 1963), p. 1-47.

um homem de juízo independente e digno de sua função. Golpeado por sua resposta inesperada — na realidade, uma pergunta que invertia os papéis e transformava Jesus em juiz — **Pilatos** respondeu que não era **judeu**, isto é, as acusações do sinédrio nada significavam para ele, mas Jesus como era judeu, teria que responder às acusações formuladas contra ele por seu próprio **povo** e **os principais sacerdotes**.

Nesta parte do diálogo, Jesus tinha conseguido alterar o método do Pilatos. A seguir, este deixou as questões apresentadas por outras pessoas, dedicando-se, então a descobrir a questão do ponto de vista de Jesus: **Que fizeste**? Isto possibilitou Jesus a tomar a acusação de **reino** e redefini-lo como não sendo **deste mundo**, que era a grande preocupação de Pilatos. A prova de que Jesus não era um zelote, com desejo de subverter Roma, está no fato de que seus **servos** não pelejaram para evitar sua prisão pelos **judeus** (18:11; cf. Mat. 26:52-55). Não significa isto que o mundo estivesse excluído de seu domínio real, mas apenas que seu **reino** não era **daqui** (isto é, a fonte de sua soberania não era o poder que os homens conferem a seus líderes terrenos) e nem poderia a sua causa ser servida pelas armas das trevas.

Nesse momento, Pilatos supôs ter ouvido, dos lábios de Jesus, bem como dos judeus, a revelação de que ele era um **rei**. Novamente, porém, foi ele avisado de que o modo como entendia a noção de reino não era necessariamente coincidente com o de Jesus: **Tu dizes que sou rei**. O significado de uma coisa não é dado apenas por aquilo que um falante disse a respeito desta coisa; é preciso que o ouvinte queira ouvir o que se pretendeu dizer. Isto era especialmente difícil para Pilatos, porque fora condicionado, a vida inteira, a entender reino em termo de poderio militar. Jesus, então, buscou logo redefinir o conceito de modo positivo: **Eu para isso nasci** e **para isso vim ao mundo** (isto é, disto se "origina" o meu reino — v. 36), **a fim de dar testemunho da verdade**. Pilatos ou qualquer outro ouviria sua voz com compreensão somente se ele fosse **da verdade**.

Esta sublime confissão de Jesus representa um significativo testemunho da unidade existente entre o poder e a verdade. A maioria das civilizações tem sido construída sob o fundamento de que os dois são incompatíveis — ou seja, que o poder é irracional, e a verdade, impotente. A tensão entre governantes e pensadores é conhecida o suficiente para merecer comentário. Contra esta desastrada alienação, Jesus afirmou a ambos, dizendo que ele que testemunha da verdade experiementa um poder que prevalecerá, e, reciprocamente, que ele que reina deve submeter seu poder ao teste da verdade. Pilatos fora ensinado a crer que os reis governavam pelo poder, e não pela verdade, isto é, que a verdade estava ao lado dos melhores batalhões. Contemplando esse jovem "rei" judeu em cadeias, diante dele, Pilatos acabou por perguntar (desprezo irônico ou indagação intelectual?): **Que é a verdade**? Não podia ele sequer sonhar que, quando seu César estivesse esquecido, esta verdade desse Homem estaria reinando sobre um domínio mais vasto do que aquele que Roma conhecera.

5) O Oferecimento de Barrabás (18: 38b-40)

E, dito isto, de novo saiu a ter com os judeus, e disse-lhes: Não acho nele crime algum. 39 Tendes, porém, por costume que eu vos solte alguém por ocasião da páscoa; quereis, pois, que vos solte o rei dos judeus? 40 Então todos tornaram a clamar, dizendo: Este não, mas Barrabás. Ora, Barrabás era salteador.

Ao suscitar a questão maior, em torno da verdade, Pilatos tentara fugir à responsabilidade de uma decisão sobre Jesus através de uma retirada para o relativismo (ou seja, nossos conceitos acerca da verdade diferem tão grandemente que é impossível chegar a uma

decisão final entre eles. Agora, tentava evitar a necessidade de escolha, através de um gesto de clemência. Voltando a **ter com os judeus**, primeiro lhes garantiu que Jesus não cometera qualquer **crime**; ou seja, seu conceito de reino não era político, não sendo, portanto, um sedicioso. Assim, referindo-se a um **costume** (para o qual não encontramos evidências fora do evangelho) de libertar **alguém por ocasião da Páscoa**, Pilatos ofereceu soltar-lhes o assim chamado **Rei dos judeus**.

No entanto, esta tentativa teve um efeito contrário, como demonstrado pela expressa preferência da multidão: **este não, mas Barrabás!** João ainda aduz que **Barrabás era salteador** (no grego, **lēistēs**) um termo geralmente usado para os rebeldes que assolavam as montanhas, procurando, através da pilhagem, molestar as forças romanas de ocupação. Se este era o papel de Barrabás, a multidão pode ter pedido sua libertação, por ser ele não um ladrão qualquer, mas um herói do movimento nacional de resistência. Diante disso, Pilatos, aflito, entendeu que um líder que não enfrentara o problema da verdade e não julgara em benefício próprio (v. 38a) bem poderia enfrentar os gritos de uma multidão enfurecida. A procura pela verdade devia ser difícil, mas era preferível aos caprichos de uma multidão capaz de escolher um criminoso que assaltava sob a égide do patriotismo, em lugar do "rei" que não cultivava suas aspirações nacionalistas.

6) Os Esforços Para Libertar Jesus (19: 1-11)

1 Nisso, pois, Pilatos tomou a Jesus, e mandou açoitá-lo. 2 E os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lhe sobre a cabeça, e lhe vestiram um manto de púrpura; 3 e, chegando-se a ele, diziam; Salve, rei dos judeus! e davam-lhe bofetadas. 4 Então, Pilatos saiu outra vez, e disse-lhes: Eis aqui vo-lo trago fora, para que saibais que não acho nele crime algum. 5 Saiu, pois, Jesus, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E disse-lhes Pilatos: Eis o homem! 6 Quando o viram os principais sacerdotes e os guardas, clamaram, dizendo: Crucifica-o! crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós, e crucificai-o; porque eu nenhum crime acho nele. 7 Responderam-lhe os judeus: Nós temos uma lei e segundo esta lei deve morrer, porque se fez Filho de Deus. 8 Ora, Pilatos, quando ouviu esta palavra, mais atemorizado ficou; 9 e, entrando outra vez no pretório, perguntou a Jesus: Donde és tu? Mas Jesus não lhe deu resposta. 10 Disse-lhe, então Pilatos: Não me respondes? Não sabes que tenho poder para te soltar, e poder para te crucificar? 11 Respondeu-lhe Jesus: Nenhum poder terias sobre mim, se de cima não te fora dado; por isso aquele que me entregou a ti, maior pecado tem.

Amarrado a seus bem-intencionados, mas ineficazes esforços de livramento através de subterfúgios, Pilatos procura agora pacificar a turbulenta multidão através de métodos cruéis. Primeiro, Jesus foi açoitado, prática que consistia em fustigar a vítima com um chicote de correias de couro, às quais se pregava peças de metal ou osso, para aumentar a tortura. Sofreu ele, ainda, a indignidade do escárneo de uma coroação, quando os **soldados** colocaram uma **coroa de espinhos** (grinalda de urzes brancas) **sobre** sua **cabeça, ... um manto de púrpura** no seu corpo, e, então, zombaram dele como **Rei dos judeus**, e lhe **davam bofetadas**. Em ocasiões normais, esta punição era ministrada pouco antes da crucificação, para apressar a morte (cf. Mar. 15:15-20 e referências paralelas) ou para obter uma confissão completa. Em a narrativa joanina, porém, o propósito era, antes, satisfazer a sede de sangue por parte da multidão.

Para isso, Pilatos **saiu outra** vez ao encontro dos judeus e voltou a reafirmar a inocência de Jesus. Junto com este anúncio, porém, fez Jesus desfilar de **coroa de espinhos** e com o **manto de púrpura** e lhes disse: **Eis o homem!** Talvez seja este o mais sublime exemplo de ironia de todo o Evangelho. Pilatos queria dizer: "Olhem reduzi vosso pretendente real a uma lamentável paródia

de reinado; isso vos basta para satisfazer vossas hostilidades?" O leitor, porém, percebe, nestas palavras, uma profunda realidade: "Vede o verdadeiro (Filho do) homem em sua hora de obediência perfeita; não é o bastante para se ver e ser salvo?"

Levados à fúria por este estratagema, **os principais sacerdotes** e **os guardas** clamaram por vingança, demonstrando, pela primeira vez, seu desejo maior: **Crucifica-o! crucifica-o!** Provocado à exasperação por estes clamores, Pilatos desafiou-os a utilizarem a lei com suas próprias mãos: **Tomai-o vós, e crucificai-o; porque eu nenhum crime acho nele.** Pela terceira vez Pilatos procurava livrar Jesus (18:38;19:4,6), mas os judeus se mostraram inflexíveis: **Nós temos uma lei** (contra a blasfêmia), e, **segundo esta lei, ele deve morrer** (Lev. 24:16), porque se fez Filho de Deus (cf. 5:18;10:33). Naquele momento, os judeus, mais do que Pilatos, prestaram, sem o saber, uma homenagem ao verdadeiro significado de Jesus, ao identificá-lo, mesmo na base do deboche, como o Filho de Deus (cf. 1:34,49;3:18,35;5:19-23;11:27).

Estas palavras de irônica confissão exerceu também um impacto sobre Pilatos, pois este entrou **outra vez no pretório** e, talvez dominado por um sentimento de medo inextinguível, retomou a discussão com Jesus (cf. 18:36b), perguntando de **onde** era. Entendendo que a pergunta já fora respondida por aqueles que "ouviram" sua voz (18:37), Jesus nada respondeu. Diante do menoscabo deste "silêncio imperial", que simplesmente afirmava uma autoridade que não carecia de prova terrena, Pilatos começou a ameaçar, recordando a Jesus seu **poder** para soltá-lo ou crucificá-lo.

Diante dessa ruidosa afirmação de autoridade, Jesus **respondeu** simplesmente que Pilatos podia mostrar suas funções de juiz somente porque o ofício lhe fora **dado** por Deus, para a manutenção da ordem pública (cf. Rom. 13:1). Embora Pilatos fosse responsável diante de um poder maior, **de cima**, por tudo o que fazia, o culpado pelo **maior pecado** diante de Deus não era ele, mas aquele que lhe entregara Jesus, pois tal pessoa agira numa deliberada traição, ao passo que Pilatos estava apenas tentando cumprir o seu dever. A pessoa indicada por esta passagem não é identificada. Embora se pudesse visar Satanás, a alusão deve se referir mais especificamente a Judas ou ao sumo sacerdote. Talvez o singular — **aquele** visasse encobrir alguém que contribuíra para a injustificada prisão de Jesus.

7) A Condenação de Jesus (19:12-16)

12 Daí em diante Pilatos procurava soltá-lo; mas os judeus clamaram: Se soltares a este, não és amigo de César; todo aquele que se faz rei é contra César. 13 Pilatos, pois, quando ouviu isto, trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Pavimento, em hebraico Gabatá. 14 Ora, era a preparação da páscoa, e cerca da hora sexta. E disse aos judeus: Eis o vosso rei. 15 Mas eles clamaram: Tira-o! Tira-o! crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César. 16 Então lho entregou para ser crucificado.

Depois que Jesus admitiu, no verso 11, que, longe de pretender sobrepujar o ofício do governador, através de uma revolta, exaltou-o como uma dádiva de Deus, Pilatos pretendia novamente **soltá-lo** quando foi trazido à realidade pelos **judeus** com a seguinte insinuação: **Se soltares a este, não és amigo de César; todo aquele que se faz rei é contra César.** Sem dúvida alguma, este foi o argumento mais convincente apresentado pelos judeus contra a soltura. "Amigo do Imperador" era um título cobiçado, que Pilatos sustentava ou aspirava; por isso não quis arriscar sua reputação de lealdade para com César, em não considerar as acusações contra Jesus. O fato de Pilatos ser, mais tarde, afastado do cargo, como conseqüência de um protesto local, ilustra o perigo potencial em

que era agora lançado pelos judeus (cf. Josefo, **Antiguidades**, 18:85-89).

Pela terceira e última vez, **Pilatos ... trouxe Jesus para fora**, e alguém — o grego não especifica quem — **sentou-se no tribunal**. Se foi Pilatos, estava se preparando para proferir uma sentença; se foi Jesus, tratava-se de um último gesto para aumentar a zombaria. Agora que se chegara ao clímax do julgamento, as circunstâncias históricas são detalhadas, como se os menores detalhes desse momento merecessem ser relembrados. O **lugar** era **chamado** de **Pavimento**, possivelmente por ter sido construído sobre pedras cuidadosamente assentadas. Como este tribunal se ligasse ao pretório, podia ficar ou na Torre de Antônio ou no palácio de Herodes (cf. o comentário sobre 18:28): os dois lugares tinham uma elevação em rocha, que podiam ser chamadas de **Gabatá** ("colina saliente") **em hebraico** (aramaico). A data era 14 de Nisã, o dia da **preparação da páscoa** (cf. Mar. 14:1,12,14). Aproximava-se a tarde (12 horas), **cerca da hora sexta** (cf. Mar. 15:25-33), quando os cordeiros pascais eram preparados para o sacrifício. Como o demonstra uma comparação entre os Sinópticos, toda esta informação caracteriza o Quarto Evangelho, sugerindo a utilização de uma fonte independente.

Num esforço final para que o assunto não se estendesse, Pilatos **disse aos judeus**, zombeteira e sarcasticamente: **Eis o vosso rei**; ou seja, "este pobre coitado é o único rei que permito que tenhais". Este gesto cruel e debochado teve o efeito de os judeus, sentindo-se ridicularizados, pedirem insistentemente por sua crucificação. Incapaz de conseguir a libertação de Jesus por meio da piedade, Pilatos apelou para o orgulho nacional: **Hei de crucificar o vosso rei?** Havia um desafio sutil: "Não estou interessado em satisfazer seus desejos e executá-lo como criminoso. Quereis mesmo sofrer, vendo-me humilhá-lo como vosso rei, pregando suas mais elevadas esperanças num lenho de vergonha?" Diante dessa terrível alternativa, os judeus foram obrigados a repudiar sua herança teocrática, para coagir Pilatos: **Não temos rei, senão César.** Ao perceber que estavam prontos para pagar qualquer preço para sacrificar a vítima, ele **entregou** Jesus **para ser crucificado.**

A narrativa não registra ter Pilatos condenado Jesus à morte, pois, em certo sentido, ele não fez um sumário de culpa, tendo apenas dado sua aquiescência ao veredicto judaico que se lhe oferecia. Na narrativa joanina, Pilatos é apresentado basicamente como um romano rude, subitamente lançado numa guerra judaica, da qual nada sabia e não aprovava. Com fina ironia, o evangelista sugere que havia mais percepção nos impulsos naturais e pagãos de Pilatos do que em todas as maquinações do sacerdócio judaico. Pilatos era pela absolvição, mas, ao ver que sua escolha era de todo inaceitável para a estrutura local de poder, ele resolveu tudo fazer para adiar o julgamento. Os inimigos de Jesus, porém, se mostraram implacáveis. E quando Pilatos capitulou diante de suas pressões, toda a força demoníaca em ação, na frenética multidão, acabou por se revelar ainda mais completamente. Seria difícil encontrar evidência mais terrível de depravação a que uma religião pode levar.

3. Jesus Cumpre Sua Paixão (19:17-42)

A seção anterior deixou claro o modo pelo qual Jesus foi julgado como Rei; esta narra o modo dele morrer como Rei. Em lugar de se procurar esconder a vergonha e o sofrimento terríveis de uma crucificação pública, há mesmo um empenho para dar aos detalhes mais obscenos uma nova dignidade, seja porque significasse uma homenagem inconsciente à realeza de Jesus ou porque representasse a plenitude da profecia bíblica ou ainda porque ilustrasse a perfeita obediência de Jesus perante a vontade de seu Pai. O fato de a

narrativa combinar um relato rigorosamente histórico com uma profunda reflexão teológica demonstra outra vez que o Evangelho não derivou sua fé de alguma especulação esotérica, mas de meditação orientada pelo Espírito e centrada no ministério de Jesus. O grande paradoxo desta passagem é que, embora fosse difícil ou mesmo impossível ver Deus agindo nesta catástrofe aparente, era possível ver sua glória revelada mais claramente aqui do que em qualquer outro lugar.

1) A Crucificação e a Inscrição (19:17-22)

17 Tomaram, pois, a Jesus; e ele, carregando a sua própria cruz, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama Gólgota, 18 onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio. 19 E Pilatos escreveu também um título, e o colocou sobre a cruz; e nele estava escrito: JESUS O NAZARENO, O REI DOS JUDEUS. 20 Muitos dos judeus, pois, leram este título; porque o lugar onde Jesus foi crucificado era próximo da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego. 21 Diziam então a Pilatos os principais sacerdotes dos judeus: Não escrevas: O rei dos judeus; mas que ele disse: Sou rei dos judeus. 22 Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi.

Como o propósito da crucificação era ridicularizar a vítima, era comum o condenado levar a parte transversal de **sua própria cruz**, através de uma rota conhecida, até **o lugar** da execução. Não se menciona aqui o constrangido papel desempenhado por Simão, o cireneu (Mar. 15:21 e referências paralelas), possivelmente para enfatizar sua obra salvífica sem qualquer colaboração humana. Como Isaque, no passado (Gên. 22:6), ele carregou os elementos para o seu próprio sacrifício.

O destino era um lugar próximo à cidade, isto é, fora de seu muro (cf. Heb. 13:12). Depois, somos informados de que ficava anexo a um jardim (v. 41 e 42). O nome para o lugar em **hebraico** era **Goigota**, que significa **caveira**. A forma latina dessa palavra, na Vulgata, é **Calvaria**, o que explica o fato de Golgota e Calvário serem usados indistintamente nos dias de hoje. Não se explica a razão desse nome. Uma conjectura possível é que, por servir como palco de execuções freqüentes, o epíteto se tornou próprio, uma vez que caveira simboliza morte. É incerta a sua exata localização, especialmente porque os cristãos não demonstraram qualquer interesse pelo problema até o quarto século. Atualmente, a Igreja do Santo Sepulcro e o Jardim do Calvário (de Gordon) disputam entre si, mas nenhum deles tem muitos elementos que autentiquem tal pretensão.

A crucificação visava não somente expor a vítima à ignomínia pública, mas também levar à morte por meio de uma vagarosa tortura física. Se os órgãos vitais não fossem atingidos, quando o corpo era cravado ou amarrado ao lenho, a morte sobreviria, inevitavelmente, vários dias depois, como decorrência da fome, da sede, da paralisia dos músculos e do colapso. O ritual era tão repulsivo que Roma o reservava apenas aos escravos e estrangeiros. Na Palestina, era usado geralmente para castigar ladrões e subversivos. Por isso, quando **crucificaram** Jesus **e com ele outros dois**, todas as aparências serviam para relembrar o poder de Roma. João não descreve os outros dois (cf. Luc. 23:39-43), preferindo concentrar sua atenção em **Jesus, no meio** dos dois.

Como já indicado no verso 15, Pilatos estava interessado em vingar-se do atrevimento dos judeus, que o coagiram a crucificar Jesus. Para coroar esta já dantesca cena, ele colocou um **título... sobre a cruz**, que dizia: **Jesus o Nazareno, o Rei dos Judeus**. E, para aumentar a vergonha ao insulto, Pilatos escreveu esta inscrição **em hebraico, latim e grego**, para que todo mundo pudesse conhecer o tipo de rei que os judeus tinham ultimamente conseguido. Todos os protestos dos **principais sacerdotes** não persuadiram Pilatos a mudar o que

havia **escrito**. Para o evangelista, a ironia disso tudo era que Pilatos inconscientemente proclamou a autoridade universal de Jesus, que governa o mundo a partir de uma cruz.

2) A Repartição das Vestimentas de Jesus (19:23,24)

23 Tendo, pois, os soldados crucificado a Jesus, tomaram as suas vestes, e fizeram dela quatro partes, para cada soldado uma parte. Tomaram também a túnica; ora, a túnica não tinha costura, sendo toda tecida de alto a baixo. 24 Pelo que disseram uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será (para que se cumprisse a escritura que diz: Repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha vestidura lançaram sortes). E, de fato, os soldados assim fizeram.

Numa crucificação, despia-se completamente a vítima, o que contribuía para aumentar a vergonha do acontecimento, uma vez que se tornava incapaz de controlar suas funções orgânicas, e para piorar sua tortura física como resultado de sua exposição aos elementos, ficar à mercê dos insetos. Seu vestuário era considerado propriedade dos carrascos, neste caso um pelotão de quatro soldados. Primeiramente, eles o dividiram em quatro partes, e cada um pegou uma, provavelmente o turbante, as sandálias, a capa e o cinto. Sobrou a **túnica**, ou roupa de baixo, que não podia ser dividida, por ser uma peça **sem costura, toda tecida de alto a baixo**. Decidiu-se não rasgá-la em quatro partes, mas sorteá-la, para que um do grupo a tivesse inteira.

De uma perspectiva cristã, este comportamento, um tanto insensível, foi visto como cumprimento da **Escritura** (Sal. 22:18). Este Salmo era uma das passagens centrais da Bíblia, para os primeiros cristãos, quando se empenharam em compreender a paixão de Jesus. Principiando pelo conhecido "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (cf. Mar. 15:34), o salmo descreve o lamento de uma pessoa ao enfrentar um perigo mortal. Exatamente como no verso citado, o salmista clamou: "um ajuntamento de malfeitores me cerca; traspassaram-me as mãos e os pés" (v. 16). Como o salmista ficasse tão magro que podia contar seus ossos, os seus vizinhos e parentes o contemplavam e zombavam de suas palavras (v. 17), chegando mesmo a dividir seus pertences pessoais entre si, antes de ele morrer (v. 18). Como isso aconteceu a Jesus, o sentimento de um claro desespero, por parte de um justo sofredor, diante de seus atormentadores, encontrou aqui sua expressão maior.

É interessante notar que, no salmo, os dois versos sobre a distribuição das vestes e do sorteio, no hebraico, estão em paralelismo e se referem a um só acontecimento, enquanto em João estes versos se referem a dois acontecimentos sucessivos, nos versos 23 e 24a. (cf. uma adaptação semelhante de Zacarias 9:9 em Mateus 21:5-7). Embora possa refletir uma compreensão inadequada da poesia semítica, este uso do Velho Testamento demonstra que o sentido original das Escrituras foi alterado, para se ajustar à realidade da história, em vez de os fatos da história terem sido modificados, para se ajustarem a alguma idéia anterior das Escrituras. Em outras palavras, o cumprimento era maior que a predição, e assim determinava seu uso.

3) A Mãe de Jesus e o Discípulo Amado (19:25-27)

25 Estavam em pé, junto à cruz de Jesus, sua mãe, e a irmã de sua mãe, e Maria, mulher de Clôpas, e Maria Madalena. 26 Ora, Jesus, vendo ali sua mãe, e ao lado dela o discípulo a quem ele amava, disse à sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho. 27 Então disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa.

Dos Evangelhos, João é o que mais importância dá às mulheres em relação à crucificação. Enquanto nos Sinópticos,

um grupo de mulheres é mencionado, ao fim da narrativa, como estando a observar "de longe" (Mar. 15:40,41 e referências paralelas), aqui elas são sempre referidas, desde o início, como estando **junto à cruz de Jesus**. Alguns problemas de pontuação dificultam determinar quantas foram arroladas. Possivelmente, foram enumeradas quatro, talvez para representar a contraparte fiel dos quatro soldados mencionados no verso 23: (1) **sua mãe**, conhecida, fora deste Evangelho como Maria; (2) a **irmã de sua mãe**, desconhecida, a menos que seja identificada com Salomé, a partir de Marcos 15:40 e Mateus 27:56 (o que tornaria os filhos de Zebedeu primos, em primeiro grau, de Jesus); (3) **Maria, mulher de Clôpas**, que pode ter sido a mãe de Tiago, o jovem, e de José, como em Marcos 15:40; e (4) **Maria Madalena**, referida aqui pela primeira vez, neste Evangelho, mas destinada a participar apenas deste apoteótico capítulo (20: 1-18).

Estas mulheres entraram na narrativa para prover o cenário em que Jesus viu **sua mãe, e ao lado dela o discípulo a quem amava**. Embora tivesse tomado, com a crucificação, sobre si o cuidado do mundo, Jesus não estava menos preocupado em cuidar de sua mãe. No mesmo espírito de preocupação que demonstrara para com a proteção de seus discípulos (17:11,12;18:8,9), ele não permitiu que sua agonia pessoal o desviasse das tarefas práticas de filho. Quanto à sua mãe (chamada aqui de **mulher**, como em 2:4), recomendou-a ao discípulo amado como seu **filho** (isto é, como alguém que participaria de sua vida); com referência **ao discípulo**, apresentou Maria, em seu novo papel, como sua **mãe**. **Desde aquela hora**, este discípulo ideal aceitou a responsabilidade sobre ele colocada, e **a recebeu em sua casa**, que devia ficar, por inferência, na região de Jerusalém. Em outra circunstância, Jesus prometera que seus seguidores receberiam "mães espirituais" (como em Marcos 3:33-35;10:30), e aqui este ensino foi literalmente cumprido. [42]

4) A Morte de Jesus (19:28-30)

28 Depois, sabendo Jesus que todas as coisas já estavam consumadas, para que se cumprisse a Escritura, disse: Tenho sede. 29 Estava ali um vaso cheio de vinagre. Puseram, pois,numa cana de hissopo uma esponja ensopada de vinagre, e lha chegaram à boca. 30 Então Jesus, depois de ter tomado o vinagre, disse: Está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.

Só depois de ter **consumado** toda a obra para que foi enviado e de enfrentar a realidade de que a morte se aproximava, Jesus pensou em si o bastante, para dizer: **Tenho sede**. Isto refletia toda a sua dor, numa das conseqüências mais dramáticas da crucificação. No entanto, esta confissão não significava fraqueza, mas visava cumprir **a Escritura** de Salmos 69:21, que vislumbra a situação do justo sofredor, que recebeu apenas vinagre para dessedentar sua sede. Não estranha que uma tijela cheia desse mesmo **vinagre** estivesse junto à cruz, porque esta era uma bebida popular entre os soldados. Desta porção, uma **esponja ensopada** lhe foi chegada à **boca**, numa tentativa de mitigar sua sede. Não se sabe se a esponja foi levada aos seus lábios sobre **hissopo** (**hussôpos**, no grego), uma pequena planta usada em relação à Páscoa (Êx. 12:22; cf. Heb. 9:19), ou sobre a espada (**hussôi**, no grego). Esta obviamente funcionaria melhor para tal fim; semelhante interpretação, porém, exige uma alteração conjectural da palavra grega encontrada em nossos melhores manuscritos. Em qualquer caso, como esta bebida não entorpecia (ver também Marcos 15:23 e Mateus 27:34), mas antes produzia um efeito refrescante, **Jesus** logo a tomou.

---

42 Alguns comentários encontram um elaborado simbolismo nos versos 25-27. Veja E. C. Hoskyns, **The Fourth Gospel**, F.N. Davey, ed. (2d rev. ed.; London: Faber and Faber, 1947), p. 530.

Isto posto, os lábios que até há pouco estavam tão ressecados de sede que clamavam em agonia, agora exultaram em triunfo: **Está consumado.** Esta exclamação (**tetelestai**, no grego) deve ter sido ouvida pelos presentes como uma demonstração de resignação, num reconhecimento de que sua luta chegara ao fim. O leitor crente, no entanto, não pode deixar de ouvir a afirmação de que a época da redenção chegara ao seu clímax, pelo que Jesus amara os seus "até o fim" (13:1). A partir de então todo homem podia esperar não com base numa frustrada sensação de incompletude, mas fundado na obra definitiva de Cristo.

Depois de controlar sua paixão desde o princípio, Jesus agora voluntariamente **entregou o espírito**, e morreu. Isto quer dizer simplesmente que fez retornar, a força que animava sua vida física, ao Deus criador, que a nutrira (cf. Mar. 15:37). Entendem alguns, porém, haver um sentido teológico mais profundo aí contido, isto é, que, por sua morte, o Espírito Santo estava sendo "dado" (**paredōken**, no grego) aos seus seguidores (cf. 7:39). Isto parece estar em oposição à doação explícita do Espírito Santo à Igreja, a ser descrita em 20:22.

5) O Testemunho do Sangue e da Água (19:31-37)

31 Ora, os judeus, como era a preparação, e para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, pois era grande aquele dia de sábado, rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados dali. 32 Foram então os soldados e, na verdade, quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele fora crucificado; 33 mas, vindo a Jesus, e vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas; 34 contudo, um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água. 35 E é quem viu isto que dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que diz a verdade, para que também vós creiais. 36 Porque isto aconteceu para que se cumprisse a Escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado. 37 Também há outra Escritura que diz: Olharão para aquele que traspassaram.

Dois problemas foram criados, para os judeus, por ocasião da crucificação de Jesus. Primeiro, ela ocorreu na sexta-feira, o **dia da Preparação** para o sábado, que começava ao pôr-do-sol. Depois, como era o dia 14 de Nisã (cf. v. 14), este **sábado** seria também **o grande dia** por coincidir com a abertura do grande festival pascoal de 15 de Nisã. Como Deuteronômio 21:22,23 prescrevera que um cadáver não permaneceria "no madeiro durante a noite, mas certamente" devia ser "enterrado no mesmo dia", urgia que esta determinação fosse observada em tão solene circunstância. Por isso, **os judeus rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas**, uma forma costumeira de abreviar a morte durante a longa provação da crucificação. É por demais irônico supor que infligir semelhante trauma a vítimas desesperadas "preparasse" alguém para uma melhor celebração desse dia, destinado a recordar a libertação de Israel da opressão egípcia (cf. o comentário sobre 18:28).

Quando assim procederam em relação **ao primeiro** e depois **ao outro que** com ele **fora crucificado, os soldados** descobriram que Jesus **já estava morto**, pelo que **não lhe quebraram as pernas.** Em lugar disso, **um dos soldados lhe furou o lado com uma lança**, para se assegurar de sua morte ou para participar de um último gesto de crueldade casual. A lança produziu uma efusão de **sangue e água** da cavidade abdominal, o que não deixava dúvida de que o corpo realmente morrera. Embora a fixação deste fato possa ter sido importante, na luta cristã contra os gnósticos, que afirmavam o contrário, o evangelho estava interessado em esclarecer o seu verdadeiro sentido, em duas outras direções.

Primeiramente, João destaca, com ênfase, que a efusão de sangue e água foi vista por aquele que testificara o seu significado, com base num testemunho que insistia ser **verdadeiro**, a fim de que os leitores que pudessem receber sua contribuição como uma parte de seu

Evangelho **também** cressem. Parece inequívoco que esta testemunha não era o autor final do Evangelho, uma vez que todas as referências a ele aqui são na terceira pessoa, o que significa que **ele** era uma fonte sobre a qual o livro foi elaborado (cf. o comentário sobre 21: 24,25). Pode-se identificar, conjecturalmente, esta testemunha com o discípulo amado, seja por ter sido mencionado precisamente como estando "ao lado dela" (v. 26), seja porque uma afirmação semelhante ao verso 35 é repetida em 21:24, onde o contexto une inapelavelmente os dois. O fato de o discípulo amado ser o único capaz de perceber o significado do sangue e da água destaca a ênfase sobre sua sensibilidade, notada em outros lugares no Evangelho (exemplos: 20:8; 21:7).

O conteúdo de seu testemunho não é registrado, porém. Por isso, somos levados a inferir seu ímpeto essencial, tanto da pressuposição de que o evangelista o aceitou de todo o coração como da enigmática passagem de I João 5:6-8. [43] Uma premissa básica deste Evangelho é que as realidades físicas podem se encarnar, tomando, então, um sentido verdadeiramente espiritual. Biologicamente, o corpo de Jesus pode ter jorrado **sangue** e um líquido claro semelhante à **água**. O Evangelho, no entanto, sempre dá a estes termos um rico significado espiritual, relacionando-os à vivificação e à sustentação da vida eterna (exemplos: 2:7-9;3:5;4:14;6:53-56;7:38,39;13:5-10). Desse modo, o **sangue** e a **água** reais que saíram do Cristo crucificado simbolizam que somente ele é a fonte dessas realidades que redimem e nutrem todo aquele que crê.

Em segundo lugar, o trabalho dos soldados recebeu também um significado pelo fato de que uma vez mais as Escrituras tinham-se cumprido. Por um lado, a decisão de não quebrar as pernas de Jesus significava que, nesse sentido, ele se assemelhava tanto ao justo sofredor como aos cordeiros pascais, dos quais se disse que **nenhum dos seus ossos será quebrado** (cf. Êx. 12:46; Núm. 9:12; Sal. 34:20). Por outro lado, o lanceamento significava que os inimigos de Jesus estavam na mesma posição que os jerosolimitanos do passado, que um dia olhariam para **aquele a quem traspassaram** (Zac. 12:10) e chorariam por seus líderes martirizados. O secular drama da rejeição chegara agora ao seu último ato.

6) O Sepultamento de Jesus (19:38-42)

38 Depois disto, José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, embora oculto, por medo dos judeus, rogou a Pilatos que lhe permitisse tirar o corpo de Jesus; e Pilatos lho permitiu. Então foi e o tirou. 39 E Nicodemos, aquele que anteriormente viera ter com Jesus de noite, foi também, levando cerca de cem libras duma mistura de mirra e aloés. 40 Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em panos de linho com as especiarias, como os judeus costumam fazer na preparação para a sepultura. 41 No lugar onde Jesus foi crucificado havia um jardim, e nesse jardim um sepulcro novo, em que ninguém ainda havia sido posto. 42 Ali, pois, por ser a véspera do sábado dos judeus, e por estar perto aquele sepulcro, puseram a Jesus.

Depois da morte de Jesus, um certo **José**, da cidade de **Arimatéia**, localizada nas colinas próximas a Jerusalém, solicitou a **Pilatos** que **lhe permitisse tirar o corpo de Jesus** da cruz, para ser sepultado. Muito provavelmente, José era um líder de alguma proeminência, uma vez que tinha acesso direto ao governador romano. Seu pedido obteve parecer favorável e seu colaborador, nessa empreitada, foi Nicodemos, **aquele que anteriormente viera ter com Jesus de noite** (3:1,2). Os Sinópticos nos contam que, a exemplo de Nicodemos, José era "um ilustre membro do sinédrio" (Mar. 15:43), que tentou evitar a condenação de Jesus (Luc. 23:51). João concorda com Mateus 27:57, segundo o qual José era

43 Sobre a interpretação de 19:34, 35 e I João 5:6-8, em conexão com a **Ceia do Senhor**, veja Oscar S. Brooks, "The Johannine eucharist", **Journal of Biblical Literature**, 82 (1963), p. 293-300.

um **discípulo de Jesus**, embora acrescente que o era ocultamente, **por medo dos judeus** (cf. 12:42,43). Não está claro se tal caracterização se aplica também a Nicodemos.

Ao que parece, os dois eram ricos, a julgar, especialmente, tendo-se em vista a contribuição que fizeram para o sepultamento de Jesus. José ofereceu um **sepulcro novo**, que tinha (Mat. 27:60) num **jardim** próximo ao **lugar da** crucificação. O fato de **ninguém** ter **ainda sido posto** na tumba nessa rocha, a tornou especialmente apropriada para ser usada por Jesus, uma vez que a lei judaica proibia o sepultamento, de criminosos executados, em túmulos familiares. Nicodemos, **foi também**, de sua parte **levando cerca de cem libras duma mistura de mirra e aloés**. O uso dessas caras especiarias em tão grande quantidade sugeria honras mortuárias próprias de um rei (cf. II Crôn. 16:14). A realeza de Jesus, vista através de sua paixão, foi reconhecida até na morte.

Os Sinópticos indicam que o corpo de Jesus foi envolvido numa mortalha de linho (Mar. 15:46 e referências paralelas), mas aqui se informa que os homens **o envolveram em panos de linho com as especiarias**, ou seja, eles o envolveram com ataduras e perfumaram as dobras para combater os odores da decomposição. Como se estava seguindo as práticas judaicas de sepultamento, o corpo foi deixado intato, não sendo nem cremado (costume romano) nem embalsamado (costume egípcio). Com a unção do corpo de Jesus terminada antes de o sábado começar, João não precisou lembrar que algumas mulheres foram ao túmulo, depois do sábado, na esperança de prestar este gesto final de devoção (Mar. 16:1 e referências paralelas).

III. Jesus Vive Para os Seus Discípulos (20:1-31)

Alcançando o nível mais profundo do paradoxo no Quarto Evangelho, a crucificação de Jesus é apresentada, num sentido histórico, como o ponto mais baixo da humilhação do Filho do Homem, por um lado, e, por outro, como o ponto mais alto de sua exaltação. De uma perspectiva humana, a cruz era uma indignidade absoluta; de uma perspectiva divina, porém, era o triunfo do amor obediente. Embora aos inimigos de Jesus isto fizesse parecer que ele morrera em ignomínia e vergonha, mostra-se ao leitor que, na realidade, ele morrera como rei.

Este brilhante esclarecimento, pelo evangelista, prepara-nos para compreender a ressurreição de Jesus não como um reverso de uma tragédia evidente, mas como a confirmação de uma vitória cabal (19:30). Não havia necessidade de se magnificar a glória sobrenatural do Senhor ressuscitado (como em Mat. 28:16-20), pois esta glória já se manifestara de modo definitivo na cruz. Em João 20, Jesus se move silenciosamente, quase reservadamente, por sua cidade. Para ser mais preciso, ele agora transcendera os limites do corpo físico e estava livre para ir e vir por entre portas fechadas (20:19), mas nem por isso passou a participar menos da existência terrena de seus discípulos. De qualquer modo, as aparições da ressurreição visavam demonstrar a verdadeira humanidade do divino Jesus, do modo como as cenas da crucificação haviam demonstrado a verdadeira divindade do humano Jesus (Veja Dodd, **Interpretation**, P, 439-442).

1. O Aparecimento a Maria Madalena (20:1-18)

A súbita proeminência de Maria Madalena, neste ponto, representa uma evolução surpreendente na narrativa joanina. Muito embora os Sinópticos a apresentem antes (Luc. 8:2,3), em João ela não é mencionada anteriormente, exceto numa lista de mulheres junto à cruz (19:25). Agora, no entanto, ela é destacada como primeira testemunha do túmulo vazio (20:1-10) e como a primeira pessoa a quem o Senhor ressurrecto

apareceu (20:11-18), em contraposição aos Sinópticos, onde ela dividiu estas experiências com várias outras mulheres (Mat. 28:1-10; Mar. 16:1-8; Luc. 24: 1-11; a referência em Mar. 16:9 é de uma adição posterior que não integrava originariamente este Evangelho).

Há várias razões por que é surpreendente encontrar Maria desempenhando este papel crucial no clímax do Quarto Evangelho. No mundo judaico do primeiro século, o testemunho de uma mulher jamais era digno de crédito, sendo considerado inferior ao de um homem (cf. Luc. 24:11). De qualquer modo, seriam necessários dois ou mais testemunhos para que se estabelecesse a autenticidade de tão incrível relato (cf. 5:31,32; Deut. 19:15; Mar. 14:55, 56). O fato de Maria ser da Galiléia, mais precisamente de Magdala, uma cidade tão notoriamente pecaminosa que os rabinos depois atribuíram sua queda à licenciosidade, não fez aumentar a credibilidade de seu testemunho em Jerusalém. Para agravar, possivelmente, a situação, havia ainda sua história de possessão por sete demônios (Luc. 8:2), uma enfermidade psicofísica de tal gravidade que, embora parecesse curada, sua saúde poderia ser questionada pelo emocionado relato de que vira um morto viver novamente.

Reunidas, estas considerações sugerem que as notícias mais espetaculares, na história espiritual da humanidade, foram confiadas primeiramente a alguém que, pelos padrões humanos, era quem menos gabarito tinha para proclamá-las. Um contraste implícito pode ser inferido, numa comparação com o capítulo anterior, onde o poder estabelecido do judaísmo e o de Roma desdenhosamente escarneceram de Jesus como "Filho de Deus" (19:7) e "Rei dos Judeus" (19:19). O que nem um sumo sacerdote nem um governador puderam entender, através de sofisticados estratagemas de jurisprudência, Deus permitiu a uma só mulher descobrir, numa circunstância em que até mesmo os discípulos se encontravam estáticos, diante da angústia e do desespero. A história de Maria Madalena acena para o fato de que as testemunhas mais humildes tornam-se porta-vozes de esperança, num mundo farto de decisões estúpidas, tomadas por seus renomados líderes.

1) A Descoberta da Tumba Vazia (20: 1-10)

1 No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu que a pedra fora removida do sepulcro. 2 Correu, pois, e foi ter com Simão Pedro, e o outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram. 3 Saíram então Pedro e o outro discípulo e foram ao sepulcro. 4 Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo correu mais ligeiro do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro; 5 e, abaixando-se, viu os panos de linho ali deixados, todavia, não entrou. 6 Chegou, pois, Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro e viu os panos de linho ali deixados, 7 e que o lenço, que estivera sobre a cabeça de Jesus, não estava com os panos, mas enrolado num lugar à parte. 8 Então entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu e creu. 9 Porque ainda não entendiam a Escritura, que era necessário que ele ressurgisse dentre os mortos. 10 Tornaram, pois, os discípulos para casa.

Segundo João, Jesus morreu numa sexta-feira à tarde, 14 de Nisã, pouco antes do início do sábado, chamado de "grande dia" (19:31), por coincidir com o começo do festival pascoal de 15 de Nisã. Para os seguidores de Jesus, porém, esta observância do sábado dificilmente se constituiu num dia de descanso ou alegria, pois seu corpo jazia na tumba. Tão logo tornou-se lícito viajar **no primeiro dia da semana**, uma das pessoas que tinham estado junto à cruz (19:25), **Maria Madalena, foi ao sepulcro de madrugada**, na manhã de domingo, quando estava ainda **escuro** (ou seja, durante a quarta hora da noite, 3h às 6h da madrugada). Dos Sinópticos podemos concluir que ela e outras mulhe-

res não deviam saber que seu corpo fora ungido (19:40), pelo que foram prestar suas últimas homenagens ao corpo morto (Mar. 16:1).

Imagine-se a consternação de Maria quando **viu que a pedra fora revolvida do sepulcro**. A pilhagem de sepulturas era algo bem comum na Palestina, onde as tumbas ficavam acima do chão. Diante disso, um crime devia ser esperado, uma vez que Jesus foi sepultado num túmulo emprestado, de um rico doador. Parece que Maria temeu que alguém (**eles**) — fossem vândalos desvairados ou os inimigos que arquitetaram sua morte — tivesse tirado seu corpo **do sepulcro**, levando-o para um lugar desconhecido. Imediatamente, ela procurou pelo líder dos discípulos, **Simão Pedro** e pelo **discípulo... a quem Jesus amava**, e lhes relatou esta derradeira torpeza, perpetrada contra seu Mestre assassinado. Não havia sequer um raio de esperança no relato de Maria. O fato de que a tumba estivesse vazia soava-lhe como a prova de uma tragédia final, e não de um triunfo derradeiro.

Diante desta inesperada evolução dos acontecimentos, nada restava aos discípulos senão ir ao túmulo para verem o fato com seus próprios olhos. Embora os dois corressem, **o outro discípulo** (o amado) ... **chegou primeiro ao sepulcro**, mas este, ao vislumbrar o que dentro havia, **não entrou. Pedro**, porém, que se detivera primeiro (seria por uma consciência de culpa, por sua tríplice negação?), permitiu que sua impetuosidade superasse a precaução demonstrada por seu companheiro diante do mistério final, e, então, **entrou no sepulcro. Lá ele viu os panos de linho** nos quais o corpo de Jesus tinha sido enrolado (19:40) e **o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus**. Estes panos não estavam em desalinho, como era de se esperar, se o corpo tivesse sido tocado; antes, a mortalha de linho jazia ali limpa, enquanto o pano da cabeça encontrava-se **num lugar à parte** (isto é, continuava enrolado em forma de turbante, como estivera sobre sua cabeça).

Esta descrição meticulosa do vestuário tumular era, obviamente, de grande significado, pois indicava que Jesus ressuscitara num "corpo espiritual" (I Cor. 15:44), que transcendia os limites da ordem natural, e, assim, superava todos os grilhões físicos. A singularidade desta ressurreição contrasta vividamente com a de Lázaro, que, ressuscitado fisicamente, tinha, ao sair da tumba, "ligados os pés e as mãos com faixas e o seu rosto envolto num lenço" (veja o comentário sobre 11:44). Aqui o conteúdo da tumba de Jesus oferecia a primeira indicação de que a Páscoa não era um retorno à finitude da existência terrena, mas uma ruptura em direção a uma transformação definitiva.

O discípulo amado, que parara antes diante do que vira no túmulo, agora **entrou também**. Assim que **viu** a cena, percebeu seu significado, e então **creu** no Cristo ressurrecto que os fatos mostravam. O evangelista acrescentou que sua percepção não se baseou no que viu e nem nas Escrituras. Posteriormente, a Igreja compreenderia **a Escritura, que era necessário que ele ressurgisse dentre os mortos** (I Cor. 15:4), embora este profundo apreço pelo Velho Testamento se fundasse na experiência de fé tornada realidade pelo próprio Cristo. Estamos, pois, diante de outra convicção joanina, de que é a atualidade histórica da revelação de Deus em Cristo que controla nossa compreensão das Escrituras, decorrendo, daí, que não é nossa compreensão anterior da Bíblia que determina o modo de vermos Deus agir neste mundo (cf. o comentário sobre 2:22; 5:39,46;12:16;19:24).

2) A Descoberta do Senhor Ressuscitado (20:11-18)

11 Maria, porém, estava em pé, diante do sepulcro, a chorar. Enquanto chorava, abaixou-se a olhar para dentro do sepulcro, 12 e viu dois anjos vestidos de branco sen-

tados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira, e outro aos pés. 13 E perguntaram-lhe eles: Mulher, por que choras? Respondeu-lhes: Por que tiraram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. 14 Ao dizer isso, voltou-se para trás, e viu a Jesus ali em pé, mas não sabia que era Jesus. 15 Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, julgando que fosse o jardineiro, respondeu-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. 16 Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, virando-se, disse-lhe em hebraico: Raboni! — que quer dizer, Mestre. 17 Disse-lhe Jesus: Deixa de me tocar, porque ainda não subi ao Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus. 18 E foi Maria Madalena anunciar aos discípulos: Vi ao Senhor! — e que ele lhe dissera estas coisas.

Depois que ouviram o desesperado relato de Maria Madalena sobre o túmulo vazio, Pedro e o discípulo amado se puseram a investigar, deixando-a para trás. Embora tivesse sido ela quem contasse aos dois a sua descoberta, parece que eles "tornaram... para casa" (v. 10) sem ter a oportunidade de compartilhar com ela o que tinham visto. Pressupondo Maria que a tumba vazia significava a prática de um gesto criminoso, nada mais natural para ela do que volver seus passos e montar guarda, **chorando, diante do sepulcro**. Ao contrário do discípulo amado, ela não aprendera a lição última da ceia: "Convém-vos que eu vá" (16:7).

Na primeira passagem pelo jardim, era "ainda escuro", e ela vira apenas que "a pedra fora removida" (v. 1). Agora, talvez porque clareasse, olhou **para dentro do sepulcro**. Lá, **viu dois anjos**, ou mensageiros divinos, trajados **de branco, sentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira** e **outro aos pés**. Quando lhe perguntaram pela razão de sua angústia, Maria repetiu a preocupação há pouco comunicada aos discípulos (v. 2), sem fazer, porém, qualquer esforço para identificar se o seu Senhor tinha saído por si mesmo ou se aqueles dois tinham removido seu corpo. Uma vez que os dois anjos estavam agora assentados onde o corpo de Jesus estivera, entendeu ela que podiam saber do seu paradeiro.

Como os anjos não respondessem, Maria **voltou-se para trás**, descobrindo que havia alguém **em pé** no jardim, atrás dela. Em meio ao lusco-fusco da madrugada, com seus olhos cheios de lágrimas e sua mente dominada pela aflição, ela não reconheceu quem era. Quando o estranho lhe perguntou: **Mulher, por que choras? A quem procuras?** ela pensou **que fosse o jardineiro**. Repentinamente lhe sobreveio uma nova explicação para o desaparecimento de Jesus. Talvez o vigia desaprovasse a presença de um cadáver de criminoso em seu jardim e, por isso, o levara para outro lugar. Assim, assaltada por estas duas perguntas, Maria deu expansão a seu desejo maior: **Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste,** e **eu o levarei**. Novamente, Maria não parou para identificar Jesus (**ele**) ou para ponderar como poderia sozinha levar seu corpo. Este é um dos casos mais notáveis de identificação falsa já relatados. Por procurar um corpo inerte, em vez de um Senhor vivo, Maria confundiu o Salvador com um servo!

Bastou uma palavra para corrigir a inacreditável confusão: **Maria!** Talvez Jesus tenha falado no mesmo tom quando expulsara dela os demônios e a chamara para um verdadeiro sentido de identidade (Luc. 8:2) ou quando contemplara da cruz a fiel dedicação dela (19:25). De qualquer modo, ouvia agora o Bom Pastor chamando sua ovelha pelo nome, como disse que faria (10:3). Num instante, ela se convenceu da ressurreição, não pelo olhar, mas pelo ouvir. Perplexa, um grito saiu dos seus lábios: **Raboni**, uma palavra hebraica para **mestre**. Como uma forma aumentativa de "Rabi", este termo era geralmente usado para Deus; por isso, deve ter sido uma confissão espontânea, equivalente à de Tomé, no verso 28.

Coerente com tal reconhecimento, Maria prostrou-se de medo diante dele e começou a segurá-lo, possivelmente

agarrando-se aos seus pés. Ao agir assim, ela cometeu o segundo grande erro. Primeiramente, ela confudira sua identidade, e agora falhava em não perceber sua divindade. Devido à sua fatigante preocupação em localizar o corpo de Jesus (v. 2,13,15), não compreendera que sua exaltação transcenderia todos os limites terrenos. **Jesus** corrigiu gentilmente este equívoco, propondo-lhe algo melhor para fazer: **Não** continues e me deter (**haptou**, no grego), **porque ainda não subi ao Pai** (isto é, afasta-te de mim como uma presença física limitada, para que possas receber-me em troca como uma presença espiritual universal); **mas vai aos meus irmãos** (isto é, não me agarre egoisticamente, mas compartilha a realidade de minha ressurreição com os outros). Até então os discípulos eram chamados de "servos" (13:16) e de "amigos" (15:15), mas agora eram chamados de irmãos, apesar do triste papel que desempenharam na semana anterior! Quando Jesus foi preso, seu encorajamento de nada valeu e eles se dispersaram. Agora que estava subindo (isto é, transcendendo o tempo e o espaço), poderiam ter um acesso igual e imediato ao seu poder.

Uma prova clara do papel singular a ser desempenhado por Jesus após a ressurreição é dada pela cuidadosa distinção feita, aqui, entre **meu Pai e vosso Pai... meu Deus e vosso Deus**. As duas afirmações são feitas de modo harmônico. Primeiro, o relacionamento direto de Jesus com o Pai era fundamentalmente diferente do seu relacionamento mediato com os discípulos. Podemos dizer que Deus era o Pai de Jesus de fato e Pai dos discípulos pela graça. Ao mesmo tempo, o fato de haver somente um Pai significava que os discípulos compartilhavam da vitória de Jesus. O mesmo Deus que levantou Jesus dentre os mortos e o habilitou para ascender os vivificaria e os levaria a morar nos páramos celestes. **Maria Madalena**, pois, tinha uma mensagem maravilhosa para anunciar **aos discípulos**. Ela não somente vira o Senhor, mas fora informada do significado da ressurreição, tanto para Jesus quanto para seus seguidores.

2. Os Aparecimentos aos Discípulos (20: (19-31)

Nas aparições aos seus discípulos, o Jesus ressuscitado começou a cumprir as promessas dos capítulos 13 a 17. Pelo menos cinco referências logo despontam.[44] (1) "Voltarei a vós" (14:18) = "chegou Jesus, pôs-se no meio" (20:19a); (2) "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou" (14:27) = "e disse-lhes: Paz seja convosco" (20:19b); (3) "mas eu vos tornarei a ver, e alegrar-se-á o vosso coração, e a vossa alegria ninguém vo-la tirará (16:22) = "Alegraram-se, pois, os discípulos ao verem o Senhor" (20:20b); (4) "Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo" (17:18) = "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio a vós" (20:21); (5) "Se eu não for, o Consolador (o Espírito Santo) não virá a vós; mas se eu for, vo-lo enviarei" (16:7) = "Soprou sobre eles, e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo" (20:22).

O propósito fundamental das aparições era estabelecer a identidade e continuidade do Jesus terreno com o Senhor ressuscitado, ao mesmo tempo que definia as enormes diferenças que sobrevieram aos discípulos na passagem do primeiro (Jesus terreno) para o segundo (Senhor ressurrecto). Basicamente, as aspirações pretendiam efetuar uma transição: do visto para o não visto, do temporal para o eterno, do limitado para o universal, do físico para o espiritual. Nessa situação fronteiriça, a Igreja, isto é, os crentes, também seriam transformados: de medrosos a serenos, de espectadores a testemunhas, de fracos a cheios do Espírito, de vacilante a intimoratos.

44 A. M. Hunter, **The Gospel According to John**, "The Cambridge Bible Commentary" (Cambridge: University Press, 1965) p. 187 e 188.

1) O Aparecimento ao Grupo (20:19-23)

19 Chegada, pois, a tarde, naquele dia, o primeiro da semana, e estando os discípulos reunidos com as portas cerradas, por medo dos judeus, chegou Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco. 20 Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Alegraram-se, pois, os discípulos ao verem o Senhor. 21 Disse-lhes, então, Jesus segunda vez: Paz seja convosco; assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós. 22 E, havendo dito isto, assoprou sobre eles, e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. 23 Àqueles a quem perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; e aqueles a quem os retiverdes, são-lhes retidos.

O Quarto Evangelho repete constantemente que um testemunho humano sobre o significado de Jesus é por fim validado pelo próprio Jesus (cf. 1:41, 42,45,46; 3:29,30; 4:39-42; 10:40-42). Neste momento, tanto Maria Madalena (20:18) como possivelmente, o discípulo amado (20:8) já tinham testemunhado da realidade da ressurreição; **os discípulos**, porém, continuaram trancados, atrás das portas, **por medo dos judeus**. Nem o relato de um túmulo vazio nem a confissão de uma aparição pessoal se mostra convincente, pois, aquele podia ser atribuído aos depredadores de sepulturas, e esta às alucinações. Não houve qualquer mudança decisiva até que Jesus mesmo se pusesse **no meio** deles, corroborando, assim, com uma informação subjetiva com experiência subjetiva.

Evidentemente, este encontro se assemelhava e se distinguia de seu último encontro, no cenáculo. Nos dois casos, ele outorgara **paz** (cf. 16:33), mas desta vez **mostrou-lhes as mãos e o lado**, como prova da vitória que torna a verdadeira paz uma possibilidade. Ele permanecia sendo **Jesus**, um homem com um nome histórico, mas era também **o Senhor**, uma figura divina, digna de culto. Embora a congregação pudesse **ver** Aquele cujas feridas continuavam visíveis, ele, no entanto, aparecia e desaparecia à vontade. Estes fenômenos sugerem que eles não encontraram nada mais nada menos do que aquele que fora o Jesus terreno, mas que eles estavam aprendendo a viver com ele como numa presença espiritual permanente.

Agora que não mais agia como o encarnado enviado ao mundo pelo **Pai**, ele os enviava, numa espécie de continuação viva de seu ministério terreno (cf. 17:18). Até então, os discípulos tinham sido concitados a amar uns aos outros como ele os amara (13:34;15:12); agora eram comissionados para serem enviados aos outros, como ele fora enviado a eles. Do mesmo modo como Jesus iniciou seu ministério pela recepção do Espírito Santo (1:32,33), ele agora **assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo**. No poder do Espírito, Jesus exercitara o ministério da misericórdia e do juízo (cf. 12:44-50); semelhantemente, os discípulos proclamavam sua palavra que joeira os homens para toda a eternidade: **Àqueles a quem perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, são-lhes retidos** (cf. Mat. 16:19;18:18).

Do mesmo modo como Deus soprou vida no pó, e assim criou o homem, aqui o Filho de Deus **assoprou** o **Espírito Santo** em seus discípulos, e assim criou uma nova humanidade. Num sentido, os versos 21 a 23 descrevem o equipamento da Igreja (isto é, a renovação do povo de Deus) e o fortalecimento do seu ministério. Tanto o escopo como a seqüência dos acontecimentos aqui resumidos são por demais significativos. Primeiro, Cristo legou conforto (**paz**), baseado em sua conquista sobre o mal. Antes, porém, que esta dádiva, vinda da mão cravejada, se diluísse numa alegria temporária, os confortados foram imediatamente comissionados a ministrar num mundo hostil. Não se lhes pediu que servissem pelo seu próprio poder, uma vez que foram consagrados e capacitados pelo Espírito Santo. Finalmente, apenas estes, cheios com a presença de Cristo, foram autorizados a decidir sobre questões fundamentais da vida, minis-

trando perdão e juízo. Estão aqui as visões centrais que determinam a compreensão joanina do que seja a Igreja.

Alguns suscitam um problema porque nesta passagem se diz que o Espírito Santo foi dado **na tarde do primeiro dia da semana** (isto é, menos de 24 horas depois da ressurreição), enquanto em Atos 2:4 o Espírito Santo parece ter sido outorgado no Pentecostes, cerca de 50 dias após a ressurreição. De fato, porém, o Espírito Santo tinha sido uma realidade no mundo desde o tempo da criação (Gên. 1:2), mas a partir de agora sua presença estaria inevitavelmente ligada ao ministério de Jesus. João descreve a primeira infusão do Espírito no grupo de discípulos, ao passo que Atos retrata sua vinda climática semanas depois na comunidade reunida e permeada pelo poder da oração (At. 1:14). Neste estágio inicial, em João, a presença do Espírito não era suficientemente forte para iniciar um ministério mundial; realmente, como a próxima seção indicará (20:24-29), os discípulos não se convenciam nem a si mesmos de que tinham visto o Senhor (v. 25)! Em Atos 2, entretanto, o que começara como um "sopro" suave se transformou num "som, como de um vento impetuoso", impelindo os discípulos a um testemunho público, sem qualquer medo. Uma comparação dos dois relatos sugere que todos os cristãos recebem o Espírito Santo (João 20:22). Mas nem todos cultivam este Espírito até receberem "eloqüência" para falar com ousadia (At. 2:4).

2) O Aparecimento a Tomé (20:24-29)

24 Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. 25 Diziam-lhe, pois os outros discípulos: Vimos o Senhor. Ele, porém, lhes respondeu: Se eu não vir o sinal dos cravos nas suas mãos, e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a mão no seu lado, de maneira nenhuma crerei. 26 Oito dias depois estavam os discípulos outra vez ali reunidos, e Tomé com eles. Chegou Jesus, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: Paz seja convosco. 27 Depois disse a Tomé: Chega aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não mais sejas incrédulo, mas crente. 28 Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu, e Deus meu! 29 Disse-lhe Jesus: Por que me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram.

O evangelho de João é singular, ao demonstrar um interesse especial por **Tomé, um dos doze, chamado Dídimo** (no grego, **Didymus**). Embora ele não seja destacado em nenhum outro lugar onde os apóstolos são citados (Mat. 10:3; Mar. 3:18; Luc. 6:15; At. 1:13), no Quarto Evangelho seu caráter é claramente delineado em três passagens (11:16;14:5;20:25). Tomé era tremendamente leal, mas um discípulo espiritualmente obtuso e de mente fechada, que exigia provas tangíveis acerca de verdades intangíveis. Seu papel como o primeiro empirista cristão se ilustra bem aqui: **Se eu não vir ... e não meter o dedo... de maneira nenhuma crerei.**

Já se disse que o problema de Tomé não era nem o ceticismo nem o absenteísmo: ele simplesmente **não estava com eles, quando veio Jesus**. Uma realidade fora revelada na vida coletiva dos discípulos, que eram incapazes de comunicar-lhe numa base individual. Todavia, note-se que sua incapacidade de aceitar o testemunho deles não o excluía de sua comunidade, pois no domingo seguinte (**oito dias depois** segue uma prática antiga de se contar os dois domingos seguidos) seus discípulos **estavam outra vez aii reunidos e Tomé com eles**. Uma vez mais, nesse ambiente de culto, embora **as portas** estivessem **cerradas, Jesus pôs-se no meio** deles e **disse-lhes: Paz seja convosco** (cf. v. 19).

Nessa ocasião, Jesus concentrou-se tão completamente em Tomé, que a aparição parecia uma visitação especial, feita exclusivamente em seu benfício. Foi como se o Cristo exaltado, depois de encerrado o processo de exaltação, tivesse voltado uma vez mais, para que nenhum deles se perdesse (cf. 17:12).

Durante o ínterim da semana, porém, Jesus não estivera totalmente ausente de seu meio. Obviamente, ele ouvira o que dissera Tomé, enunciado no verso 25, pois imediatamente se apresentou, para que ele pudesse servir-se das condições auto-impostas para ter fé. Tomé devia ter cuidado com o que dissesse, pois os muros entre os céus e a terra haviam sido desfeitos por Aquele que habita nos dois reinos!

O oferecimento de Jesus, no verso 27, está num dramático contraste com seu pedido no verso 17. Lá ele aconselhara à Maria Madalena que não o tocasse, enquanto aqui instrui Tomé a fazer exatamente o oposto. [45] No primeiro caso, uma seguidora precisava aprender que a realidade de Jesus não era bem física (isto é, sua vida terrena transcendera na ressurreição), enquanto, no último caso, outro discípulo necessitava aprender que a realidade de Jesus não era bem espiritual (isto é, o Senhor ressuscitado não era outro senão aquele que vivera entre eles). Na harmonia formada por estas duas passagens, o evangelho da ressurreição é protegido dos extremos do historicismo e do gnosticismo. A fé não se pode fundamentar exclusivamente sobre o tangível ou sobre o intangível. Ao contrário, ela surge no ponto onde a tensão entre os dois se desfaz e transcende (isto é, a fé percebe e engloba a verdadeira continuidade entre o tempo e a eternidade).

Esta perspectiva explica por que não somos informados se Tomé realmente tocou Jesus naquela ocasião. Confrontado com Aquele que era tangível o suficiente para deixar as marcas de sua paixão e intangível o bastante para aparecer e desaparecer quando quisesse, Tomé compreendeu que não estava tratando com um homem terreno, que fora seu **Senhor** e Mestre, e nem com um ser espiritual, que agora era seu **Deus**, mas, antes, com aquele que unira o temporal ao eterno, o humano ao divino, em sua própria pessoa. Ao confessar Jesus como **Senhor meu, e Deus meu!** Tomé fez o círculo da história evangélica alcançar o ponto onde começara (1:1), com uma diferença: agora até mesmo o mais empedernido cético podia compreender o que "no princípio" tinha sido um segredo cósmico.

A resposta de Jesus à confissão de Tomé serviu para esclarecer a natureza da fé e o propósito deste Evangelho. Como membro da geração apostólica original, Tomé **creu** porque vira Jesus. As aparições da ressurreição, porém, chegaram, necessariamente, ao fim quando o evangelho chegou àqueles que nunca tinham conhecido o Jesus encarnado. Os gentios convertidos não tinham condições de reconhecer o Senhor ressuscitado, mesmo que ele lhes aparecesse em forma física. Isto, porém, não os colocava em desvantagem, num confronto com os primeiros seguidores de Jesus. Ao contrário, **os que não viram e creram** eram tão **bem-aventurados** quanto Tomé que crera porque vira a Jesus. Ao mesmo tempo, não significa isso que as últimas gerações de crentes não tinham nada para "ver" e devessem aceitar o cristianismo como uma religião espiritual, sem qualquer ligação com a história. A diferença é que os cristãos de agora não viram no mesmo sentido que Tomé viu. O conteúdo do que lhes será permitido "ver" será agora esclarecido, quando o evangelista interpretar o sentido do seu Evangelho.

3) O Significado dos Sinais (20:30,31)

30 Jesus, na verdade, operou na presença de seus discípulos ainda muitos outros sinais que não estão escritos neste livro; 31 estes, porém, estão escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.

Este resumo pode ser lido como uma conclusão do "livro dos sinais" (capítulos

45 Thomas K. Hearn, Jr., "Reach Hither — Touch Me Not", **Review and Expositor**, 59 (1962), p. 200-204.

2 a 12), embora neste contexto funcione claramente como um clímax para todo o Evangelho. A referência aos **sinais** que foram registrados sugere que a aparição a Tomé, há pouco lembrada (v. 24-29), foi considerada nessa categoria (isto é, como um ponteiro visível, que indica para a realidade de Deus em Jesus, a fim de nutrir a fé). **Muitos outros sinais** que **Jesus operou... na presença de seus discípulos não** foram **escritos neste livro**, uma vez que a fé parece basear-se apenas na visão, por exemplo, das muitas histórias maravilhosas dos Evangelhos Apócrifos. De fato, apesar de aceitar que a fé possa ser compelida pelo domínio dos sentidos ou que seja corrompida pelo apelo aos sentidos, o Evangelista relacionou sinais suficientes para levar o leitor a "ver" Deus em ação na vida de Jesus, mas não em demasia, para que não se transformassem em fim em si mesmos, fazendo com que o leitor não veja, além deles, as realidades espirituais para as quais apontam.

Aqui temos a concepção mais profunda do Evangelista sobre sua própria tarefa. A época do Jesus terreno passara. Não mais podia ser "visto" por seus seguidores, em forma pré ou pós-ressurreição. Como poderia, então, a Igreja fincar as raízes de seu movimento em formação na história singular de seu Senhor? A resposta reside naquilo que foi escrito **neste livro**. Assim como as obras e as palavras de Jesus foram vistas como "sinais" (isto é, como preparação para a fé), **este livro** foi **escrito** para comunicar estas mesmas obras e palavras ao leitor de sua época, que se encontrava já numa enorme distância daquele passado, que não se repetiria mais, a fim de que, a exemplo dos primeiros discípulos, também pudesse crer.[46] O leitor que faz uso inspirado deste Evangelho é levado ao mesmo ponto de Tomé, que foi conduzido por uma aparição do Senhor ressuscitado — isto é, a ele é mostrado um **Jesus** terreno e se lhe pede que afirme ser este homem ao mesmo tempo **o Cristo, o Filho de Deus**. Quando, pela fé em Jesus como humano e divino, alguém entra no reino onde este mundo e o mundo por vir se encontram, então, **em seu nome** (isto é, na realidade do Deus-homem), este pode viver neste século e ao mesmo tempo ter também a **vida** eterna do século por vir.

Conclusão (21:1-25)

Há muitas razões por que compreender-se o capítulo 21 como um apêndice suplementar ao Evangelho de João, nos estágios finais de elaboração. (1) O clímax real do livro é alcançado em 20:30,31, tendo 21:1-25 o sentido de uma explicação posterior. (2) As muitas aparições da ressurreição, em João 20, não parecem pressupostas em João 21, o que sugere que os dois capítulos originariamente circularam de modo independente. (3) Várias figuras de linguagem e de estilo, no capítulo 21, indicam a possibilidade de um autor diferente do das seções bem semíticas dos capítulos 1 a 20. (4) As referências à autoria em 21:24,25 tornam plausível a suposição de que este capítulo foi acrescentado pelo editor final, que redigiu todo o Evangelho, enquanto os capítulos anteriores se baseiam, como ele mesmo o admite, nas fontes matrizes.

Do conteúdo podemos concluir que a adição do capítulo 21 ao esboço final deste Evangelho serviu a vários propósitos: (1) As aparições do Senhor ressuscitado na Judéia e na Galiléia, separadas nos Sinópticos, foram aproximadas. (2) A natureza do ministério da Igreja — especialmente os papéis de Pedro e do

46 A forma verbal grega aqui traduzida por "creiais" aparece, em manuscritos importantes, no aoristo ("possam vir a crer") e no presente ("possam continuar a crer"). A evidência fica assim dividida, já que é difícil determinar a leitura mais aceitável. Conquanto a escolha prejudique uma compreensão do propósito do Evangelho, urge que ela não modifique a compreensão de seu caráter, como demonstrado aqui (Veja Smith, **op. cit.**, p. 3 e 4).

discípulo amado — foi explicada. (3) Más interpretações acerca da demora da **Parousia** e as conseqüentes mortes dos líderes apostólicos foram corrigidas. (4) A autoridade do Evangelho e a legitimidade dos seus fundamentos foram reforçadas e defendidas. Em linhas gerais, João 21 visou satisfazer as questões e objeções que bem podem ter sido suscitados durante o período quando um rascunho primitivo (capítulos 1 a 20?) estava em uso na Igreja.

1. A Revelação de Jesus na Galiléia (21:1-23)

Em Mateus 28:16-20 (veja, porém, 28:9,10) e em Marcos 16:7 (cf. 14:28), as aparições do Jesus ressurrecto se limitam à Galiléia, enquanto, em Lucas 24:13-51 se restringem à Judéia. Ao descrever as aparições do Senhor ressuscitado somente em Jerusalém, João 20 concorda neste ponto, como sempre acontece, com o material de Lucas. João 21, entretanto, tem uma afinidade clara com a abordagem de Mateus e Marcos, por recordar uma aparição na Galiléia, junto ao Mar de Tiberíades, um local ao qual é dada pouca atenção em João. Pode ser que, à época em que este capítulo foi acrescentado, as narrativas sinópticas fossem conhecidas na igreja joanina, pelo que sentiu-se a necessidade de se ampliar o Quarto Evangelho, para incluir essas ênfases diferentes.

A vaga frase de transição ("depois disto") com que a seção começa, diferentemente de muitas referências cronológicas específicas, nos capítulos 18 a 20 (exemplos: 19:14,31;20:1,19,26), sugere uma distante relação com os acontecimentos anteriores. Soa estranho, por exemplo, que, mesmo depois de ter visto o Senhor ressuscitado duas vezes, como descrito em 20:19-29, a maioria ou a totalidade dos sete discípulos aí referidos (inclusive Tomé!) ainda encontrasse dificuldade para reconhecê-lo novamente (v. 4,7,12). Ademais, na passagem de cena, de Jerusalém para a Galiléia, não se informa que Pedro e o discípulo amado tivessem suas casas em Jerusalém (20:10; cf. 19:27), de onde, segundo Atos 1:4, não saíram até o Pentecostes. Nenhuma destas considerações, porém, coloca em cheque a confiabilidade da narrativa, embora deixe implícito que o material não foi integrado plenamente na estrutura do Quarto Evangelho.

1) Um Aparecimento Junto ao Mar de Tiberíades (21:1-14)

1 Depois disto manifestou-se Jesus outra vez aos discípulos, junto ao mar de Tiberíades; e manifestou-se deste modo: 2 Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu, e outros dois dos seus discípulos. 3 Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Responderam-lhe: Nós também vamos contigo. Saíram e entraram no barco; e naquela noite nada apanharam. 4 Mas, ao romper da manhã, Jesus se apresentou na praia; todavia os discípulos não sabiam que era ele. 5 Disse-lhes, pois, Jesus: Filhos, não tendes nada que comer? Responderam-lhe: Não. 6 Disse-lhes ele: Lançai a rede à direita do barco, e achareis. Lançaram-na, pois, e já não a podiam puxar por causa da grande quantidade de peixes. 7 Então aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor. Quando, pois, Simão Pedro ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a túnica, porque estava despido, e lançou-se ao mar; 8 mas os outros discípulos vieram no barquinho, puxando a rede com os peixes, porque não estavam distantes da terra senão cerca de duzentos côvados. 9 Ora, ao saltarem em terra, viram ali brasas, e um peixe posto em cima delas, e pão. 10 Disse-lhes Jesus: Trazei alguns dos peixes que agora apanhastes. 11 Entrou Simão Pedro no barco e puxou a rede para terra, cheia de cento e cinqüenta e três grandes peixes; e, apesar de serem tantos, não se rompeu a rede. 12 Disse-lhes Jesus: Vinde, comei. Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? sabendo que era o Senhor. 13 Chegou Jesus, tomou o pão e deu-lho, e semelhantemente o peixe. 14 Foi esta a terceira vez que Jesus se manifestou aos seus discípulos, depois de ter ressurgido dentre os mortos.

O Mar de Tiberíades só é assim claramente referido aqui, em João (cf. o

comentário sobre 6:1,23). O nome foi tomado de uma cidade, na costa sudoeste, construída por Herodes, em cerca de 25 A.D., em homenagem a Tibério César. O Quarto Evangelho é o único, em o Novo Testamento, a usar esta designação para o Mar da Galiléia ou Lago de Genezaré, nos Sinópticos. Nos dois relatos, **Simão Pedro** é a principal figura, numa história que se fundamenta sobre o fato de que ele e seus sócios tinham labutado a **noite** toda, sem nada apanhar. Em Lucas, apenas dois de "todos os que estavam com ele" são mencionados: "Tiago e João, filhos de Zebedeu" (5:9,10); aqui, estes dois são mencionados num grupo de sete que, além de **Simão Pedro** e **os filhos de Zebedeu**, inclui **Tomé... Natanael... e outros dois**, um dos quais é identificado como sendo o discípulo amado (v. 7).

Não está claro com que espírito este grupo de pescadores se constituiu. Hoskyns (p. 552) vê a cena como uma "apostasia completa", que faz cumprir 16:32, interpretando, assim, as palavras **Vou pescar** como desânimo e volta à antiga vocação. Todavia, Stracham (p. 335) rejeita tal sugestão, tomando a pescaria como um símbolo da missão dos apóstolos como "pescadores de homens" (cf. Luc. 5:10), na qual descobrem a contínua necessidade de Cristo (sem o qual **nada apanharam**) e de seu poder para encher suas redes com novos convertidos. A escolha entre estas interpretações será decidida, basicamente, pela relação deste capítulo com o anterior. Se 21:1-14 é um relato independente, de uma primeira aparição após a ressurreição, Hoskyns está certo. Se, no entanto, a comissão missionária de 20:21 e o dom do Espírito Santo em 20:22 estão claramente pressupostos, Strachan deve estar mais certo.

Na Palestina, a **noite** era considerada a melhor ocasião para a pesca, muito embora os esforços de pescadores hábeis se mostrassem infrutíferos, até que Jesus aparecesse. **Ao romper da manhã**, estava ele **na praia**, sem ser reconhecido pelos discípulos, apesar do fato de ter perguntado: **Filhos, não tendes nada que comer?** O fato de não o reconhecerem pode ser entendido espiritualmente como a ausência de fé na ressurreição, como pode também ser atribuído, naturalmente, ao lusco-fusco da hora e/ou à distância que estavam da praia. (Geralmente, na Palestina o amanhecer é bastante luzidio, embora uma neblina às vezes cubra grandes porções do Mar da Galiléia. Observe-se, no verso 8, que **não estavam distantes da terra senão cerca de duzentos côvados.**) Novamente a questão se volta para o sentido da transformação acontecida nos discípulos desde a crucificação, um fato que pode servir para determinar a relação deste capítulo com João 20.

As instruções de Jesus a estes desesperançados pescadores de homens (**Lançai a rede à direita do barco, e achareis**) deram resultado imediato: **já não... podiam puxar** a rede **por causa da grande quantidade de peixes**. Não se informa se o sucesso foi visto como miraculoso ou apenas como fruto da observação de Jesus de que os discípulos tinham dado as costas a um cardume de peixes perto da praia. A liberdade da história, com seus adornos dramáticos, ilumina o verdadeiro milagre, primeiramente percebido por **aquele discípulo a quem Jesus amava: É o Senhor!** Mal acabou de ouvir isso, **Simão Pedro cingiu-se com a túnica, porque estava despido**. Provavelmente, estivesse vestido apenas com um pano envolvido em torno da cintura para que mergulhasse, quando necessário, para soltar das rochas a rede que se deslocava para o fundo do lago. Pedro pegou logo uma roupa e nadou até a praia, enquanto os outros **vieram no barquinho, puxando a rede com os peixes**. Aqui, como em 20:5-8, o discípulo amado foi o primeiro a ver, mas Simão Pedro o primeiro a agir.

Ao se encontrarem com Jesus, notaram que ele preparara **ali brasas e havia**

um peixe posto em cima delas e pão. E então foram convidados a trazer **alguns dos peixes que** tinham acabado de apanhar. Outra vez na iniciativa, **Simão Pedro entrou no barco e puxou a rede para a terra, cheia de ... grandes peixes.** Neste ponto, a história parece fazer um uso cada vez maior de simbolismo — pelo menos de uma perspectiva exegética — no mister de ensinar três coisas sobre a pesca de homens.

Primeira, o número de peixes, **cento e cinqüenta e três grandes peixes,** representava uma pescaria completa. Alguns zoólogos gregos sustentavam que havia ali 153 espécies de peixes, pelo que esta pesca cumpria Ezequiel 47:10. Ademais, 153 era a soma dos primeiros 17 números (1 + 2 + 3 ... + 17), devendo ser representada por um triângulo de três lados iguais, com 17 unidades na base e em cada lado (veja-se Hoskyns, p. 553). Esta imagem ideal, portanto, simbolizava "a plenitude dos gentios" (Rom. 11:25) a serem salvos pela missão apostólica. Desde os primórdios de seus esforços evangelizadores, Cristo viu a "pesca" final, e prometeu que seria abundante.

Segunda, o fato de **serem tantos e a rede não se romper** pode sugerir que a unidade da Igreja, a exemplo de uma veste inconsútil (19:23), não seria rasgada pela inclusão dos gentios (cf. o comentário sobre 17:20,21). Dirigindo-se a um ambiente em que a Igreja se encontrava ameaçada pelo cisma (cf. João 10;17; I João 2:19), João 21 oferecia a segurança de que as redes poderiam comportar todas as espécies de homens, sem se romperem sob o peso de tanta variedade.

Terceira, o convite para que viessem e comessem pode ter sugerido aos discípulos que os esperados convertidos na missão mundial participariam de uma refeição preparada pelo próprio Jesus. Sem sua ajuda, os discípulos trabalharam em vão, mas com sua presença realizaram uma pesca perfeita. Aqui a analogia começa a ruir, como em 10: 11-18, pois os peixes se destinam a serem fritos, assim como as ovelhas a serem abatidas. Para Jesus, porém, os homens eram mais que ovelhas ou peixes. Pescar peixe é levá-los da vida para a morte, enquanto pescar homens é levá-los da morte para a vida (cf. Mar. 1:17).

A conclusão editorial, de que já era **esta a terceira vez que Jesus se manifestara aos discípulos, depois de ter ressurgido entre os mortos,** não devia integrar a parte original dos versos 1 a 13. Como já salientado em vários lugares, na realidade não há indicação, na própria história, de que esta fosse a **terceira** vez que se encontravam com o Senhor ressuscitado. De fato, este número específico só parcialmente relaciona 21:1-13 com 20:1-29, já que no capítulo anterior houve três e não duas aparições (a Maria Madalena, ao grupo e a Tomé), o que faz desta a quarta e não a terceira revelação. É possível que esta enumeração omita a aparição a Maria Madalena, já que ela não era um **dos discípulos** no sentido em que eles eram.

2) A Responsabilidade de Simão Pedro (21:15-19)

15 Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? Respondeu-lhe: Sim, Senhor; tu sabes que te amo. Disse-lhe ele: Apascenta os meus cordeirinhos. 16 Tornou a perguntar-lhe: Simão, filho de João, amas-me? Respondeu-lhe: Sim, Senhor; tu sabes que te amo. Disse-lhe: Pastoreia as minhas ovelhas. 17 Perguntou-lhe terceira vez: Simão, filho de João, amas-me? Entristeceu-se Pedro por lhe ter perguntado pela terceira vez: Amas-me? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas; tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas. 18 Em verdade, em verdade te digo que, quando era mais moço, te cingias a ti mesmo, e andavas por onde querias; mas, quando fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queres. 19 Ora, isto ele disse, significando com que morte havia Pedro de glorificar a Deus. E, havendo dito isto, ordenou-lhe: Segue-me.

A partir do simbolismo do peixe (v. 11-13), os discípulos compreenderam suas oportunidades e responsabilidades em relação aos de fora da Igreja. Agora, com o simbolismo da ovelha, um dos líderes dos discípulos percebia suas obrigações para com aqueles que pertenciam à comunidade cristã. João 20 tinha deixado incerta a posição de **Simão Pedro**, depois de sua tríplice negação, em 18: 15-18,25-27. Esta seção dá um relato de sua plena restituição ao serviço apostólico, por parte do próprio Jesus.

O uso de um tratamento formal (**Simão, filho de João**) indica a solenidade da ocasião. A tríplice repetição da pergunta **Amas-me**? (v. 15,16,17) corresponde à tríplice negação. De Pedro solicitou-se que reafirmasse sua lealdade a Jesus com a mesma ênfase com que o rejeitara. Diante da variação nos verbos gregos utilizados para **amar**, nas perguntas de Jesus e nas respostas de Pedro, há a grande possibilidade de que, nos versos 15 e 16, Jesus estava pedindo uma devoção espiritual (**agapaō**) maior do que a que Pedro pensava dar (**phileō**); por isso, Pedro **entristeceu-se**, no verso 17, quando Jesus perguntou se ele o amava mesmo num nível humano (**phileō**). No Quarto Evangelho, porém, estes dois verbos gregos empregados para **amar** às vezes parecem sinônimos; por isso, a questão básica não é a espécie de amor envolvido, mas a disposição de Pedro em traduzir sua amizade pessoal por Jesus num ministério de preocupação com o rebanho. É possível que Pedro tivesse ficado triste, quando Jesus lhe disse **pela terceira vez**: **Amas-me**? porque isto lhe fez recordar seu terceiro e derradeiro fracasso, quando da prova cujo sinal fora o canto do galo (18:27).

O contexto não dá a mínima base para a comparação, pretendida pela referência, de Pedro amar a Jesus **mais do que estes**. Já que Pedro retornara a sua primitiva vocação de pescar (v. 3), Jesus deve ter-lhe perguntado se o amava mais do que os botes e redes aportados na praia. Pode ser também que, como conversassem próximo à fogueira, Jesus estivesse indagando de Simão se ele poderia cuidar deles mais que os outros discípulos ali reunidos, como havia prometido no cenáculo (13:37; cf. Mar. 14:29). Um pouco mais genericamente, Jesus pode ter desafiado Pedro a decidir se o amava mais do que afirmara em todas as velhas promessas que fizera e quebrara, que agora eram apenas amargas memórias.

Seja qual for o sentido da referência, Pedro resolveu não deixar qualquer rivalidade para seu amor por Jesus. Ele não somente estava pronto para confessar com seus lábios uma lealdade completa, coisa relativamente fácil de ser feita, como estava certo de que seu Senhor, que conhecia **todas as coisas**, sabia que o amava. Por fim Pedro compreendeu que o centro de um compromisso com Cristo não residia naquilo que dissera ser verdadeiro, que acabara se provando falso (exemplo: 13:37), mas naquilo que Jesus sabia ser verdadeiro no âmago do ser de Pedro (cf. 2:25;10:27).

É interessante que, a cada vez que Pedro confessava seu amor, Jesus dirigia esta confissão para um pedido para que apascentasse e pastoreasse o rebanho de Deus (cf. 10:1-5). Apesar de desastrada performance de Pedro durante a paixão, ele não só fora perdoado, como restituído ao serviço. Às vezes achamos que um erro patente no cumprimento do dever desqualifica para sempre um ministro para o serviço, mesmo que seu pecado tenha sido perdoado por Deus. Jesus, entretanto, confiou seus poucos **cordeiros** àquele que violara tão completamente seu mais sagrado juramento, havia tão poucos dias. E este não só se tornou um discípulo por meio de um gesto de graça misericordiosa, como também ministrou aos outros discípulos, graças à disposição de Cristo em confiar nestes que, a despeito de o amarem, tinha falhado diante dele de modo tão trágico.

A reintegração de Pedro, porém, não o eximiu do sofrimento que procurara

evitar, ao negar Jesus. Quando fosse **velho**, ele viveria a experiência de não ter mais a liberdade do seu tempo de **jovem**, quando podia vestir-se e ir para onde quisesse. Ao contrário, estenderia suas **mãos** em preparação para ser crucificado, e **outro** o cingiria e o levaria para o lugar da execução, para onde não queria ir. Pedro porém, não precisava se preocupar com este futuro destino, mesmo desolador; antes, sua tarefa para agora era seguir Jesus até o fim, mesmo se este fim significasse morte (cf. o comentário de 1:43). Como o contexto salienta, esta obediência não era um assunto particular, ou momentâneo, mas envolvia o cuidado constante do rebanho.

O evangelista inseriu um comentário, entre parêntesis, para explicar que a referência à crucificação de Pedro, velho e desamparado, foi feita para demonstrar **com que morte havia Pedro de glorificar a Deus**. Provavelmente isto signifique que a profecia de martírio fora cumprida e era conhecida do editor deste capítulo final. Se tal ocorreu, a primeira data para o Quarto Evangelho deve ser colocada após a execução de Pedro. Não há qualquer certeza nesta questão, embora seja provável que Pedro tenha perecido na perseguição comandada por Nero, por volta do ano 64. [47]

3. A Morte do Discípulo Amado (21: 20-23)

20 E Pedro, virando-se, viu que os seguia aquele discípulo a quem Jesus amava, o mesmo que na ceia se recostara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor, quem é o que te trai? 21 Ora, vendo Pedro a este, perguntou a Jesus: Senhor, e deste que será? 22 Respondeu-lhe Jesus: Se eu quiser que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso? Segue-me tu. 23 Divulgou-se, pois, entre os irmãos este dito que aquele discípulo não havia de morrer. Jesus, porém, não disse que não morreria, mas: Se eu quiser que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso?

Tão logo recebeu o convite para seguir a Jesus, mesmo sob o peso do martírio, Pedro procurou desviar a conversa para uma discussão em torno do destino do **discípulo a quem Jesus amava**, discípulo este já caracterizado em 13:23-25. Como sugere desta descrição, o papel fundamental do discípulo amado era servir como um elo básico entre a igreja primitiva e o Jesus histórico. Embora Pedro fosse também uma testemunha da vida terrena de Jesus, ele não poderia levar a efeito a sua função tão bem como o discípulo amado, porque lhe faltava o discernimento do significado mais profundo dos eventos históricos (ex.: 20: 6-8;21:7). Enquanto Pedro proporcionaria, basicamente, uma liderança corajosa, o discípulo amado proveria uma orientação teológica. Desse modo, os dois papéis eram necessários, se a Igreja desejasse cumprir efetivamente suas responsabilidades.

Quando Pedro viu o discípulo amado, **perguntou a Jesus: Senhor, e deste que será?** Não se esclarece se a pergunta foi motivada por alguma insatisfação com seu próprio papel (que envolvia, por exemplo, o martírio) ou por alguma reserva em relação ao papel do discípulo amado (que não o previa). Pode-se, forçando, ver, nesta pergunta, as tensões existentes na Igreja entre os defensores do Evangelho de Marcos, que tinham Pedro como fonte autorizada, e os defensores do Evangelho de João, que tinham o discípulo amado como sua fonte autorizada, mas tal possibilidade é por demais mirabolante. Independentemente das razões da indagação de Pedro, Jesus não estava interessado em criar uma questão falsa: **Se eu quiser que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso. Segue-me tu.** Como a meta de cada discípulo é viver conforme a vontade de Jesus para sua vida, ele está isento da responsabilidade de planejar seu próprio destino e os dos outros. Desde o início ao fim da peregrinação cristã, é bastante seguir Jesus. Fora esta

47 Para um estudo meticuloso do martírio de Pedro, veja Oscar Cullmann, **Pedro: Discípulo-Apóstolo-Mártir** (São Paulo, ASTE, 1967), p.

a primeira palavra de discipulação ouvida por Pedro (ex.: Mar. 1:17) e agora a ouvia pela última vez. O evangelista estava consciente de que **este dito** se divulgara **entre os irmãos**, sendo interpretado como uma promessa de que **o discípulo** amado **não morreria**. Interessado em corrigir este equívoco generalizado, o autor explica que **Jesus não disse que não morreria**; era apenas uma frase usada hipoteticamente, para enfatizar o que disse a Pedro: **Se eu quiser que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso**? Desta passagem pode-se inferir que o discípulo amado, a exemplo de Pedro, já estava morto e que o editor final sentiu a necessidade de explicar sua morte para aqueles que erroneamente supuseram que ele sobreviveria até à **Parousia**. Pode ser que alguns deles fossem levados por este Evangelho a continuar achando que o mundo acabaria antes que a geração apostólica original morresse.

II. Conclusão do Evangelho (21:24,25)

Já observamos que 20:30-31 serve como uma admirável conclusão ao "livro dos sinais", bem como a todo o Evangelho, permitindo que 21:24,25 seja entendido como um comentário final exclusivo do capítulo 21. O escopo destes versículos é muito amplo, sugerindo que foram concebidos para oferecer uma conclusão alternativa a todo o livro.

Parece que duas objeções foram levantadas contra o Evangelho, com força suficiente para justificar uma resposta. Em primeiro lugar, por razões não esclarecidas, os detratores estavam colocando em dúvida a credibilidade da fonte-testemunha sobre que fora escrito. Pode-se conjecturar que o problema se agravou quando outros Evangelhos começaram a circular, com seus defensores pretendendo superioridade, por se basearem no testemunho de apóstolos originais, como Pedro (veja o comentário sobre 21:21). Ao contrário, o discípulo amado não fora mencionado como um dos doze e só aparece na história evangélica em 13:23.

Em segundo lugar, parece que alguns acusavam o Quarto Evangelho de omitir "muitas outras coisas que Jesus fez", tornando-se, assim, incompleto, devido à sua seletividade. O motivo para este protesto pode ter sido oferecido por uma comparação com os Sinópticos que começavam a circular, os quais incluíam muitos assuntos sobre os quais o Evangelho silenciava. A notável semelhança dos outros três Evangelhos pode ter estimulado a necessidade de uma explicação das diferenças nos quatro.

1. A Autenticidade do Evangelho (21:24)

24 Este é o discípulo que dá testemunho destas coisas e as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.

Embora não haja qualquer identificação, neste versículo, a alusão **este é o discípulo** visa, sem dúvida alguma, o discípulo amado dos versos 20 a 23. Apesar de, possivelmente, estar morto, ele continuava dando **testemunho** através das páginas deste Evangelho (cf. o comentário sobre 1:15. A amplitude deste testemunho, indicado pela vaga expressão **estas coisas**, incluía claramente muito mais que o incidente relatado nos versos 20 a 23 ou até mesmo todo o capítulo 21. Provavelmente, a referência era à fonte escrita utilizada, pelo editor final, como base para o Quarto Evangelho, do mesmo modo como a pregação de Pedro, preservada por Marcos, pode ter sido o núcleo do segundo Evangelho.

Conquanto o discípulo amado escrevesse **estas coisas** para perpetuar suas memórias para as futuras gerações, não fora ele mesmo o editor final deste Evangelho em sua forma final. Isto fica demonstrado pela forma como o editor e sua Igreja avaliaram sua contribuição e afirmaram: **sabemos que o seu testemunho é verdadeiro** (cf. 19:35). O Evangelho era mais que um repositório de informação histórica. Seu ímpeto inicial

era registrar o testemunho de um participante original da vida de Jesus, testemunho este confirmado posteriormente e enriquecido na vida de uma comunidade de fé. (Sobre este **nós** apostólico, cf. 1:14 e ver Hoskyns, p. 86-95.)

2. A Seletividade do Evangelho (21:25)

25 E ainda muitas outras coisas há que Jesus fez; as quais, se fossem escritas uma por uma, creio que nem ainda no mundo inteiro caberiam os livros que se escrevessem.

Depois de se referir ao "ele" de um testemunho ocular e ao "nós" da confirmação comunitária, o autor, do versículo final do Evangelho, se refere diretamente a si mesmo como "eu". (Sobre estas referências a "ele", "nós" e "eu", veja o problema da autoria conforme discutido na Introdução.) Sem fazer rodeios, ele admitiu haver **muitas outras coisas** feitas por **Jesus** e não narradas em seu Evangelho. Como o terceiro evangelista, tinha ele acompanhado de perto os muitos esforços de compilação feitos das narrativas da vida de Jesus (Luc. 1:1-4). Todavia, ele não se desculpou pelo fato de o seu relato ser tão seletivo. Se as coisas que Jesus fez **fossem escritas uma por uma**, estejamos certos de **que nem ainda no mundo inteiro caberiam os livros que se escrevessem.** Com este pensamento final, o autor relaciona a conclusão, no capítulo 21, com a do capítulo 20. Em 21:25, ele dá uma razão literária para sua seletividade: tão vasto era seu material que, se procedesse de outro modo, o livro jamais acabaria! A primeira conclusão, em 20:30,31, oferecera uma razão teológica para a mesma decisão: a fé precisa somente de um número limitado de sinais para se encaminhar em direção à verdadeira crença. Nenhum Evangelho podia deixar a impressão de que de suas páginas (isto é, pela leitura) poderia alguém ser salvo. Por fim, chegara o tempo de concluir um Evangelho sobre Jesus Cristo, para que o leitor pudesse ultrapassar as palavras escritas e descobrir para si a Palavra viva. E isto se aplica àqueles que, no decorrer dos séculos, alcançam este ponto a partir do Evangelho de João.

Emanuence Digital
e
Mazinho Rodrigues